REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

SUMÁRIO DO NÚMERO DE OUTUBRO DE 1940

ARTIGOS

A GEOGRAFIA E SUA INFLUÊNCIA SÔBRE O URBANISMO,
pelo eng. JERÔNIMO CAVALCANTI, da Prefeitura do Distrito Federal 521
A PATAGÔNIA VISTA POR UM BRASILEIRO,
pelo prof. SÍLVIO FRÓIS ABREU, Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia .. 542
GEOGRAFIA DOS TRANSPORTES NO BRASIL,
pelo eng. MOACIR M. F. SILVA, Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia .. 560

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

JOSE' MARIA MOREIRA GUIMARÃES 588
CHARLES FREDERIC HARTT 593

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

ETNOGRAFIA,
pelo General CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON 594

COMENTÁRIOS

IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA,
pela Secretaria Geral do C. N. G. 622
O CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA NA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS CENTENÁRIOS DE PORTUGAL,
pela Secção de Estudos do S. G. E. F. 639
VIII CONGRESSO CIENTÍFICO AMERICANO,
pelo prof. DELGADO DE CARVALHO 644

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

BURROS DE CARGA 647
FLORESTA DA ENCOSTA ORIENTAL 649

NOTICIÁRIO

EMBAIXADOR MACEDO SOARES — Presidente Honorário da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro 651
MAPAS MUNICIPAIS — O que fez o Estado de Minas Gerais 651
LIMITES BRASIL-ARGENTINA 657
PARECER DO PROF. RAJA GABAGLIA SÔBRE A GRAFIA DOS NOMES GEOGRÁFICOS ESTRANGEIROS 659
VISITAS AO C. N. G. 661

ATIVIDADES GEOGRÁFICAS

RESENHA DO ANO DE 1940 663

RELATÓRIOS, RESOLUÇÕES E LEIS

RESOLUÇÕES DO DIRETÓRIO CENTRAL DO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA,
da de n.º 1 a de n.º 19 675

BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES SÔBRE GEOGRAFIA EDITADAS NO BRASIL NOS ANOS DE 1939/40 (cont.) 689
PUBLICAÇÕES DE INTERÊSSE GEOGRÁFICO EDITADAS NO BRASIL NOS ANOS DE 1939/40 (cont.) 692

INDICADOR DO ANO II - 1940 - DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Índice analítico 713
" *alfabético* 716
" *de autores* 718
" *de assuntos* 720

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano II | OUTUBRO, 1940 | N.º 4

A GEOGRAFIA E SUA INFLUÊNCIA SÔBRE O URBANISMO

Jeronymo Cavalcanti.
Eng. da Prefeitura do Distrito Federal

GEOGRAFIA URBANA

Em qualquer ponto da terra onde quer que surja um arraial, uma vila, uma cidade, aí existe o fator geográfico. Um clima benfazejo, uma fonte mineral, uma pepita aluvial, uma posição estratégica são bases geográficas sôbre as quais se levantam as cidades climática, hidro-termal, industrial e militar. Por isso, a existência de Campos de Jordão (figs. 1 e 2), São Lourenço (figs. 3 e 4), Itapecerica (figs. 5 e 6) e Itaquí (figs. 7 e 8). As cidades formam-se pelo uso das vantagens físicas da região, por sua juxtaposição aos interêsses do homem. O fato é, nitidamente, uma obra da geografia humana. Daí sua influência sôbre o Urbanismo. Daí tôda a técnica do traçado urbano, quer seja um plano de remodelação, quer seja um plano de extensão ou projeto de uma cidade nova, ter que se inspirar, inicialmente, nas condições topográficas, meteorológicas, no mais inteligente aproveitamento da hidrografia e da altimetria, nas razões enfim da antropogeografia. Dessa adaptação, quando exata, resulta a posição racional da residência, da fábrica, da escola, da igreja, da rua, da praça; surge a geometria da teia urbana; aparece a cidade. Mas o grupo social não pode subsistir sem que dentro de si, atuem eficientes, lógicas, harmônicas, as afinidades coletivas. Por isso vai encontrar os motivos de sua própria existência nos antecedentes históricos, nos sedimentos antropogeográficos. O urbanista tem assim de colhêr os informes precisos nos períodos primitivos afim de que, sôbre as razões do passado, possa traçar a cidade do futuro, sem abandonar o presente.

Fatores antropogeográficos na gênese do Rio Quem quer que estude uma rua estreita, uma praça fronteira a uma praia, uma área mesmo isolada, vai invariavelmente chegar à conclusão de que sua gênese obedeceu às condições impostas pelo meio.

No Rio, temos o exemplo :

Por que as ruas estreitas do tempo colonial senão devido, em parte, à necessidade do menor coeficiente horário de insolação da via pública afim de garantir um maior prisma de sombra (fig. 9), uma vez que, para o europeu, homem recenvindo da zona temperada, era-lhe uma ameaça, a inclemência ardente do sol dos trópicos?! Por que a Praça 15 de Novembro, marginal à Guanabara, foi a primeira área nobre da cidade, com seu Palácio Imperial e sua Catedral Metropolitana, senão devido à sua posição geo-urbana de ponto de desembarque, largo, espaçoso e adequado?! Por que a área isolada do Morro do Castelo foi o primeiro núcleo do agrupamento alienígena, senão devido à condição estratégica que lhe oferecia a conformação topográfica, para maior defesa do invasor contra o nativo ?! Quem investiga e analisa a disposição dessas ruas, dessa praça, daquele núcleo, todos subordinados a imperativos locais, não pode negar o fato de que o Urbanismo, mesmo em seu aspecto rudimentar e inconciente, tal como se apresentava nesse período, já era um fato autêntico de geografia humana. Por isto a orientação heliotérmica, a posição portuária e o relêvo altimétrico, alí existentes, determinaram, respectivamente, a secção transversal das ruas, o tipo de sala de recepção da praça e a localização residencial no Morro.

A posição geográfica e a repercussão sôbre o Urbanismo

O reflexo dessas circunstâncias sôbre o agrupamento dos primeiros colonizadores indica, de modo claro e preciso, que quem faz Urbanismo, isto é, projeta e traça cidades, tem de procurar a condição racional do plano nos fatores de ordem geográfica.

O Urbanismo é uma ciência, cuja prática tem assim que se subordinar ao conceito da antropogeografia. Aliás, isto não é uma novidade. Kohl, no meado do século passado, em sua *"Die geographische Lage der Haupstädt Europas"*, já ensaiara fazê-lo, ao estudar as leis a que estava submetida a morada humana, se bem que o Urbanismo, como ciência, naquela época fôsse apenas intuitivo. Se quisermos justificar a afirmativa fora mesmo dêste documento, podemos ainda argumentar com a própria história da formação dos núcleos urbanos. Vejamos ! Em tôrno na obsidiana, pedra vulcânica de grande valor comercial, sabemos, ergueu-se Filacopi, a primeira cidade industrial da História Urbana. Procurando assegurar a comercialização dos filões argentíferos de Láurium, Temístocles criou a base naval do Pireu. Surgiu a grande cidade portuária da Grécia. Foi a disposição dos arrecifes de grés e dos baixios coralinos de Olinda, que fizeram a capital pernambucana. Apareceu assim Recife, o grande pôrto do nordeste, uma das mais importantes e progressistas cidades brasileiras (fig. I). A Geografia Humana poderá tirar de tais gêneses leis preciosas e destas leis apropriar-se o Urbanismo para orientar e dirigir o traçado das cidades. Nada mais lógico.

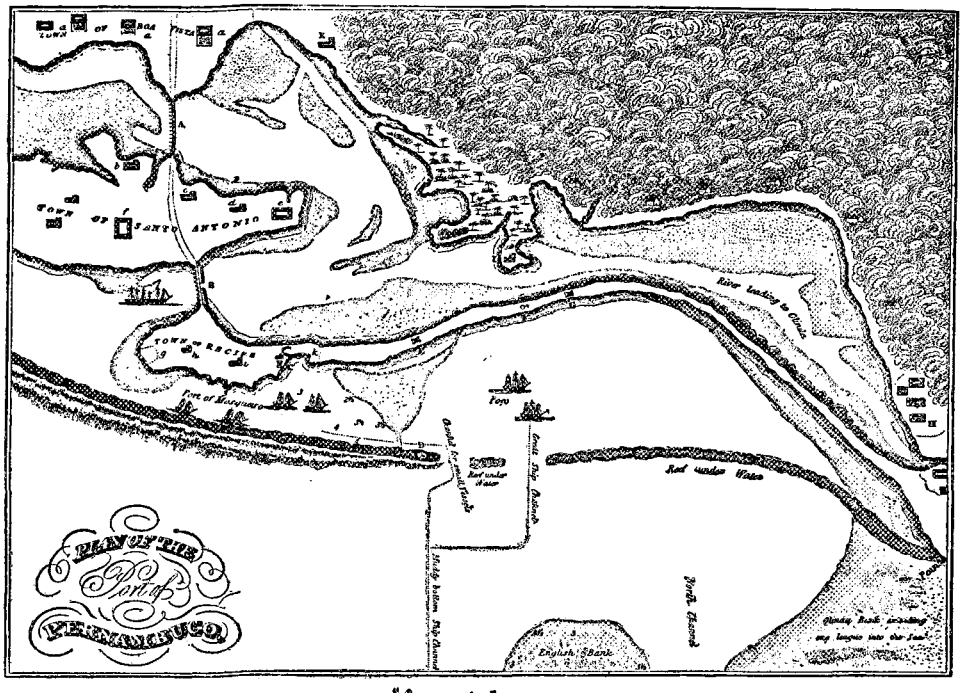


Fig. I — *Pôrto do Recife em 1809, de acôrdo com o trabalho de Henry Koster. A planta mostra claramente como os arrecifes de grés e os baixios coralinos de Olinda, concorreram geograficamente, de modo decisivo, para a formação espontânea do pôrto. Reproduzido do livro "Molhe de Olinda", de Dom. de Sampaio Ferraz*

Tôda cidade precisa de espaço. E todo espaço é, em última análise, uma expressão objetiva da geografia.

Raciocinemos. Que faz o Urbanista ao projetar ou transformar uma cidade ? Tanto quanto possível estabelecer o *habitat* em harmonia com o meio, procurando dar-lhe, através de aprimorada técnica, uma disposição higiênica, econômica, confortável e bela. Ora, a cidade higiênica implica na existência do curso dágua para o abastecimento; do clima ameno para maior garantia da salubridade; da declividade conveniente para o escoamento pluvial; de grandes áreas florestais para purificação da atmosfera. E a cidade econômica ? Esta requer topografia pouco acidentada para diminuir as distâncias entre a residência e o centro de trabalho, entre o bairro da moradia e o bairro esportivo, universitário, o bairro dos teatros e dos cinemas; a posição portuária adequada, de modo que a fábrica se localize entre o cais de desembarque, as gares ferroviárias e os estuários das grandes linhas de penetração, para efeito do frete mínimo da matéria prima que entra, e do produto manufaturado que sai.

Por sua vez a cidade confortável exige uma estrutura linear que produza o mínimo de fadiga, para isto precisa ser plana, sem complicado relêvo, de modo que a circulação se processe, o melhor possível, dentro do teorema geométrico do caminho mais curto entre dois pontos, sem o cansaço das grandes caminhadas, sem obstáculos naturais que

obriguem grande desenvolvimento das linhas de tráfego no contôrno obrigatório de paredões montanhosos para ligar bairros topograficamente vizinhos mas, por isso, na realidade, imensamente distanciados.

Enfim, para ser bela precisa de um aproveitamento artístico da paisagem, de uma distribuição monumental das perspectivas, de um conjunto panorâmico que encante pela massa, pelo movimento, e pelo colorido. E tudo isto, curso dágua, clima, declividade, florestas, topografia, pôrto, paisagem, o que é senão, fatores definidamente geográficos ? As conclusões que se tiram da análise dêsses fatos, é que, há também uma geografia urbana. Uma geografia com relação à cidade, tão definida, como geografia astronômica com relação ao nosso planeta, como a geografia física com relação à terra. Se a geografia astronômica estuda a forma, a dimensão e o movimento de nosso planeta no sistema solar; se a geografia física, os elementos sólidos, líquidos e gasosos; se a geografia biológica, a distribuição dos animais e vegetais; se a geografia humana, o homem e suas relações com a terra; porque não admitir também uma geografia, que estude a lei de formação da cidade sob as contingências do meio e do espaço terrestres que ocupa, que estude a influência geográfica dêsse meio e dêsse espaço sôbre a higiene, a economia, o confôrto e a estética do complexo urbano, e que conclua enfim, o que disso resulta, para o grupo social que a habita ? ! Esta geografia admite-se ! E só pode ser uma geografia urbana, classificada à semelhança da geografia política e da geografia econômica, como uma subdivisão da geografia humana.

Documentemos: Dois trechos da cidade: Copacabana e o Morro da Providência. Comparemos:

Num a praia apropriada, fator geográfico proporcionando a oportunidade do esporte, do banho de sol e de mar, concentrou grande densidade demográfica, criou o metro quadrado astronômico, e consequentemente o problema do espaço vital. Surgiu o arranha-céu. Uma arquitetura luxuosa define o bairro (fig. 12).

O habitante tem aí u'a mentalidade. Noutro o morro gneíssico escarpado, fator geográfico adverso, de acesso penoso e difícil, amontoou uma população desfavorecida e descrente. Surgiu a favela. Uma arquitetura andrajosa define o bairro (fig. 13). O homem tem aí outra mentalidade. Conclusão. Dois fatores de geografia urbana dentro da mesma cidade; dois tipos sociais antagônicos.

Que outras ilações tiraria a geografia urbana aplicada ao estudo da cidade do Rio ? De certo que, devido a sua agitada topografia, planícies imediatas a elevações abrutas, a cidade sofre as consequências das grandes precipitações pluviométricas, enxurradas periódicas de efeitos nefastos para a higiene e economia da população. Que ainda, devido à mesma altimetria, é o Rio uma cidade cara, já pelas construções nas encosta que exigem dispendiosas obras de consolidação, já pelos longos vales tentaculares que dispersam a população por áreas afastadas, crian-

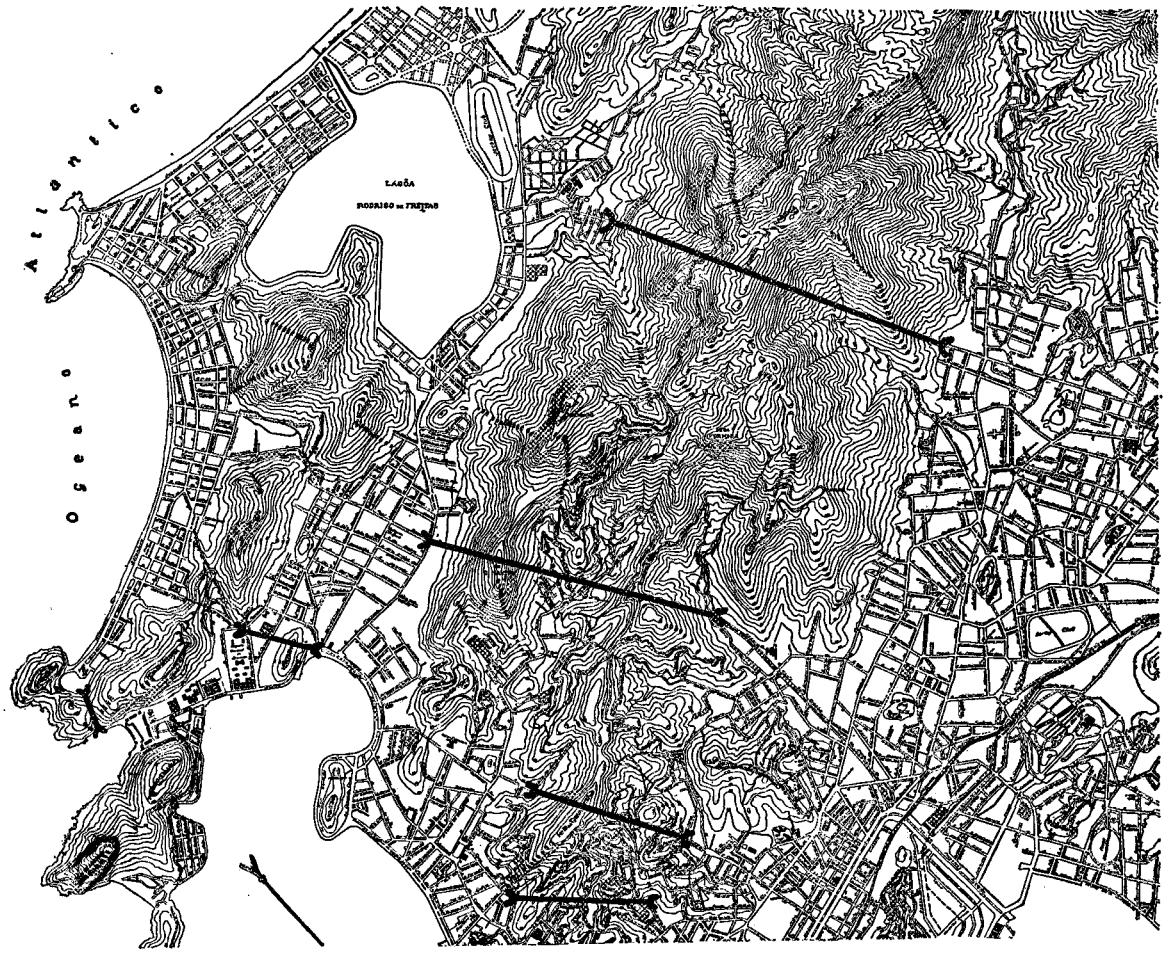


Fig. II — *A linha reta está para a geometria como o túnel para o tráfego: o caminho mais curto entre dois pontos. Ligações econômicas e rápidas entre bairros topograficamente vizinhos, mas do ponto de vista de comunicações, imensamente distanciados. Túneis ligando a zona Norte e Noroeste a zona Sul*

do um alto preço de transporte e de estabelecimento de linha de trânsito, e ainda, um demorado tempo de percurso, tempo que é considerado um valor negativo no diário econômico do habitante. A geografia urbana revelando esta causa ante-econômica induziria logo o Urbanista a resolver o problema, isto é, se êle tomasse o Jóquei Clube e a Tijuca, como exemplos dos tentáculos apontados, evidentemente seria levado a projetar um túnel ligando estes dois bairros afim de evitar o grande tempo gasto no percurso obrigatório, via Av. Rio Branco (fig. II). A geografia urbana ainda poderia concluir que o mesmo *facies* topográfico fez do Rio, uma cidade eminentemente turística cheia de imprevistos e paisagens, de passeios e recantos maravilhosos, desde as linhas sinuosas da Guanabara aos recortes sem par do Corcovado, do Pão de Açúcar, do Pico do Papagaio. Dessa forma a geografia urbana indica ao Urbanista a técnica que deve aplicar, ou melhor, inspira-lhe os meios que deve empregar para o mais inteligente aproveitamento dos recursos naturais, afim de que a cidade seja higiênica, econômica, confortável e bela. Que

partido formidável não poderia pois tirar o Brasil, do estudo da geografia urbana de todos seus núcleos povoados, desde o pequeno arraial à grande Capital ? !

Que documentação magnífica não forneceria ao Urbanista para o projeto da cidade nova ou para a extensão e remodelação da existente ? ! Que material magnífico não poria à sua mão, para o melhor e maior rendimento da aglomeração urbana, para que as gerações futuras não sofressem as consequências dos erros da presente, como nós penamos a imprevidência e a incapacidade das gerações passadas.

Já Pitágoras dizia: é do passado que nasce o futuro, do futuro que se forma o passado, e da reunião de um e de outro que se concebe o presente.

A Geografia e a morfologia das cidades

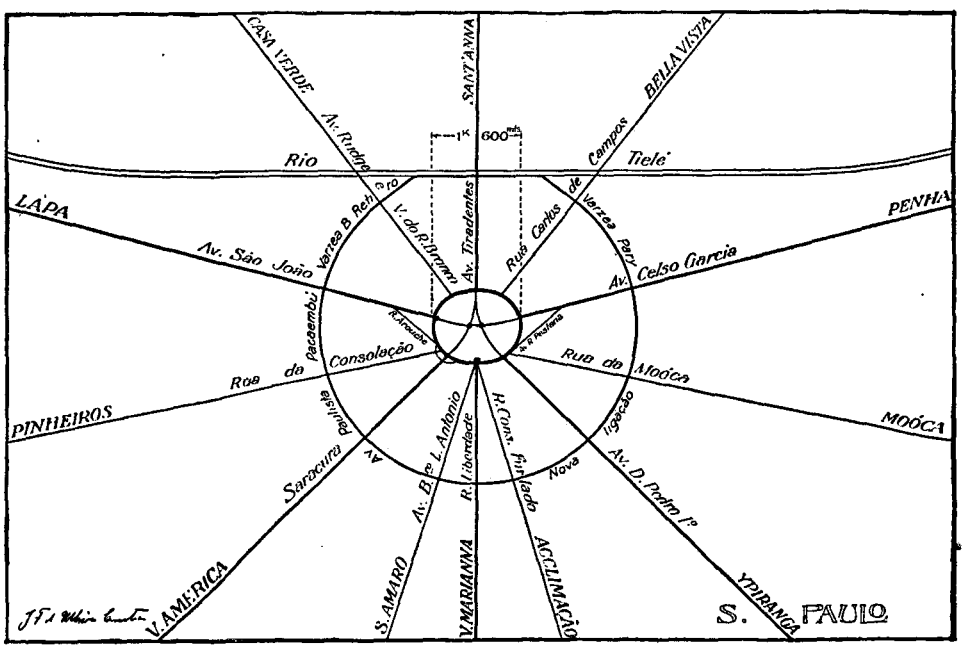
Geografia Urbana não é uma etiqueta sonora, um título de sentido ilusório. Na época do adensamento acelerado das aglomerações humanas, o problema da área postou-se dentro da geografia, exigindo-lhe o espaço, como solução lógica para o estabelecimento adequado da morfologia urbana. Isto é perfeitamente racional, de vez que a forma geométrica da cidade, vista à luz do Urbanismo, tem que se subordinar ao princípio da extensão de Ratzel, desde que ocupa uma parte na superfície da terra. Esta subordinação liga-se, ou melhor, atende ainda ao princípio da correlação de Ritter, porque tem que se inspirar em relações similares existentes em outros pontos do globo, e ao princípio da causalidade de Humboldt, porque investiga a causa e observa os efeitos do fenômeno. Ora, êsses princípios não sendo senão os postulados fundamentais da geografia científica, segue-se que a morfologia urbana fica sujeita aos métodos e processos da geografia urbana, que precisamente estuda a influência do meio sôbre o aspecto físico e destino das cidades. Saímos assim dos limites da geografia descritiva para observar, comparar e concluir, o que deve ou não fazer o urbanismo, para realizar sua missão, isto é, projetar o tipo de uma cidade ideal, no tempo e no espaço. Para obtermos aplicações dêsses princípios a casos concretos, escolhamos algumas ocorrências, tipicamente brasileiras. Vejamos : São Paulo. Do ponto de vista do princípio da extensão verifica-se que comparada a outros núcleos, a cidade, dado o aumento demográfico espantoso de 3 % a 16 % a contar de 1872 a 1934, teve um crescimento instantâneo e impressionante. Esta intensa condensação urbana, por fôrça da própria celeridade numa época em que o Urbanismo no Brasil, era até bem pouco, ainda uma hipótese, de certo responde pela falta de uma coordenação técnica no traçado das ruas marginais e existentes no maciço da colina histórica, e ainda pela desordenada expansão do casario desde o Triângulo súper edificado ao extenso perímetro da cidade. A extensão ocupada pela invasão impetuosa das construções que atingiu em 1938 a quantidade surpreendente de 1.049.809 m² de área coberta, fala de modo peremptório, como o problema do espaço, isto é, a cousa geo-

Fig. III — *Planta de São Paulo em 1922, organizada pela Comissão Geográfica de São Paulo, mostrando o crescimento da cidade. Reproduzido do vol. XXII-1923, da Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*

gráfica tornou-se extremamente valorizada com relação ao tracto urbano (fig. III). A demonstração culminante têmo-la no valor locativo de seus 150.000 prédios, que já em 1938 andava pela casa de 610.700:475$000. Há nisto, incontestavelmente, uma vocação paulista. E' fácil imaginar as supremas dificuldades em que se encontra a Administração Municipal para racionalizar a morfologia de uma cidade, cujo

índice de edificações elevou-se em 1938 a 8.425 casas, ou sejam 3,5 por hora de trabalho, se considerarmos, especialmente que, de origem, seu crescimento não obedeceu aos imperativos de um plano diretor. Que faz o Urbanista diante do problema? Aplica o princípio da causalidade de Humboldt. Investiga a causa e analisa o efeito. Chega então à seguinte conclusão: Causa. Área central exígua pela posição altimétrica imediata a vales laterais, exiguidade que teria sido evitada se, previamente, fôssem executados alguns terraplenos compensados. Efeito. Acesso caro e fatigante (por vêzes com rampa de 4,3 %) ao centro vital, convergência obrigatória de tôdas as ruas que trazem da periferia o dinamismo de 1.300.000 habitantes.

De posse dêsse elemento preciso e elucidativo recorre então o Urbanista ao princípio da correlação de Ritter. Aplica-o, comparando o que se fez alhures em condições mesológicas identicas e conclue: para racionalizar a morfologia de São Paulo urge criar um perímetro de irradiação, polígono vital, donde partam largas avenidas radiais, entre si ligadas pelas ruas anulares, de modo a aliviar o atual Triângulo da súper-densidade, da concentração nuclear intensa, dispersando-as para os vértices do polígono, e ao mesmo tempo ligar o centro aos pontos extremos ainda isolados, dando-lhe a natural expansão que decorre espontânea do novo tipo morfológico (fig. IV). Dêste modo ficariam corrigidos os remanescentes da estrutura urbana que tanto careceu de um movimento de terra inicial.



Schema theorico de S. Paulo

Fig. IV — *Esquema teórico de São Paulo; expressão geométrica das idéias de Ulhoa Cintra. Reproduzido do "Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo"*

A técnica municipal não poude em São Paulo, acompanhar o ritmo desconcertante da iniciativa particular (fig. 18). Daí, a cidade im-

provisada. Do que fica exposto verifica-se que o Urbanismo, lançando mão dos princípios científicos da geografia estabeleceu as linhas gerais da ossatura da cidade, proporcionando-lhe os meios para que ela atinja o destino grandioso que a espera. O urbanismo ficou assim subordinado ao material da geografia urbana para desincumbir-se de sua missão precípua na parte que lhe cabe de racionalizar a morfologia urbana (fig. 20). A exposição feita não fica sem documento. Apresentamos o trabalho do urbanista Ulhoa Cintra dentro das linhas gerais do que acima fica dito, isto é, dentro da concepção do gráfico de Henard, para dar a São Paulo o imprescindível sistema de escoamento de tráfego de que tanto carece, como cidade industrial e comercial, de intensa e vultosa tração mecânica (fig. V). Um outro exemplo em que a geografia urbana orienta e indica ao Urbanista as linhas gerais da morfologia da cidade é ainda um caso brasileiro.

Fig. V — *Um notável aspecto do urbanismo em São Paulo vivido na concepção do Eng. Ulhoa Cintra. Sôbre ser um trabalho de lúcida visão, é um autêntico ensaio, uma tentativa arrojada de Geografia Urbana. (Reproduzido do "Boletim do Instituto de Engenharia de São Paulo")*

Recife: Vejamos. A cidade é constituída por três regiões, geograficamente definidas, por uma península, uma ilha e o continente (fig. 25) sôbre as quais estão situados o Recife, Santo Antônio e São

José, Boa Vista e Arrabaldes. Êsses núcleos disseminam-se por entre o delta do Capiberibe e o leito do Beberibe, estendendo-se por uma área inteiramente alagadiça. Daí, o dizer-se que Recife é uma cidade anfíbia, ou repetir-se, parodiando Heródoto, que o Recife é um presente do Capiberibe e do Beberibe (fig. VI). O primeiro homem culto

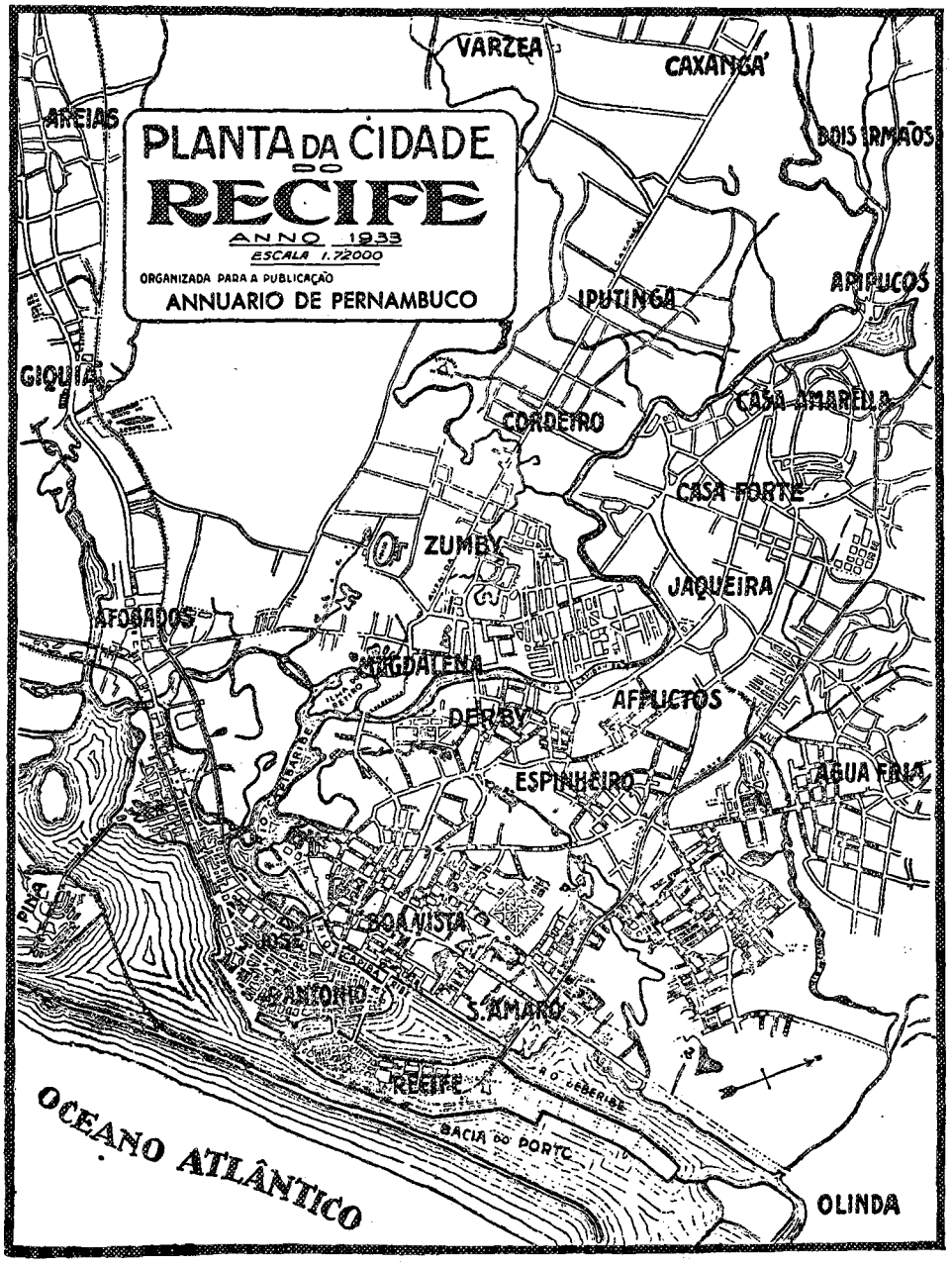


Fig. VI — *Interessante apresentação hidrográfica de Recife. Reproduzido do "Anuário de Pernambuco", ano de 1933*

e inteligente que povoou a terra, verificou desde logo que ela carecia de atêrro e obras hidráulicas, portanto da mão do engenheiro, afim de preparar o terreno para o que, *ad futurum*, se chamaria de urbanis-

mo. Assim o entendendo, incumbiu Maurício de Nassau a Pieter Post, o engenheiro arquiteto de sua côrte, de traçar as linhas mestras do plano de *Mauritzstadt*. O holandês, curiosa coincidência, encontrava-se mais uma vez dentro de sua especialidade. Tinha que dominar, como na própria pátria, o elemento água para consolidar a terra. Pieter Post foi um iluminado; teve a visão do conjunto. Estudando a geografia do *facies* do novo *habitat*, diante do mar de esmeralda, do estuário suntuoso dos dois rios e da planície que, à vista, se alongava intérmina, teve a noção exata de sua responsabilidade profissional, e como engenheiro apaixonado de sua técnica, sentiu que estava diante de um problema de terrapleno, de obras hidráulicas e construção de pontes. Sabia que a nova cidade que de sua concepção ia surgir, seria o centro de uma civilização futura, civilização da América descoberta, do continente novo que abria ao mundo as possibilidades sem par, de certo em ouro, em ferro, em matérias primas, para o

Fig. VII — *Plano de Andreas Longssalthensis - Século XVII. Reproduzido do livro "Do ancoradouro ao pôrto". Fototeca do Serviço de Estatística e Pesquisas da Diretoria de Docas e Obras do Pôrto do Recife*

confôrto e a grandeza dos povos e para a glória da própria Holanda. Seus olhos desbravaram então todo tracto geográfico, seu pensamento sobrevoou tôda a região conquistada, observou e comparou o trabalho já feito pelo primitivo invasor no bairro de São Frei Pedro Gonçalves, hoje Recife, e depois concluiu: onde estou, Ilha de Antônio Vaz (atual Santo Antônio), eis aquí a célula do futuro organismo, da cidade vindoura, que haverá de ser o empório econômico, o centro estratégico, a zona de influência da terra conquistada. Surgiu assim o Palácio de *Vrijburg* em frente a uma larga praça ajardinada e arborizada, cabeceira de um sistema reticulado de ruas que, penetrando a ilha a fundo e a largo, desenvolvia um conjunto linear que admira e surpreende aos próprios urbanistas modernos (fig. VII). Era a marcha de *Mauritzstadt* para os pontos cardiais da nova *urbs* dentro da expansão que lhe permitiam as características geográficas locais. E começou o atêrro formando o longo estirão que é hoje a Rua Imperial, e fez-se a regularização hidráulica do alagado no maciço dos atuais bairros de Santo Antônio e São José e construiu-se a ponte de Maurício de Nassau, da Ilha à Península, seguida de outra mais, do Palácio da Boa Vista às margens do continente fronteiro. Era a concepção de Pieter Post que tomava forma e corpo, que se concretizava na morfologia da cidade orientada pelos ditames da geografia local, procurando todavia libertar-se dos estreitos limites da Ilha, galgando através das pontes a Península e o Continente na direção do mar e do sertão. Pieter Post, dados os recursos da época se desincumbira magistralmente, quer como engenheiro, quer como arquiteto. Veio depois a ação do "Mestre de Campo" e do "Cordeador da Câmara" que deformou a obra inteligente do batavo, estreitando aquí as ruas, amontoando acolá os casebres. A desordem urbana sobreveio (fig. 24). Apareceu a viela, formou-se o burgo. Precisou que o engenheiro, mais uma vez em ação, recorresse à régua e ao cálculo para consertar a geometria colonial.

Foi quando se iniciaram as óbras do pôrto. Do velho e amontoado bairro de Recife e das ruínas do casario anárquico emergiu a praça rótula Rio Branco, semi-círculo base das vias centrífugas traçadas pela técnica do lapis e compasso do engenheiro. Aquí o fator geográfico é é ainda quem impera. Foi o Pôrto que criou a nova área urbanizada. A ação do engenheiro, não fica aí. Prossegue. Veem a seguir os projetos do Escritório Técnico da Prefeitura e suas variantes, o plano do arquiteto Nestor de Figueiredo, o de seu colega Atílio Correia Lima (fig. 26), e o que atualmente está organizando a Comissão do Plano da Cidade. Em todos é ainda o fator geográfico que orienta suas linhas gerais. Não há negar, que as poucas ligações entre a ilha e o continente devido ao Capiberibe, criaram naquela, dificuldades inúmeras ao escoamento de seu tráfego, de modo que se tornou condição precípua de qualquer plano de remodelação, a existência de uma diagonal que ligasse a Praça da Independência à de Duarte Coelho, escolhida como bôca de montante da nova ponte, cuja função seria a de ligá-la à rua Conde da Boa-Vista, no continente. E' ainda o fator rio, autenticamente geográfico, que dita

lei, que condiciona a existência obrigatória de uma diagonal no plano, para evitar o "Corredor da Cidade", e que finalmente indica ao Urbanista o caminho a seguir. Os princípios científicos da Geografia teem assim plena aplicação, no caso de Recife como no de São Paulo. O homem alí também determinou a extensão dos fenômenos ocorrentes, desde o sistema hidrográfico ao climatológico, desde o alagadiço litorâneo ao maciço do interior; procurou suas causas na topografia e na meteorologia e descobrindo-lhe os efeitos comparou e relacionou com o que sua experiência conhecia de outros paralelos e meridianos, e concluiu, inspirado pelos *facies* do *habitat,* isto é, pela geografia urbana, que a óbra a realizar era a da técnica do homem adaptando a seu confôrto os recursos naturais. A sequência dessas observações nada mais é do que o uso dos princípios de Ratzel, de Humboldt e de Ritter ao serviço da geografia científica. A geografia urbana é no caso, como que, o trilho que disciplina, que dirige e que conduz o Urbanismo.

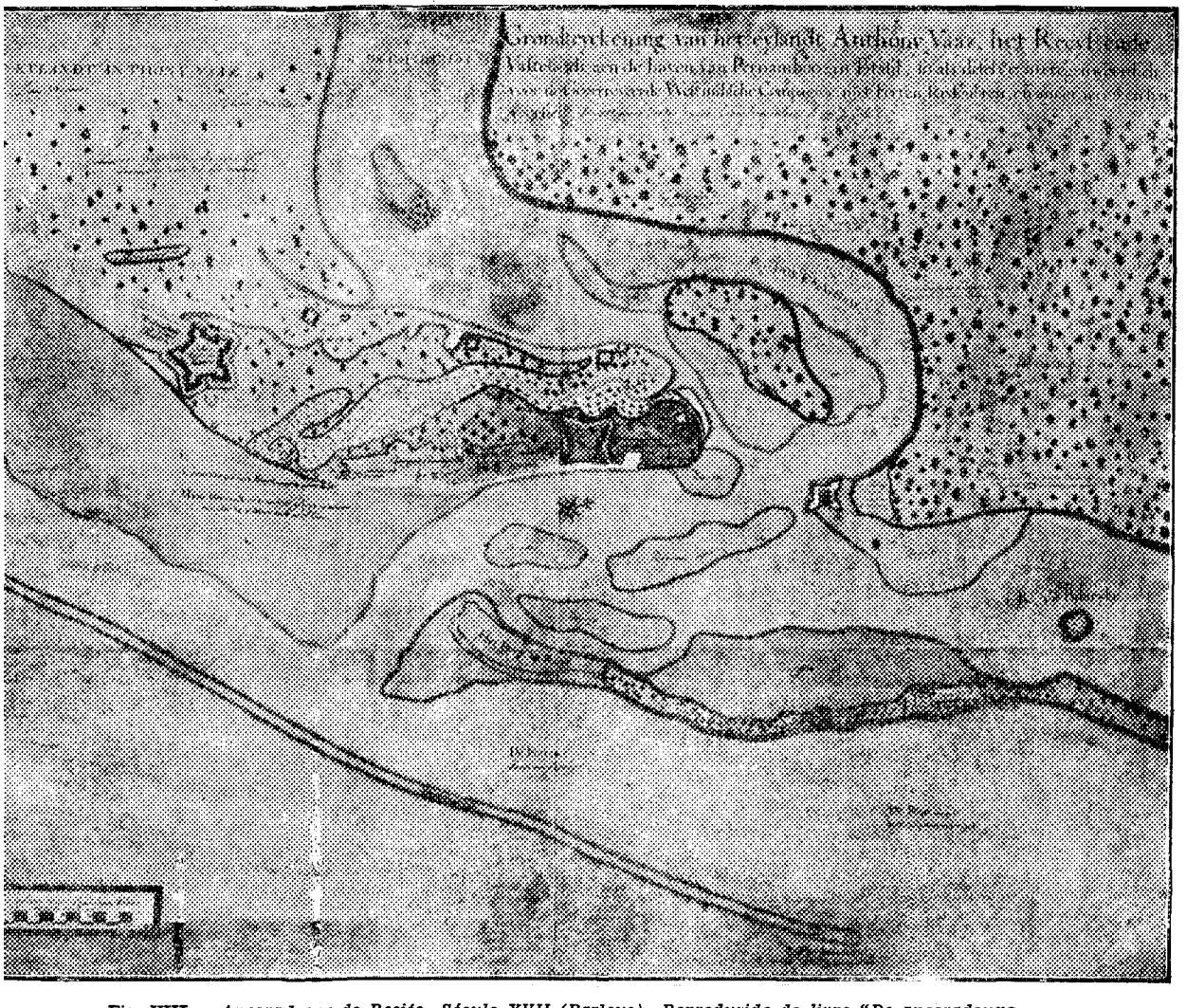


Fig. VIII — *Ancoradouro do Recife. Século XVII (Barleus). Reproduzido do livro "Do ancoradouro ao pôrto". Fototeca do Serviço de Estatística e Pesquisas da Diretoria de Docas e Obras do Pôrto do Recife*

CONCLUSÃO

Dois elementos de formação especificamente geográficos, a colina e o rio, indicam de modo claro e convincente que êles foram respectivamente a causa geradora e o guia diretor na morfologia urbana de São Paulo e Recife. Na acrópole bandeirante, pela posição local de melhor defesa, o Jesuíta julgou-se mais seguro, mais invulnerável à ação do autóctone, além do que encontrou na altitude, clima próprio ao europeu. Aliás o exemplo da colina já nos vem de longe; de Tebas na Grécia, de San Giminignano na Itália, de Iviça na Espanha, e até há quem diga que, no caso paulista como na antiguidade clássica, houve inspiração religiosa, por ser o local digno e nobre para o Santuário. A história de muitas cidades leva-nos a acreditar que, quem fala de colina urbana tem que pensar em predestinação geográfica. Muitas cidades que hoje existem na planície tiveram sua origem na colina donde posteriormente desceram. Toulouse é uma dessas formações, como bem o diz Lavedan. São Paulo, parece, não fugiu à regra. Todos os interêsses da cidade que nascia, de certo concentraram-se no alto, na eminência da região urbana que, por determinismo geográfico, teria de ser vista de tôda a Nação. Com o aumento demográfico de sua insopitável expansão caminhou na direção do Rio, de Santos, do Oeste, e do Sul, ao encontro do prestígio político, comercial e econômico, e, neste andar fê-lo, ora por caminhamentos retos, ora por curvas e contra curvas, evitando aquí um obstáculo altimétrico, procurando alí as vantagens ocasionais do terreno.

Fig. IX — *A mão do urbanista: o concêrto*

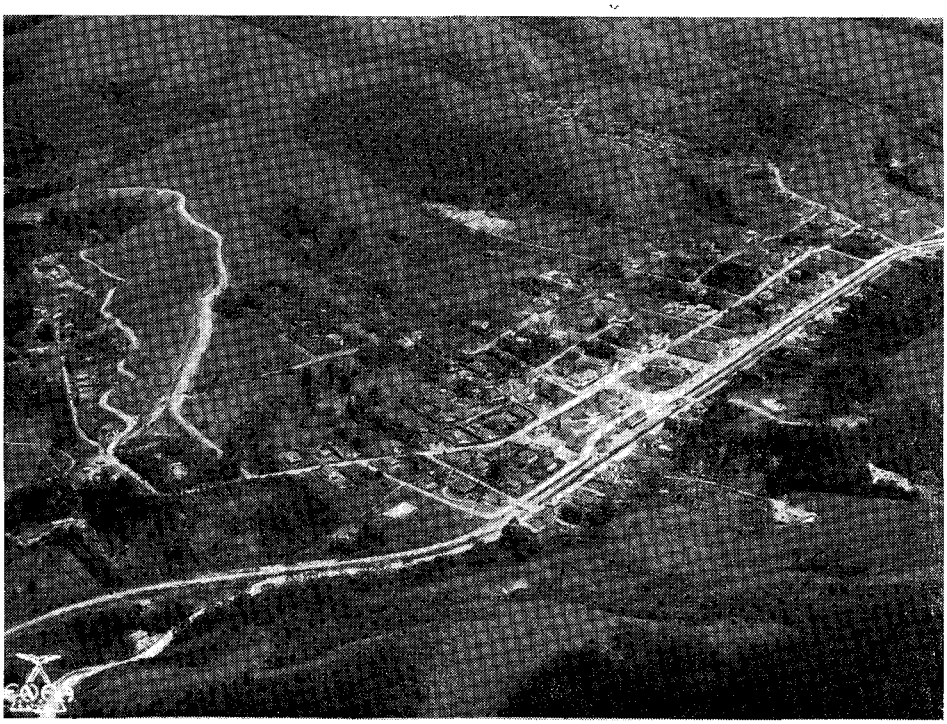


Fig. 1 — *Vila de Albernésia, Campos do Jordão. Um exemplo do fator geográfico: "clima"*

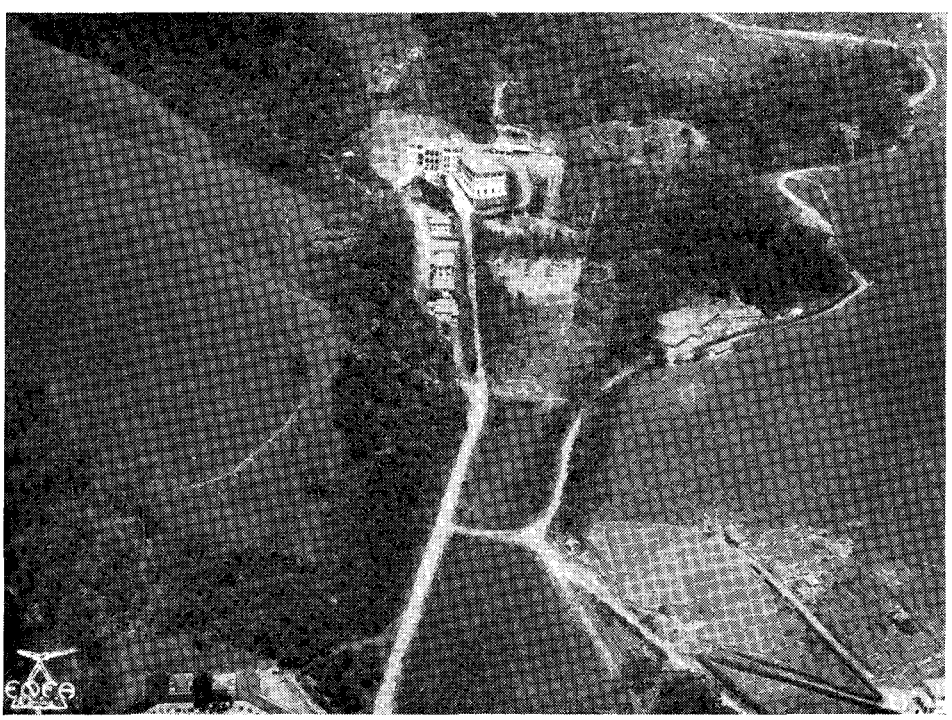


Fig. 2 — *Campos do Jordão — O sanatório*

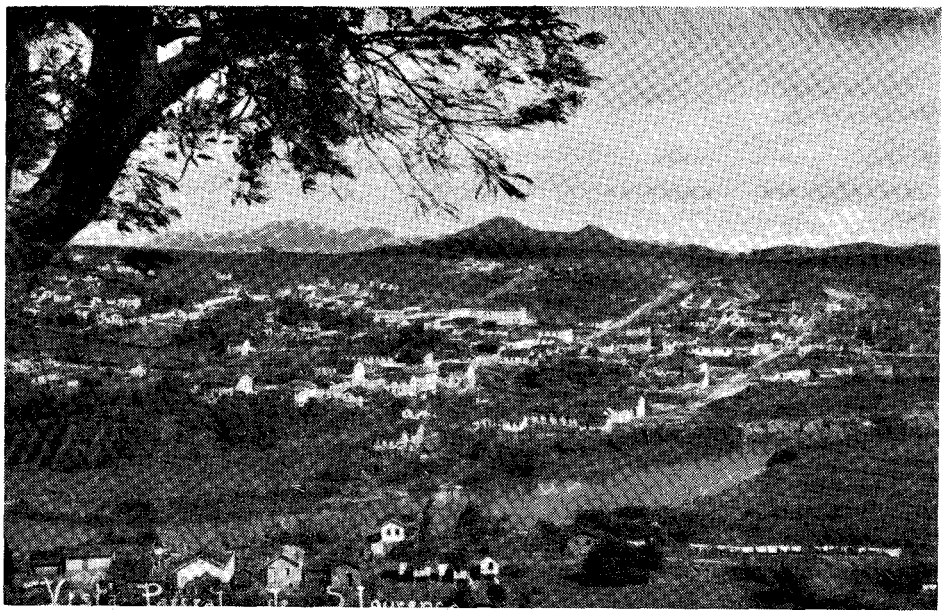


Fig. 3 — *São Lourenço. E' aqui ainda razão de existência da cidade, um fator geográfico: "fonte mineral"*

Fig. 4 — *São Lourenço. Um hotel*

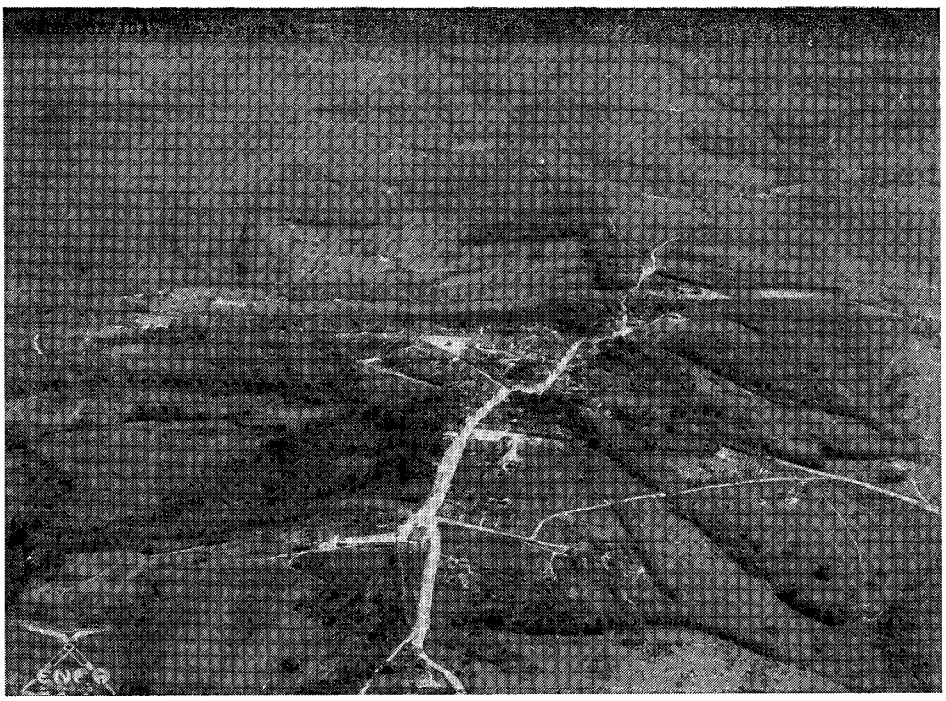


Fig. 5 — *Itapecerica. Cidade que o aluvião aurífero fez crescer e desenvolver-se. Outra afirmação do fator geográfico na gênese dos centros urbanos*

Fig. 6 — *Um aspecto do trabalho dos faiscadores*

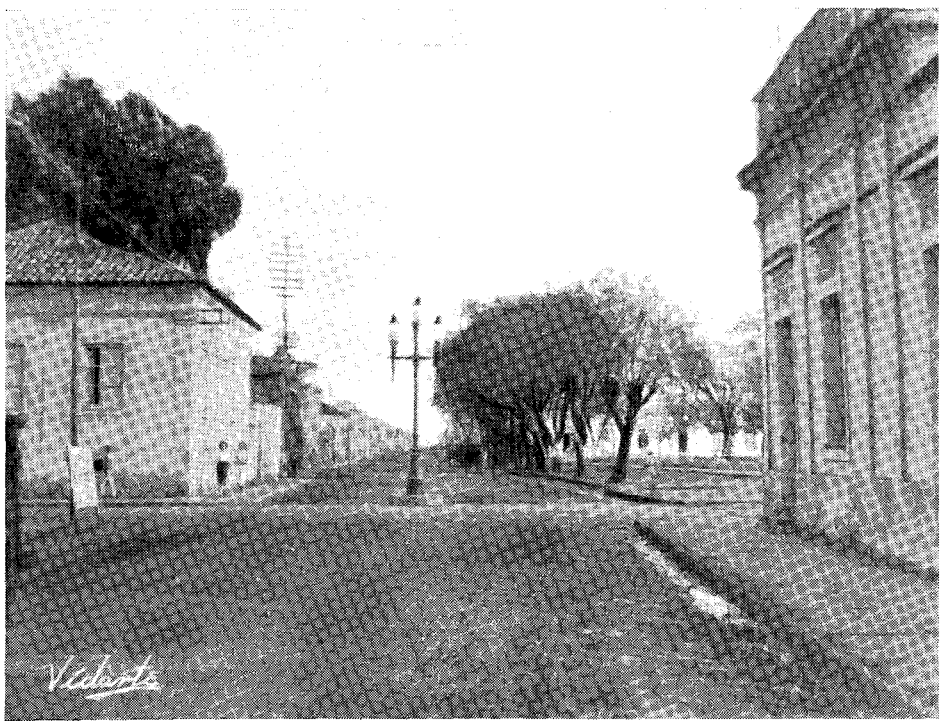


Fig. 7 — *Itaquí. Cidade que surgiu em consequência do fator geográfico: "posição estratégica"*

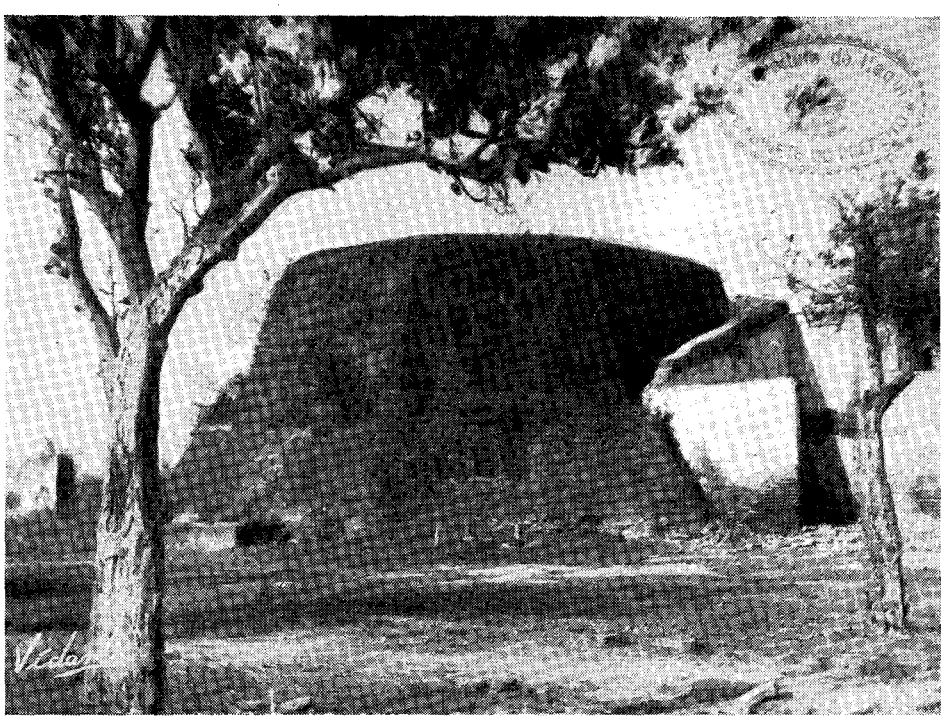
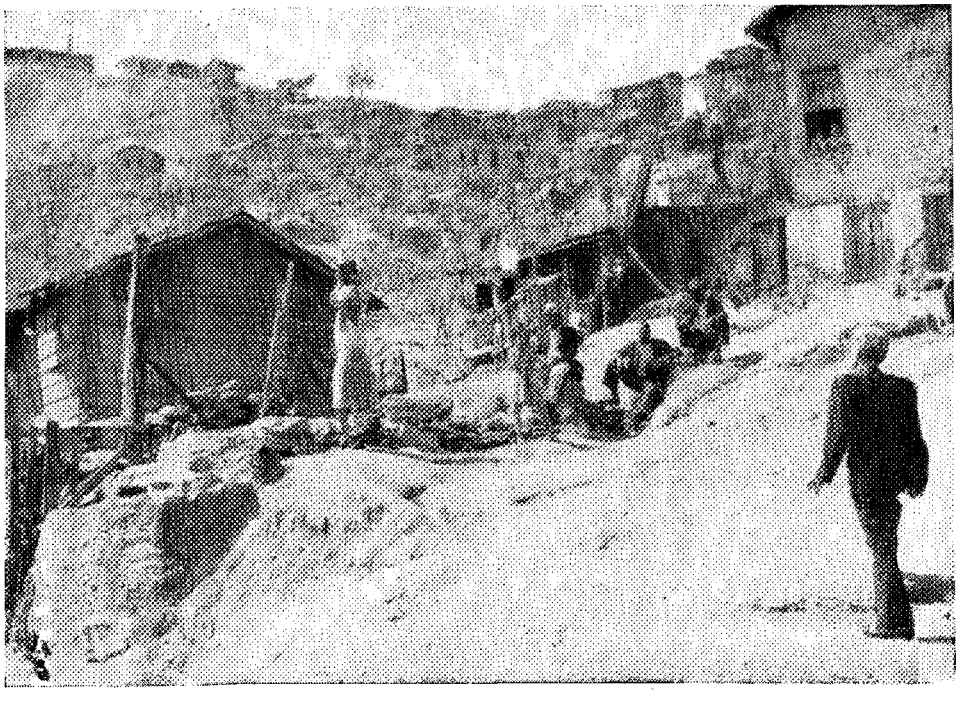


Fig. 8 — *Forte do Arsenal de Marinha, onde certamente a Geografia e a História encontram motivos e temas para grande exaltação patriótica*

Fig. 9 — *Rua Gonçalves Dias, rua estreita, remanescente do período colonial*

Fig. 12 — *Copacabana. Valorização vertiginosa do terreno devido ao fator geográfico: "praia"*

Fig. 13 — *Morro da Providência. Antítese — a "Favela". Fator geográfico: "escarpa"*



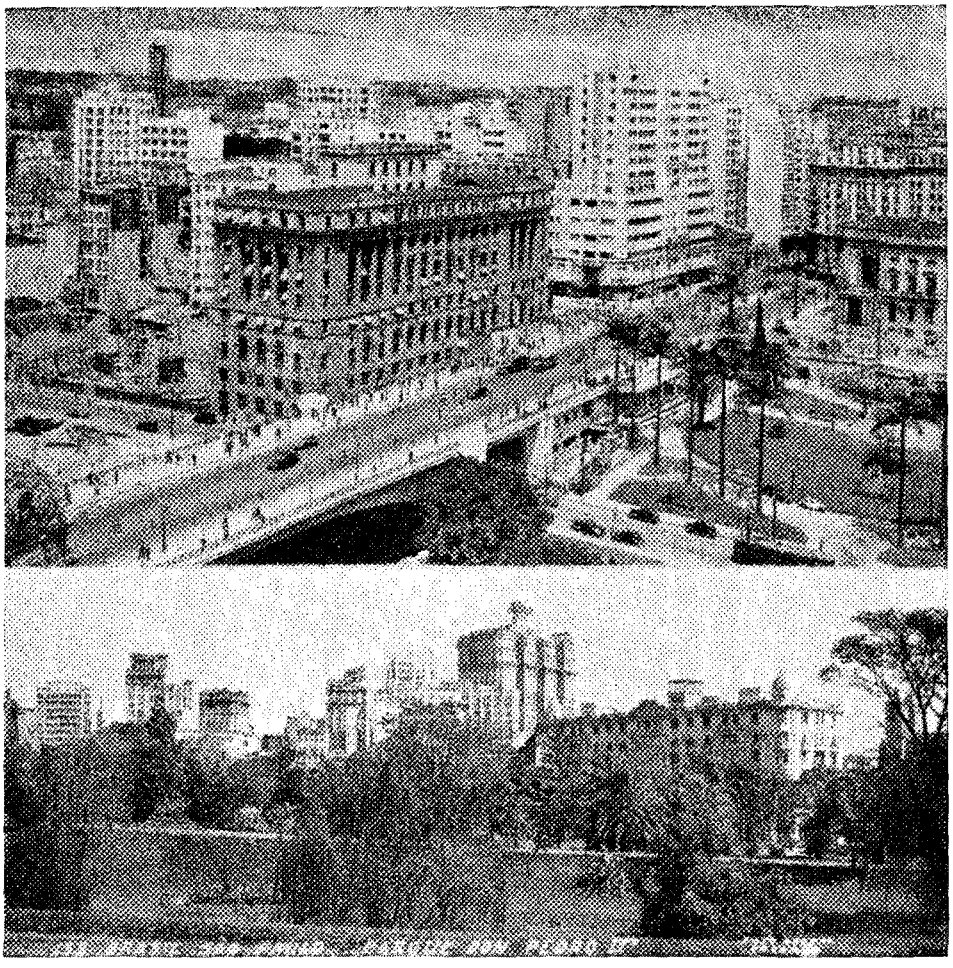
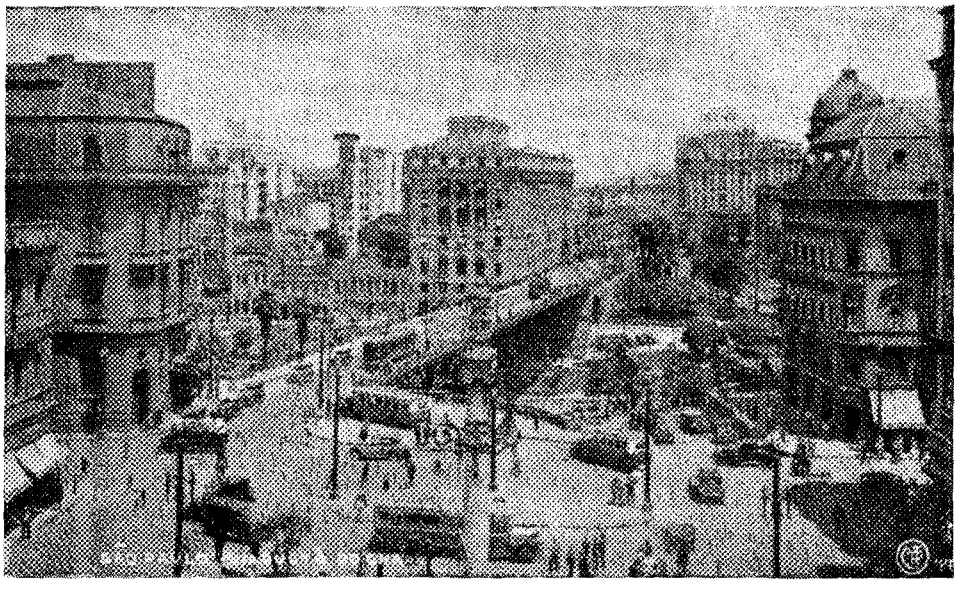


Fig. 18 — *São Paulo. O ritmo desconcertante da iniciativa particular. A construção intensiva. O arranha-céu*

Fig. 20 — *São Paulo. Viaduto do Chá. Ação objetiva da engenharia na luta contra o acesso caro e fatigante*



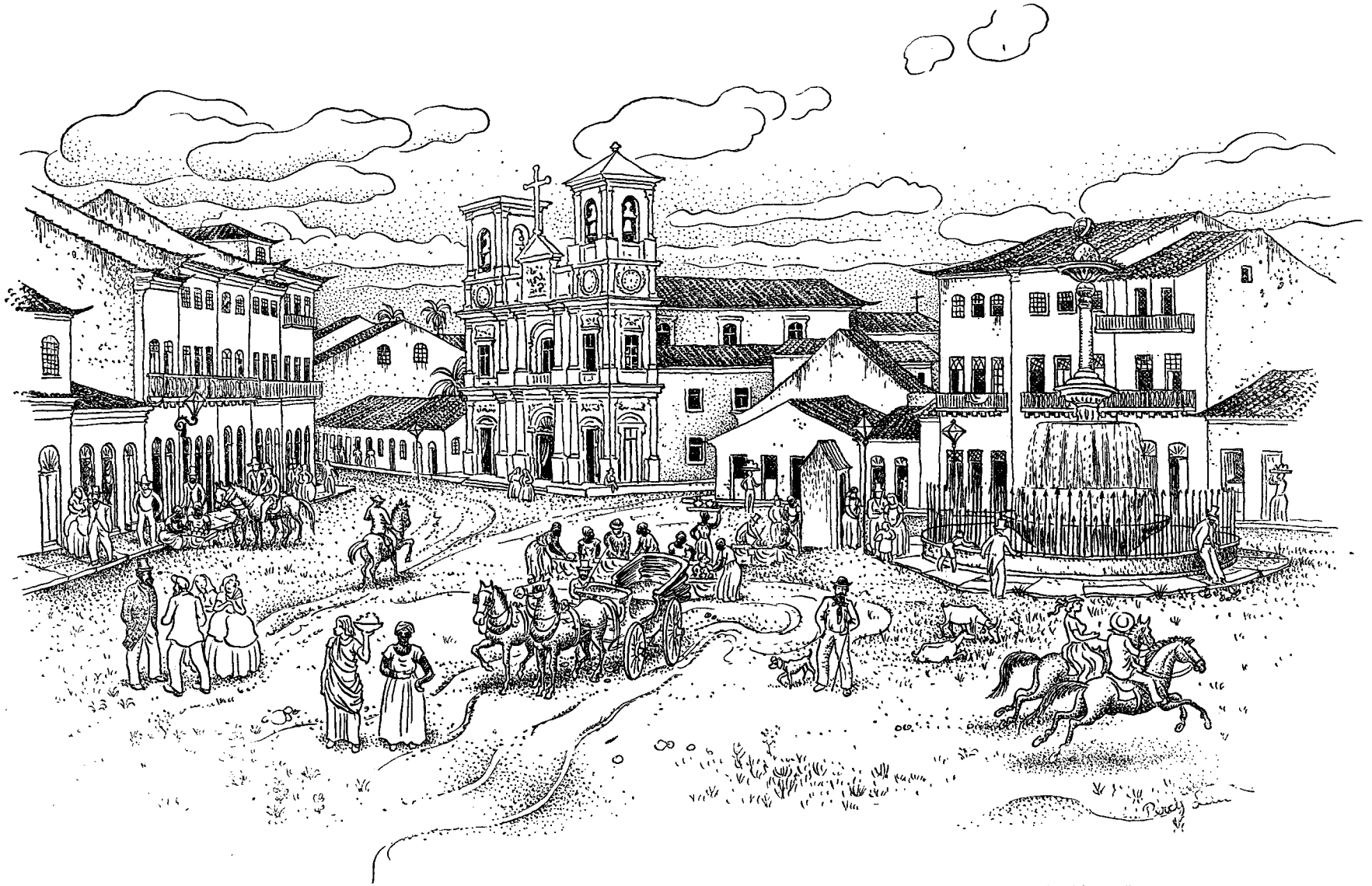


Fig. 24 — *Recife. Aspectos urbanos remanescentes da época do "Mestre de Campo" e do "Cordeador da Câmara"*

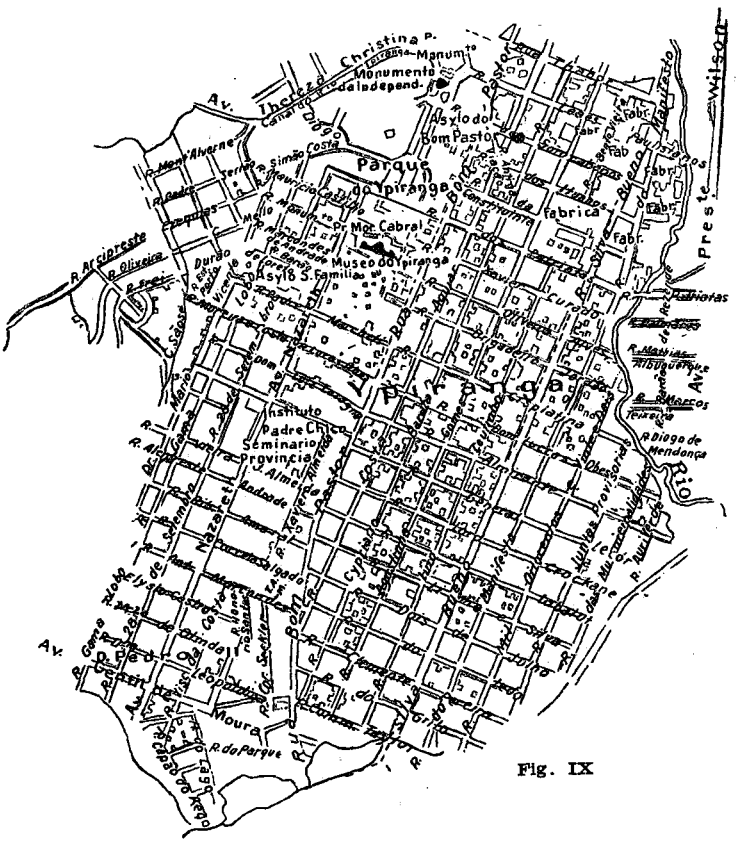


Fig. IX

E' a lição que a geografia urbana nos dá quando se faz mister projetar ou remodelar cidades das do tipo da cidade-colina. Vejamos ainda o caso de Recife. Na hidrografia da capital pernambucana, na posição da ilha, da península e do continente, reside o fator gênese da cidade. O Recife, aliás, não é a primeira cidade que resultou do povoamento de uma ilha fluvial. París e Nova Iorque são exemplos similares. No caso, o Urbanista para projetar o plano de remodelação e extensão da cidade já teria excelentes referências desde que, de Recife, estudasse a geologia, a climatologia, a topografia, a demografia, as fontes econômicas, a função política e social, e em seguida as comparasse com as daquelas grandes metrópoles, não esquecendo, porém, os elementos antropogeográficos da terra pernambucana. Ora, isto não é senão a aplicação exata do princípio da correlação de Ritter. Observando e comparando os fenômenos análogos o Urbanista encontra uma série de fatores da geografia urbana que lhe podem orientar e inspirar sôbre o que deve projetar e prever para Recife, levando em consideração, certamente, as relações de cada homem para cada *habitat*. O parisiense, o nova-iorquino e o recifense guardam com cada tracto geográfico que ocupam, relações ecológicas definidas pelas ligações entre o meio físico e o meio social. Tôda ciência do Urbanista está em descobrir essas relações, e delas tirar todo o proveito, afim de realizar a harmonia perfeita entre o homem e

a geografia urbana. Além disso, o Urbanista teria de colhêr elementos para projetar a remodelação e a extensão da capital pernambucana em seus antecedentes antropogeográficos, nos quatro períodos que constituem quatro estados definidos para a vida de Recife, períodos que são: século XVI, o da Descoberta; século XVII, o do Holandês; século XVIII, o do Cordeador da Câmara; século XIX, o das Idéias Libertárias; século XX, que se vai caracterizando pelo Urbanismo e Luta contra o Mocambo. Como se vê, um estado estático, o da Descoberta da terra inculta — o da geografia parada; e três dinâmicos, os da ação do homem sôbre a terra que se modifica — o da geografia movimentada ou seja, o da geografia humana. Êsses elementos antropológicos ligados ao geográfico rio tiveram predominante e indiscutível papel na gênese da cidade. Sua morfologia atual é disto um documento definitivo, de vez que a disposição das ruas, tanto na Península como na Ilha e no Continente, obedece aos imperativos das tangentes e meandros do Capiberibe e Beberibe, de acôrdo com a clássica influência já exercida pelo fator geográfico rio na formação de outras cidades, encaminhando as ruas, ora paralelamente ao curso dágua, ora na direção do eixo das pontes. Coblença, Lion, Saint Louis, são exemplos típicos, dessas cidades fluviais. O rio é em Recife, ainda, um fator geográfico que haverá de concorrer de modo precioso para a solução de um grande problema comum às cidades quando atingem milhões de habitantes. E' o do futuro trânsito rápido. O *sübway* poderá aí ser substituído ou auxiliado eficientemente pela navegação fluvial, como já se pode fazer em barcos velozes. E' ainda um presente do Capiberibe e Beberibe. Quem observa os traçados de Praga à margem do Wtlava, e o de Paris às do Sena, tem realmente a confirmação de que o rio é a espinha dorsal da ossatura dessas cidades. E' assim, êle, um fator culminante e uma grande referência para o estudo do Urbanismo quando pretende adaptar a geografia urbana às necessidades sociais e econômicas do homem. Acreditamos que os exemplos apresentados, vividos no Brasil no caso de São Paulo e Recife e confirmados com a documentação de similares alienígenos, bastam para afirmar e conferir à geografia urbana uma individualidade real, e classificá-la ao lado da geografia política e econômica, como uma autêntica subdivisão da geografia humana. O depoimento que acima fica prestado, pensamos, é de molde a demonstrar que os informes antropogeográficos, inerentes a cada espaço urbano, fornecem ao Urbanista meios para observar, comparar e concluir, o que deve ou urge fazer para a adaptação do *facies* geográfico à existência do homem. Isso nada mais é, que aplicar os princípios científicos da geografia urbana, isto é, os princípios da extensão, correlação e causalidade, no estudo do projeto de estabelecimento, ou remodelação das cidades. A geografia urbana afirma-se assim, uma entidade científica ao serviço do Urbanismo.

BIBLIOGRAFIA

"Urbanisme dans ses rapports avec la Geografie Humaine". — *Scrive Loyer.*
"Die Geographische Lage der Hauptstadt. Europas". — *Kohl.*
"The City". — *Queen and Thomas.*
"La Cité Moderne". — *J. Izoulet.*
"Grundbegriff des Städtbaues". — *K. A. Hoepfner.*
"Innere Stadt Erweiterung". — *Otto Schilling.*
"The Planning of Modern City". — *Nelson Lewis.*
"A Cidade do Rio de Janeiro". — *Agache.*
"Construzione, Transformazione ed Ampliamento delle Cittá". — *A Caccia.*
"La Cittá Moderna". — *A Pedrine.*
"Sêcas do Nordeste". — *Agamemnon Magalhães.*
"Stadtbauliche Probleme" — *Wagner.*
"Urbanisme aux Colonies et dans les Pays Tropicaux". — *Congresso.*
"A Propriedade Urbana em São Paulo". — *Nelson Mendes Caldeira.*
"Arquivo Corográfico do Conselho Nacional de Geografia". — *Dados e Informações.*
"L'Urbanisme a la Portée de Tous". — *Jean Raymond.*
"Les Banlieues Urbaines". — *Henri Sellier.*
"História do Brasil". — *Gaspar Barleu.*

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

Dans ce numéro, l'Ingénieur Jeronymo Cavalcanti, de la Préfecture du District Fédéral, urbaniste connu et compatriote, commence avec des études spécialisées dans les grandes capitales américaines et européennes, sa collaboration au "R. B. G." sous le titre générique de "La Géographie et son influence sur l'urbanisme".

Faisant ressorti qu'un climat bienfaisant, une source minérale, une pépite alluvienne ou une position stratégique sont, entre beaucoup d'autres, des facteurs déterminants de villes, il conclue par l'extraordinaire influence de la géographie qui exige que, dans un plan de remodélation ou projet de ville, les orientations indiquées obéissent aux conditions topographiques, météorologiques, hydrographiques, altimétriques et anthropométriques, devant aussi l'urbaniste "recueillir des informations sur les périodes primitives, pour que sur les raisons du passé puisse être tracée la ville du futur, sans omettre le présent.

Il étudie la genêse de Rio de Janeiro, démontrant la présence des facteurs: insolation précaire dans les rues étroites, position portuaire de la place XV et position altimétrique de la bûtte du château (Morro do Castelo), dans l'affirmative que, même sous l'aspect rudimentaire et inconscient de cette époque "l'urbanisme était déjà un fait authentique de géographie urbaine".

Il cite *Kohl* quand, à l'époque où l'urbanisme, comme science, était à peine intuitif, en étudiant les lois aux quelles était soumise l'habitation hamaine, démontrait que celles-ci étaient une science dont la pratique doit se subordiner à la conception anthropogéographique -l'auteur présentant l'exemple de villes anciennes.

Il décrit la ville hygiénique et la ville économique, présentant des exemples cariocas de l'influence géographique sur les tracés et les agglomérations, -tel le quartier de Copacabana, de population dense, terrains chers et architecture luxueuse, comme conséquence de sa localisation sur une plage, et les "favelas", habitations sur les bûttes, d'accès pénible et difficil, d'architecture grossiére et avec un type social différent de celui de Copacabana.

Il affirme que la géographie urbaine n'est pas une simple étiquette sonore, mais bien qu'elle a une existence réelle. Il démontre que la forme géométrique des villes, à la lumière de l'urbanisme, doit se subordiner au principe de Ratzel puisqu'il occupe une part sur la superficie de la terre, attendant encore au principe de la corrélation de Ritter pour s'inspirer de relations similaires existantes en d'autres pays, ainsi qu'au principe de casualité de Humboldt pour rechercher la cause et observer les effets du phénomène.

La ville de São Paulo, présentée par l'auteur, offre une démonstration pratique de l'application de ces principes, qui sont les propres principes de la géographie scientifique.

Se référant à la ville de Recife, de laquelle il présente une étude analogue à celle de São Paulo, minutieux et en détails intéressants, il dit que l'homme, là, étant donné la constitution de la ville en trois régions géographiquement définies — péninsule, île et continent — détermina l'extension des phénomènes occurants, depuis le systhème hydrographique au climatologique, depuis le littoral lacustre au massif intérieur; il rechercha ses causes dans la topographie et la météorologie et, leur découvrant les effets, compara et relationa avec ce que son expérience connaissait des autres parallèles et méridiens, vérifiant que l'oeuvre à réaliser était celle de la technique de l'homme adaptant les recours naturels à son confort. "La séquence de ces observations n'est rien de plus que l'usage des principes de Ratzel, de Humboldt et de Ritter au service de la géographie scientifique". "La géographie urbaine est dans ce cas la voie qui discipline, qui dirige et qui conduit l'urbanisme.

Terminant, il dit que deux éléments de formation spécifiquement géographique, la colline et le fleuve, furent, respectivement, la cause génératrice et le guide directeur de la morphologie urbaine de São Paulo et Recife respectivement. Décrivant les divers aspects de celles-ci et présentant des exemples de villes étrangères de l'application des principes scientifiques de la géographie urbaine, c'est-à-dire de l'extension, corrélation et casualité, il conclue que les mêmes exemples "suffisent pour arrêter et conférer à la géographie urbaine une individualité réelle et la classifier à côté de la géographie politique et économique, comme une authentique subdivision de la géographie humaine.

En este número inicia el Ingeniero de la Prefectura del Distrito Federal, Jeronymo Cavalcanti, conocido urbanista patricio, con estudios especializados en las grandes capitales americanas y europeas, su colaboración en la "R. B. G.", bajo el titulo general de "La Geografía y su influencia en el Urbanismo".

Resaltando que un clima bienhechor, una fuente mineral, una pepita aluvial o una posición estratégica son, entre muchos otros, fatores determinantes de ciudades, concluye por la extraordinaria influencia de la geografía, exigiendo que, en un plan de remodelación o proyecto de ciudad, se obedezcan las orientaciones indicadas por las condiciones topograficas, meteorologicas, hidrograficas, altimetricas y antropogeograficas, debiendo el urbanista "coger informes en los periodos primitivos, para que, sobre las razones del pasado, pueda trazar la ciudad del futuro, sin abandonar el presente."

Estudia la genesis del Rio de Janeiro, demonstrando la presencia de los fatores: insolación precaria en las calles estrechas, posición portuaria de la Plaza 15 y posición altimetrica del monte del Castelo, en una afirmativa de que, mismo en el aspecto rudimentar e inconciente de aquella epoca, "el urbanismo yá era un hecho autentico de geografía urbana."

Cita *Kohl* cuando, en la epoca en que el Urbanismo, como ciencia, era solamente intuitivo, al estudiar las leyes a que estaba sometida la morada humana, demonstraba que ellas constituyen una ciencia, cuya práctica hay que se subordinar al concepto de antropogeografia, presentando el autor ejemplo de ciudades antiguas.

Describe la ciudad higiénica y la ciudad económica, presentando ejemplos cariocas de la influencia geografica sobre los trazados y las aglomeraciones, tales como el barrio de Copacabana, de densa población, terrenos caros y arquitectura lujosa, como consecuencia de su localización en una playa, y las "favelas", moradas en montes, de acceso penoso y dificil, con arquitectura andrajosa y con tipo social diferente del de Copacabana.

Asegura que Geografía Urbana no es una simple palabra sonora, y sí que tiene existencia real. Demonstra que la forma geometrica de las ciudades, a la luz del Urbanismo, tiene que se subordinar al principio de extensión de Ratzel, de vez que ocupa una parte en la superficie de la tierra, atendiendo aún al principio de la correlación de Ritter, por se inspirar en relaciones similares existentes en otros paises, y al principio de la causalidad de Humboldt, por investigar la causa y observar los efectos del fenómeno. La ciudad de São Paulo, presentada por el autor, ofrece una demonstración práctica de la application de aquellos principios que son los principios de la Geografía cientifica.

Refiriéndose a la ciudad de Recife, de la cual presenta un estudio analogo al de São Paulo, presentada por el autor, ofrece una demonstración práctica de la aplicación de aquellos principios que son los principios de la Geografía cientifica.

Refiriéndose a la ciudad de Recife, de la cual presenta un estudio analogo al de São Paulo, minucioso y con interesantes detalles, dice que el hombre allá, en virtud de su constitución en tres regiones geograficamente distintas — península, la isla y el continente —, determinó la extensión de los fenómenos ocurrientes, desde el sistema hidrografico al climatologico, desde el anegadizo del litoral hasta el macizo interior, procuró sus causas en la topografía y en la meteorología, y descubriéndoles los efectos, comparó y relacionó con lo que su experiencia conocia de otros paralelos y meridianos, verificando que la obra a realizar era la de la tecnica del hombre adaptando a su conforte los recursos naturales. "La secuencia de esas observaciones nada más es que el uso de los principios de Ratzel, de Humboldt y de Ritter al servicio de la geografía cientifica." "La geografía urbana es en este caso, como que, el trillo que disciplina, que dirige y que conduce el Urbanismo."

Finalizando, dice que dos elementos de formación especificamente geograficos, el monte y el rio, fueron, respectivamente, la causa generadora y el guía director de la morfología urbana de São Paulo y Recife. Describiendo los varios aspectos de aquellas y presentando ejemplos de ciudades extranjeras, de la aplicación de los principios cientificos de la geografía urbana, es decir, de extensión, correlación y causalidad, concluye que los mismos ejemplos, "bastan para firmar y conferir a la geografía urbana una individualidad real, y classificarla al lado de la geografía politica y económica, como una autentica división de la geografía humana."

In questo numero, l'ingegnere Jeronymo Cavalcanti, della Prefettura del Distretto Federale, noto urbanista brasiliano, inizia la collaborazione alla "R. B. G." con uno scritto su "La geografia e la sua influenza sull'urbanismo."

Ponendo in risalto la circostanza che un clima salubre, una sorgente minerale, una pepita alluvionale, o una posizione strategica sono tra i fattori che determinano la formazione di una città, ne deduce che la geografia ha grande influenza in questa determinazione, e che il piano di riordinamento urbano o il piano iniziale di una città devono sempre essere adattati alle condizioni topografiche, meteorologiche, idrografiche, altimetriche e antropogeografiche. L'urbanista deve "raccogliere informazioni preliminari per poter tracciare la città del futuro secondo le ragioni del passato, senza dimenticare il presente."

Studia l'origine della città di Rio de Janeiro, di cui nota la poca quantità di luce solare ricevuta dalle vie strette, la situazione portuaria della attuale piazza 15, la posizione altimetrica del colle del Castello, e afferma che, anche nel primitivo aspetto rudimentale e non regolato, "l'urbanismo era già un fatto reale di geografia urbana".

Cita *Kohl* che, quando la scienza urbanistica era appena ai suoi primi passi, studiando le leggi dell'abitazione umana, dimostrava che esse costituivano una scienza, e che la loro applicazione doveva essere subordinata ai concetti dell'antropogeografia; e presenta esempi di città antiche.

Descrive la città igienica e la città economica, e presenta esempi della influenza geografica sul tracciato e sulle agglomerazioni nella città di Rio de Janeiro, come: il quartiere di Copacabana, con popolazione densa, terreni cari e architettura ricca, in conseguenza della localizzazione lungo la spiaggia; le "favelas", gruppi di abitazioni sulle colline, di difficile accesso, di costruzione miserabile, e abitate da una classe sociale molto diversa da quella di Copacabana.

Afferma che la geografia urbana non è soltanto un nome, ma una realtà. Dimostra che la formazione geometrica delle città, secondo l'urbanismo, deve subordinarsi: al principio di estensione di Ratzel, perchè occupa una parte della superficie terrestre; al principio della correlazione di Ritter, perchè si ispira a esempi simili esistenti in altri paesi; e al principio di causalità di Humboldt, perchè investiga la causa del fenomeno e ne osserva gli effetti. La città di São Paulo, studiata dall'autore, offre un esempio pratico dell'applicazione di questi, che sono i principi della geografia scientifica.

Riferendosi poi alla città di Recife, della quale compie uno studio particolareggiato, analogo a quello di São Paulo, nota che ivi l'uomo, data la costituzione della regione in tre zone

geograficamente definite — penisola, isola e continente —, determinò l'estensione dei fenomeni che si verificavano, dal sistema idrografico al sistema climatologico, dal littorale pantanoso al massiccio interno, e, scoprendone gli effetti e comparando con ciò che sapeva di altre longitudini e latitudini, vide che occorreva adattare mediante la tecnica le condizioni naturali all'umano benessere. "Il susseguirsi di queste osservazioni non è altro che l'applicazione dei principi di Ratzel, di Humboldt e di Ritter, al servizio della geografia scientifica"; "la geografia urbana è in questo caso la guida che disciplina, dirige e conduce l'urbanismo".

Conchiudendo, nota che due elementi di formazione specificamente geografica, la collina e il fiume, furono, rispettivamente, la causa originale e la guida direttrice della morfologia urbana di São Paulo e di Recife. Descrive i vari aspetti di queste città e presenta esempi di città straniere, per mostrare l'applicazione concreta dei principi scientifici della geografia urbana (estensione, correlazione e causalità) e afferma che questi esempi "bastano per fissare le basi della geografia urbana e conferirle una individualità reale, classificandola, accanto alla geografia politica ed economica, tra le subdivisioni della geografia umana".

In this number the engineer of the municipality of the Federal District, Jeronymo Cavalcanti, a well-known Brazilian urbanist with special studies in American and European capitals, starts his work in the "R. B. G." under the generic title of "Geography and its influence upon Urbanism".

He stresses the fact that an agreable climate, an alluvial nugget, or a strategical position are; inter alia, determining factors of the creation of cities, and arrives at the conclusion that, by the extraordinary influence of geography in exacting that in the planning of a city, or in the remodelling of it, the trends indicated by the topographic, meteorological, hydrographic, altimetric and antropogeographic conditions should be obeyed, the urbanist ought to "obtain information about the primitive periods so that, upon the motives of the past he may lay out the city of the future, without abandoning the present".

He studies the birth of the city of Rio de Janeiro, and demonstrates the presence of the factors: insufficient sunlight in the narrow streets, position of Praça 15 as a port and altimetric position of Morro do Castelo (Castle Hill), as an affirmation that, even in the rudimentary and unconscious aspect of that time, "urbanism was already a tangible fact of urban geography".

He cites *Kohl* when, at the time when Urbanism, as a science, was only intuitive, in studying the laws to which human residence was subject, the demonstrated that they constituted a science, the practice of which had to obey the precepts of antropogeography, and showed the example of ancient cities.

He goes on to describe the hygienic and the economic city, and gives examples in Rio of the geographic influence upon plans and densities, such as Copacabana, thickly populated, expensive land and de luxe architecture, as a consequence of being situated on the beach, and the "favelas" (hill slums), houses on the hills of difficult access, with sloppy architecture and of a different social type to Copacabana.

He states that Urban Geography is not merely a highsounding label, but that it has a real existence. He demonstrates that the geometric form of the cities, under the light of Urbanism, must be subjected to the principle of extension of Ratzel, since it occupies a part of the surface of the earth, attending also to the correlation principle of Ritter, since it inspires itself in similar relations existing in other countries, and to Humboldt's principle of causality, since it investigates the cause and observes the effects of the phenomenon. The city of São Paulo, presented by the author, offers a practical demonstration of the application of those principles, which are the very principles of scientific geography.

In referring to the city of Recife, on which he submits a study similar to that of São Paulo, minute and with interesting details, he mentions that man, there, owing to the constitution of the city in three geographically defined zones (the peninsula, the island and the continent) has determined the extension of the occurring phenomena, from the hydrographic system to the climatological, from the lowlands of the coast to the highlands of the interior; he looked for its causes in its topography and meteorology and, having found its effects, made a list of them and compared them with what he knew by experience of other parallels and meridians, and verified that the work to be done was one of human technique adapted to man's comforts and natural resources. "The sequence of these observations is nothing more than the application of the principles of Ratzel, Humboldt and Ritter to the service of scientific geography". "Urban geography is, in the case, like a rail that guides, directs and conducts Urbanism".

In conclusion he says that two elements of formation, specifically geographic — the hill and the river — were, respectively, the generating cause and the directing guide of the Urban Morphology of S. Paulo and Recife. Describing the various aspects of those cities and submitting examples of European ones, of the application of scientific principles of urban geography, that is, of extension, correlation and causality, he arrives at the conclusion that the same examples "are sufficient to affirm and confer to Urban Geography a real individuality, and to classify it alongside of politic and economic geography, as an authentic subdivision of human geography".

In dieser Nummer fängt Herr Ingenieur Dr. Jeronymo Cavalcanti, Ingenieur der Präfektur des Federal Distrikts und bekannter brasilianischer Urbanist, mit Spezialstudien in den grossen Hauptstädten Amerikas und Europas, seine Mitarbeit in unserer Zeitschrift "R. B. G." unter dem Sammeltitel "Die Geographie und ihr Einfluss auf den Urbanismus" an.

Er betont, dass ein günstiges Klima, eine Mineralquelle, eine pepita aluvial oder eine strategische Lage, unter anderem, die wichtigsten Faktoren einer Stadt sind und unterstreicht die besondere Bedeutung der Geographie. Ferner fordert er, dass bei irgend einem Plan einer Stadtänderung oder Neugründung die Beobachtungen, die durch die topographischen, metereoligischen, hydrographischen, altimetrischen und antropogeographischen Bedingtheiten festgestellt worden sind, als grundlegend betrachtet werden sollen. So sagt er, dass der Urbanist: "Informationen aus den primitiven Perioden sammeln soll, damit er, auf den Lehren der Vergangenheit fussend, es ermöglicht, die Stadt der Zukunft zu bauen, ohne die Gegenwart zu verlassen".

Er studiert die Genese der Stadt Rio de Janeiro und zeigt folgende damals schon vorhandene Faktoren: Prekäre Sonne in den engen Strasse, die Lage des Hafens der Praça 15 und die altimetrische Lage des Morro do Castello, welche beweisen, dass selbst in jenem rudimentären und unbewussten Zeitalter, "Der Urbanismus schon ein bestehender Faktor der Geographie der Städte war".

Er erwähnt K o h l, der in einer Zeit als der Urbanismus, als Wissenschaft noch vollig intuitiv war, und als er die Gesetze, welchen die menschlichen Behaustungen unterworfen waren, studierte, bewies, dass dieselben eine Wissenschaft darstellen, deren Praxis sich den

Begriffen der Antropogeographie zu unterwerfen haben. Zum Beweise seiner Behauptung fügt der Autor Beispiele alter Städte bei.

Er beschreibt die hygienischen und ekonomischen Fragen einer Stadt, und beweist sie an Hand von Beispielen der Stadt Rio de Janeiro, wo er auf den Einfluss der Geographie auf die Grundrisse und Dichtigkeit der Bevölkerung hinweist, wie z. B. der Stadtteil Copacabana, sehr dicht bewohnt mit teueren Grundstücken, prächtigen Bauten, bedingt durch seine Lage an dem Strand, und den Stadtteil der "Favelas", wo man Wohnungen auf Hügeln, mit schwierigem Anstieg, ungenügender Bauart und einem völlig verschiedenem sozialen Typ wie der von Copacabana sieht.

Er behauptet ferner, dass die Geographie der Städte nicht nur ein schontönendes Wort ist, sondern dass dieselbe wirklich besteht. Er beweist, dass die geometrische Form der Städte sich dem Prinzip der Ausdehnung von Ratzel unterwerfen muss, da sie einen Teil der Oberfläche der Erde besetzt; ferner muss das Prinzip der Wechselbeziehungen von Ritter beachtet werden, denn fast immer hat man sich auf ähnliche schon bestehende Formen von Städten in anderen Ländern berufen, schliesslich muss auch das Prinzip des Zufalls von Humboldt nicht ausser acht gelassen werden, um den Grund und die Wirkung des Phenomens zu studieren. Die Stadt S. Paulo, von dem Autor als Beispiel seiner Behauptungen erwähnt, bietet die Möglichkeit einer praktischen Demonstration der Anwendung jener drei Prinzipien, welche auch die eigentlichen Prinzipien der Wissenschaftlichen Geographie sind.

Ferner erwähnt er die Stadt Recife, von der er eine ähnliche Studie, wie von S. Paulo, macht, sehr genau und mit interessanten Details. So sagt er, dass in Recife der Mensch, infolge seiner Konstitution in drei geographisch genau festgestellte Regionen — Halbinsel, Insel und Festland — die Ausdehnung der bestehenden Phenomen festgelegt hat, von dem hydrographischen und klimatischen System, von dem leicht überschwemmten Küstenland bis zum bergigen Festland des Inneren, er sucht die Gründe in der Topographie und Metereologie und nachdem er die Wirkung festgestellt hat, vergleicht er sie mit seinen Erfahrungen aus anderen, ähnlichen in denselben Breiten und Meridianen, und kommt zu dem Resultat, dass die sich öffnende Aufgabe eine der Technik sei, die es ermöglichen soll, dass der Mensch die bestehenden Naturkräfte zu seinem Konfort benutzen und verwerten soll. "Die logische Folge dieser Beobachtung ist nichts anderes als die Anwendung der Prinzipien von Ratzel, Humboldt und Ritter, im Dienst der wissenschaftlichen Geographie". "Die Geographie der Städte ist in diesem Fall als ob sie die Schiene sei, welche den Urbanismus leitet und führt".

Am Ende seiner sehr interessanten Ausführung stellt er fest, dass besonders zwei Elemente von ausgesprochenen geographischen Charakter: Der Hügel und der Fluss, die Gründe und Führer der städtischen Morfologie von S. Paulo und Recife waren. Indem er die verschiedenen Seiten dieser Fragen beleuchtet und auch noch Beispiele ausländischer Städte gibt, die auch die wissenschaftlichen Prinzipien der urbanen Geographie angewandt haben, nämlich die der Ausdehnung, der Wechselbeziehungen und des Zufalls, schliesst er mit den Worten, dass diese Beispiele genügen um der Urbanen Geographie eine eigene Individualität zu geben und sie neben die politische und ekonomische Geographie, als eine autentische Unterteilung der menschlichen Geographie zu klassifizieren.

En tiu ĉi numero Inĝeniero Jeronymo Cavalcanti, oficisto ĉe la Federacia Distrikto kaj konata brazila urbanisto, kun specialigitaj studoj ĉe la grandaj ĉefurboj amerikaj kaj eŭropaj, komencas sian kunlaboradon en la "Brazila Geografia Revuo", sub la ĝenerala titolo "La Geografio kaj ties influo sur la Urbanismon".

Reliefigante, ke saniga klimato, minerala fonto, aluvia minajero aŭ strategia pozicio estas, inter multaj aliaj, kaŭzintaj faktoroj de urboj, li konkludas pri la eksterordinara influo de la Geografio sur ilin, postulante, ke, ĉe la reforma plano aŭ urba projekto, estu obeataj la orientadoj montritaj de la topografiaj, meteorologiaj, hidrografiaj, altimetriaj kaj antropogeografiaj kondiĉoj, kaj opinias, ke la urbanisto devas "ĉerpi informojn el la primitivaj periodoj, por ke, sin bazinte sur la pasintecaj kialoj, li povu projekti la estontan urbon ne forlasante la estantecon.

Li studas la originon de Rio-de-Janeiro, elpruvante la ĉeeston de la jenaj faktoroj: malforta sunfrapado ĉe la malarĝaj stratoj, havena pozicio de la Placo 15 de Novembro kaj altmetria pozicio de Monteto Kastelo, certigante, ke, eĉ ĉe la elementa kaj senkonscia aspekto de tiu epoko, "la urbanismo jam estis aŭtentika fakto de urba geografio".

Li citas *Kohl'on*, kiam, en la epoko en kiu la Urbanismo, kiel scienco, estis apenaŭ intuicia, studante la leĝojn, al kiu obeis la homa loĝejo, li elpruvis, ke ili formis sciencon, kies praktiko devas obei al la koncepto pri antropogeografio, kaj pri tio la aŭtoro prezentas ekzemplon de antikvaj urboj.

Li priskribas la higienan urbon kaj la ekonomian urbon, prezentante ekzemplojn el Rio-de-Janeiro pri la geografia influo sur la planojn kaj la homamasiĝojn, kiel okazis en la kvartalo Copacabana *(Kopakabana)*, kun densa loĝantaro, multkostaj terenoj kaj luksa arkitekturo, kiel sekvo de ties lokigo ĉe marbordo, kaj la "favelas", loĝejaĉoj sur montetoj, kies aliro estas peniga, kun ĉifona arkitekturo kaj socia tipo tute malsama ol tiu de Copacabana.

Li asertas, ke Urba Geografio ne estas simpla sonora etiketo, sed ĝi havas realan ekzistadon. Li rezone pruvas, ke la geometria formo de la urboj, laŭ la kriterio de la Urbanismo, devas obei al la principo de disvastiĝo de Ratzel, ĉar ĝi ja okupas lokon sur la tera suprajo, observante ankaŭ la principon de korelateco de Ritter, ĉar ĝi sin inspiras en samspecaj rilatoj ekzistantaj en aliaj landoj, kaj al la principo de kaŭzeco de Humboldt, pro tio, ke ĝi serĉas la kaŭzon kaj observas la efikojn de la fenomeno. La urbo São Paulo, prezentita de la aŭtoro, donas praktikan elmontron de la apliko de tiuj principoj, kiuj estas la propraj principoj de la scienca Geografio.

Aludante al la urbo Recife, pri kiu li prezentas studon analogan al tiu de São Paulo, plenan de interesaj detaloj, li diras, ke la tiea homo, pro ties organizo en tri regionoj geografie difinitaj, — duoninsulo, la insulo kaj la kontinento —, fiksis la amplekson de la fenomenoj okazintaj, de la hidrografia al la klimata sistemo, de la marborda marĉo al la enlanda masivo; li serĉis iliajn kaŭzojn ĉe la topografio kaj ĉe la meteorologio, kaj trovinte iliajn efikojn li komparis kaj analogiigis ilin kun tio, kio lia sperto konis el aliaj paraleloj kaj meridianoj, konstatinte, ke la efektivigota laboro estis tiu de la tekniko de l' homo kun adapto de la naturkondiĉoj al lia komforto. "La sinsekvoj de tiuj observoj nenio plu estas ol la uzo del' principoj de Ratzel, de Humboldt kaj de Ritter al la servo de la scienca geografio". "La urba geografio estas ĉiokaze, kvazaŭ la vojo kiu disciplinar, direktas kaj kondukas la urbanismon".

Finante li diras, ke du elementoj de ekskluzive geografia formado, la monteto kaj la rivero, estis, respektive, la naskinta kaŭzo kaj direktanta gvidilo de la urba morfologio de São Paulo kaj Recife. Priskribante la diversajn aspektojn de tiuj urboj kaj prezentante ekzemplojn el fremdaj urboj, de la aplikado de l' sciencaj principoj de la urba geografio, tio estas, de disvastiĝo, korelateco kaj kaŭzeco, li konkludas, ke la samaj ekzemploj "sufiĉas por firmigi kaj doni al la urba geografio realan individualecon kaj ĝin klasifiki flanke de la politika kaj ekonomia geografio, kiel aŭtentika subdivido de la homa geografio".

A PATAGÔNIA VISTA POR UM BRASILEIRO

(NOTAS DE VIAGEM)

Prof. *S. Fróis Abreu*

Consultor Técnico do Conselho Nacional de Geografia
Secção I — "Metodologia Geográfica"

Êste artigo não representa mais que algumas observações de viajante que, passando rapidamente numa região, fixa o que lhe despertou mais interêsse respeito às cousas e às pessoas. Trata-se de impressões que a Terra e a gente produziu num espírito afeito ao estudo da geografia. Serve de ilustração, pintando aspectos duma terra pouco conhecida e pode servir também de incentivo para iniciantes que passem rapidamente por tantos trechos do nosso litoral, ainda pouco conhecidos e nunca descritos. Daí nos parecer que cabe no programa da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA. Foi escrito a bordo do navio petroleiro "San George", dos *Yacimentos Petroliferos Fiscales en route* para La Plata. São, pois, idéias cruas e simples, sem o apuro de notas eruditas tiradas de autores que descreveram a região. São manifestações espontâneas das impressões colhidas e poderão estar sujeitas a defeitos de observação. *Maio de 1940*.

ARREDORES DE BUENOS AIRES

Buenos Aires está construída na grande planície cortada pelo grande estuário denominado *Rio da Prata*.

Todos os arredores teem o caráter semelhante que lhe impõe um mesmo tipo de construções e de ocupação. Das ruas, ou das praças o horizonte é sempre limitado e só de edifícios de certa altura pode-se descortinar uma área mais significativa. Deixando o aeródromo de *Quilmes,* afastado do centro cêrca de uma hora em ônibus, pudemos apreciar a paisagem que se afigura surpreendentemente monótona.

Rumando para o Sul em direção a Baía Blanca temos de percorrer cêrca de 600 quilômetros de planície que se apresenta igual desde que deixamos os subúrbios da capital. Nos campos há muito verde neste mês de Maio já no ocaso do outono, às portas do inverno. O gado *vacum* é abundante e não raro se notam as aglomerações dos animais, predominando os de côr vermelha. Percebe-se, mesmo dos 500 metros de altura, a preponderância da raça *Durham*. Os pastos são verdejantes e dão a impressão de pujança da terra e boa qualidade do alimento. Em certos trechos uma quadra está sendo revolvida, não há o tapete verde da vegetação, aparece o contraste dum negro denunciando excelentes terras ricas de humus. São as terras negras onde o trigo, o milho e outros cereais encontram condições muito favoráveis ao pleno desenvolvimento. Campos de cultura e pastos se alternam nessas pa-

ragens, sendo muitas vêzes impossível distinguir uns dos outros. Nos campos, vêem-se o gado e alguns rebanhos de carneiros que fogem à passagem do avião quando êste voa a menos de 300 metros. Os tipos de fazenda são bem diversos dos nossos. De longe se percebe uma delas porque a monotonia da planície é perturbada por um grupamento de árvores altas (álamos) em tôrno da casa da fazenda. As construções de fôlha corrugada (fôlha de zinco) são a regra geral e o gado se aloja num galpão de zinco, perfeitamente fechado. À primeira vista pensa-se num hangar para aviões, tal a diferença com os nossos currais desabrigados. E' a influência do clima; os ventos, o frio e o preço do material estabelecem essas construções que aquí desconhecemos e que o clima não permitiria.

Muitas vêzes em tôrno da casa há um lindo parque, sempre com árvores grandes e esguias, muitas com o porte dos eucaliptus.

Algumas casas de fazenda teem dois andares e mostram ser construções de certo valor. As cêrcas são retilíneas e os caminhos por entre os prados seguem grandes extensões em linha reta. Um contraste perfeito com a maioria dos nossos caminhos que vão ziguezagueando por entre morros ou acompanhando os leitos dos rios. A água não parece escassa; frequentemente há pequenas lagoas que não devem ser muito profundas em vista das condições topográficas, talvez mesmo sejam tanques abertos pela mão do homem para a aguada dos animais.

Não sei se apenas recolhem as águas das chuvas ou se são alimentados por algum lençol d'água subterrâneo.

No primeiro caso devem secar na época de estiagem e então devem desaparecer todos aqueles banhados e lagoas que nalguns trechos aparecem com tanta frequência. Que existe um lençol d'água subterrâneo temos a prova porque nas fazendas há sempre um poço tabular com catavento, bombeando água para um tanque, ora em elevação, ora cavado no solo. O panorama se afigura triste a quem observa as fazendas de um avião. Não há encantos naturais como aquí no Brasil; tem-se a impressão de que a fazenda deve ser apenas uma sede exclusiva de trabalho, sem uma influência amenizadora das matas com pássaros, das cachoeiras, dos grotões de vegetação pujante, tão característicos das nossas zonas serranas. Em tôrno da sede da fazenda, que em geral consta duma casa grande e dois galpões de zinco, são as extensões enorme, repartidas em quadrículas de cêrcas separando pastos e plantações.

O quadro é muito simples e reflete uma vida monótona do criador nos pampas. Nos trechos agrícolas vêem-se máquinas de ceifar, mais construções de zinco em tôrno da casa denotando uma atividade mais intensa. Gente nos caminhos quasi não se vê porque o frio da época, o vento que sopra, não convida a estar fora de casa. Também contraste com o Brasil, onde os aviões são sempre olhados com admiração pela gente que sai das palhoças e fica no terreiro a dar adeus aos passageiros.

Entre Buenos Aires e Baía Blanca há 600 quilômetros e os únicos relevos são representados pela *Serra Ventana,* já perto de Baía Blanca. Os perfís denotam séries sedimentares ou metamórficas com um tectonismo acentuado e nas encostas a vegetação já se apresenta com algum porte, enquanto que no pampa só há a relva sôbre o solo absolutamente plano. As altitudes parecem da ordem de 800 a 1.000 metros. Baía Blanca, vista somente de longe, já aparece como uma grande cidade que é.

DE BAÍA BLANCA A COMODORO RIVADÁVIA

Deixando Baía Blanca o aspecto topográfico já se modifica. Não se vê mais o campo verde nem a superfície absolutamente plana. A vegetação rasteira muda de côr e passa a um verde cinza, e a um cinza amarelado, formando, às vêzes, tufos um pouco mais altos que todavia não devem atingir a um metro. Começa nitidamente a transição para as terras áridas da Patagônia. Desaparecem as fazendas e os campos de cultura. Não se vê mais uma cabeça de gado *vacum* e agora somente os carneiros soltos, sem os limites ortogonais das cêrcas de arame. Raramente se percebe uma habitação tôsca, sem a graça de um parque em volta.

Não há mais a terra negra do pampa, o solo é cinzento amarelado dando a impressão de terra pobre. Desaparece também a água que na época das chuvas deve correr abundante nos vales secos de encostas abrutas.

E assim se viaja até Santo Antônio do Oeste que é um povoado à margem do Oceano. Nos 300 km que percorremos em linha reta desde Baía Blanca, tem-se a monotonia da paisagem cinzenta, mais movimentada que o pampa, porém chata e sulcada por vales de erosão.

Baixando em Santo Antônio vê-se que o solo é coberto por pedregulho formado por seixos de diversas côres de rochas eruptivas da cordilheira. A vegetação é enfezada e cinzenta, afeita a um ambiente desértico, com fôlhas duras e talos resistentes, formando pequenas moitas entre a terra arenosa coberta de pedregulho. Já se sente perfeitamente o ambiente patagônico. Santo Antônio do Oeste é uma pequena cidade ou "pueblo", como chamam, à margem do oceano no território de Rio Negro. A cidade vista de avião é esquisita, tem aquela tristeza das cidades patagônicas. As casas naturalmente obedecem a um estilo de acôrdo com as condições climáticas reinantes. Teem uma feição especial onde se ressalta a falta de tetos agudos ou elementos frágeis expostos à ação dos ventos que alí sopram com intensidade. Já se percebe a luta contra o vento na disposição das casas e no oferecer o mínimo de superfície à sua ação. A côr da cidade é cinzento-amarelado, como a terra da Patagônia e a impressão que dá é de tristeza e desolação. De avião, pelo menos, não se vê uma parede branca, nem um teto de telhas vermelhas. Um caminho de ferro passa pelo povoado e con-

tinua para um lado e para o outro. Vai até Viedma mais a E. e daí continua para o N. até Baía Blanca. Para oeste continua, em demanda da cordilheira dos *Andes,* onde alcança a região do lago *Nahuel Huapi* no povoado de Barriloche, conhecido centro de turismo e estação de esportes de inverno. Mais ao N. de Santo Antônio de Oeste corre o rio *Negro* em cujo vale estão as melhores zonas de cultura de frutas de climas temperados (uvas, maçãs, peras, pêssegos) e há grandes centros de fabricação de vinhos afamados — os célebres vinhos do Rio Negro. Santo Antônio do Oeste, entretanto, não dá idéia dessas qualidades da terra, se bem que se note, em tôrno das casas, muitas árvores, que agora estão despojadas de fôlhas.

Mais uma hora de vôo sôbre os mesmos terrenos maus, com a monotonia das mesmas côres e os chapadões sem água e sem povoamento. De raro em raro pode-se perceber alguns carneiros, não em grandes rebanhos, porém espalhados no deserto à cata dum tufo mais viçoso.

Habitações praticamente não há nesses 300 km atravessados em vôo baixo. Chega-se a Trelew, na foz do rio *Chubut* e se tem outro oasis. O "pueblo" é triste e cinzento, bem se vê que é uma cidade patagônica, porém informam que para o centro, ao longo do rio, há grandes culturas de frutas e legumes, tal como em Rio Negro. Na Patagônia a riqueza é função da possibilidade de água. Onde ela existe, os homens se entregam à agricultura e a produção é excelente. Trelew é centro de exportação de frutas e legumes que vão não só para Buenos Aires como também para as cidades e "pueblos" ao longo da costa patagônica. A influência estrangeira por essas paragens é grande e se revela até na nomenclatura geográfica, como Trelew, Rawson, etc.

De Trelew até Comodoro Rivadávia em linha reta são cêrca de 360 km sôbre os desertos semelhantes ao da etapa entre Santo Antônio do Oeste e Trelew. Raros carneiros, nenhum povoamento importante, a aridez e o cinza triste da paisagem patagônica. A topografia torna-se mais irregular à medida que nos aproximamos de Comodoro Rivadávia.

E' que o planalto patagônico aquí chega mais junto ao mar, com cotas mais altas, recortado por cursos d'água na época chuvosa. São frequentes agora os vales apertados, verdadeiros *canions,* os *canhadões* e os esbarrancados que deixam ver a sucessão dos estratos horizontais das camadas terciárias.

Grande parte da Patagônia está coberta por uma série de argilas que se depositaram num mar terciário e que hoje constituem as camadas do Patagoniano, terreno que recobre os horizontes em que se acham as camadas petrolíferas.

Êste terreno encerra grandes camadas de ostras enormes chamadas "Ostrones" que podem ser vistas nos morros nos arredores do "pueblo" de Comodoro Rivadávia. Provam elas a ocupação marinha em época relativamente recente. A história geológica da Patagônia en-

sina que depois duma longa permanência emersa, no período cretáceo, recebendo acumulações de detritos de origem continental ora coberta por águas rasas, e doces, ora recebendo material acumulado pelos ventos, teve fases de invasão temporária do oceano, que deu origem às formações marinhas do período terciário.

As perturbações sofridas pelas camadas terciárias dêste planalto patagônico, teem sido do tipo de fraturas e não de dobramentos, como os que mais caracterizam as formações geológicas da cordilheira andina, mais a oeste. Resulta que a Patagônia se apresenta como uma associação de mesetas, em planos diferentes, umas extensas, outras menores, onde os cursos d'água em certa época do ano cortam cada vez mais os sedimentos, deixando vales abertos ou muros a pique de acôrdo com a natureza das camadas locais.

COMODORO RIVADÁVIA

A característica geral é a topografia tabular, quasi nua de vegetação, com algumas saliências nos perfís, resultantes de camadas mais resistentes à erosão. Êsses planaltos, na região de Comodoro Rivadávia, chegam até o mar e caem aí em escarpa vertical, solapados pelas águas do oceano. Lindos tipos de falésias podem ser vistos ao Norte de Comodoro Rivadávia e também pouco ao sul do "pueblo". Muitos trechos estão em constante desagregação e exemplo evidente se tem no sopé da meseta que se interpõe entre o acampamento principal do YPF e o "pueblo". A estrada que por alí passa, tem de ser constantemente reparada porque o morro se desagrega e corre numa periódica tentativa de obstruir o caminho. As camadas da superfície do solo alí são constituídas por argilas que na época sêca são elevadas pelos ventos em forma de sufocantes e densas nuvens de pó. Com as chuvas, se transformam em lama escorregadia que cobre tôdas as ruas e estradas, dificultando enormemente a circulação dos automóveis e dos pedestres. Daí o uso quasi obrigatório de correntes nos pneumáticos dos veículos e o emprêgo generalizado de botas para as pessoas que teem de sair à rua na época das chuvas.

Pouco chove na Patagônia, segundo me afirmam; em Comodoro Rivadávia a precipitação anual é da ordem de 500 milímetros tendo havido excepcionalmente grandes chuvas e no ano passado, que foram relacionadas com sismos na cordilheira. Nós tivemos a agradável surprêsa de uma noite de chuva durante a estada, o que nos proporcionou conhecer a lama das ruas e das estradas no dia seguinte pela manhã. Assim, no curto período de uma semana, vimos as nuvens de poeira, e a lama patagônica, só faltando presenciar o aspecto das geadas que já podiam cair naquela época (fim de Maio).

O clima de Comodoro Rivadávia desempenha um papel muito importante no povoamento. E' um clima essencialmente seletivo; com o rigor de suas ações, elimina os fracos e só permite a vida na Patagônia

aos que são fortes. E' sabido que as pessoas com afecções pulmonares teem logo os incômodos agravados até a morte; os que resistem, ao contrário, estão à prova de saúde.

O ambiente é extremamente sêco e nós mesmos pudemos presenciar que após uma noite de chuva que formava um lodaçal bem fluido sôbre as ruas, bastou um dia de sol para secar completamente os caminhos. O boletim meteorológico, que nos passou pela vista em certo dia, acusava 45 % de umidade relativa. Daí não ser tão desagradável o frio naquelas paragens; para uma temperatura externa em tôrno de 5° a 6° que tínhamos, a sensação não era tão desagradável quanto 20° no inverno do Rio de Janeiro com grau higrométrico superior a 80.

Além disso, lá se usam todos os artifícios para a luta contra o clima. Os agasalhos são adequados, os bonés e boinas substituem os chapéus de abas largas que não resistiriam à violência dos ventos. Chapéus de sol nunca são usados porque antes de serem revirados pelo avêsso ofereceriam tal resistência que impediriam o portador de caminhar.

E' preciso saber andar quando o vento sopra forte; quem chega, não sabe caminhar em linha reta e se fatiga logo no esfôrço despendido pela resistência que tem de vencer. Se alguém caminha a favor do vento tem de pisar duro, fazendo fôrça para não ser levado; ao contrário, se vai contra o vento, precisa inclinar o corpo para a frente e virar um pouco de lado para oferecer menor resistência à corrente de ar. Ao passar nas ruas ou atrás de um morro, em pontos abrigados ao vento, volta-se ao passo normal e às atitudes costumadas, porém, logo ao dobrar adiante uma esquina ou ao desabrigar-se duma elevação, toma-se um jato de ar que desequilibra e leva ao andar forçado dos habitantes do lugar. Disso resulta um esfôrço muito grande a que já estão habituados os naturais, porém que se faz sentir aos que alí chegam e são obrigados a caminhar ao desabrigo. Daí o uso generalizado do automóvel que substitue por completo o animal de sela.

Todos os serviços de comunicações do YPF são feitos com autos e caminhões e o número de taxis alí chamados "coletivos" é enorme e serve aos que transitam de um lado para outro. Tôda pessoa de certo nível já tem um carro. Informou-me um engenheiro que C. R. é o lugar entre os de maior densidade de autos; conta-se 1 para cada 8 habitantes. Nessas condições, como entre o acampamento do YPF, o "pueblo" e o acampamento da Ferro Carrileira há mais de 16.000 habitantes, deduz-se haver cêrca de 2.000 autos. As estradas cortam o deserto pondo em comunicação os lugares povoados. Para o Norte segue a de Trelew e vai se ligando a outras até Buenos Aires; para o Sul continua até os "pueblos" mais meridionais da Patagônia, para oeste segue até a cordilheira dos Andes e atinge as praias do Oceano Pacífico.

O vento forte e quasi constante é uma característica climática da Patagônia. Vem dos Andes em demanda dos centros de baixa pressão do Atlântico Sul. Sua influência se faz sentir na vida dos habitantes

de Comodoro Rivadávia. As casas são orientadas de modo a oferecer maior abrigo ao vento; o material de construção e a forma exterior, também obedecem à influência do vento. Os jardins são abrigados por anteparos e há um cuidado especial em proteger as raras e pequenas árvores contra a pressão do vento.

Como a natureza é áspera e dá impressão de tristeza e desolação, o YPF construiu um parque em lugar abrigado, onde fez um grande jardim e plantou árvores que ainda não estão crescidas. Os cuidados que requerem tal parque dão uma idéia do esfôrço dos argentinos para fazer Comodoro Rivadávia. Para um simples jardim, foi necessário canalizar água e distribuir de espaço a espaço, pulverizadores que irrigam o terreno. Como água é coisa preciosa, captada com dificuldade a algumas dezenas de quilômetros, empregam aí as águas já usadas pela população, depois de certo tratamento. O terreno é cuidadosamente adubado com estrume da cavalhada do quartel, é cercado com tela para evitar os coelhos selvagens, altamente daninhos, e em tôrno, no alto das mesetas, as tôrres de petróleo se erguem com suas alavancas em movimento compassado, bombeando noite e dia o precioso líquido.

A velocidade do vento enquanto lá estivemos foi da ordem de 60 a 70 quilômetros por hora o que já é muito apreciável; informam que frequentemente passa de 100 kms e já se tem registrado casos de perto de 200. Tais ventanias arrancam casas mal construídas e arrojam pelos despenhadeiros autos que passam nas chapadas. Os aviões da Aero Posta Argentina S. A. que fazem a linha Buenos Aires até a Terra do Fogo, são tri-motores Junckers pilotados por hábeis aviadores acostumados a lutar com êsses ventos. E' notável que trafegando em regiões tão sujeitas a intensas perturbações atmosféricas nunca se tenha registrado um acidente fatal a passageiros, em cêrca de 10 anos de serviço regular. Por exceção houve um acidente que matou o pilôto, em dia de temporal e nevada junto ao Pico de Salamanca, morro cônico, ao Norte de Comodoro Rivadávia.

A aviação veio abrir novos horizontes à Patagônia que estava separada por alguns dias de viagem em vapor ou automóvel. (De Comodoro a Buenos Aires 3 dias em vapor, pouco mais em penosa viagem de automóvel).

Hoje se vai a Comodoro em 6 horas de avião, com duas viagens semanais de ida e volta. Aos domingos parte um avião de Buenos Aires atingindo a Terra do Fogo, com escalas em Baía Blanca, Santo Antônio do Oeste (perto de Rawson), Trelew, Comodoro Rivadávia, Puerto Deseado, San Julian, Santa Cruz, Rio Gallegos e Rio Grande, êste na Terra do Fogo, a cêrca de 54° de latitude S. Às quintas-feiras, o serviço é feito até Comodoro Rivadávia, que fica no paralelo de 46°. Não é difícil guardar as latitudes dêsses dois pontos; Rio Grande fica a um grau ao N. do ponto extremo da América do Sul, que é sabido ter a latitude de 55°; quanto a Comodoro Rivadávia, os poços de petróleo são referidos nas plantas a dois eixos coordenados, um dos quais

é o paralelo 46° lat. S. Assim, o longínquo "pueblo" do Rio Grande distante cêrca de 2.700 kms num recanto gelado da Terra do Fogo, tem semanalmente um contacto com a Capital da República.

A população de Comodoro Rivadávia é altamente cosmopolita e houve época em que, segundo informação de um amigo, havia 64 nacionalidades dentre os empregados do YPF. No rápido contacto que tivemos houve ocasião de tratar com engenheiros norte-americano, alemão e holandês; perfuradores tcheco, polonês, português, espanhol; montadores búlgaros; barbeiro iugo-eslavo; eletricista alemão; operário uruguaio; comerciante japonês e suecos; e nós brasileiros — nada menos de 14 nacionalidades, num contacto de poucos dias e sem a preocupação de estudos demográficos. Ainda há os franceses da Companhia Schlimberger, os ingleses da Companhia Diadema (Royal Dutch "Shell"), provavelmente os suíços da companhia Astra e muitos russos, o que fará, com italianos natos alí comuns e os argentinos, nada menos de 20 nacionalidades de todos os climas e quasi todos os continentes, aquí reunidas, arrostando as asperezas da Patagônia.

Os alemães são numerosos e ocupam certas posições de destaque, o que não deixa de causar certas apreensões às autoridades, nesta época. Foram, entretanto um dos fatores do progresso da Patagônia, com seu trabalho e sua inteligência. Atualmente os próprios argentinos dominam tôdas as posições e estabelecem a norma de ir substituindo paulatinamente os elementos estrangeiros pelos nacionais de igual capacidade. Também se distinguiram no desbravamento da Patagônia, os italianos e os portugueses. Aqueles, como em tôda a República Argentina, representam um elemento civilizador de alto quilate, contribuindo para o progresso do País e radicando-se ao solo de uma terra que elegem sua nova Pátria. Os argentinos descendentes de italianos se salientam pelo espírito progressista, pela capacidade de trabalho, pela adaptabilidade aos mais diversos tipos de atividade. A influência italiana na formação do povo argentino e na manutenção da atividade agrícola e industrial tem sido notável.

Com justa razão um amigo, velho cidadão britânico, me afirmava que os ingleses contribuíram com o capital para o desenvolvimento da Argentina, porém o trabalho foi na maior parte devido ao braço italiano.

Os espanhóis estão muito espalhados na Argentina, e Comodoro não faz exceção; o melhor hotel é de espanhóis, que também representam um grande e bom coeficiente demográfico.

Os portugueses teem um papel muito destacado em Comodoro Rivadávia. O primeiro indivíduo a quem falamos quando descemos do avião no aeroporto, era português. Mais tarde vimos a barbearia Lisboa e tantos outros estabelecimentos que denotam a influência portuguesa no "pueblo" de Comodoro. Onde os portugueses mais se destacam, não é por trás de um balcão, como no Brasil, mas no árduo trabalho de sondagem de petróleo. Há alguns anos atrás quasi todos os sondadores eram portugueses, que se distinguiam pela resistência às intem-

péries. Só o português suportava trabalhar nas noites de inverno, desabrigados, na plataforma das sondas, varridos pelo vento patagônico e açoitados pelas tempestades de neve.

Nos "canhadões" mais ermos, onde a neve se acumula aos metros, o português lá estava, dias e noites, a baixar a ferramenta, a secar os testemunhos, a entubar os poços, com uma perícia que se tornou célebre.

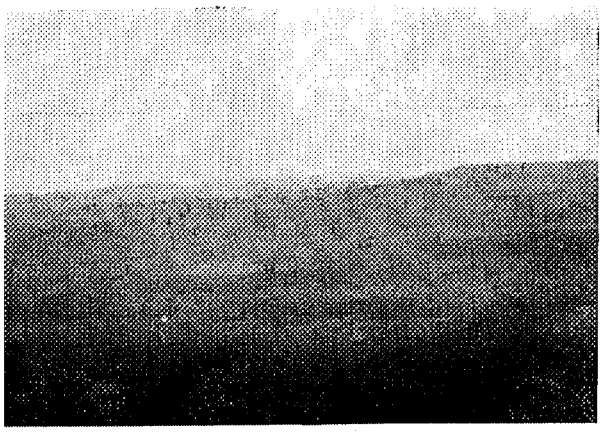
Ainda hoje há muitos sondadores e operários portugueses ativos e robustos que se adaptam perfeitamente ao trabalho bruto das sondagens e resistem bem às inclemências do meio.

Distinguem-se também no serviço de sondagem os búlgaros, especializados em montagem de tôrres, o que fazem com grande perícia e rapidez. Há uma quantidade enorme deles, quasi todos montadores de tôrre ou condutores de carros de praça. Fazem o trabalho de montagem por empreitada e em poucos dias, desmontam e montam os *derricks* de 122 pés das *rotary*. Só quem já esteve no alto duma tôrre pode imaginar o que será o trabalho de montagem com um vento soprando com velocidade da ordem de 60 a 100 km.

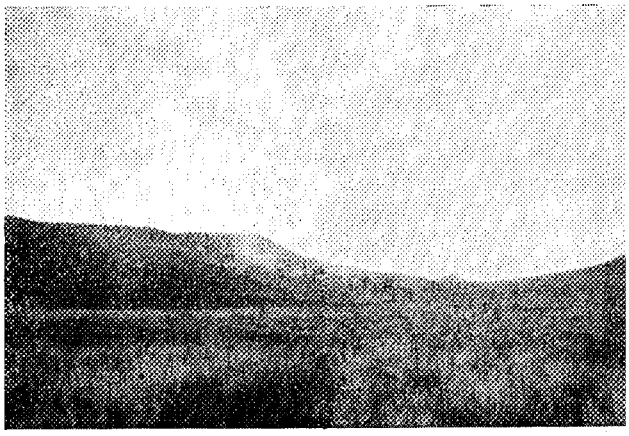
Quando se observa êsse grupamento de gente em lugar outrora tão ermo, e possuindo condições mesológicas tão desfavoráveis a um povoamento estável, ocorre logo uma pergunta: — Por que razão Comodoro Rivadávia tem essa vida ? A resposta é evidente — por causa do petróleo.

Tudo lá está diretamente ligado ao petróleo; o petróleo é a razão de ser daquela atividade, daquela promiscuidade de povos e idiomas, dos bancos, das casas de moda, das joalherias, dos cinemas e teatros, das casas de peles, das confeitarias e *bars* e dos salões de chá para famílias. Aquele ar de civilização que se nota no "pueblo" é o resultado dêsse trabalho em tôrno do petróleo.

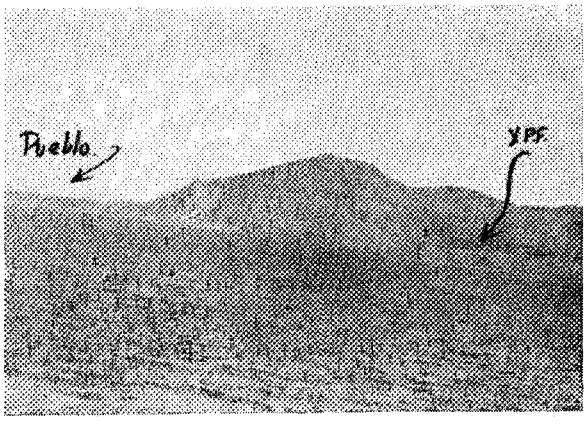
Frequentemente as minas não criam cidades, apenas ocupações temporárias que não resistem a uma vida muito longa. Em Comodoro Rivadávia, pelo afastamento de qualquer centro civilizado, e pela própria natureza do trabalho, influindo também a diretriz traçada pelo YPF, surgiu um povoamento estável acompanhado por todos os acessórios de uma grande cidade. Traçando para a exploração do petróleo argentino um programa meditado, progressivo e fundamentalmente patriótico, os iniciadores dessa grande obra, tendo à frente a figura relevante do general Mosconi, quiseram fazer de Comodoro Rivadávia não um *pool* de exploração desordenada e efêmera porém um campo de petróleo racionalmente aproveitado. Daí a grande obra que levaram a efeito durante anos consecutivos, cuidando do abastecimento d'água, dos transportes, da questão de povoamento e abastecimento de víveres, das comunicações com a Capital, de tudo, enfim, que fizesse do "pueblo" e do acampamento do YPF uma unidade antropogeográfica homogênea e estável.



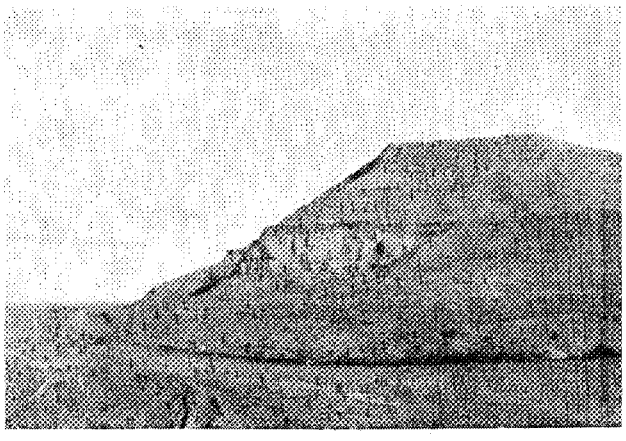
specto do planalto da Patagônia a oeste de Comodoro Rivadávia. Fot. Frois Abreu



Topografia tipica da região de Comodoro Rivadávia, a cêrc de 30 km do litoral. Fot. Frois Abreu

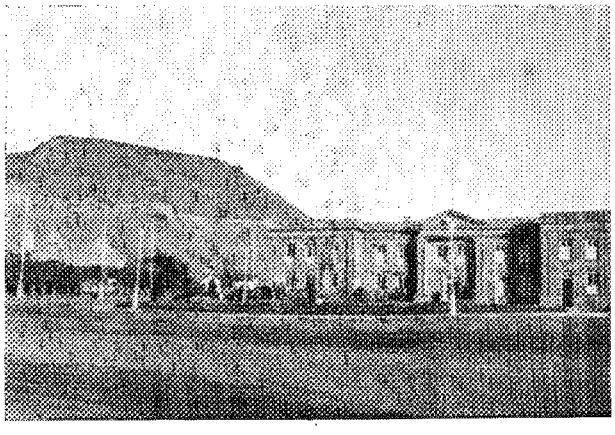


do litoral em Comodoro Rivadávia. Fot. Frois Abreu

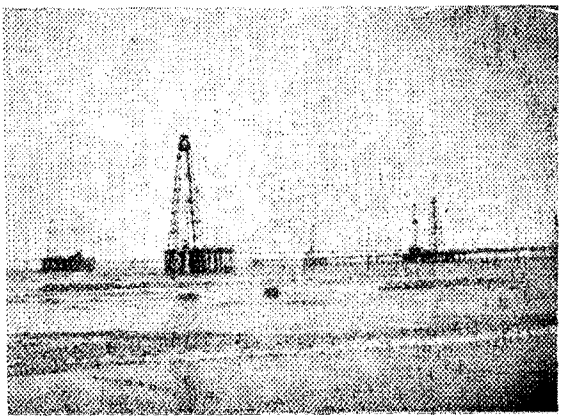


Morro "Chenque" entre o Pueblo de Comodoro Rivadávia c acampamento da Y. P. F.. Apresenta camadas do Patagonian com bancos duros de ostras. Fot. Frois Abreu

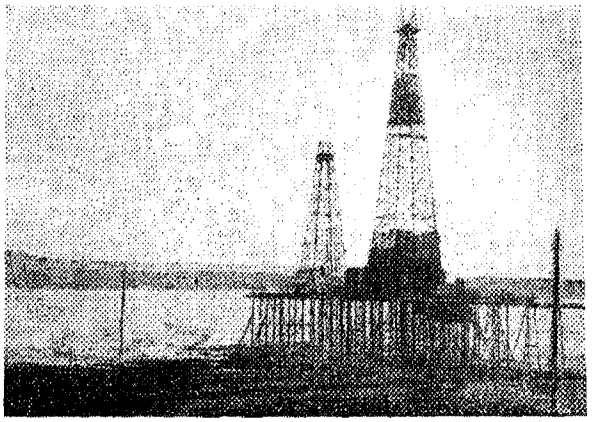
a do Pueblo de Comodoro Rivadávia tirada do morro "Chenque". Fot. R. Orlando



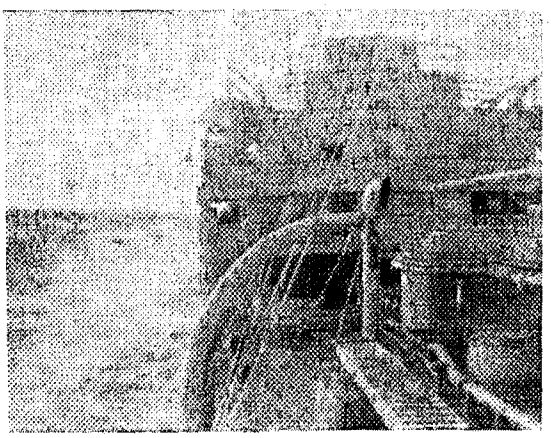
Vista da sede do Y. P. F. em Comodoro Rivadávia, vendo- alguns poços de petróleo no morro ao fundo. Fot. Frois Abre



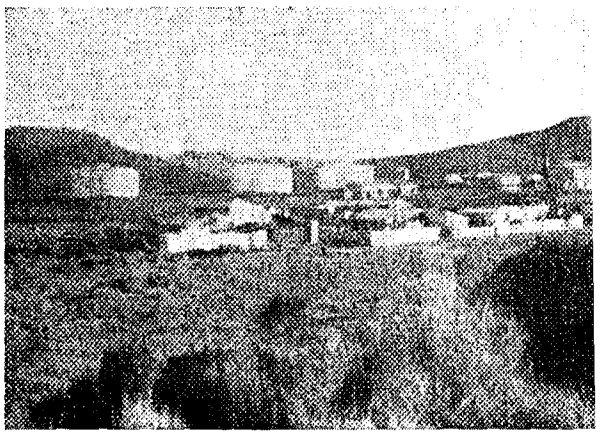
Parte do campo petrolífero sob o oceano. Poço 99 e outros. Comodoro Rivadávia. Fot. R. Orlando



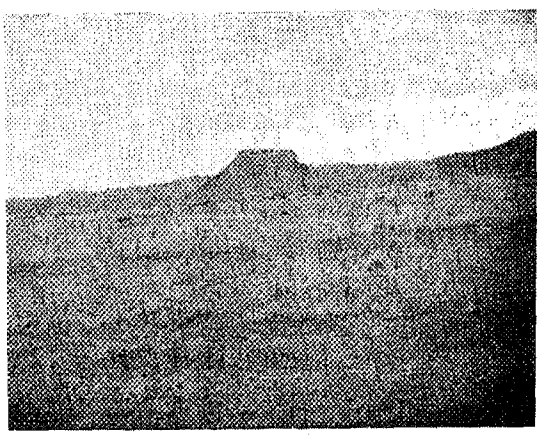
Poços de perfuração fora da vertical (perfuração dirigida) na caleta Córdoba. Comodoro Rivadávia. Fot. Fróis Abreu



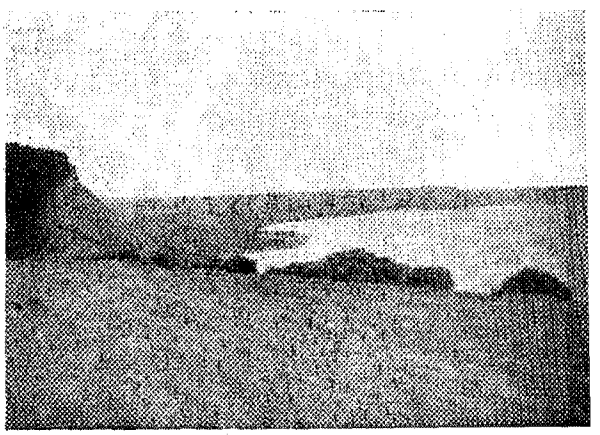
Navio petroleiro "San George", o mais moderno da frota da Y. P. F.. Foto tomada em viagem, gentilmente concedida pelo eng. Don Ricardo Silveyra, presidente da Y. P. F. Foto Fróis Abreu



Acampamento da Diadema Argentina, companhia filiada ao grupo Shell. Km 27 da estrada de ferro para Colônia Sarmiento Foto Fróis Abreu



Cerro Mangrujo ("Atalaia"), entre Comodoro Rivadávia e Puerto Descado. Note-se a planície desértica. Fot. R. Orlando



Litoral da Patagônia entre Comodoro Rivadávia e Puerto Deseado. Note-se a horizontalidade do perfil. Fot. R. Orlando

Nem a feição espiritual duma cidade grande falta alí; os colégios de religiosas, o estabelecimento dos padres salesianos, as igrejas, expandem idéias de disciplina moral e religiosa do mesmo modo que a unidade do Exército, alí aquartelada, sugere à multidão uma disciplina rigorosa, pelo exemplo e pelas armas. Num ambiente, tão heterogêneo, onde se misturam tantos idiomas e tantas tendências raciais, com mais de 2 mil poços a bombear petróleo do sub-solo com uma trama de *pipelines* e numerosos tanques de grande volume, a possibilidade dum incêndio criminoso é eminente.

Daí a grande fiscalização em todos os setores de trabalho e as medidas preventivas contra incêndio.

A exploração do petróleo alí é executada pela Direção do YPF em C. R. que está sujeita à Direção Geral, em Buenos Aires, com que se comunica por via telegráfica, por via aérea e por via marítima. O acampamento principal do YPF fica a cêrca de 3 km do povoado e consta dum verdadeiro povoado privativo aos empregados do YPF. Tem-se alí os diversos bairros com casas para operários de várias categorias, casas dos engenheiros, comércio do YPF e comércio dos concessionários (pessoas que teem concessão para se estabelecer dentro da área oficial), batalhão do Exército, oficinas, almoxarifado geral, garage, hospital, igreja, usina elétrica, etc. A sede, numa praça, tem à frente uma estátua do Gal. San Martin sôbre um grande pedestal formado por um tronco de madeira fossilizada por silicificação. Êsses troncos silicificados são encontrados com certa abundância mais para o interior e representam os vestígios das antigas florestas do período cretáceo.

Aproveitando um dêsses troncos para apoiar o busto de San Martin, tem-se perfeitamente a imagem do pensamento que sempre guiou o General Mosconi, — o patriotismo — encarnado em San Martin assentando sôbre uma base geológica, a madeira fossilizada.

A fachada do edifício é de pedra tôsca, ao que parece algum dos bancos de ostras que formam camadas resistentes entre os terrenos do Terciário Patagoniano.

Alí está a administração geral, ao cargo do Engenheiro Raventos e as chefias das diversas secções: geologia, perfurações, exploração industrial, armazenagem, transporte, obras e projetos, etc.

Não obstante ser uma repartição oficial, onde o horário é geralmente mais suave que nas emprêsas particulares, trabalha-se alí de 8 horas da manhã até 6 da tarde, com intervalo apenas de 1 1/2 hora para almôço (12 às 13,30). Na época de inverno, 8 horas da manhã é ainda escuro e 6 da tarde já é noite fechada, devido à alta latitude. No inverno as condições são tão más que as escolas não funcionam.

Tôda a energia elétrica para os acampamentos (fôrça, e iluminação), bem como para o "pueblo", é fornecida por uma possante usina elétrica com capacidade de cêrca de 30.000 kW, alimentada com o gás dos poços de petróleo.

Dêste modo, a energia é bem aproveitada e barata e é distribuída pelas bombas de todos os poços até distâncias de mais de cem quilômetros.

A eletrificação generalizada é uma característica do campo de Comodoro Rivadávia. A oficina está aparelhada com tornos e *fraises* capazes de executar serviços de alta precisão e responsabilidade; há também uma secção de fundição em forno elétrico que permite a reconstituição integral de trépanos, não só dos tipos *dragbits* como também dos complicados *rock-bits* tricônicos. Isso a nosso ver é o índice de uma alta capacidade técnica dos argentinos e representa uma certa economia no custo de perfuração. Mesmo na hipótese de haver lucro muito pequeno, o fato de preparar trépanos e reparar tôdas as peças de uma sonda, de construir integralmente mancais de rolamentos e objetos de tal natureza, tem uma alta significação porque mostra a atual capacidade metalúrgica e mecânica dos operários argentinos, pondo o país, em caso de necessidade, independente das grandes firmas norte-americanas.

A organização de transporte é perfeita e para tal dispõe de numerosos caminhões, tratores, caminhonetes e autos. Tem por fim promover a condução rápida de pessoal e de material para os diversos pontos de trabalho.

Como há uma enorme rede telefônica comunicando os poços, os tanques, as estações de recalque, as usinas de separação, etc. com a administração central, torna-se possível em poucos minutos providenciar condução e transporte de cousas ou pessoas para os lugares mais distantes.

Na parte referente a perfurações nota-se que a sondagem pelo sistema *rotary* substituiu as antiquadas sondas de percussão, e que a maioria das sondas são movidas com motores elétricos. Há cêrca de 25 sondas em trabalho ativo nos campos da região de Comodoro Rivadávia, somente algumas movidas a vapor e outras a Diesel. A eletrificação tem como vantagem o preço baixo da energia, a facilidade de ação, a desnecessidade de consumo de água que é coisa preciosa na zona.

A profundidade dos poços no litoral é da ordem de 600 m — o necessário para alcançar o principal horizonte de óleo; mais para o interior, atingem e passam 1.000 metros. Uma característica geral ao distrito petrolífero da Patagônia é a falta de pressão nos poços, que não chegam a jorrar. Todos teem de ser bombeados e a produção varia muito, de acôrdo com a posição estrutural e a natureza das areias produtoras. Há vários poços perfurados na praia, ou em lugares ocupados sempre pelo mar. Para sobrepujar dificuldades técnicas, estão sendo feitas perfurações dirigidas buscando depósitos sob o oceano.

O petróleo em Comodoro Rivadávia está distribuído em certas zonas faltando em outras intermediárias. Após inúmeras perfurações chegaram os técnicos a determinar as zonas produtivas e as que são estéreis. Em vista disso, há campos diversos onde se agrupam as perfu-

rações. O YPF tem o acampamento central, o acampamento Sul, a "caleta" Córdoba, o "canhadon" Perdido, e outros campos menores, bem como poços esparsos de estudo. No km 27 da Estrada de Ferro que vai de Comodoro Rivadávia a Colônia Sarmiento (cêrca de 120 km), fica o acampamento da Companhia Diadema Argentina de Petróleo S. A., filiada ao grupo Royal Dutch and Shell. Com suas oficinas, escritórios, residências, usina, instalações de armazenagem e demais dependências essa Companhia também prima pela organização. O óleo produzido na região é conduzido por uma *pipe-line* (óleo bruto) até o litoral e embarcado para a refinaria. No km 5 fica a Companhia Ferro Carrileira que explora o campo numa concessão nesse trecho e possue aí uma refinaria. Como a concessão a essa Companhia só abrange a terra firme, o YPF colocou alí vários poços nos lugares invadidos pela maré e portanto fora da área de concessão particular. Ainda se encontra na região a Companhia Astra, que explora uma pequena área.

A geologia de Comodoro Rivadávia foi bem estudada, principalmente por alemães e italianos, destacando-se também argentinos como os irmãos Ameghino — os grandes e saudosos cientistas desvendadores das formações pampeanas. Na geologia, Windhausen, Ferruglio, Wichmann, Fossa Mancini são nomes que se distinguem pelas contribuições à geologia do petróleo, devendo ser posto em grande relêvo o último, que por vários anos foi o geólogo chefe do YPF.

Na região de Comodoro Rivadávia o petróleo se acha em camadas arenosas protegidas por capas argilosas, no terreno cretáceo de origem continental.

As sondagens em busca de óleo começam em geral atravessando as camadas terciárias do Patagoniano, depois penetram no cretáceo e aí encontram uma camada de argila contendo ostras, chamada o banco de ostras — que denuncia a aproximação das areias petrolíferas. O problema das águas é aquí importante e seu isolamento perfeito constitue uma das principais preocupações nesse campo.

Dentre os navios petrolíferos da frota do YPF distinguem-se dois pela capacidade de transporte (cêrca de 10.000 mc.), pela marcha de cruzeiro e pelas ótimas acomodações para passageiros. São o "San George" e o "13 de Dezembro", nomes que recordam o golfo em cujo fundo está a zona petrolífera e o dia da descoberta ocasional daquilo que deu vida à região.

Foi o esfôrço em busca de água para mitigar a sêde dos poucos que viviam alí em 1907 que resultou na descoberta de petróleo. A obra do acaso é sempre excepcional e não se repete nem segue um ritmo. O argentino soube tirar um proveito daquele fato que o destino lhe facultou no dia 13 de Dezembro de 1907 e com trabalho bem ponderado e, mais que tudo, fortalecido por um grande sentimento de fé e patriotismo, conseguiu vencer todos os obstáculos e soube transformar aquele deserto numa das zonas mais importantes e mais produtivas do país.

Não deixemos de dar, nós brasileiros, os justos aplausos a essa grande realização dos nossos vizinhos. Apreciamos, como exemplo a

ser seguido, a obra gigantesca levada a cabo em anos consecutivos de esfôrço continuado e de fé nos resultados do trabalho honesto e perseverante.

Mandemos os nossos técnicos e dirigentes de emprêsas verificar quanto pode a vontade do Homem na luta contra a Natureza ingrata.

Temos indícios promissores em muitas regiões de São Paulo, Paraná, Baía, Alagoas, Sergipe e Pernambuco; mais que isso, temos a região produtora de Lobato, em boas condições de explorabilidade. Bastará congregar esforços em tôrno do problema, operar com técnica adequada, animados por um profundo sentimento patriótico, para chegar aos resultados surpreendentes que se podem apreciar na República vizinha.

RESUMÉ — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

Dans cet article le prof. Frois Abreu, Consulteur technique du Conseil National de Géographie, résume ses observations de voyage en Patagonie, dans la République Argentine, notre voisine.

Dépeignant les aspects d'une région peu connue il voulût, tout simplement, développer de semblables initiatives chez les "initiateurs qui passent par tant d'endroits de notre littoral, encore peu connus et jamais décrits.

De Buenos Aires, allant vers le sud en direction à Baia Blanca, il vola sur une immense plaine de 600 kilomètres, approximativement, abondante en bovins et couverte de pâturages verdoyants (mois de mai). Différant du type de ferme au Brésil, les constructions sont en feuilles de zinc et les animaux sont logés dans des hangars complètement fermés, vu l'exigeance du climat. Les uniques relevés de la topographie sont représentés par la *Serra Ventana* et les profils dénotent des séries sédimentaires ou métamorphiques avec un tectonisme accentué.

En laissant Baia Blanca cet aspect se modifie. Les fermes désaparaissent, ainsi que les champs de cultures et l'eau. Alors commence visiblement, la transition vers les terres arides de la Patagonie. Après 360 kilomètres en ligne droite, le premier "oasis" aparaît, St. Antônio do Oeste, village en marge de l'océan.

Encore une heure de vol sur les mêmes mauvaises terres et surgit un autre "oasis": Trelew. Il est triste et cendré, mais on informe que vers le centre, le long d'un fleuve, il y a de bonnes cultures de fruits et de légumes, confirmant qu'en Patagonie la richesse est fonction de la possibilité en eau.

De là, jusqu'à Comodoro Rivadávia (360 klms), le désert continue. La topographie devient plus irrégulière, car le plateau patagonique se rapproche de la mer. Il y a de fréquentes et étroites vallettes (vallées) — véritables "canions" — ainsi que des éboulements qui laissent voir la succession d'extraits horizontaux des couches tertiaires, dont les perturbations furent du type de "fractures", se présentant ainsi la Patagonie comme une succession de petits plateaux (Mesetas), en plans et grandeurs différents.

A Comodoro la topographie est tabulaire, presque sans végétation, avec quelques saillies dans les profils, résultantes des couches moins résistantes à l'érosion. Ces saillies arrivent jusqu'à la mer et là tombent en escarpement vertical. L'on peut voir de jolis types de falaises au nord et au sud. Plusieurs endroits sont en désagrégation constante. Les couches de superficie, constituées d'argile, sont transformées, à l'époque sèche, en denses et suffocants nuages de poussière. Avec les pluies cette poussière se transforme en boue glissante, couvrant les rues et les routes, forçant l'usage presque obligatoire de chaines sur les pneumatiques des voitures.

Le climat joue un rôle important dans le peuplement, car il est sélectif: avec sa rigueur il élimine les faibles, permettant de vivre seulement aux forts. L'ambiance est extrêmement séche (45% d'humiditi relative observa l'auteur).

Vent fort et violent presque constant. Quelqu'un qui chemine avec le vent doit marcher d'un pied ferme et résister fortement pour ne pas être enlevé; marchant à contrevent, ce quelqu'un est contraint d'incliner le corps en avant et de tourner un peu de côté. Casquettes et bérets substituent le chapeau à larges bords, et l'usage de l'automobile est généralisé pour éviter les fatigantes randonnées à pied.

La même influence se fait sentir jusque dans les constructions, les maisons étant orientées de manière à offrir une plus grande résistance au vent, et les jardins sont protégés par des abris.

L'aviation ouvrit de nouveaux horizons à la Patagonie, le parcours Comodoro-Buenos Aires pouvant être fait en 6 heures, qui se fairait antérieurement en 3 jours.

La population est hautement cosmopolite, au point que dans les YPF (Yacimientos Petroliferos Federales), organisation fédérale, 64 nationalités furent rencontrées à un moment donné entre ses employés.

Seule la présence du pétrole permet de comprendre un aussi grand assemblement de gens, dans un endroit aussi étroit et de conditions mésologiques tant défavorables à un peuplement stable. Là, tout est directement lié au pétrole, et pour cela Comodoro Rivadávia possède l'aspect d'une grande ville stable, avec collèges, théâtres, cinémas, maisons de commerce, églises, etc... L'exploitation du pétrole est exécutée par les YPF. Alimentée par le gaz des puits de pétrole, une usine d'environ 30.000 HP. fournit toute l'énergie nécessaire au peuple et aux services électrifiés des YPF.

Le sondage par le systhème *rotary* substitue les inadéquates sondes de percussion. Il y a environ 25 sondes en travail actif dans les champs de Comodoro, presque toutes électriques.

La profondeur des puits sur le littoral est de l'ordre de 600 mètres, suffisante pour atteindre le principal horizon (plafond) des huiles, atteintes jusq'à 1.000 dans l'intérieur. Vu la faute de pression dans les puits, qui n'arrivent pas à jaillir, ils doivent tous être pompés de sorte que la production varie beaucoup.

Au kilomètre 27 de la ligne de chemin de fer qui va à Colônia Sarmiento, existe la *Cia. Diadema Argentina de Pétroleo, S. A.*, affilicé au groupe *Royal Dutch and Shell*.

Finalisant son article, il dit que ce fut l'effort dans la recherche de l'eau, pour apaiser la soif du peu de gens qui y vivait en 1907, qui favorisa la découverte du pétrole. L'argentin sût tirer parti de ce fait et, avec un travail pondéré, renforcé, plus que tout, par un grand sentiment de foi et de patriotisme, vainquit tous les obstacles et sût transformer le désert en une des zônes les plus importantes et productives de son pays. Il convie les brésiliens à applaudir cette grande réalisation de nos voisins, comme un exemple à être suivi dans l'exploitation des indices de pétrole existants en ecrtaines régions du Brésil.

En este articulo el profesor Fróis Abreu, Consultor Tecnico del Consejo Nacional de Geografía, resume sus observaciones de viaje a la Patagonia, en la vecina Republica Argentina. Describiendo aspectos de una región poco conocida, deseó, tan solamente, incentivar iniciativas semejantes a los "iniciantes que pasen por tantos trechos de nuestra costa, aun poco conocidos y nunca descriptos."

De Buenos Aires, con rumbo hacia el Sur en dirección a Bahía Blanca, voló sobre una imensa planicie de 600 km., aproximadamente, abundante en ganado vacuno y cubierta por pasturajes verdeantes (mes de mayo). Diferiendo del tipo de hacienda del Brasil, las construcciones son de cinco y el ganado es alojado en galpones absolutamente cerrados, por exigencia del clima. Los unicos relieves de la topografía son representados por la Sierra Ventana y los perfiles muestran series sedimentares o metamorficas con un tectonismo acentuado.

Dejando Bahía Blanca aquel aspecto se cambia. Desaparecen las haciendas, los campos de cultivo y el água. Empieza, nitidamente, la transición para las tierras aridas de Patagonia. Después de 360 km. en linea reta, aparece el primer "oasis", S. Antonio del Oeste, población a la margen del Oceano.

Mas una hora de vuelo sobre los mismos terrenos malos y surje otro "oasis": — Trelew. Es triste y color ceniza, pero informan que para el centro, al largo de un rio, hay buenas plantaciones de frutas y legumbres, confirmando que en la Patagonia la riqueza es función de la posibilidad de água.

De este punto hasta Comodoro Rivadavia (360 km.) continua el desierto. La topografía se torna más irregular, pués la meseta patagónica llega más junto al mar. Son frecuentes los valles apretados (verdaderos cañones y los barrancos que dejan ver la succesión de estratos horizontales de las capas terciarias, cuyas perturbaciones han sido del tipo de fracturas, presentándose la Patagonia como una succesión de mesetas, en planos y tamaños diferentes.

En Comodoro, la topografía es tabular, casi desnuda de vegetación, con algunas saliencias en los perfiles, resultantes de estratos más resistentes a la erosión. Llegan hasta el mar y allá tomban en escarpa vertical. Lindos tipos de costas alcantiladas pueden ser vistos al norte y al sur. Varios trechos están en constante desagregación. Los estratos de la superficie, constituidos por arcillas, son transformados, en la epoca seca, en sufocantes y densas nubes de polvo. Con las lluvias el polvo se transforma en lama resbaladiza, cubriendo calles y carreteras, forzando el uso casi obligatorio de cadenas en las ruedas de los automoviles.

El clima tiene un importante papel en el poblamiento, pues es selectivo: con su rigor elimina los flacos y solamente a los fuertes permite vivir. El ambiente es extremamente seco (45% de humedad relativa observó el autor).

Viento fuerte e impetuoso, casi constante. Si cualquiera camina a su favor tiene que pisar fuerte, haciendo fuerza para no ser llevado; si va contra él es menester inclinar el cuerpo hacia la frente y volverse un poco de lado. Gorros y boinas substituyen el sombrero de alas anchas y es generalizado el uso del automovil para evitar las fatigantes caminadas a pie. Según informaciones, se cuenta un coche para cada ocho personas. Hasta en las construcciones se hace sentir aquella influencia, siendo las casas orientadas de forma a ofrecer mayor abrigo al viento y los jardines protegidos por antiparas.

La aviación abrió nuevos horizontes a la Patagonia, podiendo ser hecho el trayecto Comodoro-Buenos Aires en 6 horas, hecho anteriormente en 3 dias.

Población altamente cosmopolita, siendo que en la Y. P. F. (Yacimientos Petroliferos Federales), organización federal, cierta vez fueron encontradas 64 nacionalidades entre sus empleados.

Solamente la ocurrencia del petroleo permite comprender tan gran ayuntamiento de gente en lugar tan yermo y de condiciones de medio tan desfavorables a un poblamiento estable. Todo allá está ligado al petroleo, y por eso Comodoro Rivadavia posee el aspecto de una gran ciudad estable, con colegios, teatros. cinemas, casas de comercio, iglesia, etc. La explotación del petroleo es ejecutada por la Y. P. F. Alimentada con el gas de los pozos de petroleo, una fabrica de cerca de 30.000 kms., fornece toda la energía necesaria al pueblo y a los servicios electrificados de la Y. P. F.

La sonda por el sistema *rotary* substituyó las antiguas sondas de percusión. Hay cerca de 25 sondas en trabajo activo en los campos de Comodoro, casi todas electricas. La profundidad de los pozos en el litoral es de la orden de 600 m., el necesario para alcanzar el principal horizonte de oleo; en el interior es necesario perforar hasta 1.000. En virtud d la falta de presion en los pozos, que no llegan a brotar, hay que ponerles bombas y la producción varia mucho.

En el km. 27 del camino de hierro que va a la Colonia Sarmiento, existe la Cia. Diadema Argentina de Petroleo, S. A., filiada al grupo *Royal Dutch and Shell*.

Finalizando su articulo, dice que fué el esfuerzo en busca de água para mitigar la sed que las pocas personas que allá vivian en 1907, que resultó en la descubierta del petroleo. El argentino supo sacar provecho de aquel hecho y, con trabajo ponderado y, sobre todo, fortalecido por un gran sentimiento de fe y patriotismo, venció todos lios obstaculos y supo transformar el desierto en una de las zonas más importantes y productivas de su país. Conclama los brasileños a aplaudir esa gran realización de nuestros vecinos, como un ejemplo a ser seguido en la explotación de los indicios de petroleo existente en algunas regiones del Brasil.

Il prof. Fróis Abreu, Consulente Tecnico del Consiglio Nazionale di Geografia, riassume le osservazioni fatte in un viaggio in Patagonia, nella vicina Repubblica Argentina. Dipingendo aspetti di una regione poco conosciuta, egli mira a promuovere simili iniziative da parte dei viaggiatori che passano per tanti tratti della nostra costa, ancora poco noti e mai descritti,

Da Buenos Aires, dirigendosi verso il Sud in direzione di Baía Blanca, egli volò, per circa 600 km, sopra una immensa pianura, coperta di pascoli verdeggianti (era di maggio), in cui abbondava il bestiame bovino. A differenza dal tipo normale di "fazenda" brasiliana, le costruzioni sono di lamiere di zinco e i ricoveri per bestiame sono completamente chiusi, per causa del clima. Il rilievo orografico è costituito soltanto dalla *Serra Ventana*, e i profili indicano serie sedimentarie o metamorfiche, con un accentuato tettonismo.

Oltre Baía Blanca, l'aspetto si modifica. Scompaiono le fattorie, i campi coltivati e l'acqua. Comincia, nettamente, la transizione verso le terre aride della Patagonia. Dopo 360 km in linea retta apparece la prima oasi: S. Antonio do Oeste, paesino sulla riva dell'Oceano.

Un'altra mezz'ora di volo sopra gli stessi terreni aridi, e sorge un'altra oasi: Trelew. E' triste e grigia, ma dicono che verso l'interno, lungo il fiume, vi siano belle coltivazioni di frutta e legumi: ciò confermerebbe l'asserzione che nella Patagonia la ricchezza sta in funzione della presenza dell'acqua.

Da lì fino a Comodoro Rivadavia (360 km) continua il deserto. La topografia diviene più irregolare, perchè l'altopiano patagonico si spinge più vicino al mare. Sono frequenti le valli strette (veri e propri "cañóns") e gli scoscendimenti che rivelano la successione orizzontale degli strati terziari, le cui perturbazioni sono state del tipo di fratture, di modo che la Patagonia si presenta come una successione di piccoli altipiani ("mesetas"), di altezze ed estensioni diverse.

A Comodoro Rivadavia il suolo è piatto, quasi privo di vegetazione, con qualche rialzo nei profili, dovuto agli strati più resistenti all'erosione; il ripiano giunge fino al mare, dove la sponda cade verticalmente. Al Nord e al Sud si possono vedere bei tipi di sponde rocciose a picco. Vari tratti sono in costante disgregazione. Gli strati superficiali, costituiti di argilla, formano, nella stagione asciutta, soffocanti e dense nubi di polvere. Con le piogge, poi, la polvere si transforma in fango scivoloso, e copre vie e strade, rendendo quasi indispensabile l'uso di catene intorno alle ruote delle automobili.

Il clima esercita una grande influenza sul popolamento, perchè è selettivo: col suo rigore elimina i deboli e permette la vita solo alle costituzioni forti. L'atmosfera è estremamente secca (l'autore osservò 45 % di umidità relativa). Il vento forte e violento è quasi costante. Se si cammina nella sua direzione, si devono puntare i piedi con forza, per resistere alla spinta; se si va contro vento, bisogna inclinare il corpo in avanti e volgerlo un po' di lato. Berretti, con o senza visiera, sostituiscono il cappello a larghe tese, ed è generale l'uso dell'automobile per evitare le faticose camminate a piedi. Secondo le informazioni raccolte, esiste un'automobile per ogni 8 abitanti. Anche nei sistemi di costruzioni si manifesta la esigenza della difesa dal vento, sia mediante l'orientamento, sia con ripari che proteggono i giardini.

L'aviazione ha aperto nuovi orizzonti alla Patagonia, riducendo a sei ore il percorso Comodoro Rivadavia-Buenos Aires, che prima richiedeva tre giorni.

La popolazione è cosmopolita, tanto che nel personale dei Yacimientos Petrolíferos Federales (YPF) fu accertata la presenza di impiegati di 64 diverse nazionalità.

Soltanto l'esistenza del petrolio spiega un così notevole aggruppamento di popolazione in un luogo tanto solitario e in un ambiente tanto sfavorevole per un popolamento permanente. Tutto è legato direttamente al petrolio, e per ciò Comodoro Rivadavia ha l'aspetto di una grande città permanente, con scuole, teatri, cinematografi, negozi, chiesa, ecc. Lo sfruttamento del petrolio è compinto dalla YPF. Alimentata dal gas dei pozzi di petrolio, una centrale di circa 30.000 km fornisce tutta l'nergia elettrica necessaria al *pueblo* e ai servizi della YPF.

Il sondaggio col sistema *rotary* ha sostituito le antiche sonde a percussione. Sono in opera circa 25 sonde, quasi tutte elettriche. La profondità dei pozzi presso la costa è, in media, di circa 600 m: profondità necessaria per raggiungere il principale orizzonte petrolifero; verso l'interno arriva ai 1000 m. Data la mancanza di pressione nei pozzi, si deve ricorrere alle pompe per recare il petrolio alla superficie del suolo; la produzione è molto variabile.

Al km 27 della ferrovia che va a Colonia Sarmiento, è stabilita la *Cia. Diadema Argentina de Petróleo, S. A.*, affiliata del gruppo *Royal Dutch and Shell*.

L'autore termina narrando come la ricerca di acqua atta a soddisfare la sete dei pochi che vivevano laggiù nel 1907 abbia condotto alla scoperta del petrolio. Gli Argentini ne hanno saputo approfittare, e, con lavoro ben meditato e rinforzato da un alto sentimento di fede e di patriottismo, hanno superato tutti gli ostacoli e sono riusciti a trasformare il deserto in una delle zone più importanti e produttive del loro paese.

Esorta i brasiliani ad applaudire questa grande attuazione dei vicini, come un esempio da imitare nella ricerca del petrolio, di cui si hanno indizi e manifestazioni in alcune regioni del Brasile.

In this article Professor Fróis Abreu, Tecnical advisor to the National Geographic Council, makes a resumé of his observations during a trip to Patagonia, in the Argentine Republic. In depicting aspects of a little known region his intention is simply to foster initiatives similar to the "beginners who travel past so many parts of our coast, still somewhat unknown and never described".

Leaving Buenos Aires, southward bound towards Baía Blanca, he flew over an immense plain of approximately 600 kms, abounding in cattle and covered with green pasture (it was the month of May). The type of buildings is different to that of the Brazilian "fazenda", as they are of corrugated iron and the cattle is housed in closed sheds on account of the climate. The only breaks in the landscape are those of the Serra Ventana and the profiles denote sedimentary or metamorphic series with pronounced tectonism.

Upon departing from Baía Blanca the aspect changes. The farms, fields and water disappear. It is the clear beginning of the transition to the arid land of Patagonia. After flying for 360 kms in a straight line the first oasis appears — St. Antonio do Oeste — a seaside hamlet.

Another hour's flight over the same barren soil and there is another oasis — Trelew. It is gray and forlorn, but it is said that, towards the centre, there are good fruit and vegetables, thereby confirming that the wealth of Patagonia is a question of water.

Thence to Comodoro Rivadavia — 360 kms — the desert continues. The lie of the land becomes more irregular, for the Patagonian plateau nears the ocean. There are frequently narrow valleys (like true "canions") and buttes, which show the succession of horizontal strata of the tertiary period, whose disturbances have been of the fracture type, making of Patagonia a series of "mesetas", of different sizes and heights.

In Comodoro the land is flat, almost bare of vegetation, with salient profiles, owing to the more resistant nature of the soil to erosion. They reach to the sea and then drop sheer down. On the north and south may be seen beautiful types of "falesias", extensions of which are constantly desintegrating. The top layers of clay are transformed in the dry season into thick and suffocating clouds of dust. With the rains the dust becomes slippery mud, covering streets and roads and forcing the use of chains on the tyres.

The climate plays an important part in peopling the region, for it is selective and eliminates the weak and permits only strong to survive. The atmosphere is extremely dry, the author having verified 45 % of relative humidity.

There is a constant wind and even gale blo%ing. Walking with the wind one has to step firmly so as not to be carried by it. Against it one must lean forward and turn sideways. Caps and berets take the place of the wide brimmed hat and automobiles are used to cover the long distances. According to information there is one car to every 8 inhabitants. Even the construction is influenced for the houses are placed so as to offer the most shelter against the wind and the gardens are protected by baffles.

The population is very cosmopolitan. Once there were found in the YPF (Yacimentos Petroliferos Federales — Federal Petroleum Fields) 64 different nationalities among its employees.

It is only the existence of petroleum that explains so great a gathering of people in such lonely places and of weather conditions so unfavourable to a stable population. Everything there is directly connected with oil and for this reason Comodoro Rivadavia has the reatures of a large stable town, with colleges, theatres, cinemas, commerce, church etc. The oil is exploited by the YPF. A power plant of about 30,000 driven by gas from the wells, supplies power to the town and the electrified works of the YPF.

The drilling of the wells is done by the rotary system in substitution of the old percussion system. There are about 25 drills, hearly all electric, at work daily in the Comodoro fields. Near the sea the depth ranges to about 600 metres, reaching up to 1.000 m towards the interior. Owing to lack of pressure in the wells the production is pumped and is very irregular.

On kilometre 27 of the railway which runs to Colonia Sarmiento is to be found the Cia. Diadema Argentina de Petroleo, affiliated to the Royal Dutch Shell group.

Concluding his article, the author states that it was the search for water by the few inhabitants of the place, in 1907, that struck oil. The Argentinian made good use of this and by steady work and, above all, strengthened by a feeling of faith and patriotism, overcame all obstacles and transformed the desert into one of the most important and productive regions of the land. He exhorts Brazilians to applaud this great work of our neighbours as an example to be followed in the exploitation of the signs of existing petroleum in some regions of Brazil.

In dem folgenden Artikel hat Prof. Dr. Fróis Abreu, technischer Berater des Nationalen Rates für Erdkunde seine Beobachtungen der Reise nach Patagonien, in der benachbarten Republik Argentinien, zusammengefasst. Indem er eine wenig bekannte Region zeigt, wollte er besonders ähnliche Initiativen von "Forschern, die durch so viele ähnliche Strecken unserer Küste, noch so wenig bekannt und nie beschrieben, gingen, unterstützen."

Von Buenos Aires flog er nach dem Süden in Richtung Baía Blanca, über eine enorme Fläche von ungefähr 600 kms., sehr reich an Viehzucht und mit grünen Weiden bedeckt (im Monat Mai). Unterschiedlich von dem in Brasilien gebrauchten Typen, sind die Bauten mit Zinkdächern versehen und das Vieh ist in geschlossenen Ställen untergebracht, beides ist durch das andersartige Klima bedingt. Die einzigen Erhöhungen des Bodens sind durch die *"Serra Ventana"* gebildet und die Profile zeigen sedimentare und metamorfische Serien mit betontem Tectonismus.

Wenn man Baía Blanca verlässt, ändert sich dieser Anblick. Die Landgüter, die Felder und das Wasser verschwinden. Deutlich sieht man den Übergang zu den dürren Ländereien Patagoniens. Nach einem Flug von 360 kms. in gerader Linie erscheint die erste "Oase" Sto. Antonio do Oeste, an der Küste des Ozeans liegend.

Nach einer weiteren Stunde Fluges über dieselben schlechten Ländereien, wieder eine andere "Oase": — Trelew. Dieselbe macht einen traurigen und düsteren Eindruck, man sagte jedoch, dass mehr nach dem Centrum, längs eines Flusses, gute Ländereien mit Frucht und Gemüsekulturen angetroffen werden, die bestätigen, dass in Patagonien der Bodenreichtum von den Wasserverhältnissen abhängig ist.

Nach diesem Ort bis Rivadavia (360 kms) herrscht wieder eine vollständige Wüste. Die Topografie ist unregelmässiger, denn die Hochebene Patagoniens nähert sich hier mehr dem Meer. Enge Täler sind häufig (richtige "canions") und die schroffe Bergmassen lassen die Folge der horizontalen Lagen der terziären Schichten deutlich sehen. Diese geologischen Vorkommnisse, die den Typ Patagoniens definieren, sind wie eine Folge von verschiedenen Höhen und Grössen.

In Comodoro ist die Topografie flach, fast vollständig ohne jede Vegetation mit einigen Erhöhungen in Profil, die durch die Widerstandskraft einiger Schichten gegen die Erosion bedingt sind. Sie laufen bis zum Meer, wo sie schroff abfallen. Herrliche Typen von "falesias" können im Norden und Süden beobachtet werden. Verschiedene Strecken sind in dauernder Absonderung. Die Schichten der Oberfläche, die aus Tonerde sind, verwandeln sich während der Trockenheit, in erstickende und dichte Staubwolken, die die Strassen vollständig bedecken und die den Gebrauch von Ketten um die Räde der Autos unbedingt nötig machen.

Das Klima hat einen sehr grossen Einfluss auf die Bevölkerungsdichte, es ist auswählend, das heisst, durch seine Strenge löscht es die Schwachen aus und nur die Starken können dort leben. Die Trockenheit ist sehr gross, ungefähr 45% relative Feuchtigkeit, stellte der Autor fest).

Ein heftiger, starker und dauernder Wind beherrscht diese Gegend. Wenn jemand mit dem Wind geht, muss er Kraft anwenden um nicht fortgeweht zu werden; geht er gegen ihn, so muss er seinen Körper nach vorn neigen und sich etwas zur Seite wenden. Mützen ersetzen dort den Hut mit der breiten Krempe und der Gebrauch des Autos ist allgemein um die ermüdenden Fussgänge zu vermeiden. Man zählt dort auf je 8 Einwohner einen Wagen. Sogar in den Bauten kann man den Einfluss des Windes bemerken, denn die Häuser sind so gebaut, dass sie den bestmöglichen Schutz gegen denselben bieten, und die Gärten sind durch eine Art Schutzwehr geschützt.

Das Flugzeug hat Patagonien neue Horizonte geöffnet. Die Strecke Comodoro-Buenos Aires, die früher in 3 Tagen gemacht worden ist, kann jetzt in 6 Stunden Bewältigt werden.

Die Bevölkerung ist äusserst kosmopolitisch. So hat man z. B. in der YPF (Yacimientos Petroliferos Federales — die dortige Ölgesellschaft) einer föderalen Organisation, bei einer gewissen Gelegenheit 64 Nationalitäten unter ihren Angestellten gezählt.

Nur die Tatsache der Existenz des Petroliums lässt eine so grosse Anhäufung von Menschen an so abgelegenem und ungünstigem Ort — in mesoligischer Beziehung — verstehen.

Alles steht dort in engster Beziehung zum Petrolium und deshalb besitzt Comodoro Rivadavia das Antlitz einer grossen Stadt, mit Schulen, Theatern, Kinos, Geschäftshäusern, Kirchen, u. s. Das Petrolium wird durch die YPF ausgebeutet. Das Kraftwerk, welches durch die Gase der Petroliumfelder genährt wird, verfügt über 30.000 kws. und bedient sowohl die Stadt wie auch die Kraft und elektrischen Stromnotwendigkeiten der Gesellschaft.

Die Sondenuntersuchungen mit dem *"Rotary"* System haben die veralteten Stossonden ersetzt. Es bestehen ungefähr 25 solcher Sonden in aktiver Tätigkeit auf den Oelfeldern der Gesellschaft, fast alle elektrisch betrieben. Die Tiefe der Brunnen ist an der Küste ungefähr 600 mts. während mehr zum inneren 1.000 mts. nötig sind, um an die Ölquelle heranzukommen. Wegen des ungenügenden Drucken der Brunnen, welche nicht sprudeln, müssen alle mit Explosivstoffen bearbeitet werden und die Produktion ist sehr unterschiedlich.

Am Km. 27 der Eisenbahn, die nach der Colonia Sarmiento führt, trifft man die *Cia. Diadema Argentina de Petroleo S. A.*, welche an die *Royal Dutch* und Shell Gruppe angegliedert sind.

Zum Schluss seines Aufsatzes sagt der Autor, dass es die Suche nach Wasser im Jahre 1907 war der das Petroleum seine Entdeckung verdankt.

Argentinier hat daraus Nutzen zu ziehen gewusst und durch eine kluge Arbeit, gestärkt durch einen grossen Glauben und Vaterlandsliebe, hat er alle Schwierigkeiten besiegt und es ist ihm gelunden, diese Wüste in einer der wichtigsten und produktivsten Zonen seines Landes zu verwandeln. Er ruft die Brasiliener auf, dieser grossen Realisation unseres Nachbars Beifall zu spenden, und dasselbe als Beispiel zu benutzen, welches uns bei der Erforschung und Ausbeutung von Petroleum, das in einigen Gegenden Brasiliens besteht, dienen soll.

En tiu ĉi artikolo profesoro Fróis Abreu, Teknika Konsilanto de la Nacia Konsilantaro de Geografio, resumas siaj observojn faritajn dum vojaĝo al Patagonio, ĉe la najbara Argentina Respubliko. Pentrante aspektojn de malmulte konata regiono, li volis, nur kaj simple, stimuli similajn iniciatojn al tiuj "trairontaj tiom da terspacoj de nia marbordo, ankoraŭ malmulte konataj kaj neniam priskribitaj".

De Buenos Aires, sin direktante suden al Baía Blanca (Blanka Golfeto), li superflugis super grandega ebenaĵo, je ĉirkaŭ 600 kilometroj, kun abundanco da bovobrutaro kaj kovrita per verdaj paŝtejoj (dum la monato Majo). Malsamaj ol la tipo de brazila farmbieno, la konstruajoj estas el zinklado kaj la brutaro estas loĝigata en tute fermitaj staloj, laŭ la postulo de la klimato. La solaj reliefoj de la topografio estas reprezentitaj de la *Serra Ventana* kaj iliaj profiloj elmontras seriojn sedimentajn aŭ metamorfozajn kun forta tektonismo.

Post Baía Blanka tiu aspekto ŝanĝiĝas. Malaperas la farmbienoj, la kulturitaj kamparoj kaj la akvo. Tiam komenciĝas, klare, la transiro al la senakvaj teroj de Patagonio. Post 360 kilometroj, rektlinie, aperas la unua "oazo", Sankta Antono de l' Okcidento, domaro ĉe la bordo de l' Oceano.

Plian horon de flugado super la malbonaj terenoj kaj aperas alia "oazo": — Trelew. Ĝi estas malgaja kaj griza, sed oni informas, ke ĉe la centro, laŭlonge de rivero, ekzistas bonaj fruktaj kaj legomaj kulturejoj kaj tio konfirmas, ke en Patagonio la riĉeco estas funkcio de la akvebleco.

De tie ĝis Comodoro Rivadavia (360 km.) etendiĝas pluen la dezerto. La topografio iĝas pli malregula, ĉar la patagonia ebenaĵo alproksimiĝas al la maro. Estas oftaj la mallarĝaj valoj (veraj "canions") kaj la krutajoj, kiuj vidigas la serion da horizontalajn tavolojn de la terciaraj sternajoj, kies agitiĝoj apartenis al la tipo "fraturas". Tial Patagonio prezentiĝas kiel serio da "mesetas", kun malsamaj planoj kaj grandecoj.

En Comodoro la topografio estas tabula, preskaŭ vegetnuda, kun kelkaj reliefoj ĉe la profiloj, rezultantaj de tavoloj pli rezistaj al la erozio. Ili venas ĝis la maro kaj tie falas vertikalskarpe. Belaj tipoj de "falésias" povas esti vidataj norde kaj sude. Diversaj pecoj estas en konstanta diserigo. La suprajaj tavoloj, konsistanta el argilo, ŝangiĝas, dum la seka epoko, al sufokaj kaj densaj nuboj da polvo. Pro la pluvoj la polvo fariĝas glitiga koto, kiu kovras stratojn kaj vojojn, kaj tio trudas la preskaŭ devigan uzon de ĉenoj sur la pneŭmatikoj de l' veturiloj.

La klimato ludas gravan rolon ĉe la loĝatigo, ĉar ĝi estas selekteca: pro sia rigoro ĝi forigas la malfortulojn kaj nur al la fortuloj ĝi permesas vivi. La medio estas treege seka (45% de relativa unuo, observis la aŭtoro).

Forta kaj intensega vento, preskaŭ konstanta. Se iu piediras laŭ ĝia direkto, tiu devas forte piedpremi la teron, por ke la vento ne lin kunportu; se li iras kontraŭ la vento, li bezonas klini la korpon antaŭen kaj iom turniĝi flanken. Ĉapoj anstataŭas la larĝrandajn ĉapelojn kaj estas ĝeneraligita la uzo de aŭtomobilo por eviti la lacigajn piediradojn. Laŭ informoj, oni kalkulas unu veturilon por ĉiu ok loĝantoj. Sin sentas tiu influo eĉ ĉe la konstruajoj, kiu estas orientitaj tiamaniere ke ili ŝirmiĝas kontraŭ la vento, kaj en la ĝardenoj estas ventoŝirmiloj.

La aviado malfermis novajn horizontojn al Patagonio, ĉar la distanco inter Comodoro kaj Buenos Aires, kiu antaŭe estis traveturata en tri tagoj, nun daŭras nur ses horojn.

Ĝia loĝantaro estas tre kosmopolita kaj oni rakontas, ke iam ĉe la YPF *(Yacimientos Petroliferos Federales)*, federacia organizajo, troviĝis dungitoj el 64 nacioj.

Nur la esplorado de petrolo permesas kompreni tiel grandan homamason en loko tiel dezerta kaj kun kondiĉoj medirilataj tiel malfavoraj al daŭra lokatiĝo. Ĉio tie estas rekte ligata al la petrolo kaj tial Comodoro Rivadávia posedas la trajton de granda firmstara urbo, kun kolegioj, teatroj, kinematografejoj, komercaj entreprenoj, preĝejo, kc. La esplorado de petrolo estas farata de la YPF. Provizita per la gasoj de l' petrolaj putoj, uzino je ĉirkaŭ 30.000 km. liveras la tutan energion necesan al la popolo kaj al la elektrigitaj servoj de la YPF.

La sondado per la sistemo *rotary* anstataŭis la antikvajn frapsondilojn. Ekzistas nun ĉirkaŭ 25 sondiloj en aktiva laboro ĉe la kamparoj de Comodoro, preskaŭ ĉiuj elektrigitaj. La profundeco de la putoj ĉe la marbordo estas ĝenerale je 600 metroj, necesa por atingi la ĉefan olesuprajon, sed internlande ĝi atingas ĝis 1.000 metroj. Pro manko de premo en la putoj, kiuj ne ŝprucas, estas neĉese uzi pumpilojn kaj tial la produktkvanto estas tre variema,

Ĉe la km. 27 de la Fervojo, kiu iras al la Kolonio Sarmiento, ekzistas la *Kompanio Diadema Argentina de Petrólio S. A.*, filiita al la grupo *Royal Dutch and Shell.*

Finante sian artikolon, li diras, ke el la klopodo por la serĉado de akvo por kvietigi la soifon de la malmultaj personoj tie vivantaj en 1907 rezultis la eltrovo de l' petrolo. La argentinano sciis profiti el tiu fakto kaj, per modera laboro, kaj pli ol ĉio, fortigita per granda sento de fido kaj patriotismo, venkis ĉiujn barojn kaj sciis aliformigi la dezerton en unu el la plej gravaj kaj produktemaj zonoj de sia lando. Li laŭte petegas al la brazilanoj, ke ili aplaŭdu tiun grandan realigajon de niaj najbaroj, kiel ekzemplon sekvontan ĉe la esplorado de la duonsigno de petrolo ekzistanta en kelkaj brazilaj regionoj.

GEOGRAFIA DOS TRANSPORTES NO BRASIL

Moacir M. F. Silva

Consultor Técnico da Secção 36.ª
"Geografia dos Transportes"

VII — CIRCULAÇÃO INTERNA ATUAL

b) — RODOVIAS MODERNAS

Conceito de rodovias nacionais — As grandes rodovias tronco: para o centro, para o sul e para o norte — Rio-Petrópolis. Rio-Belo Horizonte. Rio-São Paulo. Rio-Pôrto Alegre. Rio-Montevidéu — Chuvas ao longo do tronco Sul — Circuito rodoviário das estações hidro-minerais do Sul de Minas — Rio-Baía — Caminho de transumância — Rede rodoviária federal do Nordeste — A Transnordestina — Do Rio ao Piauí, de automóvel — A Rodovia Transbrasiliana e a Rodovia Panamericana, no Brasil — Outras rodovias nacionais — Extensão quilométrica total das rodovias em todo o país.

A legislação ferroviária brasileira, pouco depois do advento da República, fixou os casos de competência dos poderes federal e estaduais, para a construção ou concessão de vias-férreas.

Assim são estradas de ferro federais:

a) — as que atravessam os territórios de dois, ou mais Estados;

b) — as que se dirigem para as fronteiras com o estrangeiro;

c) — as que partem de portos de concessão federal;

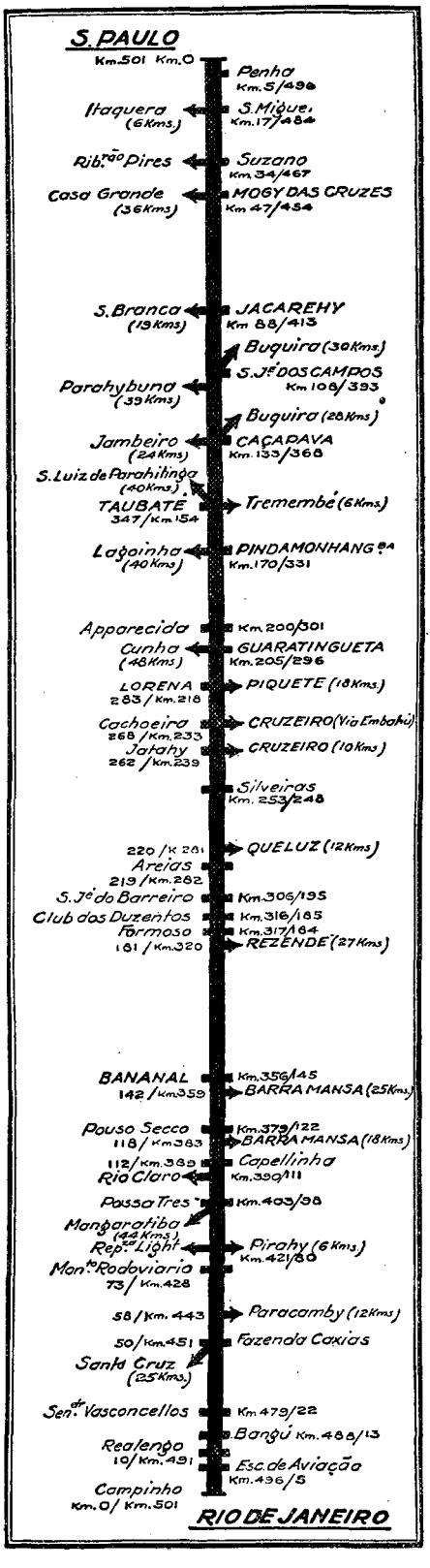
d) — as constantes do plano de viação adotado pelo Govêrno (Decreto n.º 109, de 14-Outubro-1892);

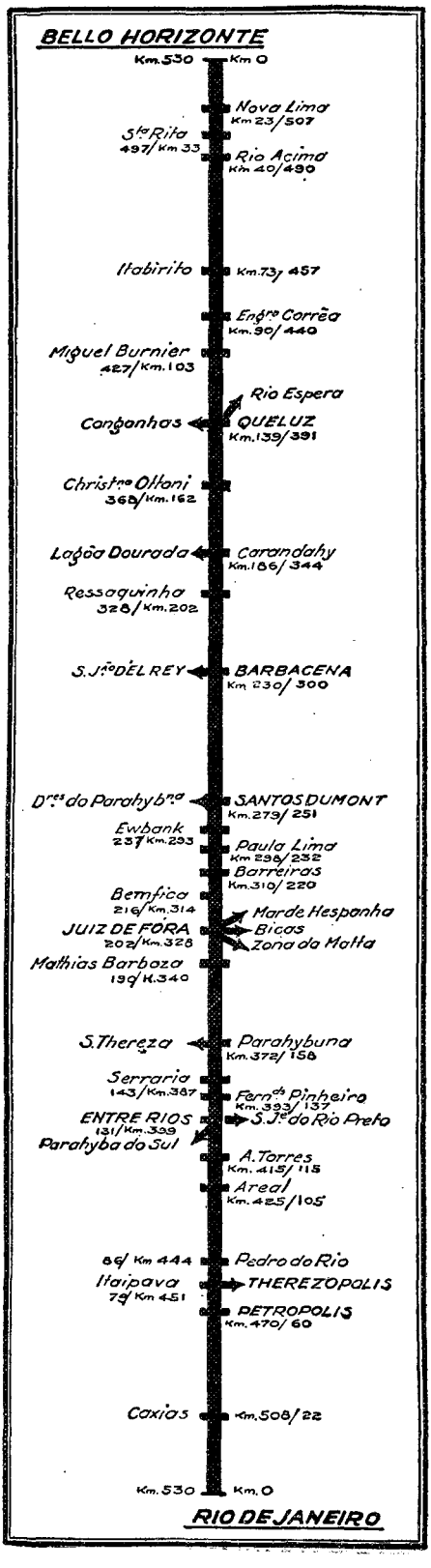
e) — as que corresponderem a elevados interêsses de ordem pública ou administrativa (Art. 1.º, n.º II, do mesmo Decreto).

Não existe ainda legislação geral semelhante no que respeita às rodovias.

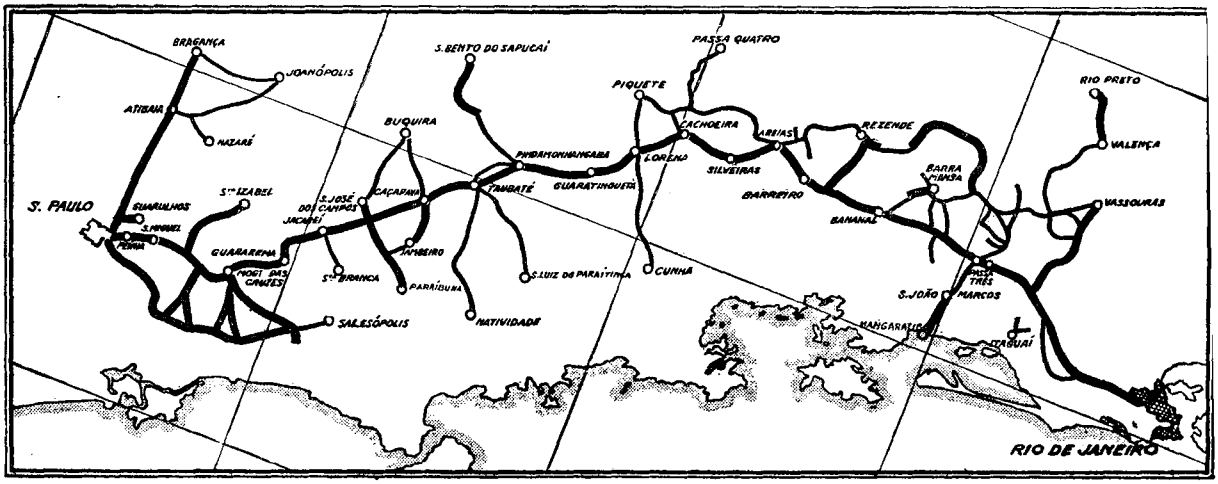
Dessa forma, são consideradas rodovias federais, estaduais ou municipais, sem definição legal mais precisa, aquelas que são construídas ou conservadas, respectivamente, pelos poderes públicos federal, estaduais ou municipais.

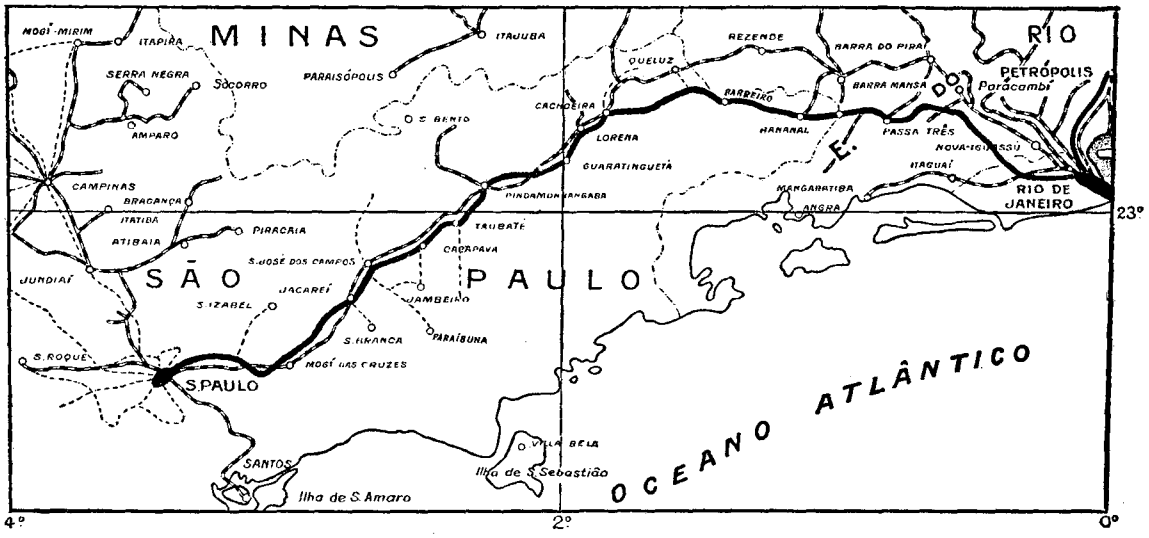
Tampouco existe definição legal para o que se deva entender como *rodovias nacionais*, expressão que ora é confundida com a de *rodovias federais*, ora remanesce imprecisa como as velhas denominações, já em desuso, de *estrada real, estrada geral, estrada normal*, etc. Do ponto de vista geográfico e à semelhança do que se passa com as estradas de ferro, consideraremos, para os fins dêste ensaio, *rodovias nacionais:*


S. PAULO
Km.501 Km.0
Penha
Km.5/496
Itaquera (6Kms.)
S.Miguel
Km.17/484
Rib.ão Pires
Suzano
Km.34/467
Casa Grande (36Kms.)
MOGY DAS CRUZES
Km.47/454
S.Branca (19Kms.)
JACAREHY
Km.88/413
Buquira (30Kms.)
S.Jé DOS CAMPOS
Km.108/393
Parahybuna (39Kms.)
Buquira (28Kms.)
Jambeiro (24Kms.)
CAÇAPAVA
Km.133/368
S.Luiz de Parahitinga (40Kms.)
TAUBATÉ
347/Km.154
Tremembé (6Kms.)
Lagoinha (40Kms.)
PINDAMONHANGABA
Km.170/331
Apparecida
Km.200/301
Cunha (48Kms.)
GUARATINGUETA
Km.205/296
LORENA
283/Km.218
PIQUETE (18Kms.)
Cachoeira
268/Km.233
CRUZEIRO (Via Embahú)
Jatahy
262/Km.239
CRUZEIRO (10Kms.)
Silveiras
Km.253/248
220/K.281
QUELUZ (12Kms.)
Areias
219/Km.282
S.Jé do Barreiro
Km.306/195
Club dos Duzentos
Km.316/185
Formoso
Km.317/184
181/Km.320
REZENDE (27Kms.)
BANANAL
142/Km.359
Km.356/145
BARRA MANSA (25Kms.)
Pouso Secco
118/Km.383
Km.379/122
BARRA MANSA (18Kms.)
112/Km.389
Capellinha
Rio Claro
Km.390/111
Passa Tres
Km.403/98
Mangaratiba (44Kms.)
Rep.ca Light
Pirahy (6Kms.)
Km.421/80
Mon.to Rodoviaria
73/Km.428
58/Km.443
Paracamby (12Kms.)
50/Km.451
Fazenda Coxias
Santa Cruz (25Kms.)
Sen.dr Vasconcellos
Km.479/22
Bangú Km.488/13
Realengo
10/Km.491
Esc. de Aviação
Km.496/5
Campinho
Km.0/Km.501
RIO DE JANEIRO


BELLO HORIZONTE
Km.530 Km.0
Nova Lima
Km.23/507
Sta Rita
497/Km.33
Rio Acima
Km.40/490
Itabirito
Km.73/457
Engre Corrêa
Km.90/440
Miguel Burnier
427/Km.103
Rio Espera
Congonhas
QUELUZ
Km.139/391
Christno Ottoni
368/Km.162
Lagôa Dourada
Carandahy
Km.186/344
Ressaquinha
328/Km.202
S.Jão DEL REY
BARBACENA
Km.230/300
Dres do Parahybna
SANTOS DUMONT
Km.279/251
Ewbank
237/Km.293
Paula Lima
Km.298/232
Barreiras
Km.310/220
Bemfica
216/Km.314
Marde Hespanha
JUIZ DE FORA
202/Km.328
Bicas
Zona da Matta
Malhias Barboza
190/K.340
S.Thereza
Parahybuna
Km.372/188
Serraria
143/Km.387
Fernds Pinheiro
Km.393/137
ENTRE RIOS
131/Km.399
S.Jé do Rio Preto
Parahyba do Sul
A.Torres
Km.415/115
Areal
Km.425/105
86/Km.444
Pedro do Rio
Itaipava
79/Km.451
THEREZOPOLIS
PETROPOLIS
Km.470/60
Coxias
Km.508/22
Km.530
Km.0
RIO DE JANEIRO

ESQUEMA DA ESTRADA RIO-S. PAULO E RAMAIS SUBSIDIÁRIOS





a) — as que atravessam dois ou mais Estados;

b) — as que se dirijam para as fronteiras do país, ou ao longo destas;

c) — as que apresentem interêsse geral: militar, administrativo, turístico, etc.

Êsse conceito de *rodovia nacional* independe do poder, ou poderes, que a construíram ou a conservam no todo ou em parte. Uma rodovia nacional, assim entendida, pode ser constituída só de trechos estaduais; ou dêstes e municipais; com, ou sem, trechos de construção ou conservação federal.

As grandes rodovias-tronco nacionais

A divisão administrativa do Brasil colonial em dois governos, o do Norte, com sede na Baía, e o do Sul, no Rio de Janeiro, determinada pela Côrte de Lisboa em 1572, deveria ter tido como uma das consequências, o estabelecimento de um caminho terrestre entre as duas cidades, que lhes permitisse se socorrerem internamente, no caso de bloqueio marítimo de uma ou de ambas.

Se se tivesse verificado a abertura dessa ligação regular entre Baía e Rio, certamente as consequências, de ordem social e econômica, teriam sido extremamente benéficas a tôda a extensa região compreendida pelo grande arco interior de que Baía e Rio são extremos.

Várias causas, cujo estudo é mais do domínio da história do que da geografia, impediram que assim fôsse.

Transcorridos mais de dois séculos e meio, o primeiro decreto ferroviário, o de n.º 101, de 1835, autorizava o Govêrno a conceder "uma estrada de ferro da capital do Rio de Janeiro para as de Minas Gerais, Rio Grande e Baía". Era, então, esboçado, assim, o mesmo plano de viação que está sendo seguido, — fatal imposição histórico-geográfica, — pelas rodovias modernas, a saber:

a) — *tronco-centro: Rio-Belo Horizonte,* com possíveis prolongamento e esgalhamentos para Goiaz e Mato Grosso;

b) — *tronco-Sul: Rio-São Paulo,* prolongada até o Estado do Rio Grande do Sul;

c) — *tronco-norte: Rio-Baía,* com as possíveis ramificações para o nordeste e o norte.

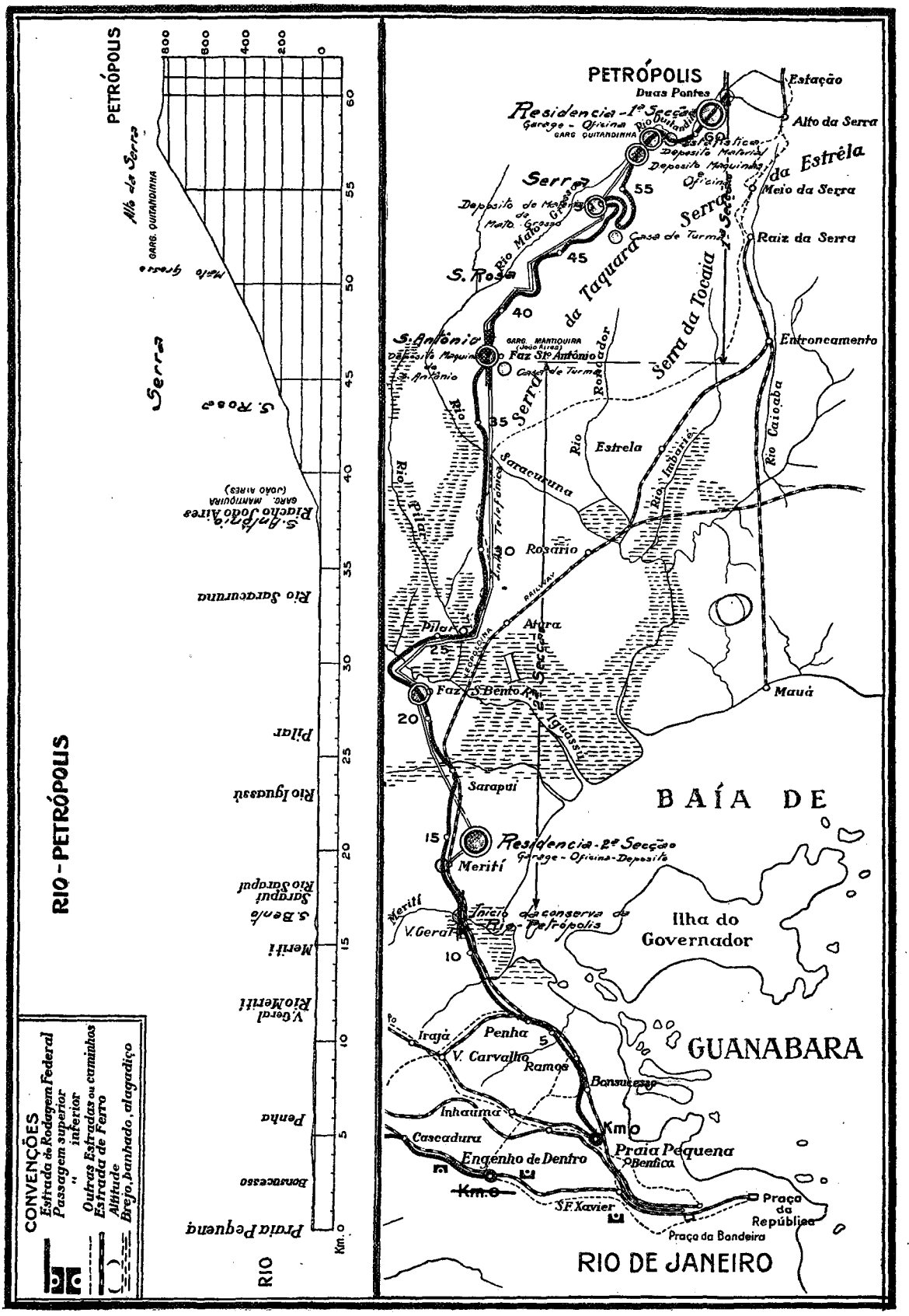
Essas três diretrizes gerais correspondem aos três setores de irradiação natural, dada a posição periférica da capital do país a cidade do Rio de Janeiro, localizada na orla do Atlântico.

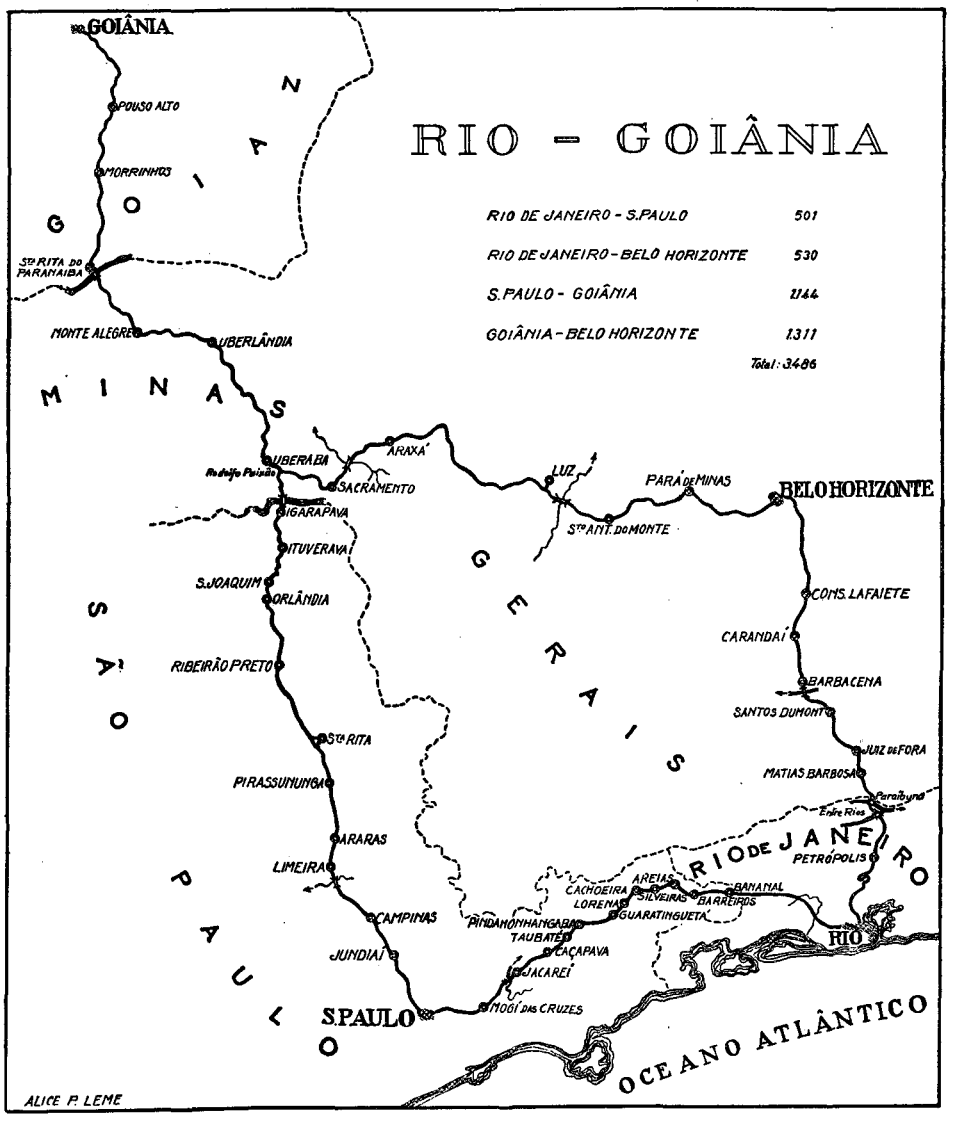
Rodovias para o Centro

Rio-Belo Horizonte... No primeiro trecho denominada *Rio-Petrópolis*... Depois, *União e Indústria*... Finalmente, de *Juiz de Fora* a *Belo Horizonte*... E' de fato uma só estrada, a *Rio-Belo Horizonte*, ou *Rio-Minas*. Não a descrevemos para não alongar êste capítulo, desnecessariamente em face do *roteiro* rodoviário respectivo, que graficamente supre, com vantagem, a descrição verbal, quasi sempre fastidiosa.

Cabe referência, aquí, neste setor das rodovias que se dirigem para o *centro,* ou como ora se diz, *rumo ao oeste,* as trajetórias rodoviárias entre *Rio* e *Goiânia,* capital do Estado de Goiaz; e entre *Rio* e *Mato Grosso*.

Igualmente, as gravuras respectivas das plantas rodoviárias correspondentes dispensam descrições pormenorizadas.


RIO-PETRÓPOLIS
PETRÓPOLIS
RIO
Alto da Serra
GARG. QUITANDINHA
Mato Grosso
Serra
S. Rosa
S. Antônio
Riacho João Aires
GARG. MANTIQUIRA (JOÃO AIRES)
Rio Saracuruna
Pilar
Rio Iguassú
Rio Sarapuí
S. Bento
Meriti
V. Geral
Rio Meriti
Penha
Bonsucesso
Praia Pequena
Km. 0
CONVENÇÕES
Estrada de Rodagem Federal
Passagem superior
" inferior
Outras Estradas ou caminhos
Estrada de Ferro
Altitude
Brejo, banhado, alagadiço
PETRÓPOLIS
Duas Pontes
Estação
Alto da Serra
Residencia - 1ª Secção
Garage - Oficina
GARG. QUITANDINHA
Estatistica
Deposito Material
Deposito Maquinas e Oficina
Serra da Estrêla
Meio da Serra
Raiz da Serra
Serra da Taquara
Serra da Tocaia
Casa de Turma
Rio Mato Grosso
S. Rosa
S. Antônio
GARG. MANTIQUIRA (João Aires)
Faz Stº Antônio
Entroncamento
Rio Roncador
Rio Estrela
Rio Caioaba
Rio Imbariê
Rio Saracuruna
Rio Pilar
Linha Telefonica
Rosario
Pilar
Atura
Faz S. Bento
Mauá
Sarapuí
BAÍA DE
Residencia - 2ª Secção
Garage - Oficina - Deposito
Meriti
Inicio da conserva da Rio-Petrópolis
V. Geral
Ilha do Governador
Irajá
Penha
V. Carvalho
Ramos
GUANABARA
Bonsucesso
Inhauma
Km 0
Cascadura
Praia Pequena
Benfica
Engenho de Dentro
Km. 0
S.F. Xavier
Praça da República
Praça da Bandeira
RIO DE JANEIRO



Rodovias para o Sul

Primeiramente, a *Rio-São Paulo*... Em seguida a *São Paulo-Curitiba*... Depois a *Rio-Pôrto Alegre,* prolongando-se até a República do Uruguai.

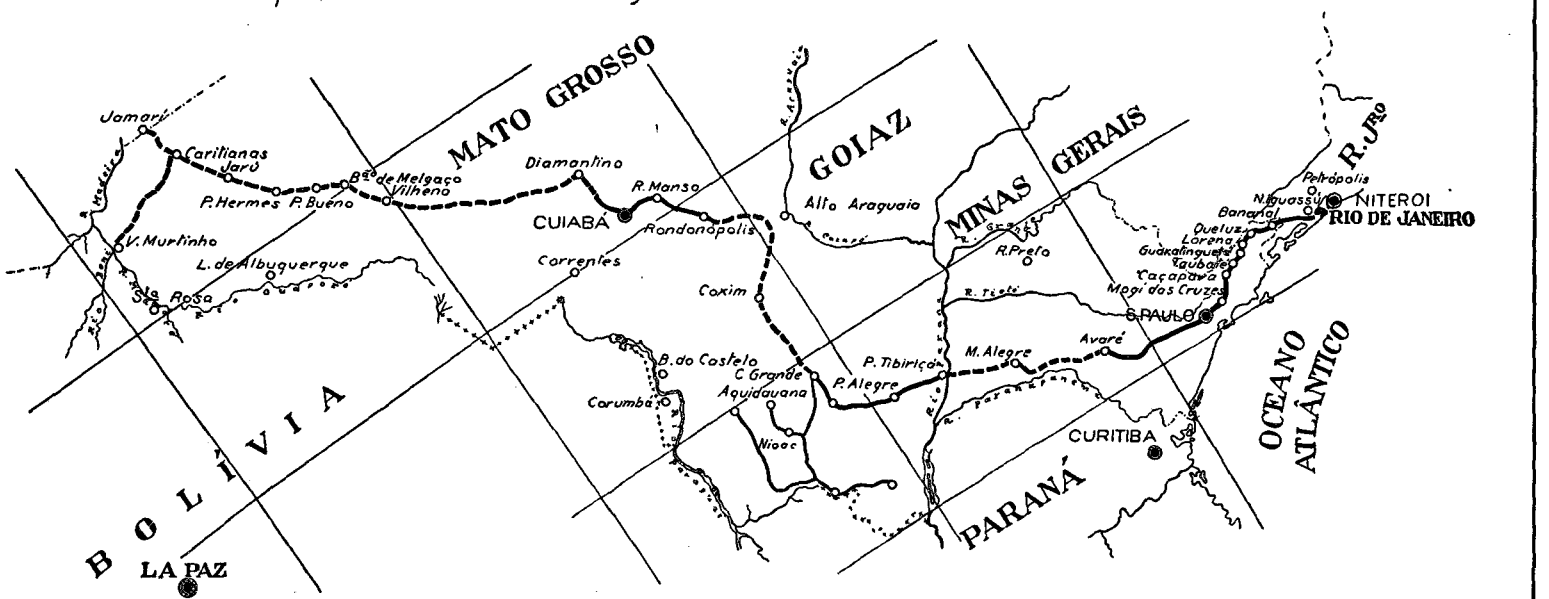
Ainda aquí, substituímos descrições longas pelos pequenos roteiros muito mais sugestivos.

Rio-Montevidéu

O Dr. Américo R. Neto, da Associação Paulista de Boas Estradas, que em meados de 1930, fez de automóvel o percurso do Rio de Janeiro a Montevidéu, publicando, pouco depois, o interessante opúsculo *Raid Rio-Montevidéu — 3.153 km de automóvel* — (São Paulo, 1930), subdividiu a viagem nas seguintes etapas:

DIRETRIZ GERAL DO TRONCO FERROVIÁRIO
RIO - MATO GROSSO

Apresentado Pelo Engenheiro Mário de Faria Lemos



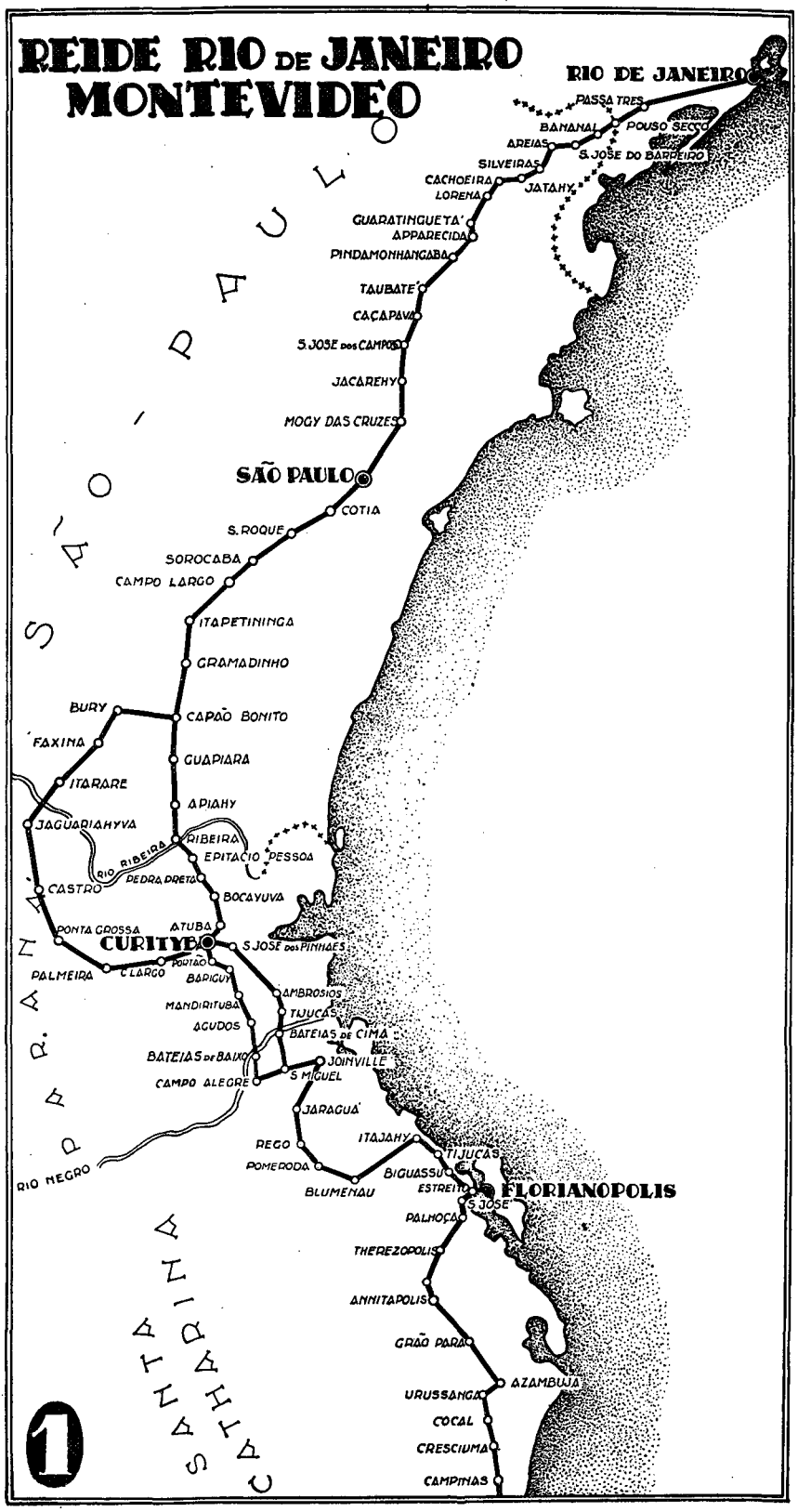
-LEGENDA-

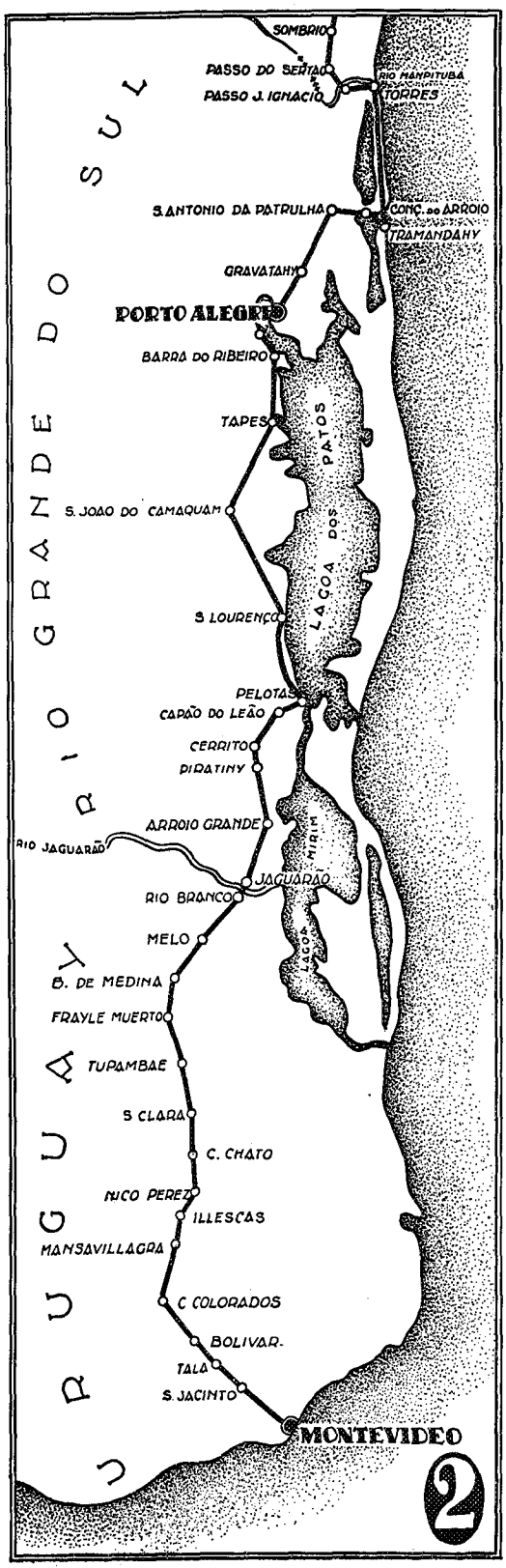
Trecho Construido ——

Diretriz Proposta - - - -

Estradas Municipais ——

Martinho C. Castro


REIDE RIO DE JANEIRO MONTEVIDEO
RIO DE JANEIRO
PASSA TRES
BANANAL
POUSO SECCO
AREIAS
S. JOSE DO BARREIRO
SILVEIRAS
CACHOEIRA
JATAHY
LORENA
GUARATINGUETA'
APPARECIDA
PINDAMONHANGABA
TAUBATE'
CAÇAPAVA
S. JOSE dos CAMPOS
JACAREHY
MOGY DAS CRUZES
SÃO PAULO
COTIA
S. ROQUE
SOROCABA
CAMPO LARGO
ITAPETININGA
GRAMADINHO
BURY
CAPÃO BONITO
FAXINA
GUAPIARA
ITARARE
APIAHY
JAGUARIAHYVA
RIBEIRA
EPITACIO PESSOA
RIO RIBEIRA
CASTRO
PEDRA PRETA
BOCAYUVA
PONTA GROSSA
ATUBA
CURITYBA
S. JOSE dos PINHAES
PALMEIRA
C. LARGO
POUTÃO
BARIGUY
AMBROSIOS
MANDIRITUBA
TIJUCAS
AGUDOS
BATEIAS de CIMA
BATEIAS de BAIXO
JOINVILLE
CAMPO ALEGRE
S. MIGUEL
JARAGUÁ
ITAJAHY
TIJUCAS
REGO
POMERODA
BIGUASSU
BLUMENAU
ESTREITO
FLORIANOPOLIS
S. JOSE'
PALHOÇA
THEREZOPOLIS
ANNITAPOLIS
GRÃO PARÁ
AZAMBUJA
URUSSANGA
COCAL
CRESCIUMA
CAMPINAS
RIO NEGRO
SÃO PAULO
PARANÁ
SANTA CATHARINA
1



Trechos	Pontos extremos	Distâncias Parciais	Distâncias Totais
I	Rio-São Paulo	517	517
II	São Paulo--Curitiba . .	530	1.047
III	Curitiba-Florianópolis . .	409	1.456
IV	Florianópolis--Pôrto Alegre	581	2.037
V	Pôrto Alegre--Jaguarão . .	500	2.537
VI	Rio Branco--Montevidéu	616	3.153

O último trecho é todo em território uruguaio, pois Rio Branco é cidade uruguaia, fronteira à cidade brasileira de Jaguarão, à margem do rio dêsse nome, que separa os dois países.

O Dr. Américo R. Neto partiu do Rio de Janeiro, às 8 horas do dia 19 de Junho, chegando a Montevidéu à 1 hora do dia 10 de Julho. Descontando as paradas, repousos, etc., o percurso de 3.153 km foi feito em 13 dias de marcha, ou seja em marcha média diária de 243 km.

Anos mais tarde, em Abril de 1937, o "Centro Automovilista del Uruguai" promoveu um concurso internacional de regularidade, de Montevidéu ao Rio de Janeiro, com um itinerário de 3.200 km, a serem percorridos, como o foram, em *8 dias* apenas, com as seguintes etapas diárias:

I	— Montevidéu-Melo	450 km
II	— Melo-Cachoeira-Pôrto Alegre	400 "
III	— Cachoeira-Pôrto Alegre	300 "
IV	— Pôrto Alegre-Lajes	380 "
V	— Lajes-Florianópolis	260 "
VI	— Florianópolis-Curitiba	450 "
VII	— Curitiba-São Paulo	460 "
VIII	— São Paulo-Rio	500 "
	Total: Montevidéu-Rio	3.200 "

Essa prova automobilística de regularidade, entre Montevidéu e Rio de Janeiro, foi ganha por um *sportman* brasileiro, o Sr. Norberto Yung, do Rio Grande do Sul.

Chuvas na faixa atravessada pelo Tronco Sul

As nossas antigas estradas carroçáveis, como os velhos caminhos, em terra não melhorada, isto é, sem revestimento de espécie alguma, sofriam o reparo, justificado aliás, de só darem livre trânsito, em tempo sêco, porque, quando chovia se transformavam em *atoleiros* intransponíveis.

Por isso, logo que surgiu a campanha das *boas estradas,* iniciada pelas associações automobilísticas e turísticas, vulgarizou-se a legenda *"estradas para todos os dias do ano"* (e, também, "para tôdas as horas do dia", porque as outras mal construídas, por vêzes beirando precipícios, eram perigosíssimas de viajar, de automóvel, à noite).

Hodiernamente, as boas rodovias, bem construídas e bem revestidas, indo desde a *terra melhorada* ao pavimento de *concreto armado,* são, na realidade, "estradas para todos os dias do ano e para tôdas as horas do dia".

Não obstante, para longos percursos, por outros motivos óbvios, é preferível o tempo menos chuvoso.

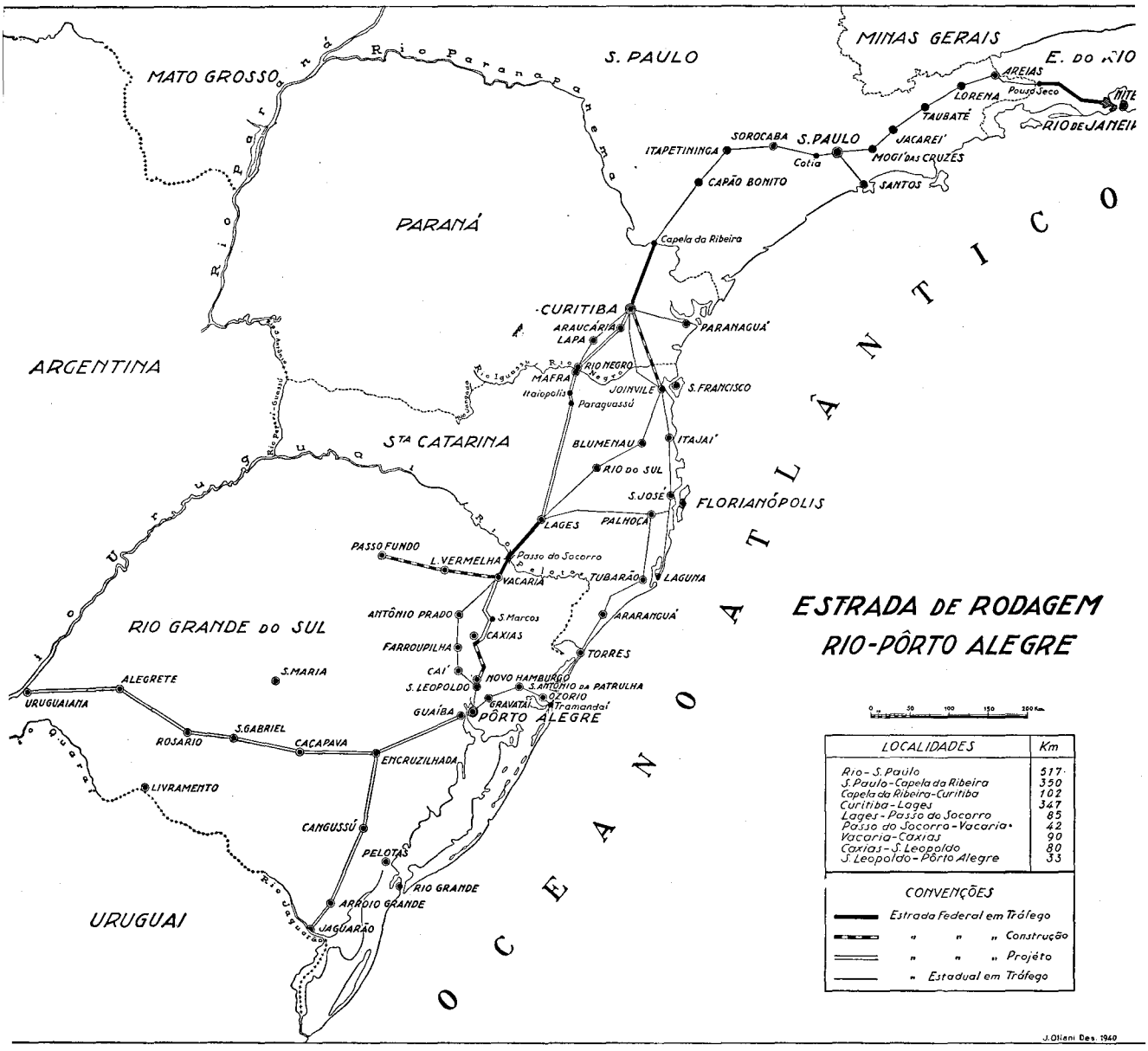
Embora saibamos que, *em geral,* no Brasil, a quadra mais sêca corresponde ao *inverno* e a mais chuvosa ao *verão,* pareceu-nos interessante observar as normais de chuva ao longo da faixa atravessada por uma extensa rodovia, como para exemplo, o *tronco Sul.*

No quadro, a seguir, confrontamos os *totais de chuva* e o *número de dias chuvosos* nos meses de Janeiro e Julho, que coincidem ser os meses centrais do *verão* e do *inverno.*

NORMAIS DE CHUVA EM JANEIRO E EM JULHO AO LONGO DA RODOVIA TRONCO SUL

(Êste quadro foi organizado com os valores *normais* que nos foram transmitidos em Setembro de 1936, pelo Instituto de Meteorologia, desta Capital).

Nos 22 postos meteorológicos constantes do quadro, a maioria tem os meses de Janeiro e Julho, como respectivamente, o *mais chuvoso* e



o *menos chuvoso* (ou mais sêco); em algumas êsse máximo e êsse mínimo oscilam um pouco, em geral, para Dezembro e Junho, respectivamente.

Considerando o quadro, concluímos que até *Lajes,* quasi na fronteira do Estado do Rio Grande do Sul, em Janeiro há, em *média,* 17 dias chuvosos — mais de meio mês! — e, também em média, 208,9 milímetros de chuva, ou sejam 12,3 por dia.

Ao passo que, em Julho, teremos, em média, 6 dias chuvosos, — menos de uma semana! — e 49,6 milímetros de chuva, ou seja 8,2 por dia.

No Estado do Rio Grande a distribuição das chuvas se mostra diferente. Enquanto, até Lajes o total máximo em Julho é de 86.4 e o número máximo de dias é 9, no Estado do Rio Grande êsses valores sobem a 153.^{mm}2 e 11 dias, em Santa Cruz.

Segundo as *normais*, de que dispomos, foi observado nessas estações do extremo Sul, o seguinte:

Como vemos, a distribuição das chuvas, quanto ao mês mais chuvoso e menos chuvoso (mais sêco) parece fazer-se de modo inverso ao das localidades consideradas ao norte, desde Santa Catarina até Rio de Janeiro. Não cabe aquí mais demorado estudo meteorológico dêsse fato.

Finalmente, as altitudes e a chuva anual se distribuem por essa faixa, como indicado abaixo:

Observamos que o maior total de chuva anual é no ponto de maior altitude (Vacaria) e o maior número de dias (164) em um dos pontos mais baixos (Blumenau).

Seria interessante desenvolver o assunto, fazendo observações análogas e outras, relativamente às grandes rodovias: *Rio-Belo Horizonte, Rio-Baía* e *Transnordestina*.

De passagem, observemos que, nesta última, as palavras *inverno* e *verão* teriam que ser entendidas, não mais no exato sentido astronômico, mas no significado local do nordeste e norte: *inverno,* quadra chuvosa; *verão,* quadra sêca.

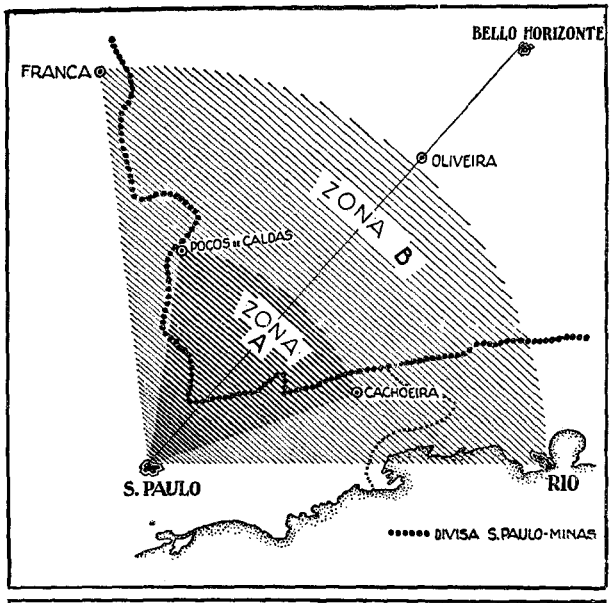
Isso, aliás, parece provir não só de que a maior umidade, na estação chuvosa provoca uma sensação de frio, mas, talvez mesmo, dos ancestrais indígenas, que só distinguiam duas estações: *amana-ara,* época das chuvas e *coaracy-ara,* época do sol. (Barbosa Rodrigues, *"Poranduba Amazonense"*).

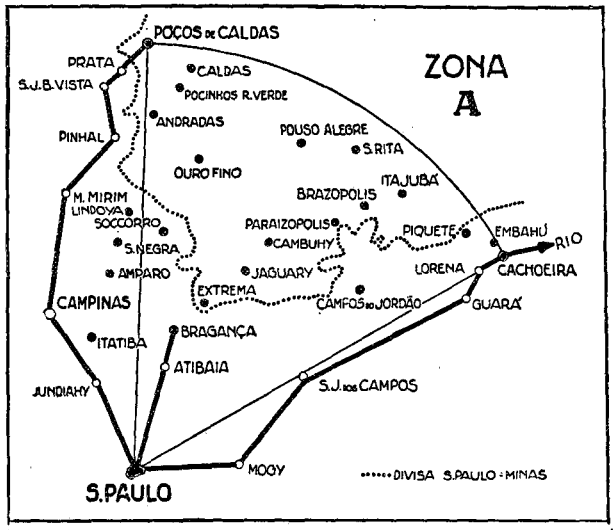
Julgamos que apresentaria grande utilidade, por suas várias aplicações (à conservação da própria estrada, ao turismo, etc.) um serviço de observações pluviométricas (se não de outros fenômenos meteorológicos), ao longo das rodovias, nos pontos indicados mais convenientes.

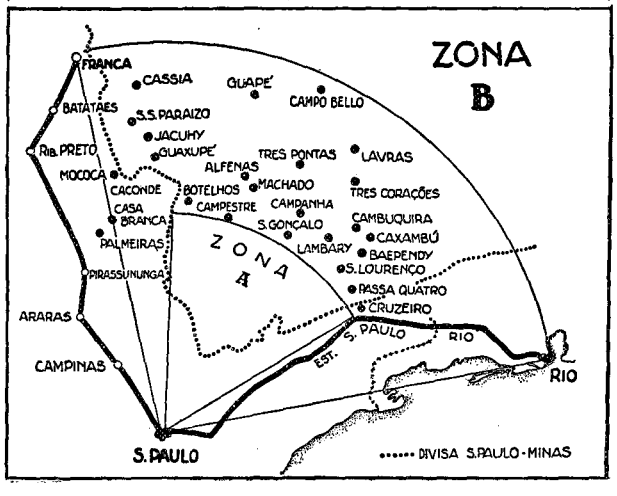
Circuito rodoviário das estações hidro-minerais do Sul de Minas — Atração de São Paulo e Rio

O *Touring Club* de São Paulo (n.º 3, de Julho de 1934), observou que a atração exercida pela capital daquele Estado sôbre o Sul de Minas, através das rodovias então existentes, podia ser representada, graficamente, por um vasto setor, subdividido em duas zonas (designadas na figura, *Zona A* e *Zona B*), a que correspondem respectivamente, maior e menor atração.

"Em qualquer dos dois casos, — observava o periódico, — há uma conclusão que se impõe iniludivelmente. E' o fato de que Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, fica não só fora das zonas "A" e "B",







mas também bastante longe de uma e de outra, trazendo a conveniência — que para ambas é verdadeira necessidade — de se comunicarem de preferência com São Paulo e com o Rio de Janeiro, com São Paulo de preferência ao Rio, ainda".

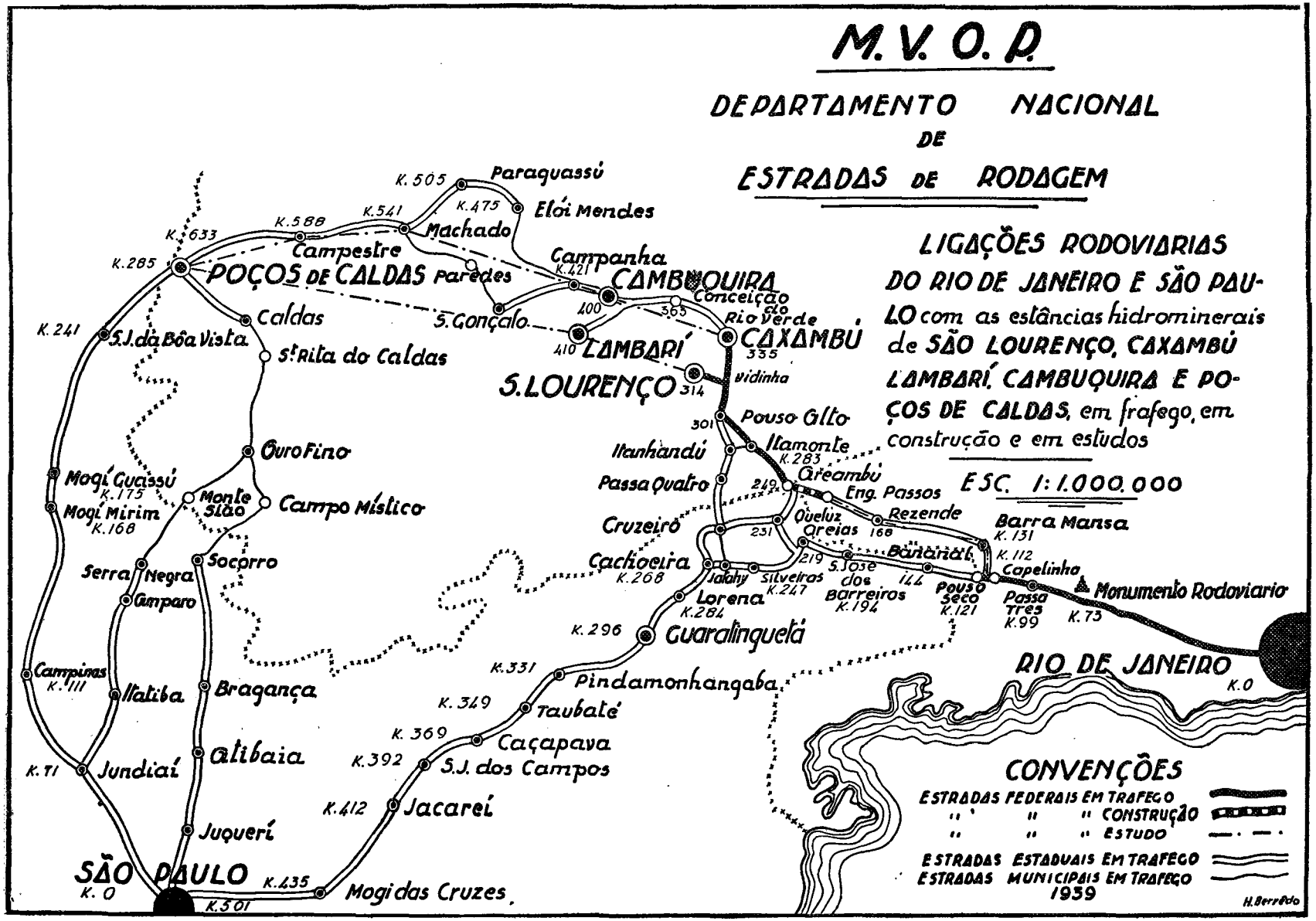
Salientava, então, o articulista, a conveniência de que se fizesse "quanto antes a articulação da grande linha rodoviária brasileira, que é a estrada *São Paulo-Rio,* com a maravilhosa região sul-mineira, na qual se c o n f u n d e m perfeitamente as zonas "A" e "B" aquí destacadas pela simples razão de se tornar mais fácil mostrá-las e procurar entendê-las".

Hoje, que já existe essa preconizada ligação, tanto vale dizer, a *estrada Areias-Caxambú,* mais intenso é o intercâmbio turístico entre essas regiões (Sul de Minas, São Paulo e Rio).

E estando *A r e i a s* mais perto do **R i o** (219 km) do que de São Paulo (282), o centro de atração tenderá a mudar-se (salvo observação em contrário) de São Paulo para o Rio.

M. V. O. P.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM



Como quer que seja, a rodovia *Areias-Caxambú* concorrerá para mais rápido desenvolvimento econômico do Sul de Minas.

Rodovias para o Norte

Haveria, preliminarmente que referir às possíveis ligações rodoviárias entre a Capital do país e as duas mais próximas dos Estados ao norte desta, ou sejam as cidades de *Niterói,* no Estado do Rio de Janeiro e a de *Vitória,* no Estado do Espírito Santo.

Contornando a baía de *Guanabara,* atingimos Niterói. Daí atravessando os Estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo chegamos à capital dêste, *Vitória,* centro da rede rodoviária dêsse Estado, com tendência a interligar-se, essa rede, à do Sul do Estado da Baía.

Muito mais interessante, porém, neste setor norte, é a ligação rodoviária Rio-Baía.

Estrada Rio-Baía

Desde que se cogitou, aí pelos fins de 1930, da possibilidade de ligação rodoviária entre as cidades do Rio de Janeiro e do Salvador, capital do Estado da Baía, vários traçados foram sugeridos. Descrevêmo-los em nosso livro *Quilômetro Zero* (págs. 276-325).

Depois de haver estudado longamente êsses diversos traçados, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem decidiu-se, em definitivo, pelo seguinte, em parte já construído e de que prossegue a construção da parte restante:

I —	*Rio-Muriaé* (via Petrópolis — Areal — Pôrto Novo — Leopoldina)	320,Km 500
II —	*Muriaé-Caratinga* (passando em Santa Rita do Glória — Sacramento — Santa Bárbara)	198 Km
III —	*Caratinga-Figueira* (Governador Valadares) (via Inhapim)	105 Km
IV —	*Figueira-Teófilo Otoni* (passando em Chonin — Itambacuri — Igreja Nova)	174 Km
V —	*Teófilo Otoni-Fortaleza* (Cel. Francisco Sá — Santa Rita)	321 Km
VI —	*Fortaleza-Conquista*	186 Km
VII —	*Conquista-Jequié*	160 Km
VIII —	*Jequié-Feira de Santana*	270 Km
IX —	*Feira-Salvador*	144 Km
	Total	**1.878,Km 500**

O trecho de Rio de Janeiro a Muriaé já foi inaugurado oficialmente. Prossegue a construção dos trechos entre Muriaé e Figueira.

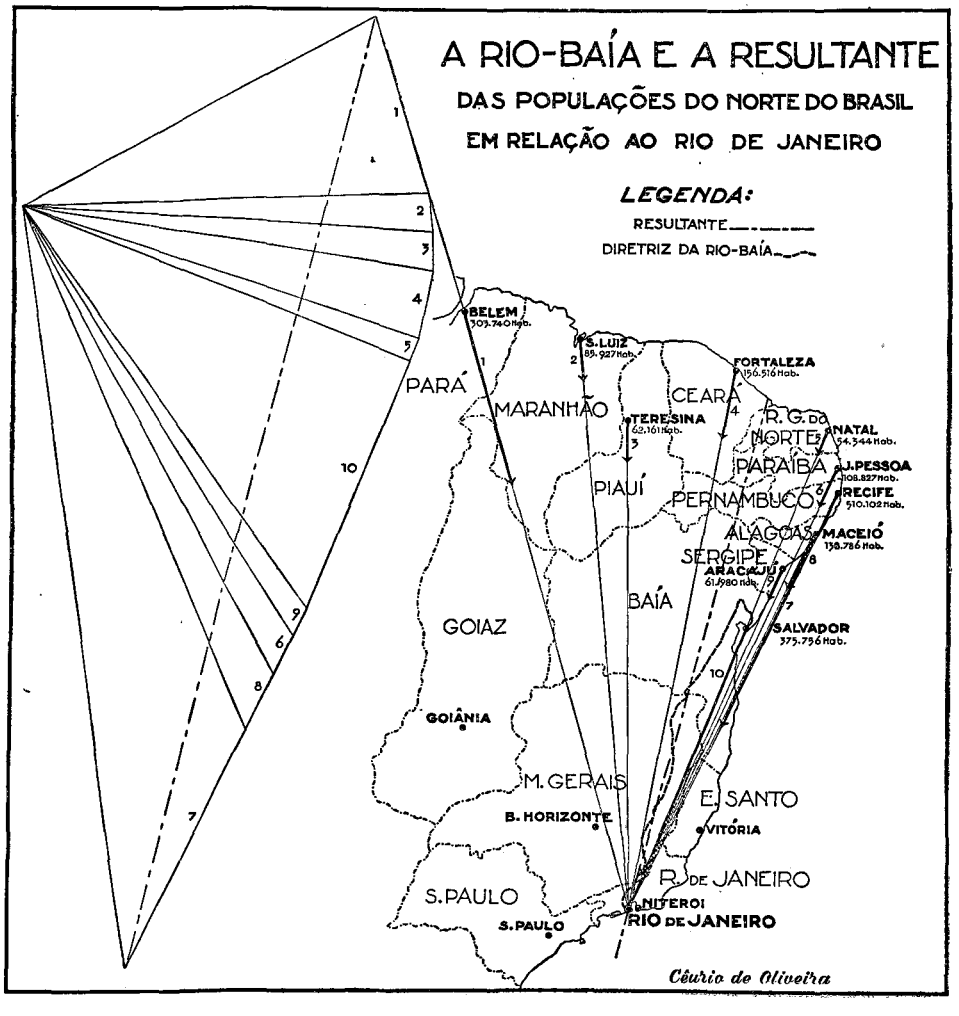
A partir de Figueira, até Teófilo Otoni, grande parte já existe, construída pelo Estado de Minas.

Igualmente, de Conquista a Salvador, construída pelo Estado da Baía.

Para completar-se a ligação Rio-Baía, restará, finalmente o trecho ínter-estadual de Fortaleza a Conquista. O mais antigo "projeto de estrada da cidade da Baía para a do Rio de Janeiro", de que temos notícia, data de 1815. Veio aos nossos dias anônimo. (Ver *Quilômetro Zero,* pág. 258). A extensão dessa antiga estrada seria aproximadamente de *346 léguas,* ou sejam *2.076 km,* valor êsse sensivelmente análogo ao do traçado da rodovia moderna (1.878 km), que será praticamente de 2.000 km.

Caminho de transumância

O engenheiro Odilon Dias Pereira, atualmente Secretário de Viação do Estado de Minas Gerais, em parecer emitido em fins de 1934, relativo à estrada *Rio-Baía,* observou que, considerando as populações das capitais dos Estados do Norte, atraídas pela cidade do Rio de Janeiro, como fôrças orientadas para esta Capital, e, traçando, pela Grafo-estática, o corres-



pondente polígono de Varignon, para obter a resultante dêsse conjunto de fôrças orientadas centripetamente, a direção dessa resultante coincide, sensivelmente, com a diretriz geral do traçado da *Rio-Baía*.

Aquele técnico, "mostrando que êsse traçado coincide quasi exatamente com a linha que liga a capital da República ao centro de gravidade das populações das capitais do Norte, centro de gravidade tomado em relação ao Rio de Janeiro como centro", considera essa interessante observação apenas como "um argumento a mais a favor do traçado" indicado.

Parece-nos, entanto, haver-se inspirado, talvez intuitivamente, na observação — (que Alfredo Elis Júnior, em *Meio Século de Bandeirismo,* diz ser de *sociologia,* mas que nos parece, antes, de *geografia humana,* ou de *mecânica econômica*) — de que: *"Os núcleos humanos se atraem na razão direta das massas e das similitudes étnico-sociais, e inversa das distâncias"*.

Assim supondo, poderíamos acrescentar: êsse fato parece exprimir que, se por causas quaisquer, se verificasse um fenômeno de *transumância* das populações dos Estados do Norte, — da Baía ao Pará, — deveriam, a princípio, encaminhar-se para S. Salvador, atraídas pela fôrça desta cidade, e depois daí, ou mesmo, ainda a meio caminho dela, essas massas humanas migratórias infletiriam, tôdas, em última etapa, para a estrada de rodagem *Rio-Baía,* eixo por onde desceriam, lentamente, até atingir o foco de atração maior, a Capital do País, — Rio de Janeiro.

Os nomes das rodovias pelas cidades extremas

De passagem, observemos ainda que êsse mesmo princípio, — mera aplicação da lei de gravitação universal ao domínio humano, — parece ter sido a causa, inconciente aliás, do uso vulgarizado de apelidar-se cada rodovia, sinteticamente, pelos nomes das duas cidades mais importantes, que ela interliga como um segmento de atração de suas massas humanas: *Rio-São Paulo, Rio-Belo Horizonte,* etc.

Curioso ainda observar-se que, à maneira de um setor, o segmento rodoviário se orienta, conforme a origem considerada. Assim, os cariocas dizem: *Rio-São Paulo, Rio-Belo Horizonte;* os paulistas e os mineiros dizem, respectivamente, *São Paulo-Rio* e *Belo Horizonte-Rio*.

Bissetriz das duas grandes vias de comunicação para o Norte

Outra observação do engenheiro Odilon Pereira é que "a futura estrada de rodagem, será a bissetriz do ângulo formado *pelas duas grandes vias de comunicação para o Norte:* a do *nascente,* que é a linha marítima e a do *oeste,* que é a linha formada pela conjugação da *Central do Brasil* e o *Rio São Francisco*. A estrada atravessará de norte a sul, em sua direção mais longa, a conhecidíssima *Zona da Mata* Mineira; atravessará o vale do

Rio Doce, o mais rico do Brasil, normalmente à estrada de ferro de Belo Horizonte a Vitória, do mesmo modo atravessará os vales do *Mucuri* e *Jequitinhonha,* aquele com a *E. F. Baía-Minas* na mesma direção da Vitória-Minas; ligará todos entre si, pelas linhas mais curtas e de melhores condições técnicas, formando com a estrada de *Teófilo Otoni-Peçanha-Belo Horizonte-SãoPaulo,* a linha tronco Norte-Sul do país e cruzando, em Caratinga, com a linha *Uberaba-Belo Horizonte-Vitória".*

Articulação das fôrças coordenadoras do Brasil Longitudinal

Mário Travassos em seu estudo *Aspectos Geográficos Sul-Americanos* (1933) fez, entre outras, as seguintes observações:

"Examinadas e consequentemente admitidas certas manifestações geográficas da massa continental sul-americana, tão bem como do território brasileiro, resulta de modo indiscutível a importância de nossas comunicações longitudinais, quer do ponto de vista da unidade brasileira, quer como fêcho da projeção coordenadora do Brasil no ponto de vista continental.

"O trato amazônico, pelas naturais possibilidades carreadoras do Amazonas, vale por si mesmo. O trato mato grossense, por sua posição, prolongando territórios litorâneos, permite, por vias terrestres, estabelecidas em concordância, grande poder carreador dos confins mediterrâneos rumo ao oceano.

"Amarrando-o, como poderoso ímã, nosso litoral se arqueia segundo os segmentos balizados respectivamente pelos portos de São Francisco-Santos, Rio-São Salvador, Natal-Belém, oferecendo assim três superfícies de contacto aos feixes de circulação marítima do Atlântico Sul. O segmento São Francisco-Santos atua contra a fôrça concêntrica da bacia platina, enquanto no segmento Natal-Belém, Natal realiza o campo de pouso espontâneo para os vôos transatlânticos e Belém o desaguadouro de todo o potencial centrípeto do Amazonas.

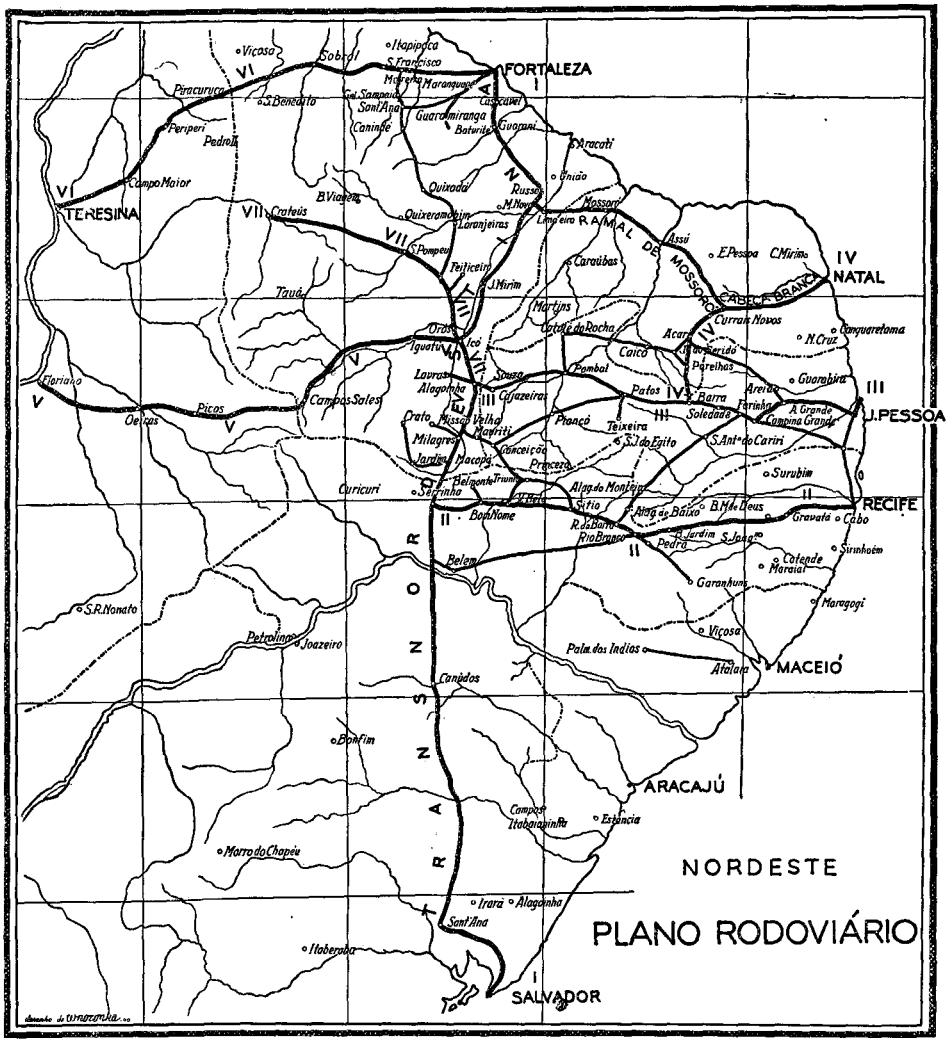
"O segmento Rio-São Salvador baliza na costa, a região litorânea que traduz a faixa longitudinal dos dois grandes tratos de penetração". (Os grifos são nossos).

Inspirado nessas observações e aproximando outras idéias complementares: a necessidade de interligar as redes de comunicações terrestres do Sul e do Centro com as do Norte, mediante o segmento que falta (Rio-Salvador); as vantagens dessa ligação de interêsse nacional; a eficiência das modernas rodovias sob todos os pontos de vista, mas principalmente como *caminhos civilizadores,* — consideramos a estrada Rio-Baía como segmento importante da articulação das fôrças coordenadoras do Brasil Longitudinal. (*Quilômetro Zero,* pág. 326).

Rede rodoviária federal do Nordeste O plano rodoviário geral do Nordeste, projetado e em execução progressiva pela Inspetoria Federal de Obras contra as Sêcas, segundo o expôs o próprio inspetor, engenheiro Luiz Vieira (*Boletim da Inspetoria,* Agôsto, 1934), ficou constituído, inicialmente, de 7 estradas-tronco e 15 estradas subsidiárias ou ramais.

Êsse programa tem sido ampliado, constando do *Guia Rodoviário,* editado pela Inspetoria em 1939, não mais apenas 15 estradas subsidiárias, mas 50.

Diremos apenas algumas palavras sôbre as estradas-tronco. A extensão dêste capítulo não comporta mais. Para o leitor curioso de outros informes pormenorizados, o *Guia Rodoviário,* da Inspetoria, é repositório utilíssimo.



Estradas-tronco — São as seguintes:

1.º — *Tronco São Salvador-Fortaleza,* ou *Transnordestina,* — passando por Feira de Santana, Serrinha, Cumbe e Canudos, na *Baía;* Sal-

gueiro em *Pernambuco;* Macapá, Milagres, Alagoinha, Icó, Jaguaribe-Mirim e Russas, no *Ceará*. E' a corda rodoviária *Transnordestina,* de caráter eminentemente político e social; estabelece ligação entre as linhas de penetração dos diferentes Estados.

2.º — *Central de Pernambuco,* — partindo de Recife e terminando em Leopoldina, passa por Gravatá, Caruarú, Rio Branco, Sítio e Salgueiro onde cruza a *Transnordestina*.

3.º — *Central da Paraíba,* — partindo de Cabedelo, entronca-se em Alagoinha, no *Ceará,* com a *Transnordestina,* passa por João Pessoa (Paraíba), Alagoa Grande, Campina Grande, Soledade, Patos, Pombal, Sousa e Cajazeiras.

4.º — *Central do Rio Grande do Norte,* — partindo de Natal, capital do Estado do Rio Grande do Norte, passa pelas cidades de Macaíba e Santa Cruz e vai entroncar na Rodovia Central da Paraíba, em Barra, passando por Cabeço Branco.

Importante é o ramal de Mossoró, partindo de Cabeço Branco, passando em Angicos, Assú, Mossoró, entroncamento com a *Transnordestina* em Limoeiro, no *Ceará*. Estabelece a ligação das capitais Natal e Fortaleza.

5.º — *Central do Piauí,* — partindo de Icó e passando por Iguatú, Campos Sales, no *Ceará;* Picos, Oeiras e Floriano, no *Piauí*.

6.º — *Fortaleza-Teresina,* — passando por São Francisco de Uruburetama, Sobral e Tianguá, no *Ceará,* Periperí e Campo Maior, no *Piauí*.

7.º — *Central do Ceará,* — parte do açude "Lima Campos" passando por Orós, Senador Pompeu e termina em Crateús, no *Ceará*.

As extensões parciais e totais dessas rodovias-tronco constam do quadro-resumo, seguinte:

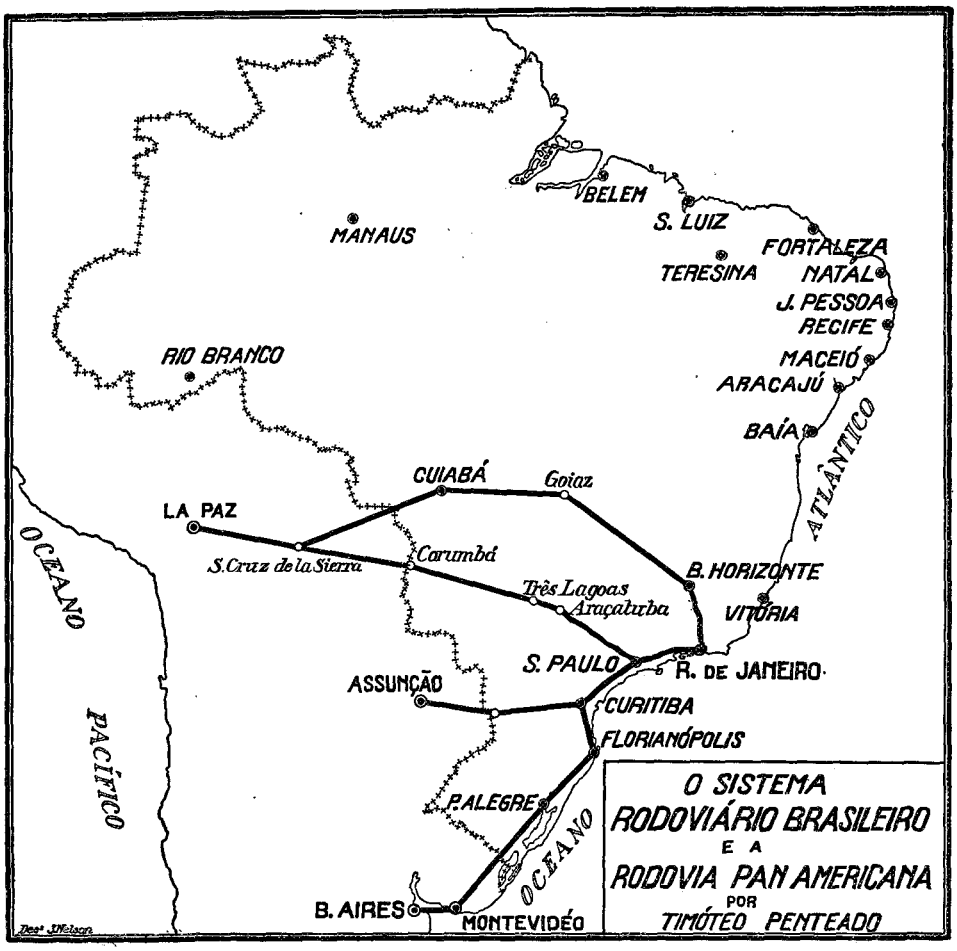
RODOVIAS-TRONCO DO NORDESTE
(da Inspetoria de Sêcas)

A *Transnordestina,* diz o engenheiro Luiz Vieira, é "uma articulação feliz com as diversas rodovias estaduais, facultando o acesso fácil ao rio *São Francisco,* — a grande válvula de escoamento e campo de abrigo às populações castigadas nas sêcas futuras".

Do Rio de Janeiro ao Piauí, de automóvel

O Sr. J. R. Parkinson, do Automóvel Clube do Brasil, realizou, em fins de 1938, um *raid* automobilístico, pelo interior do país, partindo do Rio e alcançando o Estado do Piauí.

Apesar de certas dificuldades de caminhos, ou de trânsito difícil, ainda encontradas, êsse *raid* teve o melhor êxito. O mesmo *sportman,* fez, naquele ano, outros percursos igualmente longos, ao extremo sul e ao longínquo oeste. (*A. C. B.*, órgão do Automóvel Clube — Maio, 1939).



A Rodovia Transbrasiliana e a Rodovia Panamericana no Brasil

Essas rodovias de extensões imensuráveis são, por enquanto, projetos grandiosos que talvez o futuro realize. A Rodovia Transbrasiliana iria do Rio às fronteiras da Colômbia. Imaginada pelo prof. Jerônimo Monteiro Filho, da Escola Politécnica desta Capital, dela tratou o engenheiro Virgílio Correia Filho *in "Jornal do Comércio"* (Rio, 30-Agôsto-1936).

Da Rodovia Panamericana tratou o engenheiro J. T. de Oliveira Penteado, em *O sistema rodoviário brasileiro e a rodovia panamericana* no 2.º Congresso Panamericano de Estradas de Rodagem (Rio, 1929).

Indicou os seguintes "traçados viáveis para a Rodovia Panamericana em território brasileiro na ligação Rio-La Paz, Rio-Buenos Aires e Rio-Asuncion, por meio das estradas já construídas e das projetadas":

I) — Rio-Petrópolis — Belo Horizonte-Goiaz — Cuiabá-*La Paz*.

II) — Rio-São Paulo — Curitiba-Dionísio Cerqueira — Foz do Iguassú-*Asuncion*.

III) — Rio-São Paulo — Corumbá-*La Paz*.

IV) — Rio - São Paulo - Curitiba - Florianópolis - Pôrto Alegre - *Montevidéu - Buenos Aires*.

O engenheiro Filúvio C. Rodrigues, tratando da estrada Areias--Caxambú (*Rodovia* — Junho 1930), que considera o "primeiro trecho do grande tronco federal" Rio-Cuiabá —, preconiza a construção dêsse tronco e o seu prolongamento até a divisa com a Bolívia, "afim de fazer a ligação do nosso sistema rodoviário à grande rodovia panamericana que percorrerá a América do Sul pela costa do Pacífico".

Outras rodovias nacionais

De início dissemos não haver ainda, entre nós, uma definição legal de *estradas nacionais*. Não obstante isso, o conceito por nós adotado, inspirado na analogia com as estradas de ferro, mas sobretudo no critério geográfico de seu maior desenvolvimento pelo território, concorda com o de reputados autores rodoviários, que, antes de nós, versaram êsse mesmo assunto.

Assim, Américo R. Neto, escrevendo sôbre "as estradas nacionais do Brasil — as ligações rodoviárias dos Estados" (op. cit.), observou: "O Brasil já está tendo, felizmente, *estradas da grandeza da sua geografia*".

"As nossas estradas alargam-se e distendem-se. E vão progressivamente se articulando, numa verdadeira anastomose de ramos que escapam às simples divisas municipais, aos já maiores limites estaduais e à própria amplitude das dilatadas fronteiras nacionais".

Refere, a seguir, às grandes ligações necessárias, então (1930) inexistentes:

a) — entre Estado do Rio e Espírito Santo e entre êste e Baía, pelo litoral;

b) — entre Minas Gerais e Baía, mais pelo interior;

c) — entre Rio de Janeiro e Natal, possivelmente prolongando-se até Teresina, no Piauí, evidenciando a possibilidade da ligação da rede rodoviária do Centro-Sul com a do Norte-Nordeste do Brasil, "para que se possa viajar de automóvel, de Teresina, no Piauí, até Jaguarão".

d) — "Amazonas, Pará e Mato Grosso teem estradas de rodagem, sem dúvida. Estas estradas, porém, ajustam-se mais às determinantes fluviais destas três maiores unidades do país, deixando de se integrar, por isto, na trama rodoviária geral do país. Não tardará que também se encorporem ao desenvolvimento das estradas nacionais, o que de certo modo e até certo ponto Mato Grosso já conseguiu, ligando-se por estradas aos Estados vizinhos e por meio deles chegando ao longínquo litoral".

Igualmente, em seu livro *Caminhos para o Brasil* (S. Paulo, s/d), os Srs. D. L. Derron, A. R. Neto, R. Bopp e L. R. Sanson, afirmam: "Ao contrário do que geralmente se acredita, o Brasil está muito próximo de possuir um sistema rodoviário nacional do que o podem indicar as principais fontes indiretas de informações de que atualmente dispomos, quais sejam mapas e livros".

E mais adiante: "E de tal modo se manifestou a febre construtiva de estradas de rodagem no Brasil que *não é exagêro afirmar bastarem uns dois mil quilômetros de ligações para dotar o país de uma rede rodoviária verdadeiramente nacional e de magnitude que mal se pode ainda suspeitar*".

O engenheiro Iedo Fiúza, diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, em trabalho apresentado ao Ministro da Viação, em comêço de 1938, referiu-se ao "Plano Rodoviário Nacional", compreendendo *sete grandes linhas-tronco* e trinta e nove ramais, em uma extensão total de 19.000 quilômetros, para cuja construção sistemática julgava suficiente um prazo de vinte anos.

As grandes linhas-tronco dêsse plano, assim se discriminam:

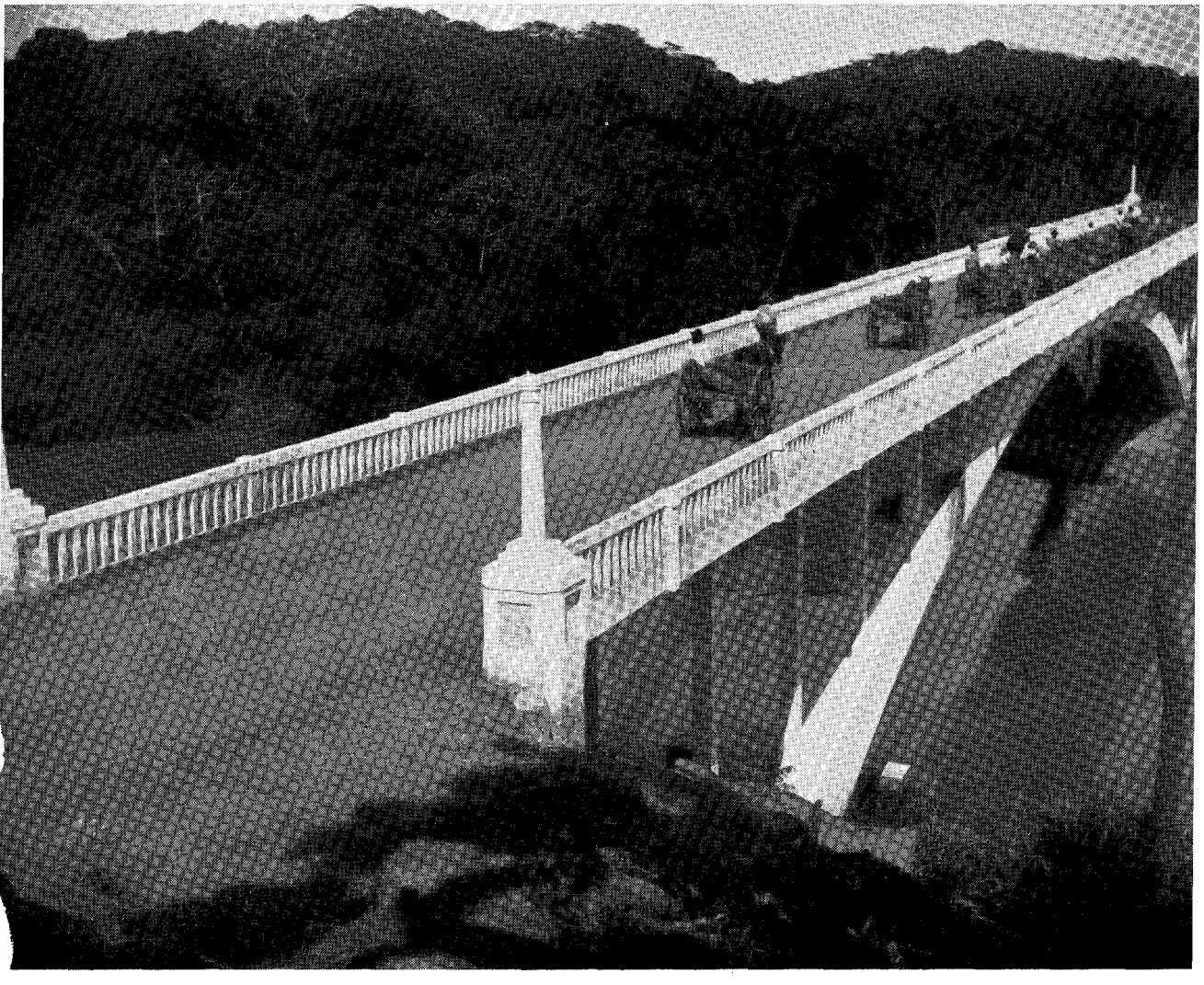
I. *Tronco Sul* (T. S.): — Rio - Pôrto Alegre.
II. *Tronco Nordeste* (T. N.): — Rio - Fortaleza.
III. *Tronco Litorâneo Nordeste* (T. L. N.) — S. Salvador - Fortaleza. (Diverso da *Transnordestina,* por ser litorâneo).
IV. *Tronco Nordeste-Norte* (T. N. N.): — S. Salvador - Belém.
V. *Tronco Sul-Noroeste* (T. S. N.): — Santos - Cuiabá.
VI. *Tronco Leste-Oeste* (T. L. O.): — S. Salvador - Cuiabá.
VII. *Tronco Central* (T. C.): — Rio - Goiaz.

Os limites dêste trabalho não comportam referência aos 39 *ramais,* nem, tampouco, às rodovias meramente estaduais ou municipais. Encerraremos, transcrevendo a mais recente e fidedigna estatística sôbre a rodoviação geral do país.

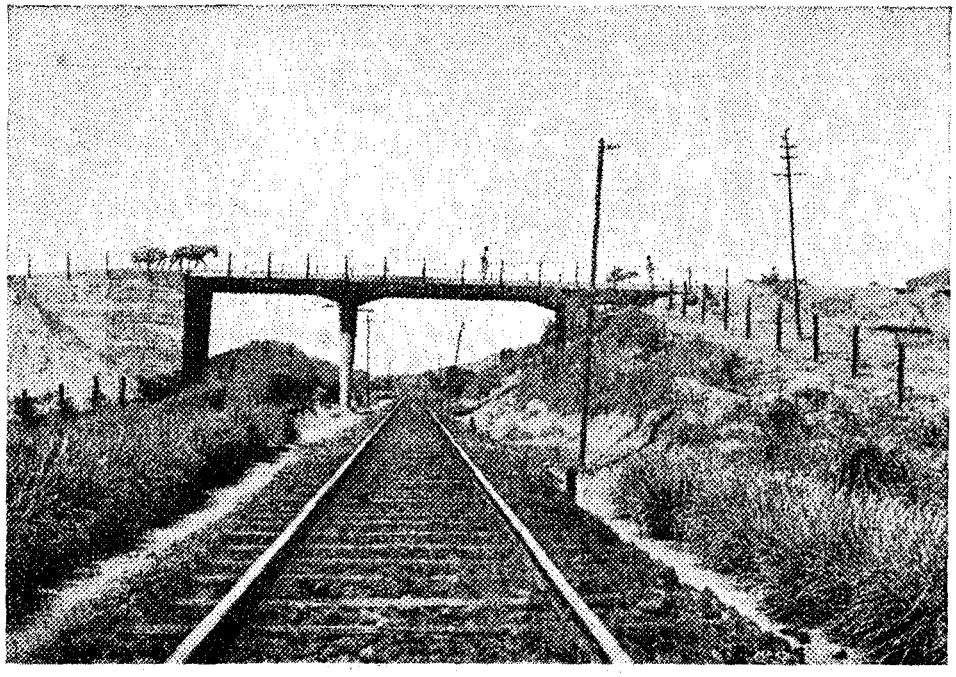
EXTENSÃO TOTAL DA REDE RODOVIÁRIA DO BRASIL EM 31-XII-1937, SEGUNDO O "ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL", DE 1938

Regiões e Unidades Federadas	Extensão das rodovias (km)	
Norte		
Acre	—	
Amazonas	400,7	
Pará	1.011,3	
Maranhão	3.768,0	
Piauí	7.324,0	12.504,0
Nordeste		
Ceará	5.780,0	
Rio Grande do Norte	4.200,0	
Paraíba	3.404,6	
Pernambuco	5.377,6	
Alagoas	2.922,0	21.684,2

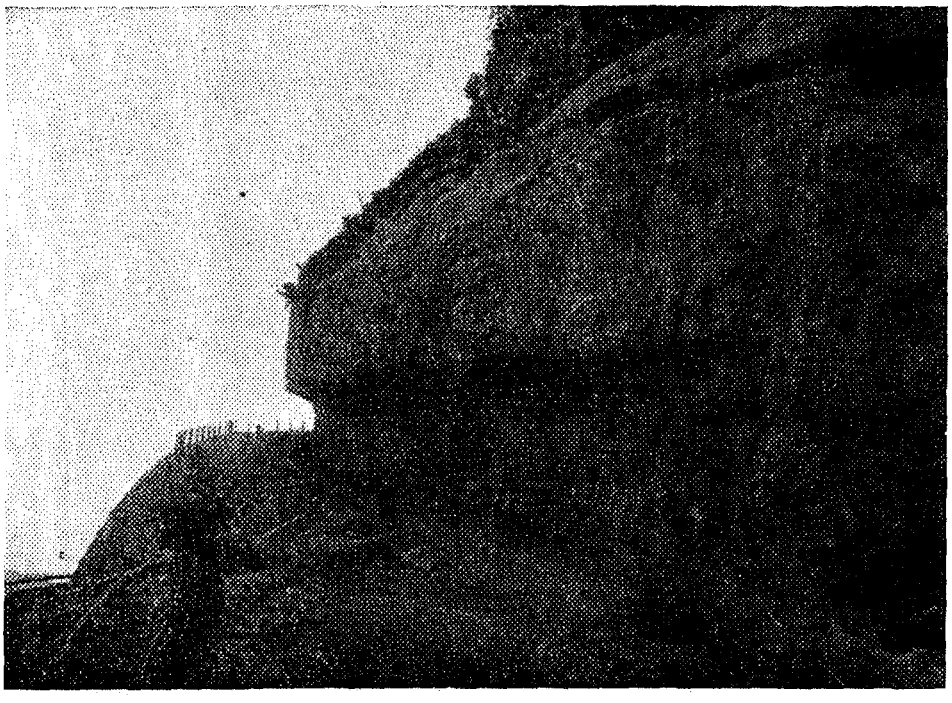
Antes de haver a Rio-São Paulo. A estrada de Santa Cruz a Bananal — Em caminho para a fazenda Caxias



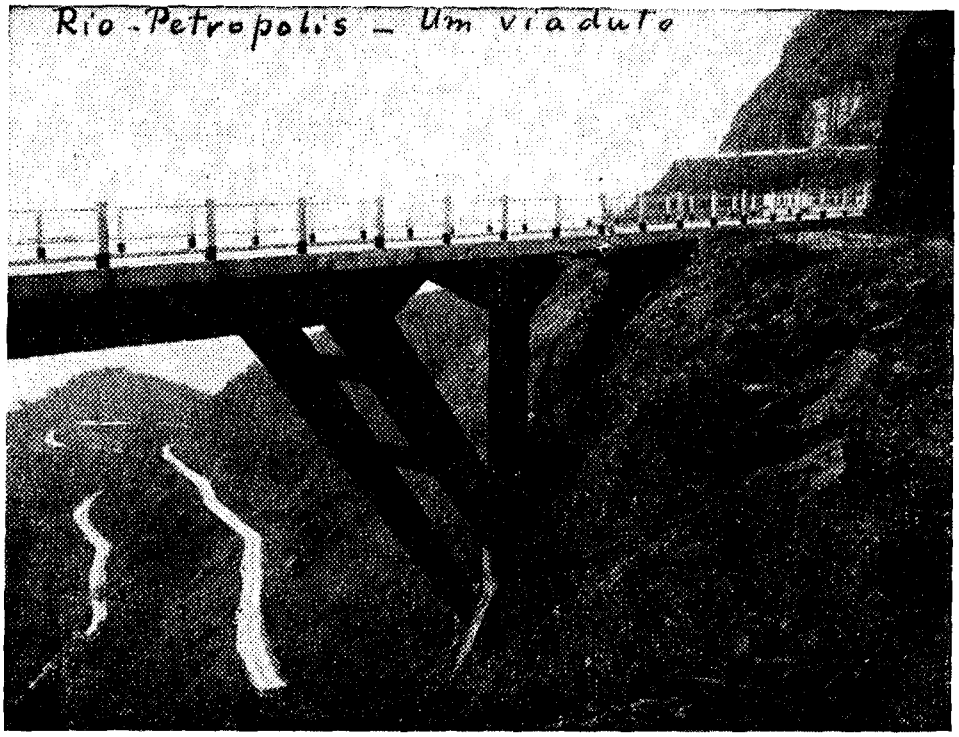
Estrada Rio-São Paulo — Ponte sôbre o rio "Guandú-Mirim", logo após sua construção



Estrada Rio-São Paulo — A passagem superior de Senador Vasconcelos — um vão central de 10 metros e dois de 7 m.



Rio-Petrópolis — O nicho próximo à estaca 140, no período da construção



Rio-Petrópolis — Um viaduto, vendo-se também um trecho da estrada

Rio-Petrópolis — Tipo de cêrca de proteção

Estrada do Corcovado — Vista aérea do trecho Paineiras-Corcovado

Regiões e Unidades Federadas	Extensão das rodovias (km)	
Este		
Sergipe	703,0	
Baía	11.739,9	
Espírito Santo	5.365,6	17.808,5
Sul		
Rio de Janeiro	4.233,7	
Distrito Federal	514,7	
São Paulo	48.059,0	
Paraná	15.461,4	
Santa Catarina	15.581,2	
Rio Grande do Sul	11.944,6	95.794,6
Centro		
Mato Grosso	7.093,0	
Goiaz	8.623,0	
Minas Gerais	36.829,0	52.545,0
Brasil		200.336,3

RESUME — RESUMEN — RIASSUNTO — SUMMARY — ZUSAMMENFASSUNG — RESUMO

Dans cet article, l'Ingénieur Moacir F. Silva présente le VIIème chapitre de son travail "Géographie des Transports au Brésil", intitulé: Circulation interne actuelle.

D'entrée, il dit que faute de législation compétente nous considérons les routes comme étant nationales (fédérales), départementales des états et municipales quand elles sont construites ou entretenues, respectivement, par les gouvernements de l'Union, des États ou les Communes. Dans cet ordre d'idées et pour les fins de sa présente étude, il établit la conception de *routes nationales:* a) celles qui traversent un ou plusieurs états; b) celles qui se dirigent vers les frontières du pays ou le long de celles-ci; et c) celles qui présentent un intérêt général (militaire, administratif, touristique, etc.).

Il se réfère en détail aux grandes *routes-principales,* comme: *celle du-centre* (Rio-Belo Horizonte avec possibles éparpillements vers Goiaz et Mato Grosso), *celle du-sud* (Rio-São Paulo, prolongée jusqu'à Rio Grande do Sul), et *celle du-nord* (Rio-Baía, avec ses possibles ramifications vers le nord-est et le nord). Il rappelle la division du Brésil Colonial en deux Gouvernements (Baía et Rio) et le fait de n'avoir pas été construite, à l'époque, une route liant ces deux points, laquelle eût pu être d'extraordinaires conséquences d'ordre social et économique. Il cite le Décret ferroviaire nº 101, de 1835, autorisant la "construction d'une ligne de chemin de fer de la capitale de Rio de Janeiro vers les capitales de Minas, Rio Grande et Baía". Il affirme que ce Décret "dessinait le même plan de communications qui est encore suivi, — fatale imposition historique-géographique —, pour les routes modernes".

Il présente les étapes d'un raid réalisé en 1930, de Rio à Montevidéu, dont le parcours de 3.135 km. fut fait en 13 jours, à la moyenne journalière de 243 km.

Bien que les bonnes routes actuelles soient bien construites et bien recouvertes, dans leur majorité, il dit qu'un voyage sur long parcours est préférable, pour des motifs évidents, en temps peu pluvieux. Comme guide pour l'étude de cet aspect de la question, il présente des tableaux avec des observations de la pluie par les postes météorologiques sur la longue route principale du sud. Défendant la convenance de semblables études quant aux autres routes, il affirme être de grande utilité pour l'entretien de la propre route et pour le tourisme, l'établissement d'un service météorologique le long des routes.

L'auteur présente encore un graphique de l'influence exercée par la capitale de l'état de São Paulo sur la région du sud de Minas, selon un travail publié dans la revue "Touring Club" de cette ville.

Il étudie les tracés des routes vers le nord, présentant les respectifs parcours et kilométrages. Il cite l'opinion de l'Ingénieur Odilon Pinheiro "que la future route sera la bisextrice de l'angle formé par les deux grandes voies de communication pour le nord: celle du levant qui est la liaison maritime, et celle de l'ouest qui est la ligne formée par la conjugaison de la *Central do Brasil* avec le fleuve *São Francisco.* La nécéssaire liaison des communications terrestres du sud et du centre avec le nord sera par le segment qui manque: Baía-Rio, considéré par l'auteur le plus important segment de l'articulation des forces coordonées du Brésil longitudinal.

Quant au Nord-est il décrit, avec kilométrage et parcours, les *routes-principales* suivantes: *Salvador-Fortaleza* ou *Transnord-est-Central de Pernambuco; Central da Paraíba; Central de Rio Grande do Norte; Central de Piauí; Fortaleza-Teresina,* et *Central do Ceará,* d'un total de 4.496,5 km.

Il se réfère aux parcours viables d'une route PAN-AMÉRICAINE, proposée par l'Ingénieur J. T. Oliveira Penteado, au moyen de routes déjà construites ou projetées, lesquelles seraient: I) Rio-Petrópolis-Belo Horizonte-Goiaz-Cuiabá-La Paz; II) Rio-São Paulo-Curitiba-Dionísio Cerqueira-Foz do Iguassú-Assunción; III) Rio-São Paulo-Corumbá-La Paz, et IV) Rio-São Paulo-Curitiba-Florianópolis-Pôrto Alegre-Montevidéu-Buenos Aires.

Il publie les grandes *lignes-principales* du "Plan routier National", proposé en 1938 à Mr. le Ministre des voies et communications par l'Ingénieur Yeddo Fiuza, comprenant *sept grandes*

lignes-principales et trente neuf embranchements. Les *lignes--principales* de ce plan sont: celle du SUD: Rio-Pôrto Alegre; celle du NORD-EST: Rio-Fortaleza; du litoral NORD-EST: Salvador-Fortaleza; NORD-EST-NORD: Salvador-Belém; SUD-NORD-EST: Santos-Cuiabá; EST-OUEST: :Salvador-Cuiabá et CENTRAL: Rio-Goiaz.

Enfin, il termine son article présentant comme la plus récente et la plus fidèle, par unité fédérée, l'extension totale du système routier du Brésil, publié dans l'*Annuaire du Brésil* -1938, édition de l'Institut Brésilien de Géographie et Statistique. D'accord avec le dit tableau, le total des routes est de 200.336,3 km., divisé de la manière suivante: Nord: 12.504,0; Nord-est: 21.684,2; Est: 17.808,5; Sud: 95.794,6; et Centre: 52.545,0 km.

El Ing. Moacir F. Silva, Consultor tecnico del Consejo Nacional de Geografía, presenta, en este articulo, el VII capitulo de su trabajo: "Geografía de los Transportes en el Brasil", intitulado: Circulación Interna Actual.

De inicio dice que en la falta de legislación competente, consideramos las carreteras como *federales, estaduales* y *municipales,* cuando construidas o conservadas, respectivamente, por los gobiernos de la Unión, de los Estados o de los Municipios. De este modo para fin de su presente estudio, establece el concepto de *carreteras nacionales:* a) las que atravesen dos o más Estados; b) las que se dirijan para las fronteras del país o al largo de estas; y c) las que presenten interés general (militar, administrativo, turistico, etc.).

Refiérese, detalladamente, a las grandes *carrateras tronco,* como sean: *tronco centro* (Rio-Belo Horizonte, con posibles desgajamientos para Goiaz y Mato Grosso), *tronco sur* (Rio-São Paulo, prolongada hasta el Rio Grande do Sul), y *tronco norte* (Rio-Baía, con las posibles ramificaciones para el nordeste y el norte). Recuerda la división del Brasil Colonial en dos Gobiernos (Baía y Rio) y el hecho de no haber sido construida, en aquella epoca, una carretera ligando aquellos dos puntos, la cual podria ter sido de extraordinarias consecuencias de orden social y económica. Cita el decreto ferroviario nº 101, de 1835, autorizando la "construcción de un camino de hierro de la capital del Rio de Janeiro para las capitales de Minas, Rio Grande y Baía". Afirma que este decreto "delineaba el mismo plano de comunicaciones que está siendo seguido, — fatal imposición historico-geografica —, por las carreteras modernas.

Presenta las etapas de un "raid" realizado en 1930, de Rio e Montevidéu, en que el trayecto de 3153Km. fué hecho en 13 dias, con la media diaria de 343 Km.

Dice que, aunque las buenas carreteras actuales sean bien construidas y revestidas, en su mayoría, el viaje en longo trayecto es, por razones obvias, preferible en tiempo menos *lluvioso.* Como guía al estudio de este aspecto de la questión, presenta cuadros con las normales de lluvias observadas en los puestos meteorológicos de la extensa carretera: *Tronco sur.* Defendiendo la conveniencia de estudios semejantes cuanto a las otras carreteras, afirma ser de gran utilidad, para la conservación del propio camino y del turismo, el establecimiento de un servicio meteorológico al largo de las carreteras.

Presenta un grafico de la influencia ejercida por la Capital del Estado de São Paulo sobre la región del sur de Minas, según un trabajo publicado en la revista "Touring Club" de aquella ciudad.

Estudia los trazados de las carreteras hacia el Norte, presentando los respectivos trayectos y kilometrajes. Cita la opinión del Ing. Odilon Pinheiro: "de que la futura carretera será la bisectriz del ángulo formado por las *dos grandes vias de comunicación hacia el norte:* la del *naciente,* que es la ligación marítima, y la del *oeste,* que es la linea formada por la conyugación de la *Central del Brasil* con el rio *S. Francisco."* La necesaria ligación de las comunicaciones terrestres del Sur y Centro con el Norte será por el segmento que falta: *Baía-Rio,* considerado por el autor el más importante segmento de la articulación de las fuerzas coordenadoras del Brasil Longitudinal.

Cuanto al Nordeste, describe, con kilometraje y trayecto, las *carreteras-tronco* siguientes: *Tronco Salvador-Fortaleza* o *Transnordestina-Central de Pernambuco; Central de Paraíba; Central de Rio Grande do Norte; Central del Piauí; Fortaleza-Teresina,* y *Central del Ceará,* en un total de 4.496,5 km.

Refiérese a los trayectos viables de una carretera *Panamericana,* propuesta por el Ing. J. T. Oliveira Penteado, por medio de caminos ya construidos o proyectados, los cuales serian: I) Rio-Petrópolis-Belo Horizonte-Goiaz-Cuiabá-La Paz; II) Rio-São Paulo-Curitiba-Dionísio Cerqueira-Foz do Iguassú-Asunción; III) Rio-São Paulo-Corumbá-La Paz, y IV) Rio-São Paulo-Curitiba-Florianópolis-Pôrto Alegre-Montevidéu-Buenos Aires.

Publica las grandes *lineas-tronco* del "Plan Carretero Nacional", propuesto en 1938 al sr. Ministro de las Comunicaciones por el Ing. Yeddo Fiúza, comprendiendo *siete grandes lineas-tronco* y treinta y nueve ramales. Las *líneas-tronco* de este plan son: Tronco Sur: Rio-Pôrto Alegre; Tronco Nordeste: Rio-Fortaleza; Tronco Costero-Nordeste: Salvador-Fortaleza; Tronco Nordeste-Norte: Salvador-Belém; Tronco Sur-Noroeste: Santos-Cuiabá; Tronco Este-Oeste: Salvador-Cuiabá, y Tronco Central: Rio-Goiaz.

Finaliza su articulo presentando, como la más reciente y la más fidedigna, la extensión total, por unidad federada, del sistema carretero del Brasil, publicada en el *Anuário do Brasil*-1938, edición del Instituto Brasilero de Geografía y Estadistica. Según dicho cuadro el total de las carreteras es de 200.336,5 km., divididos de la siguiente manera: Norte: 12.504,0; Nordeste: 21.684,2; Este: 17.808,5; Sur: 95.794,6 y Centro: 52.545,0 km.

L'ingegnere Moacir F. Silva, Consulente Tecnico del Consiglio Nazionale di Geografia, continua la sua "Geografia dei Trasporti nel Brasile", col settimo capitolo, intitolato "Circolazione interna attuale".

Mancando una classificazione legislative, egli divide le strade rotabili in *federali, statali* e *municipali,* secondo l'ente costruttore o mantenitore. Definisce *strade rotabili nazionali:* a) quelle che attraversano due o più Stati; b) quelle che corrono verso o lungo i confini del paese; e c) quelle che presentano interesse generale (militare, amministrativo, turistico, ecc.).

Descrive particolarmente i grandi *tronchi stradali,* come il *tronco centrale* (Rio-Belo Horizonte, con possibili diramazioni verso Goiaz e Mato Grosso); il *tronco meridionale* (Rio-São Paulo, prolungato fino a Rio Grande do Sul), e il *tronco settentrionale* (Rio-Baía, con possibili diramazioni verso il Nord e il Nordest). Ricorda poi la divisione del Brasile coloniale in due governi (Baía e Rio) e rileva il fatto di non essere stata costruita in quel tempo una strada di congiunzione di due capiluoghi, che avrebbe potuto portare straordinarie conseguenze sociali e economiche. Cita il decreto ferroviario nº 101, del 1835, che autorizzava la "costruzione di una ferrovia dalla capitale, Rio de Janeiro, alle capitali degli Stati di Minas, Rio Grande e Baía", e che "delineava lo stesso tracciato seguito oggi, conformemente ad imprescindibili esigenze storico-geografico, nella costruzione delle grandi strade rotabili.

Descrive le tappe di un "raid" fatto nel 1930 da Rio a Montevidéu, in cui fu compiuto in 13 giorni il percorso di 3.153 km., alla media giornaliera di 243 km.

Avverte che, sebbene le strade odierne siano, nella maggior parte, ben costruite, ed abbiano un buon rivestimento, è preferibile scegliere per viaggi lunghi le epoche di tempo non molto piovoso. Per orientare lo studio di questo aspetto della questione dei trasporti, presenta tabelle con le normali di pioggia osservate nelle stazioni meteorologiche situate lungo la grande strada rotabile del *tronco meridionale*. Consiglia l'esecuzione di studi simili per le altre strade rotabili, e afferma che l'installazione di un servizio meteorologico lungo le strade rotabili sarebbe molto utile per la stessa manutenzione della strada e per il turismo.

Presenta un grafico atto a mostrare l'attrazione che esercita la città di São Paulo sulla regione meridionale dello Stato di Minas, secondo un lavoro pubblicato nella rivista "Touring Club" di quella città.

Studia il tracciato delle strade per il Nord, indicandone i percorsi e le lunghezze. Cita l'opinione del Ing. Odilon Pinheiro "che la futura strada rotabile sarà la bisettrice dell'angolo formato dalle *due grandi vie di comunicazione col Nord:* quella di *occidente*, che è la linea iniziata dalla ferrovia *Central do Brasil* e continuata dal fiume *São Francisco*, e quella di *oriente* che è il congiungimento marittimo". Il necessario collegamento delle comunicazioni terrestri del Sud e del Centro con quelle del Nord, sarà e seguito mediante la sezione ancora mancante, la Baía-Rio, considerata dall'autore come la parte più importante delle comunicazioni intese a coordinare le forze del Brasile nel senso longitudinale.

Quanto al Nordest, l'autore descrive, indicandone i percorsi e le lunghezze, i seguenti *tronchi stradali:* tronco *Salvador-Fortaleza* o *Transnordestina Centrale del Pernambuco; Centrale del Paraíba; Centrale del Rio Grande do Norte; Centrale del Piauí; Fortaleza-Teresina,* e *Centrale del Ceará*, con una lunghezza totale di 4.496,5 km.

Si riferisce in deguito alle sezioni di una *Strada Panamericana,* proposta dall'Ing. J. T. Oliveira Penteado, costituite da strade già costruite o in progetto, che sarebbero: I) Rio-Petrópolis-Belo Horizonte-Goiaz-Cuiabá-La Paz; II) Rio-São Paulo-Curitiba-Dionísio Cerqueira-Foz do Iguassú-Assunción; III) Rio-São Paulo-Corumbá-La Paz, e IV) Rio-São Paulo-Curitiba-Florianópolis-Pôrto Alegre-Montevidéu-Buenos Aires.

Indica i grandi *tronchi* del "Piano stradale nazionale" proposto nel 1938 al Ministro delle Vie di Comunicazione dall'Ing. Yeddo Fiúza, che comprende *sette grandi tronchi* e trentanove diramazioni. I primi sono i seguenti: TRONCO SUD: Rio-Pôrto Alegre; TRONCO NORD-EST: Rio-Fortaleza; TRONCO LITORANEO-NORDEST: Salvador-Fortaleza; TRONCO NORDEST-NORD: Salvador-Belém; TRONCO SUD-NORDOVEST: Santos-Cuiabá; e TRONCO CENTRALE: Rio-Goiaz.

Terminando, l'autore presenta, come più recenti e più attendibili, i dati sull'estensione delle strade rotabili, per unità federate, pubblicati nell' *Anuário do Brasil 1938*, dell'Istituto Brasiliano di Geografia e Statistica. L'estensione totale delle strade rotabili nel Brasile è di 200.336 km., cosi divisi: Nord 12.504, Nordest 21.684, Est 17.808, Sud 95.795, Centro 52.545.

In this article Engineer Moacir F. Silva, technical advisor to the National Council of Geography, submits the seventh chapter of his work "Geography of Transportation in Brazil", entitled Present Internal Circulation.

He states at the outset that owing to the lack of competent legislation we consider the highways as being *federal, state* and *municipal,* according to whether they were constructed by the respective governments of the union, the states or the municipalities. Thus, for the purpose of this study, he classifies as *national highways:* — a) those which pass through two or more states; b) those in the direction of, or alongside of the boundaries of the country; and c) those of general interest (military, administrative, tourist etc.).

He refers in detail to the large *trunk highways,* such as: the the *central trunk* (Rio-Belo Horizonte possibly branching off to Goiaz and Mato Grosso), *south trunk* (Rio-São Paulo, extending as far as Rio Grande do Sul) and the *north trunk* (Rio-Baía possibly branching off to the northeast and north). He recalls the division of colonial Brazil into two governments (Rio and Baía) and the fact of no connecting road between the two points having been constructed at the time, which might have had considerable consequences of a social and economic nature. He cites the railroad decree N° 101, of 1835, authorizing "the construction of a railroad from the capital of Rio de Janeiro to the capitals of Minas, Rio Grande and Baía", and affirms that this decree "outlined the same transportation plan that is being followed, — by a relentless historic-geographical imposition — by the modern highways".

He presents the stages of a raid carried out in 1930, from Rio to Montevidéu, in which the course of 3.153 kms was covered in 13 days, at a daily average of 243 kms.

He mentions that in spite of the fact that the present good roads are well-constructed and covered, it is preferable to make a long journey when the weather is not very rainy. As a guide to the study of this aspect of the question he submits tables showing the normal rainfall observed at the meteorological stations along the extensive *south trunk* road. While defending the convenience of similar studies in connection with the other highways, he avers that the establishment of a meteorological service along the highways would be of great help to their maintenance and for tourists.

He presents a graph of the influence exerted by the capital of the State of S. Paulo upon the southern region of Minas, according to a work published by the magazine "Touring Club" of that city. He mentions the opinion of Engineer Odilon Pinheiro "that the future highway will be formed by the bisector of the angle formed by *two great communication highways towards the north:* that of the *east,* which is the line formed by the joining of the *Central do Brasil* railway with the *S. Francisco river*. The necessary connection of the land communications of the south and centre with the north will be by the missing segment *Baia-Rio,* which the author considers the most important in the articulation of the co-ordinating forces of longitudinal Brazil.

As to the northeast, he describes giving the mileage and course of the following *trunk roads: Salvador-Fortaleza trunk* or *trans-northeast — central Pernambuco; central Paraíba; central Rio Grande do Norte; central Piauí; Fortaleza-Teresina; central Ceará,* with a total of 4.496 kms.

He refers to the feasible courses of a PANAMERICAN highway, proposed by Engineer J. T. Oliveira Penteado, utilizing highroads already constructed, which would be: — I) Rio-Petrópolis-Belo Horizonte-Goiaz-Cuiabá-La Paz; II) — Rio-S. Paulo-Curitiba-Dionísio Cerqueira-Foz do Iguassú-Assunción; III) Rio-S. Paulo-Corumbá-La Paz, and IV) Rio-S. Paulo-Curitiba-Florianópolis-Pôrto Alegre-Montevidéu-Buenos Aires.

He publishes the great *trunk roads* of the "National Highway Plan", submitted in 1938 to the Minister of Transports by Engineer Yeddo Fiúza, embracing *seven large trunk lines* and thirty-nine branch lines. The trunk lines of this plan are: the *south trunk:* Rio-Pôrto Alegre; the *northeast trunk:* Rio-Fortaleza; the *northeast coast trunk:* Salvador-Fortaleza; the *north-northeast trunk:* Salvador-Belém; the *south-northwest trunk:* Santos-Cuiabá; the *east west trunk:* Salvador-Cuiabá, and the *central trunk:* Rio-Goiaz.

He finishes his article by submitting, as the most recent and trustworthy total extension, by federated units, of the highway network of Brazil, published in "Anuário do Brasil" -1938 (Brazil Year Book), edited by the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. According to table mentioned the total length of the highways is 200,336.3 kms, thus divided: North 12,504.0 kms; northeast: 21,684.2; east: 17,808.5; south: 95,794.6 and centre: 52,545.0 kms.

Herr Ingenieur Moacir F. Silva, technischer Berater des Nationalen Rats für Erdkunde hat in diesem Artikel, dem VII Kapitel seines Werkes, die "Transportfragen Brasiliens" die Fragen augenblicklichen inneren Circulationen behandelt.

Als erstes sagt er, dass wir — da noch keinerlei Gesetze über diese Fragen bestehen — die Verkehrstrassen als *bundesstaatliche, staatliche* oder *städtische* betrachten, je nachdem sie von der Bundesregierung, den Staaten oder Stadtverwaltung gebaut oder unterhalten werden. Zum Zweck seiner gegenwärtigen Studien benutzt er den Ausdruck "Nationale Verkehrstrassen". A. Solche, die zwei oder mehr Staaten durchqueren, B) solche, die an die Grenzen des Landes oder an derselben entlangführen, C) solche, die algemeines Interesse haben, (militärisches, verwaltungstechnisches oder solche, für den Fremdenverkehr.

Er bezieht sich ausführlich auf die grossen *Rumpflinien,* welche die folgenden sind: *Rumpflinie* des *Centrums* (Rio-Belo Horizonte, mit möglichen Abzweigungen nach Goiaz und Mato Grosso), *Rumpflinie* des Südens (Rio-São Paulo, verlängert nach Rio Grande do Sul), und die *Rumpflinie* des *Nordens* (Rio-Baía, mit den möglichen Abzweigungen in der Richtung Nord-Osten und Norden).

Er erinnert auch an die Teilung Brasiliens als Kolonialstaat in zwei Regierungssitze, (Baía und Rio) und an die Tatsache, dass es zu jener Zeit noch keine Strasse gab, welche die beiden Orte verband, was von der grössten Bedeutung sowohl wirtschaftlicher wie sozialer Art hätte gewesen sein können. Er erwähnt auch das Eisenbahnnetz N. 101 aus dem Jahre 1835, welches "die Erlaubnis zum Bau einer Eisenbahn zwischen der Bundeshauptstadt Rio de Janeiro und den Hauptstädten der Staaten Minas Gerais und Baía" gab. Er behauptet das dieses Dekret denselben Verkehrsplan entwarf wie der, welcher heute eine fatale geschichtlich-geographische Imposition, durch die modernen Verkehrstrassen verwirklicht wird.

Ferner teilt er die verschiedenen Strecken eines "reides" mit, der im Jahre 1930 von Rio nach Montevidéu unternommen worden ist, und in dem die Strecke von 3.153 kms. in 13 Tagen mit durchschnittlich 243 kms, pro Tag gemacht worden ist.

Nach seiner Meinung ist es trotz der guten Konstruktion der modernen Strassen vorzuziehen, falls es sich um grössere Reisen handelt, die Zeit der Trockenheit zu benutzen aus Gründen, die jedermann sofort verständlich sind. Zum Beweis dieser Behauptung zeigt er Tabellen, die die Regendichtigkeit auf der ganzen Strecke der verschiedenen Strassen zeigen, festgestellt durch die verschiedenen Wetterbeobachtungsposten und zwar nimmt er zu diesem Zweck die *Rumpflinie* des *Südens.* Ferner verteidigt er aus demselben Grund die Massnahme, dass an allen grossen Strassen solche Beobachtungsposten sein sollten, was die Standhaltung derselben, wie auch dem Fremdenverkehr sehr nutzbringend sein würde.

Im demselben Kapitel zeigt er auch eine Tabelle, die den Einfluss der Hauptstadt des Staates S. Paulo auf den Südteil des Staates von Minas Gerais ausübt, wobei er die Arbeit der Zeitschrift "Touring Club" in S. Paulo herausgegeben, benutzt.

Ferner studiert der Autor des Werkes den Plan der Strassen nach dem Norden, führt die verschiedenen Strecken und Kilomterzahl an. Auch erwähnt er die Meinung des Ingenieurs Dr. Odilon Pinheiro dass die zukünftige Strasse die gerade Linie des Winkels sei, der *durchzwei grosse Verkehrslinien* nach dem Norden gefornt sei: die Linie ist, die durch die Vereinigung der *Central do Brasil* mit den *S. Francisco Stroms.*

Die notwendige Verbindung der verschiedenen Landverkehrsstrassen vom Süden und Centrum mit dem Norden wird der noch fehlende Abschnitt: *Baía-Rio* sein, der von dem Autor als der wichtigste Abschnitt der Artikulation der koordinierten Wirtschaftskräfte von dem "longitudinalen" Brasiliens angesehen wird.

Vom Nord-Osten Brasiliens beschreibt er mit Kilometragem und Verlauf die folgenden *Rumpflinien:* Linie *Salvador-Fortaleza* oder *Trans-Nord östliche Centrallinie* von *Pernambuco; Centrallinie* von *Paraíba; Centrallinie* von *Rio Grande do Norte; Centrallinie* von *Piauí; Fortaleza - Teresina,* und schliesslich die *Centrallinie* von *Ceará,* mit einem Total von 4,496,5 kms.

Ferner erwähnt er den möglichen Verlauf einer PANEMERIKANEN Strasse, die von dem Ingenieur Dr. J. T. Oliveira Penteado vorgeschlagen worden ist, bei welcher die schon vorhandenen oder projektierten folgenden Strassen benutzt werden könnten; diese sind: I) Rio-Petrópolis-Belo Horizonte-Goiaz-Cuiabá-La Paz; II) Rio-São Paulo-Curitiba-Dionísio Cerqueira-Foz do Iguassú-Assunción; III) Rio-São Paulo-Corumbá-La Paz, e IV) Rio-São Paulo-Curitiba-Florianópolis-Pôrto Alegre-Montevidéu-Buenos Aires.

Ausserdem veröffentlich er die grossen *Rumpflinie* des "Nationalen Verkehrsstrassenplan", der im Jahre 1938 dem Herrn Verkehrsminister von Dr. Yeddo Fiúza vorgeschlagen worden ist, un der *sieben grosse Haupt-Rumpflinie* und neuennddreissig Abzweigungen umfasst. Die *Hauptlinien* dieses Planes sind: RUMPFLINIE SUDEN: Rio-Pôrto Alegre; RUMPFLINIE NORD-OSTEN: Rio-Fortaleza; HAUPTLINIE NORD-OSTEN (an der Küste): Salvador-Fortaleza; RUMPFLINIE NORD-OSTEN NORDEN: Salvador-Belém; RUMPFLINIE SUD-NORD-WESTEN: Santos-Cuiabá; RUMPFLINIE OST-WEST: Salvador-Cuiabá; und RUMPFLINIE DES CENTRUMS: Rio-Goiaz.

Er beendet seinen Aufsatz mit der Aufstellung des gesamten Verkehrsnetzes Brasiliens, wobei er jeden Staat extra erwähnt. Diese Aufstellung, die die neuest und treueste ist, wurde im *"Anuário do Brasil"* 1938 von dem Brasilianischen Istitut für Erdkunde und Statistik herausgegeben. Daraus ersieht man das Total der gesamten Verkehrsstrassen, die sich auf 200.336,3 kms. beläuft, welche sich auf folgende Weise verteilen: Im Norden: 12.504 kms, im Nord-Osten; 21.684,2 kms; im Osten: 17.808,5 kms; im Süden 95.784,6 kms. und im Centrum: 52.545 kms.

Ingeniero Moacir F. Silva, Teknika Konsilanto de la Nacia Konsilantaro de Geografio, prezentas, en tiu ĉi artikolo, la Sepan Ĉapitron de sia verko "Geografio de la Transportoj en Brazilo", titolitan: Aktuala Interna Cirkulado.

Komence li diras, ke ĉe manko de koncerna leĝaro oni konsideras la ŝoseojn, kiel *federaciajn, ŝtatajn* kaj *komunumajn,* en la okazo se ili estas konstruitaj aŭ konservataj, respektive, de la registaroj de la Unuiĝo, de la Ŝtatoj aŭ de la Komunumoj. Tiamaniere, por faciligi sian nunan studon, li nomas *naciaj ŝoseoj:* a) tiujn, kiuj trairas du aŭ pliajn Ŝtatojn; b) tiujn, kiuj sin direktas al la landlimoj aŭ laŭiras laŭlonge de tiuj ĉi; kaj c) tiujn, kiuj prezentas ĝeneralan intereson (militan, administran, turisman, kc.).

Li detale priparolas pri la grandaj *trunkŝoseoj,* nome: *centra trunko* (Rio-Belo Horizonte, kun eblaj branĉoj al Goiaz kaj Mato Grosso), *suda trunko* (Rio-S. Paulo, plilongigita ĝis Rio Grande do Sul) kaj *norda trunko* (Rio-Baía, kun eblaj branĉoj al la nordoriento kaj nordo). Li rememorigas la dividadon de la Kolonia Brazilo laŭ du Registaroj (Baía kaj Rio de Janeiro) kaj la fakto, ke ne estis konstruita en tiu epoko vojo liganta tiujn du punktojn, kiu povus havigi eksterordinarajn sekvojn ĉe socia kaj ekonomia ordo. Li citas la fervojan dekreton n-on 101, de la jaro 1835a, permesantan la "konstruadon de fervojo de la ĉefurbo de Rio de Janeiro al la ĉefurboj de Minas, Rio Grande kaj Baía". Li certigas, ke tiu ĉi dekreto "skizis la saman veturadan planon nun sekvatan — fatala historia-geografia postulo — de la modernaj fervojoj".

Li prezentas la stadiojn de "raid" efektivigita en 1930, de Rio al Montevidéu, dum kiu la interdistanco de 3.153 km. estis traveturita en 13 tagoj, kun tagmezkvanto de 243 km.

Li diras, ke malgraŭ tio, ke la nunaj bonaj ŝoseoj estis, siaplimulte, bone konstruitaj kaj pavimitaj, estas preferinde, pro klaraj motivoj, vojaĝi sur ili dum malpli *pluvema* vetero. Kiel gvidilon al la studo de tiu ĉi aspekto de la demando, li prezentas tabelon kun la normaloj de pluvoj observitaj ĉe la meteorologiaj stacioj de la longa ŝoseo: *Suda trunko.* Defendante la konvenon esti farotaj similaj studoj ĉe la ceteraj ŝoseoj, li certigas, ke estas tre utila por la konservado de la propra ŝoseo kaj por la turismo la starigo de meteorologia servo laŭlonge de la ŝoseoj.

Li prezentas grafikaĵon pri la influo, kiun havas la ĉefurbo de Ŝtato S. Paulo sur la regionon de la sudo de Minas, laŭ verko publikigita sur la revue "Touring Clube", el tiu urbo.

Li studas la planojn de la ŝoseoj, kiuj sin direktas norden, prezentante la respektivajn vojliniojn kaj kilometro-kvantojn. Li citas la opinion de Inĝeniero Odilon Pinheiro "ke la estonta ŝoseo estos la duoniganto de la angulo formita per la *"du grandaj komunikvojoj sindirektantaj norden:* tiu de l' *oriento,* kiu estas la mara kunligilo, kaj tiu de l' *okcidento,* kiu estas la linio formita per la kunligo de la *Centra Brazila Fervojo* kun la rivero *Sankta Francisko.* La necesa kunligo de la teraj sudaj kaj centraj komunikoj kun la nordaj estos pere de la mankanta segmento: *Baía-Rio,* konsiderata de la aŭtoro la plej grava segmento de la artikigo de la kunordigaj fortoj de la laŭlonga Brazilo.

Rilate al la Nordoriento, li priskribas, kun kilometro-kvanto kaj vojlinio, la jenajn *trunkliniojn: Trunko Salvador-Fortaleza* aŭ *Transnordorienta-Centra* de Pernambuco; *Centra de Paraíba; Centra de Rio Grande do Norte; Centra de Piauí; Fortaleza-Teresina* kaj *Centra de Ceará,* kiuj sumas 4.496 kilometrojn.

Li priparolas pri la ireblaj vojlinioj de TUTAMERIKA ŝoseo, proponita de Inĝeniero J. T. Oliveira Penteado, pere de ŝoseoj jam konstruitaj aŭ projektitaj, kiuj estus: I) Rio-Petrópolis-Belo Horizonte-Goiaz-Cuiabá-La Paz; II) Rio-S. Paulo-Curitiba-Dionísio Cerqueira-Foz do Iguassú-Assunción; III) Rio-S. Paulo-Corumbá-La Paz kaj IV) Rio-S. Paulo-Curitiba-Florianópolis-Pôrto Alegre-Montevidéu-Buenos Aires.

Li publikigas la grandajn *trunklinioin* de la "Ŝosea Nacia Plano" proponita en 1938 al S-ro Ministro pri Veturado de Inĝeniero Yeddo Fiúza, kiu konsistas el *sepegrandaj trunklinioj* kaj tridek-naŭ branĉoj. La *trunklinioj* de tiu projekto estas: SUDA TRUNKO: Rio-Pôrto Alegre; NORDORIENTA TRUNKO: Rio-Fortaleza; MARBORDA NORDORIENTA TRUNKO: Salvador-Fortaleza; NORDORIENTA-NORDA TRUNKO: Salvador-Belém; SUDA-NORD-OKCIDENTA TRUNKO: Santos-Cuiabá; ORIENTA-OKCIDENTA TRUNKO: Salvador-Cuiabá, kaj la CENTRA TRUNKO: Rio-Goiaz.

Li finas sian artikolon prezentante, kiel la plej jusan kaj fidindan, la tutan longecon, laŭ federacia unuo, de la ŝosea sistemo de Brazilo, aperinta en la "Anuário do Brasil" - 1938, eldono de la Brazila Instituto de Geografio kaj Statistiko. Laŭ tiu menciita tabelo, la tuta reto de la brazilaj ŝoseoj havas 200.336,3 kilometrojn da longo, tiel dividitajn: Nordo: 12.504,0; Nordoriento: 21.684,2; Oriento: 17.808,5; Sudo: 95.794,6; kaj Centro: 52.545,0.

MOREIRA GUIMARÃES

(1864—1940)

A Geografia brasileira beneficiou-se em José Maria Moreira Guimarães sobretudo de sua esplêndida capacidade empreendedora. Mais do que um geógrafo na acepção restrita do têrmo, apresenta-se como um animador entusiasta das atividades geográficas. Sua operosidade neste setor decorria da dedicação com que se entregava a tôda e qualquer tarefa que lhe parecesse útil aos seus semelhantes.

Examinando apenas o contingente de trabalhos seus a favor da nossa geografia, vemos, de início, Moreira Guimarães no empreendimento admirável de reanimar a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, cuja tradição é de operosidade sobremodo útil ao Brasil.

Como Presidente da Sociedade em 1925, dispõe-se a continuar a obra de seus antecessores, Paranaguá, Homem de Melo, Taumaturgo de Azevedo e Gomes Pereira. Moreira Guimarães elabora então e dinamiza um soberbo programa de atividades sob os aspectos mais diversos. Conferências, providências para a confecção da Carta das Calamidades do Brasil, incentivo ao VIII Congresso Brasileiro de Geografia realizado em Vitória em 1926 e do qual foi um dos presidentes honorários, um Curso Livre de Geografia, eis u'a modesta mostra do trabalho de Moreira Guimarães, ultimamente empenhado no sucesso feliz do IX Congresso Brasileiro de Geografia em Florianópolis, de cuja Comissão Organizadora era Presidente Honorário e no qual não teve a ventura de tomar parte: cortou-lh'a a morte, após uma oração cívica comemorativa do quinquagésimo aniversário da implantação do regime republicano, do qual fôra propugnador.

Douto polígrafo mostrou-se versado em variados setores: na Política, na Moral, na Filosofia, na História Pátria, além dos assuntos militares. Sôbre Geografia, legou-nos um livro "No Extremo Oriente — O Japão", bem como conferências, comunicados e comentários publicados na Revista da Sociedade de Geografia. Tratando de assuntos vários, encontram-se esparsos por jornais e revistas diversos artigos seus, e, no Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, ainda um estudo: "História Militar".

O general José Maria Moreira Guimarães não foi um trabalhador unicamente da geografia do Brasil; e isto por fôrça de sua própria formação. Todo seu pensamento dilatava-se, com frequência, fraternalmente por tôda a Terra. Poder-se-ia chamá-lo um escritor, um filósofo, um geógrafo, um estudioso da Humanidade: "absorvidos com o espetáculo do Nordeste do Brasil, como vamos ignorando o que existe, na espécie, em outras terras, em que se nos depara a mesma desgraça que tanto desafia o saber dos homens", escreve Moreira Guimarães, e mais adiante: "Mas quando a internacionalidade liga todos os povos, como viver a criatura humana de olhos fechados para o que lhe vai em derredor?"

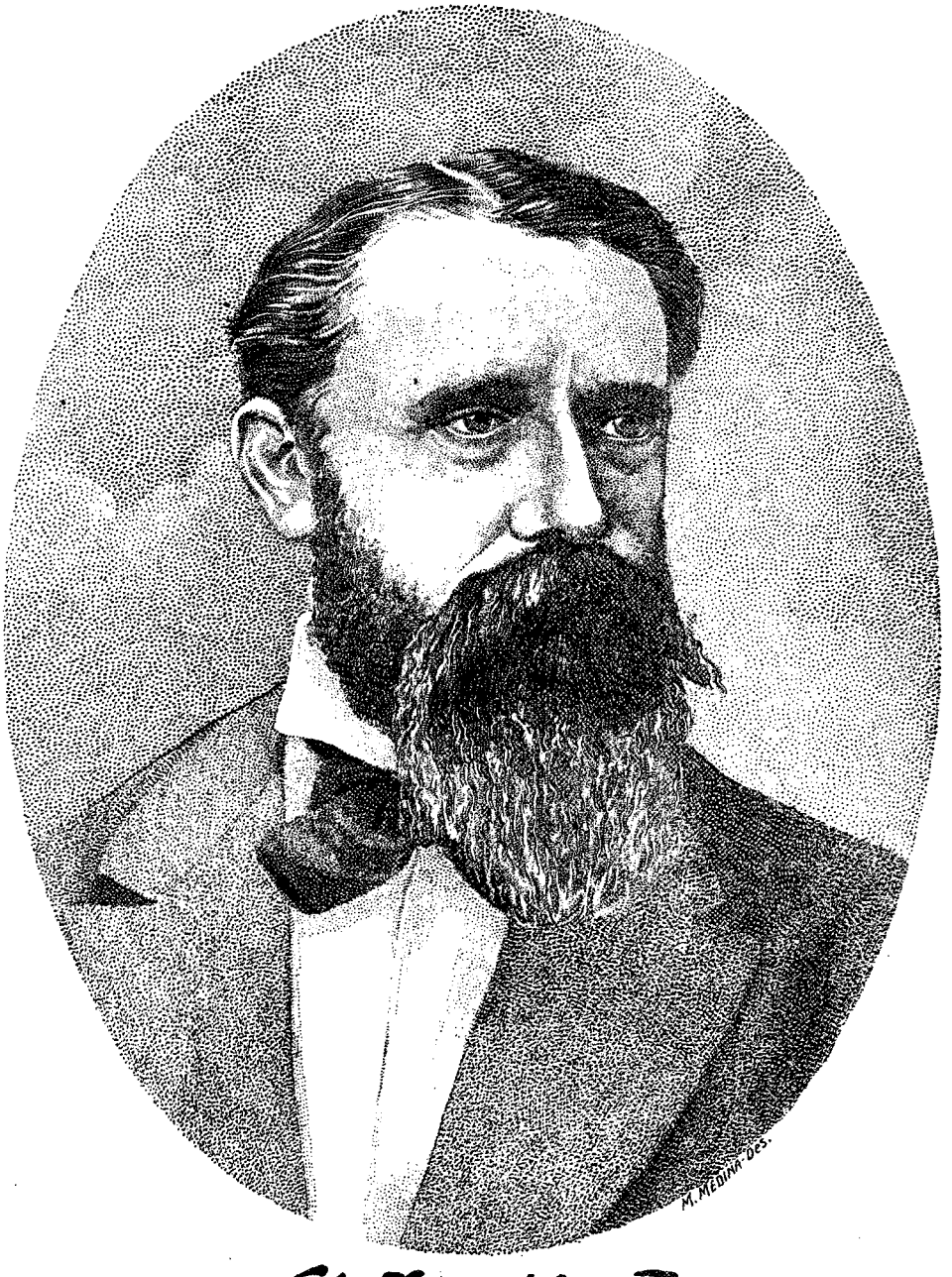
Adido militar junto ao Micado durante o conflito russo-japonês, ao lado do desempenho das funções técnicas, soube responder às solicitações de sua sensibilidade e, parece, empolgou-o mais o aspecto novo do Oriente, o panorama geo-humano do arquipélago nipônico cujo rápido debuxo nos dá: "Montanhoso e vulcânico eis o solo fragmentado por sôbre o qual vive o povo mais unido de tôda a terra"; atraíra-o mais a terra e o surto da civilização japonesa. Estas observações, que faz com exatidão e saber, nos deu Moreira Guimarães em seu livro, já mencionado, "No Extremo Oriente — O Japão".

Como resultado de seus esforços e cultura, mereceu Moreira Guimarães o galardão de sócio de inúmeros Institutos e Associações científicas e culturais: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Institutos Históricos de São Paulo, Sergipe e Paraíba; Sociedade de Geografia de Lisboa e Tóquio. Era ainda Presidente da Sociedade de Filosofia, catedrático da Faculdade de Filosofia; Presidente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, cargos que exerceu até o fim de sua vida.

Cumpre notar que, graças à sua iniciativa, foi posta em foco a questão de reiniciar-se a realização dos Congressos de Geografia, dos quais, o de Florianópolis é índice promissor de futuros sucessos; para êsse fim a Sociedade de Geografia estabeleceu estreita colaboração com o Conselho Nacional de Geografia, da qual bons resultados veem sendo colhidos. Moreira Guimarães, compreendendo a utilidade da coordenação dos serviços geográficos no país, foi um dos que colaboraram para a criação do Conselho Nacional de Geografia, tornando-se mesmo, mais tarde, um dos seus Consultores Técnicos, tendo a seu cargo a secção XXX, "Divisão Territorial".

Moreira Guimarães era filho da terra sergipana. Entrado para a carreira militar aos 18 anos, dedicou-se, como era de seu feitio, de corpo e alma ao cumprimento do dever, merecendo um curso de aperfeiçoamento na Alemanha e o cargo de observador militar na guerra russo-japonesa. Ainda aluno, entregava-se, nos momentos de lazer, ao culto do espírito. Republicano, emprestou seu concurso à causa, colaborando no "Laranjeirense" em Sergipe, e defende o govêrno de Floriano em "93", portando-se como herói nos combates da Armação. Reformado no pôsto de general, pôde então entregar-se melhor aos estudos e especulações, principalmente de ordem moral e filosófica, deixando escritas várias obras marcadas de personalidade e cultura. Liberto das rígidas obrigações militares, pôde dedicar-se mais intensamente à nossa Geografia através da respectiva Sociedade, de que foi fervoroso paladino, além de entusiasta animador de suas atividades científicas.

Moreira Guimarães



Ch. Fred. Hartt

CHARLES FREDERIC HARTT

(1840 — 1878)

O meio científico brasileiro comemorou a 23 de Agôsto último o 1.º centenário do nascimento de Charles Frederic Hartt, um dos maiores vultos estrangeiros da Geografia do Brasil, e, segundo o saudoso mestre Eusébio P. de Oliveira, o "Fundador" da Geologia Pátria. No breve espaço da sua existência de cientista, o grande geólogo, arqueólogo e etnógrafo americano, canadense de origem, elaborou, dentre os seus inúmeros trabalhos sôbre Geologia, uma das maiores obras escritas no século passado sôbre a Geografia Física brasileira, de cujo estudo verdadeiramente científico foi o pioneiro.

Veio ao Brasil a convite de L. Agassiz, seu antigo professor, como geólogo da Expedição Thayer, aquí chegando em 1865.

Seus estudos, geográficos e geológicos foram realizados nas 5 expedições que empreendeu pelo território brasileiro. Na 1.ª, em 1865, com Agassiz, integrando o quadro científico da "Thayer Expedition", percorreu o vale amazónico, estudando principalmente a sua geologia. Antes de rumar para o Amazonas procedeu ao exame geológico das cercanias do Rio de Janeiro, visitou a colônia de Santa Leopoldina (Espírito Santo), e realizou uma excursão exploradora pela faixa litorânea compreendida entre a foz do rio Paraíba e a região de Pôrto Seguro, na Baía.

Voltando aos EE. UU. em 1866, com a Expedição Thayer, foi professor no Cooper Institute de Nova Iorque. No ano seguinte empreendeu segunda viagem ao Brasil, à própria custa. Nesta expedição (1868) realizou estudos pelo litoral baiano sôbre a estrutura dos Abrolhos, ao longo da E. F. de Baía ao São Francisco e na região cretácea de Sergipe, firmando pela 1.ª vez entre nós o critério paleontológico em estratigrafia. Voltando à América do Norte onde exerceu a cátedra de História Natural no Vassar College e a de Geologia na Cornell University, ocupou-se na preparação do material colhido no Brasil, redigindo seu relatório, depois ampliado e publicado em 1870 com o título de "Geology and Physical Geography of Brasil", o primeiro livro com critério realmente científico sôbre a geografia física do Brasil, segundo Capistrano de Abreu.

Organizada a 1.ª Expedição Morgan (1870) parte novamente para o nosso país com destino ao Amazonas, trazendo alunos da Cornell University para uma excursão prática, explorando o curso inferior do Tocantins, do Tapajoz e do Xingú, e estudando a região de Ererê e Monte Alegre, no Paraná.

Na 2.ª expedição Morgan, (1871) acompanhado apenas do seu discípulo Orville Adalbert Derby, tornou a explorar essa região enviando Derby à ilha de Marajó, para estudos arqueológicos.

No ano seguinte regressa aos EE. UU., dedicando-se à manipulação do material das expedições Morgan e realizando conferências sôbre o Brasil. Em 1874 organiza um plano de estudo sistemático geral da geologia do Brasil, apresentado a amigos brasileiros.

Aceitando o convite para vir ao Brasil, formulado pelo então Ministro da Agricultura, Conselheiro José Fernandes da Costa Pereira, partiu de Nova Iorque em Agôsto de 1874 para o Rio. Criada a "Comissão Geológica do Império do Brasil", foi Hartt nomeado chefe da mesma em 1.º de Maio de 1875. Mais tarde, em 1876, foi ainda nomeado para o cargo de diretor da 3.ª Secção — "Geologia e Mineralogia", do Museu Nacional, do qual em breve se demitiu.

De 1876 a 1877 se desenvolvem os trabalhos de campo da Comissão, cuja relação é extensa, pois tiveram lugar de norte a sul do país. O êxito notável dessas pesquisas, testemunhado pelos relatórios dos seus cientistas, veio confirmar o valor de Hartt, seu organizador e diretor. Infelizmente, por motivos de economia, resolveu o Govêrno em Julho de 1877, que a Comissão fôsse extinta, conseguindo contudo Hartt o prosseguimento dos trabalhos até o fim do ano. Visitando as coleções, convenceu-se o Imperador D. Pedro II mais uma vez da necessidade da continuação dos trabalhos, e, dirigindo-se a Hartt pronunciou a seguinte frase, registada por Rathbun: "Your work shall continue".

Falecendo a 18 de Março de 1878, perdeu o Brasil um dos seus melhores amigos e a geografia brasileira o seu maior mestre naquela época.

Os trabalhos de Hartt podem ser distribuídos em cinco grupos: geográficos, geológicos, arqueológicos, etnográficos e linguísticos. O motivo principal das suas explorações no território brasileiro, foi o estudo da sua geologia do qual resultaram inúmeros escritos, destacando-se os seguintes: "Account of a lecture on the glaciation of Brazil" (1868), "Amazonian drift" (1871) e "Theory of the glacial origin of the Amazonas bassin" (1872), nos quais fez restrições à hipótese glacial de Agassiz; "Geological discoveries n Brazil" (1870); "Devonian rocks in the Amazonian valley" (1871); "Geologia do Pará", (reedição em 1896). Sôbre a nossa arqueologia escreveu: "The ancient indian pottery Marajó" (1871): "On the occurrence of face urns in Brazil" (1872) e sôbre etnografia: "Amazonian tortoise myths" (1875).

Como resultado dos seus estudos linguísticos sôbre os nossos indígenas, legou-nos Hartt um trabalho sôbre língua tupí, publicado recentemente (1938), sob o título "Notas sôbre a língua geral ou tupí moderno do Amazonas" no volume LI dos anais da Biblioteca Nacional; recolheu ainda um vocabulário dos Botucudos Nacnanuc' trabalho êste ainda inédito.

Sua contribuição para a geografia brasileira encontra-se de permeio com estudos geológicos; "Geology and Physical Geography of Brazil" (1870), com mapas e ilustrações; "Contributions to the Geology and Physical Geography of the Lower Amazonas" (1874); "Report of a reconnoissance of the Lower Tapajoz", etc. Seus estudos de geografia física versaram, entre outros, sôbre os seguintes assuntos: a extensão dos limites da Serra do Mar até Santa Catarina; a distinção entre os recifes coralígenos e os areníticos do litoral baiano; a crítica às denominações de "Serra do Espinhaço" e "Serra das Vertentes", que chamou de "místicas"; o estudo dos sambaquís; as inscrições rupestres do Ererê; enfim, a magnífica descrição da fisiografia brasileira, passada em revista nas suas célebres expedições pelas nossas terras.

Como impulsionador e sistematizador dos estudos geológicos no Brasil, tendo, além dos seus trabalhos pessoais, trazido para o nosso país, figuras do valor de um Orville Derby, de um Herbert H. Smith, de um Richard Rathbun e de um John Casper Branner — Charles Frederic Hartt merece com justiça ser considerado um dos grandes vultos da Geografia pátria.

INQUERITOS GEOGRÁFICOS

ETNOGRAFIA

Inquérito científico solicitado pela Presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ao Consultor Técnico respectivo, em virtude da Resolução n.º 37, de 4 de Maio de 1939, do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia.

QUESITOS :

a) — Qual o conceito moderno, o estado atual dos conhecimentos e dos métodos de pesquisa referentes à Etnografia ?

b) — Que opinião tem sôbre a situação atual no Brasil, das pesquisas efetuadas e do emprêgo dos métodos modernos quanto à Etnografia ?

c) — Que medidas sugere para que o Conselho Nacional de Geografia, dentro das suas atribuições, promova o aperfeiçoamento e a intensificação, no país, das pesquisas sôbre Etnografia ?

d) — Que bibliografia indica sôbre os assuntos constantes do presente questionário ?

Para cooperar razoavelmente, em espírito de modesta contribuição cultural sôbre a especialização de um ramo da Antropologia, deficientemente difundido no Brasil, apesar da existência do Museu Nacional do Rio de Janeiro, do Museu de São Paulo e do Museu Goeldi de Belém do Pará, permito-me a liberdade de apontar indicações dos Mestres na matéria, nacionais e estrangeiros, que do magno assunto tratavam e tratam, desde a sua penetração no Brasil e na América equatorial.

O problema comporta observações as mais vastas e as mais complexas, se quisermos percorrer tão dilatada campanha em que os naturalistas se perderam em congitações antropológicas sôbre o berço do Homem primitivo e consequências de sua existência e desenvolvimento.

Dada a restrição dos quesitos limitar-nos-emos a considerações bastantes que em síntese abranjam as questões primordiais da sua interpretação fundamental.

Devemos antes de tudo render justa homenagem aos beneméritos Padres Jesuítas que Manuel da Nóbrega, José de Anchieta, Antônio Vieira e Fernão Cardim sintetizam, como os etnógrafos primários que pisaram a *Pindorama* dos legítimos brasilianos pelos lusitanos denominada Terra de Vera Cruz.

Entre os demais que surgiram sobressaem Montoya, Restivo, Figuera, Batista Caetano e o incomparável poeta lírico Gonçalves Dias, cantor dos *Timbiras*, que iniciou o estudo da língua tupí no esbôço de gramática conhecido dos estudiosos da Etnografia.

Seguem-se os Diretores do Museu Nacional, destacando-se o antepenúltimo, antropólogo conhecido no meio científico do Brasil e do estrangeiro, como abalizado biologista, o simpático Dr. Roquete Pinto. Antes dele ocuparam-se do estudo da Etnografia brasiliana os Diretores Ladislau Neto e Lacerda, esforçados cientistas que tentaram penetrar os mistérios das raças ameríndias.

A atual Diretora, Professora Heloísa Tôrres, encaminha os estudos etnográficos e etnológicos pelos métodos modernos da escola americana.

Do Museu de São Paulo destacaremos Von Ihering e o erudito Dr. Afonso de Taunay; do de Belém do Pará o seu fundador Dr. Emílio Goeldi, a Dra. Emília Snethlage, e o atual Diretor, Dr. Carlos Estêvão, apaixonado etnógrafo que neste momento estuda nos sertões de Pernambuco a língua fugitiva dos remanescentes da tribu Cariri, missionada em 1671, no vale do *São Francisco*, pelo Padre capuchinho Martin de Nantes. Não devem ser esquecidos Alexandre Rodrigues, Ferreira Pena, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Basílio de Magalhães, Stradelli, Rodolfo Garcia, Teodoro Sampaio, e o muito modesto, estudioso etnógrafo da Comissão Rondon, João Barbosa de Faria, cujos trabalhos inéditos sôbre os índios *Bororo, Paricí* e *Terena*, além dos vocabulários coligidos *in loco* dos índios *Quepqueriuat, Ariqueme, Nhambiquara, Tacuatep, Parnauat, Ipoteuat*, o recomendam à simpatia dos mestres da Etnografia nacional.

Manda a Justiça histórica colocar à frente dos Etnógrafos estrangeiros que no Brasil se preocuparam com êsse ramo da Antropologia, o nunca assás lembrado Dr. Carl Freder. Phil. von Martius, predecessor da Etnografia indígena que publicou em 1863 na Cidade de Erlangen (Baviera) o seu tradicional livro *"Glossaria Linguarum Brasiliensium"; glossários de diversas línguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil"*, e em 1867 o volume, recentemente traduzido para o português: *"Zur Etnographie Americas zumal Brasiliensis"* —, reeditado para comemorar o 1.º Centenário da *"Flora Brasileira"* —, de estrondosa repercussão.

Além de grande número de naturalistas que na América do Sul e especialmente no Brasil em começo do século XIX viajaram, dentre os quais destacam-se Saint Hilaire e o príncipe de Wied Neuwied, que percorreu boa parte do território nacional de 1815 a 1817, não devemos olvidar o célebre etnógrafo alemão Von den Steinen, digno sucessor de Martius, e Ehrenreich, companheiro e continuador infatigável do chefe das Expedições às Cabeceiras do *Xingú*, em 1884 e 1887 a 1888, os quais se colocam à frente dos modernos pesquisadores da Etnografia e Etnologia americanas, caracterizados pelos etnologistas franceses, Rivet e Montandon, americano Roberto Lowie e recentemente o Professor de Etnologia da Universidade de Barcelona — Luiz Pericot.

PROBLEMA ETNOGRÁFICO

PREÂMBULO GERAL

Se a Etnografia, de um modo genérico, tem por fim, como ramo intrínseco da Antropologia, o estudo das manifestações materiais da atividade humana, e se a Antropologia, ou Estudo do Homem, na sua acepção filosófica, positiva, "pode ser concebida absorvendo, a título de preâmbulo, a Biologia, e a Moral como conclusão", está bem claro que o estudo especificado do ramo da Ciência fundamental, que vai ocupar a nossa atenção, requer conhecimento das leis gerais da Biologia, Sociologia e Moral.

Pois, não se pode pesquisar em Etnografia sem se preocupar com a Etnologia, outro ramo da Antropologia, e, por conseguinte, sem conhecer as leis dos fenômenos que regulam a vida do Homem, da sua existência individual e da sua ação na coletividade humana.

Como "os seres vivos seguem sempre as leis mais gerais da ordem material" claro é que além do conhecimento indispensável, acima apontado é necessário ter o das ciências que estudam os fenômenos inorgânicos, cuja sede é o planeta humano —; isto é, preciso será que o pesquisador da Etnografia, de um modo sintético, conheça as leis gerais dos fenômenos físicos e matemáticos; fundamento lógico, aliás, daqueles fenômenos mais nobres. Em uma palavra, que o pesquisador não ignore as leis intrínsecas dos fenômenos que dominam a Terra e o Homem. Tôdas as manifestações da inteligência humana se prendem à Etnografia, ao passo que todos os caractéres físicos da casta humana, considerada dividida em grupos biológicos, ou raças, dizem respeito à Etnologia, que trata da formação dêsses caractéres físicos peculiares a cada raça.

Augusto Comte afirma que "a verdadeira teoria biológica das raças resulta da concepção de Blainville, que representa essas diferenças como variedades devidas ao meio, mas que se tornaram fixas, mesmo hereditariamente, logo que atingiram a sua maior intensidade".

Em virtude da concepção do célebre naturalista de Arques, afirma o Filósofo de Montpelier ser possível "construir subjetivamente uma doutrina essencialmente de acôrdo com as únicas diversidades apreciáveis objetivamente nos diferentes grupos biológicos da espécie humana". Donde lógica e racionalmente surgirá a classificação das diversidades objetivamente verificadas na espécie humana em três grupos, ou raças distintas: branca, amarela e preta. Pois que, "as unicas diferenças essenciais e duráveis, afirma A. Comte, que se podem ter desenvolvido, são as que se referem ao predomínio relativo das três partes fundamentais do aparelho cerebral: especulativa, ativa e afética". Tais são, portanto, segundo a concepção positiva dos fenômenos biológicos, as três raças, que caracterizam a espécie humana. "Cada uma delas é superior às outras duas, ou em inteligência, ou em atividade, ou em sentimento", segundo as observações precisamente científicas.

Por isso, sentencia ainda o Fundador da Sociologia e Moral, "esta apreciação final deve demovê-las de todo desdém mútuo, e fazer-lhes igualmente compreen-

der a eficácia do seu concurso íntimo para acabar de construir a verdadeira concepção abstrata da Humanidade", Gran-Ser que domina a Evolução Humana.

Humboldt, condenando a deplorável doutrina, sistematizada na Política de Aristóteles, da desigualdade do direito à liberdade entre os homens, e da escravidão como instituição fundada sôbre a Natureza, "concorda com a teoria da unidade da espécie humana, *Homo sapiens,* mas rejeita, por uma consequência necessária, a distinção irracional de raças superiores e de raças inferiores.

"Sem dúvida, diz o grande geógrafo berlinense, naturalista de nomeada, Alexandre Humboldt, há famílias de povos mais suscetíveis de cultura, mais civilizadas, mais esclarecidas, mas não há umas mais nobres que as outras. Tôdas são igualmente organizadas para a liberdade, para essa liberdade que, num estado de sociedade pouco adiantada, cabe somente ao indivíduo, mas que em associações já bastante desenvolvidas, toca à comunhão inteira".

O Barão de Humboldt, filólogo e estadista, irmão do naturalista criador da Geografia Botânica, acrescenta : "Uma idéia que se revela através da História, nela estendendo seu salutar império cada dia que passa; uma idéia, que melhormente demonstra o fato frequentemente contestado, porém raramente compreendido, da perfectibilidade geral da espécie, é a idéia objetiva da humanidade. Diz o estadista prussiano, é essa idéia que faz cair as barreiras que dos preconceitos inferiores e dos interêsses egoísticos, de tôda sorte, se levantam entre os homens, e faz encarar a espécie humana, em seu conjunto, sem distinção de religião, de nação, de côr, como uma grande Família de irmãos, como um corpo único, marchando para um só e mesmo fim, o livre desenvolvimento das fôrças morais. Êsse objetivo é o fim final, o fim supremo da socialidade, ao mesmo tempo que é a direção imposta ao homem por sua própria natureza, para o indefinido engrandecimento de sua existência".

Que diferença dos tempos ! Entre um prussiano do século passado e o do atual ! Entre a Alemanha de Frederico 2.º, precursor político da regeneração final, e a grande Alemanha materialista dêstes tristes tempos !

Humboldt, o Naturalista, e o Humboldt filólogo e estadista sentiram, empiricamente, o que A. Comte sistematizou com as descobertas das leis das ciências finais da ordem humana.

O mais sábio dos Filósofos afirma: "Quando o Positivismo houver saneado uniformemente o planeta humano, estas distinções orgânicas (de raças) tenderão a desaparecer, em virtude mesmo de sua origem natural, e sobretudo mediante dignos casamentos. A combinação crescente dessas raças nos proporcionará, sob a direção sistemática do sacerdócio universal, o mais precioso de todos os aperfeiçoamentos, aquele que diz respeito ao conjunto de nossa constituição cerebral, assim tornada mais apta para pensar, agir, e mesmo amar".

A Humboldt se refere ainda, a respeito da unidade da raça humana, à observação lógica de J. Müller sob o ponto de vista biológico das raças animais, atribuída ao gênero humano: "As raças humanas são as formas de uma espécie única, que se juntam e se perpetuam pela geração.[1] Não são espécies de um gênero. Se assim fôsse, cruzando-se tornar-se-iam estéreis. Saber, porém, se as raças de homens existentes descendem de um ou de muitos homens primitivos, é o que se não poderia descobrir pela experiência".

O Dr. George Montandon, Professor de Etnologia da Escola de Antropologia de Paris, é de opinião que não há berço do gênero humano, nem berço das raças humanas.

O argumento do culto etnólogo se baseia no seguinte raciocínio: "A espécie humana, como tôda espécie zoológica, teve origem em uma imensa área do nosso Planeta. Os indivíduos da nova espécie descendem de todos os indivíduos da espécie ascendente, donde se pode concluir que o fenômeno se produziu sôbre uma extensa área da Terra — Todo mundo sabe que o *Homo-sapiens* tem uma fôrça de expansão especial, por ser a espécie zoológica espalhada sôbre tôda a Terra, e pela simples razão de ser o ramo retardatário por excelência do Mundo animado".

Alexandre Humboldt raciocina logicamente dizendo: "Teem um caráter puramente fabuloso as investigações geográficas a respeito do berço da espécie humana". E Guilherme de Humboldt afirma: "que não nos sendo conhecido nem historicamente, nem por nenhuma tradição incontestável, um momento em que a espécie humana se haja separado em grupos de povos, não nos é lícita uma afirmação positiva sôbre aquela origem. Se êste estado de cousas existiu

---

[1] Uma das leis da Biologia.

desde a origem ou se foi produzido mais tarde, é o que a ninguém é permitido decidir pela história". "Lendas isoladas reproduzindo-se em pontos completamente diferentes do globo, sem comunicação aparente, estão em contradição com a hipótese do berço único do gênero humano, e o fazem descender inteiramente de um só par".

Essa tradição está tão espalhada que se chega a considerá-la como uma antiga reminiscência dos homens.

A mesma reflexão faz o antropólogo Edward Tylor : "...se volvermos o pensamento retrospectivamente à época longínqua em que os antepassados do africano, australiano, mongol e escandinavo constituíam então um ramo indivisível, a teoria de sua descendência comum há de justificar a existência de causas bastantes fortes de tempo muito afastado para que se pudessem realizar mudanças que ultrapassam os limites de tôdas as efetuadas durante as idades históricas. Donde se conclue que os homens negros, morenos, amarelos e brancos constituem reminiscências de um passado remoto, carregando cada negro, cada amarelo e cada branco em sua feição a evidência da antiguidade do homem.

E para demonstrar que os argumentos metafísicos da maioria dos especialistas etnólogos não satisfazem à lógica, acrescenta Guilherme Humboldt: "Mas, essa circunstância mesma mais depressa provaria que não há nessa situação nenhuma transformação real de um fato, nenhum fundamento verdadeiramente histórico, e que na realidade só há a identidade de concepção humana, que leva os homens por tôda parte a uma explicação semelhante de um fenômeno idêntico. Um grande número de mitos, sem ligação histórica uns com os outros, deve assim sua analogia e sua origem à paridade das imaginações ou das meditações do espírito humano.

Basta citar o único caso apresentado por R. Lowie, provando a origem independente de particularidades análogas entre tribus vivendo em regiões profundamente afastadas.

"Não se poderia fazer a um australiano Kurnai maior afronta do que chamá-lo de órfão. O mesmo trato atribuído ao índio Crow, de Montana, é considerado como afronta grave.

Está bem claro que os Kurnai não herdaram dos Crow tal sentimento, nem estes daqueles."

A explicação é evidente. Entre os povos primitivos o poder provém, diretamente, muitas vêzes, do maior número de parentes devotados. O órfão, sem família, é considerado um indivíduo sem fôrça ou valor social.

O que à nossa alma, na tradição de que se trata, revela o caráter manifesto da ficção, é que ela pretende explicar um fenômeno fora de tôda experiência, da primeira origem da espécie humana, de uma maneira idêntica à experiência de nossos dias. Tentar descobrir, por exemplo, em uma época em que todo gênero humano contava já dezenas de milhares de anos de existência, como uma ilha deserta ou um vale isolado nas montanhas pôde ter sido povoado. Em vão o pensamento se mergulharia na meditação do problema dessa primeira origem. O homem está tão estreitamente ligado à sua espécie e ao tempo que se não poderia conceber um ser humano vindo ao Mundo sem uma família já existente, e sem um passado.

Luiz Pericot argumenta, para demonstrar, que a semelhança de objetos etnográficos encontrados na Oceania e na América prova que o homem americano pode ter vindo da Oceania. Apresentou a *zarabatana* e o *ikatten* [2] como elementos irrefutáveis da afirmação, por tratar-se de objetos bastante complicados que não permitem considerar paridade de invenções isoladas; por isto, diz o etnólogo espanhol, que nem a Geografia nem a História impedem considerar possíveis de ligação as localidades em que foram encontrados tais artefatos etnográficos.

Humboldt apresenta esta dúvida: "não podendo tal questão ser resolvida nem por meio do raciocínio, nem da experiência, deve-se pensar, que o estado primitivo, como no-lo descreve uma pretendida tradição, é realmente histórico, ou supor que a espécie humana, desde seu princípio, cobriu a terra com tribu já formada ? E' o que a ciência das línguas não poderia decidir por si mesma, muito menos procurar alhures uma solução, para dela inferir informações sôbre

---

[2] *Ikatten* — E' um processo de tingir que permite ao tecido fabricado com o fio proveniente do *ikatten* apresentar variada coloração. O processo consiste em dar muitos nós no fio com que se vai tecer o pano; mergulhá-lo na solução da tinta escolhida para o caso, e depois desatar os nós para levar o fio ao tear. Está bem entendido que a parte interior dos nós não sofrerá o efeito da tinturaria, e por conseguinte o fio, depois de dasatados os nós se apresentará com duas colorações.

os problemas que a ocupam". Alexandre Humboldt tenta uma classificação positiva das raças, já assimilando a classificação respectiva à do reino vegetal, já à da história natural das aves e dos peixes, sem poder alcançar resultados satisfatórios — Critica a classificação geográfica, que não oferece base segura, apoiando-se nas observações de Niebuhr e Buschmann. E afirma que "os nomes geográficos, tomados como designações de raças, são profundamente indeterminados, sobretudo quando o País que deve dar o seu nome a tal ou tal raça, haja sido habitado, em diversas épocas por sucessão de povos os mais diversos".

A analogia dos costumes não pode também servir de tipo de identidade das raças, por isso que a semelhança de vida dos povos nômades faz com que muitas vêzes os usos sejam comuns.

O mesmo acontece com as línguas, apesar de sua íntima ligação com os primeiros desenvolvimentos do espírito.

E' verdade que êsse cunho característico nacional que as línguas trazem consigo mesmas tem uma alta importância como auxiliar para descobrir a identidade das raças, afirma A. Humboldt. Seu irmão, o filólogo, que fizera o estudo filosófico das línguas, em sua grande obra *"Ueber die Kawi-Sprache, auf der Insel Java"*, faz sentir que a semelhança da origem das línguas é um fio condutor que facilita a penetração no mistério do labirinto, em que a íntima ligação das faculdades físicas do corpo com o surto da inteligência se manifesta sob múltiplas formas diversas.

Mas, adverte Humboldt naturalista, "como acontece muitas vêzes, nas esferas das especulações ideais, aparecer ao lado de um resultado tido como seguro, o perigo das ilusões frequentes, deve-se estar sempre de sobreaviso".

"Estudos etnográficos positivos, baseados em profundo conhecimento da história, nos ensinam ser conveniente nos revestir de grandes precauções na comparação dos povos e línguas de que se servem num dado momento da história", sobretudo tratando-se de povos indígenas.

O argumento é lógico — "A conquista, um longo hábito de conveniência comum, a influência de uma religião estrangeira, a mistura de raças, mesmo quando tenha tido lugar com um pequeno número de emigrantes mais fortes e mais civilizados, teem produzido um fenômeno que se nota simultaneamente nos dois Continentes. Por exemplo : duas famílias de línguas inteiramente diferentes podem estar compreendidas numa mesma raça e vice-versa. Entre povos de origem totalmente diferente podem ser encontrados idiomas de um mesmo tronco de línguas.

A cultura não poderá servir de padrão para identificação de diversidade dos grupos sociais.

A modificação da vida de um povo, tal como acontece com a de sua linguagem, é função de uma série de contingências da evolução fatal por que passa a terra no decorrer dos tempos: a emigração, a guerra, a conquista, as calamidades internas, agrupamento de uma raça mais adiantada com outra de evolução mais atrasada. Pode acontecer que a cultura dos seus antepassados seja menoscabada ou deixe de ser necessária ou possível, acabando por desaparecer ou ser esquecida por desuso"; o que observamos nas tríbus remanescentes dos *Tupis, Aruaque* e *Caribe,* cuja cultura primitiva degenerou incontestavelmente.

Robert Lowie observa que sendo tão lentas as mudanças biológicas quanto rápidas as modificações culturais, que variam de geração em geração, seria debalde querer explicar os fugitivos fenômenos culturais por uma constante racial.

Ainda é o mesmo Lowie quem afirma que, tôdas as raças teem sua peculiar cultura. Donde se infere a profunda antiguidade da civilização, tomada na acepção do conjunto das tradições de uma sociedade: aptidões, hábitos adquiridos pelo homem como membro dessa sociedade.

Haja vista a civilização muito antiga do vale do *Nilo*, dos indígenas de Badari e dos seus sucessores do Egito; da Inglaterra prehistórica, etc.

A Arqueologia e a Geologia nos permitem verificar todavia uma antiguidade mais profunda pela descoberta de utensílios depositados nas diferentes camadas milenares da formação do planeta humano, nas quais se reconhece, a preexistência de três grandes fases florestais: do pinho, do roble (espécie de carvalho) e da faia, em cujas respectivas turfeiras se encontram utensílios de pedra, que caracterizam períodos por John Lubbock denominados paleolítico e neolítico, isto é, idade da pedra lascada e da pedra polida, sendo que o primeiro período distingue a civilização mais remota do gênero humano, da época dos animais prehistóricos.

Robert Lowie em seu *"Manual de Antropologia Cultural"*, livro atualizado, pelo qual melhor se pode conhecer o método moderno de pesquisas etnográficas,

faz considerações aliás já anteriormente admitidas por Tylor, sôbre a época em que o homem começara a fabricar utensílios de uso indispensável à sua existência. Admitindo a hipótese de que êsse estado data de cêrca de cem mil anos, julga que a selvageria reinara universalmente no planeta humano. Nesse período o homem vagava pela floresta em busca de frutos, raízes, tubérculos, que adicionados à caça e à pesca a que se entregava, constituíam o seu elemento de vida.

Seus instrumentos de paz e de guerra, utensílios de uso doméstico, eram de madeira, de osso, de concha e de pedra — E como só esta matéria é durável e indestrutível, somente instrumentos e utensílios desta natureza foram pela arqueologia revelados aos naturalistas. Donde a denominação de idade da pedra lascada, ou paleolítica.

Admitem os especialistas etnólogos que um novo período surgiu na idade do homem prehistórico em que teriam aparecido a agricultura, e a indústria da cerâmica, peculiares à vida já sedentária ou semi-sedentária. Como desenvolvimento tardio dêsse estado paleolítico aparecem a indústria pastoril sob a forma de criação de gado, e o progresso da fabricação dos instrumentos de pedra pelo invento do polimento da parte cortante do machado e de todos os outros instrumentos correspondentes.

Êsse período tomou o nome de idade da pedra polida, ou neolítica.

Passam o milênios e os habitantes do vale do *Nilo* criam novas indústrias. A fundição do cobre deu lugar à nova idade da civilização, a idade do metal. O desenvolvimento dessa indústria permitiu o descobrimento da amálgama do estanho que ao cobre deu maior valor industrial na fabricação dos instrumentos e máquinas. Daí a denominação da idade do cobre e idade do bronze para essas fases da civilização.

Algum tempo depois surgiram, simultaneamente, o carro, o arado, a roda do oleiro, e o que mais, a escritura.

Após outros milênios transcorridos, aparece a descoberta do ferro, que substituiu com vantagem a do cobre e do bronze na indústria dos instrumentos e das máquinas, dando lugar a novo período da civilização: a idade do ferro.

Com o grande etnólogo Tylor podemos incluir a vida humana, a grosso modo, em três grandes estados: selvagem, bárbaro e civilizado, caracterizando tipicamente a marcha da evolução do gênero humano.

Descrevemos já, sinteticamente os dois primeiros. Mencionaremos os progressos que permitiram a classificação do terceiro período.

Tylor considera período ou estado civilizado aquela fase da vida humana desde o momento em que surge a arte da escritura até os nossos dias.

O registo na história de todos os acontecimentos que se passam na vida de um povo, permitindo transmitir às idades vindouras seus hábitos, costumes, leis, religião e conhecimentos alcançados até então, liga o Passado ao Presente, e êste ao Futuro, na cadeia ininterrupta de progresso moral e intelectual.

Roberto Lowie resume no seguinte quadro os períodos da vida do nosso Planeta :

1.º Selvagismo (Paleolítico) — duração — 100.000 — 10.000 antes de C.
2.º Agricultura e lavoura à enxada (Neolítico) duração — 10.000 — 4.000 antes de C.
3.º Idade do cobre 4.000 — 3.000 antes de C.
4.º Idade do bronze 3.000 — 2.000 antes de C.
5.º Idade do ferro 2.000 antes de C. até nossos dias.

O mesmo Etnólogo americano observa que os algarismos do quadro apresentado são todos de aproximação, calculados segundo observações geológicas, cuidadosas, dos sedimentos acumulados nos vales dos grandes rios. Referem-se ao conjunto do nosso Planeta.

E' de notar que a evolução da civilização nesses períodos se operou entre as tribus mais bem dotadas moral e intelectualmente. Menciona o atraso dos habitantes da Ilha *Tasmânia,* conservados em estado selvagem até meado do século XIX, de acôrdo com o fenômeno de expansão do progresso. Nessas idades, quando um ponto do globo experimentava um avanço na senda da evolução, as regiões mais afastadas dêsse progresso não podiam dele participar senão no decorrer de séculos. Foi assim que a indústria rudimentar do ferro se estendeu, depois de inventada, aos Escandinavos e mesmo às tribus africanas, sem nunca chegar à América e à Austrália.

Somente com a conquista da América e das ilhas do *Pacífico* se difundiram as indústrias européias nessas partes do Planeta. A experiência nos faz sentir de um modo edificante com que velocidade uma dada cultura se pode modificar favoravelmente sem que nenhuma transformação biológica se opere nos indivíduos do mesmo grupo social. E a propósito, Lowie faz outra observação lógica, a respeito do progresso ou evolução humana. Seu ritmo não é e nunca foi uniforme. Durante milhares de anos o homem permanece no estado de selvageria.

De um momento para outro, entretanto, a transformação positiva ou negativa se opera sem outra explicação senão a da constatação dos fenômenos sociais. E' fato que a história regista e nós observamos nas populações indígenas da América e principalmente do Brasil.

A emigração e a conquista são fenômenos sociais de grande relêvo na evolução ou progresso social dos povos.

PROBLEMA ETNOGRÁFICO AMERICANO

O problema americano da Etnografia se resume, em uma palavra, no Problema da origem do Homem americano.

Todo o mundo compreende a dificuldade da solução de tal problema, que deu lugar a hipóteses fantasiosas, próprias das concepções primitivas desenvolvidas pela Teologia e pela Metafísica, filosofias que guiaram a evolução do espírito humano depois das concepções de Confúcio e de Buda, da primitividade fetichista, até a concepção positiva do surto humano apresentada por Augusto Comte.

Os estudiosos do americanismo, os pesquisadores irredutíveis, pululam desde os séculos das Descobertas. As mais ilusórias ou disparatadas hipóteses surgiram com visos de seriedade para explicar ou esclarecer o misterioso problema, que só no século passado começou a ser abordado com vislumbre científico.

E nesse sentido não se pode imaginar o sem número de hipóteses apresentadas pelos pesquisadores para a pretensa explicação do fenômeno concretizado pela denominação de Americanismo.

Todos os autores modernos são unânimes em afirmar que somente após os primeiros decênios dêste século fôra o problema abordada ou esboçado com seriedade científica pelos métodos antropológicos, com detalhes etnológicos e etnográficos, proporcionados pelos materiais que a Paleontologia, a Arqueologia e a Geologia fornecem..

Apesar de renunciados os métodos antiquados, quasi todos sobrecarregados de interpretações, superstições ou prejuízos, provenientes de convicções obsoletas, um excessivo número de teorias criadas por meras hipóteses, avulta ainda no campo das discussões estéreis. Considerável número dessas ficções se reúne em tôrno de duas escolas contemporâneas, que podem ser consideradas apoiadas em dados, relativamente de caráter lógico.

1.ª A escola da unidade racial, de origem única e recente.

2.ª A Escola de diversidade racial, de origem múltipla e muito antiga.

Tôdas as tentativas de interpretações, com verniz científico, da origem do homem americano se enquadram nas hipóteses fundamentais sustentadas pelas seguintes teorias:

a) Poligenismo, com o Continente americano para um dos centros de origem.

b) Monogenismo, admitindo ser o homem originário do Continente americano ou de outro Continente qualquer: Europa, Ásia, África, Oceania ou quem sabe, de algum outro Continente desaparecido, Atlântida, por exemplo.

Além dessas teorias antigas surge a modernissima, defendida por Montandon, sob a denominação de "Ologenismo", isto é, da aparição simultânea do homem, como de outros animais, em todo o Globo.

Todavia, não devemos deixar de consignar as soluções mistas.

Nestes casos para explicar a existência de população na América e noutros Continentes busca-se a solução do fenômeno social das grandes migrações milenárias da Prehistória: de ou para a América pelo caminho do Nordeste, Noroes-

te; Atlântida e Oceano Atlântico, Continente e Oceano Pacífico ou Continente Antártico (Mendes Correia). O grande número de hipóteses e outro tanto de soluções apresentadas para cada uma das grandes divisões acima apontadas é fácil de compreender. Tais são as inumeráveis literaturas que a respeito teem sido publicadas, enchendo as bibliotecas dos Museus, sociedades congêneres e dos estudiosos da Natureza americana.

Logo após a Conquista ocorre a hipótese mediterrânea da origem do homem americano.[3] E' a época da hipótese bíblica.

Quando apareceram as primeiras investigações com bases científicas, surgiram as suposições de origem asiática bilateral.

Contemporaneamente parece prevalecer a hipótese de origem múltipla e complexa.

Simultaneamente com a preocupação das origens do homem americano fixa-se o pensamento dos investigadores nas culturas correspondentes a cada povo. Essas culturas serão importadas ou evolutivamente autóctonas? Como é natural imaginar surgiram correntes diversas, com argumentos científicos de tôda espécie para demonstrar uma e outra idéia.

A emigração teria sido o fenômeno esclarecedor das civilizações *aztecas, incaicas, chibchas*, etc.

O isolamento histórico em que jazeu por largo tempo o Continente americano constitue fundamento contrário e fortalece a hipótese do evolucionismo autóctono das culturas encontradas pela Conquista entre os diversos povos do Novo Mundo. A hipótese bíblica ou mediterrânea deu lugar a diversas discussões, calorosas muitas delas, baseadas até em razões filológicas, a respeito das origens semitas.

As pesquisas de Villamil de Rada[4] deram lugar à identificação do idioma *aimará* com a língua falada no Paraíso Terrestre, o que nos leva ao terreno da mais fantasiosa das ficções.

Os estudos de A. Berloin[5] permitiram-lhe analogia diferente, levando-o à comparação do idioma primitivo com as expressões algonquinas.

A respeito dos descendentes de Noé como povoadores da América o número de argumentadores antigos merece atenção.

Enfileiram-se nessa argumentação Arias Montano que publicou em 1593 em Leyden o seu famoso livro *"Antiquitatum Indaicarum"*. Segundo sua teoria Ofir, filho de Jectan, neto de Heber, povoou a América até o Perú, e Jobal o Brasil.

Os argumentos com que o célebre historiador do fim do século XVI justificou essa teoria do povoamento da América são estupendos, na opinião de L. Pericot.

Para provar que Perú da descoberta de Pizarro é o mesmo Perú da Bíblia (Paruain), frei Gregório Garcia, explica como Arias Montano em sua acrobacia filológica pretende justificar a identidade de Perú com Ofir, afirmando que esta palavra é a mesma que a antecedente transpondo a letra *O* para o fim da palavra e mudando-a para *U*, abusando da ingenuidade dos filólogos antigos, escravos das crendices da Bíblia.

Montano e frei Gregório Garcia para confirmar a identidade da descoberta de Pizarro com o País visitado pela frota de Salomão e do rei Hiram citam fatos históricos. Corrobora esta opinião de Montano e de frei Gregório Garcia o fato de ser o Perú de Pizarro abundante em ouro e prata como Ofir de Salomão e do rei de Tiro.

Comungam na opinião de Montano a respeito das descendências de Noé como povoadoras da América, além de Piedrahita, Zamora, Pinedo, Echevarria, Veiliaz, Mac Intos, F. de Castelnau, o dominicano Torquemada, para quem a côr dos índios seria indício certo de uma descendência de Cam.

Da opinião dos múltiplos partidários da emigração fenícia, ou simples passagem dêste povo semita pela América do Sul, participam o arqueólogo Ladislau Neto e L. A. Childe, do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

---

[3] Elliot Smith, defensor da íntima relação entre as grandes culturas americanas e a antiga civilização egípcia.

[4] *"La lengua de Adan y el hombre de Tiahuanaco"*, La Paz, 1888.

[5] *"La parole humaine"*, París, 1908.

Tôdas as inscrições rupestres existentes pelo nosso dilatado litoral e vales de quasi todos os rios do interior do Brasil, foram motivo das hipóteses que os exploradores estrangeiros e nacionais formularam nas suas viagens a respeito da probabilidade do povoamento da América pelos fenícios e até pelos próprios egípcios, cartagineses, hebreus, gregos, etc.

Segundo a fábula de Esdras, as tribus Hebraicas passaram da Palestina para Arsareth com o intuito de fugirem de perseguições e poderem viver em pleno reino da Paz. Pois bem, êsse país desconhecido teria sido o Novo Continente.

Dessa fabulosa hipótese participaram os Padres Las Casas e Durán, segundo a teoria do ilustrado Padre Gregório Garcia, que se firmou no século XVIII, da qual é digno de ser citado como fervoroso adepto James Adair, que estudou os índios da América do Norte.

Precederam os partidários da teoria dêste último século Diego Andrés Rocha,[6] que chegou a admitir a entrada na América, pelo Noroeste, das dez tribus de Israel; Thorowyood, John Eliot; os judeus Antônio Montesinos e Menasseh Ben Israel, autor de uma obra que se tornou célebre e que visava demonstrar especialmente a origem hebraica dos índios. Assunto que provocou por parte de Hugo Grocio intransigente contenda, revelada no livro publicado em Paris, em 1642, sob o título: *"De origine americanorum dissertatio"*.

No século XIX como sectários da mesma teoria sobressaem: o inditoso lord Kingsborough, conhecido pelo seu intrépido entusiasmo na organização da Expedição que o levou ao cárcere e à morte; o notável viajante delineador dos costumes dos índios — George Catlin.

Modernamente Paul Gaffarel julga provável que os povos de Canaã, os *jebuseus,* no tempo de Josué, e os judeus depois da conquista de Salmanasar, emigraram, descobriram as ilhas da Oceania e chegaram até a América. Considera surpreendente a analogia de tradições, costumes, línguas e tipos semáticos dos ameríndios.

P. Mossi, segundo Imbelloni, considera o *Quichuá* muito parecido com o *hebreu,* admitindo como de origem hebraica as inscrições da baía *Newark,* em New-Jersey, EE.UU. Outros argumentos de caráter histórico, antropológico (etnológico e etnográfico) são apresentados para caracterizar a semelhança entre hebreus e os índios da América. Até a prédica da Bíblia foi apontada como prova histórica. São Tomé é apresentado como tendo sido o apóstolo que percorreu a América, não faltando menções de autores católicos para provar êsse postulado: a impressão nas rochas dos pés do apóstolo encontrada principalmente na América do Sul; a existência do símbolo da cruz, atribuída a particularidades das tradições verificadas na religião dos *aztecas* e dos *incas;* assim como a boa vontade dos autores católicos em querer descobrir nas três cabeças que em alguns vasos da cerâmica *pré-incaica* aparecem, a representação do símbolo da Santíssima Trindade.

Múltiplas opiniões apareceram desde a antiguidade até hoje para demonstrar as origens mediterrâneas dos índios americanos, já de autores estrangeiros e mesmo de alguns nacionais. Dentre estes é de notar o historiador Varnhagen, que imaginou a emigração dos habitantes das ilhas do *Mediterrâneo* oriental, os *Carios,* para o vale do *Amazonas,* de onde provieram os *tupis* e os *caribes,* segundo êsse autor, aparentados ou constituindo um tronco único. Essa hipótese aliás já havia sido apresentada no começo do século XVII, por Joseph Fr. Láfitau, reproduzida por aquele historiador brasileiro no fim do século passado.

Gregos e troianos; etruscos e filisteus; árabes e romanos, e tantos outros povos mediterrâneos foram apontados como emigrantes para a América.

A mais interessante, porém, de tôdas as ficções que abarrotaram a barca de Noé das hipóteses fantasiosas, consiste na origem espanhola dos índios americanos na opinião de vários autores, entre os quais se destacam frei Gregório Garcia, P. Maluenda e Gonzalez de Oviedo, em que se fundamentou o Papa Alexandre VII para estender à América certos privilégios eclesiásticos só concedidos até então à Espanha, sob a pretensa alegação de que a América fôra povoada por espanhóis desde antes da sua descoberta por Colombo.

---

[6] *"Origen de los Indios del Perú, Mejico, Santa Fé de Bogotá, Chile"* — Lima 1681 (reimpresso em Madrí, 1891).

Gomára, em sua história indígena, afirma que os espanhóis passaram a Cozumel e Yucatan fugindo à invasão dos Mouros, do que é prova cabal a existência das cruzes que nessas paragens encontraram os conquistadores. Êste argumento não seria cabal, se admitíssemos a primazia do apóstolo São Tomé que pregara na América antes dessa época.

São tão curiosas as ficções da origem espanhola dos índios americanos que, vale a pena citar a opinião do Ouvidor de Lima Andrés Rocha, o qual afirma categoricamente, segundo L. Pericot, que Deus mandou ao Novo Mundo os Espanhóis, e, depois de muitos séculos os restituiu à respectiva metrópole, a título de direito de restituição.

Aquele Ouvidor de Lima, escritor tido como muito erudito, supunha que os espanhóis que povoaram na prehistória o Continente americano eram descendentes dos hebreus que povoaram a Espanha, prevalecendo entre êles o tronco de Tubalcain. Pela Atlântida teriam atingido a América independentemente da hipótese de Wegner.

Andrés Rocha apresenta uma série de paralelismos, de hábitos, costumes, línguas, cultura, tradições, entre espanhóis e habitantes do Perú e Nova Espanha (México) para estabelecer a conformidade dos dois povos.

E' profundamente acomodativa a comparação do idioma basco com a língua do *quichua*. Como conclusão final dessas lucubrações o erudito Ouvidor de Lima perora com estas fervorosas palavras de crente: *"Envió a este Nuevo orbe los españo — les y después de muchos siglos se los restituyó a España Dios, usando del derecho de reversión... oh profundidad de la sabidoria y ciencia del Altissimo!"*...

Pericot acrescenta em sadia crítica sôbre a ficção de Andrés Rocha:

> *"Además, España es la que se halla mas cerca de America y Dios no hizo otra cosa que devolver lo que habia sido suyo. Claro está que Rocha con la misma fé que cree en el origen español de los americanos, cree que de nuestro país salió la población de Frigia, Toscana, Irlanda, Galia, Narbonense y Roma".*

Origens européias, tártaras e chinesas, mongólicas de um modo geral, asiáticas, mesopotâmicas, até africanas puras; oceânicas até de continentes desaparecidos, foram lembradas, como: Atlântida, Pacífico, Lemúria, Antártico, por Mendes Correia, arqueólogo português, considerando-os caminho de passagem dos Australianos e Tasmanianos para a América. Os poligenistas encaram a população da América "ipso fato" sua cultura, como autóctona, argumentando com o fenômeno da criação espontânea de Lamarck, tendo por confirmação a homogeneidade somática e antropológica quasi absoluta, em oposição às considerações científicas indiscutíveis da concepção de Blainville sôbre as diferenças antropológicas da espécie humana.

Outras teorias surgiram contemporaneamente para explicar a origem do povo americano: a wegneriana, que supõe a união primitiva dos Continentes e separação lenta posterior. Donde a explicação muito simples da passagem do homem e dos animais superiores do Velho para o Novo Mundo e vice-versa.

A outra hipótese é a que Montandon classificou com o título de ologenismo, nuança simpática da teoria poligenista.

HIPÓTESES MODERNAS AMERICANAS

ORIGEM ÚNICA

Defendem esta hipótese Hrdlichka e Holmes, os dois campeões americanos da unidade da sub-raça americana.

Para êsses dois etnólogos o Ameríndio provém da Ásia, de onde terá passado pelo Noroeste dêsse Continente para o americano pelo estreito de *Behring*. Esta hipótese é universalmente aceita por quasi todos os antropólogos modernos, formando entre estes o grande mestre de Etnologia da Sociedade Americanista de Paris, P. Rivet, que explanou em diversas conferências realizadas no Rio de Janeiro a sua teoria antropológica da origem do homem americano, publicando

a respeito obras que fizeram época: *"Les origines de l'homme américain"; "Les australiens en Amerique"; "Recherches d'une voie de migration des australiens vers l'Amérique"*.

Desde Humboldt que essa teoria foi tomando vulto por demonstrações de caráter científico, até firmar-se na escola norte-americana, formada pelos estudos especializados de etnografia e etnologia dos sábios da grande República norte-americana.

Se os ameríndios, de um modo genérico, constituem uma só raça ou sub-raça do Continente, é assunto que se não pode em absoluto afirmar.

Temos que separar os índios da América do Norte, onde se observa maior homogeneidade entre os diversos tipos, dos que viveram espalhados pelos vastos territórios da América Central e do Sul, entre os quais a diferenciação é mais pronunciada.

Em que consiste a hipótese de uma só raça americana?

Essa hipótese é baseada na possibilidade da migração de um só povo da Ásia para a América, o Mongol ou Mongolóide, por exemplo, em ondas sucessivas de grandes intervalos.

A hipótese contrária se fundamenta na possibilidade da multiplicidade de emigrações de povos diferentes da Ásia, Oceania, etc.

Desde Cuvier que os traços antropológicos do índio americano foram assimilados aos do tronco mongol, já pelo pigmento avermelhado, que deu nome aos índios da América do Norte, característico que se aproxima grandemente dos habitantes asiáticos da Mongólia e já pela forma e côr do cabelo, constituindo êsses povos o grupo lisótrico, um dos três em que se enquadrou a espécie humana pela natureza do cabelo. Outros característicos etnológicos: forma do ôlho, largura da cara com pômulos salientes, incisivos em forma de pá, mancha de genipapo, etc., levam os ameríndios ao grupo dos mongóis ou mongolóides.

O raciocínio dos partidários desta hipótese os induz a considerar, principalmente o seu maior entusiasta, Hrdlichka, que estudou o tipo puro dos mongóis setentrionais, que nestas tribus paleoasiáticas é que se encontra o resto do primitivo tronco que passou para a América, ou vice-versa, de cá para lá, tal a semelhança dos tipos étnicos.

E' verdade que há muitos caracteres entre os ameríndios que diferem dos que apresentam, por exemplo, os chineses e japoneses, o que leva alguns dos partidários da hipótese da parecença dos ameríndios com os puros mongóis, a estender essa solução a outras regiões da costa oriental da Ásia. Donde a opinião de outros autores como Holmes, Chamberlain, Wissler, Hamy a incluir os ameríndios nas tribus mongolóides protomongóis e indomongóis. Em uma palavra, segundo a opinião de Pericot, as migrações asiáticas para a América podem ser consideradas formadas de elementos de origem variada, saídos do litoral asiático, tecnicamente denominados mongolóides ou premongóis.

Trombetti aduz argumentos filológicos de valor para concretizar o foco asiático na população ameríndia.

As línguas indochinas, particularmente a da tribu *Munda Kmer*, na opinião daquele etnólogo e de outros, parecem ser o tronco dos idiomas ameríndios.

A Etnografia e a Arqueologia apresentam também, segundo muitos pesquisadores, motivos apreciáveis que fazem a ligação antropológica dos dois Continentes em discussão.

Parece que o critério da multiplicidade, em parcelas relativamente pequenas, de emigrações das ilhas oceânicas conjuntamente, ou em épocas separadas, com as mongólicas puras não deve ser desprezado, tal como não seria possível negar no Brasil, a relação prehistórica do tipo da *Lagoa Santa*, descoberto por Lund, com o resto dos íncolas brasileiros.

As vias ou os caminhos segundo os quais as emigrações diversas seguiram para passar ao Continente colombiano, não sofrem mais dúvida. Deve-se tirar uma média dos mil raciocínios apresentados pelos fogosos argumentadores desde Wegner até recentemente o bravo etnólogo português Mendes Correia.

Resta saber se essas emigrações são paleolíticas, neolíticas ou holocenas.

Não só Hrdlichka, como Holmes, Vignaud e o próprio Paul Rivet, se firmam na convicção de que o atraso dos ameríndios, sua ignorância de certos inventos úteis, (Rivet citou na conferência do Rio de Janeiro, a roda); a pequena den-

sidade de sua população, são causas para se pensar na contemporaneidade relativa de seu aparecimento na América, nunca porém antes do desenvolvimento das civilizações propriamente mongólicas, chinesas e vizinhas.

O fenômeno da linguagem é outro argumento contra a antiguidade dos ameríndios. As línguas dos povos da espécie humana estavam em formação na antiguidade. Demandavam tempo para a sua aproximação, unificação ou simplificação.

Para atenuar as hipóteses, evitar a barafunda, ou em linguagem literária, a confusão das conclusões, Vignaud apresenta a idéia, logicamente aceitável, de admitir que as emigrações asiáticas provieram dos elementos mais rudimentares do tronco mongol ou premongol. Esclarecer-se-ão dessa forma tôdas as impugnações de outros autores, que argumentam alegando a contradição sôbre a ignorância dos emigrantes que teriam vindo para a América quando na Ásia as culturas mongólicas se achavam muito avançadas, sem que essa circunstância pudesse ser revelada nas culturas ameríndias a respeito de certas particularidades não encontradas nos povos indígenas de cultura mais adiantada, por exemplo a ausência da roda e outros inventos úteis em uso na civilização mongólica.

A respeito do autoctonismo das culturas ameríndias não só Hrdlicka, como principalmente Brinton, o consideram efetivo.

Povoada a América teria ela caído em um longo período de isolamento, sugerindo a seus habitantes, em cada centro de sua existência, o fenômeno da evolução natural, as invenções que suas necessidades faziam espontaneamente surgir: agricultura, cerâmica, navegação, metalurgia rudimentar na fundição do cobre, do estanho, do ouro e da prata. Depois de terem sido primitivamente nômades, caçadores e pescadores, foram adquirindo hábitos sedentários de pastores, agricultores e até industriais.

Foi na fase dessa evolução em que já se encontravam os *aztecas*, os *incas*, os *chibchas* e outros povos guatemalenses que surgiu a conquista européia que perturbou-a, destruindo a cultura existente, e apagando por completo a luz daquela evolução, dando lugar ao caos em que se debatem os antropólogos, arqueólogos, paleontólogos e todos os investigadores da Etnologia e Etnografia para descobrir a origem do Homem americano. O absolutismo da Doutrina que presidiu a Conquista e o Descobrimento da América, destruindo quasi todos os fundamentos da cultura pagã, rasgou uma interessante página da História, e suprimiu assim todos os dados essenciais, positivos, que podiam nos orientar na avaliação da capacidade do índio americano para o progresso intelectual, moral e prático.

A hipótese do isolamento total da América não tardou a sofrer severas críticas, dando lugar a admitir-se a intervenção de vários elementos na constituição da população americana.

Conforme lembramos atrás os melanésios, polinésios e australianos teriam sido possíveis elementos, embora em proporções diminutas, a mesclar na massa mongólica ou premongólica tida como fundamento da população pré-colombiana do Novo Mundo.

Rivet, um dos mais famosos campeões da teoria da origem múltipla do homem encontrado na América na época de sua descoberta, comunicou à Academia de Inscrições e Belas Letras de Paris, em 12 de Dezembro de 1924, as suas conclusões etnológicas, a respeito, na monografia, que intitulou: *"Les melaneso polinesiens et les australiens en Amérique"*. Aliás, essa hipótese, como já referimos, havia sido formulada por Hugo Grocio e Andrés Rocha. Frei Gregório Garcia torna a seus argumentos anteriores, apoiados em observações próprias e coligidos em conhecimentos históricos de certa profundidade, mais sólidos, afirmando que a variedade de línguas, leis, ritos, cerimônias, costumes e vestimentas, levam-no à conclusão de uma origem múltipla para os ameríndios.

Quatrefages com seus estudos de antropologia da América criou o sistema em que a população ameríndia foi incluída nas raças mistas. Tentou demonstrar a parecença dos crânios da *Lagoa Santa* e dos contemporâneos *Aimorés* com os dos negróides oceanianos de Nova Guiné, e ilhas adjacentes.[7]

---

[7] Introduction à l'étude des races humaines, — Paris, 1887 — L'homme fossile de Lagoa Santa au Brésil et ses descendents actuels, Moscou, 1879.

Enfim, os antropólogos por um lado, e os etnológos, arqueólogos e filólogos de outra parte, em pesquisas incessantes impugnam a hipótese sustentada por Hrdlicka e seu imediato colaborador Holmes.

Após essa escola heliolítica surge outra sustentada pelos pesquisadores dos centros culturais, com intuito de comparações concretas das culturas correspondentes de épocas diversas.

Essa escola levantada por Graebner, seguida por P. W. Schmidt Nordenskiöld, e os linguistas Sauvageot, C. Thomas, Tregear, Hill Tout, Anton e Sanchez e tantos outros, chegaram à conclusão da possibilidade de grupos oceanianos, europeus e africanos, terem aportado casualmente na América. Dentre êsses destaca-se Theodor Koch — Grünberg, cujo túmulo visitei à margem direita do rio *Branco,* quando subia êste rio em demanda da fronteira britânica em 1927.

Êsse infatigável etnólogo se distingue pela energia de seu caráter e persistência profissional nos demorados estudos que fez nos vales dos rios *Urariquera* e *Tacutú,* e cordilheira *Pacará-imã,* que transpôs para o vale do *Orenoco,*[8] dando a vida em holocausto a seus devotados estudos etnólogicos e etnográficos.

As divergências fundadas aparentemente em pesquisas de caráter científico são múltiplas. Entre a escola histórico-cultural e a da unidade de origem do índio americano, Rivet parece traçar um meio têrmo baseado em seus estudos resultantes de investigações diretas que teve a fortuna de realizar no Equador.

Pericot argumenta *para divergir da hipótese de um tipo único do indígena americano* salientando as diferenças profundas existentes entre muitas tribus da América do Sul. E supõe, com vários autores, que Hrdlicka e Holmes foram levados à hipótese da emigração em massa dos mongóis e mongolóides baseados na aparente unidade de feições físicas apresentadas pelos pele-vermelha.

Entre os tipos da Rondônia, *Serra do Norte,* que Roquete Pinto estudou e os que Koch-Grünberg apresenta de sua pesquisas no vale do *Cuquenã,* contribuinte do *Caroní,* vale do *Orenoco,* serra *Roraimã,* a diferença somática e dos costumes é profunda.

Lá o tipo da *Lagoa Santa* faz-se lembrar; aquí o caráter caucasóide é desvendado, tudo de acôrdo com as observações dos dois eminentes etnólogos que estudaram os ameríndios daqueles extremos opostos das fronteiras brasileiras.

A êsses pontos de vista se alistam etnólogos do quilate de Keane, Martin, Fritsch, Biasuti, Oencking, Eikstedt, e outros.

A diferenciação dos tipos espalhados por todo o Continente é palpável — Êsse fato levou a discussão entre os etnólogos americanos e os europeus com tal paixão que Mendes Correia declara que a tese unitária é preconceito geográfico, e que desprezar as diferenças de caractéres equivaleria a destruir os métodos antropológicos. Se se admitir com Quatrefages e Lund a existência do homem quarternário na América, é lógico pensar no autoctonismo do ameríndio. Mas, como está mais que provado que as migrações asiáticas constituem realidades incontestáveis, claro está que as populações emigradas teriam sido superpostas às autóctonas, podendo acontecer que a mescla fôsse de tal natureza e em proporção tal por parte dos asiáticos que viesse a dar a feição de uniformidade de tipo que justificasse, por momentos, a idéia da unidade sustentada por Hrdlicka e Holmes.

Rivet, o pioneiro das migrações múltiplas, no seu livro: *"Les origines de l'homme américain"* pg. 207, diz: "A tese da população da América por emigrações da Ásia, através do estreito de *Behring,* contém sem dúvida alguma grande parte da verdade e esclarece de certo modo os problemas americanos, sem abranger contudo a sua totalidade. O vício dos defensores dessa tese está no seu absolutismo. Por minha parte aceito de boa mente que a massa principal da população americana é de origem asiática, e que foram os asiáticos que uniformizaram o aspecto físico aparente de todos os índios, parecendo-me evidente que outros elementos étnicos intervieram na formação dessa população".[9]

---

[8] Vom Rorôimã Zum Orinoco, vol. I, Berlin, 1916.

[9] Rivet admite provisoriamente os seguintes grandes movimentos migratórios para a América:

1.º — Elemento australiano.

2.º — Elemento de língua malaio-polinésica, que se aproxima pelos caracteres físicos do grupo melanésio.

3.º — Elemento asiático que é, indubitavelmente, o mais importante, causador da aparente unidade visível nos ameríndios.

4.º — Elemento urálio, esquimau.

Os mais acirrados defensores do unitarismo da raça americana chegaram por fim a uma transição que permite razoável conciliação com a hipótese de Rivet, estendendo a zona das migrações mongolóides até as ilhas *Formosa* e *Filipinas,* donde as nuanças no tipo mongol ou premongol.

Nas conferências do Rio de Janeiro, nos seus livros e dissertações na Sociedade dos Americanistas de Paris, o grande etnólogo contemporâneo, discute o magno assunto apresentando razões lógicas, baseadas em provas de caráter científico.

Demonstrações antropológicas, segundo Quatrefages confirmadas por Verneaud, Nordenskiöld, Wegner, Eickstedt, assinalam a analogia de tipos americanos com os asiáticos, melaneso-polinésicos e autralianos.

Provas etnográficas esporádicas, nos achados arqueológicos aquí e alí foram aparecendo.

Rivet apoiando-se em parte na escola histórico-cultural e muito nas pesquisas de Nordenskiöld, deduz as semelhanças de costumes, artefatos, utensílios, etc. dos ameríndios com os da civilização malaia, melanésia ou polinésia, como dansas, rituais com máscaras, redes, pontes suspensas, fundas, zarabatanas, arcos para diversos fins, machados, cabeças como troféus, flautas, tambor de madeira para sinais, tambor cilíndrico com membrana de peles de animais, trombetas de conchas, remos enforquilhados, instrumentos para preparação da entrecasca da madeira destinada à confecção de vestidos, plantações em terraços, uso das conchas para diversos fins, fundas para o penis, processo dos nós para tingir fibras (*ikatten*), a mastigação de frutas e massas para o preparo de bebidas fermentadas, amputação das falanges e talhos nos membros do corpo em sinal de luto, trepanação e outras tantas analogias.

As provas filológicas constituem a pedra de toque dos argumentos de Rivet, desenvolvidos com dados concretos em seu livro: *"Les langues américaines"*, pág. 147.

As mesmas provas de caráter científico êste já famoso batalhador etnólogo apresenta para demonstrar a presença dos elementos raciais australianos na América; época e condições de sua emigração.

A êsse respeito continuam a discordar de Rivet não só os partidários da escola histórico-cultural de que Nordenskiöld é o principal baluarte, mas também outros mais modernos como Imbelloni, Mendes Correia, Frenquelli.

Diversos etnólogos italianos entregaram-se aos estudos linguísticos dos ameríndios, Imbelloni e seu colaborador Palavecino, citam grande número de palavras *quichuas* semelhantes às dos *Maorí* da Nova Zelândia, raça polinésica. E. Biasuti apresenta um interessante diagrama segundo o qual o *"Homo americanus"* é constituído por antigo *phílum* enriquecido de caractéres australo- caucásicos posteriormente metamorfoseado pelo *"Homo asiaticus"*. Outros antropólogos: Sergi, Mendes Correia, Aichel sugerem argumentos diversos no mesmo sentido, isto é, de mescla na constituição primitiva da população ameríndia.

As conclusões de Oetting e Eickstedt são as que estão fadadas a prevalecer sôbre a rigidez da hipótese de Hrdlicka. O primeiro, por estudos morfológicos dos americanos, deduz uma camada de povoação de caracteres protomorfos com manchas neandertalenses, excluindo portanto sua origem autóctone e sua entrada na América em época pleistocena, em que se incluem os Esquimaus, as raças da *Lagoa Santa* e da *Terra de Fogo.*

As povoações arquimorfas são formas mistas, que sofrem as influências do ambiente, mantendo o conjunto americano caractéres próprios.

Eickstedt imagina que o homem chegou à América numa fase interglacial, havendo uma camada dolicocéfala anterior à braquicéfala, com três camadas distintas na América do Sul: *punimóide* (romanos), *lágidos* (egípcios) e *brasílida.*

Êste antropólogo afirma a existência da raça branca na América prehistórica, qualificando os americanos de *puro-peóides,* sob o ponto de vista da altura, contôrno do nariz, barba inferior do queixo, bôca. Estas modalidades morfológicas só se explicam pela presença dos europeóides no Norte da Ásia em virtude da expansão dos mongolóides.

Êste conjunto de citações que deixo aquí palidamente exposto, colhí nas grandes searas acumuladas pelo autor de la *"América Indígena"*, o Professor de Etnologia de Barcelona — Luiz Pericot. Suas conclusões são lógicas. E como elemento para o tirocínio dos que se dedicam às pesquisas etnológicas e etnográficas, transcrevo-as nestas nótulas em bosquejos.

Pericot pondera que tôda hipótese para ser aceitável deverá basear-se nos seguintes assuntos, reais ou prováveis.

1.º — O tipo americano não constitue uma raça única. Seu tipo físico apresenta variantes bastante consideráveis, fruto da reunião de diversos elementos antropológicos, que pelo contacto criaram feições de rosto comuns à maior parte da povoação, indicando antiguidade no contacto. Os elementos primitivos encontram-se isolados.

2.º — Do estudo das línguas e dos costumes se deduz semelhante variedade de certa unidade.

3.º — O estudo arqueológico e antropológico não permite uma conclusão definitiva, porém, o que não admite dúvida é o homem encontrar-se na América desde o fim da época glacial e é provável que entrasse durante o Pleistoceno.

4.º — Não há razões para supô-lo autóctono.

5.º — O fundo primitivo da população é formado por elementos dolicocéfalos (*punimóides, Lagoa Santa,* etc.) com caractéres primitivos e parecenças ainda não explicadas com *neandertalóides,* (homem fóssil de Neanderthal, vale da bacia do *Reno*), e australóides, melanésios e europeóides.

6.º — Sôbre êste fundo se superpuseram vários movimentos de gente nova, especialmente braquicéfalos asiáticos de tipo mongolóide. Nas povoações paleoasiáticas e nas ilhas que bordam o Continente asiático encontram-se restos dos tipos que entraram na América.

7.º — O grupo esquimau (aurálio ?) será o último que chegara.

8.º — O único caminho conhecido com segurança é o do estreito de *Behring,* que gozou noutros tempos de condições mais favoráveis para a vida.

9.º — Nenhuma das emigrações pode ser posterior à formação das grandes culturas do oriente asiático.

10.º — Combinados, de acôrdo com os fenômenos da evolução e de mútuas reações, todos estes elementos, desenvolveram por si próprios civilizações originais, extremamente relacionadas entre si, sem receber do exterior qualquer imitação ou influência esporádicas pela via do *Pacífico* (navegações polinésicas).

11.º — O esfôrço dos futuros investigadores deve dirigir-se a assegurar a existência destas relações oceanianas e a procurar o caminho e a época em que as emigrações puderam chegar à América, a circunscrever as camadas de população americana e a resolver o problema das semelhanças e relações com as civilizações oceanianas e do sudeste asiático (civilização cambodjeana dos *mon-kmer*) e outras com esta relacionadas.

CONCEITO MODERNO; ESTADO ATUAL DOS CONHECIMENTOS E MÉTODOS DE PESQUISA REFERENTES À ETNOGRAFIA

Devemos concluir pelo apanhado, embora desconexo, que conseguimos reunir das informações e pesquisas acumuladas, desde a Descoberta do Continente Americano até hoje sôbre as concepções antropológicas do Ameríndio, visando o conhecimento da sua história e da sua introdução no Continente, da sua civilização, em uma palavra, que tudo isso se conseguirá melhormente mediante o estudo preliminar da Etnografia, método empregado pelo Professor americano — Robert H. Lowie.

Evitando francamente as discussões teóricas, o método americano de estudos antropológicos culturais procura apresentar sistematicamente os fatos e dados particularmente essenciais. Daí julgar êsse eminente Professor conveniência fundamental o estudo direto da etnografia indígena sôbre cada tribu do grupo de que se pretende inferir conclusões a respeito de sua civilização própria.

As conclusões positivas são função direta das observações de relação entre tribus de diferentes estados místicos da evolução mental.

Lowie julga indispensável insistir nas pesquisas etnográficas e etnológicas sôbre tribus as mais atrasadas para depois comparar a civilização do tipo simples à do que já tenha alcançado uma estrutura mais complexa, passada ou presente.

O conceito moderno, estado atual dos conhecimentos e métodos de pesquisa referentes à Etnografia, baseiam-se nos resultados práticos que os Museus dos Estados Unidos, principalmente, veem adquirindo com as pesquisas diretas sôbre cada caso particular de suas investigações.

Êsse conceito e êsses métodos foram de iniciativa de Von den Steinen, que para alcançar resultados positivos empreendeu duas Expedições longínquas às cabeceiras do *Xingú* afim de recolher materiais de cada tribu acaso encontrada em seu percurso geográfico, para dêsses estudos parciais destacar ensaios gerais sôbre a história do Continente sul-americano, particularmente sôbre a do Brasil pré-cabraliano.

Identicamente procedeu Rivet em suas pesquisas sôbre algumas tribus da República do Equador.[10] E modernamente Robert Lowie, que estudou detidamente a etnografia e etnologia da tribu *Crow* do Estado Montana dos Estados Unidos da América do Norte.

O conceito moderno da pesquisa referente à Etnografia é que a Arqueologia como instrumento técnico-histórico fornece o elemento essencial às comparações respectivas que os estudos modernos vão realizando para melhor assentar a base lógica dos conhecimentos da Antropologia americana, isto é, para estudo sistemático do Ameríndio.

O método de pesquisas diretas, criado por Lowie, é o que modernamente tem produzido resultados positivos, já para os Museus americanos, já para o nosso Nacional.

Lá, aquele Professor estudou a etnologia e etnografia dos índios *Crow*; aquí o Professor Roquete Pinto pesquisou diretamente os hábitos, costumes e tôdas as manifestações materiais da atividade de algumas tribus da Nação *Nambiquara* da *Serra* do *Norte* no Estado de Mato Grosso.

O mesmo fez há pouco tempo nos Estados da Baía e de Pernambuco o Diretor do Museu Goeldi de Belém do Pará, Professor Carlos Estêvão, que pesquisou diretamente nos remanescentes de grupos da tribu *Cariri* daquelas zonas geográficas o que de etnologia e etnografia ainda podem oferecer aqueles derradeiros abencerragens da grande tribu, que, como já lembrámos, em fins de 1671 era missionada pelo Reverendo Padre capuchinho Martin de Nantes nas regiões de Oeste daqueles Estados, no vale do rio *São Francisco*.

O diligente etnólogo Curt Nimuendajú, ex-funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, incansavelmente tem feito pesquisas diretas em dezenas de Aldeias de diversas tribus, desde São Paulo até o vale do rio *Oiapoque*, pelos rios *Araguaia, Tocantins, Tapajós* e *Madeira*, neste último concorrendo para a consolidação da atração dos guerreiros *Parintintins*, cuja pacificação, iniciada pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, foi arrematada pelo Serviço de Proteção aos Índios.

Êste etnólogo forneceu ao Professor Carlos Estêvão notas esclarecedoras, aduzidas à Separata do *"Boletim do Museu Nacional"*, de sua autoria, sôbre os remanescentes dos índios *Apinagé* do *Alto-Tocantins*. O mesmo método empregou o chefe daquela Comissão Telegráfica no perfuntório apanhado de ligeiras nótulas que pessoalmente colheu em sua rápida passagem pelas restantes tribus do antigo reino dos índios *Paricí (Arití)* e através das dezenas de grupos ou sub-tribus da populosa nação *Nambiquara*.[11]

O etnógrafo da mencionada Comissão João Barbosa de Faria, ex-funcionário do Serviço de Proteção aos Índios, pesquisou diretamente, principalmente com intuitos filológicos, nas aldeias dos índios *Terenas, Bororos* (como Encarregado da Povoação Indígena de São Lourenço, antiga Teresa Cristina), *Paricís, Nambiquaras, Quep-queriuats, Ariquemes, Galibis, Paricurás, Caripunás* (rio *Uaçá*); *Macuxis, Uápixánas* (rio *Branco*, fronteira britânica), *Uabois* (rio das *Trombetas*).

Identicamente teem procedido viajantes dos Museus americanos. Ultimamente alguns deles penetraram o rio Tapirapés, permanecendo meses entre os índios da tribu dêste nome, investigando os hábitos e costumes dêsses índios e coligindo vocabulário de seu idioma. Êsse material será o elemento essencial para o estudo que os professores dos respectivos museus farão pelo método de Lowie.

Podemos, sem receio de exagêro nem de fantasias, afirmar que o estado atual dos conhecimentos referentes à Etnografia é lisongeiro, pela extensão das pesquisas e estudos realizados na América e especialmente no Brasil, desde Anchieta, Lery Staden, até Von den Steinen, Ehrenreich, Roquete Pinto, Petrullo, Koch Grünberg, K. G. Grubl.

---

[10] *"Ethnographie ancienne de l'Equateur-Mission du Service géographique pour la mesure dun Arc de meridien"*. París, 1912-1922 — Verneau et Rivet.

[11] Etnografia — Anexo n.º 5 — História Natural — Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, pelo Coronel Cândido M. S. Rondon.

Os métodos modernos se distinguem pelas pesquisas diretas sôbre cada zona geográfica com intuitos lingisticos, etnológicos e etnográficos peculiares a cada grupo biológico, como também, segundo Metreaux, para poder apreciar ou verificar as influências acaso por estes grupos experimentadas de tribus estranhas.

A propósito desta apreciação me permito franca corroboração à afirmativa do fervoroso adepto do método de Robert Lowie, reproduzindo aquí suas próprias palavras com que prefaciou a preciosa obra dêste etnólogo americano na tradução que fez do magnífico *"Manual de Antropologia Cultural"... "C'est de l'ensemble de ces résultats parciels que nous pourrons dégager quelques aperçus généraux sur l'histoire d'un continent peut-être, dans l'avenir de l'humanité.*

"Rien n'est plus absurde et nefaste pour le progrés de la science que les attitudes unilatérales. Les faits humains ne seront jamais expliqués en vertu d'un système donné, mais chaque phénomène requiert un ordre d'explication différent. Il est essentiel pour l'etnologue de posséder un sens délicat du jeu des facteurs contradictoires ou divergents et de la façon dont ils donnent naissance à l'aspect général du groupe social qui est leur résultant. Celui-là seul s'approchera de la vérité qui ne sera pas strictement évolutioniste, historien, géographe ou économiste, mais tout cela à la fois. Le goût de la formule et de la classification est un des plus rédoutables dangers qui aient manecé la science nouvelle de l'homme".

Em etnografia o método moderno de pesquisas diretas, de que depende o conhecimento dos fenômenos etnológicos, é completamente díspar do método clássico cartesiano de fórmula abstrata e classificação teórica.

SITUAÇÃO ATUAL DAS PESQUISAS ETNOGRÁFICAS NO BRASIL

A situação atual no Brasil das pesquisas efetuadas é evolutiva. Acompanha a marcha do desenvolvimento intelectual da Nação.

Desde a sua descoberta que o português deparou um tipo estranho ao que habitualmente conhecia.

Logo depois os Missionários começaram, por necessidade e conveniência de seus deveres religiosos, a estudar o homem brasiliano sôbre o qual teriam que atuar moral e socialmente.

Dentre êles surgiu o primeiro etnógrafo, que pesquisou na Terra descoberta. Foi o apóstolo do Brasil, o venerável Padre Joseph Anchieta, que apresentou o primeiro estudo etnográfico dos índios *Tupís*, na gramática que elaborou da língua dêste povo brasiliano. Outros missionários se foram ocupando do mesmo estudo, sobretudo linguístico. Dos continuadores de Anchieta destaca-se o Padre Fernão Cardim, autor do inédito aparelho de notas erudito-elucidativas, sob o título: *"Tratados do Padre Fernão Cardim sôbre o Brasil"*, — escritas, as relativas aos índios do Brasil, em 1584, e cujo manuscrito foi arquivado em Évora.

Aos Padres missionários seguiram-se viajantes diversos, dentre os quais mencionamos Hans Staden, Jean Lery, Alexande Rodrigues Ferreira,[12] Martius, Wied, Von den Steinen, Ehrenreich, Koch-Grünberg, e tantos outros que seria longo citar. Recentemente, o último etnógrafo que viajou no Brasil em objeto de pesquisas etnográficas e etnológicas foi o Professor do Museu de Filadélfia, V. M. Petrullo, que no alto *Paraguai, Descalvado,* fez estudos arqueológicos, etnológicos e etnográficos entre os *Bororos* da Campanha e os *Tugocures* do São Lourenço.

Nos rios *Culisêvu* e *Culuêne* (*Xingú*) fez pesquisas entre os índios *Iaualapitis, Meinacos, Cuicuros, Naravutes, Calapálus, Anahúcuáas* e *Suiás,* outrora visitados por Von den Steinen e Ehrenreich. No alto Teles Pires, abaixo da confluência do *Paranatinga,* com o São Manuel, Pôsto Indígena Simões Lopes, colheu dados etnológicos e elementos etnográficos para os estudos dos índios *Bacaêris*.

Os Museus, Nacional do Rio de Janeiro, Paulista, e Goeldi, de Belém do Pará, manteem os seus viajantes em serviço de pesquisas dentro dos limites das verbas orçamentárias para cada exercício.

Devemos, entretanto, confessar a penúria dos resultados alcançados, função direta do raquitismo dos respectivos orçamentos anuais.

---

[12] Memórias sôbre os Gentios *Guaná* e *Guaicurú, Caripuna, Uerequena, Cambeba,* e sôbre as máscaras e farsas que fazem para suas festas os índios *Iurúpixuna.*

Comparadas as searas científicas dessas Instituições com as congêneres dos Estados Unidos da América do Norte, não encontramos têrmos capazes de definir a míngua brasileira diante da opulência americana.

O Museu Nacional do Rio de Janeiro recebeu da Comissão Rondon um regular contingente etnográfico, recolhido durante o tempo em que operou ela nos sertões de Mato Grosso, Goiaz, Pará e Amazonas, entre os índios: *Paricí, Nambiquara, Quepí-queri-uat, Jarú, Urupá, Orumí, Ariqueme, Tariana, Tucano, Macuxí, Uapixana, Taurepã, Galibi, Paricurá, Caripuná;* inclusive caveiras arqueológicas dos índios *Parawiana* e *Urupá,* dos campos do *Rio Branco* e de *Cataqueimãi,* bem como artefatos dos índios *Uaboi,* e outros que habitavam os lagos da foz do rio das *Trombetas.*

Essa mesma Instituição tem precioso acervo científico inserido no seu "Boletim" mensal, onde estão arquivados todos os trabalhos dos diferentes ramos da História Natural, entre os quais os de arqueologia, etnologia e etnografia, não só dos seus Diretores e Professores, como de vários cooperadores desta especialidade

De autoria do seu Diretor Professor Roquete Pinto temos: *"Ensaios de Antropologia Brasiliana"* e *"Rondônia",* mimo de literatura da antropologia dos *Aritís* e *Nambiquaras,* sob os aspectos etnológico e etnográfico.

O Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico, publicado para celebrar, em 1922 o primeiro centenário da Independência do Brasil, no Capítulo Décimo apresenta uma substanciosa monografia com a respectiva bibliografia, sôbre a Etnografia, elaborada pelo ilustre etnógrafo Rodolfo Garcia.

O Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro é o maior repositório das memórias, monografias, roteiros, vocabulários e relações das populações indígenas que se hajam publicado no Brasil desde a sua fundação pelo Cônego Januário da Cunha Barbosa. Quanto a publicações dos livros resultantes das expedições e viagens pelo interior do Brasil, visando o conhecimento das tribus alí existentes e seus respectivas estudos a messe é muito grande, quer tratando-se de nacionais quer, principalmente, de estrangeiros.

Dos brasileiros destacamos Couto Magalhães, que publicou: *"Viagem ao Araguaia"* e *"O Selvagem",* livros de impressões fortes e documentação proveitosa.

João Barbosa Rodrigues, conhecido botânico, ex-Diretor do Museu Botânico do Amazonas e ex-Diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, publicou dois livros de valor, tanto como pesquisas etnográficas e etnológicas, quanto de fundo histórico: 1.º *"O Muyrakitã e os Ídolos Simbólicos"* — *"Estudo da origem asiática da civilização do Amazonas nos tempos prehistóricos";* obra em dois volumes, — 2.º *"Pacificação dos Crichanás",* do rio Jauaperi. Neste livro o autor estuda: I — passado e presente dos *Crichanás;* II — etnografia, arqueologia e geografia; III — Documentos; IV — Vocabulário; V — Apêndice

Roquete Pinto publicou: — *"Rondônia",* que encerra as informações completas de caráter científico que caracterizam o método moderno das pesquisas etnográficas. O Diretor do Museu Nacional deixou indicado aos seus sucessores, em traços bem largos, o exemplo a seguir no desempenho da laboriosa missão a cargo dos Museus, como Professor e como pesquisador direto dos ramos da Antropologia que concorrem para a solução do complicado problema da origem do homem americano. E *"Rondônia"* já está na sua terceira edição após a Expedição que êle empreendeu quando a construção da Linha Telegráfica do Noroeste matogrossense transpunha o paralelo de 12.º de latitude sul.

A atitude decidida dêsse cientista em querer, para estudar o índio, penetrar pelo caminho mal aberto dos longínquos e inhóspitos sertões dos extremos rincões brasilianos, mostra bem nitidamente a bravura do seu amor científico guiado pelo rasgo patriótico de uma alma viril, cheia de sonhos maravilhosos pela grandeza do Brasil.

Serviu-lhe de vaqueano sertanejo o intrépido Coronel Antônio Pirineus de Sousa, então Tenente de Infantaria, infatigável, inteligente, devotado e lúcido comandante do contingente que acompanhou a Expedição do Grande Reconhecimento que estudou o traçado da Linha Telegráfica de Cuiabá a Santo Antônio do Madeira e Pôrto Velho, em 1909.

UMA DIGRESSÃO QUE SE IMPÕE

Conceda-se desviar por um momento do assunto propriamente desta memória, para prestar homenagem a companheiros desaparecidos desta expedição:

Pirineus foi companheiro dos distintos oficiais que integraram essa Expedição: — Tenente João Salustiano Lira, astrônomo, Tenente Emanuel Silvestre do Amarante, topógrafo e Tenente Dr. Joaquim Augusto Tanajura, médico, único sobrevivente do Estado Maior do Ten. Cel. Rondon, chefe da mesma.

Lira foi tragado pelas aguas revoltas do salto Rondon [13] do rio *Sepotuba*, sintetizando nesse implacável destino todo o espírito do sacrifício e civismo da pléiade de brasileiros que devassou a vastidão da terra sertaneja compreendida entre Cuiabá e Pôrto Velho, de Mato Grosso ao Amazonas; trato de terra brasileira só em pequena parte penetrado, no comêço do século XVIII, pelos bandeirantes de Antônio Pires de Campos, e no advento do século XX pelos catadores do ouro negro, os denodados caucheiros e seringueiros continuadores dos audazes bandeirantes paulistas.

Emanuel Silvestre do Amarante, vítima de uma agressão de febre tífica no rio *Jamari*, veio a falecer no hospital da Candelária, de Pôrto Velho, onde o fizera recolher o então Tenente Aloísio Ferreira, seu ajudante da Secção do Norte, de que foi incomparável chefe, como derradeira tentativa para salvar tão preciosa quanto devotada vida.

Roquete Pinto, que foi hóspede dêste brioso oficial no seu acampamento da Aldeia Queimada, da sua dinâmica atividade e raro engenho técnico, traça êste eloquente e fiel retrato póstumo: "Conheci Emanuel Amarante no lugar mais triste que até hoje encontrei: Aldeia Queimada. Ainda era mais triste que o nome. No deserto areial onde começa o chapadão *Paricí*, resto de um grande mar mediterrâneo, depois de muitas horas de marcha fatigante, num solo que parecia prender os pés do caminheiro, ao longe, ao entardecer, negrejou um grande rancho: era Aldeia Queimada, oasis sem palmas, daquele saara pequenino, taba aproveitada dos índios, que só por causa da água tinha alí posição justificável. Mas ao chegar naquela "aldeia" de um rancho só, uma surprêsa: o rancho era uma oficina. Mecânicos ajustavam mancais teimosos de grandes bielas, ferreiros batiam na bigorna ferro, de formas esquisitas, serras trinchavam grandes toros, gritando, plangentemente como se fôsse a madeira esquartejada chorando a mágua infinita das transformações. Na parte da frente, um recanto do grande casebre era a morada do chefe. Algumas redes, ambos os punhos recolhidos no mesmo gancho, posição de repouso; uma grande mesa em cavaletes, onde havia papéis e mapas. Sôbre êsses documentos, absorto, olhos brilhantes cravados nas linhas e nas cifras, magro, alto, nervoso: Tenente Amarante.

Era aí, então o seu pôsto de engenheiro encarregado dos transportes mecânicos da Comissão de Linhas Telegráficas. Alí era o hospital dos caminhões que o sertão fazia também adoecer.

Moço e ardente, de uma inquietação que impressionava, de uma curiosidade intelectual que prendia, dominadora, os seus interlocutores, de uma amabilidade agressiva, dessas que não escolhem pessoa nem hora. Amarante vivia preocupado com uma questão fundamental: dar aos automóveis a faculdade de varar as areias e os atoleiros. Então explicava-me no papel, desenhando e calculando, que o problema seria resolvido se fôsse possível dar aos veículos rodas virtuais de tal madeira, largas e grandes que o seu pêso, repartido pela superfície, seria mínimo em cada centímetro de plano de sustentação. Nessas condições já não afundariam as rodas na areia fôfa ou no barro plástico. Como conseguir? Lembrou-se o moço engenheiro dos trens de "cadeia sem fim" aparecidos, se bem me recordo, na Exposição Universal de París, em 1889. Em 1912 construiu nos sertões dos *Paricí*, um aparelho semelhante, mas de largas sapatas, que aplicou aos caminhões automóveis.

E o primeiro *"auto-chenille"*, o primeiro *"tank"*, o primeiro *"carterpillar"*, rodou anônimo, hoje talvez deslembrado de suas testemunhas, até agora ignorado do resto do mundo, varando o chapadão, do Juruena ao Sepotuba, no coração do Brasil.

Eram os "tacos do Amarante" as sapatas de madeira que em 1912 faziam o milagre atualmente reproduzido no Saara, pela Missão Citroen.

O nosso engenheiro, mais tarde, por falta de meios, abandonou as suas pesquisas. Veio a guerra; e o que êle fizera, em 1912, com pedaços de madeira, os

---

[13] Denominação oriunda do nome do seringueiro proprietário das terras do alto Sepotuba, coronel da Guarda Nacional. — Manuel Pedroso Rondon.

"tanks" ampliavam, em 1918, providos de chapa de aço. O seu grande sonho de progresso, estava sendo praticado, por gente possuidora de outros recursos, em outras terras, gente animada pela fúria de vencer...

Amarante morreu há cêrca de um mês, lá longe, perto dos índios, perto das florestas, vitimado pela doença que é a fera pior dêste continente. Êle não tinha nada do que, à primeira vista, distingue o homem naturalmente indicado para viver naquelas asperezas: era fino, era culto, era meigo. Amava o Brasil. Tinha diante dos olhos, à frente daquela emprêsa, um exemplo magnífico de energia e desinterêsse no serviço de sua terra. Cupriu o seu dever: o Brasil deve guardar o seu nome".

Registadas estas patrióticas palavras, prossigo na minha exposição.

O Museu paraense de História Natural publicou num dos seus "Boletins" de 1900, as Memórias do Professor Dr. Emílio Augusto Goeldi, seu Diretor, sôbre arqueologia e etnografia.

Êsses estudos, resultantes das pesquisas da Expedição de 1895, deram lugar à revelação do estado dos conhecimentos sôbre os índios do Brasil, especialmente sôbre os índios da foz do Amazonas, no passado e no presente, diante da coleção de produtos cerâmicos que a Expedição obteve em escavações feitas nas regiões compreendidas entre os rios Cunaní e Cassiporé, e na zona dos lagos da terra firme do Amapá artefatos de índios que outrora alí viveram.

A respeito da cerâmica dos índios da Amazônia inferior, aquele Professor cita a literatura colhida nos trabalhos de Domingos Soares Ferreira Pena, Ch. F. Hartt, Ladislau Neto e Barbosa Rodrigues, todos publicados no Arquivo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Recentemente foi publicado o livro: "Índios" — "História de uma grande Nação" pelo Dr. Otto Willi Ulrich, tratando a primeira parte dos índios da América do Sul e da América Central; a segunda dos índios da América do Norte. Como o seu autor viveu durante muito tempo entre os indígenas é recomendável a sua leitura, pelas observações pessoais do viajante a respeito do que, sôbre etnografia e etnologia dos ameríndios visitados, pôde colhêr e registar.

As Missões religiosas atualmente existentes no Brasil teem publicado estudos sôbre as línguas dos Ameríndios como outrora fizeram Montoya, Las Casas, Anchieta, Fernão Cardim, e tantos outros ilustres capuchinhos, dominicanos e jesuítas que engrandeceram a Etnografia antiga com brilhantes produções.

A Missão Salesiana, que pretende prosseguir as pegadas dos filhos de Santo Inácio, oferece aos Etnógrafos a Monografia do Padre Antônio Colbachini, missionário italiano, relativa à Etnografia e à Etnologia dos Bororos orientais — *"Orarimugudoge"*, habitantes do vale do rio das *Garças*.

Êsse livro que foi prefaciado por Luiz da Câmara Cascudo, conhecedor da acidentada vida do Conde Ermano Stradelli na Amazônia, onde sucumbiu levado pelo seu entusiasmo geográfico, contém, de fato, importantes ensinamentos e curiosidades sôbre o índio *Bororo*, rei do sertão, na expressão de Couto Magalhães. Só quem, como Colbachini, conviveu 30 anos ininterruptos com êsses valentes caçadores, pescadores, e incomparáveis nadadores, é que podia decifrar o enigma *bororo*, tentado por tantos ilustres etnólogos como Von den Steinen, Ehrenreich, Koch-Grüberg e João Barbosa Faria.

E' merecedor de felicitações o autor do *"À Luz do Cruzeiro do Sul"*, que veio iluminar a floresta dos Etnógrafos preocupados no Brasil em estudar a língua, a vida, os hábitos, os costumes e o Ser do Ameríndio.

A mesma Missão publicou outro livro interessante sôbre a Prelazia do Rio Negro, sob o título *"Pelo Rio Mar"*, com profusas informações condensadas em múltiplos capítulos: 1.º) Esbôço Geográfico; 2.º) Esbôço Climatológico; 3.º) esbôço Etnográfico; 4.º) Síntese Antropológica; 5.º) Esbôço Histórico; 6.º) A Obra Salesiana no rio Negro; 7.º) *Estatística dos Índios do Alto rio Negro (1931)*; 8.º) O Apostolado no rio Negro; 9.º) Episódio da Vida Missionária; 10.º) Documentos Honrosos" — Como obra de propaganda, é extraordinário.

Devemos, porém, ser justos em apreciar o que ela tem de realmente proveitoso, encerrado nos cinco primeiros capítulos, que derramam a luz da história sôbre os restos da antiga população dos *Caribe, Aruaque,* e *Tupí* da bacia do *Rio Negro,* acumulada hoje na sua vertente ocidental.

Os Missionários franciscanos, capuchinhos que pregam aos índios *Mandurucús,* localizados no alto rio *Cururú,* afluente da margem direita do rio *Tapajós,* desde 1910, como todos os catequistas estudaram a língua da tribu dos seus catecúmenos para melhor alcançar espiritualmente a finalidade da sua obra evangélica.

Publicaram *"Pequeño Catecismo Cabi-á", "História Bíblica", "Dicionário"* e *"Gramática",* do vernáculo *mundurucú.*

O mesmo fez a Missão Dominicana, que fundou a Cidade de Conceição do Araguaia, sede de seu Apostolado. O Chefe dessa Missão, Bispo D. Sebastião, publicou *"Gorotirés"* que elucida e define a ação apostólica desenvolvida no baixo *Araguaia;* Frei Antônio Salá apresentou *"Elemento gramatical da língua Caiapó";* Frei Hilário Tapie *"Chez les peau rouge"* e *"Chevauchant".* Possivelmente do mesmo modo terão procedido: a Missão Capuchinha de São Paulo de Olivença; a Missão da Congregação do Espírito Santo, sediada na Cidade de Tefé, estendendo-se ao Alto Juruá; as Missões Protestantes da Ilha do *Bananal,* do rio *S. Lourenço,* do *Ipegue,* junto ao Pôsto Indígena do Serviço de Proteção aos Índios, no Município de Miranda.

A Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira enviou à Ilha do *Bananal* uma Expedição de estudo das condições dos aborígenes dessa região, dando lugar à publicaçãodo livro: *"O Indígena Brasileiro". "Expedição entre as tribus selvagens da Ilha do Bananal e Norte de Mato Grosso",* de autoria do chefe da Expedição Benedito Profeta.

Não conheço as publicações da Missão Beneditina do Rio Branco, que prega na Fronteira Britânica e estende a sua função apostólica até *Roroimã,* o que tive oportunidade de observar quando, em inspeção àquela Fronteira em 1927, estive entre os missionários, na cidade de Boa Vista, e verifiquei nas aldeias dos *Macuchi, Uapixana* e *Taurepã* os efeitos da catequese daqueles reverendos Padres.

Também desconheço a obra dos missionários Jesuítas, recentemente instalados na Prelazia de Diamantino, cidade matogrossense, situada nas cabeceiras do rio *Paraguai.*

A julgar pela brilhante tradição dêsses apóstolos da América, podem-se esperar apreciáveis resultados, já sôbre a catequese propriamente, já sôbre os estudos linguísticos.

A Comissão Telegráfica de Mato Grosso, criada para ligar a Capital Federal ao extremo Oeste da República, que acabava de ser fundada, no decorrer dos seus trabalhos, que se prolongaram de 1890 a 1930, teve oportunidade de devassar quasi todo o sertão daquele Estado, pelos roteiros de Anhanguera e Antônio Pires de Campos, rumo de Oeste e Noroeste até atingir o rio de *Orellana.*

Nesses 40 anos teve a ventura de conhecer e estabelecer contacto com os restos dos primitivos povoadores do Brasil. Para fugirem às perseguições invasoras se acantonaram nas ínvias regiões, onde supunham encontrar proteção segura. Lá, nesses bravios rincões a Comissão os surpreendeu. Pôde assim vê-los, conhecer de perto seus hábitos, seu método de vida, sua cultura.

Era natural que a ela despertasse interêsse a civilização dêsses povos. Tratou de estabelecer relações de amizade com todos. Com algumas tribus não foi fácil. Demandou tempo. Mas, foi afinal conseguido o seu intento. Uma vez alcançado êsse objetivo, tratou a Comissão de ganhar melhor sua confiança. Pelo comércio livre da troca dos seus produtos pelos da indústria civilizada que deslumbravam a sua curiosidade, dentro de pouco tempo tínhamos alcançado parte do nosso intuito. O resto foi conseguido pelo carinho com que os acolhemos e os tratámos. Não tardou retribuírem com usura a confiança que sua ingênua atitude nos inspirava. Verificámos quão significativas foram as impressões de Vaz de Caminha ao transmitir ao Rei a sua admiração pelo povo que a caravela de Pero Álvares Cabral surpreendera no Continente de Colombo. Resultou das nossas sucessivas penetrações por todos os quadrantes de Mato Grosso e seus extremos lindes com Paraná, São Paulo, Goiaz, Pará, Amazonas, Bolívia e Paraguai, o conhecimento que adquirimos não só dêsse trato do território nacional e povo sertanejo, como particularmente dos seus habitantes indígenas.

Daí proveio a possibilidade de recolhermos ao Museu Nacional do Rio de Janeiro a coleção etnográfica que o comércio da troca nos proporcionou. E foi

êsse auspicioso encontro e consequente amizade firmada com os índcolas das regiões penetradas que nos permitiram e favoreceram o ensêjo de tentar estudar a civilização daquelas tribus.

Dessa tentativa resultaram a publicação do anexo n.º 5 dos Relatórios da Comissão sôbre Etnografia do Coronel Rondon e o preciosíssimo e substancioso livro *"Rondônia"*, de Roquete Pinto, concernente aos estudos antropológicos, etnológicos e etnográficos dos índios *Paricí* e *Nambiquara*, e da sua civilização, conforme referências já feitas linhas atrás. Outros trabalhos foram sendo sucessivamente esboçados, não alcançando publicidade por esgotamento das verbas à disposição da Comissão para publicação de seus Relatórios.

Foi assim que as pesquisas do etnógrafo da Comissão, João Barbosa de Faria, permaneceram inéditas, aguardando melhor oportunidade oficial para serem encorporadas à literatura respectiva.

Além dos 17 vocabulários coligidos por aquele etnógrafo, estudou êle a língua dos *Bororos* e *Paricís*, em dois exhaustivos trabalhos a que já aludí.

MEDIDAS A ADOTAR

Quanto às medidas de que o Conselho Nacional de Geografia deva lançar mão para intensificar e aperfeiçoar no país as pesquisas sôbre Etnografia, sou de parecer que só há uma: E' conjugar esforços com o Museu Nacional, que atualmente emprega o método moderno de Lowie nas pesquisas etnográficas que promove, para as necessárias observações e aquisição do material indispensável, elementos de estudo da antropologia cultural, sociologia primitiva e consequente conhecimento da mentalidade indígena dos grupos raciais dos índios brasileiros.

Não sendo fácil criar no Conselho de Geografia um Museu etnográfico que permitisse os estudos respectivos para o aperfeiçoamento dos métodos de pesquisas, dado o desejo manifestado pelo Conselho de concorrer para o seu aperfeiçoamento e intensificação, é lógico pensar que a conjugação de esforços das duas Instituições, nesse sentido, traria para a ciência proveitosos resultados.

Os membros do Conselho que se entregassem a explorações geográficas no interior do País consultariam previamente a secção respectiva do Museu Nacional quanto às pesquisas etnográficas que a exploração pudesse proporcionar no decorrer dos seus trabalhos. Discutiriam os métodos mais consentâneos para a consecução do intento científico comum, com o intuito de alcançar o material de estudo, que seria depois recolhido àquele Museu.

Para facilitar o aperfeiçoamento e intensificação das pesquisas sôbre a Etnografia no país, seria necessário obter o auxílio financeiro ao Museu Nacional, para que êste pudesse aumentar o seu corpo de pesquisadores, o que permitiria anualmente estender as suas atividades por todo o território nacional habitado ainda por índios, isto é, ao Amazonas, Pará, Maranhão, Goiaz, Mato Grosso, Paraíba, Pernambuco, Baía, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Território do Acre. Alguns dos pesquisadores podiam também se dirigir a outros países do Continente, principalmente sul americanos, para procederem como fazem os Museus americanos e os da Europa, afim de colherem o necessário material de estudo, visando o conhecimento da cultura e civilização do Ameríndio.

O resultado não se faria esperar: o Conselho Nacional de Geografia aperfeiçoaria êsse ramo da Geografia Nacional pelos estudos a que se obrigaria, e o Museu Nacional enriqueceria as suas coleções, ao mesmo tempo que mais acuradas observações seriam permitidas aos Professores na aplicação dos métodos que melhores conclusões proporcionassem sôbre a origem do homem americano, a civilização que os ameríndios chegaram a alcançar, se provieram de um só tronco ou de origem múltipla; se oferecem um tipo único ou variado; se seu aparecimento na América é recente ou antigo; qual a via ou vias de penetração, se êsses povos constituem ou não camadas de população que se superpuseram sôbre as que já existiam na América, permitindo a conclusão do autoctonismo, segundo o poligenismo ou ologenismo.

Se o Conselho Nacional de Geografia quiser agir paralelamente ao Museu Nacional terá então que criar o ramo especializado da Geografia Etnográfica com o seu corpo de especialistas e um novo Museu etnográfico como arquivo do material de estudo. E só por observações demoradas sôbre investigações próprias, realizadas diretamente em cada caso, poderia êsse corpo de pesquisadores formar critério seguro para a escolha do método capaz de levar a conclusões lógicas e positivas sôbre a biologia, e sociologia primitiva da América, especialmente do Brasil.

CONCLUSÕES

Em conclusão:

Penso, com Rivet e Metreaux, que o conceito moderno, estado atual dos conhecimentos e dos métodos de pesquisa referente à Etnografia, é o que Robert Lowie adotou para construir o *"Quadro da vida indígena"*. Desprezando hipóteses teóricas, aquele mestre da Etnologia mostra, em têrmos claros e rigorosos, o método moderno, racional, no seu meditado julgamento, que se deve hoje empregar para ter uma idéia integral, exata, da primitividade humana, caracterizada pela vida do índcola.

Êsse conceito e êsse método consistem:

1.º — Insistir nas observações detalhadas da atividade das tribus mais primitivas, estudando a fundo a sua vida no seu próprio "habitat".

2.º — Ligar as culturas ou civilizações de um tipo rudimentar às de estrutura mais complexa, passada ou presente para, por comparação, surpreender os efeitos dos fenômenos de contacto das civilizações correspondentes, onde a lei da imitação revelará todo o profundo senso da realidade.

Portanto, o método das pesquisas diretas de detalhes é hoje, pelos americanos e por todos os etnólogos e etnógrafos modernos, o único adotado, capaz de proporcionar melhores conhecimentos dos respectivos fenômenos, contra os audaciosos ensaios que as hipóteses teóricas fragilmente apresentavam.

3.º — Minha opinião a respeito da situação atual das pesquisas efetuadas no Brasil e do emprêgo dos métodos modernos quanto à Etnografia, é que o Museu Nacional se orienta, depois da República, pelo método moderno das pesquisas diretas, deixando de lado o método histórico-cultural, tradicionalmente empregado antigamente por todos os Museus e Academias em que se estudava a Antropologia com especialidades etnológicas e etnográficas.

4.º — Para aperfeiçoamento e intensificação das pesquisas etnográficas no Brasil, por parte do Conselho Nacional de Geografia, apresento a idéia da constituição de um grupo de etnógrafos do Conselho, anexo aos técnicos exploradores dos nossos sertões, agindo nas suas pesquisas de acôrdo com o processo moderno adotado pelo Museu Nacional. Êsses especialistas pelos seus estudos aprofundados poderiam apresentar — quem sabe? — conclusões capazes de aperfeiçoamento das pesquisas, proporcionando maior entusiasmo nesse estudo, com intensificação, portanto, das viagens em busca de novos elementos.

BIBLIOGRAFIA

A bibliografia sôbre pesquisas e estudos da Etnografia americana é exhaustiva. Ela começou a aparecer volumosa desde o século das Descobertas.

Para ter uma idéia da profusão de escritores que se preocuparam com êsse momentoso assunto basta ler as obras publicadas pelos Professores que dele se ocuparam.

Todavia me abalanço a indicar os autores nacionais e estrangeiros, que estudaram o índio Americano com fins científicos:

1 — Joseph Anchieta — *"Arte de Gramática"; "Informações e Fragmentos Históricos"* (1584-1585).

2 — Fernão Cardim — *"Tratados da Terra e Gente do Brasil"* — 1584.

3 — Hans Staden — *"Viagens ao Brasil"*, Marburg — 1557 — trad. de Lofgren.

4 — Jean de Lery — *"História de uma viagem à terra do Brasil"* — 1578 — Trad. Série *"Brasil Antigo"* — 1926, ordenada por Monteiro Lobato.

5 — Dr. Carl Fried. Phil. Von Matrius — *"Zur Etnographie Americas Zumal Brasiliensis"* — 1867, reeditado para comemorar o 1.º Centenário da *"Flora Brasileira"*.

6 — Alexandre de Humboldt — *"Cosmos"* — trad. por H. Faye.

7 — Edward B. Tylor — *"Antropologia"* — Introductión al estudio del hombre y de la civilización. Traduzida del inglés por Don Antonio Machado y Alvarez.

8 — Montandon. La Race — *"L'ologenèse humaine"* — París, 1928.

9 — Robert H. Lowie — *"Manuel d'Antropologie Culturelle. Traité de Sociologie Primitive"*, trad. de E. Métreaux.

10 — Couto Magalhães — *"O Selvagem"* — Curso de língua geral segundo Ollendorf. Lendas Tupís.

11 — J. Barbosa Rodrigues — *"O Muyrá-Kytã e os Ídolos Simbólicos"* — Rio de Janeiro, 1899.

12 — Do mesmo — *"Pacificação dos Crichanás"*, Rio de Janeiro, 1885.

13 — Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon — *"Etnografia — Índios Paricís"* — Rio de Janeiro, 1912.

14 — Von den Steinen — *"Unter den Naturvöeken Zentral Brasiliens"* — Berlin, 1888.

15 — Colonel Langlois — *"L'Amérique Precolombienne et La Conquête Européenne"* — París, 1928.

16 — Lucien Levy-Bruhl — *"La Mentalité Primitive"* — París, 1922.

17 — Theodor Koch-Grünberg — *"Von Roraimã zum Orinoco"* - Berlin, 1923.

18 — Rodolfo Garcia — Capítulo Décimo do Dicionário Histórico Geográfico e Etnográfico do Brasil — Etnografia, Rio de Janeiro, 1922.

19 — Günter Tessmann — *"Die Indianer Nordost"* — Perus-Hamburg, 1930.

20 — K. G. Grubl — *"World Dominion Press — "The Lonland Indians of Amazonia"* — London, 1927.

21 — Luiz Pericot y Garcia — *"La America Indigena"* — tomo I — *"El hombre americano"* — *"Los pueblos de America"* — Barcelona, 1936.

22 — Rivet — *"Les Langues du Monde"*, 1924.

23 — Júlio C. Salas — *"Etnografia Americana"* — *"Los indios Caribe"* — Madrí, 1920; *"Origenes americanos"* — *"Línguas índias comparadas"* — Caraias, 1924.

24 — Rafael Requena — *"Vestigios de la Atlantida"* — Caracas, 1932.

25 — Joleand — *"Histoire bio-geographique de l'Amérique et la théorie de Wegner"* — París, 1925.

26 — Carlos Cuervos Marquez — *"Estudios Arqueologicos y Etnograficos"* — *"Prehistoria y Viajes americanas"* — Madrí, 1920.

27 — Conde Ermano Stradelli — *"O vocabulário português-nheengatú e nheengatú-português"*, 1929;

28 — Monografia sôbre o rio Uaupés e seus moradores indígenas e lenda histórica dos Tarias — Boletim da Real Sociedade Geográfica Italiana — Legenda dell Jurupary.

29 — Luiz Câmara Cascudo — *"Em memória de Stradelli"* — Manaus, 1936.

30 — Angyone Costa — *"Arqueologia brasileira"*.

31 — Melo e Silva — *"Fronteiras Guaranís"*. Com um estudo sôbre o idioma *Guaraní* ou — *avañe-ê* — São Paulo, 1939.

32 — Henas Arrubla — *"História de Colômbia"* — Origenes Americanos. Primitivos pobladores — Civilización precolombiana — Prehistoria de Colombia — Monumentos indígenas: adoratórios de San Agustin: columnas de Leiva y Ramiriqui y cojines del diablo en Turija; obelisco de Pachó petroglifos; escritura indígena.

33 — William H. Prescott — *"Histoire de la Conquête du Mexico, avec un tableau préliminaire de l'ancienne civilization mexicaine"* — Apendice Première partie et seconde partie — Documents originaux — Tome 3.

34 — Imbelloni — *"La esfinge indiana"*.

35 — A. Penk — *"Wann Kamen die Indianer Nach Nordamerika"* — New York, 1928, Proceeds, 1930.

36 — Mendes Correia — *"Nouvelle hipothèse"* — O significado genealógico do australopithecus e do crânio de Tahgha e o arco antropofilético índico.

37 — R. Verneau — *"Contribution à l'étude etnographique des Indiens de l'Amazone"* (d'après les documents receuillis par le P. Tastevin).

38 — Roquete Pinto — *"Rondônia"* — Antropologia, Etnografia — Arqs. do Museu Nacional do Rio de Janeiro, 1917.

39 — Fr. de Castelnau — *"Expédition dans les parties centrales de l'Amérique du Sud, de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Pará"* — 6 vols., París, 1850 - 1851.

40 — W. Chandless — *"Notes of a journey up the river Juruá"* — Londres, 1869.

41 — L. Adam — *"Trois familles linguistiques des bassins de l'Amazone et de l'Orénoque"*.

42 — Rivet-Tastevin — *"Les langues du Purus"* — Le groupe pré-andin.

43 — H. Pittier — *"Etnographic and lingustic Notes on the Paez indians of Tierra Adentro"*, Cauca — Colombia, Mems. of the Am. Antrop. Ass., vol. I, part. V, pág. 301 — Lancaster, 1907.

44 — G. Marcano — *"Etnographie pré-colombienne du Vénézuela. Indians Piaroas, Guahibos, Goajiros, Ceucas et Timote"*, Bull. Soc. Anthr. — París, 1891.

45 — Max-Schmidt — *"Reisen in Matto Grosso im Jahre 1910"*, Z.I.E., pág. 130, 1912. Die Paressi — Kabishi, Baessler — Archiv. t. IV, pág. 167 — Berlin, 1914.

46 — Rivet — *"Etnographie ancienne de l'Equateur"*.

47 — C. H. de Goeje — *"Old relations between arawak, carib and tupi"* — XXII C. I. A. Roma, 1926 — Atti, 1928 — I. p. 63.

48 — A. Jahn — *"Los Aborigenes del Occidente de Venezuela, sua Historia, Etnographia y Afinidades linguisticas"* — Caracas, 1927 — Vocabulário, Timote.

49 — Koch-Grünberg — *"Die Makú"*.

50 — Curt Nimuendajú — *"As tribus do Alto Madeira"* — J. S. A. P. a. s. t. XVII, 1925, pág. 137.

51 — M. S. Bertoni — *"Civilización y Etnologia guaraní"* — Puerto Bertoni, 1922.

52 — F. Müller — *"Beiträge zur Ethnographie der Guaraní"* — Indianer im ostichen Wald gebiet von Paraguay, Anthropos, XXIX — 1934, págs. 177, 441.

53 — Fr. Gregório Garcia — *"Origen de los Indios del Nuevo Mundo e Indias Ocidentales"* — Valencia, 1607, 2.ª edición, Madrí, 1729.

54 — P. Gaffarel — *"Étude sur les rapports de l'Amérique et de l'Ancien Continent avant Christoph Colomb"* — París, 1869.

55 — H. Vignaud — *"Le problème du peuplement initial de l'Amérique et de l'origine de sa population indigène"* — J. S. A. P. n. s. tomo XIV, pág. 1 — 1922.

56 — Ameghino — *"La Antigüedad"*.

57 — E. von Rosen — *"Einographical research work during the swedish chaco Corduless Expedition"* — 1901-1902, Estocolmo, 1924.

58 — Fernão Cardim — *"Do princípio e origem dos índios do Brasil"* — Rio de Janeiro, 1881.

59 — Amaro Cavalcanti — *"The Brasilian Language and its agglutination"* — Rio de Janeiro, 1883.

60 — J. Creveaux — *"Voyage dans l'Amérique du Sud"* — París, 1883.

61 — Alfredo Escragnolle Taunay — *"Vocabulário da língua Guaná ou Chané"* — Província de Mato Grosso — Rev. Inst. Hist. e Geog. Bras., t. XXXVIII — pág. 11 — 1875.

62 — Domingos Soares Ferreira Pena — *"Algumas palavras da língua dos Aruans"* — Bol. do Mus. Nac. do Rio de Janeiro, vol. IV (1879) — 1881.

63 — Antônio Serrano *"Etnografia de la Antigua Provincia del Uruguay"* — 1936.

64 — Heinrich I Hintermann — *"Unter Indianern und Riesenschlangen"* — Zürich und Leipzig, 1926.

65 — Paul Ehrenreich — *"Einteilung und Verbreitung der Völkerstämme Brasiliens nach den gegenwärtigen Stande unserer Kenntnisse"* — Dr. A. Petermanns Mitteilung aus Justus Pether's Geographischer Anstalt — Vol. 39. Gotha, 1891. (Tradução portuguesa do Dr. Capistrano de Abreu, publicada no Jornal do Comércio, Junho 1891, e na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro — tomo VIII, 1892).

66 — Ricardo Franco de Almeida Serra — *Parecer sôbre o aldeamento dos índios Guaicurús e Guanás com a descrição dos seus usos, religião, estabilidade e costumes"* — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., vol. VII, 1845.

67 — Luiz d'Alincourt — *"Reflexões sôbre o sistema de defesa que se deve adotar na fronteira do Paraguai em consequência da revolta e dos insultos pra-*

ticados ultimamente pela nação dos índios Guaicurús ou Cavaleiros" — Cuiabá, 1826 — Rev. do Inst. Hist. e Geog. Bras., t. XX, 1857.

68 — Don Félix de Azara — *"Geografia Física e Esférica de las Provincias del Paraguay, y Misiones Guaranies"*.

69 — F. Mc. Dermott, F. R. G. S. — *"The Amazing Amazon"* — London, 1933 — Lincoln Williams.

70 — Emílio Rivasseau — *"A Vida dos Índios Guaicurús"*.

71 — E. Roquete Pinto — *"Ensaios de Antropologia Brasiliana"*.

72 — General Couto de Magalhães — *"Viagem ao Araguaia"* — E. def. São Paulo, 1902.

73 — Estêvão Pinto — *"Os Indígenas do Nordeste"*.

74 — Pedro Calmon — *"História Social do Brasil"* — 1937.

75 — Garcilaso de La Vega — *"Historia del Peru"* — 2. vols. Madrí, 1722.

76 — Alvar Nuñez Cabeza de Vaca — *"Relación de los Naufragios y Comentarios"* — Madrí, 1906.

77 — Rómulo Cúneo Vidal — *"Historia de la Civilización Peruana"* — (Printed in Spain) — Barcelona.

78 — Adolfo Bonilla y San Martin — *"Los Mitos de la America Precolombiana"* — Barcelona, 1923.

79 — Mons. Frederico Lunardi — *"El Macizo Colombiano"* — Rio de Janeiro 1934.

80 — Vítor Oppenheim — *"Notas Etnográficas sôbre os Índios do Alto Juruá (Acre) e vale do Uacayali (Perú)"* — Anais da Academia Brasileira de Ciências, Tomo XIII, N. 2 — 30 de Junho de 1936.

81 — Dr. Domingos Jaguaribe — *"Brasil Antigo — Atlântida e Antiguidades Americanas"* — São Paulo, 1910.

82 — Jaques Raimundo — *"Vocabulários Indígenas de Venezuela"* — Rio de Janeiro, 1934.

83 — Lúcio V. Mansilla — *"Una Excursión a los Indios Ranqueles"* — Buenos Aires, 1927.

84 — Missão Salesiana — *"Noções de Catecismo em Língua Bororo"* — Cuiabá, 1919.

85 — Dr. Moisés Santiago Bertoni — *"La Civilización Guaraní"* — Puerto Bertoni, 1922.

86 — Fray José Maria Liqueno — *"Fray Fernando de Trejo y Sanabria — Fundador de la Universidad de Cordoba"* — Córdoba, 1916.

87 — Dionisio Schoo Lastra — *"El Indio del Desierto"* — (1535-1879) — Buenos Aires, 1928.

88 — J. F. de Almeida Prado — *"Primeiros Povoadores do Brasil"* (1500-1530) — São Paulo, 1935.

89 — Jorge Bertolaso — *"As Línguas indígenas da América Stella"* — Rev. do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo — XXVI — 5 Etnologia.

90 — L. Lugones — *"El Imperio Jesuitico"* — Ensayo Historico — Buenos Aires, 1907.

91 — Carlos Friedr. Phil. Von Martius — *"Glossaria Linguarum Brasiliensum"* — Glossários de diversas línguas e dialetos que falam os índios no Império do Brasil — Erlangen, 1863.

92 — Do mesmo autor — *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros"*, 1844 — *"Das Naturell die Krankhetten, das Arztthum und die Heilmittel der Urbewohner Brasiliens"* — München.

93 — Paulo Ehrenreich — *"A Etnografia da América do Sul ao começar o século XVIII"* — Rev. Inst. Hist. e Geog. de São Paulo — XI — 280.

94 — Guglielmo Robertson — *"Storia dell'America"* — Pisa.

95 — Hrdlicka — *"Sheletal remans suggesting or attributed to early man in North America"* — Washington, 1907.

96 — Do mesmo *"Early man in South America"* — Washington, 1912.

97 — Do mesmo *"Restes, dans lAsie Oriental, de la race qu'a peuplé l'Amérique, Anthr. et Arch. Preh."* — Genebra, 1912.

98 — Do mesmo — *"Migrations from Asia to America and their traces"* — New York, 1928.

99 — W. H. Holmes — *"Some problems of the American race Am. Anthr."* — Washington, 1910.

100 — Do mesmo — *"On the antiquity of man in America"* — N. York, 1918.

101 — Do mesmo — *"Handbook of aboriginal american antiquities"* — 1919.

102 — Vignaud — *"Le problème initial de l'Amérique"* — 1922.

103 — Cl. Wissler — *"The american indian"*.

104 — Brinton — *"The american race"* — N. York, 1891.

105 — F. Boas — *"America and the Old World"* — 1924.

106 — W. H. Dall — *"On the geological aspects of the possible human immigrations between Asia and America"*.

107 — J. W. Gidldey — *"Paleontological aspects of the possible human immigrations between Asia and America"*.

108 — A. F. Chamberlain — *"The problem from the stand pon of Linguisties"*.

109 — H. J. Spinder — *"Origin of civilizations in South America"*.

110 — Nordenskiöld — *"Origin of the indian civilizations in South America"*.

111 — A. Trombetti — *"Origine asiatica delle lingue e popolazioni americane"*.

112 — F. Boas — *"Migrations of asiatic races and cultures to North America"*.

113 — G. Montandon — *"L'Ologenime (ologenèse humaine)"* — Notice préliminaire — La Revue Mondiale — París — Février, 1927. — Publicado em livro em 1928, em París e no volume XXXIX, pág. 103, em *"L'Anthropologie"* — París, 1929.

114 — Benedito Profeta — *"O Indígena Brasileiro"* — Rio de Janeiro, 1926.

115 — Alfonso Fabila — *"Las Tribus Yaquis de Sonora — Su cultura y anhelada autodeterminación"* — Mexico, 1940.

116 — Doctor Maurício Swadesh — *"Orientaciones linguisticas para Maestros en zonas indigenas"* — Una serie de conferencias — Mexico, 1940.

117 — Alfred Metreaux — *"La Civilization matérielle des tribus Tupi-Guaraní"*.

118 — Montandon — *"Traité d'Ethnologie Culturelle"*.

119 — Hooton — *"Racial types in America and their relations to Old World types in Diamond-Jenesse"*.

120 — Imbelloni — *"La Esfinge Indiana — Antigos y Nuevos aspectos del Problema de los Origenes Americanos"* — Buenos Aires, 1926.

121 — Alfred Metreaux — *"Études sur la Civilisation des Indiens Chiriguano"* —Revista del Instituto de Etnologia dela Universidad de Tucuman, t. 1 — 1930.

122 — Max Schmidt — *"Die Aruaken, Ein Beiträge zum Problem der Kultur verbreitung"* — Leipzig, 1917.

123 — Keane — *"Central and South America"* — 2 vols. — London, 1901.

124 — Church — *"Aborigines of South America"* — London, 1912.

125 — Loukouka — *"La familia linguistica"*.

126 — Masâkali — *"Estudios de linguistica comparada americana"* — Revista del Instituto de Etnologia de la Universidad de Tucuman — t. II — 1931.

127 — Raimundo Morais — *"País das Pedras Verdes"* — Imprensa Pública — Manaus — Amazonas — Brasil.

128 — Ladislau Neto — *"Investigações sôbre a Arqueologia Brasileira"*.

129 — V. M. Petrullo — *"Primitive Peoples of Matto Grosso - Brazil"* — Copyright 1932 — By the University Museum.

130 — Villamil de Rada — *"La Lengua de Adan y el hombre de Tiahuanaco"* — La Paz, 1888.

131 — A. Berloin — *"La Parole humaine"* — París, 1908.

132 — Arias Montano — *"Antiquitatum Indaicarum"* — Leyden, 1593.

133 — Diego Andrés Rocha — *"Origen de los Indios del Perú, Mejico, Santa Fé de Bogotá, Chile"* — Lima, 1681 (reimpresso em Madrí, 1891).

134 — Hugo Grocio — *"De origene americanorum dissertatio"* — París, 1642,

135 — Quatrefages — *"L'Homme fossile de Lagoa Santa au Brésil et ses descendents actuels"* — Moscou, 1879.

136 — Do mesmo — *"Introduction à l'étude des races humaines"* — París, 1887.

137 — Coronel Temístocles Pais de Sousa Brasil — *"Incolas-Selvícolas"* — Separata do Relatório apresentado ao Ministério das Relações Exteriores em 1935 pelo chefe da Comissão Demarcadora de Limites do Setor de Oeste.

138 — Major Lima de Figueiredo — *"Índios do Brasil* — Prefácio do General Rondon.

139 — Congresso Indigenista — Pátzcuaro — *"Edución"* — Revista de Pedagogia y orientación Sindical — Número Especial — Junho de 1940.

140 — Roquete Pinto — *"Rondônia"* — Terceira Edição, aumentada e ilustrada, 1934.

VOCABULÁRIOS MANUSCRITOS DA COMISSÃO RONDON E INSPEÇÃO DE FRONTEIRAS:

1 — Tribu Nenê (Nambiquara).
2 — Tribu Taganani (Nambiquara).
3 — Tribu Caripuna (Taminari) — Rio Curupí (Uaçá do Oiapoque).
4 — Tribu Macú (rio Branco).
5 — Tribu Mayongon (Iêcona) Uraricuera — Rio Branco.
6 — Tribu Macuxí — Rio Branco (bacia de Uraricuera).
7 — Tribu Taurepã (Jaricuna) — Rio Branco.
8 — Tribu Caripurá (Caripuene) — rio Uaçá — Oiapoque.
9 — Tribu Oyamby — Rio Oiapoque.
10 — Tribu Galibi — Rio Uaçá (Oiapoque).
11 — Tribu Caripuna — Rio Uaçá (Oiapoque).
12 — Tribu Tacuatep — Rio Gi-Paraná.
13 — Nomenclatura das habitações da Aldeia dos Índios Bororos.
14 — Tribus Jarú, Urupá, Uemo, Pacahá-novo.
15 — Tribu Ariqueme (Uitat).
16 — Tribu Quepqueriuat.
17 — Tribu Uapixana (bacia do rio Uraricuera).
18 — Tribu Rangú (Tirió) Cabeceiras do rio Cuminá, Cordilheira de Tumucumaque.
19 — Tribu Pianacotó, Alto rio Cuminá.
20 — Tribu Anahuquá — rio Xingú.
21 — Tribu Apiacá — rio Tapajós.
22 — Tribu Arauá — rio Guaporé.
23 — Tribu Aueti — Xingú.
24 — Tribu Bacaeri — Alto Teles Pires.
25 — Tribu Barbado — Alto Paraguai.
26 — Tribu Bororo — Rio São Lourenço e rio das Garças.
27 — Tribu Camaiurá — rio Xingú.
28 — Tribu Congorê — rio Buritís, af. Juruena.
29 — Tribu Guaicurú — Aquidauana.
30 — Tribu Ipot-uat.
31 — Tribu Laiana — Miranda.
32 — Tribu Macurape — Guaporé.
33 — Tribu Mundurucú — Tapajós.
34 — Tribu Paricí — Vale Juruena.
35 — Tribu Burú — Borá — Guaporé.
36 — Tribu Terena — Miranda.
37 — Tribu Uamdzê — Juruena.
38 — Tribu Xirihaná — rio Uraricapará.

Além dêsses vocabulários organizados por exploradores da Comissão Rondon (Linhas Telegráficas, Inspeção de Fronteiras e Serviço de Proteção aos índios), no arquivo da mesma Comissão, em manuscritos a serem publicados, existem mais os seguintes trabalhos de J. Barbosa de Faria:

a) *"Esbôço Gramatical da Língua Bororo (Boeuadaro)"*.

b) *"Estudos Paricís — Esbôço Gramatical — Vocabulário — Lendas — Cantigas e poemas"*.

a) *Cândido M. Sª. Rondon*

COMENTÁRIOS

ECOS DO IX CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA

Constituiu grande acontecimento nacional e científico a reunião geográfica realizada de 7 a 16 de Setembro último na bela capital catarinense.

Congregando em estreita solidariedade e num ambiente perfeito de trabalho e responsabilidade os mais destacados elementos da geografia brasileira, o IX Congresso Brasileiro de Geografia cumpriu rigorosamente o programa delineado e, de acôrdo com a espectativa geral, preencheu as altas finalidades patrióticas e culturais que o inspiraram.

Quem compareceu ao certame de Florianópolis ou participou de seus trabalhos, teve a idéia perfeita do que são as reuniões dêsse gênero. Houve mesmo quem, comparando-o a congressos de geografia internacionais, reconheceu-lhe real superioridade, quanto à sua organização modelar e ao trabalho intensivo e proveitoso, de resultados eminentemente objetivos.

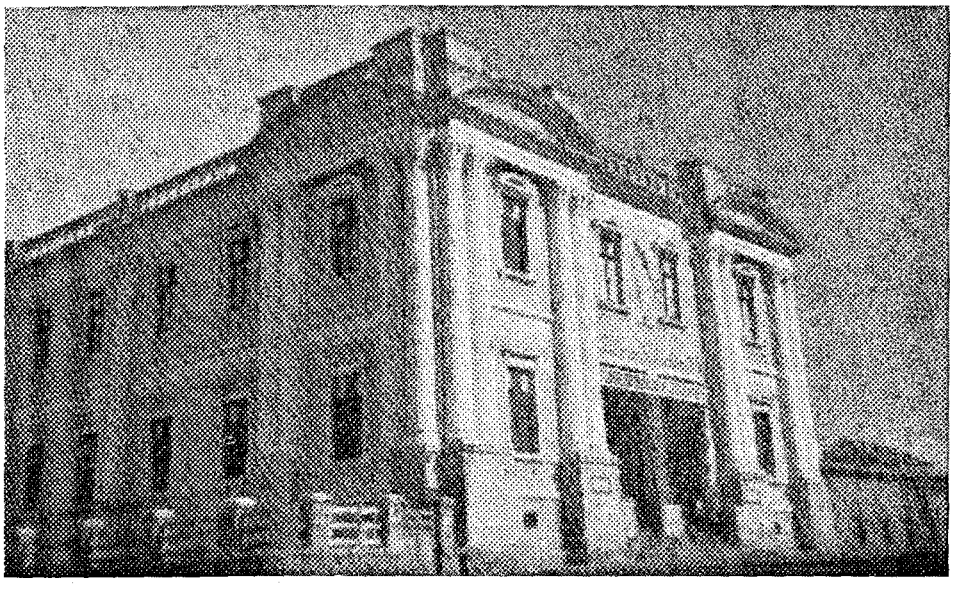
O Congresso de Florianópolis veio inaugurar uma nova fase de congressos nacionais de geografia. Idealizados pelo ilustre catarinense José Artur Boiteux, de saudosa memória, o Brasil já havia assistido a oito congressos de geografia, reunidos em diversas capitais de Estados: Rio de Janeiro, em 1909; São Paulo, em 1910; Curitiba, em 1911; Recife, em 1915; Salvador, em 1916; Belo Horizonte, em 1919; Paraíba, em 1922 e Vitória, em 1926.

Após 14 anos de dispersão os especialistas da matéria voltam a se reunir para a discussão de assuntos e problemas da nossa geografia, desta vez de maneira notável e com brilho sem precedentes.

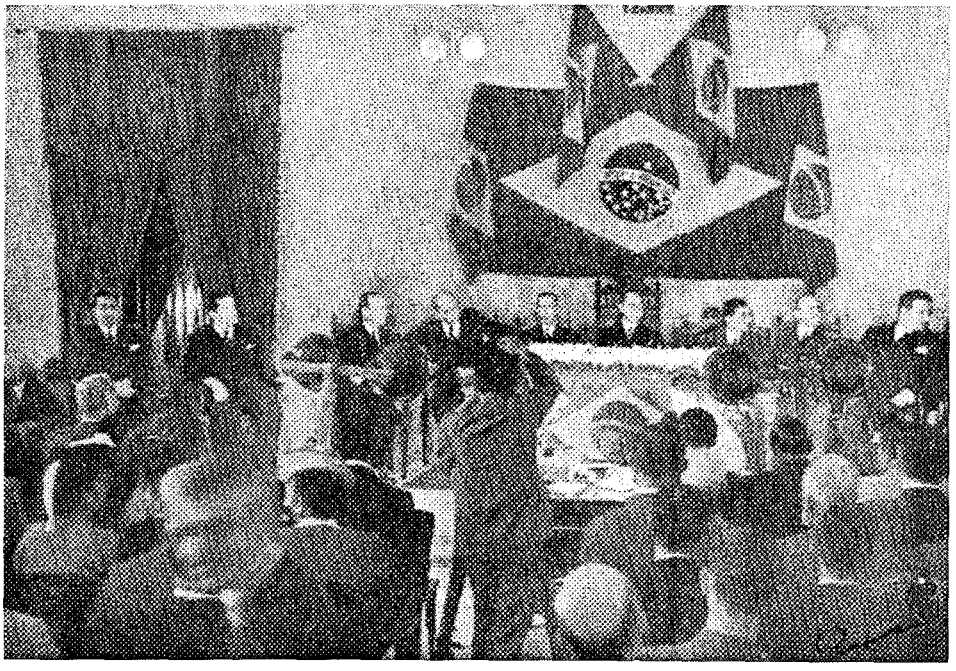
Assim é que, em 1939, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, num entendimento altamente cívico, deliberaram reiniciar a série de Congressos Brasileiros de Geografia, ficando estabelecido que os mesmos se realizarão trienalmente.

Providenciando sem demora a realização de mais um congresso de geografia, o Conselho Nacional de Geografia, órgão central do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e a tradicional Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, o primeiro por duas Resoluções e a segunda por uma Deliberação, lançaram as bases do IX Congresso Brasileiro de Geografia.

Desde Agôsto de 1939, duas Comissões — uma Organizadora, nesta Capital; outra Executiva, em Florianópolis — vinham trabalhando intensamente, pro-



Edifício do Instituto de Educação de Florianópolis onde teve sede o IX Congresso Brasileiro de Geografia



Aspecto da sessão de abertura do Congresso, no salão do edifício da Assembléia Legislativa

movendo a propaganda do conclave e dando desenvolvimento à campanha de adesões ao mesmo.

O resultado dêsses esforços não se fez esperar, pois, dentro em pouco, todo o Brasil tomava conhecimento da futura realização do IX Congresso Brasileiro de Geografia, por intermédio da imprensa e de conferências e comunicados de membros das Comissões. De todos os quadrantes do território nacional chegava o apoio entusiasta de milhares de brasileiros e interessados no êxito do certame.

A propaganda inteligente e bem dirigida das duas Comissões surtia, como se vê, efeito surpreendente. O número cada vez mais crescente de adesões, vindas de tôdas as camadas sociais, era um testemunho eloquente do interêsse geral pelo Congresso, grata demonstração do aumento do nível cultural do nosso povo e da sua atenção pelos empreendimentos de caráter patriótico-cultural nacionais. Chegando às dezenas e às centenas as adesões, cujos boletins a *Revista Brasileira de Geografia* fez chegar às regiões mais longínquas do país, perfizeram o belo total de 2.137, cifra jamais alcançada pelos Congressos anteriores.

Também surpreendente foi o número de teses enviadas. Versando a maioria delas sôbre temas recomendados pelo Regulamento do Congresso, nada menos de 215 teses foram recebidas pela Comissão Organizadora para serem estudadas e julgadas em Florianópolis.

Aproximando-se a data da realização do Congresso, organizada e providenciada pelas duas incansáveis Comissões, começou a romaria em direção a Santa Catarina, concentrando-se na moderna Destêrro de Dias Velho, centenas de brasileiros animados por um sadio patriotismo, caracterizado, principalmente, pela ausência absoluta de todo e qualquer espírito regionalista.

Os congressos culturais, além da importância científica que encerram, apresentam a particularidade curiosa de atraírem para o ponto onde se realizam, as figuras mais representativas do setor científico que estudam. Fazem convergir para êste ponto a elite dos especialistas da matéria, de estudiosos e interessados no seu estudo.

Florianópolis, por meio do Govêrno do Estado e do seu nobre povo, numa atitude bem brasileira de hospitalidade, teve então o feliz ensêjo de receber, e fê-lo fidalga e condignamente, mais de 200 congressistas, vindos de todos os Estados da União.

Raramente se viu no Brasil uma reunião como o IX Congresso Brasileiro de Geografia, para a qual, animados de um profunda espírito de trabalho e compreensão e com uma conciência cívica tão sadia, dirigiram-se em massa tantas personalidades de destaque e projeção do nosso meio cultural.

Patenteando definitivamente a formidável repercussão que a notícia da realização do Congresso teve em tôdas as esferas da atividade nacional, convergiram numa memorável cruzada cultural, representantes oficiais de tôdas as unidades federadas e do corpo administrativo nacional, delegados de inúmeras instituições científicas oficiais e particulares, e de elementos os mais proeminentes da nossa intelectualidade em todos os ramos da sua atividade.

Extensa é a relação das instituições que se fizeram representar neste brilhante certame, e maior ainda a lista de congressistas a êle presentes.

Brasileiros de tôdas as profissões compareceram ao Congresso, levando o seu apoio construtivo. Homens de Estado, magistrados, professores, educadores, médicos, engenheiros, diplomatas, advogados, militares, escritores, publicistas, técnicos, homens de letras, etc., sem contar a presença dos geógrafos, obrigatória no caso, lá se encontraram num ambiente de perfeito entendimento, movidos pelo desejo comum de ensinar e aprender a geografia pátria, "numa intimidade e num concerto de vontades, que só as puras aplicações do espírito lograriam permitir".

Ficava assim comprovado, pelo Congresso de Florianópolis, o interêsse geral despertado pela Geografia Moderna, cujo vastíssimo campo de ação e correlação com as outras Ciências a torna uma ciência enciclopédica.

O Congresso. Sessão preparatória

Sob a presidência de honra do Exmo. Snr. Dr. Getúlio Vargas, realizou-se no dia 6 de Setembro no Edifício do Instituto de Educação de Florianópolis, uma sessão plena preparatória na qual foi eleita a Mesa Diretora dos trabalhos do Congresso, a qual assim ficou constituída: Presidente — Ministro Bernardino José de Sousa; Vice-presidente: Ministro João Severiano da Fonseca Hermes; Secretário geral — Eng.º Cristóvão Leite de Castro; 1.º Secretário — Dr. Manuel Carvalho Barroso; e, 2.º Secretário — Eng.º Benedito Quintino dos Santos.

Nesta sessão houve apresentação de credenciais dos representantes oficiais ao certame e a distribuição do Programa dos trabalhos.

Mesa Diretora do Congresso

Homenagem ao Interventor de Santa Catarina

Como reconhecimento ao inestimável apoio prestado ao Congresso pelo Govêrno de Santa Catarina, na pessoa de seu digníssimo interventor, foi concedido por aclamação unânime da assembléia ao Dr. Nereu Ramos, o título de "Presidente Benemérito do Congresso".

Soube S. Excia. corresponder a tão elevada homenagem, continuando a não poupar sacrifícios e nem medir esforços para que o certame obtivesse o êxito alcançado. Prestigiando com a sua presença constante as sessões e demais atos do Congresso, acompanhando com vivo interêsse a realização dos trabalhos, dispondo, dentro das suas atribuições, de todos os recursos em seu benefício, o Interventor Nereu Ramos contribuiu grandemente, como homem de Estado e homem de cultura para o sucesso dêste Congresso.

José Artur Boiteux

Cultuando a memória daquele que lançou pela primeira vez entre nós a idéia da realização de reuniões culturais, onde periodicamente se estudasse a geografia pátria, todos os participantes ao Congresso prestaram, no Cemitério de Itacorobí, expressiva homenagem à lembrança de José Artur Boiteux.

No túmulo do saudoso geógrafo catarinense e idealizador dos congressos brasileiros de geografia foram colocadas coroas de flores naturais. Congressistas usaram da palavra relembrando o quanto êste ilustre brasileiro fizera pela geografia nacional, estudando particularmente a da sua terra natal — Santa Catarina.

Inauguração dos trabalhos no "Dia da Pátria"

Após a missa votiva pelo êxito do Congresso celebrada por D. Joaquim Domingues de Oliveira, Arcebispo Metropolitano, realizou-se pela manhã, uma parada escolar em comemoração ao Dia da Pátria, na qual tomaram parte centenas de crianças dos vários colégios de Florianópolis. A festa, assistida em companhia do Sr. Interventor, das sacadas do Palácio do Govêrno, por grande número de congressistas, revestiu-se de notável brilhantismo, constituindo uma bela demonstração cívica da mocidade catarinense e uma prova do desenvolvimento do ensino no Estado.

À tarde houve, no edifício da Assembléia Legislativa do Estado, a sessão pública e solene de abertura do Congresso, presidida pelo Interventor Nereu Ramos que, pronunciando notável discurso, declarou inaugurados os seus trabalhos.

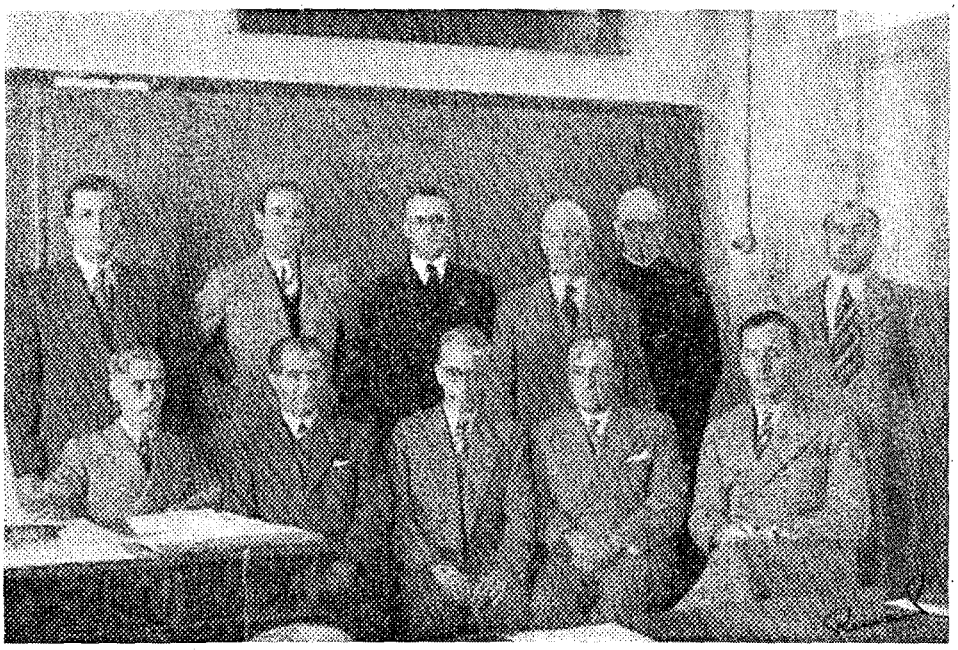
As Comissões Técnicas para o julgamento das teses

Instalado o Congresso, os dias que decorreram até o seu encerramento foram de labor intensivo. Eleitas em sessão plenária, — por proposta do Presidente do Congresso, Ministro Bernardino José de Sousa —, as Comissões Técnicas julgadoras das teses enviadas, foram desde logo distribuídas pelos seus relatores e membros das mesmas, duas centenas de trabalhos geográficos.

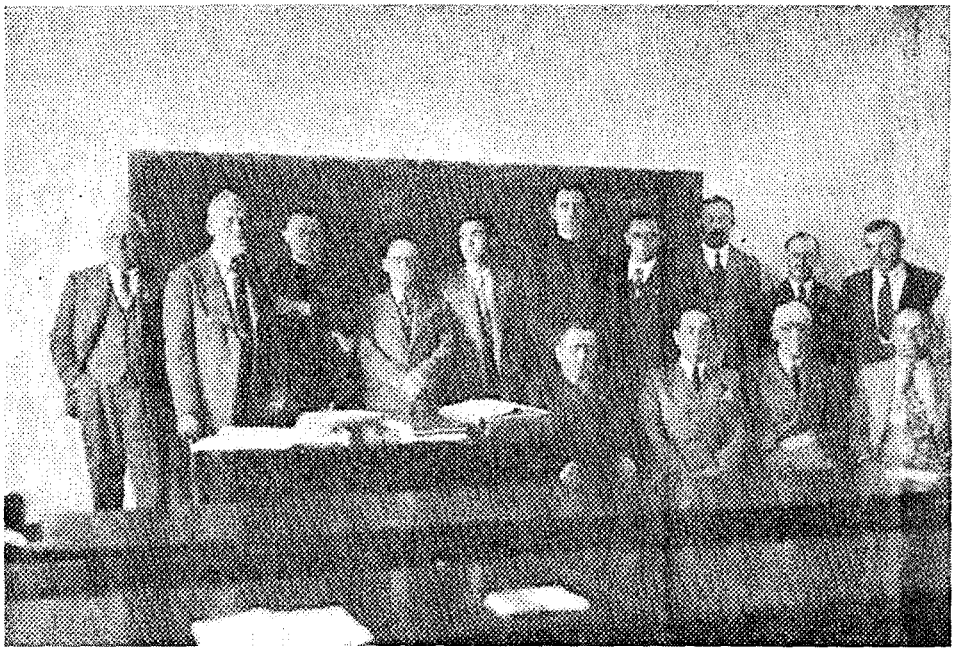
Foram, então, organizadas 8 Comissões Técnicas de acôrdo com as "Secções" das teses oficialmente recomendadas pelo "Regulamento" do Congresso: 1.ª, de Geografia Matemática e Cartografia, presidida pelo prof. Alírio H. de Matos, da Escola Nacional de Engenharia; 2.ª, de Geografia Física, sob a presidência do Cel. Renato Barbosa Rodrigues Pereira, consultor técnico do Ministério das Relações Exteriores; 3.ª, de Bio-geografia, presidida pelo dr. Francisco de Assiz Iglésias, diretor do Serviço Florestal do Brasil; 4.ª, de Geografia Humana, presidida pelo prof. Pierre Monbeig, catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo; 5.ª, de Geografia Econômica, presidida pelo Dr. Dulfe Pinheiro Machado, diretor geral do Departamento Nacional de Imigração; 6.ª, de Explorações Geográficas e Geografia Histórica, presidida pelo engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha; 7.ª, de Metodologia Geográfica, presidida pelo prof. C. M. Delgado de Carvalho, catedrático da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil; e, 8.ª, de Monografias Regionais, em especial de Santa Catarina e Florianópolis, presidida pelo Des. Henrique Fontes. Além destas foi constituída uma Comissão Especial para dar o seu parecer sôbre a Exposição de Geografia e Cartografia.

A organização das comissões técnicas obedeceu a um critério racional de seleção em grupos dos especialistas nos assuntos geográficos dentro dos quais, se enquadravam as teses e memórias a serem submetidas a exame.

Neste particular o IX Congresso se distinguiu dos anteriores, pois, somente pelas comissões técnicas especializadas seria possível uma apreciação cuidadosa e um julgamento mais preciso dos trabalhos; pelas suas funções distintas, estariam mais aptas a estudar os problemas científicos do que as assembléias plenárias, quasi sempre heterogêneas.



Primeira Comissão Técnica — Geografia Matemática — Cartografia — Presidente, Prof. Alírio H. de Matos; 1.º secretário, Eng. Antônio Ribas; 2.º secretário, Eng. Cícero de Morais. Membros: Comte. Antônio Alves Câmara Júnior, Dr. César Bierrenback, Pe. Dr. Godofredo Schrader, Cap. Corv. Alberto Cavalhal, Eng. Lauro Sampaio, Dr. Valter Henér, Dr. Ferdinando Bianchi, Dr. José Centola e Eng. Salvador Melo. Relatores: todos os componentes

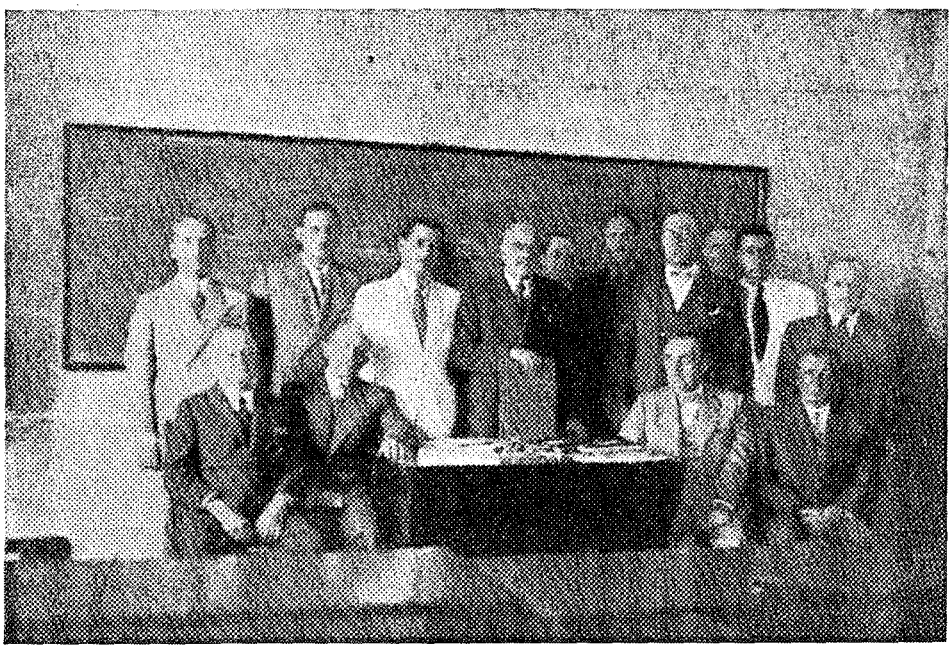


Segunda Comissão Técnica — Geografia Física — Presidente, Cel. Renato Barbosa Rodrigues Pereira; 1.º secretário, Dr. Alberto Lamego; 2.º secretário, Eng. Tasso da Costa Rodrigues. Membros: Cel. Temístocles Pais de Sousa Brasil, Pe. Bertoldo Braunn, Prof. João Dias da Silveira, Pe. Balduíno Rambo, Dr. José Setzer, Dr. Francisco Bertagnolli, Dr. Ernesto Sixt, Eng. Haroldo Caldeira, Dr. Alexandre de Carvalho Leal, Comte. César Feliciano Xavier, Prof. Joaquim Ramalho, Dr. Artur Gusmão, Dr. Silvino E. Carneiro da Cunha. Relatores: todos os componentes

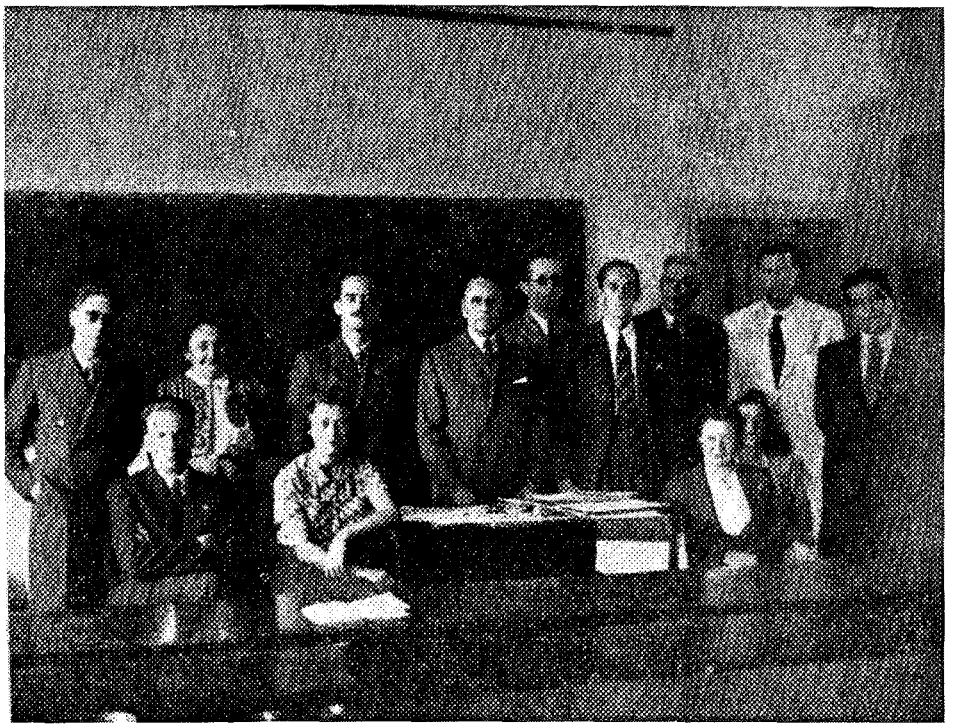
Terceira Comissão Técnica — Bio-geografia (Geografia Botânica e Zoológica) — Presidente, Dr. Francisco de Assiz Iglésias; 1.º secretário, Dr. Gregório Bondar; 2.º secretário, Prof. Lúcio de Castro Soares. Membros: Prof. Jorge José de Sousa, Irmã Maria Teresa Kock, Dr. Armando Ferreira Lima, Dr. Afonso Maria Veiga, Dr. Marcelino da Silva. Relatores: todos os componentes

Quarta Comissão Técnica — Geografia Humana — Presidente, Prof. Pierre Monbeig; 1.º secretário, Prof. Raimundo Lopes; 2.º secretário, Eng. Oscar Carrascosa. Membros: Prof. Luiz de Castro Faria, Prof. Renato Silveira Mendes, Prof. Alves Queiroz de Araújo, Dr. Virgílio Gualberto, Dr. Elpídio Barbosa, Prof. Olívio Montenegro, Dr. Fernando Correia de Azevedo, Dr. Heitor Bracet, Dr. Tôrres de Oliveira, Dr. Osni Regis, Dr. Ivens de Araújo, Profa. Alice Canabrava, Prof. Odilon Nogueira Matos. Relatores: todos os componentes

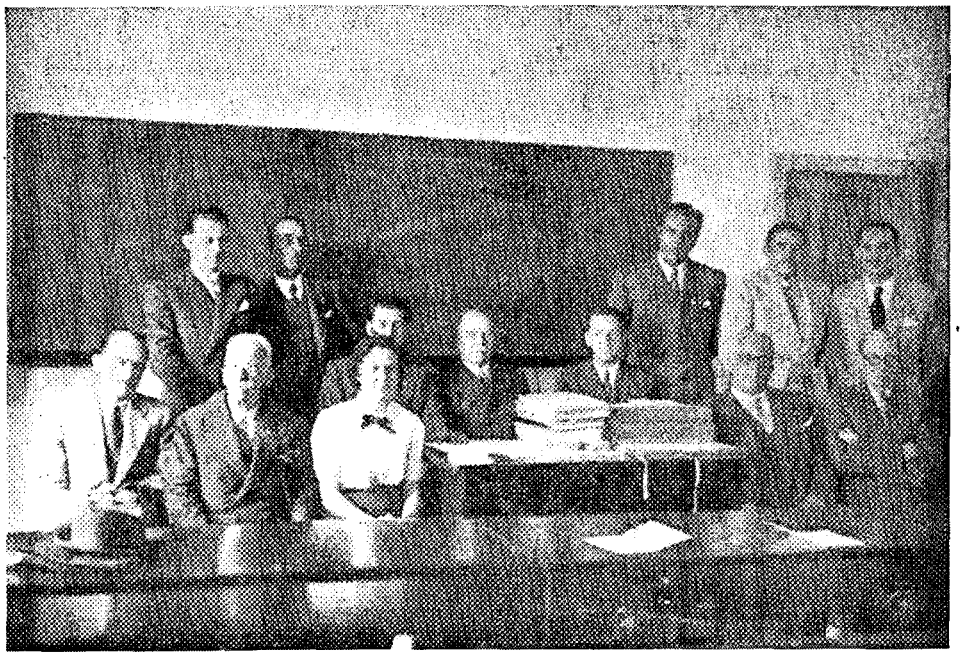
Quinta Comissão Técnica — Geografia Econômica — Presidente, Dr. Dulfe Pinheiro Machado; 1.º secretário, Prof. Aroldo de Azevedo; 2.º secretário, Profa. Maria da Conceição Vicente de Carvalho. Membros: Dr. Jaime da Nóbrega Santa Rosa, Eng. Ivo Picolli, Dr. Hermann Palmeira, Prof. Orlando Brasil, Dr. Egídio de Sousa, Dr. Léu Madeira, Eng. Carlos Quirino Simões, Cap. Carlos Berenhauser Júnior, Dr. Osvaldo Gomes da Costa Miranda, Eng. Francisco Bolitrau, Srs. José Pessoa, Hélio Fiori, Jarbas Rohuvedder. Relatores: todos os componentes



Sexta Comissão Técnica — Explorações Geográficas e Geografia Histórica — Presidente, Eng. Arnaldo Pimenta da Cunha; 1.º secretário, Cap. Darci Leal de Meneses; 2.º secretário, Prof. Carlos da Costa Pereira. Membros: Cel. Jaguaribe de Matos, Comte. Braz de Aguiar, Dr. Hunald Cardoso, Dr. Nestor Lima, Dr. Osvaldo Cabral, Dr. João Carlos Correia, Dr. Murilo de Miranda Bastos, Prof. Mário de Sousa, Prof. Francisco Rodrigues de Oliveira, Prof. Aníbal Matos, Dr. Clato Ribeiro Lessa, Dr. Luiz Gonzaga de Faria, Sr. Henrique Berenhauser, Mal. Alcino Cavalcanti. Relatores: todos os componentes



Sétima Comissão Técnica — Metodologia Geográfica, Regras e Nomenclatura — Presidente, Prof. C. M. Delgado de Carvalho; 1.º secretário, Prof. Gualdo Sampaio de Sousa; 2.º secretário, Prof. Orlando Valverde. Membros: Prof. Osvaldo Pilôto; Prof. Francisco José Gomes de Oliveira, Prof. Vilmar Dias, Profa. Rute Alcântara, Prof. M. W. Viera da Cunha, Prof. Jorge Zarur, Eng. José Velasco Portinho, Prof. Elieser dos Santos Saraiva, Profa. Maria da Conceição Ribeiro, Profa. Antonieta de Paula Sousa, Profa. Maria Madalena Moura Ferro, Prof. Egídio Abade Ferreira, Prof. Adriano Mosimann, Profa. Julieta Tôrres Gonçalves. Relatores: todos os componentes



Oitava Comissão Técnica — Monografias Regionais. Estudos Especiais da Corografia Catarinense e da Cidade de Florianópolis — Presidente, Des. Henrique Fontes; 1.º secretário, Dr. Arquimínio Teixeira, 2.º secretário, Dr. José Boen. Membros: Dr. Álvaro Maia, Alm. Henrique Boiteux, Sr. Américo de Oliveira Amaral, Dr. Ildefonso da Silva Dias, Dr. Luiz Bezerra Trindade, Prof. Valter Spalding, Eng. Gérson de Faria Alvim, Min. Matoso Maia Forte, Eng. Germano Petersen, Cap. Olímpio Tavares, Profa. Helena Brenner. Relatores: todos os componentes

Assim, 215 teses foram distribuídas pelas comissões técnicas e submetidas ao estudo dos seus componentes — entre os quais se achavam nomes consagrados da geografia nacional — que, após rigoroso julgamento, relataram-nas dando o seu parecer nas sessões plenárias, ora aprovando-as e solicitando à assembléia a sua publicação nos Anais do Congresso, ou dando um voto de louvor, pelo meritório esfôrço, aos autores daquelas que não satisfizeram ao critério de julgamento adotado.

Do total das teses julgadas no Congresso, cêrca de mais da metade logrou aprovação, devendo, pela natureza dos interessantes assuntos estudados, constituir os "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", volumes que virão enriquecer a bibliografia geográfica brasileira.

O número de teses sôbre Geografia Humana e de Geografia Econômica foi surpreendente, o que demonstra que êsses dois ramos da Geografia Moderna vão atraindo as inteligências do Brasil.

Indicações, moções e deliberações

Nas sessões plenárias, de acôrdo com as instruções do "Regulamento" do Congresso, foram apresentadas várias moções e indicações sugeridas pelo exame das teses estudadas nas Comissões Técnicas.

Dentre as principais, aprovadas em sessão plenária, destacam-se as seguintes:

— da Secção de Geografia Matemática: aos governos estaduais no sentido de organizarem serviços de triangulação geodésica e ao Conselho Nacional de Geografia de colaborar com os mesmos nesse sentido;

— da Secção de Geografia Física: pedindo ao Govêrno Federal que auxilie a Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura e que seja criada, no próximo Congresso, uma secção destinada ao estudo da Geografia das Calamidades;

— da Secção de Geografia Humana: pedindo a inclusão da "Secção de Geografia Urbana" no próximo Congresso, bem como, solicitando ao Conselho Nacional de Geografia a publicação de uma bibliografia geográfica periódica;

— da Secção de Geografia Econômica: pedindo que nos futuros Congressos as teses versem unicamente sôbre geografia; dando voto de louvor ao Clube de Engenharia, pelos trabalhos apresentados; e,

— da Secção de Geografia Metodológica: propondo que se organize roteiros e planos de excursões de carater científico-geográfico nos Estados, especialmente para estudos geográficos de interêsse geral do país; encarecendo ao Conselho Nacional de Geografia o estudo para a delimitação das regiões naturais do território brasileiro e a publicação de mapas didáticos para as escolas; e, solicitando ao ministro da Educação a volta do ensino da Geografia e Corografia do Brasil nos cursos secundários, em cadeia isolada, e, também, a separação nas Faculdades de Filosofia do curso de Geografia do de História, dada a conveniência de preparar professores secundários especializados em cada uma dessas disciplinas, separadamente.

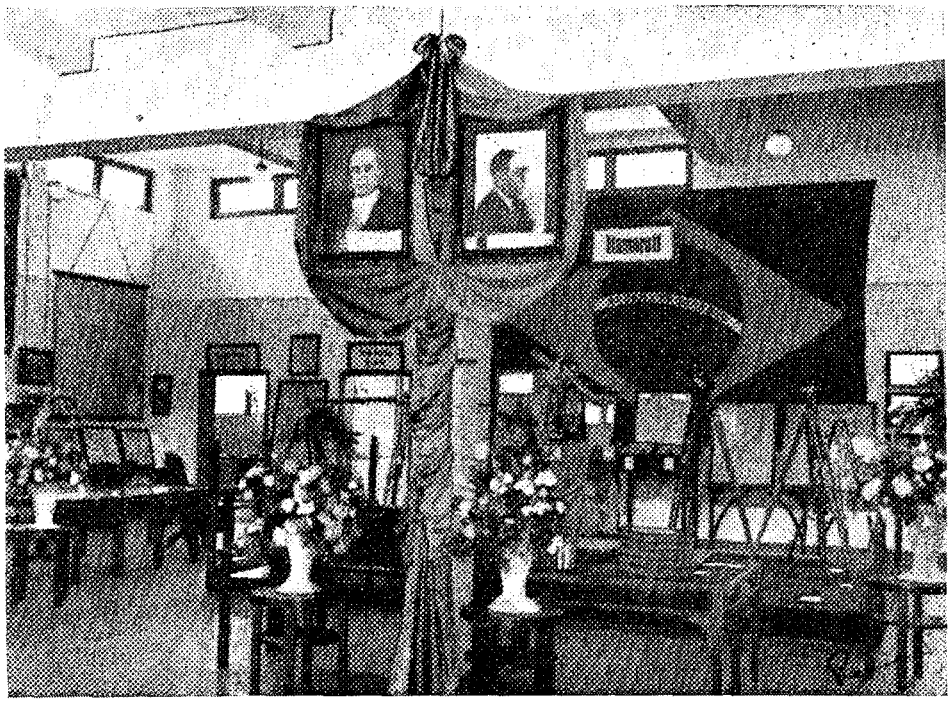
Ao Snr. Presidente da República foram solicitadas a inscrição, nos futuros marcos de fronteiras internacionais, da legenda "Pax et Justitia", em homenagem a Alexandre de Gusmão, inspirador do tratado de 1750, e, pedido um crédito para impressão nos Anais do Congresso, da "Corografia do Estado de Santa Catarina", do General José Vieira da Rosa, obra notável, em três volumes, com mapas e ilustrações em côres, executados pelo autor.

Entre outras moções figuram duas de calorosos aplausos: uma ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, como patrocinador do IX Congresso Brasileiro de Geografia; outra ao seu órgão central, o Conselho Nacional de Geografia, como coordenador das atividades geográficas do país, pela publicação da *Revista Brasileira de Geografia*, e pela campanha em prol da elaboração dos mapas municipais e do levantamento das coordenadas geográficas dos principais pontos e localidades do território nacional.

Contribuição póstuma de Euclides da Cunha

Dentre os trabalhos apresentados ao Congresso há um que merece especial destaque pela sua autoria e valor geográfico: a monografia inédita de Euclides da Cunha, tratando da "Formação das Ilhas dos Buzos."

O trabalho do autor d'"Os Sertões", foi encaminhado a 8.º Comissão Técnica — Monografias Regionais após o seu estudo opinou pela sua publicação, com destaque, nos Anais do Congresso.



Entrada da Exposição de Geografia e Cartografia. Sala do Itamarati

Em sessão plenária o Dr. Manuel Carvalho Barroso, 1.º Secretário do Congresso e ilustre Secretário do Interior e Justiça do Govêrno de Sergipe, proferiu brilhante alocução sôbre a personalidade e obra científica de Euclides da Cunha, terminando por propor que, em pé, e em vibrante salva de palmas, o plenário prestasse uma homenagem ao grande e imortal brasileiro.

Sala do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, na Exposição

Exposição de Geografia e Cartografia

Uma das maiores atrações do Congresso foi, sem dúvida, a Exposição de Geografia e Cartografia, que constituiu uma das mostras mais abundantes e ricas de material geográfico e cartográfico havida até então no país.

Anexa ao Congresso, funcionou no moderno edifício do Grupo Escolar Dias Velho e em amplas salas do Instituto de Educação, despertando real interêsse pela natureza das valiosas peças expostas, algumas das quais, pela sua raridade e inestimável valor histórico, foram, pela primeira vez, dadas a conhecer ao grande público.

Dentre os vários expositores destacou-se, merecendo especial atenção de quantos visitaram a Exposição, a contribuição do Ministério das Relações Exteriores. Apresentou o Itamarati quarenta peças pertencentes à sua Mapoteca, abrilhantando a Exposição com mapas raríssimos, incluindo os célebres mapas de Marini e Barbolan, a cópia do Mapa das Côrtes, que servia de base ao Tratado de Madri, em 1750; numerosos mapas e cartas dos séculos XVII e XVIII; documentos e tratados de limites do Brasil com outras nações americanas; e, numerosas publicações sôbre as atividades da demarcação de fronteiras, além de notável mostruário de modernissimos instrumentos geodésicos e aparelhamento técnico geográfico da Comissão de Limites.

Representou-se, também, e com pleno êxito, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, por intermédio do Conselho Nacional de Geografia, que expôs: a coleção dos mapas e fotografias de todos os municípios brasileiros recentemente apresentados ao público na "Exposição Nacional de Mapas Municipais", realizada na Capital da República; trabalhos cartográficos do seu Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, além de uma "maquette" do Brasil, em relêvo, na qual se levou em conta a curvatura terrestre.

Vários Estados da União participaram da Exposição de Geografia e Cartografia com valiosas contribuições dos respectivos Serviços Geográficos.

Foi eleita em sessão plenária uma Comissão Técnica Especial — da qual assumiu a presidência o coronel Jaguaribe de Matos, representante do Exército Nacional junto ao Congresso — para julgar os trabalhos expostos, tendo por finalidade "apresentar na última sessão plenária um relatório a respeito da importância científica, pedagógica e cultural dos mostruários organizados, competindo-lhe propor menções honrosas, votos ou aplausos e recomendações aos merecedores".

Do julgamento minucioso da referida Comissão, resultaram as seguintes conclusões: menção honrosa com louvor aos trabalhos apresentados pelo Exército, Marinha, Itamarati e Conselho Nacional de Geografia; menção honrosa aos do Ministério da Agricultura, Estados da Baía, Minas Gerais, São Paulo e Serviço de Obras Contra as Sêcas; aplausos especiais aos do Estado de Santa Catarina; aplausos aos dos Estados do Paraná, Rio de Janeiro e Espírito Santo; e votos de louvor aos da Inspetoria Federal de Estradas e aos dos Estados do Maranhão, Pará e Sergipe.

No setor geográfico-didático, a Exposição Didática da Prefeitura do Distrito Federal alcançou pleno êxito, sendo muito visitada pelo professorado catarinense.

O Instituto Geográfico de Agostini do Brasil e o Sindicato Condor Ltda. também apresentaram farto material geográfico e cartográfico; o primeiro no setor didático, com publicações e mapas; o segunda na parte técnica de levantamentos aerofotogramétricos.

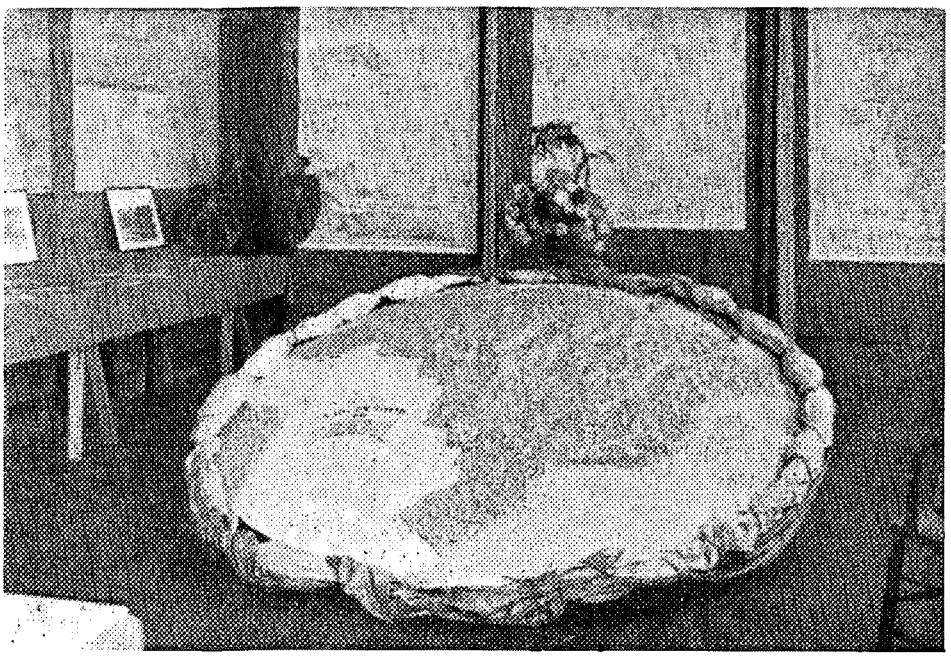
Integrando a Exposição de Geografia e Cartografia, teve lugar a bordo do navio hidrográfico "Rio Branco" — especialmente enviado pela Marinha de Guerra a Florianópolis, afim de representar no Congresso de Geografia — uma magnífica exposição de trabalhos executados pelo Serviço Hidrográfico da Marinha, dentre os quais se destacavam as cartas da costa do Brasil.

Na visita feita a êste barco os congressistas tiveram a oportunidade de conhecer, pela explicação técnica da sua oficialidade, os modernos instrumentos e métodos empregados nas suas pesquisas oceanográficas.

Conferências e Comunicações

Consoante o Programa cultural traçado pela Comissão Organizadora, várias conferências e comunicações de caráter geográfico e sôbre assuntos correlatos foram ouvidas nas reuniões plenárias e nas sedes das associações culturais e científicas de Florianópolis, por ocasião da realização do Congresso.

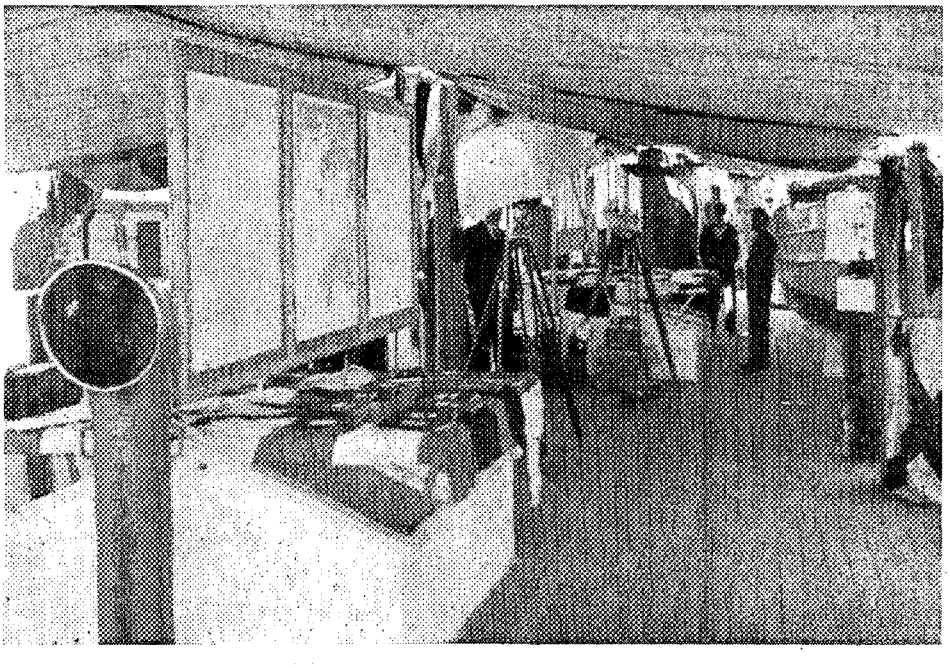
Em sessões plenas extraordinárias os congressistas ouviram as seguintes comunicações sôbre trabalhos técnicos de entidades federais: "A política geográfica



"Maquette" do Brasil, em relêvo, com a curvatura terrestre, apresentada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

do Itamarati", pelo Ministro J. S. da Fonseca Hermes; "Os trabalhos do Ministério da Agricultura"; "da Inspetoria de Sêcas no Nordeste"; e, "do Conselho Nacional de Geografia em Santa Catarina", respectivamente pelos eng.os Gérson de Faria Alvim e Tasso da Costa Rodrigues, Arnaldo Pimenta da Cunha e prof. Vilmar Dias.

Na sede do Clube XII de Agôsto, o professor C. M. Delgado de Carvalho fez uma conferência sôbre o tema: "A evolução da Geografia Humana".



Aspecto da Exposição no interior do navio hidrográfico "Rio Branco"

Representando a cultura catarinense, o Dr. Osvaldo Cabral, conceituado historiógrafo e escritor, pronunciou notável palestra, na qual apresentou aos congressistas um retrospecto cultural de sua terra natal.

Fez-se também ouvir, num dos cinemas locais, o Cel. Jaguaribe de Matos, que explicou detalhadamente o grandioso trabalho da Comissão Rondon, ressaltando as suas consequências científicas e práticas. A explanação foi acompanhada pela exibição de interessantíssimo filme documentário sôbre a Amazônia.

O Instituto Histórico e Geográfico Catarinense e a Academia Catarinense de Letras, receberam e saudaram, em reunião conjunta, os membros do IX Congresso.

Ainda no programa de divulgação geográfica e cultural, merece menção especial a colaboração do Instituto Nacional de Cinema Educativo. Cuidadosamente selecionados pelo seu diretor, Dr. Roquete Pinto, foram exibidos nos cinemas de Florianópolis vários filmes geográficos, bem como, películas instrutivas e cívicas, para a juventude escolar e para o povo em geral.

Atos do Govêrno de Santa Catarina, em homenagem ao Congresso

Dois decretos foram assinados pelo interventor Nereu Ramos, ambos em homenagens ao IX Congresso Brasileiro de Geografia.

O primeiro instituiu o Serviço Geográfico Estadual, nos moldes dos existentes em outros Estados da União, tendo por finalidade principal, estudar a geografia catarinense sob todos os seus aspectos e organizar, sob bases científicas, a cartografia municipal.

O Serviço foi criado na Diretoria de Terras e Colonização, que passará a denominar-se Diretoria de Geografia e Terras, subordinada à Secretaria de Estado dos Negócios da Viação, Obras Públicas e Agricultura.

Outro, dando o nome de "Alexandre de Gusmão" ao Grupo Escolar da cidade de Bom Retiro, ora em construção, prestando, assim, devida homenagem à memória do grande estadista e diplomata brasileiro, inspirador e redator do Tratado de Madri, cujo nome foi sempre lembrado e reverenciado pelo Congresso.

Excursão pelo Vale do Itajaí

Constante do programa do Congresso, realizou-se uma excursão de estudos pelo vále do Itajaí, com o objetivo de se apreciar os fenômenos de geografia humana, desta bela e próspera região do Estado de Santa Catarina.

A caravana, composta por grande número de congressistas e sob a direção científica do Professor Pierre Monbeig, partiu de Florianópolis em confortáveis ônibus em direção a Blumenau, passando por Tijucas, Nova Trento e Brusque. Neste trajeto foram observadas e estudadas "in loco" as primeiras tentativas de colonização italiana no vale do rio Tijucas (tipos de habitação e café sombreado; a colonização moderna em Nova Trento; a zona de "habitat" misto, rural e industrial de Brusque; o rio Itajaí e as circunvizinhanças de Blumenau.

Em Blumenau, foi oferecido aos excurcionistas, pelo seu prefeito um lauto almoço, após o qual os participantes da excursão visitaram os principais pontos da cidade.

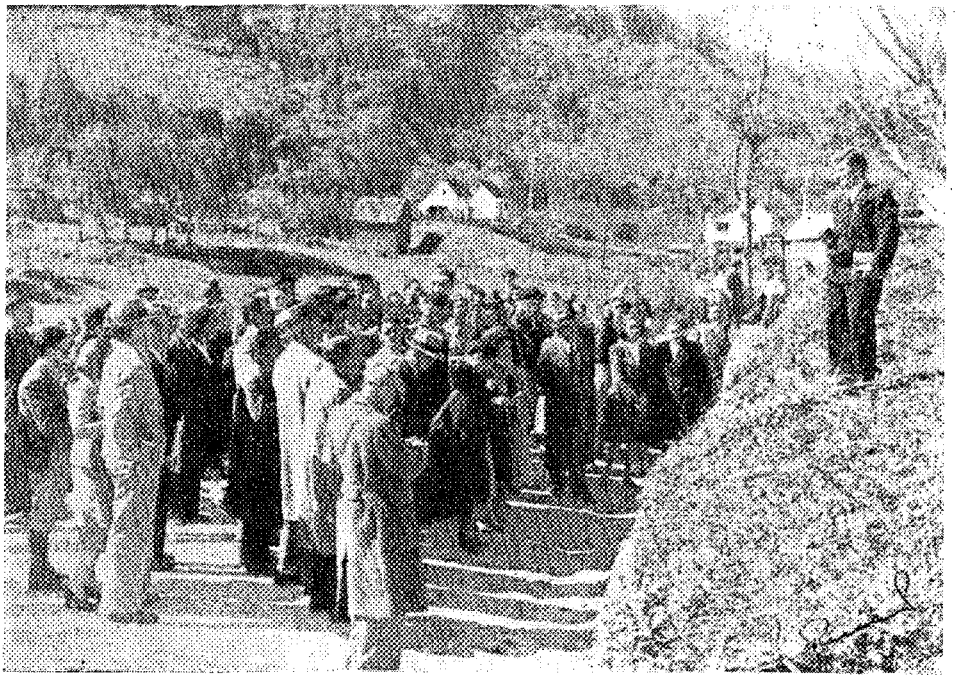
Continuando a excursão oficial, os congressistas percorreram o vale do Testo, na zona de colonização germânica, visitando Pomeroda e Timbó, duas aglomerações rurais típicas. Passando à região de colonização italiana percorreram o vale dos rios Benedito e Salto. Em Rodeio tiveram ocasião de observar as suas grandes culturas de arroz. Voltando a Blumenau passaram por Warnow e Indaial.

A excursão foi em todos os sentidos proveitosa. As preleções do Prof. Pierre Monbeig, feitas durante a viagem, sôbre a paisagem e sua ocupação humana, concorreram, sobremodo, para o completo estudo e melhor compreensão dos fenômenos geográficos das regiões visitadas.

Em Belém do Pará o X Congresso

Encerrando os trabalhos do IX Congresso os congressistas cogitaram de, na última sessão plenária, escolher a sede do próximo certame, cuja indicação, segundo determinação regulamentar, caberia ao Presidente do Congresso. Apresentou, então, o Ministro Bernardino José de Sousa, uma proposta para que a realização do X Congresso Brasileiro de Geografia tivesse lugar, em 1943, na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, justificando a mesma pelos seguintes motivos:

"O prazo de 3 anos é considerado suficiente para uma nova arregimentação das inteligências brasileiras em tôrno dos assuntos geográficos. Por isso o X Congresso será em 1943. Quanto à capital do Pará para local de sua realização, devo explicar que a escolhemos por três motivos:



Excursão oficial do Congresso. Em Indaial, o Prof. Pierre Monbeig explica a paisagem do vale do Itajaí

1.º — A Amazônia esteve, até agora, esquecida pelos Congressos de Geografia. Havia, portanto, uma primeira razão, de ordem nacional, para que os congressistas, nas suas conversações preliminares aceitassem a minha sugestão no sentido de realizar-se o X Congresso em Belém do Pará.

2.º — A Geografia da Amazônia é um livro quasi em branco apesar de uma literatura geográfica que conta centenas de trabalhos. Dada, porém, a imensidão amozônica, e o fato de ser a Amazônia, como afirmava Euclides da Cunha, um mundo em formação, de certo que o próximo Congresso de Geografia naquela bravia região do Brasil muito concorrerá para a sua posse científica.

3.º — O terceiro motivo de nossa escolha residiu na atuação brilhante, e ao mesmo tempo serena e culta do Comandante Braz Dias de Aguiar, delegado do Estado do Pará, junto ao IX Congresso que acaba de realizar-se."

Submetida à votação sua proposta foi unanimemente aclamada, sendo convertida em deliberação do Congresso e comunicada ao Govêrno e ao povo paraense.

Intenso júbilo no Pará

A notícia teve grata repercussão no Estado contemplado pela escolha, cuja satisfação dos seus círculos culturais e do seu Govêrno, se traduzem claramente nas respostas, por telegrama, do interventor federal e do prefeito de Belém, à comunicação do presidente do Congresso :

"Ministro Bernardino de Sousa — Congresso Geografia Florianópolis — Belém, 18-9-940 — Acuso comunicação Vossência haver sido esta Capital escolhida para sede do X Congresso Brasileiro de Geografia à realizar-se em 1943 pt Agradecendo honrosa distinção prestada Amazônia vg de que Belém é vg sob todos aspectos vg expressão mais eloquente vg posso assegurar que serão envidados melhores esforços para que brilho e resultados futuros X Congresso não desmereçam dos que veem realizados disciplinada e competente orientação de Vossência pt Sauds cords José Malcher vg interventor federal."

"Ministro Bernardino Sousa vg presidente Congresso Geografia — Belém vg 17-9-940 — Agradeço Vossência comunicação escolha cidade Belém sede realização Congresso Brasileiro Geografia vg manifestando Vossência expressão nossa admiração vg assim como propósito envidar esforços pleno êxito futura reunião pt Ats Sds Abelardo Condurú vg prefeito Belém."

Discurso de encerramento do Min. Bernardino de Sousa

No dia 16, na sessão solene de encerramento do IX Congresso Brasileiro de Geografia, realizada no edifício da Assembléia Legislativa do Estado, o Ministro Bernardino José de Sousa, presidente do Congresso, proferiu expressivo discurso, no qual historiou os seus trabalhos, evidenciou a contribuição dos mesmos para a cultura brasileira e agradeceu em nome dos congressistas a cooperação valiosíssima do govêrno e da sociedade de Santa Catarina.

Ei-lo, na íntegra:

"Senhores: Estamos na augusta solenidade do encerramento do Nono Congresso Brasileiro de Geografia e por preceito do nosso estatuto cumpre ao Presidente dizer as últimas palavras oficiais do certame. Que palavras, porém, eu vos posso dizer: pois não está na memória de todos que êste Congresso se abriu com as bênçãos de Deus que nos derramou o Metropolitano de Santa Catarina e os auxílios e apoio integral de seu honrado e esclarecido Govêrno? Não nos lembramos todos nós do correr entusiástico, vibrante e cordial de suas sessões, nas quais os seus participantes, todos a um só rivalizavam em devoção aos altos interêsses de nacionalidade? Não sabemos todos que o fluido do nosso entusiasmo cívico se propagou por todos os recantos da Pátria, chegando-nos de momento a momentos os ecos dos seus aplausos à obra meritória que trabalhamos em dez dias de glórias que nunca jamais se apagarão ? !

Não fôsse um registro final e certo não caberiam frases, porque aí está o flagrante dos fatos acontecidos.

Sumariêmo-los:

"O Nono Congresso Brasileiro de Geografia reuniu cêrca de duas mil adesões: Estados, Municipalidades, Institutos, Associações e pessoas acorreram ao chamamento que lhes fizemos pelo amor do Brasil; duzentas e quinze teses e memórias foram-lhe apresentadas para estudo e julgamento; uma preciosíssima Exposição Cartográfica e Geográfica admirou aos milhares de pessoas que a percorreram diariamente: por isso êste Congresso tem a primazia entre quantos certames culturais já se realizaram fronteiras a dentro do país.

Vale perpetuar a sabedoria de suas decisões, o valor de seus trabalhos científicos, os primores da simpatia mútua, da serenidade nas discussões, do espírito de cooperação de que todos deram magníficos exemplos: sementeira que há de florescer e de frutificar para glória da nossa cultura — padrão do Brasil extremecido.

Não é de mister, meus ilustres companheiros de labores, encarecer-lhes a grande significação cívica e cultural; ela ressalta de tôdas as suas sessões técnicas e plenárias, qual mais elevada qual mais brilhante. Isso é o que dizem todos os lábios, que sentem todos os corações. Certo assentamos um marco miliário, na evolução da Geografia Nacional, visamos novos rumos para futuras assembléias dos geógrafos brasileiros, despertamos inteligências e estímulos, reprofundamos o sulco das pesquisas originais em searas tão úteis quanto belas e assim fizemos obra que fortificará as nossas esperanças num futuro melhor para o Brasil.

E por isso mesmo andamos a consolidar o amor da pátria: haverá porventura mais alto e mais instante dever para um brasileiro?

Certa feita, na cruzada que nos impusemos em prol da organização, propaganda e preparação dêste Congresso, escrevemos estes itens que palidamente resumem as utilidades dos Congressos Brasileiros de Geografia.

a — Já tendo passado em julgado no sentir dos povos civilizados, a opinião de que os Congressos científicos são os instrumentos mais adequados à afirmação e difusão dos conhecimentos humanos e tendo hoje a Geografia lugar excepcional "no centro e não à margem dos estudos de uma nação moderna" os Congressos Brasileiros de Geografia teem para nós uma alta significação prática, cultural e cívica;

b — Nessas reuniões periódicas dos cultores da Geografia nacional se põem em contacto estudiosos das mais afastadas regiões do país para troca de idéias e confrontos de trabalhos, para orientação de pesquisas e sistematização de resultados;

c — Nestes Congressos se estimulam e impulsionam o conhecimento da nossa amplitude territorial e da obra que nela temos realizado nos cento e poucos anos de seu domínio soberano;

d — Êles concorrem grandemente para a popularização dos estudos e conhecimentos geográficos, atraindo a atenção de todos os brasileiros para problemas que dizem respeito ao próprio destino da nacionalidade;

e — Sendo a Geografia além de uma ciência de investigação cada vez mais ampla e complexa, um ramo de ensino de mais alto valor educativo, é nessas assembléias que melhor se assentam as diretrizes de seus métodos e de suas finalidades;

f — Tais reuniões representam iniciativas de patriotismo vigilante e construtor pelo proporcionar, com o exato conhecimento da terra e do homem e de suas relações, meios seguros de possuirmos verdadeiramente, ou seja, cientificamente, o Brasil e de vencermos na competição universal;

g — Afinal exprimem, pela aproximação dos brasileiros, pelo entendimento direto e cordial congraçamento dos elementos culturais do país, uma conjunção de fôrças morais que enrijam e aperfeiçoam os sentimentos de amor e devoção à pátria.

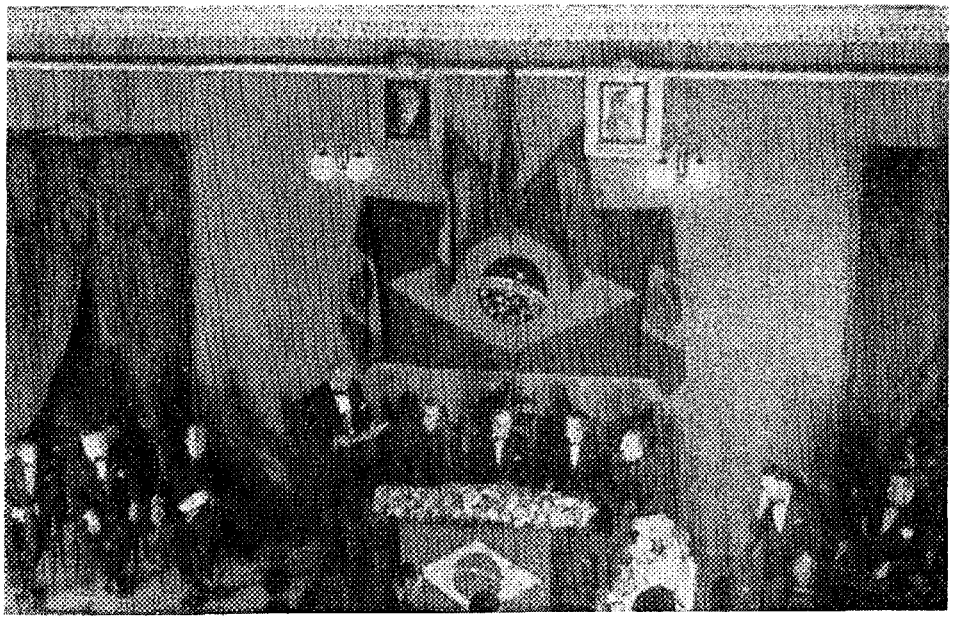
Cumpre-me fazer os registros finais e oficiais dêste Congresso afim de que fiquem acentuadas nas páginas de seus anais as lembranças inapagáveis de grandes devotamentos patrióticos.

Os mais altos dirão aos vindouros do patrocínio que lhes dispensaram o preclaro Presidente da República e o benemérito Interventor de Santa Catarina: sem o seu magno apoio e o de seus ministros e secretários não colheríamos a vitória que nos coroou os esforços.

Aquí, Senhores Congressistas, não foi só a pessoa de seu nobilíssimo Governante que se impôs à nossa admiração e mais do que isso ao nosso afeto e à nossa gratidão: foram todos os seus auxiliares, dos mais graduados aos mais modestos e humildes; foram os Institutos de cultura, Associações várias, todo o povo desta pitoresca Florianópolis e de quantas cidades andamos a visitar no cumprimento do nosso programa de geografia viva.

Tivemos o apoio de quasi todos os Estados do Brasil, de centenas de seus Municípios, de dezenas de Instituições sábias, oficiais e particulares.

Tudo isso redundou na maior concentração de geógrafos ainda realizada no país, desde os professores que educam a juventude no culto à terra e à gente brasileiras até os geógrafos militantes que, na demarcação das raias lindeiras do Brasil ou na exploração dos nossos ínvios sertões, merecem a justa consagração do nosso respeito, da nossa agradecida admiração, da nossa viva e boa simpatia desde os simples estudiosos e amadores de tão belas províncias do saber humano até os que nelas iniciam. Para todos as homenagens das Comissões Organizadora e Executiva: nós que fraternalmente labutamos na bela cruzada não deixaremos de apregoar, tempos afora, os valores da vossa cooperação.



Aspecto da sessão de encerramento, quando o Ministro João Severiano da Fonseca Hermes lia o decreto em que o Govêrno de Santa Catarina presta homenagem à memória de Alexandre de Gusmão

Aspecto da assistência na sessão do encerramento

Quero que fique registrado para todo o sempre o meu agradecimento pela honra que me deram de presidir a êsse magnífico certame. Jamais subi moralmente mais alto: eu vos juro que fiz o melhor que sabia e podia, pela grandeza do vosso mandato, pela sinceridade de minha devoção ao Brasil. Perdoai as falhas do comando: nestes oito dias de glórias só pensei no Brasil e em Santa Catarina: alí no monumento a mais de sua cultura, aquí num marco que brasileiros de todos os quadrantes da pátria cravaram nesta terra generosa e boa e que se engastará na sua história cultural.

Não lhes sei expressar, meus caros confrades do Nono Congresso, as sensações que me fazem ajoelhar espírito e coração ante a vossa fidalga distinção.

E agora as chaves que vão encerrar os nossos frutuosos e árduos trabalhos: uma é de ouro, outra de piedade cristã.

A primeira é o aplauso unânime e caloroso ao Exmo. Senhor Doutor Interventor pela assinatura que S. Excia. acaba de fazer da lei que cria no Estado de Santa Catarina o Serviço Geográfico — esplêndido coroamento desta coluna que levantamos com os brios do nosso patriotismo para lustre dêste já muito amado recanto do Brasil. O gesto de V. Excia., Sr. Interventor, honra o seu Govêrno, por tantos títulos beneméritos, exalta o Nono Congresso de que passou a ser o momento culminante.

A segunda é uma expressão de reconhecimento, um gesto de solidariedade, um imperativo de amor.

Exma. Sra. Nereu Ramos:

Em Vossa Excia. resumimos a virtude cristã de Santa Catarina. Por isso mesmo lhe rogamos a fineza de aceitar, com as flores do nosso imenso agradecimento, êste óbulo que Vossa Excia. destinará à obra piedosa e humaníssima de seu amado Preventório. Se pouco vale materialmente, tem uma alta e nobre significação: êle representa a nossa admiração, o nosso respeito, a nossa simpatia, pelo bem que anda V. Excia. a derramar na sua terra como gotas de bondade celestial. Aceitai, nobre Senhora, a comunhão da nossa solidariedade com o vosso boníssimo coração.

Meus bons amigos :

Meu espírito ascende neste instante supremo do encerramento do Nono Congresso Brasileiro de Geografia às regiões do além, para em unção de prece dizer — MEU SAUDOSO AMIGO JOSÉ BOITEUX — REALIZOU-SE O TEU IDEAL!"

O CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA NA EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS CENTENÁRIOS DE PORTUGAL

Durante o corrente ano realizaram-se em Portugal, conforme é do domínio público, grandiosas festividades em comemoração à passagem dos centenários da Fundação (1140) e da Restauração (1640) da gloriosa nação portuguesa. A essas celebrações fez-se o Brasil condignamente representar, enviando ao país irmão uma embaixada especial, chefiada pelo General Francisco José Pinto, a qual muito contribuiu para ainda mais estreitar os laços de afeto que unem as duas pátrias.

No programa das comemorações figurava a Exposição do Mundo Português, à qual o nosso govêrno deliberou prestar a melhor colaboração, construindo um pavilhão com significativos mostruários referentes ao presente e ao passado do Brasil. Para preparar a participação a êsse certame, foi constituída a Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal, sob a presidência do General Francisco José Pinto, Chefe da Casa Militar da Presidência da República.

Tratando-se duma demonstração que tinha por fim tornar maior o conhecimento da terra e do povo brasileiros, não podia o Conselho Nacional de Geografia deixar de prestar o seu apoio. Realizados os entendimentos necessários entre o seu Secretário Geral, Eng. Christovam Leite de Castro e o Presidente da referida Comissão, foi organizado o programa dessa colaboração, o qual teve pleno cumprimento.

O programa constou da elaboração de quatro mapas especiais — Físico, Regional, Político e Histórico — do Brasil e da edição da monografia *Geografia Humana do Brasil,* separata da REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA e da autoria do colaborador da Revista, Professor Pierre Deffontaines.

Os mapas elaborados pelo Conselho, atenderam à circunstância de se destinarem a uma exposição comemorativa, e tiveram assim um caráter eminentemente artístico, sem prejuízo do seu rigor científico. Sua organização esteve a cargo da Secção de Estudos Geográficos do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, órgão central do Conselho.

Dado o seu caráter artístico, foram os mapas devidamente ilustrados e ornamentados, mas de maneira sóbria, evitando-se o mais possível o uso de côres vivas. Em todos predominou a côr sépia, não só nos traços rigorosamente cartográficos, como nas ornamentações e ilustrações; estas foram executadas a aquarela, mediante o uso de diferentes tons de sépia.

Mapa físico O mapa físico teve como objetivo principal representar o relêvo e a hidrografia do país, em largos traços, mas de acôrdo com os mais recentes dados cartográficos coligidos pelo Conselho. Do uso adequado de tons claros e escuros de sépia, resultou bela representação orográfica, que dá uma impressão bastante objetiva da realidade, tomando o mapa o aspecto duma fotografia de estereocarta. Qualquer observador não especialista apreende facilmente a distribuição das grandes cristas montanhosas, e tem noção clara das habituais formas do relêvo brasileiro: grandes planaltos, limitados por escarpas abruptas, sobretudo a sudeste do país.

Merece ser ressaltada a representação da orografia do sul do Brasil, a partir de São Paulo, mostrando claramente as escarpas, os degraus do planalto, que em Paraná e Santa Catarina são em número de três principais. E' interessante notar-se como os rios tributários do *Paraná,* pela margem esquerda, rompem o terceiro degrau, o que à primeira vista causa estranheza: no entanto isto corresponde exatamente à realidade. As grandes linhas de escarpas aparecem aí transversais aos grandes afluentes do *Paraná,* ao passo que na maioria dos mapas didáticos as serras costumam ser representadas paralelamente a êsses rios, êrro êsse resultante da habitual confusão entre serra e divisor de águas. A representação orográfica dessa região foi baseada, neste mapa, nos trabalhos do eminente geólogo Eusébio de Oliveira, grande conhecedor do relêvo do sul do Brasil.

Afim de tornar mais facilmente conhecidos do grande público alguns acidentes notáveis da geografia física brasileira, foram feitas oito ilustrações representando alguns aspectos dêsses acidentes, tôdas executadas a pincel, em diferentes tons de sépia. Cada um dêsses aspectos é definido com breves legendas e recebe um número, que corresponde ao que está marcado no mapa, de modo a ser facilmente localizado. Dessas oito ilustrações, ressalta um aspecto da Serra de Cubatão, mostrando parte da baixada de Santos e do planalto pau-

lista; foi baseado numa fotografia aérea extraordinariamente expressiva, pela qual se tem a noção exata da serra como simples paredão, mera encosta do planalto. Tôdas as ilustrações foram baseadas em fotografias bem escolhidas.

Mapa regional O mapa regional constitue uma tentativa de sistematização da divisão do Brasil em grandes regiões naturais. Das diversas divisões até hoje apresentadas, é justo salientar a que foi proposta pelo geógrafo patrício, Professor Delgado de Carvalho, e que se acha adotada nos atuais programas de ensino secundário de Geografia. Tal divisão considera, para cada região, o conjunto dos caracteres dominantes, quer físicos, quer humanos. Tratando-se, porém, duma divisão para fins didáticos, preferiu muito acertadamente o Professor Delgado de Carvalho não desmembrar nenhuma das Unidades Federadas do país, fazendo coincidir sempre cada região com grupos de Estados, considerados por inteiro. As regiões, tal como apresentamos no mapa de que ora tratamos, são as mesmas cinco adotadas, abstraindo-se porém das divisas dos Estados e estendendo-se cada uma até onde continua a apresentar os mesmos característicos dominantes.

A região Norte, ou Amazônica, foi estendida, por exemplo, até onde predomina o seu característico principal, que é a presença da grande floresta equatorial, a "Hylaea" de Humboldt. Assim é que abrange o extremo noroeste de Mato Grosso, como também o oeste maranhense, onde a selva se apresenta com a mesma pujança. Já o extremo sul do Pará, a montante das grandes cachoeiras que marcam os últimos degraus do planalto central, foi considerado como pertencente à região Central, domínio dos campos cerrados. A Geografia Humana sanciona também tal delimitação: o noroeste matogrossense, por exemplo, pelas suas fáceis comunicações com o vale do grande rio, pode ser considerado como tipicamente amazônico, quanto ao povoamento, assim como ao gênero de vida dos habitantes, afeitos à indústria extrativa dos produtos da grande floresta. Já o sul do Pará, onde as comunicações com o vale são dificultadas pelas cachoeiras, poucas relações tem com a vida econômica do extremo norte.

Da comparação dêsse mapa regional com o "Cartograma das cidades do Brasil" (distribuído pelo Conselho Nacional de Geografia na Exposição Nacional dos Mapas Municipais) resulta ainda interessante observação. Examinando-se o "Cartograma", nota-se, ao norte de Mato Grosso e ao sul do Pará e Amazonas, imensa área sem uma cidade sequer, quasi absolutamente deserta. O limite norte dessa grande área aproxima-se bastante da linha que separa as regiões Central e Norte. Tal linha marca aproximadamente o limite do povoamento amazônico, fato evidentemente ligado às dificuldades de comunicação, acima referidas, determinadas pelas cachoeiras que assinalam os últimos degraus do planalto central.

A região Nordeste abrange os Estados considerados tradicionalmente como pertencentes a essa região, e ainda o sudeste piauiense e o norte baiano. O caráter predominante é, como se sabe, a semi-aridez, que repercute na vegetação, na economia e nos gêneros de vida dos habitantes. Estenderam-se assim os limites da região até onde êsse caráter se mantém predominante, fato êsse fácil de reconhecer-se nos mapas pela indicação da não perenidade dos rios. O norte baiano, por exemplo, constitue justamente a zona mais típica do nordeste, pela sua grande aridez; a descrição dessa zona, o sertão de Canudos, é conhecida por todos como exata amostra da paisagem nordestina, popularizada como ficou pelas imortais páginas dos *Sertões* de Euclides da Cunha. A Geologia estabelece também grande contraste entre tal região e a amazônica; nela, dominam as rochas do Complexo Cristalino Brasileiro e na outra, os terrenos terciários e quaternários; o sudeste piauiense, abrangido pela região nordestina, é o único trecho arqueano dêsse Estado, caracterizado além disso pela não perenidade dos rios, pela baixa e irregular pluviosidade e pela vegetação xerófila: a caatinga.

A maior parte dos Estados do Piauí e Maranhão constitue uma vasta zona de transição entre a Amazônia e o Nordeste. Tem sido mesmo um dos grandes embaraços para os geógrafos a localização regional dêsses Estados: uns consideram-nos amazônicos, outros nordestinos. Preferimos encará-los como ampla faixa de transição. Tal zona apresenta mesmo muitos caracteres peculiares, como seja a vegetação com a presença de grandes coqueirais de babaçú. Por essa razão o erudito fitogeógrafo A. J. de Sampaio, considera-a uma região à parte, para a qual propõe a denominação de "zona dos Cocais", que êle estende mesmo pelo interior do Brasil, como uma faixa que se vai estreitando, até o centro de Mato Grosso.

A região Este abrange a maior parte dos Estados de Baía e Minas (a leste do rio *São Francisco*), o Espírito Santo, o Rio de Janeiro, o Distrito Federal, e

a parte paulista do vale do *Paraíba do Sul* (a chamada zona "Norte" de São Paulo). Trata-se de uma região bastante complexa, na qual não se pode indicar um único caráter predominante, a ela peculiar. E' talvez a menos homogênea das grandes regiões, podendo ser facilmente dividida em regiões menores. Quanto à Geografia Física a divisão se faria em três faixas longitudinais — litoral, serra e planalto — ao passo que quanto à Geografia Humana destacam-se duas sub-divisões, transversais — a meridional, densamente povoada, domínio da lavoura cafeeira mais próspera no século XIX, e com regular desenvolvimento industrial e a septentrional, menos densamente povoada, e bastante relacionada com a região nordestina.

A exclusão da zona norte da Baía já foi justificada ao tratar-se do Nordeste. A parte ocidental de Baía e Minas, além do *São Francisco*, foi reunida à região Central, já pelo aspecto físico — grandes chapadões, em que predominam os cerrados —, já pelo clima — sub-tropical, com duas estações muito bem marcadas (chuva e sêca) —, já pela vida econômica, com o predomínio da pecuária. A inclusão da parte paulista do vale do *Paraíba*, justifica-se facilmente; quer pela fisiografia, quer sobretudo pela geografia humana e pela história econômica, representa uma continuação da parte fluminense do mesmo vale.

A região Sul corresponde exatamente à divisão que habitualmente se faz, com a única exclusão da chamada zona "Norte" de São Paulo, acima justificada. Apesar de menos heterogênea do que a região oriental, mesmo assim poderia ser facilmente dividida em sub-regiões distintas, como sejam o planalto paulista, a zona de araucárias e a campanha gaúcha.

Quanto à região Central, a menos conhecida do país, já ficou justificada a sua delimitação ao tratarmos das outras regiões. Apesar de relativamente homogênea, comportaria ainda sub-divisões, como sejam o Pantanal e o Planalto Sul Matogrossense.

Entre duas regiões vizinhas foram sempre admitidas zonas de transição, segundo faixas mais ou menos largas. Além da ampla zona que inclue a maior parte de Maranhão e Piauí, merece ser salientado o vale do *São Francisco*, entre as regiões central e oriental. Convém observar, contudo, que tal faixa não consiste, na realidade, numa transição entre as duas regiões vizinhas, na qual os caracteres de uma se fôssem atenuando enquanto que os da outra fôssem pouco a pouco se tornando mais acentuados. O vale do *São Francisco* é antes um prolongamento da zona do nordeste, não só quanto ao clima, mas, e sobretudo, pela geografia humana; o povoamento, os hábitos e meios de vida dos habitantes são muito relacionados com os do nordeste; o fator que distingue tal estreita faixa, da região nordestina, é a presença de um grande rio perene, tantas vêzes já comparado ao *Nilo*. Trata-se, pois, de uma pequena região com características próprias.

Convém notar que o mapa foi organizado com a finalidade de mostrar quais as "Grandes Regiões Naturais" e não tôdas as regiões menores que se poderiam considerar. E' óbvio, conforme já salientámos, que essas grandes divisões poderiam ser desmembradas em outras menores. Na Amazônia, por exemplo, o extremo norte, a zona do Rio Branco, com seus grandes campos e com seus rebanhos, difere francamente do conjunto da região; no Nordeste, destaca-se nitidamente a faixa litorânea oriental, do cabo *São Roque* para o Sul, cujas condições são bem diferentes do interior: é a chamada "zona da *Mata*", outrora coberta de florestas da encosta do planalto, sede da grande lavoura de cana de açúcar, e que não sofre o flagelo das sêcas. O mapa teve por finalidade dividir o país em "Grandes Regiões Naturais", as quais por sua vez poderão ser sub-divididas em "Regiões" menores, e estas em "sub-regiões", para o estudo mais detalhado. O objetivo foi mostrar sinteticamente ao grande público como são diversas as condições geográficas do Brasil e como se distribuem.

Para cada uma das grandes regiões foi organizado um pequeno quadro com os seus caracteres predominantes, distribuídos em seis "itens": relêvo, geologia, clima, flora, população, economia. Conforme foi explicado, para cada um dêsses "itens" foi dado o caráter *predominante*, seja quanto à importância relativa, seja quanto à área em que se manifesta; não se quis assim significar que *tôda a região* participasse de um certo caráter. O problema, bastante difícil de resolver-se, consistiu em tentar definir cada região por um mínimo de palavras. Somente nas regiões menos homogêneas foi preciso considerar-se já uma certa sub-divisão, como por exemplo, foi feito na região leste: *"Flora* — Florestas, no litoral; campos cerrados, no planalto; — *População:* Densidade elevada, ao sul; regular, ao norte".

Muito expressiva é a colecão de nove ilustrações, em aquarela sépia, com aspectos típicos das regiões. Para as regiões menos homogêneas foram necessários dois ou três aspectos concordando com as indicações dos quadros de caracteres predominantes.

Mapa político O mapa político, apresenta as características habituais a êsse gênero cartográfico. Conforme foi dito no início dêste comentário, procurou-se evitar qualquer aspecto berrante, utilizando-se unicamente a côr sépia. Mediante uma escolha cuidadosa, evitou-se o acúmulo de topônimos nas regiões mais densamente povoadas, limitando-se as cidades às principais. O critério para essa escolha foi o da importância relativa, levando-se em conta as condições regionais, importância essa avaliada pela população, pela tradição histórica, pelo papel na economia regional. etc. Foi objeto de especial cuidado a fidelidade dos nomes de cidade, e a verificação da sua atual categoria, de acôrdo com as leis gerais quinquenais sôbre a divisão territorial do país, em obediência ao decreto-lei n.º 311, de 2 de Março de 1938.

Os limites internacionais acham-se meticulosamente revistos, de acôrdo com as últimas demarcações realizadas pelas Comissões Mistas. Igual cuidado mereceram as divisas ínter-estaduais, das quais muito poucas não se acham ainda perfeitamente definidas.

Acompanha o mapa um quadro estatístico relativo à superfície, à população e à densidade demográfica das Unidades Federadas, e à população das suas capitais, segundo as estimativas feitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, para 31 de Dezembro de 1938.

O mapa político constituiu uma homenagem às duas nações — Portugal e Brasil — nas pessoas dos seus respectivos Chefes de Estado. Aparecem reunidas as duas gloriosas bandeiras, encimadas pelas efígies dos dois Presidentes e pelos escudos nacionais. Tôda a ornamentacão apresenta o tom predominante de sépia, com exceção, naturalmente, das duas bandeiras.

Mapa histórico O mapa histórico teve por objetivo mostrar em largos traços como se verificou a formação territorial do Brasil, dando o devido relêvo à obra dos desbravadores dos sertões, na época colonial, obra essa que reveste o caráter de grandiosa epopéia, atestado indiscutível da capacidade colonizadora de uma raça. Conforme se lê logo abaixo do título, obedeceu o mapa a um programa determinado, constando das seguintes partes: "Consolidação do domínio português — O bandeirismo e o recuo do meridiano — Formação das fronteiras". A carta perderia tôda a clareza e não atenderia aos seus objetivos se pretendesse fazer uma síntese de tôda a história colonial do Brasil; por isso foi precisamente delimitado o seu programa, tendo em vista pôr em relêvo a obra dos nossos maiores na formação das fronteiras desta grande Pátria. Dentre as fontes que serviram de base a êsse trabalho, merecem ser destacadas as obras magistrais *Fronteiras do Brasil no Regime Colonial* do Embaixador José Carlos de Macedo Soares, *Ensaio de Carta Geral das Bandeiras Paulistas* de Afonso de Escragnolle Taunay e *As Fronteiras do Brasil* de F. A. Raja Gabaglia.

O exame atento do mapa permite apreciar as principais fases da história da nossa formação. Em primeiro lugar aparece o célebre meridiano de demarcação, determinado pelo Tratado de Tordesilhas, em expressivo realce, ladeado pelas armas de Portugal e Castela com suas respectivas côres. O Brasil apresenta esta particularidade: ainda antes de descoberto, já tinha seus limites definidos. A localização exata dêsse meridiano constitue, como é sabido, dificuldade invencível, pois o tratado, ao fixar a sua posição em trezentas e setenta léguas a oeste do arquipélago de *Cabo Verde*, não determinava de qual das ilhas se deveria contar essa distância, nem a qual dentre as léguas usuais se referia, nem ainda se tal distância deveria ser contada ao longo do paralelo dessas ilhas, ou ao longo do *Equador*. Por tal motivo teem sido muito diversas as interpretações, variando a posição proposta por vários cartógrafos, desde 42°30' até 49°45' a oeste do meridiano de *Greenwich*. Preferiu-se, assim, adotar a localização mais usual, que é a proposta por Varnhagen; a linha passa, nesse caso, um pouco a oeste de Belém do Pará e da cidade de Laguna, em Santa Catarina, com a longitude aproximada de 48°50' W. de Greenwich.

Do meridiano de Tordesilhas para o oriente, acham-se traçadas as divisórias das Capitanias Hereditárias, primeiro passo para a organização administrativa da colônia. Para cada capitania são dados os nomes dos donatários respectivos, assim como as suas denominações tradicionais. Quanto à primeira parte do programa, "Consolidação do domínio português", é dado especial realce às lutas com os estrangeiros, em suas tentativas de estabelecimento no Brasil; acha-se colorida em róseo a faixa litorânea que corresponde à máxima expansão do domínio holandês; as outras tentativas de estabelecimento, tais como as dos franceses no Maranhão e no Rio de Janeiro, e dos holandeses na Baía, acham-se indicadas com as respectivas datas, em caracteres azues. A marcha

progressiva da colonização pode ser ainda bem avaliada pelas datas de fundação das principais cidades e vilas da época colonial.

A epopéia bandeirante acha-se objetivada no mapa com a inscrição dos nomes dos mais famosos desbravadores de sertões, com a indicação, por meio de pequenas barras em vermelho, dos pontos extremos atingidos por êles, com as respectivas datas. Dentre as diversas atividades dos bandeirantes, deu-se especial atenção àquelas que influíram de modo decisivo na futura delimitação do país, deixando de parte quasi tôdas as que se desenrolaram no centro, com exceção apenas das de Fernão Dias Pais Leme, em Minas e de Bartolomeu Bueno, em Goiaz. Pela observação das barras que indicam os pontos extremos, a oeste, atingidos pelos bandeirantes, tem-se já uma idéia das fronteiras atuais do país, em largos traços, obra da atividade daqueles homens de rija têmpera.

A sanção jurídica da obra bandeirante, acha-se representada pelas linhas de fronteiras determinadas pelos Tratados de Madri (1750) e de Santo Ildefonso (1777) as quais correm juntas em quasi todo o contôrno ocidental, apenas afastando-se no extremo sul. Na região da bacia do *Prata* acha-se colorida em róseo, numa larga mancha, a parte outrora ocupada pelas reduções jesuíticas espanholas, que formavam a província de Vera, em Mato Grosso, e de Guaíra, no atual Paraná, as quais foram destruídas pelos bandeirantes paulistas na primeira fase do bandeirismo, o chamado "ciclo da caça ao índio", no início do século XVII. Mais ao Sul, entre as linhas dos tratados de Madri e de Santo Ildefonso, está figurada, com a mesma convenção, a região conhecida pelo nome de "Os sete povos das Missões", conquistada definitivamente pelos luso-brasileiros, durante a guerra de 1801.

À fixação das nossas fronteiras, resultado da epopéia bandeirante e consagradas pelos tratados, segue-se a admirável obra de prudência que constituiu o seu balizamento pelas fortificações coloniais. Os principais fortes de fronteira acham-se assinalados, com as datas em que foram construídos, desde o Forte de Santa Teresa no extremo sul até o de São Joaquim no rio *Branco*. Tais construções ciclópicas, que hoje nos produzem assombro, dadas as incríveis dificuldades que os seus realizadores tiveram de enfrentar — imensas distâncias a que era necessário transportar os materiais, através de florestas densas, pelos rios frequentemente encachoeirados, sob constante ameaça da parte dos selvícolas — constituem sem contestação a maior prova de capacidade e de valor dos colonizadores lusitanos e seus descendentes. Como homenagem a êsse esfôrço gigantesco, reproduz o mapa um aspecto do famoso Forte Príncipe da Beira, à margem do *Guaporé*, em plena floresta; tal baluarte, que se achava já completamente abandonado, foi redesvendado aos brasileiros pela Comissão Rondon.

As fortificações principais — São Joaquim, São José de Marabitanas, São Francisco Xavier de Tabatinga, Príncipe da Beira, Nova Coimbra, Nossa Senhora dos Prazeres, São Miguel e Santa Teresa — constituíam os marcos extremos de nossas fronteiras coloniais. A atividade espontânea dos bandeirantes, e a eficiente atuação dos diplomatas, militares e administradores portugueses legaram assim ao Brasil, esboçadas em traços gerais, mas firmemente balizadas, as lindes do seu território. A comparação das linhas antigas com as atuais, também figuradas no mapa, mostra que os estadistas do Brasil independente não desmereceram dos seus maiores e continuaram a sua obra fixadora dos nossos limites. Alexandre de Gusmão, inspirador do memorável tratado de 1750 e o Barão do Rio Branco, o grande chanceler do período republicano, são elos duma longa cadeia de estadistas e demarcadores unidos numa continuidade admirável, seguidores de uma única política, cujos princípios fundamentais permanentes foram sempre o "uti possidetis" e a "boa vizinhança".

Simbolizando a nossa formação, estão representadas no mapa, em tom sépia bastante diluído, as figuras de Pedro Álvares Cabral e de Antônio Raposo Tavares. A imagem de Cabral é reprodução da estátua de Rodolfo Bernardelli erigida no Rio de Janeiro (Largo da Glória) e cuja cópia foi oferecida a Portugal por ocasião dos festejos dos Centenários. Algumas caravelas quinhentistas e uma faixa com a data do descobrimento, completam a alegoria em homenagem aos colonizadores portugueses.

A imagem de Antônio Raposo Tavares, baseou-se na estátua existente no Museu Paulista, da autoria de L. Brizzolara e representa o grande bandeirante em expressiva atitude: no mapa está colocado além do meridiano de Tordesilhas e aparece surgindo da região paulista, visando ao ocidente longínquo. Tal figura simboliza a arrancada bandeirante para o Oeste.

São estas as principais características do mapa histórico, cujos objetivos foram, não só, didáticos mas também uma reafirmação expressiva da grandiosa obra levada a efeito pelos colonizadores lusos e seus descendentes.

O OITAVO CONGRESSO CIENTÍFICO AMERICANO DE WASHINGTON

Realizou-se entre 10 e 21 de Maio do corrente ano a reunião do *8.º Congresso Científico Americano,* em Washington, sob os auspícios do govêrno dos Estados Unidos. A esta reunião estiveram presentes representantes de tôdas as Repúblicas do nosso hemisfério e delegados de várias associações científicas do Continente.

No lindo quadro da primavera norte-americana, a bela capital recebeu carinhosamente tôdas as delegações e as reuniões se processaram numa atmosfera de grande cordialidade. A presidência efetiva da assembléia coube ao Dr. Sumner Welles, que angariou simpatias gerais pelo seu tato e sua gentileza. As onze secções do Congresso funcionaram em estabelecimentos diferentes, mas as sessões plenárias eram realizadas na *União Panamericana.* Foram organizadas interessantes excursões à Virgínia e à *Feira Mundial de Nova York.*

Representaram o Brasil neste 8.º Congresso o Dr. A. Cardoso Fontes, diretor do Instituto Osvaldo Cruz e chefe da delegação e os Srs. Drs. Barros Barreto, Manuel de Abreu, Sousa Araújo, Glycon de Paiva, Maurício Gudin, Evandro Chagas, Ernesto Fonseca Costa, Nabuco de Araújo, Valter Osvaldo Cruz, Roquete Pinto, Miranda Jordão, Cerqueira Lima, Vital Brasil, Nelson de Sena, Simões Silva, Filadelfo Azevedo, o comandante Radler de Aquino e o Sr. Delgado de Carvalho, que se achava nos Estados Unidos, fazendo conferências em universidades norte-americanas, a convite do *Carnegie Endowment for Peace.*

I — A secção de "História e Geografia" foi presidida pelo prof. Clarence Haring, conhecido autor de trabalhos sôbre a América Latina e professor em Harward. A vice-presidência coube a um amigo do Brasil, o professor Preston E. James, que apresentou um interessante estudo econômico-demográfico sôbre centros de expansão na América Central, na Colômbia e no Sul do Brasil. A discussão do seu trabalho levou os congressistas da secção a uma troca de idéias e de informações que determinarão com certeza estudos mais aprofundados da tese apresentada, pois trata-se de uma interpretação de vital importância das melhores condições da colonização e da "marcha para o oeste".

Entre as teses apresentadas por brasileiros ou relativas ao Brasil, algumas se referiam mais especialmente à geografia física e econômica e podem ser sumariamente descritas.

O prof. John L. Rich, da Universidade de Cincinnati, que, em Outubro de 1939 relatava na *Geographical Review* uma viagem aérea de Washington a Cincinnati com abundante documentação fotográfica, apresentou no Congresso, um trabalho análogo relativo ao Brasil. Foi um vôo do Rio de Janeiro ao Paraguai, por São Paulo, Curitiba, Iratí, Guarapuava e o Iguassú. As fotografias eram inúmeras, boas e perfeitamente localizadas sôbre o mapa. A descrição foi sumária mas interessante porque dava uma noção da topografia, da vegetação e da ocupação humana, de todos os vinte ou trinta mil quilômetros. Foi elogiado o orador pelo comandante Radler de Aquino.

Uma comunicação do paleontologista brasileiro, Dr. Matias de Oliveira Roxo foi lida na secção de geologia. Referia-se a um estudo retrospectivo da flora permiana no Brasil. Depois de referências ao trabalho de I. C. White, em 1905, o autor procura uma interpretação das origens do carvão nacional. Reconstituindo o *habitat* da flora permiana, a conclusão leva a acreditar na existência de um clima muito similar ao atual clima da Nova Zelândia, no qual vingava ao mesmo tempo que uma flora cosmopolita um certo número de tipos gondwanianos.

Um outro estudo geológico relativo ao Brasil foi apresentado pela Dra. Júlia Gardner, do Serviço Geológico dos Estados Unidos. Refere-se aos depósitos terciários marginais que repousam sôbre o complexo brasileiro e nas bases orientais da cordilheira andina. E' estabelecida pela autora uma tentativa de sequência estratigráfica.

Também na secção geológica, fez uma comunicação o prof. Ch. E. Weaver, de Seattle, ocupando-se do mesozóico na América do Sul e fazendo algumas referências ao Brasil.

Na secção de Estatística foi lido o belo trabalho enviado de São Paulo pelo Dr. Roberto Simonsen, um dos acatados técnicos do nosso Instituto. Tratava

a comunicação da relação entre recursos econômicos e correntes demográficas e foi lida pelo Dr. Cerqueira Lima. Um cuidadoso estudo das reações de nossa economia sôbre as nossas populações apresenta um quadro histórico das pulsações de nossas correntes imigratórias internas e externas. Simonsen mencionou "migração planificada" e "cooperação panamericana". Algumas de suas conclusões sôbre padrão de vida e sôbre imigração dirigida para evitar desequilíbrio chamaram muita atenção dos ouvintes.

Mencionemos ainda a comunicação do Dr. Roquete Pinto, lida na secção de Antropologia. O autor refere-se à sua classificação do nossos grupos raciais (leucodermos, faiodermos, melanodermos e xantodermos); avalia em 51 % a população branca para o país, em 22 % o elemento mestiço-mulato e em 11 % o caboclo, ficando 14 % para os negros e 2 % para os índios. As medidas cranianas, nasais, altimétricas e outras, efetuadas pelo autor sôbre 2.000 de indivíduos o levaram a considerar vários tipos dentro do mesmo grupo de pigmentação. A conclusão de seu estudo dos faiodermos o leva a declarar "que o índice nasal dêstes mestiços tende para o tipo branco leptorrínio. E' observação corrente que muitos mulatos teem cabelo e côr de negros e ossos nasais de brancos. A mistura de raças propriamente dita é idéia antiquada. Não podemos mais falar de mistura, mas sim de combinação de tipos, como combinação química em que os elementos perdem algumas de suas propriedades enquanto o produto composto apresenta outras".

Roquete Pinto insiste em demonstrar que o tipo faiodermo é, em regra, pouco homogeneo. Quanto ao grupo melanodermo, lembra que é braquicefalico entre nós, quando na Africa é mais frequentemente dolicocefálico. Êle atribue o fato a um simples caso humano de mutação. Conclue que, praticamente, o negro puro é inexistente no Brasil e compara o negro brasileiro ao tipo que Fischer chamou de "bastardo" na África do Sul. Suas notas sôbre o aspecto fisiológico da questão referem-se ao caráter social das influências exercidas sôbre o elemento étnico e terminam com um elogio do valor das populações nordestinas.

O professor Raymond Pearl, da John's Hopkins, leu um interessante estudo que, se não se refere especialmente ao Brasil, nos envolve entretanto nas "tendências e características das populações do Novo Mundo" e, por isso, é de grande oportunidade. O autor compara as densidades das três Américas às densidades dos outros continentes — comparou os índices do crescimento do Hemisfério ocidental aos da Europa: e, em 1900-10 foi 2,4 vêzes maior o nosso índice, em 1910-20 foi 7,8 vêzes maior e em 1920-35 passou a 2,1 vêzes maior apenas. Manteve o contínuo progresso a superioridade do índice vital e também da nossa distribuição da população por idades.

Atendendo a renovados pedidos para que se fizesse presente ao 8.º Congresso, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apresentou, pelo seu delegado, Dr. Alberto de Cerqueira Lima, além do trabalho do Dr. Roberto Simonsen, já referido, as seguintes contribuições: — *Notícia sôbre o desenvolvimento da estatística no Brasil,* do Dr. M. A. Teixeira de Freitas; *A glimpse into the coming fifth census of Brazil,* contribuição da Comissão Censitária Nacional; *Conselho Nacional de Geografia — Organização e Realizações,* do Dr. Cristóvão Leite de Castro; *Sôbre o cálculo de tábuas de sobrevivência das populações para as quais não existem estatísticas de óbitos e nascimentos,* do professor Giorgio Mortara; e *Notícia sôbre a Sociedade Brasileira de Estatística,* da Secretaria Geral do I. B. G. E.

II — As resoluções tomadas pelo *Oitavo Congresso Científico Americano* traduziram (e talvez não seja isso apenas uma coincidência) uma constante preocupação de criar e manter no Hemisfério ocidental uma mentalidade panamericana, conciente de seus interêsses reais, de suas necessidades de desenvolvimento pacífico e de seus direitos. Êste Congresso, tão oportunamente reunido, foi uma réplica no domínio da cultura pura, de tôdas as reuniões de caráter político nas quais teem estado empenhadas as Repúblicas do nosso Continente.

Vejamos algumas das resoluções que foram tomadas no Congresso.

Na *Secção de Geologia,* os congressistas emitiram o desejo de ver, no futuro congresso o mapa geológico de 1:5.000.000, uniformizado com o mapa correspondente atualmente em revisão nos Estados Unidos. Recomendaram também um inventário de tôdas as riquezas minerais do Continente.

Na *Secção de Agricultura* foram emitidos votos de cooperação por meio da criação de uma "Comissão Inter-americana de Conservação", encarregada de estudos sôbre solos, águas, riquezas naturais e meios de preservar recursos econômicos. Há uma consideração especial do desenvolvimento da agricultura tropical. O secretário norte-americano de Agricultura, Sr. Henry Wallace, tinha feito um eloquente apêlo dissertando sôbre o "papel vital" desempenhado pela lavoura nas relações inter-continentais e sôbre a necessidade de um *Instituto de Agricultura Tropical*. Um dos pontos que foi mais discutido nesta Secção nos interessa especialmente, pois referia a um estudo das possibilidades da produção da borracha. Esta Secção foi, aliás, uma das mais ativas do Congresso.

Na *Secção de Estatística* o trabalho não foi menos eficiente e entre as recomendações votadas ficou a criação de um *Instituto Inter-americano de Estatística* com um Anuário, Boletins ou Revista e publicações de estatística demográfica. Decidiu-se recomendar a padronização dos métodos e o ensino universitário da Estatística. Foi nesta Secção que se votou felicitações e gratidão ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, considerando o nosso empreendimento como significativo e modelar nos seus planos de coordenação de estatísticas nacionais.

Na *Secção de História e Geografia,* resolveu-se recomendar a coordenação dos esforços na investigação histórica dos diferentes países. Visaram também os geógrafos estabelecer conexões mais intensas entre sociedades de geografia do Continente, considerando os membros de cada uma delas como correspondentes das demais e estabelecendo intercâmbio de relatórios e publicações.

Na *Secção de Economia e Sociologia,* foi votada a significativa resolução seguinte: "recomendando o exame mais completo e minucioso das potencialidades dos países do Hemisfério americano para emprêgo de capital capaz de desenvolver adequadamente os recursos dos países, em vista de promover intercâmbio de mercadorias entre as Nações americanas...". Será fundado também um *Instituto Panamericano de Pesquisas Econômicas e Sociais*. Foi numa das reuniões plenárias que o chefe da delegação brasileira, Dr. Cardoso Fontes, obteve uma emenda a uma resolução desta Secção. Tendo sido incluído apenas o espanhol como língua obrigatória a recomendar, o representante brasileiro modificou a redação e obteve a aprovação da resolução sob a forma seguinte: "O 8.º Congresso Científico Americano resolveu recomendar às instituições educacionais das vinte e uma Repúblicas Americanas o estudo obrigatório das línguas oficiais da America em condições de absoluta equivalência...". Foi uma vitória para o ensino do português que ia sendo deixado de lado pela maioria considerável constituída pelos delegados de língua castelhana. "Contentemos os nossos bons amigos brasileiros...", disse sorrindo o Dr. Sumner Welles ao mandar reconsiderar a proposta da Secção. Assim venceu a patriótica atitude de Cardoso Fontes!

Na *Secção de Educação,* em que foram lidas comunicações interessantes dos Drs. Lourenço Filho, Carneiro Leão e outros brasileiros, a preocupação de difundir o espírito panamericano não foi menor. A lado de resoluções sôbre intercâmbio de resultados de pesquisas, de livros de história e geografia, de dados sôbre as respectivas Repúblicas, etc., recomendou-se a redução de tarifas e fretes para livros científicos e votou-se a criação de uma *Universidade Inter-americana,* autônoma, em Panamá, com a cooperação da *União Panamericana.*

Em conclusão, o *Oitavo Congresso Científico Americano* de Washington foi a realização de uma grande iniciativa e permitiu que, pela primeira vez, as aspirações do Continente fôssem formuladas de modo concreto, acordando em cada um dos países dêste Hemisfério a "conciência panamericana" da qual o momento atual parece provar a urgente necessidade. Os delegados votaram uma moção de gratidão ao Presidente Franklin Roosevelt que, a 10 de Maio, tinha inaugurada a Assembléia pronunciando, numa das horas mais decisivas da História da Humanidade, um discurso que o mundo inteiro ouviu com respeito e acatamento, e que marcava o contraste existente entre a infeliz situação de outros setores da Terra e os pacíficos propósitos da reunião que se inaugurava.

Cabe agora aos Governos das vinte e uma Repúblicas do Continente levar em consideração o que aí foi recomendado e executar, na medida do possível, os sábios conselhos ditados por um espírito de sadio e forte panamericanismo.

D. de C.

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
15 DE NOVEMBRO
3
DE 1889
EXPOSIÇÃO·COMEMORATIVA
DOS
CENTENÁRIOS·DE·PORTVGAL
BRASIL FÍSICO
ESCALA 1:5.000.000
MAPA·ORGANIZADO·PELO
CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA
BRASIL

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS CENTENÁRIOS DE PORTVGAL

BRASIL
MAPA HISTÓRICO

CONSOLIDAÇÃO DO DOMÍNIO PORTUGUÊS

O BANDEIRISMO E O RECUO DO MERIDIANO

FORMAÇÃO DAS FRONTEIRAS

EXPOSIÇÃO COMEMORATIVA DOS CENTENÁRIOS DE PORTUGAL

BRASIL REGIONAL

- GRANDES REGIÕES NATURAIS -

MAPA ORGANIZADO PELO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

BRASIL

LEGENDA:

BURROS DE CARGA

A dispersão do povoamento do interior do Brasil, desde o início da colonização, e as necessidades do comércio e das comunicações, deram em resultado o uso de transporte em dorso de animal. Tal tipo de transporte não foi de maneira mais decisiva oriundo do afastamento dos centros populosos; determinou-o, antes, o tipo de estrada a percorrer. O relêvo acidentado do nosso território contribuiu para que os caminhos fôssem com frequência íngremes e tortuosos; as florestas eram também um sério obstáculo a vencer e as estradas que as atravessavam eram em geral estreitas, com solo escorregadio e pouco consistente, dada a umidade reinante; a pavimentação, quando havia, era feita de maneira rudimentar, com pedras irregulares. Assim, entre o carro de boi e o burro, triunfou o último, por melhor se adaptar a tal estrada. O transporte em lombo de muar é, assim, função da precariedade das vias de comunicação e do acidentado do relêvo.

E' fácil imaginar-se a importância dêsse transporte, principalmente quando o Brasil não conhecia a ferrovia nem a estrada de rodagem. Saint-Hilaire, descrevendo o Pôrto de Estrêla de 1819, extremo da estrada de Vila-Rica, mostra-se impressionado com o movimento intenso emprestado pelas "tropas" que asseguravam a ligação entre o sertão mineiro e o Rio. Igual movimento, não inferior ao de certas estradas européias da época, observava-se em outros portos-entrepostos, como Guassú e Pôrto das Caixas.

Na história do transporte no Brasil, ressalta logo, pela sua simplicidade e valor, a bêsta de carga. Ainda hoje, onde não se conhece ou não se acomoda o automóvel, é a tração animal ou a carga em lombo de muar o meio mais comum de transporte, apesar mesmo da profunda penetração atual do caminhão-automóvel. Quanto à espécie do animal empregado, varia com os recursos de cada região. Entretanto, o burro é o elemento preferido, por suportar melhor a crueza do caminho e o pêso da carga.

A "tropa", ou o burro isolado, constitue no interior do Brasil o tipo genérico da circulação geral, para cargas: apresenta grande raio de ação e é o mais encontradiço. E' um combóio de muitos animais de carga que, conforme o número, é dividido em dois ou mais lotes conduzidos cada um pelo tocador. O condutor-chefe, o tropeiro, muitas vêzes é o proprietário. Êste conjunto, que se desloca em passo lento, desperta logo a atenção pela "madrinha" que vai à frente, adornada de fitas e chapas de metal e fazendo bimbalhar pequenas campainhas ou guizos. O papel da "madrinha" é orientar os outros animais e facilitar a sua reunião após o descanso.

Em certos pontos do país, a "tropa" é empregada nos trabalhos da fazenda. No entanto, a circulação local, de pequeno percurso, é executada, de preferência pelo carro de boi, ao passo que a "tropa", embora seja um meio mais primitivo, é mais usada para circulação geral, a grandes distâncias.

Segundo o Prof. P. Deffontaines, o "tropeiro" foi o traço de união entre o norte e o sul do Brasil: o sul, plano, campestre e criador, forneceu o elemento necessário para penetrar o norte, acidentado e florestal; Sorocaba, situada em posição propícia, era "a cidade-eixo entre o país da árvore e o da erva, e por isso tornou-se o centro das feiras de animais". Os rios, correndo no sul, da periferia para o centro, não ofereciam escoadouro prático para os produtos do interior. Coube êste papel à bêsta de carga, à "tropa". O valor considerável do animal como agente transportador pode ser avaliado comparando-se a escassa quilometragem das nossas estradas de ferro e de rodagem.

A primeira concorrência sofrida por êsse sistema de transporte na grande circulação foi, de certo, o caminho de ferro e mais tarde a rodovia. Mas, quer os trilhos, quer as faixas lisas das rodovias, não extinguiram a "tropa", que continua a exercer função importante no "hinterland". Modernamente, a "tropa" atua entre as pequenas cidades, vilas e povoados, convergindo para as feiras.

Na época colonial o muar prestou sempre relevantes serviços. Nas audaciosas arremetidas dos bandeirantes pelo sertão, acompanhava-os o cargueiro. Neste serviço o cavalo foi elemento escasso. Até hoje, passados três seculos, o muar continua junto do homem nas lutas mais árduas, principalmente no nordeste, onde o jumento resiste à sêca e auxilia eficaz e pacientemente o Homem.

A estampa não focaliza propriamente uma "tropa" que, conforme foi dito, é constituída de grande número de animais. Representa caboclos que levam para as feiras os produtos de suas roças, devendo trazer depois aquilo de que mais necessitam. Alguns fazem ainda serviços de empreitada e correio, e distinguem-se pela honestidade e zêlo.

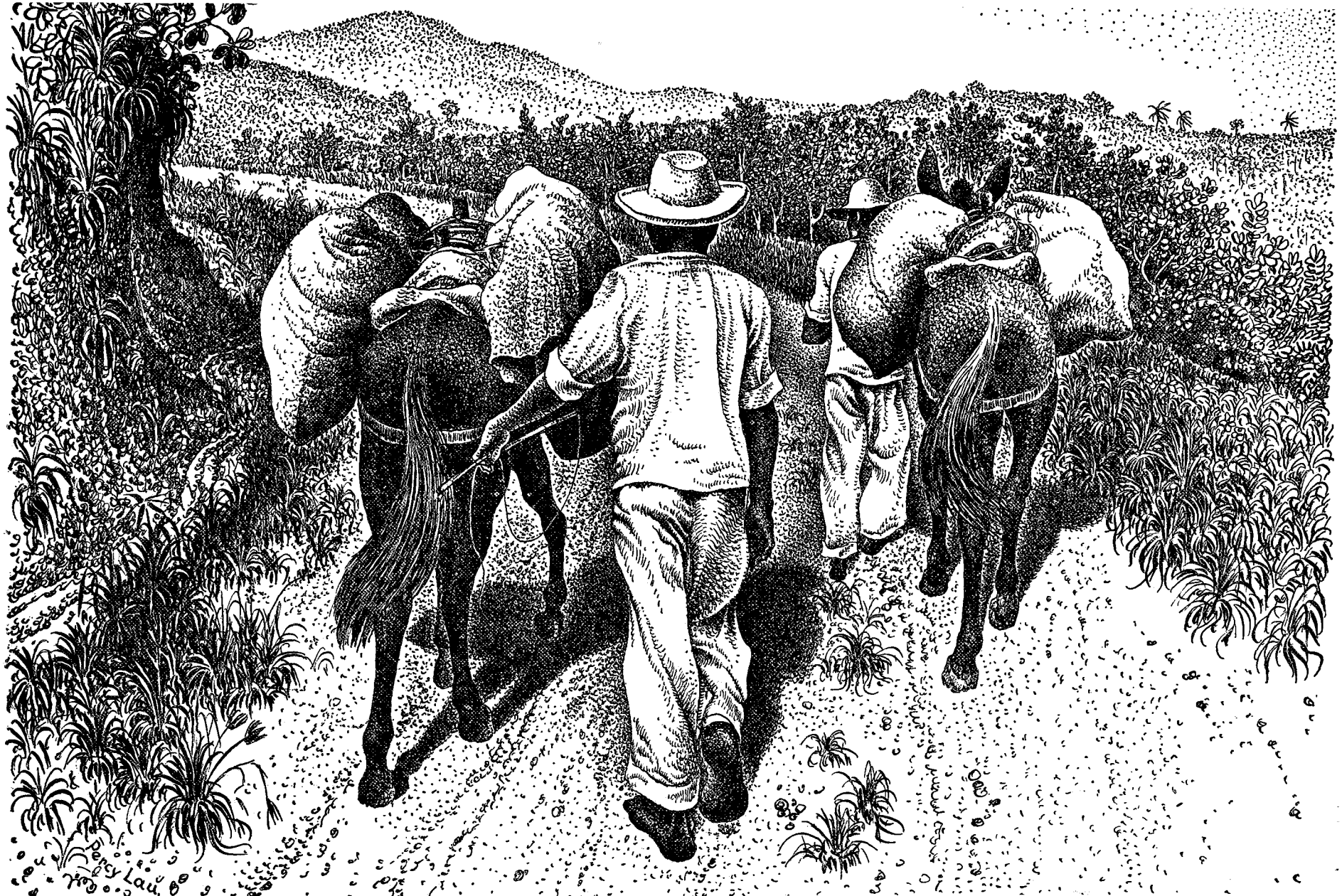
O equipamento do cargueiro é mais ou menos fixo para tôdas as regiões em que é encontrado. A base dêste equipamento está na cangalha: um colchão de palha trançada formando sistema com um aparelho de madeira, que serve para suportar a carga. Como dispositivos complementares, usam-se a cilha comum, para evitar o deslisamento lateral da cangalha, e o rabicho e o peitoral com a função de impedir o avanço livre da carga para diante ou para trás. Aliás, a segurança do transporte reside numa boa distribuição da carga e consequente equilíbrio, no que o caboclo é perito.

Conforme o gênero da carga, varia o tipo do seu acondicionamento para o transporte. Assim, a carga pode ser levada em sacos, em fardos, em bruacas ou em caçuás. Geralmente os grãos são levados em sacos com a abertura costurada, deitados ao comprido e cintados por uma corda fina que os prende ao cabeçal da cangalha. O algodão é carregado em fardos deitados, e constitue a carga mais fácil de transportar por ser a mais homogênea. A cana, assim como a lenha, vai reunida em pequenos feixes. O caçuá é usado para as cargas mais variadas: o milho em espiga, porcos, galinhas e, no nordeste, no tempo das sêcas e grandes migrações, até crianças. E' um enorme cesto ou jacá feito de cipó trançado; alguns são tão compridos que quasi tocam o solo, razão por que se empregam também os equinos neste gênero de transporte. A bruaca é um saco de couro, provido de alças, em que o prolongamento de um dos lados serve de cobertura ou fêcho. E' largamente usado em Mato Grosso, onde o caçuá é desconhecido.

Quando a jornada a vencer é longa e dura alguns dias, o carregamento é protegido por uma lona impermeabilizada para evitar danos por chuva. O condutor apresenta-se também pitoresco: descalço ou de alpercatas; chapéu de couro ou palha; camisa e calça frequentemente remendadas com chitas diversas; na mão, o relho de cabo flexível e corda de couro trançado.

E' êste o tipo de transporte e condutor mais comum no Brasil. As necessidades imediatas e a modéstia do meio determinaram um sistema de transporte satisfatório — embora rústico — para a pequena economia que êle movimenta.

O desenho reproduz uma fotografia da obra "Brasilien" de Peter Fuss.


Percy Lau

FLORESTA DA ENCOSTA ORIENTAL

A chamada "floresta atlântica" do Brasil, ou "mata costeira" ou "floresta oriental" ou ainda "Dryades" segundo Martius, estende-se em latitude, por quasi 25º, na encosta oriental do planalto brasileiro, desde o Rio Grande do Norte, indo morrer nas ondulações das serras do Erval e Tapes, ao sul.

Dado o seu caráter equatorial, é como que outra "Hylaea" envolvendo o Brasil pela face oceânica. Essa imensa fachada de vegetação densa dá ao visitante desprevenido uma noção falsa do que seja o interior do país; imagina-se o Brasil todo montanhoso e florestal, mas, galgado o planalto, a paisagem muda completamente e cai-se, em geral, no domínio dos cerrados.

Esta barreira vegetal constituiu um obstáculo à penetração do interior, exercendo ao mesmo tempo um papel de fixador de grupos litorâneos. Deffontaines diz mesmo que a massa florestal foi mais difícil de vencer do que o escarpado da encosta. Com o bandeirantismo e os ciclos da cana de açúcar e do café, a selva foi cedendo à penetração.

O assentamento destas matas numa encosta pronunciada e erigida em barreira, cujos rebordos mais elevados teem a altitude média de 800 a 1.000 metros, explica-se principalmente pelo alto grau higrométrico reinante, em função mesmo do relêvo: as chuvas e a umidade são garantidas pelos ventos que, soprando do Atlântico, são retidos pela barreira montanhosa, a qual funciona então como gigantesco condensador, em virtude do conhecido fenômeno: as massas de ar úmido, obrigadas a se elevarem ao longo da encosta, expandem-se pela diminuição de pressão, e resfriam-se condensando o vapor dágua, que se resolve em chuvas ou permanece sob a forma de névoas. O ponto de maior pluviosidade está no Alto da Serra de Cubatão *(Santos) com 3.635 m/m anuais (média de 60 anos). Favorece ainda a formação florestal a temperatura, cuja média anual não excede 26º (Pernambuco) nem desce a menos de 17º (Rio Grande do Sul). Aqui, como na Amazônia, a vegetação, determinada sobretudo pela umidade e pela temperatura, mostra-se relativamente indiferente ao fator geológico. A natureza do solo não deixa, contudo, de ter certa influência: oriundo da decomposição de rochas do Complexo Cristalino Brasileiro, constitue êle ótimo terreno para o desenvolvimento da floresta.*

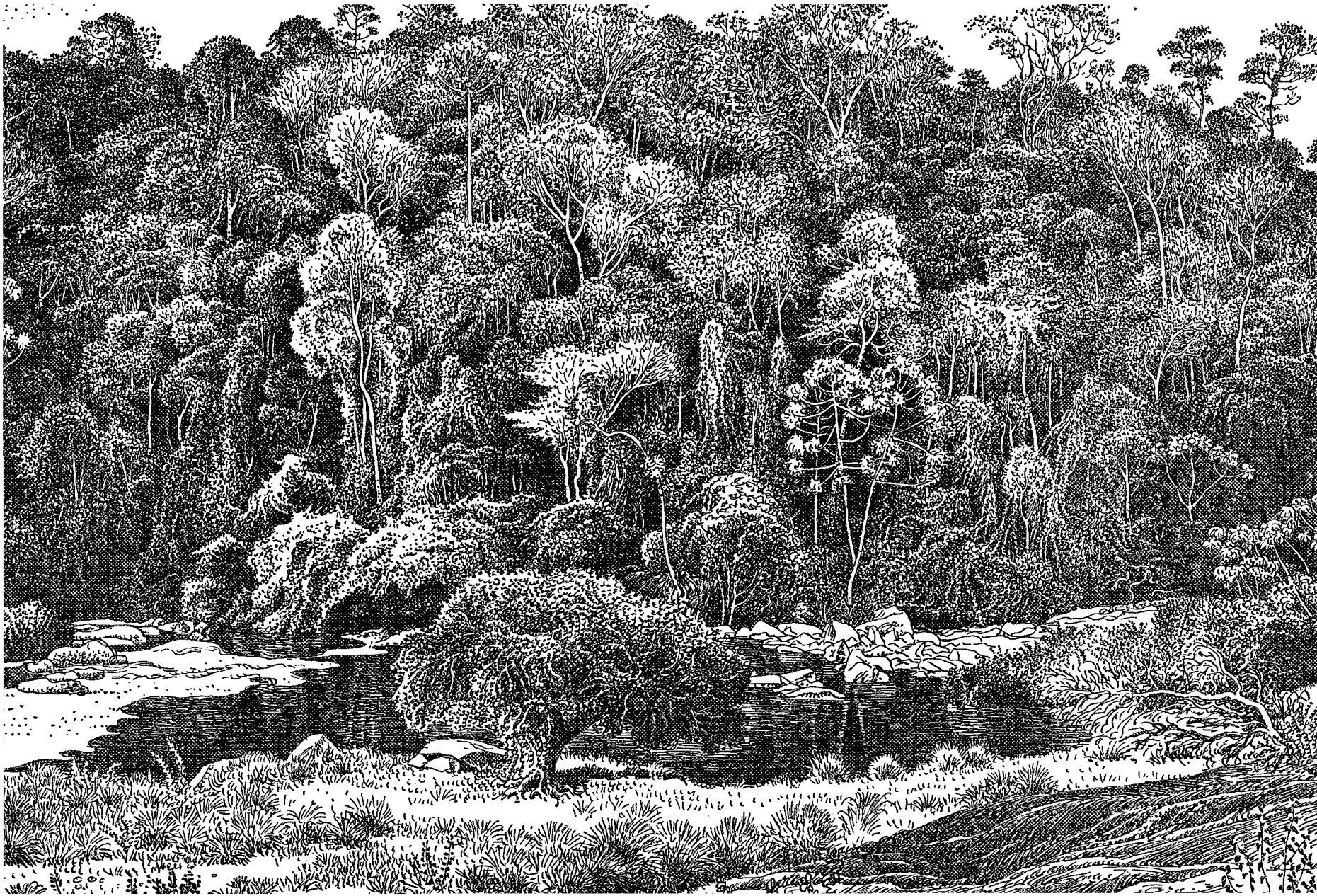
A floresta oriental, bem como o clima que a condiciona, constitue uma verdadeira faixa que se desenvolve paralelamente à costa, e cuja largura média é de 200 quilômetros: a dilatação máxima não ultrapassa 350 km. Mostra-se mais contínua e compacta no trecho entre a foz do São Francisco e Iguape. *De São Paulo para o sul, quando a montanha beira o mar, a faixa florestal torna-se estreita, parecendo insinuar-se entre o Oceano e o alto da Serra. Em alguns pontos ela avança muito para o interior. E' o que sucede quando acompanha os vales dos rios que nascem no planalto, como o* Jequitinhonha, o Mucuri, o Doce e o Paraíba do Sul.

A sua maior similitude com a "Hylaea" é observada nas baixas latitudes; à medida que se estende para o sul, a diferenciação em espécies se acentua, dado o abaixamento da temperatura média. A especial situação em encosta, oferecendo vários degraus, permite u'a melhor insolação e os indivíduos não são tão solicitados à luta pela luz como na selva amazônica; crescendo menos, engrossam mais os seus troncos. A variação de temperatura, à medida que se sobe a encosta, concorre ainda para a variedade de espécies. Tais fatores tornam a "Dryades" a zona mais rica em madeiras preciosas do Brasil.

Certas espécies hileanas apresentam na orla florestal atlântica uma dispersão considerável, quando não em tôda sua extensão: o jacarandá é encontradiço entre 12 e 22º de latitude; o assaí do Pará desce mais, vai a 25º, segundo afirma Gonzaga de Campos. Notam-se ainda: as sapucaias, as sucupiras, os angelins e copaíbas, que são vistos em menor número até o Paraná. Entre as essências contam-se os cedros, as cangeranas, os jatobás, os angicos, as perobas, as imbuias, os ipês, os paus d'arco, e dominando pelo porte, os jequitibás.

Entretanto a composição variada destas matas, se é valiosa para o botânico, torna-se um fator de desvalorização sob o ponto de vista econômico. As espécies como que se diluem no conjunto florestal. Realmente, a ausência de "talhões", ou seja, maciços de igual composição, torna difícil a exploração comercial. O professor P. Deffontaines sintetizou bem o fato, ao expressar que "A riqueza botânica da floresta brasileira é uma pobreza econômica".

A gravura apresenta justamente um aspecto do único grande bloco vegetal que ainda resta da antiga floresta oriental, hoje tão devastada: as opulentas matas do Rio Doce, no Espírito Santo e em Minas Gerais. Teem elas servido até hoje de fonte generosa para a exploração da madeira, naqueles Estados; são muito ricas em ipê-peroba (peroba de Campos), a madeira de maior consumo em nossas construções e marcenarias; teem ainda sido largamente exploradas para o fornecimento de combustível usado na siderurgia em Minas Gerais, para o qual apresentam uma reserva consumível em vinte anos, segundo estimativas. As consequências das derrubadas já se fazem sentir. Ph. von Luetzelburg assinalou no centro do E. Santo, outrora todo recoberto, grandes soluções de continuidade na mata. Já se acha, contudo, em projeto a criação do Parque Nacional do Rio Doce, que preservará da destruição um dos mais típicos trechos da "Dryades". E' na região nordeste do Brasil que talvez a destruição tenha sido mais intensa. Na Paraíba, por exemplo, o coeficiente florestal, outrora 36 %, reduz-se hoje a poucos décimos percentuais, em manchas remanescentes, o que torna necessária a importação de lenha de Pernambuco. O principal responsável pelo deflorestamento no nordeste foi a cana de açúcar; é justamente na região açucareira que a devastação é mais expressiva. No sul, foi a cultura cafeeira o maior determinante das derrubadas, sobretudo no vale do Paraíba. E' expressivo terem algumas regiões a denominação de "zona da mata", onde no entanto, o panorama florestal foi substituído por uma paisagem agrícola, pecuária ou industrial. Tal acontece em Minas Gerais, e na zona açucareira do nordeste. O serviço de Proteção à Natureza, já vem, em nosso país, tomando medidas de precaução, criando em vários pontos parques nacionais onde a flora e a fauna merecem cuidados especiais e são convenientemente estudadas. Na região da floresta da encosta oriental, já se acham criados os parques de Itatiaia e da Serra dos Órgãos, além de diversas "Estações Biológicas", tais como a do Alto da Serra em São Paulo. No Distrito Federal há um belíssimo exemplo de reflorestamento, levado a efeito a partir de 1862 pelo major M. Gomes Archer e pelo seu sucessor, barão de Escragnolle Taunay: as majestosas matas da Tijuca, que hoje recobrem montanhas outrora inteiramente devastadas.



NOTICIÁRIO

O EMBAIXADOR J. C. DE MACEDO SOARES, PRESIDENTE HONORÁRIO DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DO RIO DE JANEIRO

Em Sessão especial, esteve reunida, no dia 16 de Setembro último, a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, para dar posse ao Embaixador J. C. de Macedo Soares no cargo de seu presidente honorário.

O almirante Raul Tavares, presidente efetivo dessa entidade cultural, iniciando os trabalhos, manifestou que era desejo da diretoria distinguir o Embaixador J. C. de Macedo Soares, conferindo-lhe o título de presidente honorário da Sociedade de Geografia, iniciativa essa apoiada pelos demais membros do sodalício. A seguir convidou o orador oficial, desembargador Carlos Xavier Pais Barreto, para saudar o recipendiário, que se encontrava presente à sessão.

O Embaixador Macedo Soares, após, em ligeiro improviso agradeceu a distinção que lhe era feita, focalizando os vultos das principais figuras que concorreram para o desenvolvimento da S. G. R. J. e da Geografia brasileira.

Ainda com a palavra, o almirante Raul Tavares anunciou que ia ser dado início à sessão comemorativa do 57º aniversário da fundação da Sociedade, convidando para presidí-la o Embaixador José Carlos de Macedo Soares.

O desembargador Carlos Pais de Xavier Barreto, assinalou os principais fatos dessa antiga e tradicional agremiação. Sôbre o mesmo assunto falaram ainda o Sr. Taciano Acioli Monteiro, membro do conselho diretor, Arnaldo Santiago e outros.

Antes de encerrar a sessão, o Embaixador José Carlos de Macedo Soares congratulou-se com os oradores que, em linhas gerais, fizeram reviver os episódios da vida da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, que, no seu entender, não poderia deixar de ter um lugar reservado no projetado Palácio de Cultura.

MAPAS MUNICIPAIS

O QUE FEZ O ESTADO DE MINAS

O Estado de Minas Gerais, por intermédio do seu bem instalado Departamento Geográfico, e no afã de melhorar os seus já notáveis mapas municipais, levantados por fôrça do decreto-lei n.º 311. com justeza cognominado LEI GEOGRAFICA DO ESTADO NOVO, endereçou às Prefeituras mineiras um interessante questionário, o qual, para maior divulgação, transcrevemos a seguir.

Ao ilustríssimo senhor Prefeito Municipal e Presidente do D. M. G.

"Tenho a grata satisfação de entregar-vos as primeiras provas do mapa topográfico dêsse município, elaborado pelo Departamento Geográfico em colaboração com essa Prefeitura e em cumprimento à lei orgânica nacional n.º 311, posta em execução no Estado pelo decreto-lei n.º 88, de 23 de Março de 1938.

O trabalho foi entregue pelo Departamento, em nome da Prefeitura, ao Diretório Regional do Conselho Nacional de Geografia, conforme comprovante junto, que passo às vossas mãos. Posteriormente foi remetido ao Conselho Nacional de Geografia, na Capital da República, juntamente com os álbuns fotográficos municipais, tudo figurando na grande exposição nacional promovida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, inaugurada pelo egrégio presidente Getúlio Vargas, no dia 29 de Maio próximo findo.

Nos têrmos do ajuste celebrado com essa Prefeitura, para execução do levantamento e do trabalho cartográfico, e no desejo de completar, atualizar, introduzir correções por ventura necessárias e enriquecer de minúcias o mapa, de modo a torná-lo um documento de ampla utilidade aos diversos ramos da administração, peço-vos seja o trabalho submetido a cuidadoso exame do Diretório Municipal de Geografia, sob vossa esclarecida presidência.

O importante órgão local do Conselho Nacional de Geografia inicia, com a presente tarefa. suas promissoras atividades, das quais muito se tem a esperar, dada a competência e o profundo conhecimento que teem do território dêsse município, em todos os seus recantos, os seus dignos membros e informantes. Para metodizar e assegurar o êxito dêsse primeiro encargo do Diretório Municipal de Geografia, deverá ser lida esta circular, em sessão especial do Diretório, na qual deverão ser esclarecidos os objetivos da valiosa colaboração aquí solicitada. Nessa sessão, da qual convém, como sempre, seja lavrada a competente ata, deverá ficar encarregado do exame do mapa um dos componentes do Diretório, com a colaboração dos demais colegas e de tôdas as pessoas do município conhecedcras de seu território.

A pessoa encarregada de tão importante missão convém que seja hábil, cuidadosa e, se possível, ter conhecimentos de elementos topográficos e cartográficos. Deverá percorrer todo o município, afim de que o exame seja feito "in-loco" e não a distância, o que resultaria em

cometer-se muitas omissões e introduzir correções que não corresponderiam à verdadeira posição dos acidentes que já figuram ou venham a figurar na carta analisada. Para evitar que nas viagens e estudos sôbre o mapa venha êste a se dilacerar, lembro a conveniência de mandar forrar de pano fino o exemplar destinado a êsse exame e conduzí-lo em um envolucro de lata, lona ou de couro.

As verificações que se forem fazendo em cada local, tais como nomes de fazendas, sítios, logarejos, povoados, capelas, cursos dágua, espigões, picos, serras, pedreiras, matas, cachoeiras, pontes, usinas, jazidas, escolas, postos-fiscais, etc., e representação gráfica de estradas, caminhos, ferrovias, linhas telegráficas e telefônicas, etc., devem ser feitas com clareza no mapa, a lapis fino, empregando os sinais e traços conforme convenções existentes no rodapé do mapa tendo em vista sua escala, figurando na posição exata e com a nomenclatura popularmente conhecida. Acompanhando êste registo gráfico, devem constar os mesmos dados nos quadros e questionários que acompanham a presente circular. As anotações no mapa e questionário devem ser, depois, com capricho, no escritório, cobertas a tinta vermelha. Afim de acompanhar metodicamente o avanço do exame feito em cada trecho do terreno, convirá, diariamente, recobrir no mapa de campo, a lapis vermelho, com os traços convencionais respectivos, as estradas e caminhos percorridos e, a lapis azul, os cursos dágua examinados.

Depois de bem examinado, corrigido e detalhado o trabalho, deverão o mapa e o questionário, contendo todos estes dados, serem devolvidos ao Departamento Geográfico, acompanhados de um sucinto relatório e, se possível, mais algumas fotografias de acidentes importantes, panoramas de alguns trechos do território municipal, afim de que sirvam de base ao desenho de um mapa mais completo e à elaboração de monografias municipais.

Antes de remeter ao Departamento os dados acima, deverão os mesmos ser discutidos e examinados em sessão plenária do Diretório Municipal de Geografia; uma cópia autêntica da ata dessa reunião do Diretório deverá acompanhar o mapa com as correções, questionário e demais dados pedidos.

O Departamento Geográfico providenciará, oportunamente, a remessa às Prefeituras de maior número de cópias dos mapas dêsse modo concluídos, dentro dos recursos disponíveis.

Solicito-vos, pois, com grande interêsse, que seja êste trabalho do Diretório Municipal de Geografia iniciado imediatamente para que se conclua sem precipitações e, se possível, até 31 de Agôsto, afim de que constituam uma valiosa contribuição para Recenseamento Geral da República e para que haja prazo afim de que os trabalhos mais interessantes e completos sejam presentes ao Novo Congresso Brasileiro de Geografia, que se realizará em Setembro do corrente ano, em Florianópolis.

Certo de que nesta importante e patriótica tarefa continuará essa municipalidade a dispensar o mesmo zêlo que vem demonstrando desde o início da memorável campanha cartográfica do Conselho Nacional de Geografia, congratulo-me convosco e com os dignos pares do Diretório Municipal de Geografia, pelo êxito alcançado por esta campanha em Minas Gerais, o que se deve ao apoio dado pelo governador Benedito Valadares ao plano elaborado para que o Estado cooperasse com os municípios no sentido do cabal desempenho da lei 311, à qual emprestaram todo interêsse e entusiasmo os incansáveis prefeitos mineiros.

O Departamento Geográfico continuará se esforçando para obter, dentro dos recursos disponíveis, a melhor carta possível de cada município, o que será mais um motivo de orgulho para as municipalidades que possuirão um documento básico, satisfazendo tôdas as suas necessidades administrativas e culturais.

Cordiais saudações.

O DIRETOR DO DEPARTAMENTO GEOGRAFICO E SECRETARIO DO D. R. G.,

(B. Quintino dos Santos)

QUESTIONARIO ANEXO À CIRCULAR DG-1-40

Relatório e quadros informativos aos quais se refere a circular DG-1-40 do Departamento Geográfico de Minas Gerais a serem preenchidos pelo Diretório Municipal de Geografia, com o objetivo de atualizar, detalhar e melhorar o mapa topográfico do
Município de .....

Observação :

O presente formulário compõe-se das seguintes fôlhas destinadas a metodizar o registro informativo sôbre o território municipal: I — Relatório; II — Hidrografia; III — Orografia; IV — Vegetações; V — Ocorrências minerais; VI — Núcleos humanos; VII — Comunicações e VIII — Limites.

Êste registro deve constar de um sucinto relatório sôbre o trabalho realizado, observações e estudos de interêsse geográfico e preenchimento dos quadros juntos, **em confronto com o mapa e o terreno,** figurando nos quadros as denominações popularmente conhecidas dos acidentes naturais e detalhes já existentes ou que forem acrescidos ou retificados no mapa. As retificações ou acréscimos dos incidentes e detalhes no mapa, devem obedecer aos sinais e traços convencionais e escala que figuram no rodapé do mesmo. Pede-se juntar ao relatório publicações já existentes de interêsse geográfico sôbre o município.

I — RELATÓRIO

.....

.....

.....

II — HIDROGRAFIA

LAGOAS NATURAIS E AÇUDES

NATUREZA E NOME	Distrito a que pertence	DIMENSÕES EM METROS			OUTRAS INFORMAÇÕES
		Comprimento	Perímetro	Maior profundidade	

CURSOS DÁGUA

Nome, categoria (rio, ribeirão, córrego, arroio, riacho ou lacrimal). Extensão no município em metros, trechos navegáveis, vasões máximas e mínimas aproximadas, largura e profundidade normais, sumidouros, brejos e outras informações	QUEDAS DÁGUA (CACHOEIRAS OU CORREDEIRAS)		ILHAS		AFLUENTES DIRETOS	
	Nome (assinalar com* as aproveitadas)	Potência aproximada	Nome	Dimensões	Da margem direita	Da margem esquerda

CURSOS DÁGUA (*Continuação*)

(Verso)

Nome, categoria (rio, ribeirão, córrego, arroio, riacho ou lacrimal). Extensão no município em metros, trechos navegáveis, vasões máximas e mínimas aproximadas, largura e profundidade normais, sumidouros, brejos e outras informações	QUEDAS DÁGUA (CACHOEIRAS OU CORREDEIRAS)		ILHAS		AFLUENTES DIRETOS	
	Nome (assinalar com * as aproveitadas)	Potência aproximada	Nome	Dimensões	Da margem direita	Da margem esquerda

III — OROGRAFIA

SERRAS

DENOMINAÇÃO GERAL	DENOMINAÇÕES LOCAIS		Bacias ou vales nas vertentes da Serra 1.ª encosta (....) 2.ª encosta (....)	Cursos dágua cortando a Serra	Outras informações
	Pontos característicos (picos ou gargantas)	Altitudes			

PICOS E MORROS ISOLADOS — CONTRAFORTES OU ESPIGÕES — GRUTAS E PEDREIRAS

(Verso)

NATUREZA E NOME	Distrito onde se encontra	Altitude	Característicos	Outras informações

IV — VEGETAÇÃO

RESERVAS FLORESTAIS NATURAIS OU ARTIFICIAIS DAS SEGUINTES NATUREZAS: MATOS, CAPOEIRAIS, CAPOEIRAS, CAPÕES, CAMPOS NATURAIS, ETC.

NATUREZA E NOME	LOCALIZAÇÃO		Proprietário	Área aproximada em Hectares	Principais espécies e outras informações
	Distrito	Local			

CULTURAS DE DIVERSAS NATUREZAS: CAFÉ, CEREAIS, FUMO, CHÁ, FRUTAS, CANA, ALGODÃO, TRIGO, PALMEIRAS, PASTAGENS, ETC.

(Verso)

NATUREZA	LOCALIZAÇÃO		Proprietário	Área em Hectares	Outras informações
	Distrito	Local			

V — OCORRÊNCIAS MINERAIS

JAZIDAS, MINAS, DEPÓSITOS, FONTES TERMAIS E HIDRO-MINERAIS DE DIVERSAS NATUREZAS

NATUREZA E DENOMINAÇÃO	LOCALIZAÇÃO		Proprietário do solo ou concessionário quando explorada a jazida	Volume aproximado do minério	Outras informações
	Distrito	Local			

INFORMAÇÕES GEOLÓGICAS

(Verso)

VI — NÚCLEOS HUMANOS

SEDES — MUNICIPAL E DISTRITAIS

CIDADE E VILAS	ZONA URBANA (área..... Ha)				ZONA SUBURBANA (área.... Ha)				Extensão dos perímetros em metros	
	N.º de casas	N.º de logradouros públicos			N.º de casas	N.º de logradouros públicos				
		Praças e largos	Avenidas e ruas	Estradas e caminhos		Praças e largos	Avenidas e ruas	Estradas e caminhos	Urbano	Suburbano

ZONA RURAL — NÚCLEOS DAS SEGUINTES NATUREZAS: POVOADOS, LOGAREJOS, BAIRROS, PATRIMÔNIOS, ETC.

NATUREZA E DENOMINAÇÃO	Distrito a que pertence	N.º de casas	DISTANCIAS DAS SEDES EM KM.			
			Municipal		Distrital	
			De E. F. ou auto	A cavalo	De E. F. ou auto	A cavalo

ZONA RURAL — PROPRIEDADES E ESTABELECIMENTOS AGRÍCOLAS, ESTABELECIMENTOS EDUCACIONAIS, INDUSTRIAIS E OUTROS DAS SEGUINTES NATUREZAS:

FAZENDAS, SÍTIOS, CHÁCARAS, LOTES COLONIAIS, FÁBRICAS, USINAS DIVERSAS, MOINHOS, ENGENHOS, ESCOLAS, ETC.

(Verso)

NATUREZA E DENOMINAÇÃO	Distrito a que pertence	Proprietários	Outras informações

VII — COMUNICAÇÕES

FERROVIAS

DENOMINAÇÕES, BITOLAS, RAMAIS	MARCOS QUILOMÉTRICOS EXTREMOS JUNTO ÀS DIVISAS MUNICIPAIS			OBRAS DE ARTE E EDIFÍCIOS				
				Pontes e pontilhões		Túneis ou gargantas Nome, extensão, altitude e km	Estações, paradas e casas de turma	
	Na entrada Km... +...	Na saída Km... +...	Extensão da linha no território municipal	Nome e Km	Vão total		Nome e Km	Altitude

RODOVIAS — FEDERAIS, ESTADUAIS MUNICIPAIS, PARTICULARES

DENOMINAÇÃO NATUREZA	MARCOS QUILOMÉTRICOS JUNTO ÀS DIVISAS MUNICÍPAIS			OBRAS DE ARTE E EDIFÍCIOS			Gargantas transpostas Nome e
				Pontes pontilhões, balsas		Postos de abastecimento e casas de turma Local e Km	
	Na entrada Km..+...	Na saída Km..+...	Extensão da linha no território do município	Nome e Km	Vãos		

ESTRADAS REAIS, CARROÇÁVEIS OU BOIADEIRAS

(Verso)

NATUREZA E DENOMINAÇÕES	Extensão no território municipal Km	TRAVESSIAS EM PONTES, VAUS, BALSAS, BOEIROS, ETC.		Gargantas ou espigões transpostos e outras informações
		Natureza e vão da travessia	Nome do curso dágua atravessado	

CAMINHOS DE TROPA, TRILHOS E PICADÕES

(Verso)

NATUREZA E DENOMINAÇÕES	Extensão no território municipal Km	TRAVESSIAS EM PONTES, VAUS, BALSAS, BOEIROS, ETC.		Gargantas ou espigões transpostos e outras informações
		Natureza e vão da travessia	Nome do curso dágua atravessado	

LINHAS TELEGRÁFICAS, TELEFÔNICAS E DE TRANSMISSÃO

(Verso)

NATUREZA E DENOMINAÇÃO	Extensão em Km	Outras informações

VIII — LIMITES

LIMITES MUNICIPAIS

MUNICÍPIOS LIMÍTROFES	Extensão da linha divisória em cada setor Km	Acidentes naturais que assinalam a atual linha divisória publicada no Anexo 2 da lei 148	Informações e esclarecimentos diversos

DIVISAS ÍNTER-DISTRITAIS

(Verso)

DISTRITOS	Distritos ou municípios confinantes	Extensão de cada divisa inter-distrital traçada Km	Acidentes naturais que caracterizam as divisas inter-distritais constantes do anexo 2 da lei 148	Informações e esclarecimentos

Recebí da Prefeitura Municipal de..... em duas vias autenticadas, o respectivo mapa topográfico, acompanhado do relatório do seu preparo e fotografias de aspectos do município, entregues com o fim de dar cumprimento ao artigo 13 da lei 311, de 2 de Março de 1938.

Declaro mais, para os devidos fins e de conformidade com o disposto na resolução n.º 60 de 22 de Julho de 1939 da *Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia*, o seguinte:

a) os referidos trabalhos serão examinados em conjunto, pelo *Diretório Regional* e pela *Comissão da Divisão Territorial* até o dia 31 de Janeiro próximo;

b) em seguida serão feitos até 15 de Março de 1940, os acabamentos e correções de minúcias que se fizerem necessários, nos mapas julgados acéitáveis, com a cooperação da *Prefeitura*, do *Diretório Municipal de Geografia* e do *Departamento Geográfico do Estado*.

c) finalmente, no dia 24 de Março de 1940, data do 3.º aniversário da assinatura da lei n.º 1.527, que criou o *C. N. G.*, será inaugurada nesta Capital a exposição cartográfica regional, remetendo-se, a seguir, ao *I. B. G. E.*, sob registo, os mapas municipais aprovados, para a exposição nacional que se fará na Capital da República, a 29 de Maio de 1940, em comemoração ao 4.º aniversário do Instituto.

Diretório Regional de Geografia do Estado de Minas Gerais, em Belo Horizonte, 31 de Dezembro de 1939.

Secretário"

LIMITES BRASIL-ARGENTINA

A Câmara dos Deputados da República Argentina, numa significativa homenagem ao nosso País, na data de nossa independência política, aprovou a 7 de Setembro último a Convenção complementar firmada em Buenos Aires, em 27 de Dezembro de 1927.

Com êste gesto daquele Alto Poder, denunciador do espírito de boa vizinhança e sempre crescente cordialidade existente em nosso Hemisfério, ficou estabelecida de vez e definitivamente, com a grande nação irmã, a linha fronteiriça com o Brasil.

Justificando o parecer favorável da Comissão de Relações Exteriores e Culto do Senador Argentino, o sr. Sanchez Sorondo, seu ilustre Presidente, pronunciou o discurso que, *data venia*, transcrevemos a seguir:

"A Convenção Complementar de Limites com o Brasil, cuja aprovação aconselhamos ao Senado, termina o longo processo de demarcação da nossa fronteira com aquele país, ao estender a linha divisória, como os senhores senadores podem vê-lo nas cartas anexas à Ordem do Dia, desde os marcos colocados ao cumprimento do Tratado de 1898 e do Convênio Complementar de 2 de Agôsto de 1900, até os 20º09'38", seis quilômetros aproximadamente mais ao Sul, até a parte meridional da Ilha Brasileira, situada na confluência dos rios Quaraim, Miriñay e Uruguai.

Os limites entre a República Argentina e o Brasil foram ajustados primeiramente no tratado firmado em Paraná a 14 de Dezembro de 1857, entre a Confederação Argentina e o Império do Brasil, e que, no seu 1.º artigo, estabelecia como limite entre as duas nações o rio Uruguai, da embocadura do afluente Quaraim, águas acima, até a do Peperí-Guassú; segue por êste rio até suas nascentes e continua pela parte mais alta do terreno até encontrar as nascentes do rio Santo Antônio, segue por êsse rio até o Iguarú e por êste último até desembocar no rio Paraná.

Divergências posteriores no que se refere à região dos rios Peperí-Guassú e Santo Antônio, motivaram a conclusão do tratado de arbitragem firmado em Buenos Aires, a 7 de Setembro de 1889 entre os plenipotenciários Dr. Norberto Quirino Costa e o Barão de Alencar, pelo qual se submetia sua solução à arbitragem do Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, cujo laudo, dado em Washington, na data de 5 de Fevereiro de 1895, pôs têrmo às nossas questões de limites com êsse país, desde o desaguadouro do rio Quaraim no Uruguai até o Norte.

Pelo tratado de 6 de Outubro de 1898, convencionou-se uma demarcação amistosa da linha divisória entre os dois países, na parte determinada pelo laudo arbitral do Presidente dos Estados Unidos da América e, pelo convênio complementar de 2 de Agôsto de 1900, se estabeleceram as instruções que serviriam à comissão mista para proceder a essa demarcação. Neles se ajustava o limite sôbre o rio Uruguai, do desaguadouro do Quaraim, águas acima, até o Peperí-Guassú, não se prevendo a porção de águas abaixo do desaguadouro até o extremo sudoeste da ilha Brasileira ou ilha do Quaraim.

Essa ilha, separada da costa uruguaia por um estreito braço, pertencia geograficamente ao Uruguai, mas foi reconhecida como pertencendo ao Brasil, pelo tratado de limites firmado entre ambas as nações a 12 de Outubro de 1851, tratado cuja execução foi garantida pela Confederação Argentina, numa ata firmada em Montevidéu a 15 de Maio de 1852.

A posse pelo Brasil dessa "ilha ou ilhas da embocadura" vinha prolongar os limites entre nossa República e o Brasil em 6 quilômetros de longitude, aproximadamente, o que não foi contemplado no tratado de 7 de Setembro de 1889.

Anteriormente ao ano de 1910, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil fez notar verbalmente ao Ministro Argentino no Rio de Janeiro, dr. Júlio Fernandez, a conveniência de uma declaração ou reserva a respeito dêsse setor da fronteira.

Já no ano de 1910, ao estudar-se o protocolo que devia firmar-se entre a nossa República e a do Brasil, confirmatório da aprovação dos trabalhos de delimitação, o Barão do Rio Branco quis incluir um sexto artigo, consignando uma declaração referente à chamada ilha brasileira e a essa secção do limite sôbre o rio Uruguai, entre essa ilha e a costa argentina. Tratando-se de um assunto completamente estranho ao que se referia êsse protocolo, o Ministro Argentino no Rio de Janeiro não aceitou a proposta do Brasil e assim se firmou a 4 de Outubro de 1910 o convênio citado, que não menciona êsse trecho de fronteira.

Mas, no mesmo dia 4 de Outubro, firmava-se em Buenos Aires entre o Ministro das Relações Exteriores da República Argentina, dr. Carlos Rodriguez Larretá, e o Embaixador do Brasil, dr. Domício da Gama, uma convenção a êsse respeito, como ampliação do tratado de limites de 6 de Outubro de 1898, o qual no seu artigo 3.º, estabelecia a linha média como limite dessa secção, na forma seguinte: — "O artigo 1.º do tratado de 6 de Outubro de 1898, fica substituído pelo seguinte: a linha divisória entre a República Argentina e o Brasil, no rio Uruguai, começa na linha normal entre as duas margens, que passa um pouco a jusante da ponta sudoeste da ilha brasileira do Quaraim, também chamada ilha Brasileira; segue, subindo o rio, à meia distância da margem direita, ou argentina, e das margens ocidental e setentrional da ilha Brasileira, passando defronte da bôca do rio Miriñay, na Argentina, e da bôca do rio Quaraim, que separa o Brasil da República Oriental do Uruguai; e, subindo do mesmo modo o rio Uruguai, vai encontrar a linha que une os dois marcos inaugurados a 4 de Abril de 1901, um brasileiro, na barra do Quaraim, outro argentino, na margem direita do Uruguai. Daí segue pelo talvegue do Uruguai, até a confluência do Peperí-Guassú; como ficou estipulado no art. 1.º do tratado de 6 de Outubro de 1898 e conforme a demarcação feita de 1900 a 1904, como consta da ata assinada no Rio de Janeiro a 4 de Outubro de 1910".

Como se vê, tendo se estabelecido no tratado de 1898 a linha do *thalweg* como divisória pelo rio Uruguai, águas acima da confluência do rio Quaraim, assentava-se, por êsse convênio de 1910, o precedente da linha média, como divisória sôbre o mesmo rio na porção que vai entre o desaguadouro do Quaraim e a ponta sudoeste da ilha Brasileira.

Essa convenção, remetida ao Congresso com a mensagem de 21 de Maio de 1911, não foi tratada pelo mesmo e, embora não exista nenhuma razão escrita pela qual o Congresso não aceitou êsse tratado, é evidente que essa atitude foi adotada porque êsse tratado abandonava a tradicional teoria argentina do *thalweg* para aceitar a teoria, inconveniente aos nossos interêsses, da *linha média*. Caducou essa convenção, porque se firmou uma nova, complementar, de limites com o Brasil, em Buenos Aires a 27 de Dezembro de 1927, entre o Ministro interino das Relações Exteriores da nossa República, dr. Antônio Sagarna e o Embaixador do Brasil na República Argentina, dr. José de Paula Rodrigues Alves.

Pelo artigo 3.º dessa última, que é a que está sujeita à consideração do Honrado Senado, se estabelece como limite o *thalweg* do canal navegável do rio Uruguai, nestes têrmos:

"O artigo 1.º do tratado de limites de 6 de Outubro de 1889, fica substituído pelo seguinte: — a linha divisória entre o Brasil e a República Argentina, no rio Uruguai, começa na linha normal entre as duas margens do mesmo rio e que passa um pouco à jusante da ponta sudoeste da ilha brasileira do Quaraim, também chamada Ilha Brasileira, segue, subindo o rio, pelo meio do canal navegável dêste, entre a margem direita, ou argentina, e as margens ocidental e setentrional da ilha do Quaraim ou Brasileira, passando defronte da bôca do rio Miriñay, na Argentina, e da bôca do rio Quaraim, que separa o Brasil da República Oriental do Uruguai, e, prosseguindo do mesmo modo pelo rio Uruguai, vai encontrar a linha que une os dois marcos inaugurados a 4 de Abril de 1901, um brasileiro, na barra do Quaraim, outro argentino, na margem direita do Uruguai. Daí, segue pelo *thalweg* do Uruguai até a confluência do Peperí-Guassú, como ficou estipulado no artigo 1.º do Tratado de 6 de Outubro de 1898 e conforme a demarcação feita de 1900 a 1904, como consta da Ata assinada no Rio de Janeiro, a 4 de Outubro de 1910".

Por êste tratado, Senhores Senadores, repito, se derroga o antecedente, que estabelecia a linha média do rio, como linha divisória dos limites entre a Argentina e o Brasil, e se volve à linha do *thalweg*.

É-me particularmente grato, como Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Culto do Senado, informar êste assunto, não só porque se põe tão cordialmente ponto final a esta larga controvérsia de limites, senão também porque me permite interpretar, uma vez mais, o invariável sentimento argentino de afeto e de admiração ao grande país amigo.

A amizade entre a Argentina e o Brasil é a mais forte garantia da paz do Continente, e esta amizade está baseada no nosso anêlo comum de justiça e de direito, afirmado na concordância de nossos interêsses.

Por essas razões, peço ao meus honrados colegas que votem o parecer que a Comissão de Relações Exteriores traz à consideração do Senado".

Aprovado pelo Senado no dia 8 de Agôsto dêste ano, foi, no mesmo dia, como projeto de lei, enviado à Câmara dos Deputados.

Nesta discursaram os srs. Güiraldes, presidente da Comissão de Negócios Estrangeiros, e o seu Presidente, sr. Carlos M. Noel, após o que foi, unanimemente, aprovado, sendo esta unanimidade, por proposta do deputado Güiraldes, inserida em ata. E' o seguinte o teor da lei então aprovada:

"O Senado e a Câmara dos Deputados, etc..

"Artigo 1.º — Aprova-se a Convenção Complementar de Limites com o Brasil, firmada nesta Capital a 27 de Dezembro de 1927.

Artigo 2.º — Comunique-se ao Poder Executivo".

Transcrevemos, a seguir, o texto oficial daquela Convenção Complementar, de tão alta significação na tradicional política de sincera amizade que une os nossos dois grandes países e constitue mais um marco no Culto à Arbitragem, tão dignificantemente praticado pelas nações americanas:

"Sua Excelência o sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil e sua Excelência o sr. Presidente da Nação Argentina, desejosos de celebrar uma Convenção complementar de limites entre ambos os países, nomearam seus Plenipotenciários, a saber:

Sua Excelência o sr. Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil, seu Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário na República Argentina, dr. José de Paula Rodrigues Alves;

Sua Excelência o sr. Presidente da Nação Argentina, seu Ministro Secretário de Estado no Departamento da Justiça e Instrucão Pública, encarregado, interinamente na Pasta das Relações Exteriores e Culto, dr. Antônio Sagarna;

Os quais, havendo exibido seus plenos poderes, achados em boa e devida forma, convieram nos seguintes artigos:

Artigo I — Desde a linha que une o marco brasileiro da barra do Quaraim e o marco argentino, que lhe fica quasi defronte na margem direita do Uruguai, marcos inaugurados ambos a 4 de Abril de 1901, a fronteira entre o Brasil e a República Argentina desce o dito rio Uruguai, passando entre a sua margem direita e a ilha brasileira do Quaraim, também chamada Ilha Brasileira e assim vai até encontrar a linha normal entre as duas margens do mesmo rio, situada um pouco a jusante da extremidade sudoeste da sobredita ilha.

Artigo II — Comissários técnicos nomeados pelos dois Governos farão o levantamento da secção do rio Uruguai entre as duas linhas acima indicadas e estabelecerão novo marco brasileiro na extremidade sudoeste da ilha e outro argentino, que corresponde a êsse, sôbre a margem direita do rio.

Artigo III — O artigo 1.º do Tratado de Limites de 6 de Outubro de 1898 fica substituído pelo seguinte:

A linha divisória entre o Brasil e a República Argentina, no rio Uruguai, começa na linha normal entre as duas margens do mesmo rio e que passa um pouco a jusante da ponta sudoeste da ilha brasileira do Quaraim, também chamada Ilha Brasileira; segue, subindo o rio, pelo meio do canal navegável dêste, entre a margem direita, ou argentina e as margens ocidental e setentrional da ilha do Quaraim ou Brasileira passando defronte da bôca do rio Miriñay, na Argentina, e da bôca do rio Quaraim, que separa o Brasil da República Oriental do Uruguai e prosseguindo do mesmo modo pelo rio Uruguai, vai encontrar a linha que une os dois marcos inaugurados a 4 de Abril de 1901, um brasileiro, na barra do Quaraim, outro argentino, na margem direita do Uruguai. Daí segue pelo *thalweg* do Uruguai, até a confluência do Peperí-Guassú, como ficou estipulado no artigo 1.º do Tratado de 6 de Outubro de 1898 e conforme a demarcação feita de 1900 a 1904, como consta da Ata assinada no Rio de Janeiro a 4 de Outubro de 1910.

Artigo IV — A presente Convenção, mediante a necessária autorização do Poder Legislativo das duas Repúblicas, será ratificada pelos dois Governos e as ratificações serão trocadas na cidade do Rio de Janeiro ou na de Buenos Aires, no mais breve prazo possível.

Em fé do que, os Plenipotenciários, designados para êsse fim, assinam e selam a presente Convenção Complementar de Limites, em dois exemplares do mesmo teor, nos idiomas português e castelhano.

Em Buenos Aires, Capital Federal da República Argentina, aos vinte e sete dias do mês de Dezembro do ano mil novecentos e vinte e sete. — (aa) J. de P. Rodrigues Alves — A. Sagarna.

PARECER DO PROF. RAJA GABAGLIA SÔBRE A GRAFIA DOS NOMES GEOGRÁFICOS ESTRANGEIROS

Exmo. Sr. Presidente do Conselho Nacional de Geografia.

1 — Designado pelo ilustre Conselho para opinar sôbre o ofício em que o Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos solicita do nosso Instituto o pronunciamento a respeito da grafia em português dos nomes geográficos estrangeiros, venho, em breves considerações, desobrigar-me da honrosa incumbência.

2 — A transcrição dos nomes geográficos é matéria de alta relevância, já pelos inúmeros problemas que suscita, já pela dificuldade de uma solução prática, o que constitue, entretanto, uma viva necessidade.

A questão não é nova, embora a adoção da ortografia simplificada a tenha agitado de novo.

Na realidade, a transcrição dos nomes geográficos é uma das questões mais delicadas da ciência e sua resolução de maneira homogênea não foi conseguida até hoje.

Os métodos de transcrição podem ser *geral* ou *particular*, *fonético* ou *ortográfico*.

E' óbvio que só seria plenamente satisfatório um método geral, mas êsse método para atingir o seu objetivo, não pode ser apenas ortográfico ou fonético, deve satisfazer às duas condições, o que é evidentemente difícil.

A prova desta última asserção está na precariedade dos diversos sistemas com que especialistas eminentes teem procurado solver a grave questão.

LEPSIUS, o célebre egiptólogo alemão, compôs, como se sabe, em 1852, um *método fonético* que, apesar de adotado pelos pastores da *"London Missionary Society"*, sob a forma de *"Standard Alphabet"*, caiu em desuso por incompleto e complicado.

O *prêmio Volney* do Instituto de França, destinado a recompensar o melhor método de transcrição data de 1820, e permaneceu sem candidato até 1898, quando CRISTIANO GARNIER, prematuramente roubado à França, aos 26 anos de idade, apresentou o seu interessante método denominado *T. R. G.*, isto é, de transcrição racional e geral, inteiramente ortográfico e o mais possível fonético.

Mas o fato é que nem o *método de Garnier*, nem os trabalhos posteriores de que são exemplos as atividades do *"Permanent Committee of Geographical Names"* e de outras organizações especializadas em geografia ou fonética lograram construir uma obra que se possa considerar definitiva.

A escolha de um método geral de transcrição geográfica é, pois, ainda uma questão em aberto.

3 — Entretanto, a grafia e a prosódia dos nomes geograficos estrangeiros em português é assunto que exige uma solução, ainda que, de certo modo, imperfeita.

4 — GONÇALVES VIANA, a quem se deve o movimento vitorioso da ortografia portuguesa simplificada, estudou, na *"Sociedade de Geografia de Lisboa"*, a questão da nomenclatura geográfica e propôs as bases de transcrição que serviram às regras da sua *"Ortografia Nacional"*.

O trabalho de Gonçalves Viana, bem como o de CÂNDIDO DE FIGUEIREDO, o respeitado lexicógrafo lusitano, são deveras dignos de tôda a atenção, mas são antes obras de filólogos que de geógrafos, pois não é possível concordar com a grande cópia de restaurações proposta por êsses vernaculistas que vão buscar as grafias nos clássicos da língua.

Observação semelhante pode-se fazer ao excelente opúsculo de FORTUNATO DE ALMEIDA, antigo professor de geografia no Liceu de Coimbra, que procura, na sua *"Nomenclatura Geográfica"*, coligir "subsídios para a restauração da toponímia em língua portuguesa".

GONÇALVES VIANA tem razão quando lamenta que a maior parte da antiga nomenclatura tenha caído em desuso ou venha sendo menosprezada, não se tendo na devida conta que o vocabulário e as formas genuinamente portuguesas de nomes próprios, de mares, de rios, de terras, de povoações, de quaisquer localidades, enfim, fazem parte essencial do léxico nacional, tão essencial como as demais dições da língua pátria. São palavras ponderadas as do filólogo português, mas não é possível, como demonstrou SAID ALI, num magnífico capítulo das *"Dificuldades da Língua Portuguesa"*, aceitar o remédio das formas arcaicas. Diz êsse egrégio mestre da nossa filologia: "Se me enumerarem dezenas ou centenas de "nomes portugueses" substituíveis aos "estrangeiros" atualmente em voga, direi que a feição dos compêndios de geografia não ficaria mais portuguesa, ainda quando se dobrasse ou centuplicasse o número. As localidades do globo terrestre, cada qual com a sua denominação, sobem a número infinito. Só no índice do Atlas de STIELER, que está bem longe de ser exhaustivo, contam-se 300.000 nomes".

Demais, os portugueses antigos, como é notório, ora traduziam, ora ajeitavam o têrmo à nossa língua, e não eram sempre fiéis na transcrição.

Assim sendo, a restauração de formas arcaicas não é aconselhável a não ser quando a forma portuguesa, mesmo mal transcrita, seja de uso corrente na nossa língua.

E' o que está de acôrdo com o voto do *Congresso de Geografia de 1893*, quando recomendava que "a escrita e a pronúncia dos nomes geográficos, excetuadas algumas formas tradicionais, não mais deve oscilar de nação para nação, mas fixar-se, pelo menos, em sua forma principal, ainda quando formas secundárias, em muitos casos, continuem a existir".

5 — As dificuldades na transcrição dos nomes geográficos estrangeiros, ao lado dos que surgiram na escrita e pronúncia dos nomes de nossa Corografia, foram sempre objeto de pesquisas dos nossos estudiosos, que procuraram diminuir a confusão reinante.

A exemplo do que se fez em muitos países, e principalmente nos Estados Unidos, onde se chegou a criar um órgão especializado, o *"U. S. Board of Geographical Names"*, tomou o *Instituto Histórico Brasileiro*, por iniciativa do ilustrado professor Otelo Reis, o encargo de reunir uma conferência destinada a fixar a grafia e a pronunciação dos nomes geográficos.

A Conferência de Geografia reuniu-se de 10 de Julho a 26 de Setembro de 1926 e estabeleceu normas relativas aos nomes estrangeiros, aos nomes nacionais, à abreviatura das Unidades da Federação e, ainda, à organização de um Dicionário Geográfico.

Das resoluções aprovadas pela Conferência de Geografia de 1926, cabe-nos salientar as que se referem aos nomes geográficos estrangeiros.

A regra geral adotada foi que *"os nomes geográficos estrangeiros sejam grafados de acôrdo com a forma que lhes é dada no país de origem, em caracteres latinos, predominando nos países dependentes, a forma usada na língua do país influente, de acôrdo com o que já é observado no "Dictionnaire des Bureaux de Poste" e no índice Alfabético do Atlas de Stieler"*. A seguir, estabeleceu também que *"os nomes geográficos estrangeiros, que já adquiriram forma vernácula, por tradução ou corruptela, em uso constante, desde remotas épocas até os tempos hodiernos, continuem a ser grafados na forma portuguesa, convindo, porém, que nos compêndios e dicionários, sejam igualmente indicadas as formas próprias ou originais, as quais devem ser escritas entre parêntesis. Exemplos: Inglaterra (England), França (France), Londres (London), etc."*.

Relativamente aos nomes grafados com letras e outros sinais não usados na língua portuguesa, a Conferência determinou que se adotasse a transcrição fonética das mesmas letras e sinais, observando-se particularmente o seguinte: a) *a manutenção das vogais tremadas;* b) *substituição do* o *cortado dos dinamarqueses por* ö *(o tremado), como já se usa no alemão;* c) *substituição do* n *acentuado e do* l *cedilhado dos polônios e do* s *cedilhado dos rumenos, respectivamente por* n, l *e* s *simples;* d) *substituição da letra* c *com sinal súpero, dos tchecos, pelo grupo* tch, *e do* l *cedilhado dos rumenos pelo grupo* ts; e) *substituição do* a *com sinais súperos, dos finlandeses, dos suecos e dos rumenos, não usados nas outras línguas ocidentais, pelo* a *simples;* f) *substituição do* ñ *dos espanhóis por* nh; g) *quando houver hesitação entre várias transcrições fonéticas apresentadas pelos diversos atlas, a preferência pela dos atlas em língua alemã, particularmente pelo de Stieler, feitas as necessárias alterações para o nosso idioma. Na adaptação da inscrição do alemão para o nosso idioma devem ser substituídos o grupo* sch *por* ch *e o* j *por* y. *Exemplos: Changai, Tai-Yuen, etc."*..

Outra regra firmada pela Conferência é que *"se pronunciem os nomes estrangeiros procurando imitar, tanto quanto possível, a pronúncia correta, por meio de um sistema de fácil compreensão, dada preferência ao da Associação Fonética Internacional"*.

6 — Em 1931, de conformidade com o que votou em 1907, e examinando as modificações que, em 1911, constituíram a *Ortografia Oficial Portuguesa*, a nossa *Academia de Letras* assinou um acôrdo ortográfico com a *Academia das Ciências de Lisboa* e, no tocante aos nomes próprios, fixa: *"Conservar nos nomes próprios estrangeiros as formas correspondentes vernáculas que forem de uso:* ANTUÉRPIA, BERNA, CHERBURGO, COLÔNIA, ESCANDINÁVIA, ESCALDA, LONDRES, MARSELHA".

E' a adoção do ponto de vista que já expusemos.

Em todo caso, convém acentuar que permanecem muitas dúvidas, as quais, talvez, só pudessem ser solvidas por um *"Vocabulário de Nomes Próprios Portugueses"*, como, ainda, recentemente, lembrava o professor Antenor Nascentes, em pequeno artigo inserto no volume IX do *Anuário do Colégio Pedro II*.

7 — À vista das considerações supra, somos de opinião que o *Conselho Nacional de Geografia*, ficando adstrito ao texto do acôrdo inter-acadêmico, aprovado pelo Govêrno, responda à consulta do *Sr. Diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos* que os *nomes geográficos estrangeiros devem ser transcritos para as formas portuguesas vernáculas que forem de uso e, quando não for o caso, deverão ser respeitadas as normas aprovadas pela Conferência de Geografia, em 1926*.

Em virtude do emprêgo da ortografia simplificada deve-se transcrever o *j* da grafia alemã não pelo *y*, como aconselha aquela Conferência, mas pelo *i*.

Assim, escrever-se-á *Tai-iuen* e não *Tai-yuen*.

Rio, 20 de Maio de 1940.

a) *F. A. Raja Gabaglia*

VISITAS AO CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

O Tenente Coronel Valério Braga, Professor de Geografia Humana e Noções de Geografia Econômica da Escola de Intendência do Exército, promoveu, como plano de estudos, uma visita dos alunos do 2.º ano daquela escola ao Conselho Nacional de Geografia.

Acompanharam os estudantes nessa visita, que se realizou em 2 de Setembro último, o Cel. Emídio Seroa da Mota e vários outros oficiais, respectivamente diretor e professores daquela Escola.

Em cada uma das secções do C. N. C. os estudantes tiveram oportunidade de ouvir preleções sôbre a maneira de funcionamento dos setores visitados, ministradas pelos Engenheiros Virgílio Correia Filho, Fábio de Macedo Soares Guimarães e Professor Orlando Valverde.

O Cel. Seroa da Mota dirigiu, a respeito dessa visita, o seguinte ofício ao Embaixador José Carlos de Macedo Soares, Presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: "Of. n.º 1.044 D.E./350.09 — Assunto: Visita ao Conselho Nacional de Geografia (agradecimento).

I — Promovida pelo Professor de Geografia Humana e Noções de Geografia Econômica, Tenente Coronel Valerio Braga, fizeram os alunos do 2.º ano desta Escola, no dia 2 do corrente, uma visita ao Conselho Nacional de Geografia, onde tiveram uma feliz oportunidade de conhecer as importantes realizações por êle empreendidas, para a perfeita coordenação, sistematização e inteira eficiência dos serviços que lhes são peculiares.

II — O Secretário do Conselho, Dr. Christovam Leite de Castro, com a cooperação de seus prestimosos auxiliares, nos proporcionaram motivo de justa satisfação não só pelo fidalgo acolhimento dispensado aos alunos visitantes, como pela solicitude e proficiência com que se houveram em seus misteres.

III — Devo, assim, manifestar a V. Excia., o entusiasmo cívico e os sinceros agradecimentos dêste Comando, solicitando, se assim aprouver a V. Excia., seja isso consignado nos assentamentos daqueles distintos e operosos funcionários.

IV — Aproveito o ensêjo para apresentar a V. Excia. os protestos de meu elevado aprêço e mui distinta consideração." — (a) Emídio Seroa da Mota. — Cel. I. E., Cmt.

O Conselho Nacional de Geografia recebeu, no dia 13 de julho último, a honrosa visita dos membros da Embaixada Cultural Argentina, composta de uma delegação de estudantes da Universidade de Córdoba, tendo à frente destacado membro daquela entidade cultural, professor Luiz Aguirre Pinero.

Os delegados da cultura do país amigo que se fizeram acompanhar do professor Luiz Nogueira de Paula, foram recebidos pelos Engs. Christovam Leite de Castro, Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia e Diretor do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, Fábio de

Macedo Soares Guimarães, Virgílio Correia Filho e Professores Alírio de Matos e Orlando Valverde, altos funcionários dêsse serviço.

Os visitantes percorreram demoradamente todas as secções que integram o órgão central do C. N. G.., recebendo as informações que a respeito lhes foram ministradas pelo Eng. Christovam Leite de Castro e seus auxiliares, manifestando, os intelectuais platinos, ao retirarem-se, por intermédio do Professor Aguirre Pinero, a boa impressão que tiveram de tudo que lhes fôra dado conhecer.

Os alunos de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que, recentemente, estiveram nesta Capital, a convite do Engenheiro Hildebrando de Góis, para realizarem uma excursão de estudos e observações na Baixada Fluminense, estiveram também no Conselho Nacional de Geografia, com o fito de observarem a maneira como veem sendo executadas as tarefas geográficas de suas atribuições.

Acompanhou essa turma de universitários paulistas, na sua visita ao órgão central dos serviços geográficos, a professora Vanda de Matos Cardoso, lente da cadeira de Geografia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e da Comissão de Redação da "Revista Brasileira de Geografia".

Recebidos pelo Secretário Geral e demais altos funcionários, chefes de serviços dêsse órgão, os estudantes, após percorrerem tôdas as secções, tiveram oportunidade de conhecer detalhadamente os vários setores que integram o sistema de trabalho do Conselho Nacional de Geografia e a maneira de funcionamento de cada um deles.

RESENHA DO ANO DE 1940

LIMITES DO BRASIL COM AS GUIANAS HOLANDESA E INGLESA

Com destino a Belém do Pará, seguiu no dia 30 de Setembro último, o capitão Braz de Aguiar, chefe da Primeira Divisão Brasileira Demarcadora de Limites, que trabalha no setor formado pelas fronteiras com o Perú, a Colômbia, a Venezuela e as três Guianas.

O comandante Braz de Aguiar vai encontrar os trabalhos de sua Divisão em pleno desenvolvimento, devendo dar início à segunda campanha dêste ano, com o objetivo de fazer o levantamento dos rios Catrimaní, afluente do Branco, e Deminí, afluente do Negro, sôbre cujas cabeceiras ainda não há conhecimento seguro.

Nossas fronteiras com a Venezuela foram definidas no Tratado concluído em 1859. Os trabalhos de demarcação começados em 1880 e findos em 1884 não foram aprovados pela Venezuela.

Novos trabalhos estiveram a cargo da Comissão Melo Nunes, dissolvida em 1915. Em 1929, foi novamente organizada uma Comissão Mista de Demarcação, que trabalhou até 1934.

Em 1930 iniciou-se a atual campanha, que se dedica ao estabelecimento de sinais aerofotogramétricos e marcos fronteiriços, e ao levantamento topográfico de rios cuja caracterização interessa imediatamente aos trabalhos demarcatórios. Foram assim levantados cinco rios da bacia amazônica, o Surumú, o Pacú, o Majarí, o Uraricaá, e o Surubaí e as cabeceiras de quatro rios da bacia do Orenoco, o Guana, o Quidí, o Emecuni e o Ijaní. O serviço de "fotocroquis" é feito em aviões, do Serviço de Obras Públicas de Venezuela, ao longo da fronteira e já se estendeu até as nascentes do Majarí.

O atual ritmo dos trabalhos demarcatórios imprime um grande desenvolvimento à campanha de 1939-1940, que já realizou mais de um têrço da tarefa projetada. Concluídos êsses trabalhos, o que a Divisão conta fazer em duas ou três campanhas, ficará integralmente demarcada a nossa linha fronteiriça com as Guianas Holandesa e Inglesa, e a Venezuela.

— x —

LIMITES BRASIL-PARAGUAI

As comissões técnicas brasileira e paraguaia assinaram, em 13 de Agôsto último, o acôrdo para a demarcação dos limites entre o Brasil e o Paraguaí.

— x —

NOVO CHEFE DE COMISSÃO BRASILEIRA DEMARCADORA DE LIMITES

O Sr. Presidente da República, em data de 14 de Agôsto último, nomeou o major Sebastião Claudino de Oliveira e Cruz para exercer o cargo de chefe da Comissão Brasileira Demarcadora de Limites — Segunda Divisão.

— x —

LIMITES INTER-MUNICIPAIS E INTER-DISTRITAIS DE PERNAMBUCO

O Sr. Interventor Federal em Pernambuco, usando das atribuições que lhes são conferidas pelo art. 2.º do Decreto-lei n.º 235, de 9 de Dezembro de 1938, baixou o Decreto-lei n.º 503, de 19 de Junho de 1940, determinando alterações dos limites inter-municipais e inter-distritais, corrigindo assim as divisas constantes do Decreto-lei estadual n.º 235, de 9 de Dezembro de 1938.

LIMITES MINAS GERAIS — ESPÍRITO SANTO

O Sr. Ministro da Guerra, em data de 18 de Setembro findo, cumprindo ordem verbal do chefe do govêrno e em face do que dispõe o art. 148, da Constituição Federal de 1937, baixou um aviso endereçado ao chefe do Estado Maior do Exército no qual manda que esta autoridade providencie com urgência a nomeação de uma comissão de oficiais do Serviço Geográfico e Histórico do Exército, que se incumbirá do estudo da documentação inclusa, fornecida pelo Ministério da Justiça, afim de dirimir a questão de limites entre os Estados de Minas Gerais e Espírito Santo.

Segundo o aviso ministerial caberá à referida Comissão: a) — proferir um laudo arbitral, definindo a divisória entre os Estados limítrofes, procedendo, para tanto, se necessário, as diligências e reconhecimentos *in loco;* b) — fazer as necessárias demarcações com auxílio dos Estados interessados, que ocorrerão, em partes iguais, às despesas daí decorrentes, apresentadas pela Comissão. A Comissão entrará, outrossim, em entendimento com ambos os governos estaduais, facilitando os meios ao seu alcance, à realização dessa tarefa.

— x —

LIMITES MINAS — GOIAZ

Realizou-se no dia 27 de Agôsto último, no salão nobre da Prefeitura Municipal de Uberaba, sede do Diretório Municipal de Geografia, uma reunião dos representantes dos Estados de Minas e Goiaz, respectivamente, Srs. Benedito Quintino dos Santos e Colemar Natal, com a presença do Sr. Whady Nassif, prefeito municipal e outras pessoas de relêvo naquele município.

Essa reunião teve como objetivo a delimitação e ratificação dos limites entre os dois Estados no local denominado Pôrto dos Freires, no município de Coromandel, no ponto de convergência dos rios Paraíba e Verde, ficando assim, resolvida definitivamente a velha questão de limites entre essas duas unidades.

— x —

REUNIÃO DOS PREFEITOS DA 1.ª REGIÃO GEO-ECONÔMICA DOS MUNICÍPIOS GAÚCHOS

O Sr. Miguel Tostes, Secretário do Interior do Estado do Rio Grande do Sul, em cumprimento às disposições da Carta Constitucional de 10 de Novembro de 1937, art. 20, baixou recentemente uma portaria convocando os prefeitos da região colonial daquele Estado, para uma reunião, que teve lugar na cidade de Caxias, na qual foram estabelecidas as normas para o agrupamento dos municípios da referida região.

A 1.ª Região Geo-Econômica é composta dos municípios de: Guaporé, Prata, Alfredo Chaves, Antônio Prado, Flores da Cunha, Bento Gonçalves, Garibaldi, Farroupilha, Montenegro e Caxias.

Nessa reunião, além de estabelecimento das normas para o agrupamento dos municípios, foram estudados outros problemas.

Idênticas conferências realizar-se-ão nas regiões que compreendem os municípios de: Sobradinho, Candelária, Venâncio Aires, Lajeado, Arroio do Meio, Encantado, Estrêla, Taquarí, Triunfo, Santa Cruz e de São Lourenço, Cangussú, Piratiní, São José do Norte, Rio Grande, Arroio Grande, Santa Vitória, Jaguarão, Erval e Pelotas.

A primeira destas duas conferências realizar-se-á em Santa Cruz no dia 19 de Novembro e a segunda em Pelotas, no dia 10 de Dezembro.

LIMITES MINAS GERAIS — RIO DE JANEIRO

O Sr. Interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro, despachando o ofício do presidente do Diretório Regional de Geografia (Ficha 286/40) referente à questão de limites entre aquele Estado e o de Minas Gerais, exarou o seguinte despacho, com a data de 30 de Julho último:

"Aprovado. O Secretário de Viação deverá tomar as providências necessárias para a demarcação imediata de limites entre os Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro".

— x —

MEDIÇÃO DA FAIXA FRONTEIRIÇA DO RIO GRANDE DO SUL

No Congresso dos Presidentes de Entidades filiadas à Federação Rural, foi aprovada uma proposta no sentido de pedir-se a intervenção do govêrno do Estado junto ao govêrno federal para que êste atribua ao Exército, por intermédio de engenheiros topógrafos a execução dos trabalhos de mensura e outros que necessários forem na faixa fronteiriça daquele Estado, fixada pela Constituição da República.

— x —

INTERPRETAÇÃO DAS LINHAS DIVISÓRIAS ÍNTER-MUNICIPAIS E ÍNTER-DISTRITAIS DE SERGIPE

O Sr. Interventor Federal no Estado de Sergipe por decreto-lei que tomou o n.º 295, datado de 2 de Setembro findo, interpretando as linhas divisórias ínter-municipais e ínter-distritais do referido Estado, alterando os limites constantes do decreto-lei estadual n.º 150, de 15 de Dezembro de 1938.

— x —

DIVISÃO ADMINISTRATIVA DO ESTADO DO RIO

No Departamento das municipalidades do Estado do Rio de Janeiro, realizou-se, no dia 13 de Agôsto último, a cerimônia da instalação da comissão recentemente criada por decreto do Sr. Interventor Federal naquele Estado para, nos têrmos do Decreto-lei federal n.º 311, proceder à revisão do quadro territorial do Estado.

Presentes todos os seus membros, foram declarados instalados os trabalhos da Comissão, cujos objetivos foram expostos pelo presidente. A seguir foram tomadas as seguintes deliberações:

a) escolher o Sr. José Matoso Maia Fortes para substituir o presidente durante os seus impedimentos;

b) designar o Sr. Henrique Brito de Magalhães para secretariar a Comissão;

c) comunicar a instalação dos seus trabalhos aos prefeitos municipais do Estado e pedir a colaboração dos mesmos nos trabalhos da Comissão e, finalmente, designar as terças-feiras de cada semana para as suas sessões ordinárias.

— x —

DIVISÃO AGRONÔMICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Realizou-se na Sociedade Rural Brasileira, Capital de São Paulo, em 21 de Agôsto dêste ano, uma conferência pronunciada pelo Sr. Sálvio Almeida Azevedo, que discorreu sôbre o tema: "A necessidade de divisão agronômica do Estado de São Paulo".

— x —

TRIANGULAÇÃO DO PARQUE DE ITATIAIA

O Sr. Diretor do Serviço de Águas, por portaria de 5 de Julho último designou o topógrafo Sr. Leví de Sousa para proceder aos serviços de triangulação no Parque Nacional de Itatiaia.

NOVA DIVISÃO JUDICIARIA DO TERRITÓRIO DO ACRE

O "Diário Oficial" de 14 de Junho dêste ano deu publicidade ao Decreto-lei n.º 2.291, dispondo sôbre a nova organização da justiça do Território do Acre.

Pelo referido Decreto-lei, para os efeitos da administração da Justiça, o Território do Acre fica dividido em duas circunscrições judiciárias, estas em comarcas, subdivididas em zonas.

A primeira circunscrição judiciária é constituída pelas comarcas de Rio Branco e Sena Madureira, que correspondem respectivamente aos municípios dos mesmos nomes, e Xapurí que abrange o município homônimo e o de Brasília.

A segunda circunscrição judiciária é constituída pelas comarcas de Cruzeiro do Sul, que corresponde ao município do mesmo nome, e Seabra.

— x —

MAPA DA CAPITAL PAULISTA

O Diretório Regional de São Paulo está distribuindo o mapa da capital do Estado.

O Diretório Regional está apto a fornecer cópias dos mapas oficiais de todos os municípios de São Paulo, confeccionados pelo Instituto Geográfico e Geológico da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio, de acôrdo com o decreto estadual n.º 9.775, de 30 de Novembro de 1938, baixado pelo Interventor Federal no Estado e que traçou a nova divisão territorial do Estado, em obediência ao decreto-lei federal n.º 311, de 2 de Março de 1938.

— x —

MAPA DO MUNICÍPIO DE SÃO GABRIEL

Por determinação do Prefeito Municipal de São Gabriel, Estado do Rio Grande do Sul, foi litografado nas oficinas gráficas da Livraria do Globo, em escala de 1:400.000, o mapa geral daquele município.

As plantas dos distritos do mesmo município também foram igualmente mandadas imprimir, na escala de 1:300.000.

— x —

REVISÃO DOS MAPAS MUNICIPAIS DE MINAS GERAIS

O Departamento Geográfico de Minas Gerais dirigiu recentemente a todos os prefeitos uma circular juntamente com uma prova dos mapas municipais que o referido departamento está organizando, afim de que essas cartas sejam mais uma vez estudadas e cuidadosamente revistas em cada unidade administrativa.

Por essas provas as municipalidades mineiras poderão completar, atualizar, introduzir correções porventura necessárias a enriquecer de minúcias os mapas afim de torná-los num documento de ampla utilidade aos diversos ramos de administração pública, bem como a qualsquer interessados.

— x —

LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO DE PÔRTO ALEGRE

Estiveram recentemente nesta capital, procedentes da cidade de Pôrto Alegre, os Srs. Dário Brossard e Júlio Bozono, que vieram tratar do levantamento aerofotogramétrico e do saneamento do município de Pôrto Alegre, capital do Rio Grande do Sul.

— x —

TRABALHOS DE ESTUDOS E OBRAS NOS RIOS ARARÍ E TARTARUGAS

O Departamento Nacional de Portos e Navegação, por intermédio da Fiscalização do Pôrto do Pará, está realizando estudos e obras nos rios Ararí e Tartarugas, da ilha de Marajó.

LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO DA REGIÃO DE SÃO FRANCISCO

O Ministério da Viação, em data de 4 de Julho dêste ano contratou o aviador Álvaro Afonso do Nascimento para, sob a direção da Inspetoria Federal das Obras contra as Sêcas, proceder aos trabalhos de levantamento aerofotogramétrico da região banhada pelo Rio São Francisco.

—— x ——

LEVANTAMENTO AEROFOTOGRAMÉTRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO

O Sr. Nelson Correia Monteiro, prefeito Municipal de São Gonçalo, Estado do Rio de Janeiro, baixou em data de 23 de Julho dêste ano, o seguinte Decreto-lei, dispondo sôbre o levantamento aerofotogramétrico do município:

"Art. 1.º — Fica aberto o crédito especial de cinquenta e nove contos e quinhentos mil réis (59:500$000), para ocorrer ao pagamento da despesa com o levantamento aerofotogramétrico de tôda a área do município, bem como da confecção de plantas e mapas da cidade e das sedes distritais, de acôrdo com o contrato firmado entre esta Prefeitura e a Companhia "Transporte Aero Brasileiro Ltda.", representada por seu diretor, Sr. G. Nelson Smith, do Rio de Janeiro.

Art. 2.º — Revogam-se as disposições em contrário.

Registe-se, publique-se e cumpra-se.

Prefeitura Municipal de São Gonçalo, em 23 de Julho de 1940. — *Nelson Correia Monteiro*, prefeito municipal".

—— x ——

INSTITUTO ASTRONÔMICO E GEOFÍSICO DE SÃO PAULO

O Sr. Ademar de Barros, Interventor Federal em São Paulo, assinou, no dia 29 de Junho findo, o decreto que tomou o n.º 11.202, dispondo sôbre a subordinação do Instituto Astronômico e Geofísico daquele Estado.

Êsse decreto está assim redigido:

"Art. 1.º — O Instituto Astronômico e Geofísico da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio passa a subordinar-se à Secretaria da Educação e Saúde Pública.

Art. 2.º — São transferidos com o Instituto Astronômico e Geofísico, à Secretaria da Educação e Saúde Pública, todo o patrimônio, pessoal e material daquela repartição, assim como todos os saldos existentes nesta data de verbas orçamentárias, ordinárias, suplementares e especiais.

Art. 3.º — Êste decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

—— x ——

COMISSÃO DE ESTUDOS DOS RIOS CACHOEIRA, PARNAÍBA E PARAÍBA DO SUL

O Sr. Ministro da Viação, em data de 19 de Agôsto dêste ano, aprovou as instruções para a criação da Comissão de Estudos dos rios Cachoeira, Parnaíba e Paraíba do Sul.

—— x ——

ESTUDOS DOS RIOS QUE DESAGUAM NA BAÍA DE GUANABARA

O Departamento Nacional de Portos e Navegação está procedendo ao estudo dos rios que desaguam na baía do Rio de Janeiro.

—— x ——

PÔSTO METEOROLÓGICO DE BROTAS

Sob a direção do engenheiro Nestor Arantangi, foi recentemente construído à praça Duque de Caxias, sede do município de Brotas, Estado de São Paulo, o pôsto de Meteorologia local.

DIVISÃO DE GEOLOGIA E MINERALOGIA

O Sr. Diretor da Divisão de Geologia e Mineralogia do Ministério da Agricultura, por portaria de 6 de Setembro último designou os Srs. Evaristo Pena Scorza, Matias Gonçalves de Oliveira Roxo e Alberto Ildefonso Erichsen, para chefiarem, respectivamente as Secções de Petrografia, Paleontologia e Geologia.

—— x ——

A SITUAÇÃO DOS ENGENHEIROS CIVÍS NA ESCOLA TÉCNICA DO EXÉRCITO

O Sr. Presidente da República, em data de 20 de Maio dêste ano, baixou o decreto n.º 2.211, determinando que: "Os candidatos civís, designados para a matrícula nas escolas técnicas e de engenheiros geógrafos do Exército, serão nomeados aspirantes a oficial estagiário e terão honras, obrigações militares e vencimentos correspondentes a êste pôsto".

—— x ——

O DESENVOLVIMENTO DOS ESTUDOS GEOLÓGICOS E PALEONTOLÓGICOS EM SÃO PAULO

Prosseguindo no seu propósito de divulgar os trabalhos que desenvolvem em São Paulo os organismos de estudo e pesquisas científicas, a "Fôlha da Manhã", daquela capital, em sua edição de 3 de Setembro último, deu publicidade a uma entrevista que lhe foi concedida pelo professor Barão O. de Fiore, diretor do Departamento de Geologia e Paleontologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, sôbre as atividades do mesmo órgão.

"De minhas várias excursões trouxe também valioso material zoológico, o qual foi devidamente encaminhado ao Departamento de Zoologia, já tendo sido estudado em parte pelos professores Drs. E. Marcus e Sawaya.".

Todo o material do Departamento tem sido regularmente inventariado. Até o momento já se acham devidamente catalogadas 4.073 amostras de material, trabalho êsse realizado pessoalmente por mim. Do Museu Paulista, o Departamento recebeu 2.100 amostras de rochas e fósseis, as quais já se encontram determinadas e inventariadas. Das Universidade e firmas italianas recebeu, como doação, 160 amostras de rochas e fósseis, que já se encontram igualmente determinadas e inventariadas. Eu, finalmente, doei ao departamento 1.722 amostras de rochas e fósseis (material europeu) e colhí 500 outras, em nosso país. Todo êsse material se acha por sua vez devidamente catalogado".

Finalizando, disse-nos:

— "Estão ainda sendo desenvolvidos trabalhos referentes à climatologia do Estado de São Paulo. Dentro em breve, provavelmente, êsses trabalhos estarão concluídos e poderão então ser publicados. As despesas com êsses trabalhos teem sido feitas pelo Serviço Sanitário.

—— x ——

INQUÉRITO SÔBRE O "HABITAT" RURAL NO BRASIL

Ao inquérito procedido pelo Serviço de Economia Rural do Ministério da Agricultura, iniciado para investigar as condições de vida e de trabalho no país, já responderam grande número de municípios dos vários Estados.

O alcance dêsse inquérito é evidente, pois redundará na apresentação de uma série de dados de importância substancial para perfeito conhecimento do homem do interior do Brasil e de suas instantes necessidades.

De posse dêsses dados, que esboçam o viver da gente do campo em suas manifestações sociais e apontam falhas e deficiências a acudir, será possível seguramente elaborar um plano que permita remediar males e, sobretudo, tornar o ambiente rural menos hostil, mais confortável, atenuando, assim, o falso prestígio dos centros urbanos — o fator mais forte do êxodo dos camponeses.

CRÉDITO DESTINADO AO INSTITUTO GEOGRÁFICO E GEOLÓGICO DE SÃO PAULO

Pelo decreto n.º 10.258, datado de 20 de Julho findo, o Sr. Interventor Federal no Estado de São Paulo dotou a Secretaria de Agricultura do mesmo Estado, com o crédito especial de 1.136:757$800, destinado a ocorrer às despesas do Instituto Geográfico e Geológico.

— x —

O ENSINO DE GEOGRAFIA E HISTÓRIA EM SERGIPE

O Sr. Arício de Guimarães Fortes, diretor geral do Departamento de Educação de Sergipe, tendo em vista a uniformização do ensino normal naquele Estado, determinou, que na Escola Normal oficial e colégios ou Institutos à mesma equiparados, sejam observados novos programas de Geografia Geral, Corografia do Brasil, Noções de Cosmografia e História do Brasil e de Sergipe.

Êsses programas foram publicados pelo "Diário Oficial", daquele Estado, referentes aos dias 8 e 9 de Junho dêste ano.

— x —

FIXADO O NÚMERO DE MATRÍCULAS NA ESCOLA DE GEÓGRAFOS DO EXÉRCITO

O Sr. Ministro da Guerra, em data de 16 de Setembro último, atendendo ao que propôs o diretor da Escola de Geógrafos, fixou em trinta o número de matrículas no curso complementar da mesma Escola, sendo quinze destinados aos engenheiros civis dos Serviços Geográficos Estaduais, e quinze a engenheiros civis que queiram pertencer ao quadro de técnicos do Exército.

Resolveu ainda o Ministro da Guerra fixar em vinte o número de vagas destinadas a oficiais das armas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia.

— x —

PERÍODO DE CAMPO DA ESCOLA DE GEÓGRAFOS DO EXÉRCITO

O general Pedro Cavalcanti, inspetor geral do Ensino Militar, determinou em 20 de Setembro findo que a Escola de Geógrafos do Exército, deixasse o seu quartel com destino ao Curato de Santa Cruz, onde se demorará dois meses, realizando estudos de campo.

— x —

NOMEAÇÃO DE PROFESSOR DE GEOGRAFIA HUMANA DA FACULDADE NACIONAL DE FILOSOFIA

O Sr. Presidente da República, em data de 20 de Junho último, aprovou a admissão do professor Josué de Castro, para, como contratado, exercer as funções de professor de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia do Distrito Federal.

— x —

EXPOSIÇÃO SÔBRE PESQUISAS PALEONTOLÓGICAS

Reuniu-se em sua sessão semanal, no dia 27 de Agôsto findo, o Conselho de Fiscalização de Expedições Científicas e Artísticas, sob a presidência do Sr. F. de Assiz Iglésias. Abrindo os trabalhos, disse congratular-se com o Conselho pela presença do seu novo membro, representando o Ministro das Relações Exteriores, Sr. Renato Almeida, que agradeceu.

Em seguida, a convite do Conselho, o Sr. Hewellyn Price, do Museu de Cambridge nos Estados Unidos, fez uma exposição sôbre pesquisas paleontológicas, com várias sugestões sôbre as quais o Conselho se manifestará oportunamente.

Passou-se à eleição do vice-presidente, tendo sido escolhida a Sra. Berta Lutz, que em breves palavras agradeceu.

PESQUISAS PALEONTOLÓGICAS EM SERGIPE

O Sr. Luciano Jaques de Morais, Diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Mineral, comunicou ao Ministro Fernando Costa que as pesquisas paleontológicas até hoje realizadas no Estado de Sergipe, teem contribuído para um conhecimento tão completo quanto possível de sua fauna fóssil e portanto da idade geológica de suas formações.

A importância das deduções a que se tem chegado, cujos estudos se acham publicados em vários boletins e na monografia "O cetáceo de Sergipe", exige que se prossiga nas investigações geológicas e paleontológicas, de modo que se possa delimitar com maior precisão os contactos das diferentes formações de posição estratigráfica bem justificada. Dêsse trabalho foi incumbido o naturalista Paulo Erichsen de Oliveira, auxiliado pelo desenhista Hermes de Luca.

— x —

ESTUDOS GEOFÍSICOS NAS REGIÕES PETROLÍFERAS

Esteve recentemente na Baía o Sr. Herbert Hoover Jor., presidente da United Geophisic Company, tendo dado começo, alí, aos estudos geofísicos das regiões petrolíferas locais.

— x —

ATIVIDADES DA SECÇÃO DE PETROGRAFIA

Ao Sr. Ministro da Agricultura o Diretor Geral do Departamento Nacional da Produção Mineral, comunicou que prosseguem na Secção de Petrografia da Divisão de Geologia e Mineralogia os trabalhos de exame de rochas e minerais trazidos pelos técnicos em suas viagens de estudos e também enviados por entidades particulares para consulta.

Foram classificados nos quatro primeiros meses dêste ano, 198 rochas, 56 minerais e 34 areias e organizadas várias coleções.

— x —

NOVO MINÉRIO NO ESTADO DO RIO

A Secretaria de Viação do Estado do Rio de Janeiro designou recentemente o engenheiro Francisco da Costa Nunes para estudar, no Município de Vassouras, um minério alí encontrado.

O referido técnico deverá examinar as possibilidades de aproveitamento dêsse minério, cujos característicos correspondem ao dos asfaltos naturais.

— x —

EXPLORAÇÃO DE JAZIDAS DE MINÉRIO DE CONGONHAS DO CAMPO

Está sendo organizada uma companhia constituída de industriais do Distrito Federal, a qual visa explorar as jazidas de minérios existentes no município de Congonhas do Campo, Estado de Minas Gerais.

Para êsse fim os referidos industriais estão entrando em entendimentos com os proprietários dos terrenos onde ficam situadas as jazidas. Para proceder a estudos e examinar as possibilidades, esteve naquele município um técnico do Serviço Mineral da Secretaria de Agricultura de Minas Gerais.

— x —

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA DO INSTITUTO MANGUINHOS

Com destino a Salobro, em Mato Grosso, seguiu no dia 22 de Agôsto findo partindo de São Paulo, uma expedição científica, patrocinada pelo Instituto de Manguinhos, do Rio de Janeiro, e pelo Departamento de Zoologia do Estado de São Paulo.

Essa expedição foi chefiada pelos Srs. Lauro Travassos e Carlos Amadeu de Camargo Andrade.

QUANTAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS VISITARAM O BRASIL, EM 1939

A propósito da vinda ao Brasil de várias expedições científicas, o Sr. Francisco Iglésias, presidente do Conselho de Expedições Científicas, concedeu em Julho findo uma entrevista à imprensa, focalizando vários aspectos interessantes dessas excursões no país.

Nessa entrevista o Sr. Francisco Iglésias ainda definiu do seguinte modo as atribuições do órgão que preside:

"Poucas são as pessoas que sabem da existência dêsse órgão criado por uma lei e cuja finalidade é: fiscalizar as expedições nacionais de iniciativa particular e as estrangeiras de qualquer natureza. Dessa fiscalização resulta que, atualmente, ao contrário do que se fazia em outros tempos, qualquer expedição de caráter artístico ou científico só poderá ingressar no país mediante autorização do Conselho. Há mais: uma vez licenciadas, elas ficam na obrigação de trazerem as suas coleções, afim de serem examinadas para, de acôrdo com a lei que determina a entrega de duplicatas, serem estas recolhidas aos institutos científicos do país".

Terminando as suas declarações o presidente do Conselho de Fiscalização de Expedições Artísticas e Científicas forneceu interessantes informações sôbre as regiões mais procuradas pelas expedições estrangeiras.

De acôrdo com essas indicações são as seguintes, as regiões de maior interêsse para os estudiosos e pesquisadores: Mato Grosso para pesquisas zoológicas e etnográficas e para filmagens: Amazonas para zoológicas e etnográficas; Pará para zoológicas e botânicas; São Paulo para zoológicas, etnográficas e botânicas; Baía e Sergipe para etnográficas, botânicas e zoológicas: Estado do Rio para zoológicas e filmagens; Espírito Santo para zoológicas e filmes; Pernambuco para botânicas e zoológicas; Ceará para botânicas: Maranhão para etnográficas; Goiaz para zoológicas, etnográficas e botânicas; Paraná e Santa Catarina para pesquisas zoológicas.

O ano passado o Conselho licenciou 17 expedições, sendo onze norte-americanas, duas inglesas, duas brasileiras, uma alemã e uma rumena.

—— x ——

EXPEDIÇÃO CIENTÍFICA SUECO-AMERICANA

Notícias recentes oriundas do Perú informam que chegou alí uma expedição científica sueco-americana que realizará na América do Sul investigações etnográficas, zoológicas e geográficas, durante um período de dois anos.

As despesas decorrentes dessa expedição serão indenizadas pelo Sr. Axel Wenner-Gren, conhecido industrial sueco que esteve há poucos meses nesta capital.

Essa excursão científica está sob a direção do Dr. Paul Tejos, com a assistência do Conde Jarl Cronstedt, dela participando também peritos norte-americanos e canadenses.

A missão desdobra-se em duas turmas: uma seguirá pelo rio *Amazonas*, até o rio *Madeira*, e outra irá em direção ao Noroeste. Ambos os grupos encontrar-se-ão em Manaus, de onde regressarão para a Suécia.

—— x ——

FAUNA PARANAENSE

Com o intuito de desenvolver o serviço de taxidermia no Museu Paranaense, a direção dêsse departamento coligiu valiosos exemplares da fauna regional e organizou uma expedição científica que seguiu no dia 4 de Julho último para o interior daquele Estado, chefiada pelo taxidermista André Méier.

A expedição visitará a região oeste do Paraná, visando Guarapuava, Foz do Iguassú e margem esquerda do rio Paraná, devendo em seguida, penetrar na zona sertaneja, onde existe grande quantidade de mamíferos, aves e insetos, notadamente borboletas.

EXPEDIÇÃO AO RIO DAS MORTES

Seguiu, no dia 12 de Junho último, com destino ao Rio das Mortes e Ilha do Bananal no Estado de Goiaz, uma expedição composta dos Srs. Capitão F. de Matos Vanique, Coronel Irineu Sampaio e Mário da Silva Filho.

—— x ——

BANDEIRANTISMO

Os Srs. Coronel Artur H. Carvalho Schrobach, Tenentes Raul Lincoln e Adalberto Morais Coutinho, comunicaram, em 17 de Agôsto último, ao Sr. Presidente da República, a fundação nesta Capital, da bandeira educacional "Sertões do Brasil".

Essa bandeira, em homenagem ao Estado Novo Brasileiro e ao Presidente Getúlio Vargas, se deslocará no próximo dia 10 de Novembro para o interior do país, iniciando assim o seu programa sertanista.

—— x ——

EXCURSÃO AO INTERIOR DE MATO GROSSO

Os Srs. Gabriel Jorge, Cícero Morais, Gastão Rosefeld e Gabriel Jorge Franco Filho, estão levando a efeito uma expedição aos sertões de Mato Grosso.

Os excursionistas deverão fazer estudos das regiões de Barretos, Ituiutaba, Jataí, Alto Araguaia, Lajeado, Rondonópolis e Cuiabá.

—— x ——

VIAGEM DE ESTUDOS DOS ENGENHEIROS PERNAMBUCANOS

A convite do govêrno do Estado da Baía, esteve no mês de Junho findo, na capital baiana, uma comissão de engenheiros pernambucanos composta dos Srs. Barreto Gonçalves, Luiz de Freitas, Clovis Freitas, Barreto Coitinho, João Borba, Teófilo de Freitas, Clovis de Castro, Vivaldo Maranhão, Correia Lima e Carneiro Leão.

Êsses profissionais fizeram naquele Estado vários estudos à semelhança dos que anteriormente levaram a efeito nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Norte e Ceará, percorrendo o interior e visitando as obras de engenharia mais importantes dessas unidades.

—— x ——

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS

A Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Estado de São Paulo, realizou, em 26 de Agôsto findo uma das suas sessões.

Nessa sessão, inicialmente o professor Pierre Monbeig prestou informações a respeito do Nono Congresso Brasileiro de Geografia, pondo em relêvo a contribuição dos membros da Associação.

A seguir, fez uso da palavra o prof. Odilon Nogueira Matos, que estudou a "Evolução ferroviária de São Paulo". Após referir-se às estradas coloniais, o orador abordou a questão dentro do critério cronológico, em períodos decenais, a partir de 1860-70, demonstrando, com riqueza de detalhes as relações existentes entre aquela evolução e a expansão do povoamento e da cultura cafeeira.

Encerrou a reunião o prof. Júlio de Abreu Filho, que estudou "A zona cacaueira do sul da Baía", abordando interessantes aspectos da questão, tais como a obra do nordestino, o quadro natural da região, o "habitat", o processo de cultura e de colheita, a fazenda de cacau, o comércio e o papel do Instituto do Cacau; terminando por acentuar o caráter estritamente nacional dessa importante cultura do sul da Baía.

Ambas as palestras deram margem a animados debates.

Com a presença de numerosas pessoas, realizou-se, no dia 22 de Julho, dêste ano, outra importante sessão dêsse órgão.

O primeiro a usar da palavra, nessa reunião, foi o professor Monbeig, da Universidade de São Paulo, que lembrou ao auditório haver sido o prof. Dr. Luiz Flores de Morais Rêgo um dos fundadores da Associação e um dos seus mais ilustres e operosos membros. Pôs em destaque a extraordinária contribuição deixada pelo saudoso professor de Geologia da Escola Politécnica, afirmando não existir um trecho importante de nosso país sôbre o qual não tivesse êle realizado cuidadosas observações. Lembrou os notáveis trabalhos a respeito da geologia paulista, como também outros de caráter eminentemente geográficos, tais como um sôbre as "Montanhas do Brasil" e a monografia sôbre o "Vale do São Francisco". Terminou por dizer que a figura daquele pranteado geólogo não haveria de se apagar da memória dos seus colegas da Associação dos Geógrafos, cabendo aos seus alunos continuar a obra iniciada pelo saudoso mestre.

A seguir, falou o prof. João Dias da Silveira, que expôs os primeiros resultados de suas observações no maciço do Itatiaia. Depois de acentuar a sua individualização e de lembrar a expressão de Orville Derby (que o chamou, como a outros, de "montanha parasita"), afirmou que a etimologia da palavra — "pedra escarpada", segundo Plínio Airosa — dizia bem o seu verdadeiro aspecto. Trata-se de um bloco de sienitos nefelênicos, colocado sôbre os granitos da serra da Mantiqueira. Abordou, a seguir, o problema de suas origens, referindo-se a diferentes hipóteses já sugeridas para preferir a opinião de Alberto Betim, que o considera um batolito, cuja cobertura gneíssica foi removida pela erosão.

Passando a estudar a região, distinguiu: a encosta e o planalto. A primeira inicia-se a uns 700 metros; é o domínio da floresta, apresentando um elevado índice pluviométrico e evidentes sinais de uma morfologia escultural, com a presença de "marmitas", "boulders" e desmoronamentos. Alí se encontra o homem. O planalto apresenta um aspecto totalmente diverso; vai de 2.100 a 2.400 metros e possue uma série de serrotes, entre os quais o das Agulhas-Negras e o da Pedra Sentada. Dominam as formações campestres, com frequentes queimadas e com ausência quasi total do homem, a não ser na vertente mineira.

Passando em seguida, à geomorfologia do planalto, fez referências às várias ações modificadoras do relêvo (fluvial, química, eólia), para focalizar especialmente a hipótese levantada pelo prof. De Martonne a respeito da ação glaciária. Os vales suspensos, os vales em calha, sinais de "circos" e de "morenas" — tudo parece indicar que alí teve lugar a glaciação quaternária. Os materiais levados pelas primitivas geleiras constituiriam os verdadeiros cones de dejeção, que podem ser observados nas imediações do planalto. Após terminar sua palestra, o prof. Silveira exibiu uma série de fotografias obtidas na região estudada.

Encerrando a sessão, fez uso da palavra o prof. Dr. Henrique Jorge Guedes, diretor da Escola Politécnica, que realçou ainda uma vez a obra insigne deixada pelo prof. Morais Rêgo e agradeceu, em nome da Escola, a justa e significativa homenagem que acabava de ser prestada à sua memória ilustre.

— x —

MODIFICAÇÕES INTRODUZIDAS NOS ESTATUTOS DA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

Sob a presidência do almirante Raul Tavares, reuniu-se no dia 25 de Julho último a assembléia geral da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Nessa sessão, foi procedida a leitura das modificações introduzidas nos estatutos da Sociedade, modificações essas cuja redação final esteve a cargo de uma comissão composta dos Srs. Mário Rodrigues de Sousa e Paulo de Medeiros, e do secretário dessa entidade cultural.

Como não houvesse quem se pronunciasse contra as modificações apresentadas, foram elas aprovadas.

SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA

Os Srs. Edmundo da Luz Pinto, comandante Amaral Peixoto representando o general Francisco José Pinto e demais membros da Embaixada Extraordinária Brasileira às comemorações dos centenários de Portugal, visitaram, em 13 de Agôsto último, a Sociedade de Geografia de Lisboa, sendo recebidos pelos diretores da mesma, tendo à frente o seu presidente, Conselheiro João Azevedo Coutinho.

Após percorrerem o edifício da Sociedade, o Conselheiro João Coutinho saudou os visitantes, dizendo que a Sociedade que presidia sentia-se muito honrada pela visita que vem aumentar a lista de ilustres brasileiros que teem estado sob aquele teto, entre êles os presidentes Hermes da Fonseca e Campos Sales. Acrescentou o orador que jamais a Sociedade se esquece de seus sócios do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Baía, Minas, Rio Grande e outras partes do Brasil. Destacou em seguida a cordialidade de relações que esta Sociedade mantém com o Instituto Geográfico do Rio de Janeiro, assim como as imensas relações culturais entre Portugal e o Brasil.

— x —

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE SÃO PAULO

O Sr. Pierre Monbeig, professor da cadeira de Geografia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em recente entrevista concedida à "Fôlha da Manhã", focalizou as atividades geográficas daquela entidade de ensino.

Inicialmente o professor Monbeig declarou que o trabalho de pesquisas é uma das suas principais preocupações, no desenvolvimento do curso. Essa preocupação cresce à medida que o aluno avança nos estudos. Assim, no primeiro ano, os estudantes não sabem ainda fazer propriamente um trabalho rigoroso de pesquisa. Fazem apenas monografias de fazendas e, os que não desconhecem o interior, mapas econômicos, cartografias de estatísticas; mapas da densidade da população paulista, através dos vários recenseamentos já feitos; cartografias das várias culturas, etc.

Êste ano procurou organizar mapas completos dos serviços rodoviários do interior, incumbindo os alunos de estudar, através da localização das principais cidades da nossa "interlândia" as diversas relações entre as mesmas, como escolares, comerciais, bancárias.

Demonstrou depois, através de interessantes trabalhos de estudantes, que os alunos do 2.º e do 3.º ano já são capazes de fazer monografias, com caráter de pesquisa, de cidades e de regiões econômicas.

Dêstes últimos trabalhos — continuou o prof. Pierre Monbeig — os melhores foram enviados como teses ao IX Congresso Brasileiro de Geografia, que se realizou entre os dias 7 e 16, em Florianópolis. Referem-se a numerosos assuntos, alguns dos quais enumerou: monografia das cidades de Baurú, Catanduva, Palmital, Casa Branca, Franca, Araraquara, Marília e outras. A monografia desta última cidade é de autoria do prof. Monbeig. Outros estudos foram ainda feitos sôbre a Serra do Mar, norte de Santos, cidade de Santos, litoral paulista, etc.

O prof. Pierre Monbeig destacou os nomes de dois alunos: Romeu Paschoalick e Maria Conceição Vicente de Carvalho. O primeiro elaborou um notável trabalho sôbre a Estrada de Ferro Sorocabana, cujo resumo foi enviado àquele Congresso, trabalho êsse que o prof. Alfredo Elis, diretor da Faculdade de Filosofia, pretende publicar como boletim da Secção de Geografia. A segunda, que se especializou no estudo do litoral, apresentou interessante trabalho sôbre a cidade de Santos, a vida dos marinheiros e a cultura da banana no litoral.

Sôbre a maneira como o professor Pierre Monbeig orientou a feitura das monografias, foi, pelo mesmo prestadas as seguintes informações.

Despertada a atenção e o interêsse do aluno para um determinado assunto, o mestre

formula um questionário teórico acêrca das principais questões do tema escolhido pelo aluno sôbre as quais êste se deve deter. Não demora o estudante a voltar com a primeira colheita de documentos ou de informações. De posse dêsses dados e baseado neles, o aluno *discute o assunto com o professor, adquirindo* dêsse modo novos elementos para o seu trabalho. Sempre que é possível, o professor acompanha o aluno, orientando-o nas suas pesquisas. Depois de apresentados pelos alunos todos os elementos com os quais fará o trabalho, *o professor faz as críticas definitivas.*

Finalizando as suas declarações, o professor Pierre Monbeig referiu-se ainda a vários outros trabalhos de alunos, como a localização dos elementos estrangeiros em São Paulo, sempre com a preocupação do estudo do presente em função do passado, e a Associação dos Geógrafos Brasileiros, onde os alunos, depois de formados pela Faculdade, encontram um ambiente que lhe proporciona todos os meios necessários ao prosseguimento dos estudos e das pesquisas.

— x —

ATIVIDADES CULTURAIS DO CÍRCULO DE ESTUDOS BANDEIRANTES

O Círculo de Estudos Bandeirantes, sediado em Curitiba, capital do Estado do Paraná, vem realizando com regularidade o seu programa de trabalhos.

Do que foi, no ano social 1939/40, a vida dessa importante associação cultural paranaense, basta a súmula dos trabalhos realizados, que regista 39 sessões, nas quais foram levadas a efeito grande número de conferências.

Dentre êsses trabalhos culturais merecem destaque pela sua natureza histórico-geográfica os seguintes: — *Dr. Eurico Branco Ribeiro:* "O primeiro Bandeirante"; *Dr. Rosário Farani Mansur Guerios:* "Antropologia da linguagem"; *Dr. Rosário Farani Mansur Guerios:* "Classificação sociológica das línguas"; *Dr. Artur Martins Franco:* "A excursão do Museu Paranaense ao Município de Guaraquessaba"; *Dr. Rosário Farani Mansur Guerios:* "A contribuição dos Missionários Católicos à glotologia"; *Prof. Benedito Nicolau dos Santos:* "Tradições de Curitiba antiga"; *Dr. Rosário Farani Mansur Guerios:* "Os etruscos e sua misteriosa língua", "Sôbre a origem do nosso alfabeto"; *Dr. Loureiro Fernandes:* "Notas etnográficas sôbre o Município de Reserva"; *Dr. Homero de Barros:* "A contribuição dos pregadores católicos à formação da nacionalidade brasileira"; *Dr. Loureiro Fernandes:* "Comentários ao livro de Willy Aureli "Roncador"; *Dr. Liguarú Espírito Santo, Prof. Benedito Nicolau dos Santos* e *Dr. Mário Braga de Abreu:* "Considerações sôbre os centenários portugueses"; *Dr. Nivon Weigert:* "O Sr. Gilberto Freire e o Paraná"; *Dr. Osvaldo Pilôto:* "O Pinheiro do Paraná"; *Dr. Rosário Farani Mansur Guerios:* "A proposição primitiva", "A Toponímia e a sua importância", "Etimologia de alguns topônimos"; *Dr. Brasil Pinheiro Machado:* "A expansão sul-americana e o caráter da formação do Estado no século XVIII"; *Dr. Osvaldo Pilôto:* "A propaganda da Emancipação Política do Paraná".

— x —

CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA

Segundo notícias procedentes de Lisboa, publicadas pela imprensa desta Capital, ficou resolvido que o Congresso Luso-Brasileiro de História será inaugurado no dia 11 de Novembro próximo, sob a presidência geral do Sr. Júlio Dantas. Numa das reuniões preliminares *ficou também resolvido que se os presidentes* brasileiros às sessões não estiverem presentes, naquela data, os lugares serão preenchidos pelos professores Queiroz Veloso, Serafim Leite e Manuel Murias.

Atinge a mais de uma centena, as memórias e comunicações enviadas por autores brasileiros e portugueses.

IV CONGRESSO SUL-AMERICANO DE ESTRADAS DE FERRO

Realizar-se-á em Bogotá, em Fevereiro do ano próximo, o IV Congresso Sul-Americano de Estradas de Ferro.

A primeira dessas conferências realizou-se por iniciativa do govêrno argentino, no ano de 1910, em Buenos Aires, com a presença de 129 delegados, como representantes de 7 países dêste continente.

O II e o III Congressos reuniram-se nos anos de 1922 e 1929, respectivamente no Rio de Janeiro e Santiago.

Destacamos do programa da próxima reunião em Bogotá, as seguintes teses que deverão ser discutidas:

Secção A — Via Permanente e Obras de Arte. — Tema 1.º — Unidade Técnica internacional sul-americana. Perfis mínimos de obras para o tráfego internacional.

Tema 3.º — Cruzamento entre vias férreas, estradas de rodagem e outras vias de comunicação: aspectos técnicos, legal e econômico.

Tema 8.º — Combustíveis: carvão, petróleo e lenha e seus derivados.

Tema 11 — Exame comparativo dos diferentes sistemas de tração.

Tema 19 — Influência do bem estar dos empregados e dos operários ferroviários no rendimento da exploração.

Secção F — Assuntos Gerais — Tema 25 — Comunicações ferroviárias inter-americanas:

a) conveniência de estabelecer definitivamente a ligação ferroviária internacional.

b) Estrada de Ferro Inter-Americana. Novos aspectos dêste problema ante o desenvolvimento alcançado por outros meios de transporte. Determinação do traçado mais conveniente.

Tema 26 — Coordenação dos diversos meios de transporte.

Tema 27 — Necessidade de que a combinação dos serviços ferroviários, efetiva sob o ponto de vista técnico, também o seja sob o aspecto comercial, pela aplicação de tarifas diretas, ordinárias ou especiais.

Tema 28 — Estudo do sistema de tarifas mais convenientes para o interêsse geral em face da concorrência de outros meios de transporte.

Tema 31 — Estímulo das explorações mineiras e da indústria siderúrgica no interêsse das emprêsas ferroviárias e para outros fins.

Tema 32 — Aplicação da estereofotogrametria para o estudo das linhas férreas.

Na próxima reunião de Bogotá, será apresentada uma proposta pela Comissão Permanente para que a Associação Internacional se converta em Congresso Panamericano de Estradas de Ferro.

Das Estradas de Ferro brasileiras são membros efetivos do Congresso as seguintes: Leopoldina, Madeira-Mamoré, Companhia Paulista, Araraquara, Sorocabana, Vitória a Minas, Santa Catarina e Teresa Cristina. As estradas de ferro de propriedade do Estado são representadas pelos delegados do govêrno.

— x —

CONGRESSO DO MUNDO PORTUGUÊS

O Congresso do Mundo Português realizado por ocasião das festas centenárias da restauração, daquele país, desdobrando-se em oito Conferências que funcionaram em Lisboa, Pôrto e Coimbra, em conexão íntima com as universidades, as academias, a Sociedade de Geografia e a Escola Superior Colonial.

1.ª Conferência, de pré e proto-história, até a Reconquista cristã, compreendendo a paleografia e antropologia, realizou-se nos salões da Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto, sob a presidência do Dr. Mendes Correia.

2.ª Conferência, destinada ao estudo do Portugal medieval, da fundação da nacionali-

dade, sua formação, aquisição da unidade territorial, povoamento, instituições, consolidação política e organização econômica da nação até ao início da expansão ultramarina — 1415, foi inaugurada solenemente na sala dos capelos da Universidade de Coimbra, sob a presidência do Dr. Antônio Garcia Pinheiro de Vasconcelos. Foram discutidas vinte e seis comunicações, das quais seis de congressistas estrangeiros.

3.ª Conferência, sôbre Descobrimentos e Colonização até a crise nacional de 1580 que coincidiu com o fastígio do império do oriente, funcionou no palácio da Assembléia Nacional, com sessenta e cinco comunicações, entre as quais vinte e nove de congressistas estrangeiros, sob a presidência do comandante Fontoura da Costa.

4.ª Conferência, compreendendo a Monarquia dualista e Restauração até a paz com a Espanha (1578-1668), dividida em duas partes (A perda da independência e a dominação filipina, na primeira, e a Restauração e a guerra da aclamação, até a paz de 1668), funcionou também no palácio da Assembléia Nacional, sob a presidência do Dr. Queiroz Veloso. Foram presentes cinquenta e cinco comunicações das quais onze de congressistas estrangeiros.

5.ª Conferência, sôbre o período que vai da Restauração ao Constitucionalismo (1668-1834), e a 6.ª Conferência, desde o Constitucionalismo até à Grande Guerra, também funcionaram na Assembléia Nacional, sob a presidência do Dr. Caeiro da Mata.

7.ª Conferência, ocupou-se da história das atividades científicas para o estudo sistemático da obra original portuguesa, no domínio da ciência e a 8.ª ocupou-se dos três primeiros séculos da história luso-brasileira.

— x —

II CONGRESSO NACIONAL DE HIDRO-CLIMATISMO

Sob a presidência do Sr. Lourival Fontes, diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda, realizou-se durante os dias 31 de Agôsto a 6 de Setembro dêste ano, o II Congresso Nacional de Hidro-Climatismo, organizado sob os auspícios daquele órgão e por iniciativa do Touring Clube do Brasil.

Êsse certame teve como objetivo o estudo dos problemas médicos, científicos e técnicos das estâncias climáticas e hidro-minerais do país, e as providências para a sua adequada solução.

O Congresso registou o comparecimento de 74 congressistas do Distrito Federal e dos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas, Rio Grande do Sul e Baía.

As teses apresentadas atingiram ao número de 71, distribuídas por várias comissões encarregadas do seu estudo.

Os trabalhos foram classificados em duas secções: Climatologia e Hidrologia. Na secção de climatologia, o seu estudo ficou a cargo de três comissões encarregadas dos seguintes assuntos: Climatologia higiênica, compreendendo climatofisiologia, climatologia das estâncias brasileiras e clima acondicionado.

A 2.ª comissão estudou climatologia médica, compreendendo climatologia patológica e climatologia terapêutica.

A 3.ª comissão incumbiu-se do estudo de organização de estâncias, compreendendo aparelhamento, propaganda e legislação.

A secção de hidrologia ficou dividida em três comissões que estudaram as teses relacionadas com hidrogeologia e hidroquímica e fisioquímica.

— x —

II CONGRESSO RIO GRANDENSE DE AGRONOMIA

No dia 15 de Maio dêste ano, pela manhã, no salão nobre da Biblioteca Pública de Pôrto Alegre, presentes as Legações da Argentina e do Uruguai, realizou-se a sessão preparatória do II Congresso Rio Grandense de Agronomia, sob a presidência do Sr. Cláudio Pereira.

Os objetivos do certame foram condicionados nos dois pontos seguintes:

1.º) Contribuição dos agrônomos para o progresso da "exploração científica e econômica da riqueza natural dêste setor meridional do Brasil".

2.º) Contribuição dos agrônomos, num alto espírito de brasilidade para maior desenvolvimento dos laços de solidariedade continental.

Nessa reunião preparatória foram recebidas as credenciais dos delegados daqueles dois países e dos representantes das entidades agronômicas públicas e particulares do país, bem como as 86 teses apresentadas ao Congresso.

O ato inaugural do Congresso realizou-se à noite, no Teatro São Pedro, presidido pelo Interventor naquele Estado, Coronel Osvaldo Cordeiro de Faria.

Foi orador oficial da solenidade o Dr. Ataliba Paz, secretário da Agricultura do Rio Grande do Sul, o qual disse os fins e os propósitos dos agrônomos de todo Brasil ao se congregarem naquele dia para discutirem os assuntos de sua especialização.

Após, usaram da palavra os Srs. Cristolojo Brotas e Jacobo De L'Harpe, respectivamente representantes da Associação de Engenheiros Agrônomos do Uruguai e da Faculdade de Agrônomos de Montevidéu.

A contar daquela data até o dia do encerramento do certame, realizaram-se várias sessões plenárias para discussão das teses e votações de várias resoluções. No dia 21 do mesmo mês, quando se verificou o término do certame produziu uma conferência o Sr. Alberto Boerger, representante do Ministério da Agricultura do Uruguai.

As teses que particularmente interessaram à Geografia do Brasil, apresentadas ao certame, foram as seguintes: Alguns dados sôbre a antese de plantas silvestres dos arredores de Pôrto Alegre — Dr. *Alarich Schultz*, R. G. do Sul; Contribuição ao estudo das condições climáticas do Rio Grande do Sul — Eng. Agr. *Breno G. Reis*, R. G. do Sul; Clima e cultura — Eng. Agr. *Lourival Bastos de Meneses*, Rio de Janeiro; Divisão regional das terras do Rio Grande do Sul — Eng. Agr. *Gaspar Dilermando Uchoa*, R. G. do Sul; Solos e geologia — Eng. Agr. *Lourival Bastos de Meneses*, Rio de Janeiro; Mapa edafológico da Estação Experimental Filotécnica da Fronteira — Dr. *Wilhelm Mohr*. Eng. Agr. *Labieno Jobim* e Eng. Agr. *Gaspar Gomes de Freitas*, R. G. do Sul; Águas subterrâneas no Rio G. do Sul — Eng. de minas *Moacir do Amaral Lisboa*, R. G. do Sul; O carneiro e sua importância na economia nacional — Eng. Agr. *R. Fernandes e Silva*, Rio de Janeiro; A criação de suínos no Rio Grande do Sul — Engs. Agrs. *Fortunato Pimentel* e *Valdemar De C. Silva*, R. G. do Sul; Estudios preliminares economico-estadistico sobre la produccion de lanas en el Uruguay — Engs. Agrs. *Ricardo Christophersen, Raimundo Ibarra, Carlos Julio Amaral, Alfredo L. Weiss, Roberto Graña* y *Helbio Durañona*, Uruguai; Geografia bovina do Brasil — Eng. Agr. *R. Fernandes e Silva*, Rio de Janeiro; A cultura da juta entre japoneses de Parintins — Eng. Agr. *Admar de Andrade Thury*, Amazonas; Sugestões sôbre a organização de um departamento orientador agronômico municipal e da divisão das regiões do Estado — Eng. Agr. *Francisco Gonçalves Flores*, R. G. do Sul; Defesa e restauração dos pinheirais — Eng. Agr. *Cláudio Osório Pereira*, R. G. do Sul; A fruticultura no Rio Grande do Sul — Eng. Agr. *Alvaro Machado Xavier*, R. G. do Sul; Sôbre a necessidade da execução do código florestal — Eng. Agr. *Cláudio Osório Pereira*, R. G. do Sul; Silvicultura e siderurgia — Eng. Agr. *Lourival Bastos de Meneses*, Rio de Janeiro; Propriedade rural do Rio Grande do Sul — Eng. Agr. *Dário B. Brossard*, R. G. do Sul; Colonização Nacional — Eng. Agr. *Ramão Fioravantes Trois*, R. G. do Sul; Necesidades de estabelecer que la geografia economica nacional para su Estudio y para el dictado de la asignatura en la enseñanza media y superior sea competencia exclusiva del ingeniero agronomo — Ing. Agr. *Alberto Carlos Muello*,

Argentina; A escola e os problemas municipais — Bacharel *José Bonifácio Machado Leal Moreira*, R. G. do Sul; A mulher na vida rural — Eng. Agr. *Juvenal José Pinto*, R. G. do Sul; Contribuição ao estudo do solo, da água e do leite — Med. Vet. *Luiz R. Tavares de Macedo*, Rio de Janeiro.

— x —

III CONGRESSO DE ENGENHARIA E LEGISLAÇÃO FERROVIÁRIA

Durante os dias 12 a 17 de Outubro último, realizou-se em Belo Horizonte o III Congresso de Engenharia e Legislação Ferroviária.

Êsse certame vem sendo levado a efeito bienalmente em vários pontos do país, sob os auspícios da Associação Brasileira de Engenharia Ferroviária, de Campinas, onde se realizou o primeiro Congresso. O segundo efetuou-se em Curitiba.

— x —

CONGRESSO IBERO-AMERICANO

O Ministro Fonseca Hermes, na sessão extraordinária do IX Congresso de Geografia, realizada em 15 de Setembro último, na cidade de Florianópolis, ao terminar a leitura de sua comunicação sôbre as tradições pacíficas do Brasil, propôs a convocação no Rio de Janeiro, em 1950, de um certame, com a presença de Portugal, Espanha e todos os países sul-americanos, em comemoração ao bi-centenário do Tratado de 1750, numa homenagem ao seu inspirador Alexandre de Gusmão.

— x —

II CONVENÇÃO NACIONAL DE ENGENHEIROS

Promovida pela Federação Brasileira de Engenheiros reuniu-se na Capital paulista durante 27 de Julho a 3 de Agôsto dêste ano, a II Convenção Nacional de Engenheiros, "com o intuito de dar maior divulgação ao conhecimento dos recursos técnicos e econômicos do país e também com o escopo de intensificar a aproximação dos engenheiros brasileiros".

O programa de trabalhos do certame constou dos assuntos:

Tema I — "Formação de técnicos especializados para a indústria nacional. — Como resolver o problema ?".

Tema II — "Qual a solução mais conveniente para o problema da habitação dos operários e funcionários no Brasil ?".

Tema III — "Como coordenar com os serviços de pavimentação aqueles de que dependem as redes de água, esgotos, gás e telefone ?".

Tema IV — "A indústria do alumínio no Brasil com utilização da bauxita nacional. Como iniciá-la? Onde loçalizar a usina?".

Tema V — "A indústria do Chumbo no Brasil. Seu início e suas possibilidades".

Tema VI — "O problema da maleita nas obras de engenharia".

Tema VII — "O problema da unificação da terminologia técnica no Brasil. Como resolvê-lo ?".

Tema VIII — "Necessidades de um código para as instalações elétricas em geral e especialmente domiciliares. Como organizá-lo ?".

Tema IX — "A legislação de pesos e medidas no Brasil e seus reflexos na prática".

Tema X — "Coordenação de esforços entre as emprêsas ferroviárias no sentido de obter-se melhor aproveitamento econômico das redes existentes no Brasil. Como conseguí-la".

Os conferencistas durante a realização do certame realizaram várias visitas e excursões de estudos.

Anexa à conferência, funcionou uma exposição, em que esteve representado o Instituto Agronômico de Campinas. O material exibido por êsse Instituto está subordinado ao tema — levantamento agro-geológico do Estado de São Paulo, cuja execução, a cargo da Secção de Solos, está muito adiantada.

O levantamento compreende o estudo das propriedades químicas, físicas, coloidais e mineralógicas dos diferentes tipos de solo do Estado.

Figurou na exposição o seguinte material: esbôço agro-geológico do Estado; mapa de solos do município de Campinas; cortes agro-geológicos através do Estado em duas direções, mostrando as diversas formações geológicas; uma dezena de gráficos, representando diagramas volumétricos físicos e químicos de perfis que representam as condições médias das grandes formações agro-geológicas; quinze gráficos que representam cêrca de 40 diferentes constantes químicas e físicas, características preciosas dos diferentes tipos de solos do Estado; diversos diagramas, que estabelecem os critérios da classificação dos solos do Estado, segundo as suas propriedades físicas e químicas e segundo a análise das suas rochas-máter; 40 fotografias das raias de difração obtidas por meio de raio X incidindo sôbre argilas de solos e rochas, que mostram a estrutura cristalina e natureza dêsse material fino do solo; fotografias de vegetação típica do solo; diagrama que evidencia a relação entre os vários tipos de solos e as principais plantas de cultura; mapa geológico do município de Campinas, etc.

Êsse material não é apenas inédito. E' o primeiro dêsse gênero que se obtém no Brasil e foi executado segundo os preceitos mais modernos da ciência do solo.

— x —

SEMANA EUCLIDIANA

Todos os anos, a contar da morte de Euclides da Cunha, ocorrida em 15 de Agôsto de 1909, realiza-se durante os dias 9 a 15 do mesmo mês a "Semana Euclidiana", na cidade de São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo, em homenagem à memória dêsse escritor, um dos mais brasileiros dos nossos intelectuais.

Deve-se a origem dessa solenidade ao fato de ter sido São José do Rio Pardo o local onde Euclides da Cunha escreveu a sua obra marcante, "Os sertões", quando na qualidade de engenheiro, construiu uma extensa ponte sôbre o rio que banha aquela cidade.

Durante as solenidades vários intelectuais realizaram conferências sôbre a personalidade e a obra de Euclides da Cunha, destacando-se entre muitas as conferências produzidas pelos Srs. Afonso Arinos de Melo Franco que escolheu o tema: "Reflexões sôbre Euclides da Cunha; Percival de Oliveira, que falou sôbre "O autor de os sertões", e Plínio Silva, que se ocupou do temperamento de Euclides.

Nesta capital outras manifestações foram levadas a efeito, como seja a realizada pelo "Gremio Euclides da Cunha", que foi encorporado no dia 15 ao túmulo do seu patrono, seguindo-se, em sua sede, uma sessão comemorativa, onde falaram vários oradores.

— x —

ASPECTOS DA COLONIZAÇÃO NO BRASIL

O Sr. Lincoln Nodari, especialista italiano em assuntos de colonização, procedeu, no dia 12 de Julho último, no Conselho de Imigração e Colonização, à ltiura de uma exposição sôbre os aspectos da colonização no Brasil.

— x —

"CICLOS DA EVOLUÇÃO BRASILEIRA"

Na Biblioteca Israelita H. N. Bealek, o Sr. Roberto Macedo, realizou, no dia 13 de Julho dêste ano, uma conferência sob o tema: "Ciclos da evolução brasileira".

— x —

INFLUÊNCIA DO PERNAMBUCANO NA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE

O desembargador Esmaragdo de Freitas realizou uma conferência sob o título acima, na Sociedade de Amigos de Alberto Tôrres.

O HOMEM DO INTERIOR E SUA EVOLUÇÃO

Através do microfone da P.R.A.-2, do Ministério da Educação, o Sr. Celso Kelly pronunciou uma conferência, no dia 21 de Junho último, abordando o tema: "A valorização do homem do interior pela educação".

—— x ——

OS PROBLEMAS SOCIAIS E ECONÔMICOS DA ATUALIDADE E A ESTATÍSTICA

Abordando o tema acima, o professor Giorgio Mortara, consultor técnico do Serviço Nacional de Recenseamento, realizou, no dia 15 de Agôsto, uma conferência, na sala de projecões do Museu social do Ministério do Trabalho.

—— x ——

UMA TEOCRACIA AMERICANA

No Centro Acadêmico de Estudos Americanos de Curitiba, o Sr. Davi Carneiro, realizou, no dia 10 de Junho dêste ano, uma conferência intitulada "Uma teocracia americana".

—— x ——

UMA CONFERÊNCIA SÔBRE HARTT

O professor Edgar Sussekind de Mendonça realizou, em 28 de Agôsto último, no Instituto Brasil-Estados Unidos, uma conferência na qual estudou a obra do naturalista Carlos Frederico Hartt, cujo centenário se verificou no mesmo mês.

—— x ——

A OBRA EDUCATIVA DO GENERAL RONDON NAS SELVAS AMERICANAS

Ao ser recebido o general Cândido Rondon como sócio honorário da Associação Brasileira de Educação, no dia 17 de Setembro último, o Sr. Ivan Lins realizou, na sede da mesma sociedade uma conferência sôbre "A obra educativa do general Rondon nas selvas americanas".

—— x ——

"RUMO AO OESTE"

Atendendo ao convite que lhe dirigiu o Departamento de Imprensa e Propaganda, o General Cândido Rondon realizou, em 3 de Setembro último, uma conferência sôbre o título acima, no Palácio Tiradentes.

—— x ——

VIDA E COSTUMES DOS SELVÍCOLAS DO ARAGUAIA

Na Escola Superior de Comércio, realizou-se, no dia 13 de Agôsto findo, uma conferência realizada pelo professor Boaventura Ribeiro da Cunha, membro do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, na qual foi abordado o tema: "Vida e costumes dos selvícolas e fluminícolas do Araguaia".

—— x ——

HOMENAGEM À MEMÓRIA DO NATURALISTA HARTT

Comemorando a passagem do primeiro centenário do nascimento do grande naturalista Carlos Frederico Hartt, que tão notáveis serviços prestou à ciência e à Geografia do Brasil, a Academia Brasileira de Ciências, realizou, no dia 23 de Agôsto findo, uma sessão solene pública no salão nobre da Escola Nacional de Engenharia.

Falaram sôbre a personalidade do naturalista Hartt, os Srs. Luciano Jaques de Morais, Glycon de Paiva e Matias Oliveira Roxo, além dos vários representantes de entidades culturais e científicas.

O FOLCLORE HISTÓRICO NO BRASIL

O Sr. Pedro Calmon realizou uma conferência no dia 26 de Junho dêste ano, na sede do Instituto Histórico e Geográfico sob o título acima.

—— x ——

UMA SÉRIE DE CONFERÊNCIAS DO SR. MÁRIO BARBOSA

O Sr. Mário Barbosa, Ministro do Tribunal de Contas da Baía, atendendo ao convite que lhe foi dirigido pelo Diretor do Departamento Estadual de Estatística, daquele Estado, realizou alí durante o mês de Julho último uma série de palestras em tôrno de assuntos geo-econômicos.

As conferências do Sr. Mário Barbosa abordaram os seguintes temas:

1 — A Vida Econômica e o Meio Geográfico; 2 — A Evolução Econômica e as Suas Fases até Nossos Dias; 3 — Fontes e Fatores de Produção; 4 — Condições Geográficas do Trabalho Humano — A Natureza e o Homem; 5 — Utilização das Fôrças Naturais — A Energia Hidráulica; 6 — Padronização e Defesa da Produção; 7 — Causas Perturbadoras da Produção; 8 — Produção, Circulação, Distribuição e Consumo; 9 — Geografia Comercial — Comércio Mundial — O Intercâmbio; 10 — Geografia da Circulação e Sistema de Transporte; 11 — A Vida Econômica do Brasil.

—— x ——

A INFLUÊNCIA DA GEOGRAFIA NO DIREITO

No dia 26 de Julho findo, na sede da Sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres, o professor Vasco Lacerda pronunciou uma conferência acêrca do tema: "A influência da Geografia no direito".

Naquele mesmo dia, no mesmo local, a Senhora Genezi de Castro e Silva discorreu sôbre os aspectos da educação rural em Goiaz.

—— x ——

GEOPOLÍTICA E GEOBÉLICA DO MARANHÃO

Realizou-se, no dia 28 de Julho último, na sede do Clube Militar, uma conferência pronunciada pelo General Raul Bandeira de Melo, que versou sôbre o tema: "Estudos históricos de geopolítica e geobélica do Maranhão".

Debateu também o assunto, o Coronel Jonas Morais Correia, professor do Colégio Militar e diretor do Departamento de Educação da Prefeitura Municipal.

—— x ——

"A OBRA DOS JESUÍTAS NO BRASIL"

Em vista do interêsse despertado nos meios universitários pelo concurso de teses sôbre "A obra dos Jesuítas no Brasil", a Associação dos Antigos Alunos dos Padres Jesuítas resolveu adiar, até 20 de Dezebmro próximo o prazo para entrega das teses.

—— x ——

"ASPECTOS BIGEOGRÁFICOS DO BRASIL"

Por occasião da visita levada a efeito pelos alunos do 2.º ano do Curso de Administração da Escola de Intendência do Exército, no dia 15 de Agôsto último, ao Museu Nacional, o naturalista professor João Moogen de Oliveira realizou uma conferência onde abordou os "Aspectos Biogeográficos do Brasil".

—— x ——

AÇÃO DOS JESUÍTAS EM SANTA CATARINA

O Sr. Osvaldo Cabral, realizou uma conferência, no dia 11 de Julho último, na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, abordando o tema acima.

"GEOGRAFIA E SUAS RELAÇÕES COM A GEOLOGIA"

Na reunião da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, realizada em 13 de Agôsto findo, o Sr. Paulino Franco de Carvalho pronunciou uma conferência sob o título acima.

— x —

OS TRABALHOS EXECUTADOS NA BAIXADA FLUMINENSE

O engenheiro Bento Santos de Almeida, recentemente enviado à Capital pernambucana pelo Ministério da Viação, para estudar os problemas dos alagados do Recife, pronunciou no dia 31 de Agôsto findo, no Clube de Engenharia local, uma conferência subordinada ao tema: "Como foram resolvidos os problemas técnicos da Baixada Fluminense". A convite do Diretor da Escola de Engenharia de Pernambuco, ainda o mesmo profissional realizou, no dia 2 de Setembro, outra conferência, onde discorreu sôbre o saneamento da bacia hidrográfica da lagoa de Maricá.

— x —

PROBLEMA FLORESTAL

O Sr. Orlando de Almeida, presidente da Junta Comercial de São Paulo, realizou uma conferência subordinada ao tema: "Problema Florestal", na Sociedade Rural Brasileira, em 21 de Setembro findo.

— x —

"INFLUÊNCIA DO CAFE' NA RIQUEZA NACIONAL"

Realizou-se no dia 4 de Julho último, no auditório do jornal "A Gazeta" de São Paulo, uma palestra do Sr. Valentim Bouças, que a subordinou ao tema: "Influência do café na riqueza nacional".

Essa conferência, que foi patrocinada pela ordem dos Economistas de São Paulo, constituiu uma parte do programa das solenidades comemorativas da "Semana do Economista" levada a efeito naquele Estado.

— x —

RURALISMO NO BRASIL COLONIAL - IMPERIAL

Realizou-se, no dia 27 de Junho findo, uma conferência versando o assunto acima, pronunciada pelo Sr. Paulo Pope de Figueiredo.

— x —

"A CULTURA DO TRIGO EM MINAS GERAIS"

Realizou-se na Sociedade de Agricultura, em 5 de Junho último, a conferência pronunciada pelo Sr. J. Monteiro Machado, que explanou o tema acima.

— x —

"RUMO E CIFRAS DO TRÁFICO BAIANO"

Sob os auspícios do Instituto de Estudos Brasileiros, o Sr. Luiz Viana Filho realizou no dia 30 de Agôsto último, no salão da Bôlsa de Imóveis, uma conferência subordinada ao tema: "Rumos e cifras do tráfico baiano".

O assunto foi debatido pelos Srs. Pedro Calmon e José Wanderlei Pinho.

— x —

VIAGENS NOS VALES DOS RIOS TOCANTINS E ARAGUAIA

Por iniciativa do Círculo de Técnicos Militares, o Sr. Oto Henri Leonardos, realizou, na sede da mesma entidade, uma conferência versando sôbre uma viagem de reconhecimento nos vales dos rios Tocantins e Araguaia.

O conferencista ilustrou a sua palestra com a projeção de um filme.

"O PROBLEMA DA BORRACHA BRASILEIRA"

O Sr. Ladário de Carvalho, funcionário do Instituto Nacional de Tecnologia, realizou, no dia 16 de Agôsto último, na sede do Sindicato dos Industriais de Artefatos de Borracha, uma conferência sob o título acima.

— x —

"AS RIQUEZAS MINERAIS DO BRASIL"

No dia 23 de Julho dêste ano, realizou-se no salão nobre da Bôlsa, uma conferência subordinada ao título acima, pronunciada pelo coronel Edmundo Macedo Soares e Silva.

— x —

"A FONTE DA VIDA NO NORDESTE BRASILEIRO"

Subordinado ao título acima, o engenheiro Virgínio Campelo, realizou uma conferência em 12 de Julho findo, na Sociedade dos Amigos de Alberto Tôrres.

— x —

A INDÚSTRIA DO PAPEL EM MINAS GERAIS

Subordinado ao tema "Indústria do papel em Minas Gerais", o Sr. José Maria Barbosa, técnico da Secretária da Agricultura de Minas Gerais, pronunciou uma conferência, no dia 28 de Agôsto, na sede da Sociedade Mineira de Agricultura.

— x —

"PRODUÇÃO DE CELULOSE"

O engenheiro Ernesto Geiger, professor da Escola de Engenharia de Pernambuco, realizou no dia 5 de Julho dêste ano, uma conferência no Clube de Engenharia, desta capital, versando sôbre o assunto acima.

— x —

UM NOVO MÉTODO PARA DETERMINAÇÃO DA MERIDIANA

O engenheiro Aurélio de Meneses realizou, no dia 27 de Agôsto findo, na Escola Politécnica da Baía, uma conferência subordinada ao título acima.

Essa conferência constou de uma apreciação sôbre a necessidade da determinação da meridiana em todos os setores da engenharia, inclusive a navegação aérea e marítima, e sôbre a parte histórica dos métodos empregados desde a mais remota antiguidade, apreciando-lhe as vantagens e os inconvenientes.

— x —

"ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL NA CONSTITUIÇÃO DE 91"

Sob o tema acima, o professor Mário Casassanta, realizou uma conferência em 12 de Junho último, por ocasião da sessão de posse da nova diretoria do Centro Acadêmico "Afonso Pena" de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais.

— x —

PESQUISAS SÔBRE A RAÇA NEGRA NO BRASIL

Subvencionado pela Fundação Guggenheins, de Nova York, esteve, no mês de Setembro último, nesta Capital, o sociólogo Flanklin Frazier, chefe do Departamento de Sociologia da Harward University, de Washington, Estados Unidos da América do Norte.

Após alguns dias de permanência nesta capital, o Sr. Frazier seguiu para Baía, São Paulo e Recife, onde permaneceu, realizando pesquisas sôbre a família negra no Brasil, estudo que irá servir de base para um trabalho comparativo sôbre a situação social da raça negra no Brasil, em Jamaica, em Haití e nos Estados Unidos.

"CONTOS E LENDAS DO SERTÃO GOIANO"

A convite do Departamento de Imprensa e Propaganda, o professor Júlio César de Melo e Sousa, pronunciou uma conferência, no dia 10 de Setembro último, no Palácio Tiradentes, subordinada ao título acima.

—— x ——

A CIDADE DE PÔRTO ALEGRE COMEMORARÁ O SEU 2.º CENTENÁRIO EM NOVEMBRO PRÓXIMO

A exemplo do que fez S. Paulo em 1932 e a cidade do Salvador êste mesmo ano, a prefeitura do município de Pôrto Alegre, representada pelo seu prefeito, Dr. Loureiro da Silva, dirigiu ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul uma consulta sôbre qual a data que devia ser tomada como ponto de partida na história de Pôrto Alegre.

A Comissão então designada por aquele sodalício, composta por historiadores e técnicos, depois de realizar os estudos necessários, assinalou a data de 5 de Novembro de 1740 como a mais antiga documentadamente registada pela história e, como tal, merecedora de ser comemorada como marco inicial da cidade.

Em face dêsse parecer a prefeitura de Pôrto Alegre projeta a realização de uma comemoração solene e condigna à memorável efeméride, a iniciar-se naquela data, figurando em primeiro plano uma grande exposição, cujo programa já está merecendo estudos.

O teor da resposta do Instituto Histórico e Geográfico local é o seguinte:

"Respondendo o pedido de V. Excia., em ofício de 20-X-último, temos o grato prazer de comunicar que, submetido o assunto à Comissão de História dêste Instituto, composta pelos Snrs. Prof. J. Tupí Caldas — relator P. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., Dr. Mário Teixeira de Carvalho o Dr. Manuelito de Ornelas, esta, depois de estudar a questão com grande série de documentos chegou às seguintes conclusões que aprovamos:

1.º) — Estando, no ano de 1740, já estabelecido na zona da hodierna cidade, o ilustre colonizador Jerônimo de Ornelas Meneses e Vasconcelos com uma estância de criar, há mais de 8 anos, foi-lhe, nesse ano, a 5 de Novembro — com a condição de deixar um terreno livre para logradouro no Pôrto do Viamão, — confirmada a posse da estância.

Essa estância, núcleo inicial da colonização, foi o ponto de partida para a fundação da mais tarde capital do Continente de Viamão (como rezam algumas atas da Câmara), isto é: de Pôrto Alegre.

Em conclusão primeira: Sendo a data mais antiga que a história documentadamente regista, a de 5 de Novembro de 1740, — deve ela ser comemorada, como o fizeram em 1932 em S. Paulo (IV Centenário da Colonização de S. Vicente), como sendo a data inicial, ponto de partida — isto é: de Colonização.

2.º) — Como fundar uma cidade ou vila, ou lugar, juridicamente significa instalar as justiças, (naqueles tempos, justiças, clero, e nobreza), e como só a 24 de Julho de 1773 foi transferido para Pôrto Alegre, então simples freguesia dentro de propriedade particular, o govêrno do Continente de S. Pedro do Rio Grande do Sul, com clero, nobreza e justiças, deve-se comemorar a data de 24 de Julho como a da fundação que é da futura vila e cidade de Pôrto Alegre, capital da Província e hoje Estado do Rio Grande do Sul.

Em conclusão segunda: a data de 24 de Julho de 1773 é a da fundação da cidade, juridicamente.

Resumindo — São datas máximas da evolução de Pôrto Alegre:

1.º) — 5 de Novembro de 1740 — colonização — data que deve merecer atenção especial pois que de grande significado.

2.º) — 24 de Julho de 1773 — fundação jurídica da cidade e instalação da nova capital do Rio Grande, data também de grande importância, especialmente para o Estado.

Respondendo, assim, a honrosa consulta de V. Excia., aproveitamos o ensêjo para apresentar a V. Excia., nossos protestos do mais elevado aprêço e consideração."

—— x ——

PELÍCULA DOCUMENTAL DA AMAZÔNIA

Procedente de Belém, Estado do Pará, chegou no dia 18 de Julho último a esta Capital, o Sr. Julien Bryan, autor de uma série de filmes documentários.

O Sr. Bryan esteve filmando aspectos da vida amazônica, por incumbência de sociedades culturais e universidades do seu país.

—— x ——

UM PROFESSOR BRASILEIRO NA UNIVERSIDADE DE LOUISIÂNIA

O professor Artur Ramos, catedrático da Universidade do Brasil, foi recentemente distinguido com a nomeação de professor visitante da cadeira de Sociologia da Universidade de Louisiânia, nos Estados Unidos da América do Norte.

Durante a sua permanência naquele país, o professor Artur Ramos dará dois cursos: um sôbre raças e culturas do Brasil e outro sôbre raças e relação de raças.

—— x ——

LOCALIZAÇÃO DO PONTO DE DESEMBARQUE DE COLOMBO

"Notícias de Cambridge informam que o professor Samuel Eliot Morrison, de regresso dos estudos finais dêste ano, realizados pela expedição que a Universidade de Harward organizou para seguir a rota de Colombo, declarou haver localizado o ponto em que o descobridor genovês desembarcou pela primeira vez nas Américas, que deve ter sido na praia atualmente denominada Halro Landing, na costa oeste de São Salvador, pois em qualquer outro ponto da ilha a frota colombiana teria ido de encontro aos arrecifes.

Ainda acrescentou que a baía de Barlay é a que melhor se ajusta à descrição do primeiro pôrto em Cuba em que Colombo desembarcou.

O professor Morrison está escrevendo um livro intitulado "Cristóvão Colombo marinheiro e descobridor".

—— x ——

NOVAS OBSERVAÇÕES DO PLANETA MARTE

Notícias procedentes de Moscou, transmitidas pela Agência *Tass*, comunica os primeiros resultados interessantes das observações feitas no planeta Marte durante o período de oposição, no ano de 1939. Os astrônomos russos obtiveram várias centenas de fotografias, não somente em raios visíveis azul, verde e vermelho, como também com luz ultra-violeta e infra-vermelha, imperceptível à vista humana.

Ao contrário das nuvens do nosso planeta, que apresentam a mesma claridade com os raios violetas, as nuvens de Marte só podem ser distinguidas nas fotografias com luz violeta. E' possível que sua origem seja a mesma da cerração e da neblina que se estende sôbre a superfície da Terra nos dias de inverno. Em geral essas nuvens são observadas em Marte pela manhã, antes do nascer do Sol, e à tarde, depois do ocaso.

Uma das curiosas particularidades das manchas situadas nos polos do planeta é que nas fotografias em ultra-violeta são mais claras e maiores que em outros raios, e desaparecem completamente nas fotografias em infra vermelho. Comparando as fotografias atuais com as obtidas anteriormente, constata-se que as manchas escuras mudaram de posição em vários quilômetros.

RELATÓRIOS, RESOLUÇÕES E LEIS

RESOLUÇÃO N. 1, DE 26 DE NOVEMBRO DE 1937

Solicita providências ao Govêrno da República :

O Diretório Central do Conselho Brasileiro de Geografia, usando das suas atribuições :

considerando que a assembléia geral do Conselho Brasileiro de Geografia, em sua Resolução n. 14, de 17 de Julho de 1937, prescreveu, como empreendimento fundamental, a atualização da carta geográfica do Brasil, e, concomitantemente, a elaboração dos Atlas Corográficos Municipais;

considerando que, de acôrdo com o artigo 4.º da mesma Resolução, compete à Presidência do Instituto Nacional de Estatística, providenciar junto aos poderes competentes a concessão dos recursos necessários aos referidos empreendimentos;

considerando que, na nova ordem constitucional no momento presente, a fixação do orçamento da União compete à Presidência da República, à qual está o Instituto Nacional de Estatística diretamente subordinado;

considerando que a Junta Central do Conselho Nacional de Estatística, em sua Resolução n. 23, de 16 de Novembro corrente, deliberou solicitar instruções e providências ao Govêrno da República em decorrência da nova ordem política instituída no País, entre as quais se inclue a consignação de um auxílio orçamentário ao Conselho Brasileiro de Geografia, em conformidade com o que propuser o seu Diretório Central;

considerando finalmente, que deve ser promovida a execução da Resolução da Assembléia Geral, n.º 6 de 13 de Julho de 1937 :

RESOLVE :

Artigo único. — A Presidência do Instituto Nacional de Estatística solicitará ao Senhor Presidente da República :

I — A mudança do nome do Instituto Nacional de Estatística, conforme as resoluções do Conselho Nacional de Estatística e do Conselho Brasileiro de Geografia, constituintes do mesmo Instituto;

II — A inclusão no orçamento da União para 1938, como "auxílio" ao Conselho Brasileiro de Geografia de uma verba de 400 contos de réis, destinada ao custeio dos serviços e iniciativas que lhe estão afetos, especialmente a revisão da carta geral do Brasil, ao milionésimo, e a elaboração dos Atlas Corográficos Municipais;

III — A recomendação aos Governos Regionais, e, por intermédio dêstes aos governos municipais, para que acolham com solicitude as iniciativas do Conselho Brasileiro de Geografia referentes ao conhecimento do território local, e em especial, a instalação e o eficiente funcionamento dos respectivos diretórios.

Rio de Janeiro, 26 de Novembro de 1937, ano II do Instituto.

RESOLUÇÃO N. 2, DE 28 DE MARÇO DE 1938

Estabelece as instruções gerais previstas pelo art. 16 do decreto-lei n. 311, de 2 de Março corrente, e sugere providências aos Governos Regionais.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente a conferida pelo art. 22 do Regulamento do Conselho;

considerando o disposto no § 1.º do art. 16 do decreto-lei n. 311, de 2 de Março de 1938;

RESOLVE :

Art. 1.º — A sistematização da divisão territorial de cada Unidade Federada, objetivada na fixação do novo quadro que vigorará, inalteravelmente, durante cinco anos a partir de 1.º de Julho próximo, se baseará na definição, precisa quanto possível, do âmbito territorial dos distritos, obedecidos os seguintes princípios :

a) cada distrito terá suas limitações estabelecidas com precisão a melhor possível;

b) cada distrito compreenderá uma superfície contínua;

c) cada distrito será distinto, havendo a proibição absoluta de uma faixa de terra, pertencente a um distrito, estar, a qualquer título, subordinada a outro;

d) os distritos de um mesmo Município deverão se juxtapor perfeitamente, de modo a formarem uma superfície contínua, de que se constituirá o Município.

Parágrafo único — As superfícies dágua, marítimas, fluviais ou lacustres, não quebram a continuidade territorial; porém, se elas forem relativamente extensas deverão ser reservadas para divisas intermunicipais ou interdistritais.

Art. 2.º — Na fixação das linhas divisórias, intermunicipais e interdistritais, em geral, serão observadas as seguintes normas :

a) preferência sistemática pelas linhas naturais, facilmente reconhecíveis, como, por exemplo : as linhas de relêvo (cristas ou linhas de cumiada de elevações acentuadas, divisor de águas de cursos dágua marcantes, etc.), as linhas médias de superfícies dágua, lacustres, marítimas e sobretudo fluviais;

b) na impossibilidade de uma linha natural, uma linha reta cujos extremos serão pontos naturais facilmente reconhecíveis (picos, pontos singulares de relêvo, aflorações, nascentes e confluências de cursos dágua, cascatas e quedas dágua, etc.) e, na falta deles, pontos outros dotados das necessárias condições de fixidez e de fácil reconhecimento (marcos, edificações, pontes, monumentos, etc.);

c) a configuração do Município, tanto quanto possível, deverá atender a uma relativa harmonia das suas duas dimensões, devendo ser evitados as formas anômalas, os estrangulamentos e alargamentos exagerados.

Art. 3.º — No novo quadro territorial de cada Unidade Federada a descrição sistemática dos limites municipais e das divisas interdistritais, será feita por municípios, dispostos em ordem alfabética, observado o seguinte :

a) Os limites de cada Município serão descritos integralmente :

1) a descrição se fará por trechos correspondentes às confrontações existentes (município do mesmo Estado, Estado, Território do Acre, Distrito Federal, Oceano ou País);

2) o sentido da descrição será o "dextrorsum", isto é, o sentido da marcha dos ponteiros do relógio;

3) o ponto de partida da descrição será o mais ocidental início de confrontação do Município;

4) a descrição do trecho do limite de um Município referente à confrontação com outro Município do mesmo Estado, será, invertido o sentido, rigorosamente a mesma do trecho correspondente no limite dêste outro Município.

b) As divisas interdistritais de cada Município serão descritas, trecho a trecho, e não distrito por distrito, afim de ser evitada duplicidade de descrição, dispensada a descrição dos trechos da divisa distrital, que coincidirem com os limites municipais :

1) cada trecho será titulado pelas suas confrontações, ou seja, "divisa entre os distritos A e B";

2) a ordem de sucessão das descrições das divisas interdistritais e o sentido da descrição de cada divisa serão livres.

3) na descrição de cada divisa interdistrital haverá o cuidado de se definirem precisamente os seus pontos terminais.

c) Na descrição dos limites municipais e das divisas interdistritais será usada linguagem apropriada, simples, clara e precisa, sendo recomendados :

1) o uso de uma terminologia geográfica correta, classificados os acidentes com propriedade;

2) o uso preferencial dos topônimos locais dos acidentes, evitados os nomes de propriedades e de pessoas.

d) A descrição sistemática dos limites municipais e das divisas interdistritais de cada Município será acompanhada de um pequeno "croquis" esquemático e elucidativo da configuração do Município, suas confrontações e sua divisão distrital.

Parágrafo único — Para clareza da interpretação dêste artigo, integra-se nesta Resolução, em anexo, um exemplo concreto: a descrição dos limites municipais e das divisas interdistritais do Município de Figueira, do Estado de Minas Gerais, acompanhado do respectivo "croquis" acima referido.

Art. 4.º — No novo quadro territorial deverão ser evitadas as designações extensas para as circunscrições e respectivas sedes, sendo absolutamente vedada a existência de mais de uma cidade ou vila com a mesma denominação, no mesmo Estado.

Art. 5.º — Bem caracterizados os distritos, que terão dupla natureza, administrativa e judiciária, a divisão administrativa do Estado, na lei geral prevista pelo art. 16 do decreto-lei n.º 311, será definida nos têrmos do art. 3.º desta Resolução, e, quanto à divisão judiciária, pela relação das Comarcas e Têrmos com a referência dos têrmos e municípios que os constituírem respectivamente.

Art. 6.º — Os trabalhos da sistematização da divisão territorial, a serem executados em cada Estado por uma Comissão Especial (Resolução n.º 36, de 14 de Março corrente, da Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística), determinando entendimentos constantes e especializados com as Prefeituras Municipais, recomendam :

a) que o Govêrno de cada Estado promova, com a maior presteza, a instalação em cada Município da Agência Municipal de Estatística e do Diretório Municipal de Geografia, uma e outro previstos na organização do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

b) que a legislação estadual, referente ao cumprimento do art. 16 do decreto-lei n.º 311, preveja a constituição em cada Município de uma comissão de três membros, o Agente de Estatística, um representante do Diretório de Geografia e um de livre escolha do Prefeito, comissão que será o órgão local de ligação com a administração estadual, não só para execução das disposições do decreto-lei n.º 311, de 2 de Março corrente, como para as do decreto-lei n.º 237, de 2 de Fevereiro último que regula o preparo do Recenseamento Geral da República em 1940.

Art. 7.º — Para boa marcha e normalização dos trabalhos da revisão do quadro territorial, recomenda-se :

a) que a Comissão estadual promova inicialmente um apanhado da situação, consultando a opinião dos Prefeitos e de demais autoridades interessadas sôbre a criação ou extinção de municípios e distritos e coletando mapas e outros documentos relacionados com o assunto;

b) de acôrdo com os dados geográficos e cartográficos, estatísticos e outros, coligidos pela Comissão estadual, esta organizará um plano de sistematização do quadro territorial, mantido quanto possível o quadro atual, e publicará êste plano para receber sugestões;

c) finalmente, de posse das sugestões e críticas do quadro publicado, e de acôrdo com os estudos que tiver empreendido, a Comissão organizará o seu parecer definitivo, apresentando ao Govêrno estadual o resultado dos seus trabalhos.

Art. 8.º — A Junta Executiva Regional de Estatística e o Diretório Regional de Geografia de cada Estado representarão ao Govêrno respectivo sôbre a necessidade da instituição de um serviço de cartografia, anexo à comissão técnica especial incumbida dos trabalhos da sistematização da divisão territorial.

Rio de Janeiro, 28 de Março de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 3, DE 29 DE MARÇO DE 1938

Estabelece, nos têrmos do decreto-lei federal n.º 311, de 2 de Março corrente, os requisitos mínimos a que os mapas municipais devem satisfazer e as instruções gerais para a fixação das zonas urbanas e suburbanas das sedes municipais e distritais.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente a que lhe é conferida pelo artigo 22 do Regulamento do Conselho :

considerando o disposto nos arts. 11, 12 e 13, e seus parágrafos, do decreto-lei federal n.º 311, de 2 de Março corrente, resolve :

Art. 1.º — O mapa do território de cada Município que, em duas vias autenticadas, a respectiva Prefeitura é obrigada a depositar na Secretaria do Diretório Regional de Geografia, até o dia 2 de Março de 1939, sob pena de cassação da autonomia municipal, deve satisfazer aos requisitos mínimos fixados pela presente Resolução (art. 13 e parágrafos, do decreto-lei federal n.º 311).

§ 1.º — Recomenda-se às Prefeituras, de maneira especial, que se empenhem, patrioticamente, na apresentação do melhor mapa que lhes seja possível executar, não se limitando ao mínimo aquí fixado aquelas que dispuserem de elementos para um trabalho mais completo.

§ 2.º — O Diretório Regional remeterá uma das duas vias de cada mapa à Secretaria Geral do Conselho Nacional de Geografia.

Art. 2.º — O Diretório Regional de Geografia, na capital de cada Estado, e a Secretaria Geral do Conselho Nacional de Geografia, na capital da República, organizarão uma exposição dos trabalhos apresentados, a qual se deve revestir do maior realce, de sorte a despertar o máximo de interêsse público.

Art. 3.º — Juntamente com o mapa, cada Prefeitura apresentará, em duas vias, um relatório em que se refira como foi êle organizado, quais os trabalhos de campo empreendidos e respectivos operadores, as fontes de informações e documentos utilizados, etc., e também em duas vias, uma coleção de fotografias dos principais aspectos urbanos (vistas gerais das sedes municipais e distritais, de edifícios públicos, avenidas, ruas, monumentos, praças, jardins, etc.), e geográficos (vistas panorâmicas, de quedas d'água, picos e serras, rios e confluências, culturas agrícolas, estradas, pontes e estações, etc.) do Município.

Parágrafo único. — As referidas fotografias figurarão nas exposições regionais e nacional, de que cogita êste artigo e, depois, serão encorporadas à documentação que as Secretarias dos Diretórios Regionais e Central devem organizar relativamente ao território de cada Município.

Art. 4.º — De modo geral, como mínimo de exigência, o mapa do território municipal representará, com a exatidão compatível com os processos de levantamento expedito, a linha de contôrno do Município, as divisas interdistritais, as principais elevações, o desenvolvimento dos princípais cursos d'água, as sedes municipal e distritais, os povoados e as principais fazendas, as estradas e caminhos e as linhas telefônicas e telegráficas, devendo os acidentes figurar com os seus respectivos nomes. Se não for de todo possível a exatidão mínima referida, o mapa representará, ao menos esquematicamente, os elementos territoriais citados.

§ 1.º — Além do que fica acima definido, de modo geral, considera-se como requisitos mínimos, a que os mapas municipais devem satisfazer, nos têrmos do § 1.º do art. 13 do decreto-lei federal n.º 311, o que consta dos seguintes itens:

1.º) *Papel* — Será usado de preferência, papel transparente (se possível, papel vegetal) de boa qualidade, só se devendo empregar qualquer outro quando houver impossibilidade absoluta de obter o acima indicado.

2.º) *Formato* — O mapa será desenhado em uma fôlha cujas dimensões mínimas sejam 1,m00 de cumprimento por 0,m70 de largura.

3.º) *Escala* — O mapa representará o território do Município reduzido segundo proporções certas e, portanto, sujeito a uma escala de redução determinada, e, se não for isto de todo possível, mediante a representação esquemática das mencionadas características do território com a inscrição obrigatória de valores quilométricos das distâncias entre elas.

No primeiro caso:

a) a escala de redução será calculada de modo a permitir a melhor representação do Município dentro do formato do mapa, cujas dimensões mínimas foram fixadas pelo item anterior, devendo ser múltiplo ou sub-múltiplo de 50.000 o denominador da escala. (Exemplificando: 1:10.000, 1:25.000, 1:50.000, 1:100.000, 1:150.000, 1:200.000, 1:250.000, etc.).

b) Além da escala numérica, figurará no mapa a escala gráfica mediante uma reta que represente, na proporção, o equivalente de 1, 2, 3, 4, 5, 10, ou mais quilômetros.

4.º) *Tintas* — O mapa será desenhado a tinta, devendo-se preferir, quando possível, as tintas preto nanquim, azul e vermelho, indeléveis. Ficam condicionadas a esta possibilidade as demais disposições referentes a tintas.

5.º) *Perímetro* — A linha de contôrno do Município será desenhada a nanquim, a traços interrompidos (tracejado), e acompanhará os acidentes do limite municipal que devem estar representados segundo as convenções apropriadas e com os respectivos nomes inscritos. Se a linha de contôrno do Município apresentar trechos internacionais ou interestaduais, nestes a representação será a que lhes for peculiar.

6.º) *Divisas interdistritais* — As linhas interdistritais serão traçadas a nanquim, segundo um pontilhado (série de pontos equidistantes), devendo acompanhar os acidentes respectivos, devidamente representados e denominados.

7.º) *Confrontações* — O mapa representará, precisamente, os pontos extremos das confrontações do Município com cada Município confinante, no mesmo Estado, indicando, também, na linha divisória dêste Município, os extremos de confrontações dos seus distritos; representará igualmente, as extremidades das confrontações do Município com cada Estado limítrofe, indicando, também, na linha divisória do Estado, as extremidades das confrontações dos seus Municípios. Tôdas as unidades confrontantes terão seus nomes inscritos no mapa.

8.º) *Elevações* — Cada serra, morro ou pico, característico, será representado, esquematicamente, por um hachuriado (série de riscos paralelos), que circunde o cume da elevação a ser assinalada, figurando a sua encosta.

9.º) *Cursos d'água* — Serão representados por traços azues, de grossura variável, conforme a largura dos respectivos leitos; pequenas âncoras em azul assinalarão os trechos navegáveis. O rio não perene será representado por uma linha azul interrompida.

10.º) *Estradas de ferro* — A ferrovia será representada a nanquim; se estiver em tráfego, por uma série de traços interrompidos, dispostos entre duas linhas paralelas; se estiver em construção, por duas linhas paralelas entrecortadas de riscos transversais equidistantes.

11.º) *Caminhos e rodovias* — Serão representados por traços vermelhos, a saber: os caminhos de tropa, leves traços interrompidos e entremeados de pequenos riscos transversais; os caminhos carroçáveis, série de pequenas e leves circunferências equidistantes ligadas por leves traços; as rodovias, traço cheio de grossura variável conforme a categoria da via.

12.º) *Linha telefônica* — Traço cheio, pontilhado a espaços iguais, a nanquim.

13.º) *Linha telegráfica* — Série de leves traços, em forma de T, a nanquim.

14.º) *Localidades* — Marcadas a nanquim: a fazenda, com uma pequena marca em forma de L; a estação de estrada de ferro, um retângulo cheio; o povoado, pequeno círculo cheio; a vila sede distrital, pequeno círculo cheio, circundado por uma leve circunferência concêntrica; a cidade, sede municipal, pequeno círculo cheio, circundado por duas circunferências concêntricas, sendo o traço da exterior mais grosso.

15.º) *Coloração* — O mapa não será colorido, devendo ser feito a traços de nanquim, salvo o azul dos cursos d'água e respectivos nomes e o vermelho dos caminhos e rodovias.

16.º) *Ortografia* — Será adotada, em todos os mapas, a ortografia simplificada, de acôrdo com o decreto-lei nacional n.º 292, de 23 de Fevereiro de 1938.

17.º) *Orientação* — O mapa indicará, mediante uma flexa, a direção Norte-Sul e a posição do Norte (magnético NM ou verdadeiro NV), ou conterá a rede dos meridianos e paralelos, traçados de meio em meio grau exato, ou de 10 em 10 minutos.

Deve-se preferir, sempre que possível, a segunda dessas exigências.

18.º) *Nomes* — Inscrever-se-á no mapa o nome de cada elemento territorial nele representado, devendo ser sempre o mesmo tipo de letra usado em todos os elementos de igual natureza. As letras devem variar de tipo e tamanho, de tal modo que a inscrição dos nomes também tenha valor representativo, contribuindo para melhor expressão do mapa. Os nomes terão as letras alinhadas segundo horizontais, salvo os nomes dos cursos d'água e das serras, que acompanharão os respectivos desenvolvimentos. Serão inscritas as altitudes conhecidas, em baixo dos nomes dos locais respectivos e, se não houver nome, ao lado de um sinal de referências.

19.º) *Titulação* — Haverá, em cada mapa, um cabeçalho, que contenha, na linha de cima, o nome do Estado, entrando logo abaixo o nome do Município, em tipo maior, e, na última linha, em caracteres pequenos, os seguintes dizeres: "Mapa organizado em observância ao decreto-lei nacional n.º 311, de 2 de Março de 1938".

§ 2.º — Para maior clareza do assunto, anexam-se à presente resolução :

a) um quadro elucidativo e complementar das convenções e normas cartográficas recomendadas;

b) um mapa municipal, elaborado pela Secretaria Geral do Conselho, para servir de modêlo à fiel observância das normas aquí estabelecidas.

Art. 5.º — Constituem-se anexos obrigatórios do mapa municipal, do qual farão parte, as plantas das zonas urbana e suburbana da cidade, sede municipal, e de cada vila, sede distrital. Nas referidas plantas figurarão os arruamentos e as edificações das sedes, representadas esquematicamente.

Art. 6.º — A delimitação das zonas acima referidas é da competência dos Governos Municipais, de cujos atos respectivos as Prefeituras enviarão cópias autênticas ao Diretório

Regional de Geografia, que as retransmitirá ao Conselho Nacional de Geografia. (Resolução n.º 36, de 14 de Março corrente, da Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística).

Art. 7.º — As áreas urbana e suburbana de cada vila, sede distrital, abrangerão, em conjunto, pelo menos trinta moradias; a área urbana da cidade, sede de município, abrangerá no mínimo duzentas moradias (arts. 11 e 12 do decreto-lei n.º 311).

Parágrafo único. — A sede municipal ou distrital que for confirmada pelo decreto estadual decorrente do art. 18 do decreto-lei federal número 311, não perderá a sua categoria no caso de não poder satisfazer, atualmente, a exigência dêste artigo, podendo ser delimitadas as suas zonas urbana e suburbana mesmo sem que abranjam o número mínimo de moradias acima fixado.

Art. 8.º — A delimitação do quadro urbano das sedes, quer municipal, quer distrital, consistirá na descrição simples e clara de uma linha, facilmente identificável no terreno, envolvendo o centro de maior concentração predial, no qual, em via de regra, se localizam os principais edifícios públicos e mais intensamente se manifesta a vida comercial, financeira e social da sede e onde, em muitos casos, há incidência de impostos especiais, como por exemplo, o de décima urbana.

Parágrafo único. — A referida linha de delimitação do quadro urbano será, de preferência, uma poligonal, constituída de retas, que acompanhem de perto a periferia do mencionado centro de maior concentração predial da sede.

Art. 9.º — A delimitação do quadro suburbano das sedes, quer municipal, quer distrital, consistirá na descrição simples e clara de uma linha, também facilmente reconhecível no terreno, abrangendo uma área que circunde, com largura variável, o quadro urbano, área dentro da qual já se esteja processando a expansão da zona urbana da sede ou que, por suas condições topográficas favoráveis, esteja naturalmente destinada a essa expansão. A linha de contôrno do quadro suburbano deve circunscrever, o mais rigorosamente possível, a área que corresponde realmente à expansão atual ou próxima do centro urbano, sendo vedado delimitar-se, qualquer que seja o pretêsto para isso invocado, mesmo a título de regularização de forma, um perímetro suburbano que se afaste, em distância e em conformação, da área de expansão acima referida.

Art. 10. — A Secretaria Geral do Conselho promoverá a publicação e a conveniente distribuição desta resolução e seus anexos.

Rio de Janeiro, 29 de Março de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 4, DE 13 DE ABRIL DE 1938

Autoriza a Secretaria Geral a permitir o estágio em seus serviços, mediante condições que estabelece.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando que é finalidade do Conselho promover um conhecimento melhor do território pátrio (art. 1.º do decreto n.º 1.527, de 24-3-1937);

considerando que a Secretaria Geral, órgão executivo central do Conselho, mantém serviços de documentação geográfica e de cartografia, que reúnem elementos úteis aos interessados em estudos geográficos brasileiros;

considerando a conveniência que há para o Conselho em ter contacto com elementos especializados em assuntos geográficos;

considerando, finalmente, que o regime de cooperação é o fundamento principal das atividades do Conselho;

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica a Secretaria Geral do Conselho Nacional de Geografia autorizada a permitir em seus serviços, sem que disto decorra prejuízo de qualquer natureza para os mesmos, o estágio de elementos pertencentes a Repartições ou Instituições que façam parte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, prestando-lhes a devida assistência técnica.

Art. 2.º — A permissão, nos têrmos do artigo anterior, é extensiva às demais Instituições brasileiras dedicadas a atividades geográficas, especialmente às Instituições Universitárias e as de ensino superior onde haja cadeira ou curso diretamente relacionado com a Geografia.

Parágrafo único — A Secretaria Geral fica autorizada a tomar as providências necessárias para que, dêsse estágio, não lhe decorram onus nas despesas respectivas.

Art. 3.º — A admissão de estagiário, que será devidamente designado pela autoridade competente, dependerá de aprovação prévia do Secretário Geral.

Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 5, DE 13 DE ABRIL DE 1938

Aprova a indicação de Consultores Técnicos Regionais formulada pelo Diretório do Conselho no Estado do Paraná.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente a que lhe é conferida pelo § 2.º do art. 15 do Regulamento do Conselho;

considerando os têrmos da Resolução n.º 1, de 22 de Março de 1938, do Diretório Regional do Conselho Nacional de Geografia no Estado do Paraná;

RESOLVE :

Artigo único. — Fica aprovada a proposta, formulada pelo Diretório Regional, do Conselho no Estado do Paraná, dos nomes dos engenheiros civís, Francisco Gutierrez Beltrão, João Moreira Garcez, Alexandre Gutierrez Beltrão e Carlos Ross para constituírem o Corpo de Consultores Técnicos Regionais, junto ao referido Diretório Regional.

Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 6, DE 13 DE ABRIL DE 1938

Aprova a indicação de Consultores Técnicos Regionais formulada pelo Diretório do Conselho no Estado do Ceará.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente a que lhe é conferida pelo § 2.º do art. 15. do Regulamento do Conselho;

considerando os têrmos da resolução de 29 de Março de 1938, do Diretório Regional do Conselho Nacional de Geografia no Estado do Ceará;

RESOLVE :

Artigo único. — Fica aprovada a proposta, formulada pelo Diretório Regional do Conselho no Estado do Ceará, dos nomes dos Snrs. Tomaz Pompeu Sobrinho, Domingos Braga Barroso, Eusébio Neri Alves de Sousa, Hugo Vítor, Hugo Catunda, José Valdo Ribeiro Ramos, João Nogueira, Tomaz Pompeu Filho, Antônio Ferreira Antero e Emídio Barbosa para constituírem o Corpo de Consultores Técnicos Regionais, junto ao referido Diretório Regional.

Rio de Janeiro, 13 de Abril de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 8, DE 9 DE JUNHO DE 1938

Fixa o orçamento do Conselho para 1938.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente a que lhe é conferida pelo artigo 22.º do Regulamento do Conselho;

considerando que a Junta Executiva Central do Conselho Nacional de Estatística, autorizada pelo artigo 4.º, § 2.º, alínea *a* do decreto-lei n.º 237, de 2 de Fevereiro de 1938, consignou recursos ao Conselho Nacional de Geografia para o corrente exercício (inciso 5 do art. 1.º da Resolução 37, de 14 de Março de 1938);

considerando que a Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia atribuiu ao Diretório Central a incumbência de fixar o orçamento do Conselho para o exercício atual (Resolução 13, de 17 de Julho de 1937);

considerando que o desdobramento de determinadas verbas do Conselho dependem da fixação pela Assembléia Geral das normas relativas a diversos encargos afetos ao Conselho Nacional de Geografia;

considerando a conveniência do Conselho Nacional de Geografia adotar, para casos análogos, as mesmas normas usadas, com resultado pelo Conselho Nacional de Estatística;

RESOLVE :

Art. 1.º — As despesas do Conselho relativas ao exercício corrente, de 1938, correrão por conta da verba de trezentos e setenta e sete contos e quatrocentos mil réis (377:400$) destacada do auxílio dado ao Instituto para o preparo do Recenseamento Geral da República, de acôrdo com os têrmos do decreto-lei n.º 237.

Art. 2.º — Segundo as normas adotadas pelo Conselho Nacional de Estatística e de acôrdo com os têrmos do art. 16 do decreto 1.200, de 17 de Novembro de 1936, o Conselho Brasileiro de Geografia custeará a vinda dos delegados regionais à Assembléia Geral do Conselho, competindo-lhe :

1) a aquisição das respectivas passagens, de ida e volta, a esta Capital;

2) o pagamento da ajuda de custo de um conto de réis (1:000$);

3) a concessão a cada membro da Assembléia, a quem couber ajuda de custo, a título de indenização de despesas de estada, o auxílio de seiscentos mil réis (600$), do qual será descontada uma fração de 1/20 (um vinte avos) por cada falta a reunião da Assembléia, não justificada, do delegado ou de seu substituto credenciado.

Art. 3.º — As despesas do Conselho no corrente exercício obedecerão a seguinte discriminação:

VERBA I — PESSOAL

1 — Pagamento de ajuda de custo aos delegados à Assembléia Geral do Conselho (na forma análoga à do art. 16 do decreto n.º 1.200)	20:000$	
2 — Passagens para os mesmos delegados (art. 16 do decreto n.º 1.200)	15:000$	
3 — Despesas previstas no art. 2.º do decreto-lei n.º 218, de 26 de Janeiro de 1938	12:000$	
4 — Gratificação de função e por serviços prestados em horas extraordinárias aos funcionários da Secretaria Geral (§ 1.º do art. 2.º do decreto 1.527, de 24 de Março de 1937)	10:000$	
5 — Pessoal contratado	18:000$	
6 — Assistência técnica aos sistemas regionais	20:000$	
7 — Indenização de despesas de estada aos delegados à Assembléia Geral	12:000$	107:000$

VERBA II — MATERIAL

1 — Móveis, máquinas, instrumentos e utensílios	25:000$	
2 — Material de expediente, de consumo e congêneres	10:000$	
3 — Livros e revistas técnicas	10:000$	
4 — Condução, transportes e pequenas despesas	2:000$	
5 — Publicações, formulários e impressos diversos	25:000$	
6 — Aluguel da sede, luz e telefone	10:000$	
7 — Material que o Diretório Central destinar aos Diretórios Regionais e Municipais para o início ou continuação de serviços, como auxílio	15:000$	97:000$

VERBA III — ENCARGOS DIVERSOS

1 — Despesas especiais relativas à execução do decreto-lei n.º 311, de 2 de Março de 1938, compreendida a elaboração do Atlas Geográfico municipal (segundo as normas que a Assembléia Geral baixar)	50:000$	
2 — Despesas relativas à execução do decreto-lei n.º 237, de 2 de Fevereiro de 1938 quanto aos trabalhos afetos ao Conselho Nacional de Geografia, especialmente a atualização da Carta Geográfica ao milionésimo (segundo as normas que a Assembléia Geral baixar)	120:000$	
3 — Eventuais	3:400$	173:400$
Total		**377:400$**

Art. 4.º — O Diretório Central destinará os saldos das verbas, ora discriminadas, que porventura ocorrerem, à suplementação das verbas em "deficit", se o houver, e depois, à constituição de um fundo de reserva do Conselho.

Rio de Janeiro, 9 de Junho de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 9, DE 3 DE AGÔSTO DE 1938

Aprova a indicação dos Consultores Técnicos Regionais formulada pelo Secretário Geral do Território do Acre.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente a que lhe é conferida pelo parágrafo 2.º do artigo 15. do Regulamento do Conselho;

considerando os têrmos da proposta de 14 de Julho de 1938 do Senhor Secretário Geral do Território do Acre, presidente nato do Diretório Regional que será constituído naquela Unidade Federada;

considerando que, na impossibilidade do Diretório Regional ser organizado nos têrmos do artigo 12. do Regulamento do Conselho, poderá o Govêrno da unidade política respectiva designar três vogais, dentre os Consultores Técnicos Regionais, para integrarem o Diretório Regional (parágrafo único do artigo 12. do Regulamento do Conselho);

considerando que a referida impossibilidade existe no Território do Acre, segundo informação do respectivo Secretário Geral, sendo assim necessária a constituição prévia do Corpo dos Consultores Técnicos Regionais;

RESOLVE:

Artigo único. — Fica aprovada a proposta, formulada pelo Secretário Geral do Território do Acre, dos nomes dos Senhores Mário de Oliveira, Floriano Flávio Batista, Abel Anselmo Sá Ribeiro, Júlio Alves Portela, Nelson Lemos Bastos, Roberval Pompílo Nogueira Cardoso, José Valentim de Araújo, Francisco de Oliveira Conde, Vergniaud do Vale Melo e Carlos Martins Bastos para constituírem o Corpo de Consultores Técnicos Regionais do Território do Acre.

Rio de Janeiro, 3 de Agôsto de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 10, DE 3 DE AGÔSTO DE 1938

Fixa provisoriamente a tabela de gratificações pelos serviços prestados pelos funcionários da Secretária Geral do Conselho Nacional de Geografia em horas fora do expediente normal enquanto não se instalar o Departamento Central de Coordenação Geográfica.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando que a resolução n.º 33 da Assembléia Geral do Conselho Nacional de Geografia determina, em seu art. 6.º, que pelos serviços prestados pelos funcionários da Secretaria em horas fora do expediente normal, acrescido de uma hora, por determinação do Secretário do Conselho, serão abonados, mensalmente gratificações, de acôrdo com a tabela que será organizada.

considerando que a organização e superintendência dos Serviços da Secretaria Geral do Conselho competem à Secção de Estatística Territorial, a qual é subordinada à Diretoria de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura (§ 2.º do art. 2.º do decreto n.º 1.527);

RESOLVE:

Art. 1.º — Ficam adotadas para a tabela de gratificações previstas no art. 6.º da resolução n.º 33 da Assembléia Geral do Conselho, enquanto não se instalar o Departamento Central de Coordenação Geográfica, as mesmas disposições atualmente em uso para a tabela análoga na Diretoria de Estatística da Produção do Ministério da Agricultura, as quais são determinadas pelo parágrafo único do art. 400 do Código de Contabilidade da União.

Parágrafo único — De acôrdo com as referidas disposições, a remuneração por hora de serviço prestado fora do expediente normal, acrescido de uma hora, será a mesma que for percebida pelo funcionário em cada hora de expediente normal.

Art. 2.º — As despesas provenientes da presente resolução correrão por conta da sub-consignação n.º 4 da verba I do orçamento do Conselho para 1938.

Rio de Janeiro, 3 de Agôsto de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 11, DE 3 DE AGÔSTO DE 1938

Concede uma gratificação de seiscentos mil réis mensais a um auxiliar da Delegacia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do Norte.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando a solicitação da Delegacia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no Norte do País, para que corra por conta do Conselho Nacional de Geografia a remuneração de um auxiliar, encarregado de trabalhos de caráter territorial;

considerando que o referido auxiliar, Eng.º Oscar Carrascosa, vem auxiliando a Comissão encarregada da revisão da divisão territorial da Baía;

considerando que, durante a execução do decreto-lei nacional n.º 311, de 2 de Março de 1938, é recomendável que o Conselho Nacional de Geografia acompanhe, na medida das suas possibilidades o desenvolvimento dos trabalhos respectivos;

RESOLVE :

Art. único — Fica concedido ao Eng.º Oscar Carrascosa, auxiliar da Delegacia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no Norte, e encarregado dos trabalhos relacionados com o Conselho Nacional de Geografia, que estão afetos à mesma Delegacia, a gratificação de seiscentos mil réis mensais, a partir de 1.º de Junho de 1938.

Parágrafo único — As despesas provenientes da presente resolução correrão no corrente exercício, por conta da sub-consignação n.º 6 da verba I do orçamento do Conselho para 1938.

Rio de Janeiro, 3 de Agôsto de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 11-A, DE 18 DE AGÔSTO DE 1938

Dispõe sôbre a ida de um delegado do Conselho à Europa para estudar as bases técnicas do plano de intensificação no País dos levantamentos territoriais e as condições da impressão da Carta Geográfica do Brasil, ao milionésimo.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando que a Assembléia Geral do Conselho determinou ao Diretório Central a incumbência de estudar um plano de intensificação no País dos levantamentos territoriais, sobretudo com os modernos recursos da aerofotogrametria (Resolução n.º 35, de 20 de Julho de 1938);

considerando que o Conselho foi oficialmente convidado a representar-se no V Congresso e Exposição Internacional de Fotogrametria, a inaugurar-se em Roma, no dia 24 de Setembro próximo, e que há conveniência nessa representação por se tratar de importante certame em que se fará a mais completa demonstração dos modernos recursos da técnica aerofotogramétrica;

considerando a necessidade de serem previamente conhecidos os requisitos para o preparo dos desenhos que servirão de base à impressão da Carta Geográfica do Brasil, ao milionésimo, tanto mais que essa impressão deverá ser feita no estrangeiro;

considerando que, no orçamento do Conselho para o corrente exercício, há sub-consignações de verbas que dispõem de saldos, e que as sub-consignações próprias aos objetivos desta Resolução comportam destaques;

RESOLVE :

Artigo 1.º — A Presidência do Instituto proporá ao Govêrno, fundamentadamente, o nome do engenheiro Cristóvão Leite de Castro, Secretário Geral do Conselho Nacional de Geografia, para na qualidade de delegado técnico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, desempenhar na Europa a missão de estudar as bases técnicas do plano de intensificação dos levantamentos territoriais e as condições da impressão da Carta Geográfica ao milionésimo.

§ 1.º — O delegado técnico aludido terá as seguintes incumbências:

1 — participar dos trabalhos do V Congresso e Exposição Internacional de Fotogrametria, a realizar-se em Roma, de 24 de Setembro a 10 de Outubro próximos, com o fim não só de observar os modernos recursos da técnica aerofotogramétrica mais adequados

às particularidades do levantamento territorial no Brasil como também de estudar as possíveis condições da organização de um serviço central de aerofotogrametria, tudo de acôrdo com os objetivos visados pela Resolução n.º 35, da Assembléia Geral.

2 — observar, nos meios europeus, os processos mais apropriados ao preparo dos desenhos cartográficos destinados à impressão da Carta Geográfica do Brasil ao milionésimo, segundo as convenções internacionais da Carta do Mundo, e estudar as condições dessa impressão.

§ 2.º — O delegado é obrigado a apresentar um circunstanciado relatório em que se comprove o desempenho da missão que lhe foi confiada.

Artigo 2.º — Para ocorrer às despesas provenientes desta Resolução, fica a Presidência do Instituto autorizada a constituir um fundo de quarenta contos de réis (40:000$000), constituído dos seguintes destaques de verbas orçamentárias do Conselho para o corrente exercício :

1 — das sub-consignações n.º 1 e 2 da Verba I — Pessoal	10:000$000
2 — da sub-consignação n.º 1 da Verba III :	
Encargos Diversos	10:000$000
3 — da sub-consignação n.º 2 da mesma Verba III	20:000$000

Rio de Janeiro, 18 de Agôsto de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 12, DE 19 DE SETEMBRO DE 1938

Assenta o padrão previsto na Resolução n.º 108, do Conselho Nacional de Estatística, para as leis regionais executórias do decreto-lei nacional n.º 311, de 2 de Março de 1938.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, no uso das suas atribuições;

considerando que a sugestão contida na Resolução n.º 108 do Conselho Nacional de Estatística foi aceita pelos Estados, já tendo sido baixados os decretos-leis previstos naquele diploma;

considerando que êsses atos determinam que a legislação regional executória do decreto-lei n.º 311 se deverá cingir a um padrão proposto por êste Conselho;

considerando que dos mesmos decretos consta igualmente que as atas das solenidades em que, a 1.º de Janeiro futuro, se declararão efetivamente em vigor os novos quadros territoriais, adotarão também o modêlo proposto pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e aprovado por êste Conselho;

considerando o exposto na resposta do aludido Instituto à Presidência dêste Conselho;

RESOLVE :

Art. 1.º — Fica aprovado o padrão previsto na Resolução n.º 108 do Conselho Nacional de Estatística e solicitado pelos Estados (Anexo n.º 1 desta Resolução), para os decretos-leis regionais que vão fixar os novos quadros territoriais do Brasil para vigorar inalteradamente de 1.º de Janeiro de 1939 a 31 de Dezembro de 1943.

Art. 2.º — São *também integralmente aceitas e aprovadas por êste Conselho as* sugestões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro constantes dos anexos ns. 2 e 3, ficando a Presidência do Instituto autorizada a tomar providências daí decorrentes.

Art. 3.º — A Presidência do Conselho exprimirá ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, com os melhores agradecimentos dêste Diretório, calorosas congratulações pela colaboração brilhante e de tão alto alcance cívico que houve por bem prestar ao magnífico empreendimento nacionalista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística relativamente à racionalização do quadro territorial — administrativo e judiciário — da República.

Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 13, DE 19 DE SETEMBRO DE 1938

Autoriza o comissionamento de um funcionário técnico do Instituto para prestar assistência aos trabalhos necessários à execução do decreto-lei nacional n.º 311 no Estado do Maranhão.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando a solicitação feita pelo govêrno do Estado do Maranhão, referente à execução do decreto-lei nacional n.º 311, especialmente na parte relativa à organização dos mapas municipais;

considerando que, para a execução do referido decreto-lei é recomendável que o Conselho Nacional de Geografia, na medida das suas possibilidades, preste assistência técnica ao desenvolvimento dos trabalhos respectivos;

RESOLVE :

Art. 1.º — Fica o Presidente do Instituto autorizado a enviar um funcionário técnico ao Estado de Maranhão, à disposição da respectiva Comissão Revisora da Divisão Territorial, afim de prestar assistência aos trabalhos necessários à execução do decreto-lei nacional n.º 311, especialmente quanto à organização dos mapas municipais;

Art. 2.º — Ao funcionário comissionado em virtude desta resolução será concedida uma ajuda de custo e uma diária até os limites máximos respectivos de dois contos de réis e de trinta mil réis.

Art. 3.º — As despesas provenientes da presente resolução correrão por conta da sub-consignação n.º 6 da verba I do orçamento do Conselho para 1938 (assistência técnica aos sistemas regionais integrados no Conselho).

Rio de Janeiro, 19 de Setembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 14 — DE 5 DE DEZEMBRO DE 1938

Dispõe sôbre a colaboração técnica do Conselho junto aos sistemas geográficos regionais por intermédio da Delegacia Geral do Instituto.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia no uso das suas atribuições;

considerando que a assistência técnica aos sistemas regionais integrados no Instituto, além de constituir um compromisso assumido pelo Govêrno Federal na Convenção Nacional de Estatística, de 11 de Agôsto de 1936, é, para o setor geográfico do Instituto, indispensável à boa execução dos empreendimentos afetos ao Conselho Nacional de Geografia.

considerando que existe uma Delegacia Geral do Instituto, para o Norte do País, com sede em Salvador, à qual o Conselho Nacional de Estatística atribuiu o encargo de prestar assistência técnica aos sistemas estatísticos regionais, que se tornasse necessária nos Estados a partir do Espírito Santo;

considerando que as iniciativas do Conselho, sobretudo as referentes à execução da lei nacional n.º 311, exigem cada vez mais um entendimento contínuo e intenso com as atividades regionais, que possibilite o desenvolvimento dos trabalhos com a harmonia e a uniformidade conveniente;

RESOLVE :

Art. 1.º — O Conselho Nacional de Geografia manterá na Delegacia Geral do Instituto um técnico que, subordinado ao Delegado Geral, se encarregará da assistência que o Conselho, pelo órgão competente, deliberar prestar aos sistemas geográficos regionais, integrados no Instituto.

Art. 2.º — O técnico, designado pelo presidente do Instituto, por proposta do Diretório Central, perceberá do Conselho, a título de ordenado ou de gratificação, conforme o caso, uma remuneração mensal até 1:500$000, cabendo-lhe ainda o direito a uma diária de 20$000, quando a serviço fora da sede.

Art. 3.º — As despesas decorrentes desta Resolução correrão por conta da verba intitulada "Assistência Técnica aos sistemas regionais", constante do orçamento do Conselho.

Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 15, DE 5 DE DEZEMBRO DE 1938

Dispõe sôbre uma proposta do Instituto a respeito da inclusão do Distrito Federal nos quadros da divisão territorial da República.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, no uso das suas atribuições;

considerando que o salutar decreto-lei n.º 311, de 2 de Março último, estabeleceu uma sistemática da divisão territorial do País, segundo a qual entrará em vigor a 1.º de Janeiro próximo o novo quadro territorial brasileiro;

considerando que, pelo art. 16 da mesma lei, a divisão territorial do Distrito Federal será fixada pelo Govêrno Federal;

considerando que a lei conferiu ao Conselho Nacional de Geografia o encargo de baixar as instruções relativas aos atos fixando os novos quadros territoriais, dando-lhe, porisso, competência para se pronunciar sôbre a matéria;

considerando as circunstâncias especiais de que se reveste o circunscricionamento territorial do Distrito Federal, em face dos objetivos da lei n.º 311;

RESOLVE:

Art. 1.º — A Presidência do Instituto, promovendo a execução do artigo 16 do decreto-lei n.º 311, de 2 de Março, no que lhe compete, submeterá à consideração do Excelentíssimo Senhor Presidente da República, um projeto de decreto-lei, fixando o critério da inclusão do Distrito Federal nos quadros da divisão territorial da República, a vigorar por um quinquênio a partir do próximo dia 1.º de Janeiro, considerando-o como unidade territorial única, quer como Comarca especial e Têrmo, quer como Município e Distrito, compreendendo uma divisão em oito "zonas", em que se consideram as suas atuais Pretorias, cujo circunscricionamento foi estabelecido pelo decreto n.º 12.356, de 10 de Janeiro de 1912.

Art. 2.º — A subdivisão do Distrito Federal em "sub-zonas" que, como circunscrições primárias, possam se constituir base comum para todos os fins da organização administrativa e judiciária, de acôrdo com os princípios estabelecidos pela lei nacional n.º 311, será prevista no projeto como sendo da competência do Govêrno Federal, ao qual se recomendará a constituição de uma Comissão especial que, dentro de um prazo prefixado, estude minuciosamente a questão e ofereça elementos seguros para a sua definitiva solução.

Art. 3.º — Será também prevista no projeto a providência, por parte do Govêrno Municipal, da fixação das áreas "urbanas", "suburbanas" e "rurais", indispensável aos fins dos levantamentos estatísticos e censitários e dos estudos de Geografia urbana relativos ao Distrito Federal.

Rio de Janeiro, 5 de Dezembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 16, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1938

Fixa uma contribuição do Conselho para a melhoria do aparelhamento do Departamento de Geografia e Estatística do Território do Acre.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando que, por solicitação do Govêrno do Território do Acre, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística enviará um delegado técnico para instalar o Departamento de Geografia e Estatística, criado pelo decreto n.º 104, de 6 de Outubro último;

considerando que o Conselho deve prestar aos sistemas regionais a assistência técnica e material, ao alcance das suas possibilidades financeiras;

RESOLVE:

Art. 1.º — Fica a Presidência do Instituto autorizada a despender a quantia de oito contos de réis (8:000$000) com a aquisição de material destinado ao Departamento de Geografia e Estatística do Território do Acre, incumbido da execução dos trabalhos de caráter geográfico.

Parágrafo único — Êsse material, cuja aquisição se fará por conta da verba II, sub-consignação 7 do orçamento em vigor, representa a contribuição do Conselho para a melhoria do aparelhamento do referido Departamento, cuja instalação se fará com a colaboração do Instituto.

Art. 2.º — Fica igualmente concedida uma ajuda de custa de um conto de réis (1:000$000) ao delegado do Instituto que for encarregado de efetuar a mencionada instalação, correndo a despesa pela verba I, sub-consignação 6 do atual orçamento.

Rio de Janeiro, 19 de Dezembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 17, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1938

Dispõe sôbre uma proposta do Instituto ao Govêrno Federal para que seja atendida uma solicitação do Estado do Rio Grande do Sul, relativa à execução do artigo 16 do decreto-lei n.º 311, de 2 de Março de 1938.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando que o artigo 16 do decreto-lei n.º 311, de 2 de Março de 1938, impõe um prazo para que os Governos Regionais baixem a primeira lei geral quinquenal, fixando a divisão territorial da Unidade Federal respectiva, prazo êsse que termina a 31 do corrente mês, em virtude da prorrogação conferida pelo decreto-lei n.º 522, de 28 de Junho de 1938;

considerando a representação formulada ao Instituto pelo Govêrno do Estado do Rio Grande do Sul, declarando a impossibilidade de preparar dentro do prazo estipulado a lei quinquenal referida, especialmente quanto ao seu anexo n.º 2 relativo à descrição sistemática dos limites municipais e divisas interdistritais;

considerando que, na mesma representação, o Govêrno do Estado se propõe a ultimar os estudos necessários à execução do artigo 16, dentro do prazo de seis meses, a partir de 1.º de Janeiro próximo, sem prejuízo da observância de formalidades e providências outras, cuja realização está prevista para essa data, consagrada à celebração do "Dia do Município";

considerando que cumpre ser promovido uma providência por parte do Govêrno Federal, de forma que o Estado do Rio Grande do Sul, devidamente autorizado por lei especial de emergência, possa satisfazer às exigências determinadas pelo referido artigo 16, sem ficar em situação de desrespeito à lei;

RESOLVE :

Art. 1.º — A Presidência do Instituto encaminhará ao Presidente da República a representação formulada pelo Govêrno do Estado do Rio Grande do Sul, acompanhada de um projeto de decreto-lei em que, considerando as condições de excepção alegadas, seja concedido o prazo solicitado pelo mesmo Govêrno para a conclusão das providências determinadas pelo artigo 16 do decreto-lei n.º 311, de 2 de Março de 1938.

Art. 2.º — A prorrogação a ser proposta não prejudicará a vigência a 1.º de Janeiro de 1939, do novo quadro territorial — administrativo e judiciário — do Rio Grande do Sul (anexo n.º 1 da lei quinquenal), bem como a celebração, no Estado, do "Dia do Município" na forma aprovada pelo Conselho Nacional de Geografia.

Rio de Janeiro, 23 de Dezembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 18, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1938

Dispõe sôbre a colaboração do Conselho na realização dos festejos do Dia do Município na Capital Federal.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições;

considerando que o Govêrno Federal instituiu o Dia do Município, cuja celebração se fará, pela primeira vez, em todo o país, no próximo dia 1.º de Janeiro (decreto-lei n.º 846, de 9 de Novembro de 1938);

considerando que o artigo 2.º do citado decreto-lei n.º 846, previu a realização de sessões cívicas promovidas pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com o concurso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;

considerando que cumpre ser autorizada a efetuação das despesas necessárias à realização dessas cerimônias nesta Capital, para as quais o Conselho Nacional de Geografia emprestará especialmente o seu concurso;

RESOLVE :

Artigo único — Fica a Presidência do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística autorizada a efetuar o pagamento das despesas necessárias à realização dos festejos do Dia do Município, nesta Capital, até a importância de quinze contos de réis (15:000$000), por conta das verbas próprias do orçamento do Conselho para o exercício corrente.

Rio de Janeiro, 23 de Dezembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

RESOLUÇÃO N.º 19, DE 23 DE DEZEMBRO DE 1938

Aprova a indicação de Consultores Técnicos Regionais formulada pelo Diretório do Conselho no Estado do Rio Grande do Norte.

O Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia, usando das suas atribuições, especialmente da que lhe é conferida pelo parágrafo 2.º do artigo 15 do Regulamento do Conselho;

considerando os têrmos da proposta enviada pelo Diretório Regional do Conselho no Estado do Rio Grande do Norte;

RESOLVE :

Artigo único — Fica aprovada a proposta, formulada pelo Diretório Regional do Conselho no Estado do Rio Grande do Norte, para que os senhores Elói de Sousa, Manuel Varela de Albuquerque, Luiz Soares Correia de Araújo, Severino Bezerra, Luiz Tôrres, Clementino Câmara, Celestino Pimentel, Oto de Brito Guerra, Edgar Ferreira Barbosa e Paulo Vieira Nobre constituam o Corpo de Consultores Técnicos Regionais, junto ao referido Diretório Regional.

Rio de Janeiro, 23 de Dezembro de 1938, ano 3.º do Instituto.

BIBLIOGRAFIA

PUBLICAÇÕES SÔBRE GEOGRAFIA EDITADAS NO BRASIL NOS ANOS DE 1939/1940

AARÃO REIS, Daví Pena — *"Geografia do Brasil"* — Folheto 2 (Geografia Política e Econômica — 23 x 16 cm — (para uso dos candidatos às 4.ª e 5.ª séries para o art. 100, 3.ª série ginasial, 2.º ano propedêutico, candidatos a concursos a repartições públicas, inclusive o Itamaratí) — Composto e impresso nas oficinas gráficas — rua Alzira — Rio de Janeiro — 1939 — 83 páginas.

ANDRADE, Gilberto Osório — *"Um complexo antropogeográfico"* (Lineamentos para uma geografia total da Amazônia) — Tese apresentada pelo autor no concurso para provimento da 2.ª cadeira de Geografia do Ginásio Pernambucano — 23 x 15 1/2 — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Diário da Manhã" — Recife — Pernambuco — Brasil — 1940 — 273 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Capítulo I: O meio físico — Capítulo II: A Hiléia — Capítulo III: Crônica da revelação e dos principais descobridores — Capítulo IV: O efetivo humano — Capítulo V: As internações — Notas — Bibliografia.

ARANHA, Ministro Osvaldo — *"Fronteiras e limites"* — (A política do Brasil) Conferência pronunciada a 27 de Novembro de 1939, no Palácio Tiradentes, pelo autor, inaugurando as Conferências Comemorativas do Jubileu da República, promovidas pelo Sr. Ministro da Guerra — 23 x 16 1/2 cm — Composto e impresso na Imprensa Oficial — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 21 páginas.

*** *"As atividades geográficas no Brasil"* — (Separata d'"O Observador Econômico e Financeiro" — Ano V — n.º 54 — Julho de 1940 — Edição ilustrada com várias fotografias, um gráfico esquemático das campanhas empreendidas pelo Conselho Nacional de Geografia e um pequeno mapa do Brasil com o quadro numérico das cidades, sedes municipais — 31 x 23 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro — 1940 — 15 páginas.

CUNHA, Euclides da — *"Os sertões"* — (Campanha de Canudos) — 15.ª edição corrigida, ilustrada com o retrato do autor, um mapa do esbôço geológico da região e algumas fotografias — 24 x 17 cm — Livraria Editora Francisco Alves — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 646 páginas.

Contém o seguinte sumário: A Terra — O homem — A luta: preliminares — Travessia do Cambaia — Expedição Moreira César — 4.ª expedição — Coluna Savaget — O assalto — Nova fase de luta — Últimos dias — Notas à 3.ª edição.

DECOURT, Paulo — *"Elementos de mineralogia e geologia"* — 2.ª edição 23 1/2 x 15 1/2 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo, Editora — São Paulo — 1940 — 672 páginas.

Contém o seguinte sumário: Mineralogia: definição e divisões — Geologia: definição, divisões e sub-divisões.

DEFFONTAINES, Prof. Pierre — *"Geografia Humana do Brasil"* — (Separata da "Revista Brasileira de Geografia" — ns. 1, 2 e 3) — Edição ilustrada — Destinada à Exposição comemorativa dos Centenários de Portugal, como contribuição do Conselho Nacional de Geografia — 27 x 18 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Serviço Gráfico do I. B. G. E. — 1940 — 116 páginas.

Contém o seguinte sumário: Capítulo I: Os elementos da natureza e a luta dos homens — Capítulo II: O efetivo humano e sua distribuição — Capítulo III: As duas grandes cidades: Rio de Janeiro e São Paulo — Rio de Janeiro — São Paulo — Capítulo IV: Geografia Econômica.

DELGADO DE CARVALHO, C. M. — *"Geografia elementar"* — 9.ª edição — 21 x 14 1/2 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo, Editora — São Paulo — 1940 — 321 páginas.

Contém o seguinte sumário: 1.ª parte: A Terra no espaço — Noções de Fisiografia — Noções de Antropogeografia — 2.ª parte: Os continentes americanos: descrição geral — O continente europeu — O continente asiático — O continente africano — O continente oceânico — 3.ª parte: O Brasil — Apêndice.

FERNANDES, João Augusto — MONTEIRO DE CASTRO, Rubens, capitães — *"Topografia prática"* — Composto e impresso no Estabelecimento Gráfico "Apolo" —

Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 61 páginas — Edição ilustrada com várias tabelas de logaritmos — 23 x 16 cm.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: Coordenadas — Coordenadas retangulares — Coordenadas polares — Coordenadas geográficas — Coordenadas astronômicas — Lançamento — Declinação magnética — Medida de ângulos horizontais — Giro de horizonte — Medida de ângulos verticais — Medida de distâncias — Redução ao horizonte — Recomendações — Locação de pontos — Traçados de direções — Artigo I — Processos topográficos — Artigo II — Determinação astronômica de uma direção — Generalidades — Processo do sol baixo — Processo da distância zenital — Radiamento direto — Radiamento inverso — Caminhamento — Caminhamento geniométrico — Caminhamento declinado — Cruzamento — Levantamento — Radiamento — Caminhamento — Intersecção — Levantamento.

FIALHO, Olímpio — *"Rio Corda — Quedas d'Água"* — Obra refundida e ampliada pelo Departamento Estadual de Estatística para servir de contribuição ao IX Congresso Brasileiro de Geografia — Edição ilustrada com várias fotografias e um quadro das principais quedas d'água do sertão maranhense — 23 x 16 cm — Sem indicação da casa impressora — Maranhão — 1940 — 25 páginas.

Contém o seguinte sumário: Justificativa — Bacia hidrográfica do Rio Corda — Elementos subsidiários à confecção da monografia das reservas da Hulha Branca no Maranhão.

GERALDO ROCHA — *"O rio São Francisco"* — 1.ª edição — volume n.º 184 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 256 páginas.

O autor faz um retrospecto histórico a respeito do povoamento das margens do rio São Francisco para estudar, em seguida, as características do homem que há três séculos se conservam como uma expressão étnica, nítida e estável. No final do livro estuda os problemas econômicos da bacia do São Francisco e a sua importância como potencial de energia elétrica, meios de comunicação e celeiro do nordeste em vista da riqueza de suas terras e de seu aproveitamento mediante um plano inteligente de irrigação.

GUIMARÃES, Major Adir — *"Notas sôbre fotogrametria"* — 2.ª edição — Publicação n.º 3 da Escola de Geógrafos do Exército — 27 x 19 — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 55 páginas.

Contém o seguinte sumário: Relações geométricas em um aerofotograma — Influência das pequenas inclinações — Triangulação aérea — Influência das diferenças de altura — Orientação aproximada de um fotograma — Teoria da transformação de fotogramas — Transformação gráfica de fotogramas — Aparelho para transformação fotográfica — Execução da transformação fotográfica — Par estereoscópico — Discussão das fórmulas diferenciais lineares — Fotocarta.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *"Divisão Territorial dos Estados Unidos do Brasil"* — (Quadro territorial, administrativo e judiciário das unidades da Federação, fixado para o quinquênio de 1939-1943, em virtude da lei orgânica nacional n.º 311, de 2 de Março de 1938) — Com prefácio do Embaixador José Carlos de Macedo Soares — 27 x 19 cm — Composto e impresso no Serviço Gráfico do I. B. G. E. — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 451 páginas.

LACERDA DE MELO, Mário — *"Pernambuco — Traços de sua geografia humana"* — (Tese de concurso para provimento da segunda cadeira de Geografia do Ginásio Pernambucano) — Edição ilustrada — 23 1/2 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Jornal do Comércio" — Recife — Pernambuco — Brasil — 1940 — 176 páginas.

Apresenta o seguinte sumário: 1.ª parte: Configuração, situação e superfície — 2.ª parte: A paisagem praeira e a paisagem da "Mata" — a) A paisagem praeira — b) A paisagem da "Mata" — Capítulo I: Aspectos destrutivos da economia regional — Capítulo II: A usina — Capítulo III: O açúcar e as relações econômico-sociais — Capítulo IV: A cana e os rios, o açúcar e os rios — Capítulo V: Outras atividades — 3.ª parte: As cidades — Capítulo I: Cidades do interior — Capítulo II: O Recife — Concluindo — Anexos.

LACERDA, Joaquim Maria de — *"Pequena Geografia da Infância"* — Novíssima edição atualizada, com 8 cartas coloridas, revista e melhorada, por Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro — Curso primário — 19 x 12 1/2 cm — Livraria Editora Francisco Alves — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 154 páginas.

Contém o seguinte sumário: Noções preliminares — Geografia geral — Geografia particular: do Brasil: descrição geral dos Estados.

LAMEGO, Alberto Ribeiro — *"Escarpas do Rio de Janeiro"* — Boletim n.º 93 do Serviço Geológico e Mineralógico do Departamento Nacional da Produção Mineral (Ministério da Agricultura) — Edição ilustrada com várias plantas e foto-

grafias e um mapa geológico do Distrito Federal, fora do texto — 23 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Diretoria de Estatística da Produção — Secção de Publicidade — 1938 — 71 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Causas do polimento das escarpas — Grupo do Pão de Açúcar — Grupo do Corcovado — Grupo da Gávea — Grupo da Providência — A dobra de Santa Teresa — Considerações finais.

MONBEIG, Pierre — *"Ensaios de geografia humana brasileira"* — Livraria Martins, Editora — São Paulo — 1940 — 289 páginas.

Contém o seguinte sumário: Que é geografia — As zonas pioneiras do Estado de São Paulo — A zona pioneira do Norte do Paraná — São Paulo — Goiânia — Na noroeste — A população do Estado de São Paulo — Um problema permanente de São Paulo — Uma tentativa moderna de colonização — As vias de comunicações do Estado de São Paulo — Estradas — Colonização, Povoamento e Plantação de Cacau — Geografia e Aviação — Crônicas da América Latina — Um museu do homem — Literatura e geografia — A paisagem agrícola: o exemplo do mediterrâneo — A paisagem do "Núcleo colonial Barão de Antonina" — A geografia, ciência de utilidade pública — O Conselho Nacional de Geografia — índice dos nomes geográficos.

MONTEIRO DE BARROS, Romualdo — *"Tipos humanos no Brasil"* — (Conferência realizada na Sociedade Legião Brasileira de Ribeirão Preto) — 24 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia Lídio Valada — Ribeirão Preto — São Paulo — 1940 — 35 páginas.

OLIVEIRA, Avelino Inácio e LEONARDOS, Oton Henry — *"Geologia do Brasil"* — Edição ilustrada com vários desenhos e fotografias e um mapa geológico do Brasil e de parte dos países vizinhos, em côres, fora do texto — Publicação da Comissão Brasileira dos Centenários de Portugal — 24 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas "A Encadernadora" — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 472 páginas.

Apresenta o seguinte sumário: Prefácio — 1.ª parte: Introdução — Investigações geológicas e mineralógicas no Brasil 19. — 2.ª parte: Era arqueozóica — Generalidades — Arqueano — 3.ª parte: Era proterozóica — Generalidades — Algonquiano — 4.ª parte: Era paleozóica — Generalidades — Cambriano — Ordoviciano — Siluriano — Devoniano — Carbonífero — Permiano — 5.ª parte: Era mesozóica — Generalidades — Triássico — Jurássico — Cretáceo — 6.ª parte: Era cenozóica — Generalidades — Terciário — índice geral — Estampas.

POLI COELHO, Tenente-Coronel Djalma — *"Elongações máximas"* — (Subsídio ao problema da determinação do azimute) — Publicação n.º 2 da Escola de Geógrafos do Exército — 27 x 19 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 29 páginas.

— *"Lista de estrêlas utilizáveis na determinação simultânea da latitude e da correção do cronômetro"* — Publicação n.º 1 da Escola de Geógrafos do Exército — 27 x 19 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 47 páginas.

Contém o seguinte sumário: Organização da lista — Uso das abreviaturas — Seleção das estrêlas — Cálculos dos azimutes e das horas siderais — Exemplo prático de organização de um programa de observações — Cálculos dos azimutes e das horas siderais — Cálculo de azimutes e horas siderais (Organização do programa).

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL — Diretoria de Obras Públicas — (Divisão de Projetos de Viação) — *"Endereços das referências de nível do Distrito Federal"* — 16x22 cm — Edição mimeografada — Rio de Janeiro — 1939 — 133 fôlhas.

RIBEIRO, Eurico Branco — *"Esbôço da História do Oeste do Paraná"* — Publicação n.º 1 do Diretório Regional de Geografia do Estado do Paraná — 23x16 cm — Composto e impresso na Tipografia João Haupt & Cia. — Curitiba — Paraná — Brasil — 1940 — 93 páginas.

Contém o seguinte sumário: Primeira parte: Explorações: Uma lenda elucidativa — O primeiro visitador português — Viagem de *Cabeza de Vaca* — A estrada de Pay Zumé — Estabelecimentos em Guaíra — Bandeiras destruidoras — Fronteiras coloniais — Tentativas de colonização — Novas explorações — Tentativas suspensas — Segunda parte: Povoamento: Conquista definitiva — Primeiros tempos de Atalaia — Fundação de Guarapuava — Auto de fundação — Guarapuava nos primeiros anos — Destruição de Atalaia — Os bugres — Palmas — Desbravamento dos sertões — Colônias civís e militares — A cidade de Guarapuava — Vias de comunicação.

SERVIÇO DE METEOROLOGIA DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA — *"Atlas internacional das nuvens e dos estados do Céu"* — Com prefácio do Sr. E. Delcambre, presidente da Comissão Internacional para o Estudo das Nuvens — 31 x 23 1/2 cm

— Composto e impresso no Serviço de Publicidade Agrícola — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 46 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Primeira parte: Nuvens — I — Quadro da classificação das nuvens — II — Definição e descrição dos gêneros de nuvens — III — Instruções para observação das nuvens. Segunda parte: Código das nuvens — I — Nuvens baixas — II — Nuvens médias — III — Nuvens altas — IV — Situação e aspectos do céu e das nuvens, em relação a uma perturbação, de acôrdo com as diversas especificações do código.

SETZER, José — *"Os solos do Estado de São Paulo"* — (Generalidades sôbre a riqueza química) — III Boletim Técnico n.º 70 do Instituto Agronômico do Estado (Campinas), da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo — Edição ilustrada com fotografias, três mapas das regiões naturais do Estado, fora do texto e 7 tabelas e análises de terra — 23 1/2 x 16 cm — Composto e impresso na Imprensa Oficial do Estado — S. Paulo — 1940 — 35 págs.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Interpretação dos resultados de análise química — Interpretação das tabelas — Constantes médios dos principais tipos de solo do Estado — Descriminação sumária dos principais tipos de solo — Contribuição dos adubos em nutrimento — O perfil do solo — Algumas possibilidades de utilização prática das tabelas e dos mapas — Bibliografia.

PUBLICAÇÕES DE INTERÊSSE GEOGRÁFICO EDITADAS NO BRASIL NO ANO DE 1940

Edições de livrarias e particulares expostas à venda

ALMEIDA OLIVEIRA, Sebastião — *"Expressões do populário sertanejo"* — (Vocabulário e superstições) — Civilização Brasileira, Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 219 páginas.

ALTAIR, Jaçanã — *"A lenda da vitória régia"* — 1.ª edição — 18 1/2 x 21 1/2 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo, Editora — São Paulo — 1939 — 79 páginas.

AMARAL, Luiz — *"História geral da agricultura do Brasil"* — 3.º tomo — 1.ª edição — Volume n.º 160-B — da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 332 páginas.

E' um estudo no tríplice aspecto social, político e econômico da agricultura no Brasil. No 1.º volume estuda o seguinte: o homem, o meio, os primórdios, os fatores políticos e econômicos e a política agrária na Colônia e no Império. No 2.º volume faz o estudo pormenorizado das culturas da mandioca, da cana de açúcar, do algodão, dos cereais, do fumo, do cacau, do côco, da borracha e da carnaúba, fixando o aspecto da policultura e da indústria pecuária. No 3.º volume estuda o café e a tendência para a monocultura e o valor da produção e a marcha para o oeste.

BATISTA DE OLIVEIRA, F. — *"Notas urbanológicas"* — Composto e impresso nas oficinas gráficas d'"O Globo" — 25 x 16 cm — Freitas Bastos & Cia., distribuidores — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 81 páginas.

Destacam-se de seu sumário os seguintes capítulos: Densidade urbana — Comissão do plano da cidade — Zoneamento — O plano de Goiânia, a nova capital de Goiaz — Metabolismo urbano — Fragmentação da superfície urbana — Estética urbana — O problema da habitação popular em Juiz de Fora — Juiz de Fora e seu plano diretor — Problema de urbanização de Juiz de Fora — Ainda o plano diretor de Juiz de Fora — O atêrro da margem do rio Paraibuna e o plano diretor de Juiz de Fora — Plano de remodelação e exterior de Bicas.

BELBENOIT, René — *"A ilha do Diabo"* — (Memórias de um fugitivo de Caiena) — Tradução de Lívio Xavier e introdução de William la Varre — Edição ilustrada com um mapa — 23 1/2 x 14 1/2 cm — Volume n.º 3 da série "Romance da Vida" — Livraria José Olímpio, Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 378 páginas.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE PERNAMBUCO — *"Armas e apetrechos bélicos que os holandeses deixaram em Pernambuco e inventário dos prédios edificados ou reparados até 1654"* — 23 x 16 cm — Recife — Pernambuco — 1940 — 202 págs.

BITTENCOURT, Prof. Agnelo — *"A necessidade dos recenseamentos"* — (Duas conferências proferidas em Manaus, concitando às operações censitárias, de 1920 e 1940) — 23 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia Real — Manaus — Amazonas — Brasil — 1940 — 23 páginas.

CALMON, Pedro — *"Figuras de azulejos"* — (Perfis e cousas da História do Brasil) — 18 x 13 cm — S. A. A Noite, Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 266 páginas.

CARVALHO FRANCO — *"Bandeiras e bandeirantes de São Paulo"* — 1.ª edição — Volume n.º 181 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 340 páginas.

O próprio autor define o seu trabalho como "um simples ensaio sôbre a ação extensiva dos bandeirantes paulistas, buscando contribuir para a sua história sistematizada". O livro estuda desde as primeiras penetrações no Rio da Prata em busca do ouro até a ação propriamente dita dos elementos nacionais em busca das esmeraldas e do ouro no interior do país, que motivou o alargamento do território nacional. Reúne uma larga documentação bibliográfica.

CASAIS, Dr. José — *"Un turista en el Brasil"* — Prólogo do professor Antenor Nascentes — Com cento e noventa e três fotografias originais do autor — 24 x 17 cm — Composto e impresso na oficina gráfica de Franz Timon — Rio de Janeiro, D. F. — Brasil — 1940 — 238 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Prólogo — Un turista en el Brasil — Primeira parte: — Rio de Janeiro, I, II e III capítulos — Segunda parte: — Baía, I, II e III capítulos — Terceira parte: — De Baía a Minas por el rio San Francisco, I, II e III capítulos — Quarta parte: — Minas Gerais, I, II, III e IV capítulos — Quinta parte: — Goiaz, I capítulo — Sexta parte: — Un mes en el rio Doce, I e II capítulos.

CASSIANO, Ricardo — *"Marcha para Oeste"* — (A influência da "Bandeira" na formação social e política do Brasil) — Volume n.º 25 da Coleção Documentos Brasileiros — 2 volumes — 23 1/2 x 14 1/2 cm — Livraria José Olímpio, Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 281 páginas.

Contém o seguinte sumário: Advertência — Os grupos sociais da colônia — O "Grupo móvel" e a conquista — O índio na estrutura bio-democrática do planalto — A bandeira e a sua origem social — República sem proclamação — O "Grupo em movimento" — Cristãmente e bandeirantemente — O sertão na economia da bandeira — O negro tomou parte no Bandeirismo?

CASTRO, Fernando Pedreira de S. J. — *"Crônica da igreja no Brasil"* — (Período pré-anchietano 1500-1553) — Editora A. B. C. — Rio — 1939 — 237 págs.

Contém o seguinte sumário: Duas palavras de introdução — A descoberta do Brasil à sombra da cruz — A Religião dos nossos índios — A Moral dos aborígenes — Os nossos primeiros missionários — A companhia de Jesús — Os nossos primeiros jesuítas — Os jesuítas no sul — A igreja em São Vicente — Novos missionários jesuítas — Na cidade do Salvador — O colégio do Salvador na Baía — A catequese na Baía — Missões de Pôrto Seguro, Ilhéus e Espírito Santo — Início da Igreja em Pernambuco — A missão dos jesuítas — O primeiro capelão de uma bandeira — O P. Azpilcueta Navarro em Minas — Ao terminar — Apêndice.

COSTA, Angione — *"Roteiro dos Andes"* — Biblioteca Militar — Edição ilustrada — Com prefácio do general Valentim Benício da Silva — 24 x 17 cm — Companhia Editora Americana S. A. — Rio de Janeiro, D. F. — 220 páginas.

Contém o seguinte sumário: Explicação — O Lago Titicaca — Cochabamba — Uma visão de La Paz — Verdes de Arequipa — Lima — Pizarro, o Conquistador do Perú — Velhas casas virreynaes — La Plaza de Armas — A catedral de Lima — Museus peruanos — Alameda de los Descalzos — La Perricholi — Igrejas do Virreynato — Memória Prado — O mercado limenho — Restaurantes "chinos" — Universidade de San Marcos — O país peruano — Oito dias sôbre o Pacífico — La Serena — Viña del Mar — Valparaíso — Tempestade sôbre os Andes — Santiago — Grandeza e esplendor de Buenos Aires — Documentário fotográfico.

CRAVEIRO COSTA — *"A conquista do deserto ocidental"* — 1.ª edição — Volume n.º 191 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 434 págs.

E' um subsídio para o estudo da história do Território do Acre. Um estudo histórico das causas que motivaram a encorporação do Território do Acre ao Brasil, estudando pormenorizadamente a cultura da borracha, a fixação do cearense na Amazônia, a reivindicação do Acre pelas autoridades bolivianas, as lutas, e o Tratado de Petrópolis, que pôs têrmo à secular contenda de limites entre a Bolívia e o Brasil. E depois da autonomia do Acre até a sua organização judiciária no govêrno Venceslau Braz, tôda a sua atuação no desenvolvimento social e econômico do Brasil.

DUARTE FILHO, João — *"O sertão e o centro"* — 2.ª edição — Livraria José Olímpio, Editora — Rio de Janeiro — 1939 — 205 páginas.

Contém o seguinte sumário: O sertão — Diferenciação — O centro de ontem — O verdadeiro centro — Problemas do nordeste — O açúcar — As sêcas — Portos — Trilhos.

EDGAR SANCHES — *"Língua brasileira"* — 1.ª edição — Volume n.º 179 — 1.º tomo da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 340 págs.

O autor põe em relêvo o fato de no Brasil já se ter realizado a formação de uma língua autônoma, oriunda do português. Discute a velha controvérsia de idioma brasileiro e idioma português, passando em revista a crítica de Varnhagen, o ponto de vista de José de Alencar, a opinião de Couto Magalhães, o depoimento de Batista Caetano, a gramática brasileira de Paranhos da Silva, Pacheco Júnior e o dialeto brasileiro e Sílvio Roméro e as transformações da língua portuguêsa na América. Estuda a seguir o vocabulário genuinamente brasileiro à luz da filologia portuguesa e conclue pondo em relêvo que já existe úma dialetologia brasileira e que a tendência moderna da linguística é considerar que não mais se distinguem cientificamente limites entre um dialeto e uma verdadeira língua.

ELIS JÚNIOR, Alfredo — *"Feijó e a primeira metade do século XIX"* — 1.ª edição — Volume n.º 189 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 588 páginas.

E' um livro documentário sôbre a vida do padre Diogo Antônio Feijó, estudando aspectos da sua infância, a sua projeção na vida nacional e, principalmente, durante a regência.

FILGUEIRAS, Oto — *"Notas econômicas e estatísticas"* (Ouro, diamantes e carbonatos) — Edição ilustrada com um gráfico e vários quadros estatísticos 22 1/2 x 16 cm — Sem indicação da casa impressora — Baía — 1940 — 15 págs.

Contém o seguinte sumário: *Engenheiro Raimundo dos Santos Patury:* ouro — (Refinação, países produtores — zonas produtoras do país).

FRANCON, J. A. — *"Tabelas de cubagem de madeiras"* — (Esquadrias e redondas avaliadas em esteres e frações decimais do estere) — Tradução de Renato Silveira — 2.ª edição — F. Briguiet, Editor — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 411 páginas.

Destaca-se do seu sumário o seguinte capítulo: Informações sôbre as madeiras do Brasil e suas aplicações.

FREIRE, Gilberto — *"Um engenheiro francês no Brasil"* — Com um prefácio do Professor Paul Arbousse-Bastide — Edição ilustrada com várias fotografias do antigo Recife, retratos e documentos — Volume n.º 26 da Coleção "Documentos Brasileiros" — 23 x 14 1/2 cm — Livraria José Olímpio, Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 218 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio de Paul Arbousse-Bastide — Prefácio do autor — Primeiros contactos dos franceses com o Brasil — Os franceses no Brasil depois da chegada de Dom João VI — Os franceses nos anúncios de jornais brasileiros da primeira metade do século XIX — A marcenaria e os técnicos franceses no Brasil — O livro francês nos anúncios de jornal — Os franceses no Recife em 1840 — Um engenheiro alemão — Os brasileiros diante dos técnicos e mecânicos estrangeiros — Engajado por Pernambuco um discípulo da Politécnica de París — Vauthier e suas primeiras impressões do Recife — Técnica revolucionária — Plano geral de melhoramentos — Direção geral de trabalho — Construção do Teatro — Críticos de Vauthier e críticos de Rêgo Barros — Vida particular — O pessoal da Repartição de Obras Públicas — Amigos brasileiros — "Adeus ao Sr. Vauthier" — Engenharia social — Problemas urbanos d'água — Outros problemas urbanos enfrentados por Vauthier — Estudos de problemas regionais — O problema das comunicações em relação com a economia regional — Efeitos sociais do sistema de estradas estabelecido por Vauthier — Métodos de execução de obras — O problema do operário nos serviços públicos — Conflitos com os particulares poderosos — Últimas relações de Vauthier com o Brasil — Vauthier observador — Um homem público que nós perdemos.

GONZAGA, Antônio Gavião — *"Problemas nacionais de imigração e colonização"* — (Conferência realizada no Instituto de Estudos Brasileiros, em 10 de Maio de 1940) — Com prefácio do Sr. Álvaro Osório de Almeida — Edição ilustrada com um mapa da localização da colonização oficial em São Paulo — 23 1/2 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas de C. Mendes Júnior — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 45 páginas.

Contém o seguinte sumário: Panorama nacional — Alimentação — Clima e salubridade — Instrução e educação — Colonização — Formação e constituição da etnia brasileira — Contribuição numérica e econômica atual das principais etnias — Conclusões — Conclusions.

HAMANN, Hugo — *"Assuntos econômicos-financeiros"* — Edição ilustrada com vários gráficos e quadros estatísticos — 24 x 16 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas Laemmert Limitada — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 226 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Panorama econômico e financeiro do Brasil — Conjuntura brasileira — Economia mundial — Inglaterra — Estados Unidos — França — Alemanha — Japão — Filosofia econômica — Obras públicas e financiamento — As "Regies Cooperativas" — Crédito — As "Arestas" da nossa economia — O Brasil de 1935 a 1939 — Exportações e importações.

HUNNICUTT, Benjamim H. — *"Algodão"* — (Cultura e comércio) — Edição ilustrada — São Paulo, Editora, Ltda. — São Paulo — 1940 — 212 páginas.

JAEGER, Pe. Luiz Gonzaga. S. J. — *"As invasões bandeirantes no Rio Grande do Sul"* — (1635-1641) — Segunda edição corrigida e aumentada com várias fotografias e um mapa do R. G. do Sul de 1626 e 1638, com a localização aproximada das reduções jesuíticas, fora do texto — (Separata do "Relatório do Ginásio Anchieta, 1939") — 23 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia do Centro S. A. — Pôrto Alegre — 1940 — 60 páginas.

Contém o seguinte sumário: Os antigos guaranis na sua barbarie — Um éden no coração do Rio Grande — Êmulos seculares — Defensores e opressores do ameríndio — Sertanistas em alcandorada atalaia — As Bandeiras Paulistanas — Pródromos das grandes bandeiras ao Rio Grande — A Bandeira denominada de "Aracambí", capitaneada por Fernão de Camargo, o "tigre", ou antes por Luiz Dias Leme, em 1635 — Bandeira de Antônio Raposo Tavares, em 1636 — A Reação Jesuítica — Bandeira de 1637, comandada por André Fernandes ou Francisco Bueno — Bandeira de Fernão Dias Pais, 1637-1638 — Bandeira de Domingos Cordeiro, em 1638 — Bandeira de Jerônimo Pedroso de Barros e Manuel Pires — Aniquilamento dos mamelucos no Mbororé, em Março de 1641 — Parecer e Conclusões.

KIDDER, Daniel P. — *"Reminiscências de viagens e permanência no Brasil"* — (Rio de Janeiro e Província de São Paulo) — Compreendendo notícias históricas e geográficas do império e de diversas províncias — Volume III da Biblioteca Histórica Brasileira — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada — 25 1/2 x 19 cm — Livraria Martins, Editora — São Paulo — Brasil — 1940 — 315 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Capítulo I: Rio de Janeiro — Situação do pôrto — Cenário característico — Aspectos e panoramas da cidade — Seus habitantes — Primeira colonização francesa — Empreendimento desastroso — Luta entre portugueses e franceses — Fundação de São Sebastião — Lamentável intolerância — Capítulo II: Fase inicial do Rio de Janeiro — Progresso — Ataque dos franceses sob o comando de Du Clerc — Sua derrota — A expedição de Duguay Trouin — O desenvolvimento da cidade no período dos vice-reinados — A chegada da côrte portuguesa — Rápidas modificações de origem política — A partida de D. João VI — Capítulo III: Proclamação da Independência — Aclamação de D. Pedro — A revolução — Acontecimentos subsequentes — Abdicação — Aclamação de D. Pedro II — A regência — Reforma constitucional — Capítulo IV: O cais do largo do Paço — O povo — Os prédios — A rua Direita — Carregadores de café — Canções africanas — Gritaria — Praça do comércio — Alfândega — Correio — A bandeira nacional — Designação das ruas — Oratório das esquinas — Igrejas — Conventos — Capítulo V: Irmandades — Hospital de São Francisco de Paula — O Lázaro e a Cascavel — A Santa Casa de Misericórdia — Asilo dos Expostos — Recolhimento para meninas órfãs — Visita do imperador — José de Anchieta — Lendas fantásticas da Companhia — O padre Joam D'Almeida — Capítulo VI: Falta de hotéis — Mercados — Maneiras de viver — Vendedores ambulantes de frutas — Mendigos e vagabundos — A casa de correção — Ocupações dos sentenciados — Aventura de uma irlandesa — Prisões — Classificação dos criminosos — Assassinos na Fortaleza da Laje — Capítulo VII: Iluminação das ruas — Polícia — Junta vacínica — Museu Nacional — Academia de Belas Artes — Escolas Militar e Naval — O Colégio do Imperador — Leitura das escrituras — Seminário Episcopal — Biblioteca Nacional e Pública — Bibliotecas pagas — Comércio de Livros — Traduções — Leilões de livros — Literatura profana — Jornais — Política — Correspondência — Anúncios — Periódicos — Instituto Histórico e Geográfico — Capítulo VIII: A Glória — A Igreja — Sinos — Prédicas — Cena Noturna — Praia do Flamengo — Laranjeiras — Lavadeiras — Ascensão ao Corcovado — Panorama — Descida pelo aqueduto — A noite nas fraldas do Corcovado — Botafogo — Praia Vermelha — Copacabana — Pão de Açúcar — Jardim Botânico — Capítulo IX: Ação missionária — A Bíblia no Brasil — Anseio popular pelas esculturas — Natureza e efeitos da oposição à sua divulgação — Grande circulação das esculturas — Catolicismo — Dias santificados — A pompa das cerimônias religiosas — O entrudo — A procissão de quarta-feira de Cinzas — Imagens — Anjos — Domingo de Ramos — Semana Santa — Procissões precatórias — Corpus Cristi — Padroeiros do povo e do barulho — Capítulo X: Engenho Velho — A chácara — Hábitos portugueses — Culto protestante — Companhia de ônibus — Categoria dos indivíduos — Vestido — Tejuco — As cachoeiras — Atmosfera salubre — A aristocracia nas montanhas — O novo moinho — A quinta imperial — D. Pedro II e suas irmãs — Fazenda de Santa Cruz — Capítulo XI:

Panorama da Boa Vista — Passagem marítima para a cidade — Navios mercantes surtos no pôrto — Posição central do pôrto — Aniversário de um colégio — Batismo — Leitura das escrituras — Preleções dos professores — Distribuição de publicações religiosas — Funerais — Crianças — Adultos — Escravos — O cemitério novo — Funeral pagão — Festividades religiosas — Comemoração dos mortos — Capítulo XII: Excursão ao Macacú — Barqueiros — Velejando na Baía — Venda paciência — Vila Nova — Uma noite do Rio — Macacú — Convento e suas terras — O tabelião — Ciência e Moral — Passageiros — Hino Nacional — Pôrto das Caixas — Insalubridade do lugar — O boticário — Distribuição de publicações — Almôço — Engenho do Sampaio — Encalhe na Baía — Portos — Iguassú — Ilhas — Capítulo XIII: Viagem do Rio a Santos — Um vapor costeiro — O comandante — Mangaratiba — Angra dos Reis — Conventos — Paratí — Ilha de São Sebastião — Chegada a Santos — Maneira de viajar no interior — Transporte — Tropeiros — Um grupo de viajantes — Serra do Mar — Capítulo XIV: Estrada Real — Subida da Serra — Descrição romântica feita por um jesuíta — Aspecto do interior — Divertimento — Um rancho — Hospitalidade — Galos músicos — Mulheres do campo — Uma tropa — Hospedaria em São Paulo — História primitiva da província — Paraíso terrestre — Reservas dos jesuítas — Escravização de índios — Dados históricos — Proclamação da Independência — Capítulo XV: Situação da Cidade de São Paulo — Casas de taipa — Salas de visitas — Edifícios públicos — Jardim Botânico — Festa da conversão de São Paulo — Prédica — Procissão — Excursão ao Jaraguá — Uma fazenda brasileira — Engenho de cachaça — Mandioca — Costumes indígenas — Preparação da farinha — As senhoras da fazenda — Disposições internas — Reza à noite — O capelão — A lavagem do ouro — Capítulo XVI: A cultura do chá — A colônia chinesa no Brasil — Uma plantação de chá — Maneira de preparar a fôlha — Excursão à Penha — Um joalheiro no campo — Jaboticabeira — Dr. Brotero — Escola de Direito — Sua Biblioteca — Faculdade — O Curso — Viagem ao interior — Jundiaí — Hospedarias da Vila — Cavalgada matutina — Vistas campestres — Campinas — Divertimentos — Soldados — Lugares com nomes de Santos — Depredação causada pelas formigas — Capítulo XVII: Um dia de viagem — Um salto do Tieté — Vila de Itú — Estatísticas — Médico estrangeiro — Viagem a Sorocaba — Notícias de Curitiba — Erva do Paraguai — Santa Catarina — Rio Grande do Sul — Revolução — Carne sêca — O uso do laço — Fundição de ferro em Ipanema — Funcionamento do monopólio oficial — Cruzeiros — Volta a São Paulo — Capítulo XVIII: Paulistas ilustres — Os Andradas — Sua cultura — Carreira política — Exílio — Restauração — Morte de José Bonifácio — Eloqüência de Antônio Carlos — Álvares Machado — Vergueiro — Assembléia provincial — Moura, Bispo eleiro do Rio — Feijó — Proposta a Abolição do celibato do sacerdócio — Livro sôbre o assunto — Capítulo XIX: Escola Lancasteriana — A misericórdia de São Paulo — Passeio a S. Bernardo — Ex-Presidente de Mato Grosso — A descida da serra — Notícia de Santos — Visita a São Vicente — Viagem de regresso ao Rio de Janeiro — Capítulo XX: Ação missionária em São Paulo — Condições primitivas e atuais da província — A hospitalidade de um padre — Estímulos — O povo — Proposta à Assembléia provincial — Resposta — Resultados — Apêndice.

LAVAGNE, Dr. Eusínio — *"Associação de Agricultores de Ilhéus e problemas rurais nossos"* — Relatório — (Cooperativismo, organização agrária, crédito agrícola — Pôrto de Ilhéus, plano rodoviário do Sul do Estado, educação rural, ginásio de Ilhéus, etc.) — 23 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia Vitória — Ilhéus — Baía — Brasil — 1940 — 129 páginas.

LEITE DA ROCHA, Sizínio — *"Siciologia política"* — Livraria Acadêmica, Editora — São Paulo — 1939 — 137 páginas.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: Psicologia do povo brasileiro — Classe média ou classe de choque.

LUBAMBO, Manuel — *"Capitais e grandeza nacional"* — 1.ª edição — Volume n.º 187 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 225 páginas.

Êste livro está dividido em 3 partes. Na 1.ª o autor estuda os princípios de uma política patrimonial limitando o problema e analisando a ação da igreja sôbre o capital, a grandeza nacional e as condições que favoreceram a formação e a fixação dos capitais. Na 2.ª parte visa o problema brasileiro para fazer uma síntese na sua parte final da evolução capitalista no Brasil.

MAGARINOS, Domingos — (Epiaga) — *"Muito antes de 1500"* — (Ensaio de etnogenia pré-histórica do Brasil) — Editorial Alba, Limitada — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 219 páginas.

Apresenta o seguinte sumário: Condições biogênicas e biológicas do continente americano — Autoctonismo da raça americana — A "Ilha Brasil" dos mapas geográficos da idade média — A lógica e a verdade a serviço da pré-história brasileira — Missão esotérica dos "payé" — A confirmação gliptográfica da antiguidade do Brasil — Muyra Kytan e Tempeta — A ave nas crenças, nos conhecimentos e nos costumes dos aborígenes do Brasil — Lógica e verdade.

MARINHO, Cônego José Antônio — *"História do movimento político que no ano de 1842 teve lugar na Província de Minas Gerais"* — 2.ª edição — Com uma

notícia acêrca do livro e seu autor pelo Sr. J. Rodrigues de Almeida — Edição ilustrada com fotografias das pessoas que tomaram parte naquele movimento político — Vistas de antigas cidades mineiras e uma antiga planta do antigo arraial de Santa Luzia e seus arredores, fora do texto — 24 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia Almeida — Conselheiro Lafaiete — Minas Gerais — Brasil — 1939 — 398 páginas.

MARITERESA CAVALCANTI, Ellender — *"São Paulo-Roma"* — 2.ª edição ilustrada e revisada — 25 x 17 cm — Composto e impresso na oficina gráfica Gardon Limitada — São Paulo — 1940 — 135 páginas.

O livro encerra notas de uma viagem que a autora levou a efeito, partindo do Estado de São Paulo com destino a Roma.

MARTINS DOS SANTOS, Francisco — *"Lendas e tradições de uma velha cidade do Brasil"* — Com ilustrações de Wast Rodrigues e Vítor de Mendonça — Prefácio de Batista Pereira — 20 1/2 x 14 cm — Composto e impresso na Emprêsa Gráfica "Revista dos Tribunais" — São Paulo — 1940 — 253 páginas.

Contém o seguinte sumário: A Fonte de S. Tomé — A conversão de Pero Correia — Bertioga — A lenda das arapongas — A gruta de Nossa Senhora do Destêrro — A primeira manifestação de Nossa Senhora do Monte — Os canhões da paz — No tempo da contratação — A revolta de Francisco das Chagas — O chafariz da coroação — Nossa Senhora das Neves — A "Pedra da Feiticeira" — O milagre de Santo Antônio do Valongo — A última chácara da Barra — O tesouro de Cavendish ou "A Ilha da Ilusão" — Um soldado santista — O Quebra-Lampeões — Quarteleiros e Valongueiros — O pai dos ratos — O susto de "Pai Adão" — D. Joaquim Baltasar da Silveira — São Paulo não se abaixa — O vulcão do Macuco.

MELO LEITÃO, Cândido — *"Biologia geral"* — 2.ª edição — ilustrada — 20 x 14 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 520 págs.

Destaca-se do seu sumário o seguinte capítulo: Panorama da terra nas eras geológicas.

MELO LEITÃO, C. de — *"A vida na selva"* — 1.ª edição — Volume n.º 20 da Coleção Iniciação Científica — Série 4.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 223 páginas.

Trata-se de um livro de um naturalista e professor que estuda no mesmo a vida animal e a vegetação da selva tropical do Brasil, pondo em relêvo os seus encantos, os seus exotismos à luz de estudos de cientistas, prosadores e poetas brasileiros e estrangeiros que penetraram o interior da selva do Brasil.

MENDONÇA, Dr. Sálvio — *"Noções práticas de alimentação"* — Edição ilustrada com várias fotografias, quadros e um mapa da economia alimentar no Brasil, fora do texto — 24 x 16 cm — Oscar Mono & Cia., Editores — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 111 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — As trocas energéticas — Tabela do metabolismo padrão — Tabela da superfície do corpo — O valor dos alimentos — O hábito alimentar — Alimentação e Constituição — Nutrição prenatal — A alimentação das gestantes — Dieta padrão — Alimentação da criança — A alimentação do adulto — A alimentação dos velhos — Dieta padrão — A economia alimentar no Brasil.

MERGULHÃO, Benedito — *"A Santa Inquisição do Café"* — Com prefácio do Sr. Teófilo de Andrade — 19 1/2 x 12 1/2 cm — Irmãos Pongetti, Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 182 páginas.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: Sinopse histórica do problema — A libertação dos escravos e a lavoura do café — Três milhões de contos para queimar café — Balanço nas conquistas da nova política do café — O café em certames internacionais — Relance retrospectivo — Uma prova real com números — Imensas as possibilidades do Brasil — Como nos ameaçam os melhores mercados europeus — Setenta milhões de sacas nas fogueiras — O café na economia orgânica — Classificação comercial — Cafés brasileiros e estrangeiros.

MONIZ, Heitor — *"Berlim, Paris, Roma"* — 19 x 13 cm — Irmãos Pongetti, Editores — Rio de Janeiro — 1940 — 241 páginas.

O livro encerra notas de viagem do autor acêrca de fatos e observações feitas nas cidades constantes do título do seu livro.

MORTARA, Georgio — *"Poesia e prosa do recenseamento"* — (Aula inaugural do ano letivo de 1940, professada na Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo e Escola de Comércio "Álvares Penteado") — Separata da "Revista de Ciências Econômicas", com discurso de apresentação do Prof. Américo Osvaldo Campeglia — 23 1/2 x 16 cm — Composto e impresso na Emprêsa Gráfica "Revista dos Tribunais" — São Paulo — Brasil — 1940 — 35 páginas.

NABUCO DE ARAÚJO, C. E. e colaboradores — *"Petróleo e seus produtos"* — Edição ilustrada — Composto e impresso nas oficinas gráficas de J. R. de Oliveira & Cia. — Rio de Janeiro, D. F. — 1940.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Introdução — Pesquisa geofísica — Gasolina por polimerização — Lubrificantes e lubrificação — Oil Shle and Cannel Coal. in Brasil — Cálculo dos encanamentos para líquidos viscosos — Detonações e ante-detonantes — Métodos analíticos.

NERI DA FONSECA JÚNIOR, Cel. Leopoldo — *"Geopolítica"* — 19 x 13 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro — 1940 — 195 páginas.

Contém o seguinte sumário: A sociologia — Terra e população — A lei dos três Estados — Reajustamento político — Relações internacionais — Zona de fricção e de influência — O Brasil unido.

NOBRE DE ALMEIDA, L. — *"O Japão antigo e moderno"* — (Obras premiadas como o melhor ensaio sôbre o Japão, no concurso promovido em 1938 pelo Instituto Brasileiro de Cultura Japonesa) — Edição ilustrada — 18 x 12 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 115 páginas.

Contém o seguinte sumário: O homem e a terra — A família — O imperador — A restauração de Meiji — O Japão moderno — Um grande povo.

OSÓRIO, Pedro Luiz — *"Rumo ao campo"* — (Estudo sôbre gados vacum, equino e ovino) — com fotografias, desenhos regionais e plantas de instalações — 22 x 15 cm — Livraria do Globo, Editora — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — 1940 — 763 páginas.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: A estância — As granjas — Cabanas — As terras — Flora agrostológica dos campos — Pastagens naturais — Pastagens artificiais (forragens) — Plantas comestíveis dos campos — Plantas tóxicas — Árvores e arbustos principais — Vivendas rurais — O tropeiro — O gaúcho — A mulher gaúcha — Frases e expressões comuns na linguagem do gaúcho — Locuções gauchescas — Da alimentação — A carne e seus parasitas — Exploração do gado em geral — Criação de vacuns — Os climas e instrumentos científicos (a pressão atmosférica e serviços meteorológicos) — Os invernos — As sêcas — Produção de lã.

PARAHIM, Orlando — *"O problema alimentar no sertão"* — *Com prefácio do* Professor Mário Ramos, da Faculdade de Medicina do Recife — 23 x 16 cm — Composto e impresso na Imprensa Industrial — Recife — Pernambuco — Brasil — 1940 — 105 páginas.

Contém o seguinte sumário: Agradecimento — Duas palavras — Importância da questão alimentar — A nutrição — Metabolismo — Os alimentos: água, sais minerais, cálcio, fósforo, ferro, albuminas, hidratos de carbono, gorduras — Vitaminas — Metabolismo energético — Inquérito de alimentação no Salgueiro — Tábua da composição centesimal dos alimentos — O sertão e as sêcas — Panorama econômico — A respeito de frutas — O leite — Conclusões — Trabalhos consultados.

PASSAGE, Henry du — *"Noções de sociologia"* — Tradução autorizada da professora D. Edith Sarton — 19 1/2 x 14 cm — Edição A. B. C. — Rio de Janeiro — 1940 — 347 páginas.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: A influência da vida social na vida material, intelectual e moral do ser humano — Classificação das sociedades — Sociologia econômica: a produção, grupos econômicos, as formas da produção segundo as diversas sociedades humanas — Influência das transformações econômicas sôbre as instituições, nos costumes e idéias — As sociedades políticas — Constituições e governos — Religiões e sociedades — A influência social da religião — Religião e ciência — Religião e arte.

PAULA COUTO, Carlos — *"Paleontologia do Rio Grande do Sul"* — Edição ilustrada — 24 x 16 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Livraria do Globo — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil — 1940 — 218 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Histórico — 1.ª parte — Paleozoologia: Invertebrados — Répteis — I — Ordem Teromorfa — A) Sub-ordem Dicinodôntia — a) Família Dicinodontidae — B) Sub-ordem Teriodôntia Tribu Ginodôntia — a) Família Quinoquodontidae — b) Família Traversodontidae — II — Ordem Rinocefalia — a) Família Rincosauridae — III — Ordem Tecodôntia — B) Sub-ordem Pseudosuquina — IV — Ordem Dinosáuria — Grupo Saurisquia — Mamíferos — I — Ordem Edentata — Sub-ordem Xenartra — I — Tribu Anicanodonta — A) Família Gravigrada — a) Sub-família Megateriinae — 2 — Tribu Hicanodonta — A) Família Gliptodontidae — Extensão geográfica dos Gliptо-

dontes — II — Ordem Ungulata — A) Sub-ordem Perissodactia — a) Família Equidae — Sub-Família Equinae — Equídeos fósseis — Pêlo primitivo do Cavalo — Cavalos fósseis do Rio Grande do Sul — Considerações sôbre os Equídeos primitivos da América — B) Família Tapiridae — Sub-família Tapirinae — II — Ordem Subungulata — Sub-ordem Proboscídea — Família Elefantidae — O Mastodonte de Iraí — 2.ª parte — Paleobotânica: Apêndice — Notas sôbre os despojos de répteis fósseis — Notas sôbre os Rincocéfalos do Rio Grande do Sul — Notas sôbre a expedição de Junius Bird à Patagônia — O Megatérium do Museu — Considerações sôbre a teoria de Wegner — A Bio-geografia e a Evolução — Um Cetáceo fóssil no município de Pôrto Alegre? — O crânio de Vila Nova — Será a América o berço da humanidade? — Os fósseis de São Gabriel — Bibliografia — Índice das Planchas — Índice onomástico.

PINHEIRO FILHO, João — *"Problemas brasileiros"* — Com uma carta — Prefácio do Gen. Góis Monteiro — 19 1/2 x 14 1/2 cm — Editora S. A. "A Noite" — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 362 páginas.

Contém o sguinte sumário: Prefácio — 1.ª parte — Colônia e Império — Bases da formação espiritual, moral e econômica do Brasil — Reminiscências históricas — 2.ª parte — Período republicano — 3.ª parte — O Brasil de 1938 — 4.ª parte — Planos básicos para o reerguimento econômico do Brasil — Aspecto social — Aspecto econômico — Aspecto financeiro — Instituições políticas.

PINTO SOARES, J. O. — *"Guerra em sertões brasileiros — Do fanatismo à solução do secular litígio entre o Paraná e Santa Catarina"* — I Volume — Edição ilustrada com vários retratos — 18 1/2 x 13 1/2 cm — Composto e impresso na Papelaria Velho — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 131 páginas.

QUINDERÉ, Mons. José — *"Subsídio para a história eclesiástica do Ceará"* — Separata do livro "O Ceará" — 19 x 13 cm — Composto e impresso na "Editora Fortaleza" — Fortaleza — Ceará — 1939 — 47 páginas.

RABINOVITCH, Moses — *"Pró solução nacional do problema do petróleo no Brasil"* — Localização do óleo fóssil no país — Segunda parte — "Bolpebra" — (Traçado geral) — Edição ilustrada com dois mapas, sendo um da América do Sul mostrando a posição exata dos campos petrolíferos em exploração, de países limítrofes do Brasil, e outro do noroeste sub-andino do Brasil, mostrando as áreas previsivelmente petrolíferas — Com notas dos engenheiros Manuel de Castro Guimarães Júnior, João Alves Júnior e Sr. J. Simões Lopes — 24 x 19 cm — Composto e impresso na Papelaria Mimí — Niterói — Rio de Janeiro — 1940 — 54 páginas.

RAIMUNDO MORAIS — *"À margem do livro de Agassiz"* — 1.ª edição — 18 x 12 1/2 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo, Editora — São Paulo — 1939 — 217 páginas.

Contém o seguinte sumário: Rio sem história — À margem do livro de Agassiz — Chegada ao Pará — Recepção encantadora — Arredores do Pará — Vegetação — O mercado — Canoas de índios — Clima — Excursão à baía — Tralhoto de lunetas — Um curioso cogumelo — As coleções — De Pará a Manaus — 1.º domingo sôbre o rio Amazonas — Problema geográfico — Instalações de bordo — Vastas dimensões do rio — Aspectos das margens — Vila de Breves — Passeio nas margens — Vila de Gurupá — Rio Xingú — Pôrto de Moz — Colinas de Almeirim — Pôr do sol — Monte Alegre — Caracteres da paisagem e do solo — Santarém — Destacamento enviado ao Tapajós — Continua-se a subir o Amazonas — Cenas pastoris nas margens do rio — Vila Bela — Viagem noturna de canoa no lago de José Assú — A choça da Esperança — Cena pitoresca à noite — Sucesso dos colecionadores — A vida dos índios — Fabricação de farinha — Na intimidade dos índios — Dansas — Macacos roncadores — Impressões sôbre a religiosidade dos índios — Volta para bordo — Resultados científicos da excursão — Estadia em Manaus — De Manaus a Tabatinga — Chegada a Manaus — Conflito das águas do Solimões com as do rio Negro — Nossa residência — Volta da expedição enviada ao Tapajós — Liberalidade do govêrno — Manaus — Passeios — Os "aguadeiros" — Uma escola para índios — Partida de Manaus — Vida a bordo — Barreira de Cudajás — O Coarí — Processo de tomar lenha — Aspecto das margens — Constituição geológica — Sempre a floresta — A Sumaumeira — O Arum Tefé — Modificaremos o primitivo itinerário? — Resposta dada por um personagem inesperado — Fonte Boa — Caráter geológico das margens — Lagoa — Bandos de aves aquáticas — Tonantins — Grupo pitoresco de índios — São Paulo — Desmoronamentos — Escassez de população — Tabatinga — Pebas — Descida do rio — Alguns dos nossos ficam em Tabatinga e outros vão para o rio Içá — Naufragados no Amazonas — Chegada a Tefé — Aspecto e situação de Tefé — Nossas instalações — Grande pescaria — Acarás — Falta de braços — Nossos empregados: Bruno e Alexandrina — Passeios — Forno de mandioca dentro da floresta — As praias do Amazonas — Índios comedores de terra — Árvore das "cuias" — Caça aos peixes — Um lago na floresta — Aves aquáticas — Bom êxito dos colecionadores — Curioso achado — Preparativos de partida — Resultados gerais dos trabalhos científicos em Tefé — Caracteres gerais da população amazônica — Mucuins — Temporal — Repiquetes — Observações geológicas — Volta a Manaus — Um passeio campestre no Amazonas — Chegada a Manaus — Novas instalações —

Notícias dos Estados Unidos — O "Ibicuí" — Excursão à lagoa Januari — Caracteres do vale do Amazonas; seu futuro — Um sítio — Visitantes índios — Baile — Caráter das dansas — Paisagem — Um outro sítio — Hábitos e costumes — Conversas com as índias — Manaus e seus arredores — Caráter geral das instituições brasileiras — Excursão a Maués e seus arredores — Partida de Manaus, a bordo do "Ibicuí" — Excursão ao rio Negro — Regresso ao Pará — Excursões no litoral — Chegada a Vila Bela — De novo em casa do pescador Maia — Óbidos: sua situação: formações geológicas — Santarém — Recordações de Martius — Monte Alegre — Nota sôbre a geologia do Amazonas — Partida de Monte Alegre — Pôrto de Moz — Gurupá — Tajapurú — Em Belém.

— *"Histórias silvestres do tempo em que animais e vegetais falavam na Amazônia"* — 1.ª edição — 20 x 14 1/2 cm — Companhia Melhoramentos de São Paulo — 1939 — 223 páginas.

Contém o seguinte sumário: Apólogos — A Aranha e a Saúva — A Canarana e o Murí — A Festa no Céu — A Sumaúma e a Baunilha — A Gaivota e a Tartaruga — O Merití e a Pupunha — A Borboleta e o Camaleão — O Uassaí e a Jacitara — O Japiim e o Jabotí — O Cipó d'Água e o Cipó Escada — O Uruá e a Cigana — A Aninga e o Aturiá — O Jacaré e a Onça — O Bacurí e a Pataqueira — O Bôto e o Peixe Boi — A Pacova e a São Tomé — A Maria-já-é-dia e o Galo — A Vitória Régia e a Mururé — O Macaco e o Papagaio — O Pau A-Toa e o Pau Mulato — A Abelha e o Martim Pescador — O Manacá e a Mangueira.

RAMOS, Artur — *"O negro brasileiro"* — 1.º tomo — 2.ª edição — Volume n.º 188 da coleção brasileira — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 434 páginas.

Êsse livro estuda o seguinte: O problema do negro no Brasil, detendo-se especialmente na análise das religiões e dos cultos, a liturgia gege-nagô, o culto malê, os cultos de procedência bantú, o sincretismo religioso, as práticas mágicas, a dansa e a música dos candoblés, os fenômenos de possessão, o problema da mentalidade primitiva, o ciclo da mãe: os mitos das águas, o ciclo do pai: os orixás fálicos, o ciclo do totemismo, o ciclo do Eu: o culto dos gêmeos, o ciclo da magia: psicanálise do pensamento pré-lógico.

RANGEL, José — *"Como o tempo passa..."* — (Aspectos, fatos, figuras e costumes antigos e modernos) — Composto e impresso na "A Encadernadora" — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 353 páginas.

ROCHA DINIZ, Osório da — *"O Brasil em face dos imperialismos modernos"* — 1.ª edição — Volume n.º 183 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 380 páginas.

O autor estuda detalhadamente os principais problemas brasileiros, econômicos e financeiros. Assim sendo passa em revista as fontes de energia e matérias primas, os metais e combustíveis nas diferentes épocas, o carvão, o petróleo, as quedas d'água, a eletricidade, realçando a influência que tiveram no desenvolvimento dos Estados Unidos e do Japão. O Brasil como um país onde êsses elementos econômicos existem representando verdadeiras reservas, tem sido objeto de expansão do capitalismo inglês e norte-americano. As fontes documentárias e bibliográficas são verdadeiramente abundantes.

RODRIGO, Otávio — *"México e Perú"* — Edição ilustrada — Volume n.º 18 da série "Viagens" — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 178 páginas.

Contém o seguinte sumário: 1.ª parte — Na Terra da Vírgem de Tepeyac — Deixando os Estados Unidos — Entrando no México — A Conquista — Cidade do México — Xochimilco — A Nova Cidade — A lenda da Vírgem de Guadalupe — S. Juan de Teotihuacan — México Novo — Hospital de Jesús — O bosque — O general Obregon — Castelo de Chapultepec — Queretaro — Em Guadalajara — Cuernavaca — Vera Cruz — Tampico — Iucatan — 2. ªparte — No Perú de Pizarro e de hoje — Em busca do Pacífico — Traços de História — Em Lima — Na Cordilheira — Na estrada de ferro do sul.

RODRIGUES DE MELO, M. — *"Várzea do Assú"* — (Paisagens, tipos e costumes do Vale Assú) — Com prefácio do Sr. Luiz da Câmara Cascudo — 19 x 13 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas "Edegraf" — São Paulo — Edição dos Cadernos — São Paulo — Brasil — 1940 — 187 páginas.

Contém o seguinte sumário: A Várzea do Assú — As fazendas — O lote — A cheia — O acompanhamento — Os tocadores — Os negros do "Pife" — A rede — A ilha de Santana — Os comboios — Os cemitérios — O comboeiro — O Piranhas visto do alto — A festa de S. José das Oficinas — A sêca — A retirada — Uma completa revolução — A voz torturada de Oficinas — O rio Assú — Preto Ruivo — Os Mucaias — O aleijadinho — Almas penadas — Os tabatingueiros — Tradições: a) corrida de touros — b) galinha gorda — c) o impaludismo na Várzea — d) as raízes históricas da Várzea do Assú e a sua repercussão no movimento comunista de 1935 — Vocabulário.

RODRIGUES, José Honório e Ribeiro, Joaquim — *"Civilização holandesa no Brasil"* — (1.º prêmio de erudição da Academia Brasileira de Letras) — Edição ilustrada com curiosas fotografias — Volume n.º 180 — 5.ª série — Brasiliana — Biblioteca Pedagógica Brasileira — 18 1/2 x 12 1/2 cm — Companhia Editora Nacional — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 404 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Parecer da Academia de Letras — Introdução — Bibliografia geral da colonização holandesa do Brasil — O problema do mar — O problema da terra — O problema das gentes — A sociedade.

SAINT-HILAIRE, Auguste — *"Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai"* — Volume II da Biblioteca Histórica Brasileira — Tradução e prefácio do Sr. Rubens Borba de Morais — Edição ilustrada com uma planta do itinerário — 1.ª viagem de Saint-Hilaire e uma fotografia do mesmo — 25 1/2 x 19 cm — Livraria Martins, Editora — São Paulo — Brasil — 1940 — 375 páginas.

Apresenta o seguinte sumário: Prefácio — Cap. I — Quadro resumido da província de São Paulo — História — Limites, montanhas, rios, clima — Vegetação — População — Administração geral, divisão da província — Justiça criminal — Finanças — Cap. II — Início da viagem na província de São Paulo — A cidade de Franca, atualmente sede de comarca — Cap. III — de Franca a Mogí-Mirim — Cap. IV — Mogí-Mirim e Campinas — Cap. V — Jundiaí — Chegada a São Paulo — Cap. VI — Descrição da cidade de São Paulo — Cap. VII — Permanência do autor em São Paulo — Algumas palavras sôbre a cidade de Santos e o caminho de Cubatão — Cap. VIII — Viagem de São Paulo à cidade de Itú — Cap. IX — A cidade de Itú — A de Pôrto Feliz — A navegação do Tieté — Cap. X — A cidade de Sorocaba — As forjas de Ipanema — Cap. XI — A vila de Itapetininga — Cap. XII — Viagem de Itapetininga aos Campos Gerais — A vila de Itapeva — Indígenas — Cap. XIII — A vila de Itapeva — Os indígenas bugres e guanhanãs — Resumo de uma viagem no interior do Brasil — Província Cisplatina e missões do Paraguai — Relatório sôbre a viagem do Sr. Auguste Saint-Hilaire no Brasil e nas missões do Paraguai — Bibliografia citada por Saint-Hilaire — Bibliografia das principais obras de Saint-Hilaire.

SANTOS, Eurico — *"Pássaros do Brasil"* — (Vida e costumes) — Com prefácio do Dr. Artur Neiva e desenhos de Marian Colonna — 24 1/2 x 17 cm — F. Briguiet & Cia, Editores — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 301 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Introdução — Pássaros que gritam: Dendrocolaptídeos — Furnariídeos — Formicariídeos — Rinocriptídeos — Tiranídeos — Oxiranfídeos — Pipríderos — Cotingídeos — Pássaros que cantam: Turdídeos — Trogloditídeos — Mimídeos — Silvíideos — Motacilídeos — Compsotilipídeos — Vireonídeos — Hirundinídeos — Cerebídeos — Tanagrídeos — Fringilídeos — Icterídeos — Corvídeos — Bibliografia — Índice alfabético dos nomes populares.

SANTOS, Eurico e Queiroz, Eusébio — *"Dicionário de Avicultura e Ornito-técnica"* — Edição ilustrada — Sem indicação da casa impressora — Revista "O Campo", Editora — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 2 volumes — 448-344 págs.

SÁ RÊGO, L. — *"O determinismo no Brasil"* — Composto e impresso nas oficinas gráficas Irmãos Pongetti — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 92 páginas.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: Males que afetam a civilização brasileira — O brasileiro e o determinismo psíquico — O Brasil em face do mundo cultural moderno.

SIMONSEN, Roberto C. — *"A evolução industrial do Brasil"* — (Memorandum preparado a convite do Conselho Federal de Comércio Exterior, especialmente para a Missão Universitária Norte Americana, em visita ao Brasil, pelo engenheiro Roberto C. Simonsen, presidente da Federação de Indústrias do Estado de São Paulo e professor de História Econômica do Brasil, na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo) — 27 1/2 x 13 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica "Revista dos Tribunais" — São Paulo — Brasil — 1939 — 75 páginas.

Contém o seguinte sumário: Fraca produção industrial brasileira em confronto com a norte-americana. Estudo de suas causas — A produção industrial do Brasil colonial maior que a da Inglaterra, no século XVII e que a dos Estados Unidos no século XVIII — A revolução industrial nos Estados Unidos. Razões de sua eclosão — O Brasil no século XIX. O determinismo geológico e geográfico e as condições da política internacional compelindo-o a manter-se essencialmente agrícola. O Brasil, produtor de artigos tropicais. O domínio do café — Primeiros sinais de atividade industrial. A evolução econômica e a indústria. Brasil colonial e Brasil independente. *O ano de 1850. O ano de 1866. O ano de 1881* — Primeiro surto industrial, 1885-1895. A tarifa ouro. Estatísticas industriais, 1907-1920. Transformações operadas no fim do século XIX e no século XX — O novo surto de 1905-1914. A influência da guerra européia. A multiplicação de pequenas e médias indústrias de transformação. A influência da energia elétrica e

do barateamento das máquinas operatrizes. O mercado interno criado pela cafeicultura. Outros fatores favoráveis à industrialização — Evolução industrial entre 1920 e 1938. A distribuição e a natureza das atividades industriais. A produção industrial brasileira já atinge 12.000.000,de contos de réis — Ausência de política industrial no país — O Estado de São Paulo detentor de 45 % das atividades industriais do país — Causas e efeitos do progresso industrial paulista — A distribuição, por categorias de sua produção industrial — A carência de indústrias pesadas e basilares — A contribuição norte-americana na evolução industrial de São Paulo — Os mercados internos — O papel da indústria no entrelaçamento das regiões econômicas do Brasil — A pequena capacidade aquisitiva dos consumidores brasileiros — A reserva que para a indústria nacional representa a melhoria do mercado interno — As fontes de energia e combustíveis — Disponibilidades hidro-elétricas — O carvão nacional — As possibilidades em petróleo — As indústrias básicas — A indústria têxtil — Os matadouros frigoríficos — A fabricação de cimento — A siderurgia — As indústrias eletro-químicas — A legislação social — O grande avanço de nossas leis trabalhistas — A desharmonia entre o avanço da legislação social e os fatores de emulação às atividades industriais — As reivindicações dos produtores — A política econômica necessária ao país — A cooperação norte-americana — A política de aproximação Estados Unidos-Brasil.

SPALDING, Walter — *"A invasão paraguaia no Brasil"* — Prefácio e notas com muita documentação inédita — Edição ilustrada — 19 x 13 cm — Volume n.º 185 da Coleção Brasiliana — 5.ª série — Biblioteca Pedagógica Brasileira — Companhia Editora Nacional — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 629 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — I parte: Correspondência do presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul — II parte: Correspondência do tenente-general João Frederico Caldwell — III parte: Relatórios da Comissão de engenheiros do Exército em operações na província do Rio Grande do Sul — IV parte: Correspondência do brigadeiro honorário Davi Canabarro — V parte: Correspondência do marechal de campo Manuel Luiz Osório — VI parte: Diversos documentos — VII parte: Rendimento da vila de Uruguaiana — VIII parte: Avisos expedidos pelo Ministério da Guerra — IX parte: Os paraguaios em Mato Grosso — Bibliografia.

TEIXEIRA SOARES — *"Das origens do panamericanismo à União Panamericana"* — Publicação do Ministério das Relações Exteriores (Secção de Publicidade) — 22 x 16 1/2 cm — Composto e impresso na Imprensa Nacional — 1940 — 12 págs.

ULRICH, Otto Willi — *"Indianer"* — (Die geschichte einer grossen nation) — Edição ilustrada — Com fotografias e mapas — 28 x 19 cm — Casa Editora de Obras Cientistas Ltda. — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 216 páginas.

Apresenta o seguinte sumário: Die Inkas — Die Guaranis und die Guaranísprache — Die Arawauken — Giftschlangen und Schlangenplage — Indianer Mato Grosso — Die Cariben — Die Maya-K'ice-Indianer — Die Azteken — Die nordamerikanischen Indianer-Reservationen — Kleidung, Schmuck und Waffen der nordamerikanischen Indianerstämme — Tänze der Indianer Nordamerikas — Jagd und Fischfang der Indianer — Krieg und Kriegssiten bei den nordamerikanischen Indianern — Religion der nordamerikanischen Indianer — Propheten der roten Rasse Nordemerikas — Die Delawaren — Die Irokesen — Die Mohawks — Thai-yen-da-nay-geh, genannt Joseph Brant — Die Senecas — Die Shawnees — Die Cherokesen — Die Creeks — Die Sitten und Gewohnheiten der Creeks — Die Huronen oder Wyandotts — Die Miamis — Die Ojibway-Nation — Die Sioux — Tatanka-Yotanka, genannt Sitting Bull — Die Apachen — Die Indianerstämme Nordamerikas.

VIANA DO CASTELO, A. de — e (Dodsworth), Jorge — *"Produção e comércio de diamantes no Brasil"* — (Memorial apresentado à Comissão de Revisão do Regulamento da Garimpagem e Comércio de Pedras Preciosas) — 22 x 15 1/2 cm — Composto e impresso na oficina gráfica Batista de Sousa — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 44 páginas.

WILLEMS, Emílio — *"Assimilação e populações marginais no Brasil"* — 1.ª edição — Volume n.º 186 da Coleção Brasiliana — Série 5.ª da Biblioteca Pedagógica Brasileira — 19 x 13 cm — Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940 — 342 páginas.

E' um estudo sociológico dos imigrantes germânicos e seus descendentes. Aborda as doutrinas e os conceitos gerais de assimilação, adaptação, acomodação, simbioses, ambivalências culturais e étnicas, visando sobretudo o esclarecimento de como as populações germânicas se localizaram no Sul do Brasil, adaptando-se aos costumes de nosso país.

Edições oficiais

BARBOSA, Otávio — *"Água subterrânea em Minas Gerais"* — Boletim n.º 43 do Departamento Nacional de Produção Mineral (Divisão de Fomento da Produção Mineral) do Ministério da Agricultura — Edição ilustrada com várias plantas e perfis e um mapa geológico da região de Belo Horizonte, fora do texto — 23 1/2 x 16 cm — Separata dos ns. 16, 17, 19, 21 de 1939 e 23 de 1940 da revista "Mineração e Metalurgia" — Composto e impresso n'A Encadernadora S/A — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 40 páginas.

Apresenta o seguinte sumário: Conquista — Uberaba — S. Gotardo — Bambuí — Luz — Curvelo — Belo Horizonte.

BARLÉU, Gaspar — *"História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau"* — Tradução e anotações de Cláudio Brandão — Com reprodução das luxuosas ilustrações que figuram na edição latina de 1647 — 45 1/2 x 32 cm — Publicação do Ministério da Educação — Dessa obra, composta e impressa nas oficinas do Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde, tiraram-se 530 exemplares, dos quais 500 exemplares em papel vergê alemão e 30 exemplares, especiais, em papel ingres, fora do comércio — Rio de Janeiro — 1940 — 424 págs.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE ALAGOAS — *"Tábuas Itinerárias"* — (Meios de comunicação entre as sedes municipais, distritais, a capital do Estado e da República) — Com uma nota do Sr. José Barbosa Neto — 29 1/2 x 22 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial — Maceió — Alagoas — 1940 — 47 páginas.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE MATO GROSSO — *"Boletim de Informações do Estado de Mato Grosso"* — n.º 2 — Com vários gráficos — Edição mimeografada — Cuiabá — Mato Grosso — Brasil — 1940 60 fôlhas.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DA PARAÍBA — *"Sinopse Estatística do Estado"* — n.º 3 — (Separata, com acréscimos, do "Anuário Estatístico do Brasil" — Ano IV — 1938) — Com uma nota do Sr. José Batista de Melo e prefácio do Embaixador José Carlos de Macedo Soares — 26 x 18 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado — João Pessoa — Paraíba — 1940 — 222 páginas.

Contém o seguinte sumário: Apresentação da Sinopse — Prefácio do "Anuário" — Situação Física — Caracterização do território — Climatologia — Divisão territorial — 1937 (31-XII) — Situação Demográfica — Estado da população — Movimento da população — Movimento do registro civil — Situação econômica — Produção extrativa — Produção agrícola — Produção pecuária — Produção industrial — Estradas de ferro — 1936 (31-XII) — Ferro-Carris — Rodoviação - 1937 (31-XII) — Navegação — Aeronáutica civil — Correios e Telégrafos - 1936 — Telefones — Propriedade imobiliária — Movimento bancário - 1937 (31-XII) — Comércio - 1937 — Salários — Rendimentos - 1930/1937 — Preços - 1937 — Sinistros e acidentes - 1937 — Situação social — Melhoramentos urbanos — Assistência médico-sanitária - 1934/1936 — Despesas públicas com a assistência médico-sanitária - 1932/1935 — Asilos e recolhimentos - 1933/1935 — Previdência e assistência social - 1937 (31-XII) — Trabalho — Situação cultural — Educação — Bibliotecas — Museus — Monumentos históricos e artísticos - 1936 — Diversões — Associações culturais - 1936 — Arquivos públicos — Imprensa periódica — Rádio-difusão - 1937 (31-XII) — Difusão bibliográfica - 1936 — Missões leigas - 1936 — Campos desportivos - 1936 — Despesas públicas com a assistência cultural - 1932/1935 — Cultos — Crimes e contravenções - 1937 — Jôgo - 1936 — Suicídios — Situação administrativa e política — Administração pública — Finanças públicas — Segurança pública - 1936 — Repressão — Apêndice: O Estado e o Brasil — Cronologia — Legislação.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DO PIAUÍ — *"Sinopse Estatística do Estado"* — n.º 3 — (Separata, com acréscimos, do "Anuário Estatístico do Brasil" — Ano IV — 1938) — Com apresentação do Sr. João Bastos e prefácio do Embaixador José Carlos de Macedo Soares — 27 x 19 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado — Teresina — Piauí — 1939 — 241 páginas.

Contém o seguinte sumário: Apresentação da Sinopse — Prefácio do Anuário — Situação física — Caracterização do território — Climatologia — Divisão territorial - 1937 (31-XII) — Situação demográfica — Estado da população — Movimento da população — Situação econômica — Produção extrativa — Produção agrícola — Produção pecuária — Produção industrial — Estradas de ferro - 1936 (31-XII) — Ferro-Carris — Rodoviação - 1937 (31-XII) — Navegação — Aeronáutica civil — Correios e Telégrafos - 1936 — Telefones — Propriedade imobiliária — Movimento bancário - 1937 (31-XII) — Comércio - 1937 — Preços - 1937 — Salários — Rendimentos

- 1930/1937 — Sinistros e acidentes - 1937 — Situação social — Melhoramentos urbanos — Assistência médico-sanitária - 1934/1936 — Despesas públicas com a assistência médico-sanitária - 1932/1935 — Asilos e recolhimentos - 1933/1935 — Previdências e assistência social - 1937 (31-XII) — Trabalho — Situação cultural — Educação — Bibliotecas — Museus — Monumentos históricos e artísticos - 1936 — Diversões — Associações culturais - 1936 — Institutos científicos - 1936 — Arquivos públicos — Imprensa periódica — Difusão bibliográfica - 1936 — Exposições - 1936 — Campos desportivos - 1936 — Despesas públicas com a assistência cultural - 1932/1935 — Cultos — Crimes e contravenções - 1937 — Jôgo - 1936 — Suicídios — Situação administrativa e política — Administrativa pública — Finanças públicas — Segurança pública - 1936 — Repressão — Apêndice — O Estado e o Brasil — Cronologia — Legislação.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO — *"Estatísticas econômicas"* — (n.º 1 — Ano I — Dezembro de 1939) — Edição ilustrada com vários gráficos 27 x 19 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Diário Oficial" — Niterói — Rio de Janeiro — 1940 — 157 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Índices gerais: Síntese do desenvolvimento econômico e financeiro do Estado — Situação demográfica: Estimativa da população do Estado e da capital — Situação econômica: A — Produção extrativa mineral — Produção extrativa vegetal — Produção agrícola — Pecuária — Industrial — B — Circulação — C — Distribuição e consumo — Administração: Finanças públicas — Índice geral da cidade de Niterói — A — Produção industrial — B — Circulação — C — Distribuição e consumo — Custo de vida — B — Circulação: Comércio-Brasil.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL — *"Anuário Demográfico"* — Ano II — (Dados relativos a 1938) — Edição ilustrada com gráficos e cartogramas e um mapa das regiões climatológicas do Estado — 23 1/2 x 16 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Instituto Técnico Profissional do Rio Grande do Sul — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil — 1940 — 180 páginas.

Contém o seguinte sumário: Situação física — Meteorologia e climatologia — Situação demográfica — Movimento da população — Sinopse do registro civil — Estado da população — Movimento de passageiros pelo pôrto de Pôrto Alegre no ano de 1938.

— *"Sinopse Estatística do Estado"* — n.º 3 — (Separata, com acréscimos do "Anuário Estatístico do Brasil" — Ano IV — 1938) — Com uma nota de apresentação do Sr. Limeira Tejo e prefácio do Embaixador J. C. de Macedo Soares — 26 1/2 x 18 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da "Publicidade Americana" — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil — 1939 — 307 páginas.

Contém o seguinte sumário: Apresentação da Sinopse — Prefácio do Anuário e Índice: — Situação física — Caracterização do território — Climatologia — Divisão territorial - 1937 (31-XII) — Situação demográfica — Estado da população — Movimento da população — Situação econômica — Produção extrativa — Produção agrícola — Produção pecuária — Produção industrial — Estradas de ferro - 1936 (31-XII) — Ferro-Carris — Rodoviação - 1937 (31-XII) — Navegação — Aeronáutica civil — Correios e Telégrafos - 1936 — Telefones — Propriedade imobiliária — Movimento bancário - 1937 (31-XII) — Casas de penhores e Montes de Socorro - 1937 — Comércio - 1937 — Preços - 1937 — Salários — Rendimentos - 1930/1937 — Sinistros e acidentes - 1937 — Situação social — Melhoramentos urbanos — Assistência médico-sanitária - 1934/1936 — Despesas públicas com a assistência médico-sanitária - 1932/1935 — Asilos e recolhimentos - 1933/1935 — Previdência e assistência social - 1937 (31-XII) — Trabalho — Situação cultural — Educação — Bibliotecas — Museus — Monumentos históricos e artísticos - 1936 — Diversões — Associações culturais - 1936 — Institutos científicos - 1936 — Arquivos públicos — Imprensa periódica — Rádio-difusão - 1937 (31-XII) — Difusão bibliográfica - 1936 — Exposições - 1936 — Congressos e conferências - 1936 — Missões leigas - 1936 — Campos desportivos - 1936 — Despesas públicas com a assistência cultural - 1932/1935 — Cultos — Crimes e contravenções - 1937 — Jôgo - 1936 — Suicídios — Situação administrativa e política — Administração pública — Finanças públicas — Segurança pública - 1936 — Repressão — Apêndice — O Estado e o Brasil — Cronologia — Legislação.

DEPARTAMENTO ESTADUAL DE ESTATÍSTICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — *"Sinopse Estatística do Estado"* — n.º 3 — (Separata, com acréscimo, do "Anuário Estatístico do Brasil" — Ano IV — 1938) — Com uma nota de apresentação do Sr. Djalma Forjaz e prefácio do Embaixador José Carlos de Macedo Soares — 27 x 18 1/2 cm — Composto e impresso na casa "São Paulo Limitada" — São Paulo — Brasil — 1939 — 362 páginas.

Contém o seguinte sumário: Apresentação da Sinopse — Prefácio do "Anuário" — Situação física — Caracterização do território — Climatologia — Divisão territorial - 1937 (31-XII) — Situação demográfica — Estado da população — Movimento da população — Situação econômica — Produção extrativa — Produção agrícola — Produção pecuária — Produção indus-

trial — Estradas de ferro - 1936 (31-XII) — Ferro-Carris — Rodoviação - 1936 (31-XII) — Navegação — Aeronáutica civil — Correios e Telégrafos - 1936 — Telefones — Propriedade imobiliária — Movimento bancário - 1937 (31-XII) — Casas de penhores e Montes de Socorro - 1937 — Comércio - 1937 — Preços - 1937 — Salários — Rendimentos - 1930/1937 — Sinistros e acidentes - 1937 — Situação social — Melhoramentos urbanos — Assistência médico-sanitária - 1934/1936 — Despesas públicas com a assistência médico-sanitária - 1932/1935 — Asilos e recolhimentos - 1933/1935 — Previdência e assistência social - 1937 (31-XII) — Trabalho — Situação cultural — Educação — Bibliotecas — Museus — Monumentos históricos e artísticos - 1936 — Diversões — Associações culturais - 1936 — Institutos científicos - 1936 — Arquivos públicos — Imprensa periódica — Rádio-difusão - 1937 (31-XII) — Difusão bibliográfica - 1936 — Exposições - 1936 — Congressos e conferências - 1936 — Missões leigas - 1936 — Campos desportivos - 1936 — Despesas públicas com a assistência cultural - 1932/1935 — Cultos — Crimes e contravenções - 1937 — Jôgo - 1936 — Suicídios — Situação administrativa e política — Administração pública — Finanças públicas — Segurança pública - 1936 — Repressão — Apêndice — O Estado e o Brasil — Cronologia — Legislação.

DEPARTAMENTO NACIONAL DA PRODUÇÃO ANIMAL — (Divisão de Caça e Pesca) do Ministério da Agricultura — *"Instruções para a pesca e o aproveitamento industrial do cação"* — (Organizadas pela Secção de Indústrias) — Edição ilustrada — 23 x 16 cm — Composto e impresso no Serviço de Publicidade Agrícola — Rio de Janeiro — 1940 — 17 páginas.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESTRADAS DE RODAGEM DO MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS — *"Monografia sôbre as rodovias Rio-Petrópolis, São Paulo, União e Indústria, Baia e Itaipava-Teresópolis"* — Edição ilustrada com artísticas fotografias e um mapa, fora do texto, da rede rodoviária do Brasil — Contribuição da Comissão Brasileira às festas centenárias de Portugal — 26 1/2 x 17 1/2 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio — 1940 — 38 páginas.

DEPARTAMENTO NACIONAL DE PORTOS E NAVEGAÇÃO — do Ministério da Viação e Obras Públicas — *"Portos e navegação do Brasil"* — (Trabalho organizado para a Exposição dos Centenários de Portugal) — Com um estudo sôbre o retrospecto histórico do desenvolvimento portuário e da navegação no Brasil — (1500-1939) de autoria do engenheiro Frederico César Burlamaqui — Edição ilustrada com mapas de todos os portos brasileiros, fora do texto — 28 1/2 x 31 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 44 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Retrospecto histórico do desenvolvimento portuário e da navegação no Brasil (1500-1939) — Colônia e Império — República (1889 à 1930) — República (Outubro de 1930 a Novembro de 1939) — Capitais aplicados na construção dos portos — Movimento de navios — Movimento de mercadorias — Renda bruta total da navegação — Receita do tráfego — Tabelas estatísticas — Movimento de mercadorias — 1.ª parte: Configuração geral do Brasil — Costa marítima — Ações marítimas — Ações atmosféricas — Ações químicas biológicas — Aluviões fluviais e marítimas — Dunas — Rios navegáveis — Portos — Classificação dos portos — Estatística de mercadorias e navegação — Balizamento e sinalização da costa e dos portos — Aviso aos navegantes — 2.ª parte: Regime legal dos portos e da navegação — Taxas devidas pelos navios — Taxas devidas pelas mercadorias — Navegação — 3.ª parte: a) Portos organizados — b) Portos não organizados — 4.ª parte: a) Navegação nacional — b) Navegação internacional — Quadros — Plantas — Bibliografia.

— *"Relatório dos serviços executados em 1938, apresentado ao Ministro General João de Mendonça Lima, pelo Diretor engenheiro civil Frederico César Burlamaqui"* — Edição ilustrada com gráficos e quadros estatísticos fora do texto — 27 x 18 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do D. N. P. N. — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 270 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Portos do Norte — Administração Central — Portos do Sul — Comissões — Estatística — Gráficos — Quadros estatísticos — Estatística de navegação — Anexos à estatística de navegação.

DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ — *"Convênios dos Estados cafeeiros"* — (1906-1939) — 22 1/2 x 16 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Companhia Carioca — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 132 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — 1.º Convênio cafeeiro, Taubaté, 1906 — Modificações e aditamento ao Convênio de Taubaté — Decreto federal que aprova o Convênio de Taubaté e seu aditamento — Acôrdo entre os Estados de São Paulo e Minas para defesa do café, São Paulo, 1925 — 2.º Convênio cafeeiro — São Paulo, 1927 — 3.º Convênio cafeeiro — São Paulo, 1928 — 4.º Convênio cafeeiro — São Paulo, 1929 — Ata da 1.ª reunião — 4.º Convênio cafeeiro, São Paulo, 1929; Ata da 2.ª reunião — 5.º Convênio cafeeiro, São Paulo, 1930 — 6.º Convênio cafeeiro, Rio de Janeiro, 24-4-1931 — 7.º Convênio cafeeiro, Rio de Janeiro, 5-12-1931 — 8.º Convênio cafeeiro, Rio de Janeiro, 1935 — 9.º Convênio cafeeiro, Rio de Janeiro, 1937 — 10.º Convênio cafeeiro, Rio de Janeiro, 1938 — 11.º Convênio cafeeiro, Rio de Janeiro, 1939 — Decreto federal que aprova o Convênio de 1939.

DIRETORIA DE DOCAS E OBRAS DO PÔRTO DO RECIFE (Serviço de Estatística e Pesquisas) — *"Do ancoradouro ao Pôrto"* — (Notas sôbre a evolução do Pôrto de Recife) — Edição ilustrada com várias fotografias e pequenos mapas e plantas — 22 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia The Propagandist M. G. Ferreira — Recife — Pernambuco — 1940 — 40 páginas.

GUIMARÃES, Major Adir — *"Beaurepaire Rohan, Niemeyer, Bellegard, Cruls"* — (Conferência realizada pelo autor, na Escola de Geógrafos do Exército, no "Dia do Soldado") — Publicação n.º 4 da Escola de Geógrafos do Exército — Edição ilustrada com 5 fotografias — 27 x 19 cm — Composto e impresso no "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 26 páginas.

HOEHNE, F. C. — *"Observações gerais e contribuições ao estudo da flora e fitofisionomia do Brasil"* — IV O litoral do Brasil meridional — (Excursão botânica realizada de 16-9 a 26-10-1929, pela zona litorânea desde Santos até Laguna) — Publicação do Departamento de Botânica do Estado, da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo — Edição ilustrada — 32 x 24 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Companhia Melhoramentos de São Paulo — São Paulo — 1940 — 111 páginas.

Contém o seguinte sumário: A primeira das duas excursões botânicas de que trata o presente fascículo — Introdução — Algumas dessas regiões visitadas por nós anteriormente — A excursão feita em Fevereiro de 1927 — A serra de Belo Horizonte — O jardim público de Lavras — Outras impressões dessa viagem — A excursão botânica feita de 12 de Abril a 9 de Junho de 1927 — Itinerário e observações em viagem — Itajubá — Prosseguindo na viagem — Paraisópolis — Campo do Meio de Paraisópolis — S. Bento do Sapucaí — O rio Sapucaí — As rochas — Em demanda de Pouso Alegre — Pouso Alegre — A flora dos brejos e pântanos — O Caapão do Meio — Uma festa popular — Em caminho de Ouro Fino — Ouro Fino — Nas divisas de Minas com São Paulo — Itapira — Festa popular religiosa, em Itapira — Mogí-Mirim — Amparo — Obra patriótica do Dr. Paulino Recch — Serra Negra — Um reduto de floresta digno de atenção — Lindóia e as Termas do Dr. F. Tozzy — O Morro Pelado — O regresso — Conclusões.

INSPETORIA FEDERAL DAS ESTRADAS DO MINISTÉRIO DA VIAÇÃO E OBRAS PÚBLICAS — *"Estatística das Estradas de Ferro do Brasil, relativa ao ano de 1937"* — (Tomo XL) — Edição ilustrada com vários gráficos, fora do texto — 27 x 19 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da E. F. de Goiaz — Araguarí — Minas Gerais — Brasil — 1939 — 227 páginas.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Quilometragem ferroviária do Brasil, em 31 de Dezembro de 1937 — Extensões ferroviárias por Estados, em 31 de Dezembro de 1937 — Densidade de população e ferroviária do Brasil, por Estados, em 31 de Dezembro de 1937 — Desenvolvimento da rede ferroviária do Brasil, de 1854 a 1937 — Extensões e condições técnicas das estradas de ferro de serventia pública, em tráfego, em 31 de Dezembro de 1937 — Estradas que teem trilhos interpostos para formar duas bitolas simultâneas — Modificações verificadas durante o ano de 1937 na extensão ferroviária do Brasil — Concessões e contratos federais (vigentes) de estradas de ferro — Via permanente e telégrafo — Obras de arte, edifícios e dependências — Material de tração — Locomotivas e automotrizes existentes em 31 de Dezembro de 1937 — Material de transporte — Carros de passageiros existentes em 31 de Dezembro de 1937 — Material de transporte — Vagões existentes em 31 de Dezembro de 1937 — Percurso de locomotivas e automotrizes — Percurso dos trens — Percurso de veículos e automotrizes — Veículos quilômetro — Percurso de veículos e automotrizes — Eixos quilômetro — Percurso — Lugares oferecidos aos passageiros e toneladas de capacidade e pêso morto dos veículos — Transportes — Passageiros — Transportes — Bagagens, encomendas e animais — Transportes — Mercadorias — Transportes — Detalhe do movimento de passageiros e animais — Transportes — Detalhe do movimento de bagagens e encomendas — Receitas totais — Receitas médias — Despesas totais — Despesas — Despesas médias — Resultados do tráfego — Principais dados estatísticos, relativos a dois anos consecutivos — Resultados do tráfego no quinquênio 1933-1937 — Combustível e energia elétrica — Consumo de lubrificantes e estopas — Número médio, mensal, de empregados em 1937 — Despesa de pessoal e relações diversas — Material substituído na via permanente — Acidentes durante o ano.

INSTITUTO DE BIOLOGIA VEGETAL — (Jardim Botânico) — do Ministério da Agricultura — *"Anais da primeira reunião Sul Americana de Botânica"* — 2.º volume — Botânica sistemática — (criptógamos) — Edição ilustrada — 36 1/2 x 18 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Jornal do Comércio" — Rio de Janeiro, D. F. — Brasil — 1940 — 341 páginas.

Contém o seguinte sumário: Brade, A. C. — Filices novae Brasilianae — Brieger, F. G. — O desenvolvimento de novas Batrachospermaceae (Rhodophyceae) do Brasil — Dutra, João — Pteridofitas riograndenses — Capurro, Roberto — Catalogo de las Pteridofitas argentinas — Kuhnemann, Oscar — Genero de hepáticas nuevas para a Argentina — Mackinnon, Juan E. — Nota sobre Aspergilus en el Uruguay — Moura Leopoldo e Silva J. — Contribuição à distribui-

ção geográfica do gênero Triploceras (Fam. Desmidiaceae) — Negroni, Pablo — Trichosporon proteoliticus n. sp. — Negroni, Pablo — Sobre el Monascus ruber aislado de una salsa de tomate — Pe. Rick — O genero Polystictus — Pe. Rick — Poliporos Riograndenses — Rosa Mato, Fernando — Observaciones sobre Amanita muscaria Fr. en el Uruguay — Rosa Mato, Fernando — Estudios micrográficos sobre esporas de hongos — Torrend, Camillo — As poliporáceas do Estado da Baía e Estados limítrofes.

KNECHT, Theodoro e Jesuíno Felicíssimo Júnior — *"As ocorrências de minérios de ferro e pirita no Estado de São Paulo"* — Gondito no Estado de São Paulo — Boletim n.º 25 do Instituto Geográfico e Geológico da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo — 23 x 16 cm — Edição ilustrada com fotografias e gráficos e uma planta geológica do curso inferior do rio Pilões — Sem indicação da casa impressora — São Paulo — Brasil — 1939 — 127 páginas.

LAMEGO, Alberto Ribeiro — *"Mármores do Muriaé"* — Estado do Rio de Janeiro — Boletim n.º 97 do Serviço Geológico e Mineralógico do Departamento Nacional de Produção Mineral (Ministério da Agricultura) — Edição ilustrada com plantas gráficas, fotografias e um pequeno mapa, fora do texto, indicando a região calcárea do município de Campos — 23 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Serviço de Informação Agrícola — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 47 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Topografia e Geologia Geral: — I — Topografia — II — Geologia — 1 — Arqueano — 2 — Terciário (?) — 3 — Quaternário — Jazidas de mármore: I — Exposição geral — II — Jazida de São Joaquim — 1 — Geologia descritiva regional — 2 — Mármore — 3 — Calcita — 4 — Cubagem de jazida — 5 — Fabricação de cal — 6 — Forno contínuo de São Joaquim — 7 — Exportação de calcita — 8 — Ocorrências de outros minerais — 9 — Energia hidráulica — III — Composição dos calcáreos — IV — Análise microscópica do gneiss regional — V — Exploração do mármore na jazida de Monção — 1 — Instalações da Pedreira Guarnerí — 2 — Instalações da Cia. Sambra — Fatores geológicos na evolução histórico-social do Muriaé — Bibliografia.

LEINZ, Viktor — *"Petrologia das jazidas de Apatita de Ipanema"* — (Estado de São Paulo) — Boletim n.º 40 do Departamento Nacional de Produção Mineral (Divisão de Fomento da Produção Mineral) do Ministério da Agricultura — Edição ilustrada com fotografias, quadros de análises, gráficos e um pequeno mapa da ocorrência de rochas alcalinas no Brasil, fora do texto — 23 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Serviço de Publicidade Agrícola — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 52 páginas.

Contém o seguinte sumário: I — Situação geológica — II — O magma alcalino — III — Composição com outras jazidas — IV — Considerações sôbre a prospecção das jazidas de Apatita de Ipanema — Bibliografia — Zusammenfassung.

MELO JÚNIOR, José Lino e Mário da Silva Pinto" — *"O ferro de Jequié"* — (Estado da Baía) — Boletim n.º 39 do Departamento Nacional de Produção Mineral (Divisão de Fomento da Produção Mineral) do Ministério da Agricultura — Com prefácio do eng. Otávio Barbosa — Edição ilustrada com plantas, perfís e um mapa da localização das jazidas de Jequié em relação a São Salvador, fora do texto — 23 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Serviço de Publicidade Agrícola — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 56 págs.

Apresenta o seguinte sumário: Jazidas de minério de ferro de Jequié — Generalidades — Descrição das jazidas — Composição e gênese dos minérios de ferro de Jequié.

MINISTÉRIO DA MARINHA — (Diretoria de Navegação) — *"Suplemento n.º 1 — 1940 à Lista de faróis"* — Brasil 1939 — Edição ilustrada — 24 1/2 x 17 1/2 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 123 págs.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES — *"Brasil 1939"*-40 — (Relação das condições geográficas, econômicas e sociais) — Com prefácio do Ministro Osvaldo Aranha e uma nota de José Jobim — Edição ilustrada com gráficos e mapas do cartógrafo Cêurio de Oliveira — 27 1/2 x 19 cm — Composto e impresso no Estabelecimento Gráfico C. Mendes Júnior — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 574 páginas.

Contém o seguinte sumário: Apresentação — Advertência — O clima, a terra e o homem — Área e população — Imigração e colonização — Educação e cultura — Legislação social — Saúde pública — Produção — Evolução da agricultura e da pecuária no Brasil — Cereais, grãos e féculas — Alimentos tropicais — Fumo — Frutas de mesa e nozes — Produtos animais — Forragens — Óleos vegetais — Ceras — Plantas medicinais e o seu aproveitamento — Borracha — Madeiras — Fibras — Minerais — Minerais metálicos — Minerais não metálicos — Materiais de construção Combustível e energia — Indústrias — Comércio exterior e de

cabotagem — Finanças — Transportes e comunicações — Regiões geo-econômicas do Brasil — O combate contra as sêcas e o pântano — A posição do Brasil no mundo — Sumário das tabelas — Bibliografia.

PAULA, Rubem Descarter de G. e (Rangel) José Luiz — *"A mandioca"* — (sua industrialização e seu valor econômico) — Publicação do Instituto Nacional de Tecnologia do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — Edição ilustrada — 23 x 16 cm — Composto e impresso na oficina gráfica de Borsoi — Rio de Janeiro, D. F. — 1940.

Contém o seguinte sumário: Introdução — Emprêgo da farinha de milho na panificação — Emprêgo da farinha de mandioca (raspas) na panificação — Noções gerais sôbre a mandioca — A questão do ácido cianídrico ou veneno da mandioca — Processo para dosagem do ácido cianídrico — Justificação do método descrito — Preparação da raspa — lavagem das raízes — corte ou redução — fatias — Prensagem — Secagem — Farinha de raspas, resíduos — Álcool etílico ou comum — Álcool butílico, acetona, etc. — Glucose — Dextrina — Polvilho ou fécula — Fabrico e aplicações — Resíduos da fabricação do polvilho, colar ou adesivos.

PERO LOPES DE SOUSA — *"Diário de Navegação"* — (1530-1532) — Com um estudo crítico do comandante Eugênio de Castro — Prefácio de J. Capistrano de Abreu — 2.ª edição — 2 volumes — Edição ilustrada contendo documentos e mapas fora do texto — Edição da Comissão Brasileira dos Centenários Portugueses de 1940 — Composto e impresso nas oficinas gráficas Saner — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 555 — 66 páginas.

Contendo o seguinte sumário: Prefácio da 1.ª edição por J. Capistrano de Abreu — Edições do Diário de Pero Lopes de Sousa XXVII-XXXII — Introdução — Capítulo I — A arte de navegar e os tipos dos navios na Expedição de 1530 — Capítulo II — Lisboa — Canárias — Ilhas de Cabo Verde — Capítulo III — Pernambuco — Baía de Todos os Santos — Capítulo IV — Rio de Janeiro — Cananéia — Capítulo V — O rio de Santa Maria ou da Prata — Capítulo VI — Pôrto do antigo cabo de Santa Maria — Capítulo VII — Regresso de Pero Lopes a Portugal — Capítulo VIII — San Vicente — Capítulo IX — Regresso de Martim Afonso — Capítulo X — A Expedição de 1530 — Conclusão — Notas.

RAMOS, Interventor Paulo Martins de Sousa — *"Relatório apresentado ao Sr. Presidente da República"* — Com vários quadros estatísticos — 22 1/2 x 15 /12 cm — Composto e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial — São Luiz — Maranhão — 1940 — 147 páginas.

O livro contém dados completos sôbre a economia e as finanças do Estado do Maranhão e informações econômicas dos municípios maranhenses.

SANTA ROSA, Jaime — *"Gordura de Batí"* — (considerações para o estudo do problema da obtenção em bases industriais) — Edição ilustrada com um pequeno mapa da linha de disseminação de *batis* no litoral do Rio Grande do Norte e Paraíba — Publicação do Instituto Nacional de Tecnologia do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — 23 x 16 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 26 páginas.

Contém o seguinte sumário: A árvore de batiputá e o meio em que se desenvolve — Interêsse pela gordura de *batí* — Rendimento de gordura — Localização da gordura no fruto — Características da gordura — Possibilidade de extração — Estado atual da produção de gordura de *batí* — Cortiça de *batí* — Conclusão — Referências.

SERVIÇO DE ESTATÍSTICA DA PREVIDÊNCIA E TRABALHO DO MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO — *"Segunda semana de ação social do Rio de Janeiro, levada a efeito pelo Grupo de Ação Social"* — (Relatórios apresentados e conclusões votadas, em 1937) — 23 1/2 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do S. E. P. T. — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 249 págs.

SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE — *"Diário íntimo do engenheiro Vauthier — 1840-1846"* — Com prefácio e notas do Sr. Gilberto Freire — Edição ilustrada — 24 x 18 cm — Composto e impresso no Serviço Gráfico do Ministério da Educação e Saúde — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 214 páginas.

SOUSA CAMPOS, Professor Ernesto — *"Educação superior no Brasil"* — Edição ilustrada — Publicação do Ministério da Educação e Saúde — 23 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Ministério da Educação — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 611 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio, pelo professor Inácio M. Azevedo do Amaral — Introdução — Capítulo I: Preliminares — Século XVI — Curso de artes — Expedições jesuíticas — Escritores quinhentistas — Expedições missionárias de Lisboa para o Brasil — Capítulo II:

Século XVII — Capítulo III: Século XVIII — Movimento literário e científico — Contribuição estrangeira — As academias literárias — As arcadas — Capítulo IV: Século XIX — Prêmio aos estudantes do Brasil — A chegada de D. João VI — O interêsse pela arte — Missão francesa — Três notáveis estrangeiros — D. Pedro I — Regência — D. Pedro II — As missões científicas do século XIX — Alguns cientistas nacionais e estrangeiros que trabalharam ou percorreram o Brasil no século XIX — Cientistas estrangeiros em escolas e institutos brasileiros — Contribuição estrangeira na campanha da independência do Brasil — Capítulo V: As tentativas para a criação universitária — Vitória incompleta — Vigésima tentativa — Congresso de instrução — Um esfôrço privado de estudos literários superiores dos frades franciscanos — Os primeiros surtos da filosofia no Brasil — Balanço das tentativas de fundação universitária nos tempos coloniais e durante o primeiro e segundo império — A universidade na República — Criação da universidade — A propaganda universitária dos últimos anos — Capítulo VI: Congresso do ensino superior — As conclusões das teses — Conclusões aprovadas — Ensino jurídico — Segunda conferência nacional de educação — Os estudantes de São Paulo e a universidade — Organização do ensino por matéria — Capítulo VII: O problema universitário no Rotary Club de São Paulo — Tipos de universidades — O espírito que deve presidir à propaganda universitária — Os debates — Capítulo VIII: O Estado atual — A Comissão do Plano da Universidade — Serviço de arquitetura e de engenharia — O hospital das clínicas — Estudos para a Universidade de São Paulo — Escritório técnico do plano da Universidade de São Paulo — Estudos para a Baía e Pôrto Alegre — Debates sôbre o ensino médico — Plano nacional de educação — Questionário — Contribuição do Instituto Histórico e Geográfico para o plano nacional de educação — O plano do Conselho Nacional de Educação — Organização universitária brasileira — A educação e a cultura conforme a Constituição da República de 1934 — A atual constituição e o problema educativo — Capítulo IX: Diretrizes universitárias — A cooperação — Quadro comparativo — A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — Aspecto econômico — O exemplo do Japão — Capítulo X: Fatores essenciais no problema educacional — O amor pela alma mater — Associação dos antigos alunos — Relação dos Institutos de Ensino Superior Oficiais, equiparados e fiscalizados pelo Govêrno Federal — Universidades — Lei n.º 452 — Legislação Federal do ensino superior.

TEIXEIRA DE CARVALHO, Valmir A. — *"Papoula de São Francisco"* — Publicação do Instituto Nacional de Tecnologia do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio — Edição ilustrada com gráficos e fotografias — 22 1/2 x 16 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro, D. F. — 1939 — 47 págs.

Contém o seguinte sumário: "Papoula de São Francisco" (*Hibiscus cannabinus*) — Cultura — Maceração — Exame estrutural — Exame físico — Exame químico — Exame industrial — Aplicação industrial — Sub-produtos — (celulose — pectina — óleo).

TEIXEIRA MENDES, Carlos — *"Contribuição para o estudo da mandioca"* — Publicação da Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado de São Paulo — Edição ilustrada com fotografias e gráficos — 23 x 16 cm — Composto e impresso na Tipografia Brasil — Rothschild Loureiro & Cia. Ltda. — São Paulo — 1940 — 99 páginas.

THURY, Admar — *"Fibras amazonenses"* — Separata de um Relatório apresentado ao Interventor, sôbre produtos do Amazonas, notadamente sôbre fibras, pelo autor — Edição ilustrada — Publicação do Diretório dos Serviços Técnicos do Estado — Composto e impresso na Imprensa Pública — Manaus — Amazonas — 1939 — 17 páginas.

— *"Problemas econômicos do Amazonas"* — (Discurso pronunciado pelo autor ao paraninfar a turma de engenheiros-agrônomos diplomados pela Escola Agronômica de Manaus) — Publicação da Diretoria dos Serviços Técnicos do Estado — Composto e impresso na oficina gráfica da Papelaria Velho Lino — Manaus — Amazonas — Brasil — 1940 — 16 páginas.

TRUDA, Leonardo — *"A defesa da produção açucareira"* — (um meio de organização na economia brasileira) — 2.ª edição — Publicado pelo Instituto do Açúcar e do Álcool — Com prefácio do Sr. Barbosa Lima Sobrinho — 23 1/2 x 16 1/2 cm — Composto e impresso na "Gráfica Rio Arte" — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 287 páginas.

Contém o seguinte sumário: Advertência — As diretrizes da defesa açucareira — Limitação de produção e justo preço — Por que se torna imprescindível a limitação — As objeções opostas à limitação — Ligeiro balanço — Prestação de contas — A ação da comissão de defesa da produção do açúcar — As diretrizes e as finalidades do Instituto do Açúcar e do Álcool — Cooperação indispensável — Relatório — Dissídio entre usineiros e lavradores em Campos — Amparo aos produtores de Pernambuco e Alagoas — Elevação do preço do açúcar.

VASCONCELOS SOBRINHO — *"Introdução à silvicultura do Nordeste"* — Separata do vol. 2 — 1939, dos "Arquivos do Instituto de Pesquisas Agronômicas" da Secretaria da Agricultura de Pernambuco — Edição ilustrada — 26 x 17 1/2 cm

— Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial — Recife — Pernambuco — 1940 — 219 páginas.

Contém o seguinte sumário: Primeira parte: O solo das florestas — Cap. I — Constituição do solo florestal — Cap. II — Os elementos constituitivos do solo — Cap. III — A estrutura do solo florestal — Cap. IV — Destruição do solo florestal — Localização dos terrenos de cultura — Segunda parte: A floresta — Cap. I — Como se formam as florestas naturais — Cap. II — Formação de florestas artificiais — Como se opera a germinação da semente — Cap. III — O reflorestamento das capoeiras — O preparo da capoeira para o replantio — O plantio por estaca — Cap. IV — Aproveitamento e conservação da floresta natural — Cap. V — A mata e seu valor real — Sociologia florestal — Economia florestal — Conclusões lógicas sôbre o reflorestamento em Pernambuco — Terceira parte: A árvore florestal — Cap. I — Dados anatômicos e fisiológicos da árvore florestal — Cap. II — As nossas árvores florestais — Quarta parte: A influência das florestas no regime das águas — Cap. I — As águas do solo e da floresta — Cap. II — As águas de chuva e a floresta — Quinta parte: Dados fitogeográficos de Pernambuco — Os tipos florísticos de Pernambuco.

Monografias Municipais

AZEVEDO, Francisco — *"Três anos de administração"* — Uberaba — Edição ilustrada — 23 1/2 x 16 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da "Gazeta de Uberaba" — Editora — Uberaba — Minas Gerais — 1940 — 152 págs.

Contém o seguinte sumário: Os resultados de uma administração — Fôrça e luz para Uberaba — Não houve majoração tributária municipal para o ano de 1940 — Água em Uberaba! — Serviços de meios-fios e passeios — Fonte luminosa — Telefones para Uberaba — Uma aspiração que se realiza — Urbanização dos nossos logradouros públicos — O milagre da ação — Os serviços de eletricidade de Uberaba, passarão automaticamente para a municipalidade, logo que sejam concluídos — O calçamento da cidade — A nova rede telefônica — Ecos da visita presidencial — Está concluída a nova ponte sôbre o rio Tijuco — O prodígio das construções em Uberaba — O prosseguimento de um trabalho intenso — O que o povo deve saber e admirar — O surpreendente desenvolvimento de Uberaba — Do povo para o povo — Foi contratada a imediata reforma do asfaltamento nas ruas Alaor Prata, Governador Valadares e Dr. João Pinheiro — O aeródromo de Uberaba — Um confronto auspicioso — A ação do Prefeito Whady Nassif, na construção do futuro prédio dos Correios e Telégrafos — Novas estradas de rodage... — Vinte por cento em favor dos contribuintes — A eloquência dos algarismos — Homologada a desapropriação dos prédios ns. 43, 45 e 47 de propriedade do Sr. Salvador Bruno, na rua Artur Machado — Jornada de progresso — A grande hora de Uberaba — Fatos concretos — Casa da criança — Pela economia popular — Ponte de concreto armado na Avenida Leopoldino de Oliveira — O êxito de uma viagem — Grande remodelação do jardim da praça Rui Barbosa — Administrar de portas abertas — Perfeitamente integrada nos moldes do Estado Novo a administração Whady Nassif — A Casa da Criança, nossa grande conquista — O Palácio Postal-Telegráfico de Uberaba — Uberaba vai possuir um modelar entreposto para pausterização do leite — A significação de um m numento — O ensino municipal em Uberaba — Os novos esgotos sanitários em Uberaba — Entregue ao trânsito público a ponte provisória sôbre o rio Tijuco — Ligando, por ótima autovia, Uberaba a Barretos — Exposição-Feira Permanente de Uberaba — Patriotismo e Lealdade — O significativo de uma homenagem e o magnífico discurso do Prefeito Whady Nassif — Em benefício do crédito municipal — O orçamento municipal para 1940 é um índice das grandes realizações da administração Whady Nassif, no próximo ano.

CARVALHO, Menelick de — *"Administração Municipal"* — (Do *Diário* de um prefeito em comissão — Episódios, observações e estudos de problemas locais de Juiz de Fora e Uberaba) — Edição ilustrada com várias fotografias — 24 x 16 cm — Composto e impresso na Imprensa Oficial do Estado — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil — 1940 — 223 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Capítulo I: Reminiscências juizdeforanas — Crônicas — Capítulo II: Extratos de um relatório — Assistência Municipal — Serviço de Educação Municipal — Organização tributária — Situação financeira — Orçamento — Contas da gestão financeira — Cooperadores laboriosos — Capítulo III: Aos estudiosos de assuntos municipais — Tese proposta — As cidades do futuro.

DIVISÃO DE ESTATÍSTICA E DIVULGAÇÃO DA CIDADE DO SALVADOR — *"Informações Estatísticas do Município do Salvador"* — Com vários gráficos — 32 1/2 x 22 1/2 cm — Edição mimeografada — Salvador — Baía — Brasil — 182 páginas.

Contém o seguinte sumário: Prefácio — Atividades da Prefeitura — Índice — I — Situação física: — Caracterização do território — Climatologia — Divisão territorial — II: — Situação demográfica — Estado da população — Movimento da população — III — Situação Econômica: — Produção pecuária — Produção industrial — Ferro-Carris — Rodoviação — Nave-

gação — Aeronáutica Civil — Telefones — Propriedade imobiliária — Comércio — Salários — Consumo IV — Situação social: Melhoramentos urbanos — Assistência médico-sanitária — V — Situação cultural: Educação — Bibliotecas — Diversões — Turismo — VI — Situação administrativa e política: Finanças públicas — Finanças públicas municipais — Segurança pública.

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE COMÉRCIO E ADVOCACIA — *"Indicador Profissional Comercial do Rio Grande do Sul"* — n.º 2 — Com um mapa geográfico do Estado do Rio Grande do Sul, em côres, organizado pela S. A. Emprêsa de Viação Aérea Riograndense — 28 x 19 cm — Composto e impresso na Tipografia do Castro — Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — 1940 — 416 páginas.

O livro contém ligeiros históricos, dados econômicos e informações gerais, sôbre todos os municípios riograndenses.

MARCHESINI, Engenheiro João — *"Município de Itaparica"* — Estância hidro-mineral — (Relatório de 1939 apresentado ao Interventor Landulfo Alves de Almeida) — Edição ilustrada com mapa do município, fotografias e quadros financeiros — 24 1/2 x 16 1/2 cm — Composto e impresso na Imprensa Regina — Baía — 1940 — 65 páginas.

MASSON, Alceu — *"Caí"* — Monografia — Edição fartamente ilustrada com vários mapas e fotografias, fora do texto — 21 x 14 1/2 cm — Composto e impresso na Tipografia Caiense — Kusminsky & Ely — Edição da Prefeitura Municipal de Caí — Rio Grande do Sul — 1940 — 225 páginas.

Contém o seguinte sumário: I — Origem e alterações do nome da sede do Município — II — Geografia física, política e econômica — III Agricultura, pecuária, indústria, comércio, etc. — IV — Suplemento histórico — V — Dicionário geográfico do município — VI — Roteiro do Rio Caí — VII — Apêndice — Cópia de documentos — Errata.

NOVIS, Prof. Aristides — *"Caldas de Cipó"* — (Pérola do Nordeste baiano) — 17 x 11 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial do Estado — Salvador — Baía — Brasil — 1940 — 11 páginas.

OLIVEIRA LIMA, Valdir e Mário F. Gussen — *"Anuário de Barra do Piraí"* — (Enciclopedia Barrense de 1940) — 31 1/2 x 23 cm — Sem indicação da casa impressora — Rio de Janeiro, D. F. — 1940 — 150 páginas.

Êste livro focaliza a vida local, comércio, indústria, lavoura, pecuária e insere interessantes dados estatísticos.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MACEIÓ — *"As atividades da Prefeitura de Maceió em 1939"* — (Relatório apresentado ao Departamento Administrativo do Estado pelo Prefeito Eustáquio Gomes de Melo, com documentos subsidiários) — 23 x 16 cm — Edição ilustrada — Composto e impresso nas oficinas gráficas do Orfanato São Domingos — Mangabeira — Maceió — Alagoas — 1940 — 142 págs.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NITERÓI — *"Estatística Econômica e custo da vida da cidade de Niterói"* — (Separata do n.º 1, ano I de "Estatísticas Econômicas", editado pelo Departamento Estadual de Estatística) — Edição ilustrada com gráficos — 27 x 19 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas do "Diário Oficial" — Niterói — Estado do Rio de Janeiro — 1940 — 79 páginas.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVA PONTE — *"Relatório referente ao exercício de 1938, apresentado ao Governador do Estado pelo Prefeito Sr. Otávio Veiga"* — (Primeiro ano de vida autônoma) — 23 1/2 x 16 1/2 cm — Composto e impresso nas Oficinas Jardim — Uberaba — Minas Gerais — 1940 — 39 páginas.

Destacam-se do seu sumário os seguintes capítulos: Instalação da Prefeitura — O orçamento da despesa e receita — As finanças municipais — Dívidas municipais — Orçamento para 1940 — Divisas municipais — Vias de comunicações — Serviço de abastecimento de água e melhoramentos municipais.

PREFEITURA MUNICIPAL DO SALVADOR — (Divisão de Estatística e Divulgação) — *"Administração da Prefeitura do Salvador no biênio 1938/1940"* — Gestão do Prefeito engenheiro Durval Neves da Rocha — Edição ilustrada — 22 1/2 x 33 cm — Trabalho mimeografado — Salvador — Baía — Brasil — 1940 — 90 páginas.

Esta publicação demonstra o resultado, em todos os setores, das atividades do executivo municipal da cidade do Salvador, nos últimos dois anos, expresso em algarismos, fotografias e gráficos.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE — (Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo) — *"Dois anos de administração"* — Novais Filho no govêrno Agamemnon Magalhães — Edição ilustrada com fotografias, desenhos e gráficos

de Hélio Feijó — 17 x 22 1/2 cm — Composto e impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial — Recife — Pernambuco — 1940 — 72 páginas.

Contém o seguinte sumário: Importância do Recife — População — Temperatura — Administração municipal no govêrno Agamemnon Magalhães — Receita orçada e arrecadada — Um período de realizações — Calçamento, segundo períodos administrativos — Calçamento construído — Iluminação pública — Plano da cidade — Construções — Jardins e parques — Parque 13 de Maio — Iluminação elétrica — Aceleramento das construções — Outros problemas administrativos — Quota para a instrução pública — Representações no Santa Isabel — Diretoria de Reeducação e Assistência Social — Despesas com reeducação e assistência — Diretoria de Estatística, Propaganda e Turismo — Movimento de Pôrto e Aeroporto — (Embarques e desembarques) — Casamentos e nascimentos na capital.

VALIM, Pedro I. — *"Álbum dos Municípios do Estado de São Paulo"* — Edição ilustrada com fotografias de todos os prefeitos dos municípios paulista e vistas de cidades e vilas — 32 x 24 cm — Composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica "Revista dos Tribunais" — São Paulo — 1940 — 373 páginas.

Êste livro é um repositório das principais informações de todos os municípios paulista, apresentando a resenha corográfica de cada uma unidade municipal, contendo dados históricos, fisiográficos, agrícolas, orçamentários, financeiros e comerciais e etc.

VIEIRA, Francisco Borges Dr. — *"Campinas e a obra de Emílio Ribas"* — Conferência pronunciada pelo autor — 27 x 18 cm — São Paulo — 1940.

INDICADOR DO ANO II — 1940

DA REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA, COMPREENDENDO OS NÚMEROS 1, 2, 3 E 4, RESPECTIVAMENTE DE JANEIRO, ABRIL, JULHO E OUTUBRO DE 1940

ÍNDICE ANALÍTICO

NÚMERO DE JANEIRO

ARTIGOS

Considerações sôbre a exploração da castanha no baixo e médio Tocantins, art. il., pelo eng. Américo Barbosa de Oliveira, pág. 3.
O ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil, art. il., pelo eng. Henrique Cáper de Sousa, pág. 16.
Geografia dos Transportes no Brasil, art. il., cap. IV — *Produção* —, pelo eng. Moacir F. Silva, pág. 35.

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Eusébio Paulo de Oliveira, com. il., pelo eng. Gérson Faria Alvim, pág. 53.
Carl Friedrich von Martius, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 56.

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

Fitogeografia, pelo prof. A. J. de Sampaio, pág. 59.

COMENTÁRIOS

"Fronteiras Guaranis", obra de Melo e Silva, com. pelo eng. Virgílio Correia Filho, pág. 79.
Variação da Estimativa Oficial da área do Brasil durante o período Republicano, com. pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 83.

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

Vaqueiro de Marajó, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 89.
Caatinga, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 91.

NOTICIÁRIO

Recepção do I. B. G. E. aos srs. Governadores e Interventores Federais, not. pela Red., pág. 93.
Um inquérito de alta cultura geográfica, not. pela Red., pág. 97.
Coletânea de efemérides geográficas brasileiras, not., pela Red., pág. 99.
IX Congresso Brasileiro de Geografia, not., pela Red., pág. 100.
Centro de Estudos do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, not., pela Red., pág. 105.
Comissão da Carta do Estado do Rio de Janeiro, not., pela Red., pág. 105.
Missão do Major Lima Figueiredo no Japão, not., pela Red., pág. 107.
Conferências do prof. Delgado de Carvalho nos Estados Unidos da América do Norte, not., pela Red., pág. 107.
Professor Eusébio Paulo de Oliveira, not., pela Red., pág. 108.
Professor Cândido Mendes de Almeida, not., pela Red., pág. 108.

RELATÓRIOS, RESOLUÇÕES E LEIS

Relatório do Diretório Central do Conselho Nacional de Geografia e ementário das Resoluções aprovadas, pág. 109.
Resoluções da 3.ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral do C. N. G., pág. 117.

BIBLIOGRAFIA

Publicações sôbre Geografia editadas no Brasil no ano de 1939, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 134.
Publicações de interêsse geográfico editadas no Brasil no ano de 1939, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 135.
Suplemento do indicador do ano I — 1939 — Índice de assuntos, pág. 148.

NÚMERO DE ABRIL

ARTIGOS

Bandeira Anhanguera — 1937, relatório il., pelo eng. Arnaldo Otávio Nébias, pág. 155.
O Acre e suas possibilidades, art. il., pelo Tte. Cel. Lima Figueiredo, pág. 173.
Geografia dos Transportes no Brasil, cap. V — *Circulação interna primitiva,* art. il., pelo eng. Moacir F. Silva, pág. 216.

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Euclides da Cunha, com. il., pelo prof. Francisco Venâncio Filho, pág. 240.
Auguste de Saint-Hilaire, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 245.

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

Fotogrametria, pelo General Alípio di Prímio, pág. 246.

COMENTÁRIOS

Exposição de Mapas Municipais, com. pela Red., pág. 248.
Nova Divisão Territorial do Brasil, obra do Comte. Thiers Fleming, com. pelo Tte. Cel. Lima Figueiredo, pág. 250.
Toponímia fluvial Tanabiense, com. pelo Dr. Sebastião Almeida Oliveira, pág. 256.

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

O Gaúcho, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 261.
Campos de criação no Rio Grande do Sul, com. il. pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 262.

NOTICIÁRIO

IX Congresso Brasileiro de Geografia, not. pela Red., pág. 264.
Companha de coordenadas geográficas, not. pela Red., pág. 268.
Abertura das aulas na Escola de Geógrafos do Exército, not. pela Red., pág. 269.
1.º Aniversário da instalação do Serviço de Geografia e Estatística Fisiográfica, not. pela Red., pág. 270.
3.º Aniversário da criação do Conselho Nacional de Geografia, not. pela Red., pág. 271.
General José Maria Moreira Guimarães, not. pela Red., pág. 271.
Doutor Luiz Saião de Bulhões Carvalho, not. pela Red., pág. 271.
Professor Luiz Cantanhede de Carvalho e Almeida, not. pela Red., pág. 272.

RELATÓRIOS, RESOLUÇÕES E LEIS

Decreto n.º 5.265, de 16/2/1940, que "aprova o Regulamento para a Escola de Geógrafos do Exército", pág. 273.
Decreto-lei n.º 198, de 25/3/1939, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "cria o Departamento Geográfico", pág. 289.
Decreto-lei n.º 483, de 25/3/1939, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "aprova o Regulamento do Departamento Geográfico e dá outras providências", pág. 290.

BIBLIOGRAFIA

Publicações sôbre geografia editadas no Brasil no ano de 1939 (cont.) *e primeiro trimestre de 1940*, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 299.
Publicações de interêsse geográfico editadas no Brasil no ano de 1939 (cont.) *e primeiro trimestre de 1940*, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 301.

NÚMERO DE JULHO

ARTIGOS

Caxambú, art. il., pelo eng. Virgílio Correia Filho, pág. 319.
Civilização do açúcar no Brasil, art. il., pelo eng. Gileno Dé Carli, pág. 349.
Divisão Territorial do Brasil, art. il., pelo major João Segadas Viana, pág. 372.
Geografia dos transportes no Brasil, art. il., cap. VI, pelo eng. Moacir F. Silva, pág. 407.

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

Alberto Betim Pais Leme, com. il., pelo eng. Oton H. Leonardos, pág. 440.
Louis Agassiz, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 443.

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

História da Geografia, pelo Dr. Max Fleiuss, pág. 446.

COMENTÁRIOS

Exposição Nacional de Mapas Municipais, com. il., pela Red., pág. 448.
Atualidade da Cartografia Brasileira, com. il., pelo eng. Cristóvão Leite de Castro, pág. 462.
Recenseamento Geral da República em 1940, com. pela Red., pág. 471.

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

Campo Cerrado, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 477.
Bois de sela, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 479.

NOTICIÁRIO

Homenagem do S. G. E. F. ao embaixador Macedo Soares, not. pela Red., pág. 481.
Revista Brasileira de Estatística, not. pela Red., pág. 482.
VIII Congresso Científico Americano, not. pela Red., pág. 482.
IX Congresso Brasileiro de Geografia, not. pela Red., pág. 484.
Campanha das coordenadas das sedes municipais, not. pela Red., pág. 489.
Expressiva moção do 1.º Congresso Brasileiro de Cultura, not. pela Red., pág. 489.
Silogeu Brasileiro — Palácio da Cultura, not. pela Red., pág. 490.
O Tenente-Coronel Lima Figueiredo no comando do 2.º Batalhão de Engenharia, not. pela Red., pág. 490.
Doutor Luiz Flores de Morais Rêgo, not. pela Red., pág. 491.

ATIVIDADES GEOGRÁFICAS

Resenha do 1.º semestre de 1940, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 492.

RELATÓRIOS, RESOLUÇÕES E LEIS

Decreto-lei n.º 2.104, de 2-4-1940, que "dispõe sôbre o quadro territorial da República", pág. 503.
Decreto-lei n.º 2.108, de 4-4-1940, que "dispõe sôbre o adiamento da 4.ª Sessão Ordinária dos Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística", pág. 503.
Decreto-lei n.º 2.326, de 20-6-1940, que "concede ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística a construção do Palácio do Silogeu Brasileiro e dá outras providências", pág. 504.

BIBLIOGRAFIA

Publicações sôbre Geografia editadas no Brasil em 1939-40 (cont.), pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 506.
Publicações de interêsse geográfico editadas no Brasil nos anos de 1939-40, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 507.

NÚMERO DE OUTUBRO

ARTIGOS

A Geografia e sua influência sôbre o Urbanismo, art. il., pelo eng. Jerônimo Cavalcanti, pág. 521.
A Patagônia vista por um brasileiro, art. il., pelo prof. S. Fróis Abreu, pág. 542.
Geografia dos Transportes no Brasil, cap. VII — *Circulação interna atual* —, art. il., pelo eng. Moacir F. Silva, pág. 560.

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL

José Maria Moreira Guimarães, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 588.
Charles Frederic Hartt, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 593.

INQUÉRITOS GEOGRÁFICOS

Etnografia, pelo General Cândido Rondon, pág. 594.

COMENTÁRIOS

IX Congresso Brasileiro de Geografia (Ecos do), com. il., pela Secretaria Geral do C. N. G., pág. 622.
O Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 639.
VIII Congresso Científico Americano de Washington, pelo prof. Delgado de Carvalho, pág. 644.

TIPOS E ASPECTOS DO BRASIL

Burros de carga, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 647.
Floresta da encosta oriental, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., pág. 649.

NOTICIÁRIO

Embaixador Macedo Soares, Presidente de Honra da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, not., pela Red., pág. 651.
Mapas Municipais — O que fez o Estado de Minas Gerais, not. pela Red., pág. 651.
Limites Brasil-Argentina, not., pela Red., pág. 657.
Parecer do prof. Raja Gabaglia sôbre a grafia dos nomes geográficos estrangeiros, pág. 659.
Visita ao C. N. G., not., pela Red., pág. 661.

ATIVIDADES GEOGRÁFICAS

Resenha do ano de 1940, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 663.

RELATÓRIOS, RESOLUÇÕES E LEIS

Resoluções de n.º 1 a 19, do Diretório Central do C. N. G., pág. 675.

BIBLIOGRAFIA

Publicações sôbre Geografia editadas no Brasil em 1939-40 (cont.), pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 689.
Publicações de interêsse geográfico editadas no Brasil nos anos de 1939-40 (cont.), pela Secção de Documentação do S. G. E. F., pág. 692.
Indicador do ano II — 1940 — da "Revista Brasileira de Geografia"
Índice analítico, pág. 713.
Índice alfabético, pág. 716.
Índice de autores, pág. 718.
Índice de assuntos, pág. 720.

ÍNDICE ALFABÉTICO

Abertura das aulas na Escola de Geógrafos do Exército, not. pela Red., n.º 2, pág. 269.
Acre e suas possibilidades (O), art. il., pelo Tte. Cel. Lima Figueiredo, n.º 2, pág. 173.
Alberto Betim Pais Leme, com. il., pelo eng. Oton H. Leonardos, n.º 3, pág. 440.
Atividades geográficas, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., n.º 3, pág. 492 e n.º 4, pág. 663.
Atualidades da cartografia brasileira pelo eng. Cristóvão Leite de Castro, n.º 3, pág. 462.
Auguste de Saint-Hilaire, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 2, pág. 243.
Bandeira Anhanguera — 1937, prefácio do dr. Luiz Flores Morais Rêgo e relatório do eng. Arnaldo Otávio Nébias, n.º 2, pág. 155.
Bibliografia (publicações sôbre Geografia e de interêsse geográfico editadas no Brasil nos anos de 1939-40, pela Secção de Documentação do S. G. E. F., n.º 1, págs. 134 e 135; n.º 2, págs. 299 e 301; n.º 3, págs. 506 e 507, e n.º 4, págs. 689 e 692.
Bois de sela com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 3, pág. 479.
Burros de carga, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 4, pág. 647.
Caatinga, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 1, pág. 91.
Campanha de coordenadas geográficas, not. pela Red., n.º 2, pág. 268.
Campanha das coordenadas das sedes municipais, not., pela Red., n.º 3, pág. 489.
Campo Cerrado, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 3, pág. 477.
Campos de criação no Rio Grande do Sul, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F. n.º 2, pág. 262.
Caxambú, art. il., pelo eng. Virgílio Correia Filho, n.º 3, pág. 319.
Centro de Estudos do S. G. E. F., not. pela Red., n.º 1, pág. 105.
Charles Frederic Hartt, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 4, pág. 593.
Civilização do açúcar no Brasil, art. il., pelo eng. Gileno Dé Carli, n.º 3, pág. 349.
Coletânea de efemérides geográficas brasileiras, not. pela Red., n.º 1, pág. 99.
Comissão da Carta do Estado do Rio de Janeiro, not. pela Red., n.º 1, pág. 105.
Conferências do prof. Delgado de Carvalho nos Estados Unidos da América do Norte, not. pela Red., n.º 1, pág. 107.
Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 4, pág. 639.
Considerações sôbre a exploração da castanha no baixo e médio Tocantins, art. il., pelo eng. Américo Barbosa Oliveira, n.º 1, pág. 3.
Decreto-lei n.º 198, de 25-3-1939, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "cria o Departamento Geográfico", n.º 2, pág. 289.
Decreto-lei n.º 483, de 25-3-1939, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "aprova o Regulamento do Departamento Geográfico e dá outras providências", n.º 2, pág. 290.
Decreto-lei n.º 2.104, de 2-4-1940, que "dispõe sôbre o quadro territorial da República", n.º 3 pág. 503.

Decreto-lei n.º 2.108, de 4-4-1940, que "dispõe sôbre o adiamento da 4.ª Sessão Ordinária dos Conselhos Nacionais de Geografia e Estatística", n.º 3, pág. 503.
Decreto-lei n.º 2.326, de 20-6-1940, que "concede ao I. B. G. E. a construção do Palácio do Silogeu Brasileiro e dá outras providências", n.º 3, pág. 504.
Decreto n.º 5.265, de 16-2-1940, que "aprova o Regulamento para a Escola de Geógrafos do Exército", n.º 2, pág. 273.

Divisão Territorial do Brasil, art. il., pelo major João Segadas Viana, n.º 3, pág. 372.
Doutor Luiz Flores de Morais Rêgo, not., pela Red., n.º 3, pág. 491.
Doutor Luiz Saião de Bulhões Carvalho, not., pela Red., n.º 2, pág. 271.
Embaixador Macedo Soares — Presidente de Honra da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, not., pela Red., n.º 4, pág. 651.
Etnografia, pelo Gal. Cândido Rondon, n.º 4, pág. 594.
Euclides da Cunha, com. il., pelo prof. F. Venâncio Filho, n.º 2, pág. 240.
Eusébio Paulo de Oliveira, com. il., pelo eng. Gérson Faria Alvim, n.º 1, pág. 53.
Exposição de Mapas Municipais, com., pela Red., n.º 2, pág. 248.
Exposição Nacional de Mapas Municipais, com., pela Red., n.º 3, pág. 448.
Expressiva Moção do 1.º Congresso Brasileiro de Cultura, not., pela Red., n.º 3, pág. 489.
Fitogeografia, pelo prof. A. J. de Sampaio, n.º 1, pág. 59.
Floresta da encosta oriental, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 4, pág. 649.
Fotogrametria, pelo Gal. Alípio di Prímio, n.º 2, pág. 246.
"Fronteiras Guaranis", ob. de Melo e Silva, com., pelo eng. Virgílio Correia Filho, n.º 1, pág. 79.
Gaúcho (O), com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 2, pág. 260.
General José Maria Moreira Guimarães, not., pela Red., n.º 2, pág. 271.
Geografia dos Transportes no Brasil, art. il., pelo eng. Moacir F. Silva, cap. IV — *Produção,* n.º 1, pág. 35; cap. V — *Circulação interna primitiva,* n.º 2, pág. 216; cap. VI — *Circulação interna atual,* n.º 3, pág. 407 e n.º 4, pág. 560.
Geografia e sua influência sôbre o Urbanismo (A), art. il., pelo eng. Jerônimo Cavalcanti, n.º 4, pág. 521.

História da Geografia, pelo dr. Max Fleiuss, n.º 3, pág. 446.
Homenagem do S. G. E. F. ao Embaixador Macedo Soares, not. pela Red., n.º 3, pág 481.
Inquérito de alta cultura geográfica (Um), not., pela Red., n.º 1, pág. 97.
José Maria Moreira Guimarães, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 4, pág. 588.
Limites Brasil-Argentina, not., pela Red., n.º 4, pág. 657.
Louis Agassiz, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 3, pág. 443.
Mapas Municipais — O que fez o Estado de Minas Gerais, not., pela Red., n.º 4, pág. 651.
Missão do Major Lima Figueiredo no Japão, not., pela Red., n.º 1, pág. 107.
IX Congresso Brasileiro de Geografia (Ecos do), com., pela Secretaria Geral do C. N. G., n.º 4. pág. 622.
IX Congresso Brasileiro de Geografia, not., pela Red., n.º 1, pág. 100; n.º 2, pág. 264 e n.º 3, pág. 484.
Nova Divisão Territorial do Brasil, ob. do Comte. Thiers Fleming, com., pelo Tte. Cel. Lima Figueiredo, n.º 2, pág. 250.

VIII Congresso Científico Americano em Washington, com., pelo prof. Delgado de Carvalho, n.º 4, pág. 644.
VIII Congresso Científico Americano, not., pela Red., n.º 3, pág. 482.
Ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil (O), art. il., pelo eng. Henrique Cáper de Sousa, n.º 1, pág. 16.
Parecer do prof. Raja Gabaglia sôbre a grafia dos nomes geográficos estrangeiros, not., n.º 4, pág. 659.
Patagônia vista por um brasileiro (A), art il., pelo prof. S. Fróis Abreu, n.º 4, pág. 542.
Primeiro aniversário da instalação do S. G. E. F., not., pela Red., n.º 2, pág. 270.
Professor Cândido Mendes de Almeida, not., pela Red., n.º 1, pág. 108.
Professor Eusébio Paulo de Oliveira, not., pela Red., n.º 1, pág. 108.
Professor Luiz Cantanhede de Carvalho e Almeida, not., pela Red., n.º 2, pág. 272.
Recenseamento Geral da República em 1940, com., pela Red., n.º 3, pág. 471.
Recepção do I. B. G. E. aos srs. Governadores e Interventores Federais, not., pela Red., n.º 1, pág. 93.
Relatório do Diretório Central do C. N. G. e ementário das Resoluções aprovadas, n.º 1, pág. 109.
Resoluções da 3.ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral do C. N. G., n.º 1, pág. 117.
Resoluções de n.º 1 a 19, do Diretório Central do C. N. G., n.º 4, pág. 675.
Revista Brasileira de Estatística, not. pela Red., n.º 3, pág. 482.
Silogeu Brasileiro — Palácio da Cultura, not., pela Red., n.º 3, pág. 490.
Tenente-Coronel Lima Figueiredo no Comando do 2.º Batalhão de Engenharia (O), not., pela Red., n.º 3, pág. 490.
Terceiro aniversário da criação do C. N. G., not., pela Red., n.º 2, pág. 271.
Toponímia fluvial Tanabiense, com. il., pelo dr. Sebastião Almeida Oliveira, n.º 2, pág. 256.
Vaqueiro de Marajó, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 1, pág. 89.
Variação da estimativa oficial da área do Brasil durante o período Republicano, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 1, pág. 83.
Visitas ao C. N. G., not., pela Red., n.º 4, pág. 661.
Von Martius, com. il., pela Secção de Estudos do S. G. E. F., n.º 1, pág. 56.

ÍNDICE DE AUTORES

ALVES DE SOUSA, Henrique Cáper, eng.
Ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil (O), art. il., n.º 1, pág. 16.

ALVIM, Gérson Faria, eng.
Eusébio Paulo de Oliveira, com. il., n.º 1, pág. 53.

BARBOSA DE OLIVEIRA, Américo, eng.
Considerações sôbre a exploração da castanha no baixo e médio Tocantins, art. il., n.º 1, pág. 3.

CAVALCANTI, Jerônimo, eng.
Geografia e sua influência sôbre o Urbanismo (A), art. il., n.º 4, pág. 521.

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Relatório do Diretório Central e ementário das Resoluções aprovadas, n.º 1, pág. 109.
Resoluções da 3.ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral, n.º 1, pág. 117.
Resoluções de 1 a 19 do Diretório Central, n.º 4, pág. 675.

DÉ CARLI, Gileno, dr.
Civilização do açúcar no Brasil, art. il., n.º 3, pág. 349.

DELGADO DE CARVALHO, prof.
Oitavo Congresso Científico Americano de Washington, n.º 4, pág. 644.

FLEIUSS, Max, dr.
História da Geografia, n.º 3, pág. 446.

FRÓIS ABREU, Sílvio, prof.
Patagônia vista por um brasileiro (A), art. il., n.º 4, pág. 542.

LEGISLAÇÃO

Decreto n.º 5.265, de 16-2-1940, que "aprova o Regulamento para a Escola de Geógrafos do Exército", n.º 2, pág. 273.

Decreto-lei n.º 198, de 25-3-1939, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "cria o Departamento Geográfico", n.º 2, pág. 289.

Decreto-lei n.º 483, de 25-3-1939, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "aprova o Regulamento do Departamento Geográfico e dá outras providências", n.º 2, pág. 290.

Decreto-lei n.º 2.104, de 2-4-1940, que "dispõe sôbre o quadro territorial da República", n.º 3, pág. 503.

Decreto-lei n.º 2.108, de 4-4-1940, que "dispõe sôbre o adiamento da 4.ª Sessão Ordinária dos Conselhos Nacionais de Geografia e de Estatística", n.º 3, pág. 503.

Decreto-lei n.º 2.326, de 20-6-1940, que "concede ao I. B. G. E. a construção do Palácio do Silogeu Brasileiro e dá outras providências", n.º 3, pág. 504.

LEITE DE CASTRO, Cristóvão, eng.
Atualidade da Cartografia Brasileira, com. il., n.º 3, pág. 462.

LEONARDOS, Oton Henri, eng.
Alberto Betim Pais Leme, com. il., n.º 3, pág. 440.

LIMA FIGUEIREDO, José de, Tte. Cel.
Acre e suas possibilidades (O), art. il., n.º 2, pág. 173.
Nova Divisão Territorial do Brasil, ob. do Comte. Thiers Fleming, com. il., n.º 2, pág. 250.

MORAIS RÊGO, Luiz Flores, eng.
Bandeira Anhanguera — 1937, prefácio, n.º 2, pág. 155.

NÉBIAS, Arnaldo Otávio, eng.
Bandeira Anhanguera — 1937, relatório da, il., n.º 2, pág. 155.

OLIVEIRA, Sebastião de Almeida, dr.
Toponímia Fluvial Tanabiense, com. il., n.º 2, pág. 256.

PRÍMIO, Alípio di, General.
Fotogrametria, n.º 2, pág. 246.

RAJA GABAGLIA, J. Fernando, prof.
Parecer sôbre a grafia dos nomes geográficos estrangeiros, n.º 4, pág. 659.

REDAÇÃO

Abertura das aulas na Escola de Geógrafos do Exército, not. pela Red., n.º 2, pág. 269.
Campanha de coordenadas geográficas, not., n.º 2, pág. 268.
Campanha das coordenadas das sedes municipais, not., n.º 3, pág. 489.
Centro de Estudos do S. G. E. F., not., n.º 1, pág. 105.
Coletânea de efemérides geográficas brasileiras, not., n.º 1, pág. 99.
Conferências do prof. Delgado de Carvalho nos Estados Unidos da América do Norte, not., n.º 1, pág. 107.
Doutor Luiz Flores de Morais Rêgo, not., n.º 3, pág. 491.
Doutor Luiz Saião de Bulhões Carvalho, not., n.º 2, pág. 271.
Exposição de Mapas Municipais, com., n.º 2, pág. 248.
Exposição Nacional de Mapas Municipais, com. il., n.º 3, pág. 448.
Expressiva moção do 1.º Congresso Brasileiro de Cultura, not., n.º 3, pág. 489.
General José Maria Moreira Guimarães, not., n.º 2, pág. 271.
Homenagem do S. G. E. F. ao embaixador Macedo Soares, not., n.º 3, pág. 481.
Inquérito de alta cultura geográfica (Um), not., n.º 1, pág. 97.
Limites Brasil-Argentina, not., n.º 4, pág. 657.
Mapas Municipais — O que fez o Estado de Minas Gerais, not., n.º 4, pág. 651.
Missão do Major Lima Figueiredo no Japão, not., n.º 1, pág. 107.
IX Congresso Brasileiro de Geografia, not., n.º 1, pág. 100; n.º 2, pág. 264 e n.º 3, pág. 484.
VIII Congresso Científico Americano, not., n.º 3, pág. 482.
Primeiro aniversário da instalação do S. G. E. F., not., n.º 2, pág. 270.
Professor Cândido Mendes de Almeida, not., n.º 1, pág. 108.
Professor Eusébio Paulo de Oliveira, not., n.º 1, pág. 108.
Professor Luiz Cantanhede de Carvalho e Almeida, not., n.º 2, pág. 272.
Recepção pelo I.B.G.E. aos srs. Governadores e Interventores Federais, n.º 1, pág. 93.
Recenseamento Geral da República em 1940, com., n.º 3, pág. 471.
Revista Brasileira de Estatística, not., n.º 3, pág. 482.
Silogeu Brasileiro — Palácio da Cultura, not., n.º 3, pág. 490.
Ten. Cel. Lima Figueiredo no comando do 2.º Batalhão de Engenharia, not., n.º 3, pág. 490.
Visitas ao C.N.G., not., n.º 4, pág. 661.

RONDON, Cândido Mariano da Silva, General.
Etnografia, n.º 4, pág. 594.

SAMPAIO, A. J. de, prof.
Fitogeografia, n.º 1, pág. 59.

SECÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO DO S.G.E.F.
Atividades geográficas, n.º 3, pág. 492, e n.º 4, pág. 663.
Bibliografia (Publicações sôbre Geografia e de interêsse geográfico editadas no Brasil nos anos de 1939-40), n.º 1, págs. 134 e 135; n.º 2, págs. 299 e 301; n.º 3, págs. 506 e 507, e n.º 4, págs. 689 e 692.

SECÇÃO DE ESTUDOS DO S. G. E. F.
Auguste de Saint-Hilaire, com. il., n.º 2, pág. 243.
Bois de sela, com. il., n.º 3, pág. 479.
Burros de carga, com. il., n.º 4, pág. 647.
Campo Cerrado, com. il., n.º 3, pág. 477.
Campos de criação no Rio Grande do Sul, com. il., n.º 2, pág. 262.
Charles Frederic Hartt, com. il., n.º 4, pág. 593.
Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal, com. il., n.º 4, pág. 639.
Floresta da encosta oriental, com. il., n.º 4, pág. 649.
Gaúcho (O), com. il., n.º 2, pág. 260.
José Maria Moreira Guimarães, com. il., n.º 4, pág. 588.
Louis Agassiz, com. il., n.º 3, pág. 443.
Vaqueiro de Marajó, com. il., n.º 1, pág. 89.
Variação da estimativa oficial da área do Brasil durante o período Republicano, com. il., n.º 1, pág. 83.
Von Martius, com. il., n.º 1, pág. 56.

SECRETARIA GERAL DO C.N.G.
IX Congresso Brasileiro de Geografia (Écos do), n.º 4, pág. 622.

SEGADAS VIANA, João de, Major.
Divisão Territorial do Brasil, art. il., n.º 3, pág. 372.

SILVA, Moacir F., eng.
Geografia dos Transportes no Brasil, art. il., Cap. IV — *Produção*, n.º 1, pág. 35; cap. V — *Circulação Interna Primitiva*, n.º 2, pág. 216, e VI — *Circulação Interna Atual*, n.º 3, pág. 407 e n.º 4, pág. 560.

VENANCIO FILHO, Francisco, prof.
Euclides da Cunha, com. il., n.º 2, pág. 240.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

CONSELHO NACIONAL DE GEOGRAFIA

Relatório do Diretório Central e ementário das Resoluções aprovadas, n.º 1, pág. 109.
Resoluções da 3.ª Sessão Ordinária da Assembléia Geral, n.º 1, pág. 117.
Resoluções de 1 a 19 do Diretório Central, n.º 4, pág. 675.

GENERALIDADES GEOGRÁFICAS

CERTAMES

Expressiva moção do 1.º Congresso Brasileiro de Cultura, n.º 3, pág. 489.
IX Congresso Brasileiro de Geografia, n.º 1, pág. 100; n.º 2, pág. 264; n.º 3, pág. 484, n.º 4, pág. 622.
IX Congresso Brasileiro de Geografia (Ecos do), com. il., n.º 4, pág. 622.
VIII Congresso Científico Americano, n.º 3, pág. 482, e n.º 4, pág. 644.
Resolução n.º 42, de 7-7-1939, que "prescreve a colaboração do C.N.G. na realização dos Congressos Nacionais de Geografia, sob os auspícios da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, n.º 1, pág. 118.

BIBLIOGRAFIA

Publicações sôbre Geografia e de interêsse geográfico editadas no Brasil nos anos de 1939-40, n.º 1, págs. 134 e 135; n.º 2, págs. 299 e 301; n.º 3, págs. 506 e 507, e n.º 4, págs. 689 e 692.
Bibliografia etnográfica, n.º 4, pág. 616.
Bibliografia fitogeográfica, n.º 1, pág. 74.
"Fronteiras Guaranís", n.º 1, pág. 79.
"Nova Divisão Territorial do Brasil", n.º 2, pág. 250.
Revista Brasileira de Estatística, n.º 3, pág. 482.

INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS

Abertura das aulas na Escola de Geógrafos do Exército, n.º 2, pág. 269.
Centro de Estudos do S.G.E.F., n.º 1, pág. 105.
Coletânea de efemérides geográficas brasileiras, n.º 1, pág. 99.
Decreto-lei n.º 483, do Govêrno do Estado de Minas Gerais, que "aprova o Regulamento do Departamento Geográfico e dá outras providências", n.º 2, pág. 290.
Inquérito de alta cultura geográfica (Um), n.º 1, pág. 97.
Recepção do I.B.G.E. aos srs. Governadores e Interventores Federais, n.º 1, pág. 93.
Silogeu Brasileiro — Palácio da Cultura, n.º 3, pág. 490.
Terceiro aniversário da criação do C.N.G., n.º 2, pág. 271.

NOMENCLATURA

Etimologias indígenas, n.º 3, pág. 324.
Origem do nome Purús, n.º 2, pág. 208

PERSONALIDADES

Alberto Betim Pais Leme, n.º 3, pág. 440.
Auguste de Saint-Hilaire, n.º 2, pág. 243.
Charles Frederic Hartt, n.º 4, pág. 593.
Conferências do prof. Delgado de Carvalho nos Estados Unidos da América do Norte, n.º pág. 107.
Doutor Luiz Flores de Morais Rêgo, n.º 3, pág. 491.
Doutor Luiz Saião de Bulhões Carvalho, n.º 2, pág. 271.
Euclides da Cunha, n.º 2, pág. 240.
Eusébio Paulo de Oliveira, n.º 1, pág. 53.
General José Maria Moreira Guimarães, n.º 2, pág. 271.
Homenagem do S.G.E.F. ao embaixador Macedo Soares, n.º 3, pág. 481.
José Maria Moreira Guimarães, n.º 4, pág. 588.
Louis Agassiz, n.º 3, pág. 443.
Missão do Major Lima Figueiredo no Japão, n.º 1, pág. 107.
Professor Cândido Mendes de Almeida, n.º 1, pág. 108.
Professor Eusébio Paulo de Oliveira, n.º 1, pág. 108.
Professor Luiz Cantanhede de Carvalho e Almeida, n.º 2, pág. 272.
Tenente Coronel Lima Figueiredo no comando do 2.º Batalhão de Engenharia, n.º 3, pág. 490
Von Martius, n.º 1, pág. 56.

GEOGRAFIA BIOLÓGICA

FITOGEOGRAFIA

Bandeira Anhanguera — 1937, n.º 2, pág. 159.
Caatinga, n.º 1, pág. 91.
Campo Cerrado, n.º 3, pág. 477.
Campos de criação no Rio Grande do Sul, n.º 2, pág. 262.
Cartografia fitogeográfica (A), n.º 1, pág. 76.
Castanhais (Os), n.º 1, pág. 3.
Fitogeografia, n.º 1, pág. 59.
Floresta da encosta atlântica, n.º 4, pág. 649.
Obras gerais, n.º 1, pág. 74.
Quanto ao Brasil, n.º 1, pág. 74.
Racionalização, n.º 3, pág. 358.
Vegetação — Exame das formas de vegetação natural e cultivada, n.º 2, pág. 185.

GEOGRAFIA ECONÔMICA

Economia Açucareira, n.º 3, pág. 354.
Geografia dos produtos de alimentação, n.º 1, pág. 48.
Zonas geo-econômicas e comerciais, n.º 1, pág. 46.
Acre e suas possibilidades (O), n.º 2, pág. 173.

COMUNICAÇÕES

Articulação das fôrças coordenadoras do Brasil longitudinal, n.º 4, pág. 577.
Estradas flanqueantes, n.º 2, pág. 204.
Estradas fluviais — Falta de comunicações transversais, n.º 2, pág. 174.
Geografia dos Transportes no Brasil — Cap. VII — Circulação Interna Atual — n.º 3, pág. 407, e n.º 4, pág. 560.
Portos de onde partem estradas de ferro, n.º 3, pág. 426.

PRODUÇÃO

Aspectos açucareiros de S. Paulo, n.º 3, pág. 363.
Borracha, n.º 2, pág. 190.
Castanha, n.º 2, pág. 192.
Caucho, n.º 2, pág. 193.
Cereais, n.º 2, pág. 194.
Considerações sôbre a exploração da castanha no baixo e médio Tocantins, n.º 1, pág. 3.
Copaíba, n.º 2, pág. 193.
Emprêsas concessionárias, n.º 3, pág. 334.
Faiscação no Norte e no Sul, n.º 1, pág. 19.
Geografia dos transportes no Brasil — cap. IV — Produção — n.º 1, pág. 35.
Lavra e faiscação, n.º 1, pág. 16.
Madeira, n.º 2, pág. 193.
Mineração em Minas Gerais e no Paraná, n.º 1, pág. 21.
Mineração no Rio Grande do Sul, n.º 1, pág. 22.
Organização da indústria castanheira, n.º 1, pág. 4.
Ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil (O), n.º 1, pág. 16.
Produção e comércio: zona de atração de seus produtos, n.º 2, pág. 190.
Região do Piriá-Turiassú (A), n.º 1, pág. 23.

VIAÇÃO

Bissetriz das duas grandes vias de comunicação para o Norte, n.º 4, pág. 576.
Caminho do Perequê (O) O Caminho do Padre José ou o Caminho do Mar, n.º 2, pág. 220.
Caminho dos Guianazes e dos Goitacazes, n.º 2, pág. 219.
Caminho Novo para as Minas (O), n.º 2, pág. 221.
Distribuição das ferrovias pelas regiões geo-econômicas, n.º 3, pág. 419.
Distribuição pelos Estados, n.º 3, pág. 431.
Estrada da Graciosa, n.º 2, pág. 228.
Estradas de ferro, n.º 3, pág. 407.
Estrada do Comércio, n.º 2, pág. 222.
Estrada Dona Francisca, n.º 2, pág. 228.
Estrada do Pé-Leve, n.º 2, pág. 229.
Estrada Rio-Baía, n.º 4, pág. 574.
Estrada União e Indústria, n.º 2, pág. 223.
Extensão ferroviária do Brasil, n.º 3, pág. 421.
Extensão total da rede rodoviária do Brasil em 31-XII-1937, n.º 4, pág. 582.
Geografia dos Transportes no Brasil — Cap. V — Circulação interna primitiva, n.º 2, pág. 216, e caps. VI e VII — Circulação interna atual, n.º 3, pág. 407, e n.º 4, pág. 560.

Grandes, médias e pequenas estradas, n.º 3, pág. 430.
Grandes rodovias-tronco nacionais (As), n.º 4, pág. 563.
Moeda e transporte, n.º 1, pág. 17.
Outras rodovias nacionais, n.º 4, pág. 581.
Rede rodoviária federal do Nordeste, n.º 4, pág. 578.
Redes — Estradas isoladas — Portos servidos por vias férreas, n.º 3, pág. 424.
Rodovia Transbrasiliana e Rodovia Panamericana no Brasil, n.º 4, pág. 580.
Rio-Montevidéu, n.º 4, pág. 565.
Transporte de pessoas e de mercadorias, n.º 2, pág. 232.
Viação férrea na faixa das fronteiras, n.º 3, pág. 434.

GEOGRAFIA FÍSICA

Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal (O), n.º 4, pág. 639.

CLIMATOLOGIA

Caatinga, n.º 1, pág. 91.
Chuvas na faixa atravessada pelo Tronco-Sul, n.º 4, pág. 569.
Clima. Seus principais elementos, n.º 2, pág. 187.
Observações meteorológicas, n.º 2, pág. 165.
Salubridade, n.º 2, pág. 189.

GEOLOGIA

Discontinuidade e parcelamento, n.º 1, pág. 27.
Bandeira Anhanguera — 1937, n.º 2, pág. 159.

OROGRAFIA

Bandeira Anhanguera — 1937, n.º 2, pág. 160.
Carta hipsométrica do Brasil, n.º 3, pág. 410.

POTAMOGRAFIA

Bandeira Anhanguera — 1937, n.º 2, pág. 158.
Condições gerais hidrográficas, n.º 2, pág. 179.
Rio Purús, n.º 2, pág. 179.
Rio Acre, n.º 2, págs. 199 e 205.
Rio Abunã, n.º 2, págs. 201 e 206.
Rio Chandless, n.º 2, pág. 204.
Rio Iaco, n.º 2, pág. 205.
Rio Ituxi, n.º 2, pág. 206.
Rio Verde e o povoamento do seu vale (O), n.º 3, pág. 321.

GEOGRAFIA HISTÓRICA

Caminho do Perequê (O) — o Caminho do Padre José ou Caminho do Mar, n.º 2, pág. 220.
Caminho novo para as Minas (O), n.º 2, pág. 221.
Caminho dos Guianazes e dos Goitacazes, n.º 2, pág. 219.
Ciclo da borracha, n.º 1, pág. 43.
Ciclo do açúcar, n.º 1, pág. 37.
Ciclo do algodão, n.º 1, pág. 45.
Ciclo do café, n.º 1, pág. 41.
Ciclo do diamante, n.º 1, pág. 40.
Ciclo do ouro, n.º 1, pág. 39.
Ciclo do pau-brasil, n.º 1, pág. 35.
Ciclo industrial, n.º 1, pág. 45.
Ciclo pastoril, n.º 1, pág. 38.
Civilização do açúcar no Brasil, n.º 3, pág. 349.
Coletânea de efemérides geográficas brasileiras, n.º 1, pág. 99.
Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal (O), n.º 4, pág. 639.
Considerações gerais, n.º 2, pág. 173.
Duração das viagens e marchas, n.º 2, pág. 232.
Estrada da Graciosa, n.º 2, pág. 228.
Estrada do Comércio, n.º 2, pág. 222.
Estrada Dona Francisca, n.º 2, pág. 228.
Estrada do Pé-Leve, n.º 2, pág. 229.
Estrada União e Indústria, n.º 2, pág. 223.
Circulação interna primitiva, n.º 2, pág. 216.
História da Geografia, n.º 3, pág. 446.
Resumo Histórico do rio Purús, n.º 2, pág. 206.
Terra e a cana de açúcar (A), n.º 3, pág. 351.
Transporte de pessoas e mercadorias, n.º 2, pág. 232.
Variação da estimativa oficial da área do Brasil no período Republicano, n.º 1, pág. 83.

GEOGRAFIA HUMANA

Acre e suas possibilidades (O), n.º 2, pág. 173.
Civilização do açúcar no Brasil, n.º 3, pág. 349.

DEMOGRAFIA

População quanto ao número, densidade e divisão por ofícios ou meio de vida, n.º 2, pág. 194.
Recenseamento geral da República em 1940, n.º 3, pág. 471.
Rio Abunã, n.º 2, pág. 201.
Rio Acre, n.º 2, pág. 199.
Superfície e população dos Estados, n.º 3, pág. 387.

ETNOGRAFIA

Amazonas, Pará e Maranhão, n.º 1, pág. 23.
Bois de sela, n.º 3, pág. 479.
Burros de carga, n.º 4, pág. 647.
Caminho de transumância, n.º 4, pág. 575.
Etnografia, n.º 4, pág. 594.
Faiscação no Norte e no Sul, n.º 1, pág. 19.
"Fronteiras guaranís", n.º 1, pág. 79.
Gaúcho (O), n.º 2, pág. 260.
Mineração no Rio Grande do Sul, n.º 1, pág. 22.
Região do Piriá-Turiassú, n.º 1, pág. 23.
Regiões de vida estável e regiões de vida instável, n.º 1, pág. 18.
Repercussão de um garimpo, n.º 1, pág. 24.
Rio Abunã, n.º 2, pág. 201.
Rio Acre, n.º 2, pág. 199.
Sua origem étnica, grau de cultura e mentalidade, n.º 2, pág. 194.
Tipo de povoações mineiras, n.º 1, pág. 28.
Usina e o homem (A), n.º 3, pág. 355.
Vaqueiro de Marajó, n.º 1, pág. 89.

GEOGRAFIA MATEMÁTICA

Atualidade da cartografia brasileira, n.º 3, pág. 462.
Roteiro das zonas exploradas, n.º 2, pág. 157.
Campanha de Coordenadas Geográficas, n.º 2, pág. 268.
Campanha das coordenadas geográficas das sedes municipais, n.º 3, pág. 489.
Cartografia fitogeográfica (A), n.º 1, pág. 76.
Comissão da Carta do Estado do Rio de Janeiro, n.º 1, pág. 105.
Exposição de Mapas Municipais, n.º 2, pág. 248.
Exposição Nacional de Mapas Municipais, n.º 3, pág. 448.
Fácies topográfico, n.º 2, pág. 174.
Fotogrametria, n.º 2, pág. 246.
Mapas Municipais — O que fez o Estado de Minas Gerais, n.º 4, pág. 651.
Resolução n.º 43, de 8-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "dispõe sôbre a publicação de mapas murais para uso das Escolas e de coletâneas de fotografias", n.º 1, pág. 118.
Resolução n.º 59, de 21-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que " constitue uma Comissão Técnica Especial para o estudo das bases da organização do "Arquivo Cartográfico Brasileiro" e das medidas legislativas necessárias à fiscalização oficial da publicação de mapas referentes ao território nacional e dos livros e estudos sôbre Geografia do Brasil destinados a escolas", n.º 1, pág. 127
Resolução n.º 60, de 22-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "estabelece normas para o recebimento, aprovação e exposição dos mapas municipais, etc., n.º 1, pág. 129.
Resolução n.º 62, de 24-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "propõe um sistema provisório de divisas inter-estaduais, determina a organização de um Atlas de limites e promove a execução do art. 184 da Constituição", n.º 1, pág. 131.
Resolução n.º 64, de 25-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "dispõe sôbre a impressão da Carta Geográfica do Brasil, ao milionésimo, e de outros mapas", n.º 1, pág. 132.
Variação da estimativa oficial da área do Brasil durante o período Republicano, n.º 1, pág. 83.

GEOGRAFIA POLÍTICA

DIVISÃO TERRITORIAL

Decreto-lei n.º 2.104, de 2-4-1940, que "dispõe sôbre o quadro territorial da República, n.º 3, pág. 503.
Divisão territorial do Brasil, n.º 3, pág. 372.
Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal, n.º 4, pág. 639.
Nova Divisão Territorial do Brasil, n.º 2, pág. 250.

LIMITES

Descrição detalhada dos limites, n.º 3, pág. 388.
Limites Brasil-Argentina, n.º 4, pág. 657.
Resolução n.º 62, de 24-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "propõe um sistema provisório de divisas inter-estaduais, determina a organização de um Atlas de limites e promove a execução do art. 184 da Constituição, n.º 1, pág. 131.
Variação da estimativa oficial da área do Brasil durante o período Republicano, n.º 1, pág. 83.

GEOGRAFIA REGIONAL E URBANA

BRASIL

Geografia e sua influência sôbre o urbanismo, n.º 4, pág. 521.
Amazonas, Pará e Maranhão, n.º 1, pág. 23.
Conselho Nacional de Geografia na exposição comemorativa dos centenários de Portugal, n.º 4, pág. 639.
Deslocamento da produção açucareira, n.º 3, pág. 361.
Distribuição das ferrovias pelas regiões geo-econômicas, n.º 3, pág. 419.
Distribuição pelos Estados, n.º 3, pág. 431.
Faiscação no Norte e no Sul, n.º 1, pág. 19.
Geografia dos produtos de alimentação, n.º 1, pág. 48.
Meios de transportes primitivos, segundo as regiões, n.º 2, pág. 230.
Ouro e a vida nalgumas regiões do Brasil (O), n.º 1, pág. 16.
Resolução n.º 63, de 25-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "determina o estudo da divisão regional do Brasil e de suas Unidades Federadas, etc.", n.º 1, pág. 132.
Rodovia transbrasiliana e Rodovia Panamericana no Brasil, n.º 4, pág. 580.
Vias férreas na faixa das fronteiras, n.º 3, pág. 434.
Zonas geo-econômicas e comerciais, n.º 1, pág. 46.

ESTADOS

Acre e suas possibilidades (O), n.º 2, pág. 173.
Aspectos açucareiros de S. Paulo, n.º 3, pág. 363.
Bandeira Anhanguera — 1937, n.º 2, pág. 155.
Caatinga, n.º 1, pág. 91.
Campos de criação no R. G. do Sul, n.º 2, pág. 262.
Chuvas na faixa atravessada pelo Tronco-Sul, n.º 4, pág. 569.
Circuito rodoviário das estações hidrominerais do Sul de Minas, n.º 4, pág. 571.
Estrada Rio-Baía, n.º 4, pág. 574.
Mineração em Minas e no Paraná, n.º 1, pág. 21.
"Fronteiras Guaranís", n.º 1, pág. 79.
Gaúcho (O), n.º 2, pág. 260.
Mineração no R. G. do Sul, n.º 1, pág. 22.
Região do Piriá-Turiassú, n.º 1, pág. 23.
Rodovias para o Centro, n.º 4, pág. 563.
Rodovias para o Norte, n.º 4, pág. 574.
Rodovias para o Sul, n.º 4, pág. 565.
Terra e cana da açúcar (A), n.º 3, pág. 351.

MUNICÍPIOS

Baependí, n.º 3, pág. 326.
Caxambú, n.º 3, pág. 319.
Marabá, n.º 1, pág. 7.
Recife, n.º 4, pág. 529.
Rio de Janeiro, n.º 4, pág. 524.
São Paulo, n.º 4, pág. 526.
Tipo das povoações mineiras, n.º 1, pág. 28.
Vaqueiro de Marajó, n.º 1, pág. 89.

GERAL

Arredores de Buenos-Aires, n.º 4, pág. 542.
Comodoro Rivadávia, n.º 4, pág. 546.
De Baia Blanca a Comodoro Rivadávia, n.º 4, pág. 544.
Patagônia vista por um brasileiro (A), n.º 4, pág. 542.
Rio-Montevidéu, n.º 4, pág. 565.

METODOLOGIA

ENSINO

Decreto n.º 5.265, de 16-2-1940, que "aprovou o Regulamento para a Escola de Geógrafos do Exército, n.º 2, pág. 273.
Parecer do prof. Raja Gabaglia sôbre a grafia dos nomes geográficos estrangeiros, n.º 4, pág. 659.
Resolução n.º 59, de 21-7-1940, da Ass. Ger. do C.N.G., que "constitue uma Comissão Técnica Especial para o estudo das bases da organização do "Arquivo Corográfico Brasileiro" e das medidas legislativas necessárias à fiscalização oficial da publicação de mapas referentes ao território nacional e dos livros e estudos sôbre Geografia do Brasil destinados a escolas", n.º 1, pág. 127.

DIVULGAÇÃO

Circulação: considerações gerais, definições, classificação dos transportes, n.º 2, pág. 216.
Atividades geográficas, n.º 3, pág. 492 e n.º 4, pág. 663.
"Fronteiras Guaranís", n.º 1, pág. 79.
Inquérito de alta cultura geográfica (Um) n.º 1, pág. 97.
Obras gerais, n.º 1, pág. 74.
Quanto ao Brasil, n.º 1, pág. 74.
Resolução n.º 53, da Ass. Ger. do C.N.G., que "dispõe sôbre a elaboração de monografias corográficas dos territórios das Unidades Federadas, n.º 1, pág. 124.
Resolução n.º 63, de 25-7-1939, da Ass. Ger. do C.N.G., que "determina o estudo da divisão regional do Brasil e das suas Unidades Federadas e a elaboração de uma obra de divulgação sôbre a região amazônica em geral e do rio Amazonas em especial, n.º 1, pág. 132.